

# Pepetela

## A Gloriosa Família

romance

6.ª edição



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

## ***Ficha Técnica***

*A GLORIOSA FAMÍLIA*  
*Autor: Pepetela*

*Publicações Dom Quixote*  
*[Uma editora do Grupo LeYa]*  
*Rua Cidade de Córdoba, n.º 2*  
*2610-038 Alfragide • Portugal*

*Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor*  
*© 1997, Pepetela e Publicações Dom Quixote*

*Design: Atelier Henrique Cayatte*  
*Revisão: Júlio Reis*  
*ISBN: 9789722041843*  
*[www.domquixote.leya.com](http://www.domquixote.leya.com)*

## *OS MEUS AGRADECIMENTOS*

*Ao Instituto Camões e ao Instituto Português da Cooperação,  
que subsidiaram a pesquisa necessária a este livro;*

*Aos amigos  
Manuel Silva Pereira,  
Aida Feudenthal,  
Ana Paula Tavares  
e Artur da Costa,  
pela prestimosa ajuda.*

# PRÓLOGO

*«Em a cidade assistia hum homem por nome Baltazar Van Dum, flamengo de Nação, mas de animo Portuguez que havia ido dos primeiros Arrayaes para a Loanda com permissão de quem governava os Portuguezes, o qual esteve posto em risco de o matarem os flamengos, a respeito que antes desta tregoa e Communição corrente, hum Cidadão, por ver se por sua via podiamos haver algumas intelligencias de que passava entre o Flamengo, para este effeito, mandou de Masangano dous Negros com hum Carta direitos aos arimos e fazendas do Bengo, onde o dito Van Dum tinha alguma gente de sua conta, seus Escravos; estes taes levarão os Mensageiros à Cidade e entrarão com elles na Samzala do Van Dum, o que não foi tão em segredo que logo não fosse publico; e avizado o Director de como tinham entrado Negros dos Portuguezes na Cidade e Sanzala, de que fitou alterado, e deo logo ordem ao Major que governava as Armas, o mandasse logo prender, o qual era Amigo de Baltazar Van Dum; e por isto se diz, bom he ter hum Amigo mesmo que seja no Inferno, mas de taes amizades nos livre Deos; e vendo o perigo em que estava, o avizou secretamente, em como o hião a prender, e o porquê; que viesse logo dar parte ao Senhor Director do que havia, e se desencontrasse com os que o hião a prender, porque elle os mandava pela calçada, que viesse elle por Santo Antonio ou sua Igreja; tanto que teve este avizo veyo pellos ares, como a quem lhe não hia nisso menos do que a vida em sua presteza; chegado que foi ao Collegio onde o Director rezidia, lhe deo parte de haverem chegado aquelles Negros de Masangano com a carta ainda fechada; olhou o Director para elle, dizendo-lhe ah! Van Dum, Van Dum! a tua Cabeça, a tiveste mui arriscada...»*

António de Oliveira Cadornega,  
*História Geral das Guerras Angolanas (1680)*,  
tomo 1, pp. 334-335, Agência-Geral do Ultramar,  
Lisboa, ed. de 1972

# CAPÍTULO PRIMEIRO

*(Fevereiro de 1642)*

O meu dono, Baltazar Van Dum, só sentiu os calções mijados cá fora, depois de ter sido despedido pelo director Nieulant. Mijado mas aliviado, com a cabeça de raros cabelos brancos ainda em cima dos ombros. O meu dono saiu do gabinete do director tão pálido como entrou, mas com o risinho de lado que lhe fazia tremer o bigode. Por vezes o risinho era de nervosismo, hoje era de euforia. Os dois escravos que com ele entraram no antigo Colégio dos Jesuítas já não saíram. Quem perdia era o proprietário deles, português de Massangano, que os tinha enviado com a célebre carta. O meu dono não teve tempo de ler a carta, como terá defendido junto do director. Mas ele e eu e toda a gente sabíamos o conteúdo, um pedido para indicar todas as posições defensivas dos inimigos holandeses e os efectivos de cada ponto.

O tal português que mandou os escravos e o governador Pedro César de Menezes, que o autorizou, não se acautelaram contra o hábito que os patrícios do Leste têm de ir lançando o mujimbo à medida que avançam. Em cada parada têm de explicar o que vão fazer e o que viram no caminho. Assim, a notícia corre sempre à frente deles. Mal escolhidos, por serem das nossas savanas do leste, ou mal instruídos, vieram desde Massangano a contar o motivo da missão, visitando todos os amigos e passando o mujimbo. Ainda por cima foram primeiro ao Bengo, onde o meu dono tem uma quinta, pensando encontrá-lo lá. Por isso, antes de chegarem à sanzala de Baltazar Van Dum, aqui na cidade de Luanda, sanzala a que ele pomposamente chama quinta, lá no alto das barrocas, não longe da lagoa do Kinaxixi, já o Director holandês sabia da missão ultra-secreta. A sorte de Baltazar foi a amizade recente mas já sólida que

estabelecera com o major Gerrit Tack, amizade de jogos de cartas e fortes bebedeiras na taberna que restara na cidade depois da conquista holandesa.

Uma sorte existir tal taberna, que permitiu a amizade. Indo ainda mais ao fundo da sua sorte, o meu dono tinha de agradecer a coragem da Dona Maria, que na noite em que todos fugimos da cidade, Governador à frente, disse daqui não saio, os holandeses são hereges inimigos da nossa fé católica, mas bebem como poucos e por isso não vão fazer mal a quem lhes venda o melhor vinho espanhol. Era uma viúva e pouco tinha a perder, além de alguns maridos de uma noite. Só ganhou. Era agora a única bodega da cidade, contra dez que existiam antes. E os hereges bebiam dez vezes mais que os portugueses. O negócio prosperava a tal ponto que foi preciso acrescentar dois alpendres tapados com folhas de palmeira, o que até refrescava mais, e arranjar reforço de duas moças para ajudarem Dona Maria no trabalho de servir a clientela ávida. Como havia muitos mafulos (nome por que chamamos os flamengos) falando francês, essa era a língua mais ouvida na bodega. E também os próprios franceses a frequentavam, pois parte importante das tropas era constituída por mercenários dessa nação, pelos vistos sempre muito dada a tais práticas.

Como os tempos fazem mudar os negócios. Na época dos portugueses, as bodegas mais frequentadas eram as do Bairro dos Coqueiros, perto do mar. Pudera, era onde estavam os barcos e os marinheiros. A bodega de Dona Maria, quase fora do perímetro da cidade, a meio caminho das barrocas, era frequentada pelos frades do convento dos Franciscanos e por gente que vivia na zona de transição da cidade baixa para a alta, onde dormia o poder temporal e espiritual. E o meu dono por vezes lá aparecia, pois ficava a meia distância entre a sua sanzala e a cidade alta. Pouca freguesia, em todo o caso. Os holandeses assaltaram a cidade, os comerciantes do porto fugiram, as bodegas fecharam, Dona Maria passou a dar cartas. Talvez não fosse por muito tempo, pois se falava que tinha chegado no *De Bul* um judeu que ia abrir uma bodega junto da praia. Era só preciso ter vinho, pois as paredes estavam lá à espera de quem as pusesse a funcionar. Nos primeiros dias da conquista, os

soldados flamengos arrombaram as portas e esvaziaram os tonéis. Mas não estragaram as mesas, nem sequer ocuparam o andar de cima onde normalmente viviam os proprietários, pois preferiam todos morar na cidade alta, à sombra das fortalezas. Portanto, é muito fácil pôr a funcionar as bodegas do Bairro dos Coqueiros. O judeu Samuel Pinheiro é que foi esperto, adivinhou as coisas, apanhou em Pernambuco o primeiro barco zarpando para Angola e encheu-o de pipas.

Da amizade passei ao negócio de vinhos, mas volto a ela, pois da casa ao lado do Colégio saiu nesse momento o major Gerrit Tack. Vinha saber como tinha corrido a audiência. Grande e forte, vermelho como cabe a um flamengo, era o contrário do meu dono, também ele flamengo. O que tinha um de grande tinha o outro de pequeno, o que tinha um de vermelho tinha o outro de tismado e esverdeado, pelos anos passados ao sol africano e vários ataques de paludismo. Em comum tinham os olhos azuis e a barriga generosa. O meu dono dizia ter saído de baixa estatura por ser flamengo do sul, já muito próximo das terras de França. Podia ser, o que não o impedia de competir com os do norte na comezaina e no gosto pelo tinto.

– Graças ao meu amigo, safei-me deste enrascanço – disse Baltazar. – Nem sei como agradecer.

– Grande sarilho em que o meteram os seus amigos portugueses. Vê o que dá ter relações íntimas com essa gente?

– Que relações, que relações? Tinha antes, eles estavam aqui. E quando vocês chegaram, fui obrigado a recuar com eles para o Bengo, ia fazer mais como então? Bem bastou ver aquele pobre farmacêutico francês que tentou voltar a Luanda, preocupado com a farmácia que deixara... Acusado de tentar passar ao inimigo, foi logo garrotado. Ainda por cima anunciou a intenção, dizendo que os holandeses eram tolerantes e iam tratar bem toda a gente, que só queriam fazer comércio. Numa altura de guerra, são coisas que se não podem dizer do inimigo... Bem fiz eu de esperar o meu tempo. Vim com autorização do governador, estou legal pelos dois lados. E nos negócios o que conta é a legalidade.

– Ainda me há de dizer como convenceu o governador a deixá-lo vir para a cidade. Nunca me falou nisso.

– Interesses dele. Já tinha mandado o Jan Van Duynen, outro flamengo, a pedir um armistício, logo no mês seguinte à vossa chegada. Resultou, por oito dias. Depois deixou-me a mim, para mostrar boa vontade para com a nossa gente. E cá entre nós, que não o diga aos directores da Companhia, o governador sempre tratou bem os raros flamengos que aqui viviam, tenho de lhe fazer justiça.

– A propósito, o amigo teve muita sorte por ser o Nieulant a despachar o seu caso. O Moortamer está com as febres e nem sei se resiste. Se fosse o Moortamer, as coisas seriam sempre mais difíceis, é um verdadeiro ranhoso.

– Benditas febres, então.

O major se despediu até logo à hora do habitual jogo de cartas e reentrou na casa ao lado do que fora o Colégio. Esse edifício, o maior da cidade alta, era chamado o Palácio, pois antes os governadores moravam aí. Palácio não era, na minha fraca opinião, que nunca tinha visto nenhum. Edifício sem ao menos uma varanda grande no andar de cima, embora espaçoso, não merece o nome de palácio. Agora, neste tempo dos flamengos, albergava todos os oficiais superiores que não viviam na fortaleza do morro de S. Paulo, rebaptizado recentemente como morro de Amesterdão. Os mafulos ocupavam Luanda há cerca de cinco meses e já começavam a mudar o nome das coisas. Assim se sentiam mais confortáveis, vá lá entender porquê.

O meu dono começou a andar para casa e eu lá fui atrás, era para isso que existia. Não falou ao major da mijada que dera nos calções, devia ter vergonha. Mas era evidente. Eu não vi, quem sou eu para entrar na casa onde despacham os nobres directores da majestática Companhia das Índias Ocidentais? Tinha uma certa curiosidade em conhecer o director Nieulant. Diziam ser o melhor dos dois representantes da toda poderosa Companhia, fundada para colonizar os territórios à volta do Atlântico. Mas tive de ficar na rua, à espera de Baltazar Van Dum. Tudo o que possa vir a saber do ocorrido dentro do gabinete será graças à imaginação. Sobre este caso e

sobre muitos outros. Um escravo não tem direitos, não tem nenhuma liberdade. Apenas uma coisa lhe não podem amarrar: a imaginação. Sirvo-me sempre dela para completar relatos que me são sonegados, tapando os vazios.

E assim, posso facilmente adivinhar o ar amedrontado do meu dono, ao transpor a porta pesada da entrada, acompanhado dos dois escravos. Se houvesse acusação de conspiração ou traição, nem julgamento merecia, era enforcado no pátio da Fortaleza. Deve ter sido nessa altura que mijou nos calções. Ainda por cima nos melhores que tinha, de cetim debruado a ouro. Baltazar, mal foi avisado do perigo que corria, vestiu a primeira coisa que apanhou, por isso não é de estranhar que viesse sem meias, de botas altas e calções tufados e uma camisa de dormir sem casaco nem gibão. Como um pelintra, não fosse o ouro dos calções e as fivelas de ouro das botas. Mandou os dois escravos à frente dele, eu fui atrás. Como sempre. Se me pusessem dois pistolões à cinta ou um sabre, seria um esplêndido guarda-costas. Mas desarmado nem sei o que sou. Noutra altura, Baltazar viria em rede transportada aos ombros por quatro escravos, pois já não era um borra-botas qualquer. Tal era o susto que esqueceu a rede, a posição social, o mal parecer. Viemos a voar pelo alto das barrocas e entrámos na cidade alta pela calçada de Santo António. A tropa que ia prender o meu dono descia pela Calçada dos Enforcados. Assim nos desencontrámos, como mandara o major Tack. E o meu dono salvou a cabeça. Apenas mijou os calções. E só ele e eu soubemos, pois o mijo deve ter pingado directamente para dentro das botas, que esconderam o delito. Se caísse na alcatifa do Director seria bem mais grave. E o meu dono não sabe que eu sei. Como não sabe muitas outras coisas. Eu sei, é o que importa. Pena não ter visto a cara do director Nieulant, dizem é mais simpático que o Moortamer, o qual tem aspecto de estar sempre a cheirar merda, como o John e o David, ingleses que andam por aí. De facto, agora reparo, Moortamer tem mais aspecto de inglês do que flamengo, sempre incomodado pela presença dos outros. Nieulant, pelo contrário, será como os italianos. Suponho apenas, não lhe vi a cara ainda desta vez.

Vamos agora aproximar-nos do Convento dos Franciscanos, neste momento abandonado, pois os frades fugiram com o governador e mais os Jesuítas do Colégio e os padres da Sé e os moradores todos desta cidade de Luanda. Levaram muitos escravos, mas a maior parte destes aproveitou as aberturas provocadas pela confusão e deixou donos e biquetas sozinhos, fugindo para as terras da rainha Jinga, à busca de protecção e liberdade. Luanda ficou vazia naquele 25 de Agosto de 1641. Vazia não, pois Dona Maria permaneceu na sua bodega, e uns tantos forros que não quiseram seguir os brancos. Arriscaram, esses. Os mafulos sabiam lá que eram forros, para eles negro é escravo, apanha-se e vende-se. Mas não os apanharam, estão ainda aí, livres como eram antes. Claro que houve quem os quisesse apanhar, tudo serve sempre para saque. Mas desconseguiram. As ordens do conde Maurício de Nassau, ao despachar os barcos de Pernambuco, eram claras, só podiam apanhar os verdadeiros escravos dos portugueses. Nesse aspecto respeitaram as ordens. Já menos as que diziam respeito ao saque. Entraram mesmo em todas as casas e igrejas, levaram o que podiam, o que ainda era muito pois os anteriores habitantes só tiveram uma noite para retirar as suas riquezas e na hora mais urgente lhes faltaram os escravos em fuga. O tenente-coronel James Henderson, que comandou o assalto à cidade, encolhia os ombros. Os directores da Companhia é que estavam histéricos, os soldados não saqueavam os portugueses, estavam a saquear a Companhia, porque a Companhia financiava as operações militares para depois ficar com todos os bens. Desde então há ódio entre os directores e o comandante Henderson, acusado este de não ser fiel à Companhia. Por isso também o major ajudou o meu dono. Foi por amizade, mas não só. Ele, como militar de carreira e sangue, nunca podia ajudar um director a fazer mal a um patrício, embora que civil. E como os directores desconfiavam do meu dono, porque vivia com os portugueses nesta cidade já há vinte e cinco anos e era católico ainda por cima, havia que defender o meu dono só para chatear os directores. Isso mesmo acabou por reconhecer o major em conversa com Baltazar, mas mais tarde, bem mais tarde, eu é que estou a saltar de um tempo para o outro, pois é a única liberdade que tenho,

saltar no tempo com a imaginação e assim tenho ido nesta caminhada para casa, saltitando da amizade do major para os negócios e o sofrimento que se passou e passa nesta terra, embora este seja de diminuir um pouco, melhor mesmo é imaginar coisas engraçadas, se for impossível imaginá-las boas.

Ele não podia resistir. Eu sabia, mas estava a disfarçar, fingindo não pensar nisso. Mas estava bem atento aos passos do meu dono. E vi ele começar a desviar mais para a esquerda e para baixo, caindo para perto da última guarita de defesa da cidade. Na direcção da bodega de Dona Maria. Apesar que ainda é manhã e o calor está a apertar como ele sabe fazer em Fevereiro, estação de fartas chuvas e muitas insolações, não podia resistir a um copo de tinto. No fundo tinha razão para comemorar, não é todos os dias que se safa o pescoço. Andámos ainda um bocado e o passo foi gradualmente acelerando, impedindo-me de contemplar com calma aquele espectáculo da terra vermelha e do mar azul que dali se desfrutava, tudo tão diferente do sítio onde nasci.

A bodega estava cheia, mas para Baltazar Van Dum, neste momento o cliente mais antigo da casa, havia sempre lugar. Me sentei junto da parede, vendo o meu dono beber. E foi um e foi outro, daquela maneira rápida e nervosa que tanto fazia admirar antes os portugueses. Agora vejo que é à maneira dos mafulos, eles todos são assim possuídos de urgência quando bebem, como se o Mundo acabasse agora e não tivessem tempo de esvaziar as pipas. Os portugueses parecem que estão a provar o vinho, bebem aos poucos, mas não é por delicadeza, é apenas timidez ou até medo de enfrentar o mau espírito, o cazumbi, do vinho.

Um francês meteu conversa com o meu dono. Baltazar sabia um tanto dessa língua da fronteira da terra dele, como também era capaz de conversar em alemão com outros soldados. Tinha feito estudos em Bruges, onde nascera numa família católica, e em outra terra que esqueci o nome, demasiado complicado. Mas na altura de entrar na universidade, resolveu conhecer mundo. O pai era um comerciante, pequeno, segundo Baltazar. Ficou todo triste, tinha esperanças de ver o filho mais velho seguir a carreira de médico. Em vez de curar feridas, tentou fazê-las. Alistou-se no exército

espanhol que estava em guerra permanente contra a Holanda, escolhendo esse partido por ser o dos católicos. Mas também procurou no exército a fuga de uma gravidez que deixou na barriga da vizinha, demasiado estúpida para o prender, opinião dele, evidentemente. Se queria guerra, teve azar, pois houve logo um acordo de tréguas entre a Espanha e a Holanda por doze anos. Mas não saiu do exército, foi transferido para Nápoles e depois para a Catalunha, onde havia sempre a ameaça de revoltas. Quando estava já farto de quartéis e fortalezas, sem ter provado o gosto da guerra, pediu a desmobilização. Andou pela Espanha a gozar a liberdade readquirida e o soldo desses anos de serviço, passou a Portugal, cujo trono estava unificado ao do país vizinho pelos reis Filipes e aí ouviu falar da árvore das patacas, a qual afinal estava também em África e não só na Índia. Essa árvore maravilhosa, que bastava sacudir para caírem as moedas de ouro, na Índia era coberta de especiarias, enquanto em África era coberta de escravos. Os olhos de Baltazar brilharam com a miragem da árvore das patacas, cheia de negros a quem bastava deitar a mão. Os portugueses iam de preferência para a Índia ou então Brasil. Poucos queriam ir para África, de clima assustador. Baltazar ia derretendo o dinheiro do soldo em vinho nas tabernas da beira-rio ou de Alfama. E um dia ouviu a pergunta, sabe quanto vale no Brasil um negro jovem? Quando, na taberna perto da Ribeira das Naus, lhe deram o preço, quase caiu do banco. E aí, na Ribeira das Naus, olhando o rio Tejo, coalhado de barcos de todos os tamanhos e proveniências, traçou o seu destino. Aos vinte e seis anos de idade, várias mulheres e quatro filhos não reconhecidos, conseguiu embarcar como tripulante num navio espanhol para Luanda.

Talvez ele esteja a recordar esse tempo das grandes esperanças, abaladas depois pela realidade. Por isso presta pouca atenção ao francês, soldado como todos os outros fregueses da bodega. É certo que o francês já está bêbado (ou ainda está, vá lá saber-se), mas o meu dono costuma ser mais conversador, mesmo com gente muito alterada, pois se alguém vai a uma taberna já deve contar com essas companhias. O vinho está a provocar nostalgia, vontade de se fechar nas recordações, sobretudo naquele espanto que foi entrar na

baía de Luanda no dia 29 de Outubro de 1616 e chocar contra o vermelho da terra, o azul divino do mar e a brancura da areia na Ilha coberta de coqueiros. Baía de Todos os Sonhos, gritou ele, sabendo que mesmo à frente, do outro lado do Atlântico, havia a Baía de Todos os Santos. Sempre o ouvi chamar Baía de Todos os Sonhos à nossa baía, mesmo quando os sonhos já tinham se desintegrado há muito. Não sei se estava a pensar na árvore das patacas quando gritou o nome. Se era referência ao espaço, ao rasgar de fronteiras, que do barco se divisava, imensidão de terra por todos os lados, a barreira facilmente transponível das barrocas que se erguiam sobre o mar na concha da baía, uma centena de casas e muitas cubatas, tudo esparsas, encimado pelo morro de S. Paulo, e à direita a brancura da Ilha, pejada de coqueiros, fechando a concha. Também eu, quando pela primeira vez atravessasse o estreito canal que separa o morro de S. Paulo da Ilha e caminhei no meio de coqueiros e cazuarinas até quase à ponta, tive vontade de gritar ao ver o espectáculo da baía. Quanto mais visto dum barco! Mas a minha condição de escravo não me dá o direito de manifestar sentimentos, juízos. Apenas tenho a liberdade da imaginação e por isso entendo a razão da súbita nostalgia do meu dono, quando devia rir e dar pinotes por não lhe terem cortado a esbranquiçada cabeça. Nostalgia dos grandes sonhos, da descoberta do espaço virgem, para quem vinha da acanhada Europa? Penso na nostalgia de si próprio, quando ainda era capaz de grandes sonhos. Assim se envelhece, dizem os kotas, esses que sabem tudo da vida e dos homens.

Não foi o impertinente francês que fez Baltazar sair da bodega subitamente, como para mijar outra vez. Foi a nostalgia. Caminhou decididamente para a sanzala, comigo atrás, atalhando a direito pela Ingombota, só se desviando da recta que mentalmente traçara para evitar um imbondeiro ou um tufo mais denso de cactos, dos que dão tabaibos ou dos altos, parecidos com candelabros. Havia caminhos traçados na areia musseque, mas ele tinha urgência e cortava a direito. De repente, como uma faísca que atravessa um céu de negrume, percebi a resposta a uma pergunta tantas vezes formulada, porquê o meu dono escolhera sítio tão ermo, tão fora de

portas, para erguer sua sanzala. Por que não fora para a cidade baixa, perto do porto, como todos faziam quando chegavam? Não tinha dinheiro para alugar uma casa? Até tinha, bastava escolher uma das muitas da Companhia de Jesus, proprietária de metade do Bairro dos Coqueiros. Mas ele se meteu pelo mato, subiu as barrocas e a norte do Kinaxixi, entre a lagoa e o sítio que se chamaria Alto das Cruzes pelo cemitério que lá se instalou, numa espécie de terraço sobre a baía, ergueu a sua primeira cubata, paredes de barro e tecto de capim, como as dos negros. E depois outra e outra. Só muito mais tarde, quando os negócios prosperaram e até já tinha o arimo na margem do rio Bengo, a vinte quilómetros da sua residência, começou a construção da casa definitiva. Dali se via a Ilha toda, desde a ponta fechando a entrada para o porto até à barra da Corimba no sul. Dali se via a cidade e o morro de S. Paulo e o morro da Samba. E para trás, no sentido do oriente, se via a entrada da terra, o reino que Ngola Kiluanje unificou, a pátria dos Ngola, a minha.

Este sítio do qual nos aproximamos agora, passada a lagoa do Kinaxixi com suas mafumeiras e mulembas povoadas de espíritos, era a resposta à ansiedade que o levara a vir tão longe. Aqui ele tinha espaço, estava à larga, não pisava o vizinho se virasse para o lado, nem sentia o cotovelo de alguém resmungando, porque estás a invadir o meu território, estrangeiro. Sentado numa pedra à frente da sua casa, Baltazar Van Dum usava a luneta que lhe sobrara dos anos fardados para espiar as ruas lamacentas e cheias de esterco da cidade, os cavalheiros a cavalo ou as damas passeando dentro das machilas carregadas por escravos. Ou podia tentar descobrir os nomes dos patachos e naus e caravelas que balouçavam na baía. E sentia poder ter sido general, se as guerras não tivessem parado no momento exacto em que nelas entrara. Um general e a sua luneta. Desejo dos que nunca sofreram uma guerra.

Desse ponto à frente da sua sanzala viu ele os barcos dos mafulos fazerem explorações à entrada da baía, dias depois entrarem decididamente pela barra, dispararem umas salvas para intimidar e depois ficarem na expectativa. No dia 24 de Agosto, os vinte navios dos mafulos se colocaram em formação de combate, ocupando todo

o mar desde a ponta da Ilha até Cassondama, fechando a entrada da baía. Nas costas de Baltazar passaram soldados portugueses em má formação, vamos reforçar o forte de Cassondama. À sua direita, invisível por causa de uma reentrância do terreno, ficava esse forte. À sua esquerda o do Penedo, este bem visível, rochedo dentro da baía, a cinquenta metros da praia. Viu também os escaleres e baleeiras deixarem os navios, comandados pelo tenente-coronel Henderson, soube mais tarde. Percebeu que iam desembarcar entre os dois fortes e portanto sem perigo de sofrerem bombardeamentos. Compreendeu que os mafulos iam subir as barrocas, quase na sua direcção, e a partir daí avançariam pela crista contínua até à cidade alta. Bastava o treino que tinha feito na tropa para entender as razões dos invasores. O primeiro objectivo podia ser a sua sanzala, quando os soldados ainda vinham muito nervosos. E os nervos criam perigo para terceiros, é sabido. Baltazar deu ordem de recuo e foi um ver se te avias, a família e os escravos a apanharem o que podiam, móveis, roupas, comidas e animais. Estavam nessa confusão quando começaram os tiros, provocados pelos soldados que tinham ido reforçar o Cassondama e que voltaram para trás ao se aperceberem que os flamengos desembarcavam mais perto da cidade. Chegaram tarde para impedir o desembarque, sofreram alguns mortos e fugiram rapidamente. Foram as únicas vítimas da ocupação. Mas a sua intervenção atrasou os invasores e nos deu tempo para retirar com muitas bikuatas. O meu dono e nós todos fomos para a cidade alta, fugindo aos hereges protestantes e calvinistas. Um bom ponto de observação, sim, este da sanzala. Sobretudo se há uma luneta.

O meu dono abriu a cancela da entrada. A sanzala, conjunto de duas casas e vinte cubatas, estava rodeada por uma vedação feita de espinheiras e eriçados troncos de buganvília. Não era impossível os escravos fugirem, até já tinha acontecido, sobretudo os que chegavam destinados ao embarque para o Brasil. Mas não era assim tão fácil, pois além do cercado de buganvília e espinheiras, havia os cães e os guardas. À volta do cercado Baltazar tentou fazer agricultura, mas a falta de água só permitia alguma mandioca e jimboa. Mesmo estas plantas tinham de ser regadas durante algum

tempo com a água trazida da lagoa, o que era um trabalhão. A água para beber ou cozinhar vinha do porto, pois a da lagoa só podia servir para regar, costume que o meu dono já encontrou ao chegar a Luanda. Os espíritos que povoavam a escassa água da lagoa matavam quem dela bebesse. Para as necessidades da cidade baixa, um patacho ia todos os dias ao Bengo encher barricas de água. Depois as barricas eram vendidas no porto ou nas bodegas. Os escravos carregavam até às casas. Os de Baltazar eram os que mais se queixavam, pois transportar uma barrica até ao alto das barrocas era trabalho só mesmo para escravo. Os escravos dos senhores da cidade alta é que estavam bem. Tinha sido escavado um poço na Lagoa dos Elefantes, a sul, e era daí que saía a água para os poderosos. O poço se chamou Maianga do Povo, mesmo a propósito. Dessa maianga até ao palácio não era longe nem precisavam de subir muito, uma rica vida. Não bastava os donos serem privilegiados, também os escravos...

Mal viram Baltazar Van Dum, as crianças vieram logo a correr. E os gritos dos filhos pequenos chamaram os filhos grandes e a mulher oficial, D. Inocência, filha dum pequeno soba da Kilunda. Esta senhora, dona mesmo, apesar de ser bem mais escura do que eu, seu escravo, era a única que não corria. Se armou uma algazarra de querer saber o que passara, pois todos tinham ficado em cuidados, não se brinca com um aviso daqueles portador de todas as desgraças. Está tudo bem, está tudo bem, ia dizendo Baltazar ao bando de homens, mulheres, jovens e crianças, que o rodeava, todos seus filhos. A maior parte paridos por D. Inocência, outros feitos no quintal, cujas mães escravas já tinham atravessado o mar, exigência da esposa oficial pela lei da igreja. Os filhos todos eram mulatos, como eu, mas havia tonalidades diferentes e uns tinham olho azul, outros verde e ainda outros castanho. Do casamento tinha ele oito filhos, do quintal o número era incerto. Está tudo resolvido, está tudo resolvido, dizia o meu dono, tentando entrar em casa.

– E os dois escravos? – perguntou Nicolau.

Baltazar encarou com nítido carinho o mais velho dos seus filhos. Tinha agora vinte e quatro anos num corpo enorme. Originário do quintal, do ventre de escrava vinda de lá dos Dembos, cedo se

arvorou no protector dos irmãos e principal ajudante do pai. Mas geralmente andava pelos matos, a negociar escravos, como pumbeiro.

– Ficaram com o director. Nem quero saber o que lhes fará. O mais certo é vendê-los e ficar com o dinheiro. Ou será tão honesto que os considere escravos da Companhia e não seus? Os militares acusam os directores de se apropriarem de bens da Companhia, os directores acusam os militares, enfim...

Nicolau coçou a cabeça suada, não respondeu. Benvindo, outro dos filhos, mas este da casa grande, aproveitou para gritar, numa voz esganiçada que me feria os ouvidos, enquanto esboçava uns passos de dança:

– Roubam todos, roubam todos. Só eu ando pobre...

O pai atalhou logo, severo:

– Quem é que te disse? Boca calada. Vocês não sabem nada, não ouviram nada. Andem aí nas ruas a dizer essas coisas e vamos ter mais problemas. Não somos bem vistos, porque estávamos com os portugueses. Por isso temos de fazer como o macaco, não vi nada, não ouvi nada, não falei nada. Vocês a partir deste momento até nem sabem falar uma palavra de flamengo, entenderam?

Sabiam umas coisas, em especial os filhos mais velhos, até eu tinha aprendido de tanto o ouvir. Baltazar era muito versátil em línguas e os filhos aproveitaram um bocado. Na sanzala se falava kimbundu, português e flamengo. Kimbundu sobretudo por causa de D. Inocência, que não se sentia à vontade em mais nenhuma língua que não a nossa materna. Já os filhos de Baltazar preferiam o português. Excepção feita a Nicolau e Catarina, os dois mais velhos do quintal, que usavam muito kimbundu, talvez por terem mais trato com os negros. Catarina era um ano mais nova que Nicolau e ajudava na lide doméstica, como uma criada, pois D. Inocência aproveitava todos os momentos para lhe mostrar que era inferior de direitos aos seus filhos, nascidos dentro de casa e segundo todos os preceitos da Santa Madre Igreja. Mas Catarina aceitava tudo, se fechava num sorriso dócil, sonhando um dia um rapaz rico ia reparar na sua beleza e levá-la a montar casa na Baixa. No entanto já tinha vinte e três anos, a idade esta va a passar e o pai não fazia nada

para lhe arranjar partido. Como se esquecido. Haviam de lhe sentir a falta, pois era ela que organizava toda a vida da casa, com aquele sorriso sempre pronto, sempre doce. Os irmãos é que recusavam a posição da mãe e impuseram que ela dormisse dentro da casa grande, no quarto das irmãs. Catarina só sorriu, agradecida, tinha doze anos na altura.

Os filhos de D. Inocência eram oito vivos e três mortos. A mais velha, Gertrudes, tinha apenas dois meses menos que Nicolau, que era de outra ninhada. Gertrudes casou há quatro anos com Manuel Pereira, hoje feitor de uma plantação perto de Massangano, onde vivem. Era o que se chamava um cristão-novo e, como tal, tratado com alguma desconfiança. Não por Baltazar, que o achava sério e trabalhador, o que se deseja para uma filha sem grandes prendas. Manuel Pereira não negava a ascendência judia, mas se espantava, isso já foi há tanto tempo, não sei porquê as pessoas ainda se importam. Casaram na igreja e aí têm baptizado os filhos. Gertrudes espantou a cidade inteira quando no momento de dar o nome ao primogénito exigiu trocar a ordem dos apelidos, isto é, em vez de António Van Dum Pereira, como era uso, se pusesse o seu no fim. E ficou mesmo António Pereira Van Dum, pois o marido no fundo dava muito pouca importância ao seu apelido de circunstância. Gertrudes fez esta exigência, como mais tarde confessou à família, porque Matilde, sua irmã mais nova, muito bonita mas também muito bruxa, inclinada a visões e profecias, lhe confidenciou numa noite de trovoada, propícia para essas coisas, que o pai estava a dar origem a uma linhagem notável, nas suas palavras uma gloriosa família, e ela queria que os seus netos e bisnetos carregassem o nome ilustre de Van Dum. Se ficasse o Pereira no fim, em duas gerações o glorioso nome desapareceria, em detrimento do arranjado para esconder o apelido judeu. E ela, Gertrudes, do alto da sua vitória, pois submetera o marido à sua vontade, aconselhava os irmãos a fazerem o mesmo, a preservarem heroicamente o apelido que já percorrera mundo e de que se haviam de orgulhar, mas Matilde encolheu os ombros, seus interesses eram outros. Ou suas profecias.

Entre Gertrudes e Matilde, ficavam Rodrigo e Benvindo, todos com diferença de um ano. Depois de Matilde veio Ambrósio,

Hermenegildo... nomes, nomes, por vezes até os confundo, todos tão da mesma idade e uns do quintal, outros da casa grande, uma trapalhada. Basta dizer que só seis anos de diferença iam entre Hermenegildo e Gertrudes. Uma verdadeira ninhada. Faltavam ainda os mais pequenos e os mortos, mas estou farto de nomes e tive de me encostar à parede da casa, à sombra da varanda, para imaginar o meu dono a almoçar alguma boa caldeirada feita pela Catarina, uma rainha no tempero, em tudo, afinal, meu encanto secreto, mas xé, que é isto?, escravo não tem sentimento, aiué, e tenho de estar atento ao meu dono, só dormir quando ele dorme, no resto seguir seus gestos, suas palavras, suas emoções, seus vazios também, para isso me foram buscar à terra de Jinga Mbandi.

A propósito, foi muito ousada a maneira como Baltazar Van Dum aproveitou a sua ascendência flamenga para enganar a rainha, que de facto detesta que a tratem assim, pois ela diz é rei, porque só o rei manda, e ela não tem nenhum marido que mande nela, ela é que manda nos muitos homens que tem no seu harém e que chama de minhas esposas. É Rei Jinga Mbandi e acabou. Rainha ou rei, no entanto, foi enganada e bem enganada pelo meu dono.

Baltazar estava no começo das suas actividades comerciais, tendo antes dedicado o esforço na área da agricultura, fazendo a plantação de mandioca e legumes no Bengo. Em duas ou três excursões tinha conseguido algumas peças, que é o que nós somos de facto, que vendeu em Luanda por bom preço. Mas era negócio pequeno, pois se tratava de quantidades irrisórias. Arquitectou um plano ambicioso e arriscado. Jinga fazia a guerra aos portugueses, como ainda faz. Os portugueses dizem ela é canibal, uma víbora em que se não pode confiar, mas eu tenho outra versão. Aliás, ainda não vi inimigo desconsiderado demónio. Passemos. Os pumbeiros que conseguiam penetrar no território de Jinga e negociar escravos, conseguiam-nos mais baratos, pois as chefias do interior recuado exigiam menos missangas, sal ou panos, em troca. Mas os portugueses se arriscavam a ser atacados, por serem inimigos. Baltazar deu uma volta, aparecendo pelo norte no território da soberana, dizendo que era mafulo e vindo directamente do Pinda, no reino do Kongo. Já nessa altura tinha chegado a notícia que os mafulos eram inimigos

dos portugueses e espanhóis. Jinga se deixou enganar. Fizeram negócio e em termos ainda mais favoráveis, pois a rainha queria mostrar como eram bem-vindos todos os que se opunham aos portugueses. E para mostrar isso me deu de presente a Baltazar Van Dum, eu, uma das suas propriedades mais preciosas, filho de uma escrava lunda, é certo, mas também de missionário napolitano, louco pelo mato e pelas negras, que ela mandou matar, dizem sem prova nenhuma, talvez por me ter gerado, pois provocou grande escândalo na corte um padre que dizia uma coisa e fazia outra. Meu pobre pai não foi o primeiro, e provavelmente não será o último, a acreditar nas conversas de taberna onde a vida alheia é escarpada. Só do bispo, o santo Francisco de Soveral, nunca ouvi estória de pouca vergonha. Até mesmo o que foi reitor do Colégio dos Jesuítas, no tempo dos portugueses aqui em Luanda, anda na boca do mundo por causa de uma mulatinha neta de João Fernandes Bezerra, um dos primeiros moradores e capitão. Má língua e invenções sempre acontecem, mas com tanta frequência... Alguma coisa haverá por baixo. Penso isso a tremer, pois temo ofender a sagrada religião de Cristo, a qual recebi directamente no sangue, do que só alguns eleitos se poderão gabar, e cá vão dois Padres Nossos para me penitenciar.

Mas entretanto Baltazar tinha acabado de comer em silêncio, com todos sentados com ele à mesa. Limpou a boca com as costas da mão crestada de sol, acabou o copo de vinho. Falou para Nicolau:

– Está tudo pronto para a partida?

– Tudo, pai.

D. Inocência estremecia sempre que algum dos do quintal chamava pai ao marido, mas aprendera a calar. Ainda tentou impedir Catarina de se acostumar, numa conversa secreta das duas atrás da casa. Mas quando Catarina lhe perguntou então lhe chamo como, de patrão ou de senhor Baltazar, ela sentiu tinha perdido a batalha, disse deixa para lá, não liguês.

– Partes amanhã?

– Antes do nascer do Sol. Levo o Ngonga e o Kundi, se o pai acha bem.

– Sim, sim, são os melhores. E não têm medo de disparar, se for necessário. Mas cuidado, Nicolau, muito cuidado. Os holandeses aceitaram que tu fosses, pois vieram cá para apanhar escravos e até agora pouco conseguiram. Mas andam desconfiados e a pensar se não seria melhor tornar Luanda inteira numa fortaleza, só com soldados. E os portugueses lá no mato, embora nos conheçam, talvez não apreciem muito saber que vamos vender depois as peças aos mafulos. Por isso, fuge de uns e de outros. E não te aproximes da Jinga, essa está com a força toda.

– Não se preocupe, pai, conheço os caminhos todos.

– A Jinga agora não é nossa inimiga, pai – disse Benvindo, o de fala de mulher, estridente. – É aliada dos holandeses, recebeu-os com grandes festas.

– É verdade – respondeu o meu dono. – Mas com a Jinga nunca se sabe. Pode se lembrar que antes comerciávamos com os portugueses, ou que somos amigos deles, ou outra coisa qualquer. É bom não facilitar, ela tem o seu próprio plano. O que quero que compreendam é que a nossa posição é muito delicada. Estamos ainda entre os portugueses e os mafulos, mesmo se neste momento estamos a viver com os holandeses. Ontem estávamos com os portugueses no Bengo, amanhã sei lá com quem esta remos. Portanto, prudência, prudência. E que o Altíssimo nos proteja, porque o rei D. João IV de Portugal nada manda agora, e o Príncipe de Orange está muito longe para nos defender. Também não sei por que o faria...

Hermenegildo, o mais magro de todos os irmãos, destoando nitidamente numa família com tendência para os redondos, resolveu meter a sua colherada.

– Ó pai, e o tal acordo de paz entre Portugal e Holanda existe ou não?

Baltazar Van Dum sorriu, agradado. Gostava de discutir política com os filhos, era uma forma de os educar, mostrando que o mundo não era só aquela terra vermelha. E ele sempre teve o vício da política, pelo menos de a comentar. É bicho que nunca mais se larga, o mal é começar, costumava dizer. Eu encostei melhor na parede da varanda, para que a resposta do meu dono, que eu

conhecia por antecipação, me chegasse nítida através da janela. Gostava de notar as diferenças nas palavras, à medida que o tempo passava sobre o mesmo relato.

– Falei com o major Gerrit sobre o assunto. E ele finalmente esclareceu completamente. Antes andava com fintas, nem sei bem porquê, ou talvez fossem ainda as desconfianças... Bom, o que há é o seguinte. Houve um acordo assinado na Holanda dois meses antes do ataque dos mafulos a Luanda. Só que o conde Maurício de Nassau, no Brasil holandês, não é trouxe nenhum. Ele bem sabe que Pernambuco não se aguenta sem os escravos, pois quem trabalha nas plantações e nos engenhos de açúcar? Os índios? Nada, esses morrem a suspirar no cativo e não trabalham. Têm de ser os negros. E por isso o Nassau tinha de chegar à fonte das peças. E não há melhor fonte que esta, já é conhecido. Estava a preparar uma armada, comandada pelo Pé de Pau, quando soube que havia tratado de paz entre Portugal e Holanda. Mas que esse tratado só era válido depois de ratificado pelo rei de Portugal e pelo príncipe de Orange. Tinha ainda uns meses, porque as coisas burocráticas demoram sempre, e tomou a decisão sem consultar ninguém, zarpem com essa armada e tomem Luanda e Benguela e mais S. Tomé, rápido, rápido. O que fizeram com êxito.

– Portanto os portugueses não podem reclamar. Dizem que foi traição.

– Tens razão, não podem reclamar. Até porque na altura do ataque aqui em Luanda nem se sabia que já havia acordo. Eram inimigos, pronto. O chato da coisa é que os portugueses nunca quiseram ser inimigos dos holandeses, antes pelo contrário. Mas quem mandava em Portugal eram os Filipes de Espanha e esses eram mesmo inimigos das Províncias Unidas, portanto Portugal era inimigo por tabela. Logo que o rei D. João separou o trono de Portugal do espanhol, como sabem, quis estabelecer as melhores relações com a Holanda e contra a Espanha. Mas essas coisas levam tempo e os portugueses perderam uns meses com discussões, olha, lixaram-se. De qualquer modo, os mafulos querem ganhar posições para quando for anunciado o acordo ratificado estarem em situação ainda mais vantajosa.

– Como vamos ficar, quando esse acordo for válido? – perguntou Matilde, de olhos brilhantes.

Das mulheres da casa, só mesmo Matilde era capaz de entrar em conversas de homem. Bela, rechonchudinha e muito atrevida, ficava de olhos azuis brilhantes quando certos temas eram atirados para a mesa.

– Em princípio nada muda para nós – disse Baltazar. – Fazem os dois as pazes, acaba a guerra, a qual é má para os negócios. Depois não sei. Os holandeses aceitam ir embora, deixando Angola para os portugueses? Dividem, ficando o litoral com os mafulos e o interior com os portugueses? Os holandeses pagam uma indemnização e os portugueses vão todos embora para o Brasil? São algumas hipóteses, depende...

– Depende de quê? – perguntou Rodrigo do olho verde, sempre muito parco em palavras.

– Da força de cada um. E dos interesses de cada um. É sempre disso que trata a política. Força e interesses. Mas se tivermos muito cuidado e esperteza, em qualquer das hipóteses ficamos bem, isto é, como agora.

– Mas não estamos bem, pai – disse Matilde. – A família está dividida.

A mãe prestou mais atenção à conversa, embora estivesse a decorrer em português e por vezes ela se fatigasse de ouvir essa língua. Catarina também espetou o ouvido, apesar de continuar a arrumar a louça suja que uma escrava, a coxa Dolores, iria lavar numa selha do quintal.

– Referes-te à Gertrudes... Ela está lá para Massangano, mas não vive mal. Claro, se o tal acordo de tréguas demorar, os mafulos podem decidir atacar Massangano. Aí ela fica em situação mais complicada.

– Acha que os mafulos podem atacar Massangano? – perguntou Benvindo.

– Só posso estar para aqui a adivinhar, pois o meu amigo major nunca fala dos planos que têm. Mas se o acordo não chegar, pode acontecer qualquer coisa que leve os holandeses a atacar. O governador queria ficar o mais perto possível de Luanda, resolveu

fortificar o acampamento no Bengo e vocês viram, que estavam lá. Os mafulos avançaram, dispararam sobre uns tantos e fizeram-nos recuar. Neste momento os holandeses são os mais fortes e sabem disso. Basta interpretarem uma acção portuguesa como uma provocação, que atacam para lhes dar uma lição. Mas não lhes convém fazer muitos estragos. Pelo menos por uns tempos, os portugueses seriam os intermediários ideais para os holandeses conseguirem exportar muitos escravos para o seu Brasil, eles ainda não dominam os caminhos do sertão.

– Nós podemos ser muito úteis aos mafulos – disse Nicolau, que ouvia com atenção mas era de poucas falas.

– Por isso aceitaram logo que voltássemos para Luanda. O pretexto foi eu ser flamengo. Mas se eu fosse português e quisesse voltar, eles consentiriam. Aliás, alguns fizeram, dizendo que queriam embarcar para o Brasil. Olha, o Freitas já se esqueceu do embarque para o Brasil e já foram dois barcos pelo menos. Vai ficando por cá e os mafulos deixam. Convém, sim. E penso essa devia ser a política correcta, chegarem a um entendimento.

Ambrósio, o mais letrado dos irmãos e que mantinha o projecto de vir a ser padre, até aí não tinha aberto a boca, talvez por ter apenas dezanove anos. Tossiu brevemente para aclarar a voz, mas não era só para isso e sim para chamar a atenção. Mal ouvi a tossezinha adivinhei, Ambrósio resolveu arriscar um palpite. E seria interessante.

– Não sei se querem isso, pai. Ouvei no outro dia uma discussão na bodega – perante o olhar reprovador do pai, explicou logo: – Ia a passar e à porta estavam a discutir. Fingi que parava para esperar por uma pessoa e fui ouvindo a conversa. Eram oficiais e falavam precisamente disso. E quase todos diziam que nunca poderiam aceitar aqui o que passava em Pernambuco. Deixaram os portugueses ficar na cidade, outros ficaram pelos engenhos ali à volta. E eram esses mesmos que não faziam outra coisa senão conspirar contra o domínio holandês no Brasil, sempre em ligação com a Bahia e o governador português. Mas ou por terem tanta importância na economia ou o conde Maurício de Nassau ser um fraco, deixava-os ficar e conspirar.

– Isso é interessante – disse Baltazar. – Falavam mal do Nassau?

– Nem todos. Mas a maior parte.

– O major Gerrit Tack considera o conde Maurício como o maior estadista das Províncias Unidas. Que quase conseguiu dominar todo o Brasil de Pernambuco para o norte, criando a Nova Holanda. Não deixa perseguir os católicos nem os judeus, até os encoraja a ir para lá, sobretudo os judeus que tinham fugido de Portugal por causa das perseguições e que têm muito dinheiro. Que está a fazer uma cidade linda em Recife. Enfim, para o major, o Maurício devia ser príncipe de Orange, o que governa os Estados Gerais. Isso cria invejas contra o conde Maurício, claro. O Conselho dos Dezanove, que dirige a Companhia das Índias Ocidentais, desconfia dele e passa-lhe rasteiras sempre que pode.

– Mas porquê então? – perguntou Matilde.

– Ele está a reforçar muito o Brasil holandês e têm medo que declare a independência. Sabem, não há muita tradição de Estados unificados na Holanda, sempre foi um bocado cada um por si. Ou talvez desconfiem que está a acumular grande fortuna, para lutar pelo poder na própria Holanda. Pelos vistos, já teria um major para apoio. Deve ser demasiado inteligente para o gosto do Conselho dos Dezanove, burocratas não gostam de gente muito inteligente ou culta. Mas chega de falatório.

Baltazar Van Dum se levantou da mesa, vão lá às vossas ocupações, o que só seria verdade para Nicolau, pois Catarina ainda não parara de se ocupar e os outros não tinham nada para fazer. O meu dono saiu para a varanda das traseiras, onde eu estava, se deitou na rede. Em breve ouvia o seu rressonar. Fiquei sentado no chão, tomando conta do sono dele, e vendo a modorra do meio da tarde invadir pessoas e bichos. A casa grande era de um só piso e tinha uma varanda traseira de uns cinco metros de largura que corria ao longo de toda a construção, pelo menos uns trinta metros. Era a parte mais fresca da habitação e de onde se podia contemplar toda a sanzala, pois as cubatas, as cozinhas e as arrumações ficavam desse lado. Ao lado havia a segunda casa, que de facto tinha sido a primeira a ser construída, onde morava Nicolau e agora também Rodrigo e Benvindo, os mais velhos dos rapazes. Uma parte

servia de armazém. Ao todo havia umas vinte cubatas, espalhadas anarquicamente pelo quintal entre as mangueiras, abacateiros e mamoeiros. As maiores pertenciam ao Ngonga e ao Kundi, dois forros que faziam de pumbeiros, ou sozinhos ou acompanhando Nicolau. Ao fundo de tudo, se erguia uma casinha de pau a pique que era ocupada pelo Dimuka, pessoa de muitas valias, indo desde capataz e responsável pela lavra, a chefe da segurança do cercado e carrasco. Pessoa de toda a confiança de Baltazar, era o único que vivia ali com a família. As famílias de Ngonga e Kundi habitavam cubatas perto da sanzala, mas fora dela.

Dimuka tinha ficado a tomar conta da sanzala, quando todos fugimos por causa do ataque dos mafulos. Durante os três meses que andámos a dormir pelos matos, quer na Kilunda quer ao lado do rio Bengo, Dimuka manteve a sanzala intocada e obrou maravilhas para conseguir regar a lavra, sem os escravos que deviam cartar a água, pois estes foram carregar as imbambas e as riquezas de Baltazar. O meu dono, no regresso, encontrou tudo como deixara, além de muita mandioca, jimboa e criação, o que permitia continuarmos a comer bem. Uma única vez, contou Dimuka, teve medo que as coisas corressem mal. Foi quando um grupo de soldados flamengos quis entrar na sanzala. Ele se apresentou como o dono. Os mafulos admiraram, um negro com aquilo tudo. Mas como a sanzala estava isolada fora da cidade, acreditaram. E foram embora quando ele lhes deu uma galinha de presente. Foi a única galinha que se perdeu nestes tempos todos, disse com orgulho ao patrão. Devotado a Baltazar, é temido e odiado pelos escravos e meio desprezado pelos forros. Tem prazer em dar as chicotadas nos castigados. E anda sempre de olhos nos escravos e a fazê-los correr. Menos a mim, eu só dependo do meu dono. Sinto um arrepio quando tenho de passar perto de Dimuka, mas em mim não manda. Nem dá chicotadas.

Nicolau, acompanhado de Ngonga e Kundi, anda de um lado para o outro a carregar coisas, a amarrar bikuatas, a dar ordens com voz baixa mas firme, a pôr toda a gente a mexer. Preparam a expedição para o dia seguinte. Trabalho complicado, pois a viagem pode durar meses e têm de levar todas as bagagens necessárias, mas sem

exagerarem no peso, por causa dos escravos que servirão de carregadores. Os outros escravos andam por ali, entre as cubatas, sem grande coisa para fazer, pois nestas casas, notei eu, há sempre escravos a mais para os trabalhos existentes. Mas ainda havia mais antes de os mafulos chegarem. Uns tantos fugiram na retirada e o meu dono ainda não teve oportunidade de refazer o número. Baltazar, pelo menos, acha que faltam alguns. Para quê, não sei, mas também não pergunto. As mulheres estão a pilar a mandioca para o funji, pois só comem ao fim da tarde. As crianças brincam nas sombras e entre elas algumas são mais claras, certamente filhos de Baltazar, mas que não são reconhecidos. Ao menos não os vende para as plantações quando crescerem, penso eu. E terão trabalhos leves em casa. Ou até pode ser que os reconheça mais tarde, como aconteceu com Nicolau, o qual só quando era rapazinho passou a ser considerado filho bastardo. E mais tarde braço direito no tráfico. Porque o braço direito para a quinta do Bengo é cada vez mais o Rodrigo de olho verde, passa mesmo lá umas temporadas.

Está a dar-me sonolência. Mas vai ser agora mesmo que o meu dono se vai levantar e lá tenho de o acompanhar a dar uma volta qualquer. Escolhe sempre os piores momentos para acordar. Vida de escravo...

E voltámos ao caminho, já estava à espera. Então o meu dono não se tinha despedido do major até logo na bodega? Podia lá perder um jogo de cartas, umas boas conversas pelo meio e o resto de vinho espanhol que Dona Maria reserva para os clientes de estimação! Ainda estava muito calor, calor de Fevereiro, mas ele marchava rápido pela crista das barrocas e depois a descer pelo carreiro entre imbondeiros, com aquela secura na garganta que todos conhecemos mas que só alguns privilegiados podem curar. O suor caía pela cabeça, apesar de coberta pelo preto chapéu de abas largas encimado por uma pena branca. O suor escorria pelo pescoço e ia empapar a camisa branca e fina, aos folhos. Desta vez usava uma camisa limpa, mas já tinha o cheiro azedo dos homens brancos, era inevitável. Eu, atrás, lá ia suportando o pivete. Devo dizer que também já estava habituado, eram muitos anos a andar no rasto daquele perfume de sovacos deslavados.

O meu dono seguia o hábito dos outros brancos, fossem mafulos fossem portugueses, que nos chamavam bárbaros por tomarmos banho sempre que podíamos e disso fazermos uma festa. Ele tomava um pela Páscoa e outro pelo Natal, não devia exagerar, muito banho desgastava a pele, como afirmava. E se esfregava dentro da selha, no meio do quintal, até ficar vermelho como um jindungo. Era espectáculo a que toda a gente assistia, família, forros e escravos, numa verdadeira festa, com muitos risinhos das mulheres e comentários malandros dos rapazes. Mandava a boa moral que usasse uns calções finos, não podia mostrar as partes indecentes às filhas, aos outros não faria mal. Já os filhos tinham os nossos hábitos, de se banharem sempre que podiam. E no mato, quando encontravam um rio, largavam todas as roupas e mergulhavam com grande algazarra. Que nem nós, os nascidos no mato. Mas em Luanda não nadavam no mar. Como se este lhes fosse interdito. Aliás, só os axiluanda, os habitantes da Ilha, tomavam banho no mar. Um ou outro marinheiro, dos barcos ancorados na baía, mergulhavam daí para a água. Mas nunca vi muitos. E eu não o podia fazer, se os filhos do meu dono não o faziam. Nem tinha vontade.

O major e os parceiros habituais das cartas já estavam na bodega, sentados na mesa mais recuada do alpendre. Só faltava um, o capitão Hans, que o major disse estar pior das febres, já com poucas esperanças de sobrevivência. Coitado do capitão Hans, tinha muita piada, uma gargalhada de estarrecer e sempre a prometer casamento às raparigas negras. Parece as febres não iam deixá-lo cumprir nenhum dos compromissos, se de facto algum dia teve intenção.

– Esse amigo infelizmente vai acompanhar o almirante Jol – disse o major, quando o meu dono se sentou à mesa e eu no chão, encostado à parede.

O almirante Jol, mais conhecido pelo Pé de Pau, pois tinha perdido uma perna num combate naval qualquer, tinha morrido de paludismo em S. Tomé, quando os mafulos tomaram a Ilha. O Pé de Pau venceu muitos combates e comandou a armada que chegou a Luanda, mas foi derrotado pelas febres. Fulminante. Muito me

admirava a quantidade de brancos que morriam com as febres, sobretudo quando chegavam. Os que resistiam aos primeiros embates depois se iam habituando ou quê, apanhavam as febres, ficavam magros e verdes, mas morriam menos. No entanto, os acabados de chegar... Se dizia no tempo dos portugueses que quando chegavam cem militares, ao fim de seis meses só restavam cinquenta. Mas esses, depois de uns tempos, ficavam bons soldados. Apenas porque tinham resistido às primeiras sezões. A resistência ao paludismo valia mais que um curso numa academia, pelos vistos.

– Maldito clima – disse um capitão francês, François de Savigny, distribuindo as cartas. – Com o calor, só dá para estar nu, mas vêm os mosquitos e massacram-nos. E depois essas febres mortais que ninguém sabe a que são devidas.

– Aos miasmas – disse Baltazar.– Os miasmas que vêm das águas paradas. Por isso há mais febres no tempo das chuvas. E há muito mais em Benguela, que tem pântanos por todo o lado. Suspeito que é por isso que se não pode beber a água do Kinaxixi. Dizem os negros que são espíritos, vai dar ao mesmo, eu chamo miasmas.

– Coitado do Willelm que foi transferido para Benguela – disse o major. Não percebi a quem se referia, mas era evidentemente um oficial deles.

Estiveram a jogar em silêncio um pedaço e Dona Maria trouxe mais vinho. O major Tack se virou então para o meu dono:

– Já contei aqui a sua aventura de hoje com o director.

– Nem me fale, nem me fale, major.

– Teve muita sorte – disse o capitão Savigny – O nosso major apoiou-o e também teve sorte de calhar com o Nieulant. Se fosse com o rafeiro do Moortamer... Pode ser que as febres o mandem desta vez para o Inferno, esperemos. Já viu a confusão que ele armou? Sabemos que pediu a demissão do tenente-coronel Henderson porque este nos apoiou no caso do saque de Luanda. O Moortamer queria que devolvêssemos tudo o que foi saqueado, pois isso seria propriedade da Companhia, imagine. Esse ani mal nem o direito de saque dos soldados respeita. Então como vão arranjar militares no futuro? É mesmo só por causa da esperança do saque

que os homens combatem, ou não? E até já quis interferir em assuntos estritamente militares.

– É verdade – disse o major.– Como se os directores pudessem decidir quem deve comandar a Fortaleza do Morro ou se devemos ou não construir um forte na foz do Kuanza. Pois o Moortamer mandou um relatório para o conde de Nassau a dar esses palpites todos e a protestar porque o tenente-coronel decidiu sem consultar os directores. O que vale é que o conde Maurício é mais vivo a dormir que ele com os três olhos acordados. O que ele vai fazer com o relatório sei eu muito bem.

– E os Dezanove? – perguntou baixo o meu dono.

– Ah, esses... – disse o capitão Savigny. – Até são capazes de alinhar pelos directores, só lhes interessa o dinheiro. E é evidente que a Companhia gostaria muito de arrecadar o produto do saque.

– Que também não foi grande coisa – disse o capitão Pieter Van Dort. – Se pensam que com isso pagam as despesas da campanha, estão muito enganados.

– Não, nem é esse o objectivo – disse o major. – O que vai pagar as despesas são as peças que irão para o Brasil. O saque é destinado aos militares, sempre foi. Esse Moortamer tem a mania de inventar coisas novas. No que estranhamente foi apoiado pelo major Andries...

– Outro génio – disse Pieter Van Dort. – Não me esqueço que propôs o começo do ataque a Luanda pela Fortaleza do Morro de S. Paulo – Fez uma vénia irónica para o major Gerrit e acrescentou: – Agora Morro de Amesterdão, pela patriótica escolha dos nossos directores... Se tivéssemos começado pelo Morro, ainda hoje estaríamos a tentar lá chegar. E depois vai apoiar os directores na brilhante ideia que o resultado do saque é monopólio da Companhia. O que vale é que foi o único militar. Também levou tal surriada na messe que até as orelhas lhe iam caindo de tão vermelhas.

– Mas o Nieulant também assinou o tal relatório? – perguntou Baltazar.

– Sim, claro. Têm de ser sempre os dois a assinar e a decidir, para isso há dois directores, percebe, um controla o outro. Mas o Nieulant

faz o que o Moortamer quer, não está para se chatear. É boa pessoa, mas um fraco.

– Não sei se é isso, meu major – disse Savigny.– Acho que é um conciliador, não um fraco. Por ele tudo se passaria sem conflitos, sem guerras, nem sequer grandes discussões. Quer é comércio. O Deus dele é o comércio. Segundo ele, se o comércio anda, o mundo anda e tudo se resolve com a felicidade geral. Um holandês típico!

– Se fossem todos assim – disse o major.– Pode ser que o capitão Savigny tenha razão e o Nieulant seja apenas um comerciante. Mas acho que um comerciante por vezes tem que dar um murro na mesa...

– Pois a mim ele quase deu um murro e não seria só na mesa – queixou o meu dono. – Estava com uma cara e uma voz muito pouco conciliadoras.

Tive esperanças que Baltazar contasse aos amigos que se tinha mijado. Ele bem fez o gesto característico, o inclinar para a frente na mesa, o baixar a voz em hesitação, mas depois se ergueu com aquele sorrisinho orgulhoso que tinha, de fazer estremecer o bigode, e me desiludi. Nunca ia contar isso a ninguém, até o ocultou da mulher, não mudando de calções para que secassem clandestinamente no corpo.

Já estava escuro e acenderam os candeeiros. A vozeria ia aumentando gradualmente na bodega, sobretudo no interior. No alpendre, e particularmente no sítio mais retirado onde ficava a mesa dos jogadores, ainda se podia acompanhar uma conversa, embora com algum esforço. Lá dentro era impossível, só falavam aos gritos. E ainda não tinham começado as rixas dos bêbados. Quando as pancadarias e as botijas de vinho atiradas ao chão se tornavam mais constantes, o meu dono se despedia, evitava zaragatas. Ele sempre dizia os mafulos não sabem beber, emborracham-se até morrer. E muitos morrem disso, ou por efeito da própria bebida, ou porque provocam uma faca ou uma pistola. Embora bebendo muito mais que os portugueses, Baltazar tinha sido temperado pelo convívio prolongado com eles, já não continuava a ingurgitar vinho por obrigação depois de ter perdido todo o prazer.

Havia uma outra mesa onde jogavam cartas e era completamente diferente. Passavam a vida a discutir as jogadas, davam murros nas mesas, por vezes tentavam apanhar as cartas dos outros e se davam empurrões. A mesa do meu dono era nesse aspecto bastante calma, talvez por os mafulos serem todos oficiais superiores, não sei. Estavam mais interessados em conversar e beber do que jogar. E não faziam apostas, como na outra. Talvez fosse essa a *razão* da calma, não havia dinheiro em jogo. O meu dono dizia a dinheiro nunca jogaria, achava uma estupidez dar a outros aquilo que ganhava com tanto suor, mesmo que fosse na esperança de ganhar mais. Não tem o gosto do risco, diziam outros, e ele dizia é verdade, para que hei de correr riscos só por gosto? Os meus filhos é que pagariam esse gosto estúpido do risco, ficando na miséria por causa dum vício. Os par ceiros deviam pensar da mesma maneira, pois só uma vez o Pieter Van Dort tinha sugerido quererem apostar alguma coisa e o Hans tinha logo dito que não, estava-se nas tintas para o *predikant* que com eles viera na armada e era um fanático, mas lhe dava razão quando insistia durante os sermões no mal que havia no jogo a dinheiro. Já não achava graça quando o *predikant* os tratava a todos por devassos por andarem atrás das negras e por gastarem fortunas em roupas caras ou em outros luxos, o que aliás nem era verdade, bastava um aparecer com um dólman mais elegante para o pregador o apostrofar de pecador e corrupto. O major concordava com Hans e o francês ria abertamente do *predikant* pois era católico, ou pelo menos tinha tido infância católica. Mas nenhum era de facto grande adepto do jogo a dinheiro, talvez apenas Van Dort, mas este nunca mais falou no assunto, percebendo que não tinha clima.

Eu vi o secretário Croesen se aproximar da mesa primeiro que os jogadores. Vinha com o seu ar distraído, de quem não repara em nada, mas directamente para o canto em que nos encontrávamos. O meu dono e os amigos só notaram a presença estranha, quando ele gritou, imitando surpresa:

– Olha quem encontro aqui!

Os sorrisos desapareceram das caras dos militares. Só Baltazar cumprimentou educadamente o secretário dos directores da

Companhia, o qual aliás devia ter visto de manhã, quando estive no Colégio dos Jesuítas.

– Posso sentar-me?

Não esperou pela resposta, arrastou logo um banco vago que estava escondido mas que ele, distraído como parecia, descobriu de repente naquela taberna com falta de lugares sentados. Um vivaço, este Croesen. Poucas vezes o vira na bodega e nunca se tinha aproximado da nossa mesa, onde visivelmente não era bem recebido. Tinha pois um objectivo preciso ao se sentar. E como a curiosidade é um defeito do qual me orgulho, fiquei mais atento ainda. Ele chamou uma das auxiliares de Dona Maria e encomendou mais uma jarra de vinho e um copo. Ficou a observar o jogo, que agora se processava no mais total silêncio. Repentinamente, o meu dono e os amigos se concentraram no jogo, como se só ele interessasse. Veio o jarro e o secretário serviu todos e depois levantou o seu copo numa saúde, que os outros tiveram de imitar, boa educação obriga. Deram as cartas, distribuíram, continuaram a jogar, sempre em silêncio, excepto uma ou outra observação absolutamente necessária, do género agora é você a partir as cartas. Croesen foi respeitando o silêncio e beberricando. Até que aproveitou uma paragem, para se virar para o meu dono.

– Já sei que correu tudo bem hoje de manhã. Felizmente. Ainda fui atrás de si à saída mas já não o vi. Queria cumprimentá-lo.

– Sim, correu tudo bem – disse Baltazar. – Também tinha de ser, não tinha mesmo nada a ver com aquilo.

– Mas foi o próprio governador que mandou os escravos?

– Eles dizem que pertencem a Fernão Rodrigues, um morador dos antigos. Não falaram no governador.

– Esse Fernão Rodrigues não tem uma ilha no Kuanza, aqui perto da foz?

– Tem uma ilha, mas é mesmo à frente de Massangano. Dessa ilha ele controla a navegação no Kuanza, é o seu quartel-general. Fernão Rodrigues foi nomeado capitão do Kuanza. O que tem a ilha perto da foz é Gaspar Gonçalves, o Ensandeira.

– É isso, é isso, Ensandeira, já ouvi falar. É nome português?

– Não, é nome daqui da terra, exactamente do Kongo. É o nome de uma árvore muito grande que há nessa ilha. Outros lhe chamam mulemba. A árvore deu o nome à ilha, a ilha ao proprietário.

– Me diga mais uma coisa, senhor Van Dum. Esse Fernão Rodrigues dispõe de uma armada para controlar a navegação do Kuanza?

O meu dono olhou para o major, enquanto bebia um trago e preparava a resposta. Pelo vistos, o objectivo do Croesen ao procurar a nossa mesa era o meu dono. Apenas conversar com ele, fazer boa muxima? Vivaço demais para ser só isso.

– Não se pode falar de armada. Tem alguns barcos, patachos suponho, que são veleiros pequenos e portanto bons para subir e descer o rio. Barcos muito grandes não são muito utilizados, não são práticos para o Kuanza.

– Mas são barcos com canhões e soldados, não?

– Suponho que sim.

– Não sabia que o senhor secretário se passou a interessar tanto pelos assuntos militares – cortou o major.

Gerrit Tack tinha sido o mais frio possível, com a clara intenção de vir em socorro do meu dono, muito pouco à vontade a dar as informações. Também era uma ferroadada mais subtil nas pretensões dos directores se meterem nas questões que formalmente apenas diziam respeito aos soldados flamengos.

– Todos temos que nos interessar, não? – se defendeu Croesen. – No fundo estamos numa guerra, todos temos de ser um pouco militares. Até somos, uns mais outros menos. E estas informações interessam também o comércio. Quem sabe não temos de fazer negócios através do Kuanza... Por terra por enquanto está difícil, os portugueses dominam todo o sertão e não parecem dispostos a deixar-nos passar para os reinos do interior.

Os outros não pegaram na discussão, como o fariam se o interlocutor fosse outro, pois qual é o militar que evita uma boa conversa sobre estratégia? Van Dort chamou a atenção para a fase do jogo, pelos vistos a crucial, todos se concentraram de novo, de caras amarradas. Baltazar se mexia um pouco na cadeira, tendo já percebido que o Croesen viera por causa dele e sem perceber o que

queria exactamente. Informações apenas? Até poderia dar, nem havia como escapar. Agora estava com os holandeses, lhes diria tudo o que quisessem saber sobre os portugueses. Mas não numa bodega, onde toda a gente podia ficar a saber ele era um informador. As notícias correm longe e Baltazar aprendera a ser muito prudente. Só que o secretário tinha vindo com um objectivo e não o largava.

– Diga-me ainda uma coisa, senhor Van Dum. Fala-se muito do ouro e da prata que o governador carregou com ele, quando fugiu de Luanda. E no ouro e prata das igrejas, as quais foram esvaziadas por esses sacrílegos papistas. Você foi com eles, deve ter visto muita coisa, mesmo sem querer. Sabe se de facto era muito ouro e muita prata?

Os militares também olharam para o meu dono, aguardando a resposta. Quem não se interessa por notícias de ouro e prata? São palavras que fazem os olhos dos brancos brilhar e as bocas se humedecerem, já notei há muito. Lembro, o meu rei, que é a rainha Jinga, sempre dizia, era eu muito pequeno mas já percebendo algumas coisas, os brancos têm muita fome de ouro e de prata, chegam a um sítio e perguntam logo, não por comida, mas por ouro. Um dia vou obrigar um a comer isso em grande quantidade. Para ver se fica mais feliz. Ou se come até morrer.

– Não posso informar. Todas as mercadorias iam em sacos, por isso não posso relatar o que havia lá dentro. Se dizia, sim, que o governador tinha muita prata, mas podem ser apenas boatos. Sobre as igrejas... é certo que tinham muitos objectos, em prata particularmente. E os padres carregaram com eles. Mas também não sei se será uma grande fortuna. Muitas vezes esses objectos religiosos levam apenas um banho de ouro ou prata para brilharem por fora, mas o essencial é de um metal sem valor.

– Sacrílegos! A verdadeira religião não aceita esses ídolos do demónio, esse luxo e ostentação das igrejas papistas. Seria uma medida muito santa apanhar esses objectos todos e fundi-los. A prata e o ouro devem servir para outros fins, não para decorar lugares de culto. O incorruptível Calvino ensinou isso.

Conhecia mal o secretário antes, só o tinha visto umas vezes e nunca ouvido a sua voz. Afinal tinha a linguagem do *predikant*. Os militares olhavam agora para ele, de bocas literalmente abertas. O capitão Savigny foi o primeiro a reagir.

– Está a pensar atacar os portugueses para lhes apanhar a prata?

Croesen quase saltou do banco. Era uma pessoa grande e com voz forte. Mas desta vez se esganiçou todo.

– Eu não disse nada disso. Apenas estava a reflectir uma verdade da nossa verdadeira religião e que a sua, capitão Savigny, lamento dizer-lhe... Era um acto de amor a Deus despojá-los desses objectos de pecado. Eu sei que os padres deles queimam os ídolos que encontram nas mãos dos nativos, porque esses ídolos pagãos são objectos do Mal. Muito bem. Mas têm o mesmo tipo de objectos, de ídolos infectos, só que nem todos são de madeira, muitos são de ouro e prata. Para eles, esses ídolos já são sagrados. Pois mereciam também ser queimados. Era só isso que estava a dizer, não me compreendam mal, meus senhores.

O secretário bebeu o copo de vinho, limpou a boca com as costas da mão, muito nervoso ainda, apesar do discurso. Os militares olharam uns para os outros mas não comentaram. O meu dono é que se sentiu na obrigação de falar.

– Como disse há bocado, não sei se são grandes fortunas. Esta terra é pobre, os ricos são relativamente pobres e a igreja também. Se o governador tem muitas riquezas, o que não sei, provavelmente não as tem aqui, mas sim em Portugal. A riqueza aqui são os escravos. Quando as pessoas ganham muito dinheiro, voltam para Portugal ou vão para o Brasil. Os que podem, os homens livres, pois a maior parte foram deportados e daqui não podem sair. Se a população não tem muitos metais preciosos, como vai a Igreja ter?

– O que o amigo está a querer dizer é que mais uma vez a Companhia ia ficar a perder se fizesse uma expedição só para conquistar esse ouro e essa prata, não? – perguntou o major com um sorriso.

– Não sei se valia a pena – concordou Baltazar.

– Neste momento nem podia, senão com grossos riscos – disse o major. – Mais de metade dos soldados estão na cama com as febres.

E os outros estão em fase de recuperação. Sem falar já nos que morreram. Militarmente não podemos com uma gata pelo rabo.

O secretário não disse nada. E os jogadores mergulharam de novo no mutismo, propício aos melhores lances de cartas. E eu fui pensando nessa estória do ouro do governador, conversa que nos acompanha desde a saída de Luanda. Pois se contava no recuo para o Bengo que duas carroças iam carregadas de ouro e prata do governador Pedro César de Menezes, o qual se fechou no forte de Santa Cruz quando se apercebeu que as tropas que corriam à toa pelo cimo das barrocas tinham conseguido de evitar o desembarque dos mafulos entre Cassondama e o Forte do Penedo. Já depois do nosso regresso a Luanda soube numa confidência do major Gerrit Tack que os mafulos tiveram a sorte de aprisionar uma caravela que vinha de S. Tomé e cujo dono, o Faísca, depois de algumas chapadas, resolveu salvar a vida e ajudar os invasores. E lhes deu as posições habituais dos portugueses e um mujimbo que seria decisivo. Que se tentassem atacar directamente o Forte do Morro ficariam com os barcos em riscos de encalharem nos baixios e à mercê dos canhões que aí se encontravam e no forte de baixo, o da Senhora da Guia. Mas que as peças de Cassondama e do Penedo, este numa ilhota, não tinham alcance para evitar um desembarque sem perdas, se feito exactamente no meio deles. O tenentecoronel e quase todos os oficiais superiores perceberam logo que essa era a chave do sucesso, com excepção do major Philips Andries que era adepto dos ataques frontais. Por isso surpreenderam o governador que confiava na inexpugnabilidade do Morro de S. Paulo. Foi então que ele se meteu no forte de Santa Cruz, que ficava no caminho dos mafulos que desembarcaram entre as fortalezas indicadas. Ali perto de Santa Cruz, na casa dum morador antigo chamado António de Abreu de Lima, se reuniu o bispo D. Francisco do Soveral, os moradores principais e alguns capitães, um dos quais primo do governador, que tinha vindo a correr do Forte de Santa Cruz. E este primo do governador dizia era preciso fazer qualquer coisa, o primo se fechara no Forte e dizia dali sairia só morto, pois se perdesse a cidade estava desonrado para toda a vida, mas que eles o deviam convencer que pouco adiantava resistir, a cidade estava mesmo

condenada com aquele inesperado ataque por terra, pois a força deles estava nos canhões, todos apontados para a baía e sem serventia para um ataque terrestre. Tão bem defendeu este primo a sua bandeira, que o bispo e os outros homens importantes se comoveram com a coragem do governador, mas a consideraram despropositada e por isso foram em delegação ao forte para conferenciar. O governador ouviu as razões deles, sobretudo a que dizia ser melhor retirarem para o interior e se defenderem lá à espera de reforços que não faltariam, pois o rei de Portugal acarinhava aquela cidade como a menina dos seus olhos, o que parecia grande invenção pois o rei provavelmente nunca tinha ouvido falar de semelhante cidade, tão ocupado andava em defender a fronteira portuguesa das investidas espanholas, raivosos pela declaração de independência portuguesa, mas foi argumento que fez brotar lágrimas nos olhos do governador, uma alma sensível, conta quem viu, não eu que estava nesse momento com o meu dono e família e demais escravaria, em desespero, perto do Convento dos Franciscanos. Veio de novo o bispo à carga, dizendo que se combatessem na cidade seriam não só derrotados como dizimados, o que impossibilitaria uma recuperação futura, grande perda para o império e que implicaria uma justa sanção para o governador. O governador suspirou muito, gritou com a mão no peito que a sua honra estava em jogo, que nunca faria tal retirada pois era da têmpera dos Alvares Pereira e Albuquerque, os heróis que faziam a Pátria portuguesa ser temida no mundo inteiro, a menos, a menos que todos assinassem um papel a dizer que o tinham instado ao recuo, o que todos concordaram e assinaram. Vendo-se com o papel na mão, o governador correu para casa do dito Abreu de Lima e daí deu ordem imediata a todas as guarnições para abandonarem as posições defensivas e se concentrarem na parte alta da cidade. Foi então que um morador ouviu o primo dizer em voz baixa ao governador, fiz tudo como vós mandastes, ao que o governador agradeceu, vos devo não só a vida como os cabedais. E este morador durante o recuo contou ao meu dono e a outros que afinal o governador é que tinha architectado a retirada sem combate, mas como ficaria mal visto se o fizesse de frente, teria

mandado o primo sugerir a ideia de caxexe ao bispo e aos outros. Muitos não acreditaram, pois quem lançou o mujimbo era dado a algumas fantasias, como disse o meu dono. Mas alguns acreditaram, sobretudo o grande capitão António Abreu de Miranda, que ficou furioso com a cobardia do governador e sobretudo por causa dos prejuízos que o comportamento dúbio do chefe da colónia provocava nos comerciantes. Com efeito estes, na véspera, já desconfiados da capacidade ou da vontade de resistência dos militares portugueses, ao verem tantos barcos holandeses na baía, quiseram começar a arrumar as mercadorias para as porem a salvo fora de Luanda, porém o governador ameaçou com a pena de morte quem o fizesse, pois isso minava a moral dos soldados e moradores, porque ali todos defenderiam a cidade ou todos morreriam, e começariam já a morrer os que quisessem retirar as riquezas, numa atitude antipatriótica de descrença no valor quase divino das tropas portuguesas, comparadas por ele aos troianos que dez anos resistiram aos gregos. O governador afinal nem ripostou ao ataque e só tiveram uma parte da noite para arrumar as mercadorias e as retirar da cidade, no meio da debandada dos escravos que já tinham prometido à rainha Jinga e ao rei do Kongo que desertariam mal um exército atacasse a cidade. Se perderam muitas riquezas, todas caídas nas mãos daqueles anti-Cristos calvinistas. Às duas da manhã fugiu o governador por trás do Convento dos Franciscanos a caminho do Bengo, e os restantes moradores o seguiram, deixando a cidade nas mãos dos flamengos. António Abreu de Miranda começou a conspirar contra Pedro César de Menezes, culpado daquela perda e também da maior parte dos seus escravos, um grande lote pronto para seguir para o Rio de Janeiro e que com o ataque se desvaneceu na paisagem. Berrava o Miranda que, se o governador não tinha tomates para lutar, porquê não deixou ir retirando com calma as riquezas, se ainda tínhamos dois dias? Só queria saber das suas pratas, as quais foram arrumadas nas carroças mal apareceram os primeiros barcos flamengos. Mas os outros moradores, ou não tinham a coragem do Miranda, ou não acreditavam totalmente no mujimbo, ou preferiam não arranjar confusões. O certo é que esses rumores contra o governador e as

críticas à muita riqueza que em dois anos de governo tinha acumulado não se propagavam abertamente, pelo menos nas conversas. E vi alguns a defender energicamente o governador, como por exemplo o jovem soldado António de Oliveira Cadornega, que tinha chegado a Luanda no mesmo barco de Pedro César e que era conhecido pelo «segundo Camões», por andar sempre com um caderninho a tomar notas, talvez a fazer poemas. Este soldado chegou a dizer ao Miranda que o respeitava por ser muito mais velho, senão o desafiaria para em duelo provar as suas razões. Conheço bem esta estória pois na época o jovem Cadornega andava a arrastar a asa atrás da bela Matilde Van Dum, a qual não estava nada interessada nele, mas sim num belo jesuíta já um pouco entrado em idade embora ainda vigoroso. Por moderação de outros mais velhos, o desafio do jovem e impetuoso soldado acabou com um pedido de desculpas ao capitão António Abreu de Miranda, na margem do rio Bengo, onde estávamos acampados. Foi também aí que o meu dono soube, não sei se através do Miranda se do próprio, das reservas postas pelo comandante do Forte de Santa Cruz, Matias Teles Barreto, à ordem verbal dada pelo governador para abandonar aquela posição. E de como o tio, sacerdote que foi o primeiro branco a nascer em Angola, lhe aconselhou a só aceitar ordem de recuo por escrito, pois nestas coisas já se sabe, segue-se a ordem verbal porque se confia, não fica nada escrito, mais tarde muda o vento e um tipo é acusado de traidor, de desertor, etc. Frei João de Angola, segundo o meu dono, não devia ter a melhor opinião sobre a palavra do Pedro César de Menezes, nosso governador. Nisso se juntaria ao António Abreu de Miranda, eram grandes compinchas, aliás.

E agora vinha o secretário Croesen falar sobre a prata do governador. Que ele levava as duas carroças cheias de sacos, para além do que os escravos carregavam de roupas e mobílias, isso eu vi, ninguém me contou. Mas tanto podia ser prata como comida ou munições. Mas nos rostos dos mafulos era evidente, a conversa sobre a prata fazia esquecer um pouco o jogo. Embora se empenhassem em silêncio, os pensamentos estavam mais na prata que nas cartas. Excepto o meu dono que sabia nunca podia chegar a ela, mas mesmo assim estava distraído das cartas, fazendo erros

atrás de erros, pois se perguntava o que lhe queria o secretário e se ainda haveria mais interrogatório. Uma coisa também o preocupava: que os seus amigos portugueses não se sentissem traídos. Não, não tinha falado de mais, dadas as circunstâncias. Até minimizara o tesouro da Igreja que ele sabia ser enorme, pois o bispo e os padres não gastavam dinheiro nenhum dos dízimos e das ofertas dos ricos, os salários e despesas eram pagos pela Coroa, o que lhes permitia trocar todos os lucros por ouro e prata, vindos certamente da América. Apesar de a terra ser pobre, como dissera Baltazar, a Igreja nunca o seria nem por sombras, tinha gestores competentíssimos.

– Diga-me uma última coisa, senhor Van Dum. É mesmo verdade que os portugueses faziam aqui todos os pagamentos e negócios em moeda local? Todos me dizem que sim, mas custa-me a acreditar.

– As moedas europeias não eram usadas aqui. Só os libongos, que são esses lencinhos feitos de entrançado de palmeira e os zimbos, que certamente já conhece. Por vezes o sal. Estão a pensar introduzir aqui as moedas holandesas?

– Estamos a hesitar. Os meios de pagamento daqui não são nada práticos, precisa-se de sacos e mais sacos para uma compra vulgar. Mas introduzir os florins também tem inconvenientes. Aguardamos instruções. Os directores aconselham a manter o mesmo sistema dos portugueses, mas eu francamente não sei.

– Ainda não me pagaram soldo nenhum – disse Van Dort. – Não gostaria nada de receber em moeda daqui.

– Provavelmente é o que vai acontecer – disse Croesen. – De qualquer modo o soldo é para gastar aqui. Ou não é?

– O senhor mesmo disse, não é prático.

– Ora, para as pequenas despesas serve muito bem, acho eu – disse o meu dono. – Se for para grandes compras, geralmente faz-se acerto de contas, o que evita grandes quantidades de dinheiro a irem de um lado para o outro.

Ainda continuaram a discutir esse assunto, mas distraí-me, pois não entendia nada, nunca na minha vida tinha tocado num dinheiro qualquer, nem libongo, nem cruzado, nem real, nem zimbo. Onde já se viu escravo com dinheiro, mesmo uma soma insignificante? Só sabia que era um belo espectáculo ver na Ilha os súbditos do rei do

Kongo a mergulhar nas águas para recolherem a moeda do reino, o jimbo ou zimbo. Homens, mulheres e crianças mergulhavam e apanhavam as conchinhas às mãozadas. Com os zimbos enchiam sacos controlados pelo governador congolês, Dom Agostinho Corte Real. Se o continente pertencia aos reis do Ndongo, descendentes de Ngola Kiluanje, a Ilha pertencia ao rei do Kongo por causa dos zimbos. E o grande senhor da ilha era Dom Agostinho Corte Real, que não dependia dos portugueses e que agora tinha estabelecido uma aliança com os mafulos. Os portugueses respeitaram o domínio congolês sobre a ilha, mas começaram a apanhar zimbos em Benguela e a comprar peças no Kongo com essas moedas colhidas mais a sul, o que irritava fortemente o rei do Kongo. Essas razões financeiras eu não percebia muito bem, sou muito mau de contas, mas que os zimbos de Benguela constituíam uma das causas mais importantes das más relações do rei do Kongo com os portugueses, lá isso era conhecido. Essa prática enfraquecia a moeda do reino, dizia o meu dono, mas nunca entendi porquê.

O secretário Croesen se deu por satisfeito com as informações. Também o jarro de vinho estava vazio e ele não mandou vir outro, atento a poupar nas despesas. Se despediu, tinha gostado muito de saber o meu dono sem problemas e boas noites meus senhores, desandou. As línguas se soltaram imediatamente na mesa, mal o viram pelas costas.

– Mas que queria este estupor? – disse o major.

– Sacar informações, é evidente – disse Savigny.

– Para uso do Moortamer ou para uso pessoal? – disse o major.

– Agora é que o meu major acertou no ponto – disse Pieter Van Dort. – Se as questões de carácter financeiro e militar até podem ser para uso da Companhia... também só agora é que se lembraram de que aqui o nosso amigo Baltazar é um bom poço de informações sobre como viviam e faziam os portugueses antes de nós? Nesse caso não foi o Moortamer a se lembrar, ele está derreado com as febres. Pode ter sido o Nieulant que teve a ideia hoje por causa do caso dos escravos...

– E as perguntas sobre o ouro e a prata? – perguntou Savigny.

– É isso, é isso – disse Van Dort. – Raios me partam se aquilo não era apenas curiosidade de interesse pessoal. E reparem, foram as perguntas do meio. As outras todas eram para disfarçar.

– Só espero que não estejam a pensar num ataque – disse o major. – Por Deus, não neste momento. Com as tropas enfraquecidas como estão, só corríamos para um desastre. Os portugueses estão a reunir a guerra preta deles, que estava dispersa. E são muitos milhares. Dão-nos cá uma porrada...

Os dois capitães aprovaram com as cabeças. O meu dono sabia era verdade, fora ele a passar as informações ao amigo major. Quando saímos do Bengo para regressar a Luanda, o governador tinha convocado para Massangano todos os exércitos de sobas amigos, para constituir uma guerra preta. Pretensamente era para castigar alguns sobas que, encorajados com a derrota portuguesa em Luanda, se tinham rebelado contra o jugo dos colonos. E também convocara alguns chefes jagas, os terríveis guerreiros cujo nome fazia tremer todos. Mesmo Jinga, que diziam ser aparentada a eles, respeitava o seu poderio. Os portugueses tratavam sempre os jagas por canibais, mas quando estavam aflitos pediam o auxílio de alguns dos seus sobas, particularmente do mais fiel, Kabuku ka Ndonga, talvez mesmo o único fiel, pois os outros umas vezes estavam de um lado, outras passavam para o inimigo, qualquer que este fosse. De facto, os jagas seguiam a sua própria política, que era irem avançando os seus exércitos, ocuparem territórios, matarem os homens, ficarem com as mulheres e educarem as crianças no seu sistema militar, deixarem uma chefia no território e irem mais para a frente. Assim dominaram o Kassanje, a Matamba, o Libolo e toda a margem sul do Kuanza até Benguela. Pelo menos. Mas não eram reinos unificados, apenas chefias independentes e com muitas makas entre elas. Jinga sempre aproveitou isso. Também os portugueses. Os mafulos ainda estavam muito verdes nestas questões da terra e por isso tinham urgência em fazer aliança com o rei do Kongo e com Jinga. Se o conseguissem, os portugueses tinham os dias contados, a menos que aparecessem reforços importantes. Os flamengos já tinham mandado uma embaixada ao Kongo negociar um acordo. Ainda não tinham contactado Jinga, ao

que me parecia, pois os portugueses lhes cortavam os caminhos. Tinham urgência. Ainda por cima estando paralisados pelo paludismo, como não se cansava de repetir o major.

– Concordo consigo, meu major – disse Savigny. – Do que me apercebi até hoje, a estratégia definida pelo conde de Nassau era de nos apoderarmos da costa de Angola, para chegarmos ao comércio dos escravos, o que já está feito. Deixemos os portugueses no mato, com as feras e as populações hostis. Toda a gente sabe que não são nada queridos, pelos muitos desmandos que praticam. Os negros vão acabar por dar cabo deles, pois sem a costa também não vão receber socorros nem munições. E só ir aguentando o que conquistámos e eles ou se rendem e vêm trabalhar para a Companhia ou desaparecem. É tão claro!

– Pelos vistos, não é assim tão claro para os directores – disse o major. – Ou para o seu secretário. Ou então são mesmo ambições pessoais do Croesen.

– Vendo bem, as outras perguntas também tinham razão de ser, a Companhia devia ter as informações – disse Van Dort. – Mas vindas desse laçao do Moortamer é realmente de desconfiar. Pode estar a fazer um plano para roubar o tesouro, pode estar a pensar em envenenar-nos, pode estar a pensar em roubar um arcanjo do céu, o filho de uma grande puta.

– E se terminássemos isto? – propôs o major. – Já se vai fazendo tarde e a barriga está a pedir comida. E a vinda desse tipo estragou-me o prazer.

Atiraram as cartas ao mesmo tempo para cima da mesa e se levantaram. Eu também. Ainda nem tinham pago e já a mesa estava ocupada por um bando de soldados franceses, a falarem muito alto. O meu dono saiu com os amigos e mijaram todos contra as árvores. Eu também aproveitei, claro. Se despediram no escuro, os mafulos avançaram para a cidade alta e nós fomos no nosso caminho de muçequo rumo ao Kinaxixi. A noite estava clara, a Lua estava quase cheia e não havia nuvens. Mas mesmo se estivesse escuro, o meu dono não se enganava no caminho. Lá em baixo se viam as luzes dos barcos a tremularem na baía. De resto era escuridão e silêncio. Apertei com força o punho da catana que levava à cinta, me cheguei

mais ao meu dono. Ele era teimoso, andava sem armas. E no Kinaxixi era frequente aparecerem leões e onças, para beberem água na lagoa e para caçarem os antílopes que lá iam beber. Preferiam carne de palanca ou impala, que é muito melhor carne, mas se apanhassem um homem também não desdenhavam. Sobretudo depois de terem provado. E ainda no mês passado um flamengo tinha sido esfacelado. Mas o meu dono, aquecido pela bebida, pouco ligava. E nem ao menos uma pistola ou um sabre levava, o imprudente.

Passámos pela lagoa. Sempre desassossegado, não só por causa dos leões, mas porque havia espíritos seculares em cima das árvores e porque nas águas, apesar de escassas, corriam imprevisíveis kiandas, me contentei a olhar de lado e a colar-me ao meu dono, todo animado por ter safado a cabeça, a cantarolar marchas militares da sua terra. Claro que à superfície da lagoa havia luzes e fosforescências estranhas, e as hastes finas dos papiros se inclinavam em posições anormais, como sopradas por ventos fantasmagóricos, mas preferi não reparar e me concentrar no pouco caminho que faltava até à sanzala. A minha mãe tinha ensinado a não olhar para o que temia, o que fazia muitas vezes esses perigos me ignorarem. Quase todas as noites passava pela lagoa, pois quase todas as tardes o meu dono ia jogar às cartas com os amigos. E via sempre os mesmos estranhos fenómenos e tinha os mesmos medos. Mas não dava para habituar, estava dentro de mim temer os inquietos espíritos das lagoas, pouco impressionáveis por rezas católicas.

# CAPÍTULO SEGUNDO

(Maio de 1643)

«No domingo 17, do mesmo Mayo, e quatro dias depois da chegada do navio, derão de madrugada no nosso Arrayal 300 olandeses, repartidos em seis companhias, armados de mosquetes e crauinas...»

Anónimo, in *Monumenta Missionária Africana*, vol. IX, p. 47, Agência-Geral do Ultramar, Lisboa, 1960

Matilde Van Dum bocejava, deitada numa rede, na varanda das traseiras. Tinha um encontro secreto com um oficial francês, mas ainda era muito cedo para escapar sorratamente da sanzala. O pai estava a falar com Nicolau, no quintal. Nicolau tinha voltado do interior com poucos escravos. Como das vezes anteriores, aliás. Além das barreiras ao trânsito entre os europeus, também os portugueses estavam em constantes acções militares contra os sobas do mato e o clima de insegurança não era propício ao comércio das peças. Já o secretário Croesen se tinha queixado a Baltazar que tinham nele depositado muitas esperanças, mas afinal pouco conseguia. Não posso fazer milagres, tinha respondido o meu dono, só havendo paz entre vocês e os portugueses é que se pode reactivar a sério o tráfico. Ou que um vença e expulse o outro, de modo a acabar com esta estória de dois exércitos no terreno. Agora estavam a preparar mais uma caravana, mas sem grandes esperanças. Baltazar tinha de vender as peças à Companhia, pelo preço que esta fixava, pois havia monopólio em todo o comércio.

Além de ser pouca quantidade de escravos, o preço era inferior ao da época dos portugueses, o que trazia lucros pequenos. De qualquer modo era melhor do que nada. A Companhia por vezes conseguia outras peças, mas em quantidades ridículas. Os mafulos de facto não estavam com muita sorte e os plantadores do Brasil protestavam, sem escravos não podiam cultivar o açúcar, o ouro branco. Mas Matilde pouco se importava com isso, esperava impacientemente a hora do encontro amoroso.

Eu não ouvia apenas as conversas do meu dono, também tinha curiosidade para o resto. E captara as interessantíssimas confissões de Matilde a Catarina, na véspera. A irmã mais velha aconselhava, não faças isso, o pai vai saber que te encontras com o francês e vai ser uma confusão, porquê não vem ele cá a casa pedir a tua mão? Tudo deve ser feito conforme a lei. Matilde ria e dizia assim é que é bom, tem de haver segredo para se ter prazer, como da primeira vez lá no Bengo. E contou a estória, para mim desconhecida, dos seus amores do ano anterior com um padre jesuíta, muito bem apessoado embora já entrado de anos, que connosco fugira de Luanda. Bem notei que Matilde lhe fazia uns sorrisos e lhe deitava uns olhares que não eram próprios de uma donzela para um padre, ignorando completamente o fogo e apaixonado soldado Oliveira Cadornega, que tinha veia de escritor e lhe fazia poemas inflamados.

O padre ficou hospedado na quinta dos Jesuítas no Bengo, cuja capela acabava por ser o centro de encontro dos refugiados da cidade que se encontravam espalhados pelos demais arimos e arraiais ao longo do rio. Matilde tinha convencido o padre a lhe mostrar todas as instalações e os campos dos Jesuítas. Ele também estava interessado nela, quem não estava, aquela mulata redondinha de carnes e de malandros olhos azuis era apetecida por todos os homens da cidade. Por isso perdeu uma manhã a percorrer com ela todas as dependências, os chiqueiros com os porcos, os galinheiros, as hortas perto do rio, até as lavras de mandioca, de onde saía a chamada farinha de guerra. Já cansados de tanto andar, se sentaram num tronco caído.

– Eu não vejo as coisas como vocês, religiosos – atirou ela, provocadora. – Nem tudo é mau, nem tudo tem pecado. A vida tem muitas coisas boas e bonitas, que nos dão prazer, sem pecarmos.

– O demónio esconde-se bem, não é fácil sabermos que ele está por trás do que acontece – disse o padre. – Por vezes uma coisa parece inocente, afinal está Satanás por trás, é um grande pecado que se oculta sob as aparências mais recomendáveis. O rei das trevas nunca avisa, ataca desprevenidamente e leva-nos a pecar contra o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Temos de viver numa atenção permanente, adormecer a guarda é ser derrotado, por isso as maiores tentações surgem à noite, a escuridão é propícia ao seu rei, o das trevas.

– É pecado ter visões, adivinhar o que vai acontecer? Porque eu muitas vezes adivinho. Não faço de propósito, só que vejo as coisas com tal clareza que fico com a certeza, isto vai acontecer.

– E acontece?

– Sim, quase sempre. São artes do demónio?

O padre coçou a cabeça e hesitou. Olhou para ela mais a sério. A conversa estava a caminhar para assuntos de bruxaria, o que não lhe agradava nada. O Santo Ofício era inflexível, feiticeiros acabavam sempre na fogueira. O chefe principal da Inquisição estava ali no Bengo, sempre pronto a espiar uma heresia ou uma tendência satânica. Ainda mais atento agora, com a crise aberta pela ocupação dos hereges, ali a dois passos. O padre tinha trazido a moça a passear com outras intenções certamente mais ligeiras e bem mais agradáveis. Imagino eu.

– É preciso estudar caso a caso. Eu não sou especialista dessas coisas. Há uns sacerdotes que sabem como lidar com o demónio em todas as ocasiões, não eu. Mas é bom não fales muito desse teu dom, minha filha, pode tornar-se perigoso. E particularmente neste arimo do Bengo.

Matilde não deve ter entendido o aviso e resolveu revelar o que tinha escondido de toda a gente. Foi um impulso gerado pela conversa, pela companhia interessada do padre? Podia ser apenas para o chocar, lhe despertar mais interesse, as mulheres têm

manhas que nos tolhem, embora eu ache que Catarina não tem manhas, é pura como a água da montanha Tala Mungongo.

– Olhe, vou confessar uma coisa. Sei que os flamengos vão ficar aqui sete anos. Desde o dia da chegada ao da partida vão passar exactos sete anos. Vi no dia em que chegaram. Vejo isso constantemente escrito no céu.

– Vês? Escrito? Escrito no céu?

– Gravado a fogo no céu.

O sacerdote se benzeu, provavelmente recordado que as tábuas de Moisés com os Dez Mandamentos foram gravadas com o fogo divino. E ficou em silêncio, olhando para o horizonte. O rio corria com muito pouca água e fazia um leve rumor. Do outro lado veio beber um antílope, mas se assustou quando os viu e deu meia volta. No ar havia um vento que não soprava, parecia estar lá por cima deles, um vento parado. Um vento divino, como a sarça de Moisés, se perguntava o jesuíta.

– Tens a certeza que vai acontecer?

– Absoluta. Nunca tive uma visão tão forte. Por vezes as coisas não acontecem como imagino, mas é porque não as tinha de facto visto nitidamente. Mas quando as vejo nítidas nunca falha. E desta vez então, é tão claro que até me faz piscar os olhos, a frase gravada a fogo queima-me. Juro!

O padre voltou a se benzer, cada vez mais nervoso.

– Não jures, que é pecado.

– E ter estas visões também é pecado?

– Será pecado se é o demónio que as provoca. Se é Deus...

– Como saber?

Geralmente só a Inquisição decide o que é de Deus e o que é do demónio, pensou o padre, mas sem coragem de o dizer, pois não queria assustar uma ovelhinha tão pura e de lã tão macia. E a ingenuidade da moça comovia-o ao mais alto ponto, sobretudo expressa por uma comichão misturada de angústia que ia crescendo na barriga. Não podia portanto amedrontá-la.

– Muitos santos tiveram visões – disse ele, docemente. – Essas foram certamente mensagens de Deus.

– Por eles serem santos? Então e esta mensagem que recebi? Eu, que não sou santa... Pode ter sido o demónio?

– Certamente que não. Se fosse o demónio diria que os flamengos nos iam converter à suja crença deles e não que vão embora. A que recebeste é uma boa mensagem, só pode vir de Deus.

– Ser dominado sete anos é uma boa mensagem, padre? Pensei que não fosse. Não acha que devo pedir de qualquer modo a absolvição?

– Não creio, não cometeste pecado. Mas não contes a mais ninguém, nunca se sabe como isso pode ser interpretado.

Matilde, segundo contou à irmã, mudou então a postura. Até aí estava em atitude de humildade e alguma preocupação. Devia ser ele a tomar a iniciativa, era muito mais velho e sobretudo era homem. Mas tímido de mais. Soltei-me, disse ela, atirei tudo para o ar, nem queria saber o que ele podia pensar, era uma força interior, um grito impossível de calar, um fogo, uma sarça ardente que não dava para apagar.

– Me absolva, padre, me absolva.

Matilde se levantou e encostou às pernas dele, olhando-o nos olhos. O padre estava encurralado pelo tronco, não podia recuar. Matilde se chegou mais, me absolva, padre, me absolva. O jesuíta balbuciou o começo de uma oração com os lábios entreabertos, meteu uma mão por baixo dos seios dela, sentiu o calor, revolveu os olhos. Ela o puxou e caíram abraçados no chão. E o padre absolveu-a no capim, nas palavras dela, misturadas com risinhos.

Só depois de ouvir Matilde contar os seus amores com o padre percebi de onde tinha vindo a profecia que ele fizera numa missa, por essa altura. Que um anjo lhe segredara, sete anos de desgraça se abaterão sobre esta terra e sete anos os mafulos vão dominar Luanda, exactos sete anos. Poucos serão os moradores antigos que voltarão a Luanda, só os seus filhos. Um anjo, dissera ele. Se referia com certeza a Matilde. Então não há anjos para todos os gostos? No momento não olhei para ela, como podia adivinhar o que passava? Certamente estaria a sorrir embevecida na missa, a ver o seu segredo transformado em profecia de anjo. Catarina resumiu tudo o que eu pensava, quando disse o amor é bonito.

Mas o meu dono é que não suspeitava nada dos encontros que a filha tivera. Nem dos que ia ter mais logo. Aliás estava preocupado com uns fardos de tecido que encomendara no ano passado em Pernambuco e não havia meio de chegarem. Era a melhor moeda de troca para arranjar escravos no interior, todo o sertão precisava de panos e agora ainda mais, pois os barcos portugueses nunca mais puderam vir e a Companhia, com as suas burocracias, entravava a importação de mercadorias da Europa ou do Brasil. Discutia exactamente esse assunto com Nicolau, que não podia partir sem os panos, já não havia mais nada para trocar. Ele e Nicolau apontaram então para baixo, em direcção à baía, onde entrava um veleiro muito carregado, pode ser aquele que traz os tecidos. Baltazar partiu repentinamente para a cidade sem avisar nem despedir. Tive de lhe correr atrás, suspirando um fugaz adeus à bela Matilde, deitada bocejante na rede da varanda, sonhando com os bigodes do oficial francês que ia encontrar, a meio da tarde, nas sombras do Kinaxixi.

O meu dono desceu a barroca a direito, sem procurar caminhos menos íngremes. Para ir para a Baixa, esta era sem dúvida a rota mais rápida, pois sem curvas. Mas nos arriscávamos a ficar cheios de pó, pois para escorregar até lá abaixo tínhamos por vezes de apoiar o rabo na terra vermelha. Ele não se importava, mulheres não lhe faltavam em casa para lhe lavarem a roupa. Eu é que não tinha quem me esfregasse a tanga. Mas eu não contava, ainda menos a minha tanga suja. Descemos a barroca, passámos por trás do Forte do Penedo, que os mafulos estavam a aumentar, aproveitando para melhorar a ponte de madeira que o ligava à praia. Chegámos ofegantes ao porto, sem necessidade nenhuma, pois a nau ainda estava longe e demoraria muito a deitar a âncora e lançar o primeiro escaler ao mar. Mas Baltazar era impaciente, quando se tratava de negócios, e queria estar sempre antes. O porto se resumia a um pequeno cais de madeira, onde encostavam os batéis que faziam o transbordo dos navios, pois os baixios não permitiam que barcos médios se aproximassem da praia. Baltazar não encontrou ninguém conhecido, além do alfandegário da Companhia.

– Vem de onde? – perguntou o meu dono, apontando para o veleiro.

O funcionário encolheu os ombros e nem se dignou responder. Estava mais preocupado em mandar dois negros carregarem mesa e cadeira para a sombra de uma mulemba, onde se instalaria com o livro de registos.

Como não havia mais nada a fazer, avançámos para a bodega do Pinheiro, o tal judeu que veio o ano passado para aproveitar uma das muitas lojas abandonadas perto do porto. O pai do Pinheiro tinha tido problemas com a Inquisição em Évora, por ser cristão-novo. Tinha usado todos os esforços para fazer esquecer a sua ascendência, deixara mesmo de morar na judiaria de Évora e como tinha algumas posses alugou casa perto da praça do Giraldo, a mais importante da cidade. Os filhos e ele próprio eram baptizados e iam à missa aos domingos. Dava todos os anos o que podia para a Misericórdia, como faziam os Homens Bons. Apesar de todos os esforços, alguém denunciou à Inquisição que na sua casa se respeitava o Sabat e havia bruxarias. O Santo Ofício interrogou-o uma vez, mas sem conclusões. Tanto bastou para que os vizinhos, cristãos-velhos, lhe apedrejassem a casa e obrigassem a família a fugir, antes que alguém fosse parar à fogueira. Passaram para Lisboa, apanharam o primeiro barco para a Flandres, se instalaram em Roterdão. Quando os holandeses tomaram Pernambuco, a Companhia das Índias Ocidentais encorajou os judeus fugidos de Portugal a mudarem para o Brasil, pois conheciam a língua e os costumes e seriam úteis como intermediários. A família respondeu ao chamamento, se instalou em Pernambuco.

Depois Luanda foi tomada, o Pinheiro deixou os pais e irmãos em Pernambuco, veio tentar a sorte aqui. E a bodega já era a mais concorrida, não só do Bairro dos Coqueiros, mas também da cidade. A da Dona Maria era muito fora de portas e servia quem habitava a cidade alta, primeiro sítio onde se concentraram os mafulos. Mas um ano e meio tinha passado desde a ocupação, as forças militares foram dispersas pelas diferentes fortalezas e baluartes, os marinheiros e raros comerciantes se iam instalando nos Coqueiros. E da cidade alta se chegava directamente à bodega, descendo pela Calçada dos Enforcados, um instante. O meu dono sempre se encontrava com os amigos na bodega de Dona Maria para o jogo de

cartas do fim da tarde. E muita gente ia lá, continuando a haver grandes algazarras. Mas menos do que antes, pois a bodega do Pinheiro ficava mais central. E já se falava na reabertura de uma outra, também perto do porto. Pouco a pouco, a cidade ia ganhando vida. Mas muito lentamente, pois praticamente ainda não havia civis e os militares não mandavam vir as famílias.

Na bodega estava o major Gerrit Tack, de pé contra o balcão. Ainda era de manhã, mas já não havia lugares sentados, como sempre, aliás. O meu dono furou entre os corpos e se encostou ao major. Eu fiquei a fazer de biombo, assim tinham algum ar para respirar. O que vale é que era o tempo do cacimbo e ali perto do mar estava mesmo um certo friozinho. Achava eu, pois Baltazar se queixava na mesma do calor, qualquer que fosse a época do ano. E de facto cheirava sempre a transpiração, aquele azedume, pior que leite coalhado, que não largava o meu nariz.

– Já por aqui, major?

– Vim ver que novidades traz o barco, trazem sempre. E o amigo também vem saber alguma coisa, pelos vistos.

O major gritou para o Pinheiro, um copo para o senhor Van Dum e rápido que ele correu muito, está sequioso.

– Talvez cheguem os meus panos, se o barco vem de Pernambuco. O meu filho está à espera dessa carga para poder partir para o interior numa caravana. Sem panos, não há escravos.

– Vem de Pernambuco, sim. Vi o nome, é o *De Grote Gerrit*. Ora, ele saiu de cá no fim do ano passado para o Brasil. Não dava tempo de vir de outro sítio. Anime-se, vêm aí os seus panos e poderá com eles apanhar mais umas peças. A vida corre-lhe bem, tem muita sorte, amigo Van Dum.

Seria impressão minha ou havia amargura na voz do major? Não que tivesse inveja da sorte do meu dono, longe disso. Mas como a dizer, todos têm sorte menos eu. Ainda por causa da desfeita que lhe fizeram no ano anterior? Já tinha passado tanto tempo, não superou? Há gente que nunca supera um desgosto, tenho visto isso muito nos brancos, ficam com uma coisa a lhes roer lá dentro, às vezes toda a vida, quando com uma boa dança podiam esquecer depressa e partir para o futuro.

– Corre bem? Nem por isso. Veja, o tráfico está pelas ruas da amargura com toda a instabilidade do interior. E a minha fazenda do Bengo esteve um pouco abandonada estes tempos e não produziu como devia. Ou melhor, produzir produzia, só que eram mais os larápios que as maçarocas.

Agora que foram assinadas as tréguas e as relações com os portugueses melhoraram, tudo vai mudar.

– Sim, agora há boas perspectivas. Falei algumas vezes com o licenciado Guerreiro, disse-lhe, não é?

– Eu também falei com ele. Pareceu-me pessoa séria.

– E é. Sempre me disse que era de todo o interesse do governador ter relações de boa vizinhança com a Companhia. E fazer comércio. Que tinha de acabar a desconfiança mútua, que era o que complicava.

Nesse aspecto tinha havido algumas mudanças. No ano passado, um dia chegou a notícia que a paz tinha sido ratificada quer pelo rei de Portugal quer pelos Estados Gerais da Holanda. O secretário Croesen foi levar a boa nova a Massangano. Recebido como um rei, mataram um bezerro e tudo. Depois veio para Luanda o licenciado Guerreiro, negociar um acordo sobre o relacionamento futuro das duas comunidades. O director Nieulant, o único director da Companhia na época, concordou que os portugueses se fixassem na foz do Bengo, para daí poderem desenvolver as quintas que tinham ao longo do rio. O governador e muitas famílias que tinham fugido de Luanda saíram de Massangano e se fixaram no novo arraial, a pouco mais de vinte quilómetros da cidade. E começaram a vir negociar a Luanda, embora o fizessem praticamente só com a Companhia, por causa do monopólio. Era pois frequente o meu dono encontrar amigos portugueses nas ruas ou mesmo receber visitas de antigos moradores na sanzala. Alguns diziam que o arraial do Gango podia se transformar numa cidade, outros achavam era apenas uma estadia provisória, que voltariam em breve para Luanda, assunto principal da negociação. Mas havia uma sombra, segundo o meu dono. No acordo, os portugueses tinham de comerciar os escravos apenas com a Companhia, não os podiam mandar directamente para o Brasil, como queriam. O que significava que os escravos só iam

para a Nova Holanda e nunca para o Brasil português. Este sufocava, sem a fonte de energia. Não era um bom presságio, achava Baltazar.

– Como vê, o amigo só tem de se felicitar – disse o major. – A vida vai correr lindamente. E depois tem uma família estupenda, muitos filhos e sãos. E lindas filhas. Digo isto sem maldade, repare bem, como um pai que também sou.

– Claro que entendo, major. E agradeço a simpatia.

O meu dono também notou, havia qualquer amargura na voz do major. E Baltazar era muito pouco observador, o que ele tinha a menos tinha eu a mais, para compensar tudo o que ele tinha e eu nada.

– E a sua família, major? Não pensa mandá-la vir?

– Nem por sombras. Sabe como é a vida de um militar. Hoje aqui, amanhã ali. E o clima de Pernambuco é muito melhor que este. Não me arrisco a chamar a mulher e os filhos para algum morrer de febres. Um dia hei de partir também.

– Está a pensar nisso?

– Parece que aqui não tenho muito futuro.

O major emborcou mais um copo de vinho. De facto, tinha eu a certeza agora, ainda não superou a frustração. Foi assim. No ano passado, lá para o fim, o tenente-coronel Henderson foi mandado de volta ao Brasil. Ele já andava a pedir o regresso há muito, só viera para conquistar a cidade, mas depois era mesmo necessário recambiá-lo, na opinião dos responsáveis, pois as coisas se iam azedando cada vez mais com o Moortamer. E decidiram despachar também o Moortamer, ficou o Nieulant sozinho. O irónico da coisa é que os dois adversários, que tanto se guerrearam em Luanda, acabaram por embarcar no mesmo navio, nesse aspecto ninguém ganhou. Devem ter dividido a cobertura do barco com um risco, deste lado fico eu, desse lado ficas tu. Mas então onde está a frustração do major? É que não substituiu o tenente-coronel como comandante das tropas. Foi o major Philips Andries o escolhido, aposto que por intrigas do Moortamer, segredou na época o major. O Andries não era um verdadeiro militar dos Estados Gerais da Holanda, era um lacaios da Companhia, sempre a concordar com os directores, por isso foi promovido, um cretino, um incompetente, como diria

François de Savigny. Desde então havia essa tristeza nos olhos do major. Por vezes se queixava das medidas tomadas pelo Andries, ele faria tudo ao contrário. Já tinham passado seis meses, caramba, e ele não esquecera, ainda lamentava. Estes brancos...

O major se encostou mais ao meu dono e segredou qualquer coisa que não pude entender. Mas em seguida levantou mais a voz.

– Podem não ser tão boas as perspectivas, portanto. A tal desconfiança de que falou... O Hans Molt passa a vida a dizer que o que fizeram em S. Tomé podem fazer aqui. Ele passou por lá, viu a situação.

Hans Molt tinha chegado no mês passado, para fazer dupla com Nieulant no cargo de director. No caminho, passou por S. Tomé e trouxe a notícia para Luanda. Os portugueses da ilha, que depois da ocupação holandesa se tinham refugiado nas quintas e roças, se tinham revoltado e ocupado a cidade, obrigando a guarnição flamenga ao refúgio da fortaleza. E havia uma espécie de trégua, os mafulos estavam cercados e os colonos dominavam a cidade, mas nenhum atacava o outro. Até ver, dizia o Hans Molt, sujeito torto que eu tive ocasião de conhecer quando chegou no barco, pois estávamos no porto a ver se vinham as fazendas que o meu dono nervosamente esperava. Não simpatizei com ele, devo confessar. Era muito parecido com o *predikant*, desde o físico enfezado e os gestos nervosos, à voz sempre com uns tons acima do normal, voz de certezas. Encontrei-o mais três vezes na cidade, sempre numa machila guardada por dez soldados, um verdadeiro exagero numa terra tão tranquila. Mas cada um tem lá as suas razões para temer. O director Nieulant, que nunca tive ocasião de ver, sempre enfronzado sobre os papéis no antigo Colégio dos Jesuítas, como dizem, saía com dois soldados e muitas vezes a pé. Palavras de Baltazar, ouvidas de outros, pois ele nunca cruzou com o director em nenhuma rua ou calçada, posso jurar. Mas esse Hans Molt é mesmo muito armado, definiu Matilde, a bela.

– Esse assunto de S. Tomé não ajuda muito as coisas aqui, lá isso não – disse Van Dum. – Embora a situação seja provavelmente diferente.

O escaler que saíra do veleiro se aproximava da praia. Em breve encostou no cais de madeira. Alguns clientes da bodega, que só esperavam por isso, terminaram rapidamente o copo e caminharam para o cais. Também o major e o meu dono. No escaler vinham vários oficiais, que se distinguiam pelas fardas e os chapéus de abas largas. O primeiro a saltar para o cais foi o adjunto do capitão do navio, que logo foi conferenciar com o funcionário encarregado da alfândega. Os oficiais reconheceram o major e cumprimentaram-no. Ele aproveitou perguntar logo:

– Há boas novidades do Brasil?

– Péssimas. Houve uma revolta no Maranhão, os portugueses mataram muitos dos nossos. E em Pernambuco também não está nada bem. O inimigo recebeu reforços, de vez em quando queima um engenho de açúcar, dos nossos, pois os engenhos dos portugueses são sempre poupados. E estão a acumular forças nos arraiais. E os nossos reforços não chegam, ou quando chegam, são tão reduzidos que não servem sequer para tapar os buracos causados pelas mortes.

Queixas idênticas que se ouviam em Luanda e muito provavelmente iguais às que se ouviriam em Massangano, entre os portugueses. Mas o meu dono foi atrás do adjunto do capitão e perdi o resto da conversa entre os militares, que me interessava ao mais alto grau. Baltazar neste momento queria era saber das suas fazendas. Esperou impacientemente a três metros da mesa que o adjunto e o alfandegário acabassem de conferenciar, mas isso implicava papéis e assinaturas e tivemos de ficar a torrar ao sol durante muito tempo. Já o escaler regressava com mais gente, quase todos militares, e uma chalupa que tinha saído do cais também se aproximava, carregada unicamente de soldados. Finalmente o meu dono percebeu que havia uma aberta na reunião e avançou atrevidamente para o marinheiro.

– Desculpe interromper mas preciso de uma informação. Pode dizer-me se vem a bordo uma carga de tecidos em nome de Baltazar Van Dum?

O adjunto nem olhou para ele, respondeu só trazemos comida e militares. E voltou a discutir com o funcionário da Companhia.

Baltazar retirou, de cabeça baixa, a caminho da bodega, agora muito mais cheia, pois os que acabavam de chegar tinham de molhar as goelas por causa do calor de meio dia e da viagem tão longa, dois meses, até foi rápida, o *De Salamander* partiu antes de nós e pelos vistos ainda não chegou. O meu dono ouviu aquilo e pediu logo detalhes sobre o *De Salamander*, nome que pelos vistos lhe refazia as esperanças. De facto esse era um barco reservado às mercadorias civis, os viajantes tinham visto numerosos fardos serem carregados para os porões. Mais calmo, pois o *De Salamander* tinha que estar próximo, Baltazar voltou a se aproximar do major, que conversava com os mesmos oficiais que tinham desembarcado primeiro. O major bateu no ombro de Van Dum.

– O meu amigo Baltazar Van Dum. O capitão...

Um flamengo gordo e vermelho se pôs a gritar para o Pinheiro, mesmo atrás de mim, e perdi as apresentações. Não havia pressa, acabaria por conhecer os nomes dos chegados. Mas consegui ouvir o major dizer para o meu dono:

– No seguimento da nossa conversa de há pouco, houve mais uma revolta dos portugueses. Desta vez no Maranhão e com gravidade. São más notícias para o clima de distensão que desejamos.

– É péssimo, sim, isso é péssimo. Vão aumentar as desconfianças. Vai diminuir o comércio.

– Espere quando o Hans Molt souber – disse o major. – Agora é que vai ficar com a voz mais esganiçada.

– De facto tem uma voz... Parece a do meu filho Benvindo. Não me pareceu um aparte muito apropriado para a gravidade da conversa, difícil como todas as conversas sérias que se passam em tabernas ou locais onde muita gente grita ao mesmo tempo. Difícil sobretudo para mim, que me encostava o mais que podia ao meu dono, para não perder uma palavra. Esforço despropositado, se era para ouvir comentários sobre a horrenda voz do Benvindo, que me atormenta os ouvidos há muitos anos e tinha de ser mil vezes pior que a do director, por muito detestável que fosse a fanática criatura.

– Ainda há dias o Hans Molt clamava que estávamos a deixar os portugueses se aproximarem de mais... Sem papas na língua,

mesmo à frente do Nieulant, que autorizou os portugueses a virem montar o arraial aqui no Gango.

– Há conflitos entre os directores? – perguntou um dos oficiais.

– Não se pode falar de conflitos ainda – disse o major. – O segundo chegou só há um mês, ainda não tem tempo. Mas já deu para perceber que eles são muito diferentes e portanto vai sair trovoadas. A menos que o Nieulant faça como antes com o Moortamer, deixava o vento correr e quando tinha uma aberta pela sorrelfa fazia o contrário do que o outro queria. Quando ficou aqui sozinho dirigiu bastante bem os negócios, no estilo do conde Maurício de Nassau.

– Ah, esse é um homem – disse um dos recém-chegados. – Mas vai ser atacado na Holanda e sobretudo na Zelândia, por ter uma política demasiado tolerante em relação aos portugueses. Agora com esta revolta do Maranhão, os inimigos dele, e que são muitos, podem muito bem fazer-lhe a cama.

– Ainda bem que você pensa assim – disse o major. – Os grandes homens sempre despertam invejas. Até aqui ele tem inimigos. Mas também admiradores. Porque está correcto puxar os portugueses a conviverem connosco. Para isso não podemos dar ouvidos aos pregadores que querem pegar fogo a tudo que cheire a catolicismo. Aqui são os portugueses que têm a chave para o tráfico. E têm as mulheres que tanto apreciamos, por serem humildes e não cornearem os maridos. Seriam razões mais que suficientes para procurarmos um entendimento. Mas o Nieulant, inspirado pelo conde Maurício, incorreu nas fúrias sagradas ao abrir a cidade ao comércio dos portugueses e ao deixar que se instalassem perto da costa.

– A propósito de mulheres, no barco vieram algumas – disse o oficial admirador do Nassau. – Solteiras. Flamengas, uma francesa. Parece que se deram mal em Pernambuco e foram despachadas para cá.

– O que vêm cá fazer? – perguntou o major. – Querem transformar Luanda numa colónia penal, como faziam os portugueses?

– Ora, vêm animar os soldados. E procurar marido, é evidente. Mas uma já estava metida com um marinheiro a bordo, não sei se

aqui convencerá alguém a casar. As outras eram mais discretas, embora eu suspeite que têm uma profissão muito antiga e muito necessária quando há grande concentração de soldados.

– Os portugueses costumavam mandar órfãs – disse o meu dono.  
– Chamavam-se órfãs do rei, porque o rei é que as despachava e lhes dava um dote para o casamento. Chegavam cá, ficavam instaladas na Misericórdia ou em casas de particulares e os pretendentes iam fazendo a ronda para escolher. Rapidamente estavam todas casadas, porque tinham sido educadas para tratar bem das casas e das famílias.

– Estas não tinham aspecto nenhum de órfãs. E muito menos capazes de tratar de uma casa.

E todos riram. Mandaram vir mais bebidas, mas Baltazar disse tenho de ir e se despediu até logo à tarde na Dona Maria. Para mim foi um alívio, pois lá dentro era só empurrões e mau cheiro daqueles brancos todos suados com as fardas de tecido grosso e mais as correias que atravessavam o peito e as meias altas e as botas fedorentas. Para não falar das vezes que as malditas botas pisavam os meus pés descalços. Na rua era outra coisa, o ar corria fresco, embora Baltazar não achasse, e não havia a barulheira infernal de mais de cem homens a gritar para se fazerem ouvir. Vi de facto três mulheres louras no cais de desembarque, a olharem para todos os lados com ar desconsolado, vários sacos no chão, mas não metemos conversa, o meu dono estava agora com pressa. De quê não sei.

Mas não adiantava muito a pressa que levava, pois teria de parar logo a seguir. Na Rua Direita, depois da primeira curva, avistei o senhor João de Brito, amigo de Baltazar, que devia ter vindo do arraial e que começou logo a gritar Baltazar, oh meu caro Baltazar. Se cumprimentaram muito amistosamente e o outro puxou o meu dono para a sombra de uma mulemba centenária. O senhor João de Brito era um bocado escuro, embora português de gema, como ele costumava dizer. Alguns tratavam-no de cigano, mas ele só negava, não se ofendia. Era alto e magro, com um grande bigode revirado para baixo. Agora estava com melhor aspecto do que quando fomos obrigados a recuar de Luanda, provavelmente comia melhor.

– Vim ver como está a minha casa. Autorizaram-me a comprar açúcar, a troco de prata, e vou levar para o arraial. Mas quero é ter informações para levar ao governador. O homem não pára, sempre a arquitectar planos. Que novidades há?

– Já sabem da revolta de S. Tomé? – o outro assentiu com a cabeça. – Pois hoje chegou um barco de Pernambuco com a notícia de uma revolta do Maranhão. Parece que mataram muitos holandeses.

O senhor João de Brito esfregou as mãos de contente. O meu dono ia dizer não é caso para estar satisfeito, eu até fiquei muito preocupado, mas calou por instinto. E o outro contou logo, muito ufano:

– Isto está por pouco tempo, vai ver. O governador foi um génio ao pedir autorização para nos estabelecermos no Gango. Vamos fortificar aquilo e tomamos conta da barra do Bengo. Não é um bom porto, mas serve. E o governador, logo que mudámos para lá, escreveu ao rei com um plano. Mandam um reforço de soldados e munições, que desembarca directamente no Bengo, e tomamos conta do sertão todo à volta de Luanda, com um porto. Fazemos por enquanto negócio com os mafulos, o que nos interessar apenas, mas depois paramos. Eles ficam cercados em Luanda e sem comércio. Acabam por ir embora, desanimados. Se entretanto os reforços forem importantes, até podemos atirá-los ao mar, para irem mais depressa.

– Mas se vêm reforços, isso é um acto de guerra.

– Não, senhor. Temos o direito. Como nos vamos defender dos negros que nos atacam se não temos soldados e munições? Os mafulos não podem dizer nada. Talvez protestem um pouco, mas não podem impedir-nos de substituir os soldados mortos. Se até já nos venderam um pouco de pólvora...

O meu dono fez uma cara de grande admiração, mas não disse nada. Era bem possível que os mafulos vendessem pólvora e mesmo armas. Já não eram inimigos, tinham um acordo de paz. Embora disputassem o mesmo território. Os holandeses pouco se interessavam pelo interior, queriam era dominar a costa. Por isso não iam aceitar de bom grado que os portugueses montassem um porto

no Bengo, este plano ia dar bronca, pensou Baltazar. Eu lia esses pensamentos na cara dele. Mas o senhor Brito estava entusiasmado. Fora um dos críticos de Pedro César de Menezes na ocasião do recuo, alinhando com António Abreu de Miranda, embora não declaradamente, mas agora se convertera, pelos vistos.

– O governador já mandou vir tropas de Massangano. E a guerra preta se aproximar do Bengo. Logo que cheguem os reforços do Brasil ou de Portugal, começamos as operações. Vai ver como os hereges voltam rápido para a terra deles.

O senhor João de Brito segurou na manga da camisa do meu dono, um sorriso nos olhos. Segredou:

– Olhe, quem vem também a Luanda é o licenciado Guerreiro. Para nova ronda negocial. Vamos a ver o que ele consegue desta vez, ele consegue sempre qualquer coisa, além de adormecer os holandeses, que é o que mais interessa pelo momento. Revelou-se um brilhante embaixador, não acha, Van Dum?

O meu dono concordou. Costumava dizer que o Guerreiro, como padre, tinha aprendido a convencer as pessoas de pecados inexistentes, por isso lhe era fácil convencer os holandeses de que só a paz interessava. Enquanto preparavam afinal a guerra. Políticas... Depois o Brito disse que a casa dele estava uma lástima, de portas e janelas arrombadas e sem nenhum recheio, tudo fora roubado ou com certeza servira para alimentar fogueiras, que aliás toda a cidade estava uma desgraça, perdida a animação anterior, parecia mais um quartel em decadência. O meu dono só podia concordar, passava a vida a queixar-se do mesmo. Mas estava mais preocupado com as notícias que ouvira e por isso se despediu um pouco bruscamente. O senhor Brito continuou para o porto, também ele queria ter mais detalhes sobre o que se passara no Maranhão, o que evidente mente desconseguiria, pois nenhum mafulo tinha nele a confiança que poderia ter no meu dono. Mas a curiosidade leva as pessoas a se cansarem inutilmente. Eu que o diga, pois ainda me dóia o corpo de tantos apertões por que passei na taberna só para tentar apanhar a conversa de Baltazar com os patrícios dele.

O meu dono regressou a casa bem mais devagar que na ida. E não cortou a direito, pois para subir as barrocas tinha de se

aproveitar os caminhos de kimbundo, muito sinuosos entre os sulcos cavados pela água das chuvas e as moitas de cactos. Quando chovia com força, as águas arrastavam quantidades enormes de lama vermelha para a Baixa, a qual ficava num atoleiro. Já havia normalmente bastante chiqueiro nas ruas, pois o lixo era apenas atirado para fora das casas. Com a lama então as coisas pioravam. Mas, contrariamente à opinião expressa pelo senhor Brito, eu achava que os mafulos tinham feito qualquer coisa pela cidade, pois de vez em quando punham uns escravos a varrer o lixo das ruas e a acumulá-lo num buraco das barrocas, o que nunca tinha sido feito antes. Em todo o caso, por uns dias Luanda cheirava menos mal.

Mal se apanhou na mesa para o almoço, Baltazar avançou logo contar as suas preocupações. Os filhos deviam saber a situação, já não eram nenhuma criança. Falou da revolta do Maranhão e como isso podia trazer mais rancores e falou da carta que o governador teria escrito ao rei, apresentando o plano secreto que até o Brito conhecia.

– Demonstra que não estão de boa fé. Nem um lado nem o outro. Então assinam uma trégua, se aproximam da cidade e logo pedem reforços para sufocar a cidade?

– Que vai fazer, pai? – perguntou Ambrósio.

– Eu? Mas tenho de fazer alguma coisa?

– Se o Brito contar a mais alguém esse plano, e disser que lhe contou a si, e se os mafulos vierem a saber, bem, os directores vão pensar que o pai lhes escondeu informações importantes... Daí a dizerem que está do lado dos portugueses é só um pequeno passo.

Era raro haver tal silêncio àquela mesa. Nem mesmo Benvindo ou Matilde, os mais assanhados para animarem uma conversa, desta vez se manifestaram. Durou muito tempo o silêncio. Só então ouvi a voz do meu dono:

– Talvez tenhas razão, Ambrósio, talvez tenhas razão. Já uma vez me queriam acusar de estar conluiado com os portugueses. É uma chatice isto de ter amigos de um lado e do outro. Amigos que nunca mais fazem as pazes a sério.

E mais não disse. E depois do almoço foi tentar a sesta na rede da varanda, mas bem vi que conseguia dormir. Andou mais tarde

pelo quintal, falando com o Nicolau e o Rodrigo, a passar tempo. Até que a hora chegou e fomos deabalada para a bodega de Dona Maria, onde encontrou o seu grupo e passou horas a jogar, embora muito distraído no jogo e nas conversas. Eu é que notei diferença nas conversas de taberna, pois só se falava da revolta do Maranhão, mais uma, e era opinião geral que não se podiam fiar nos portugueses. Um mafulo mais truculento, no meio de uma discussão, bateu com a caneca na mesa e aos gritos disse, estou farto de contar o que aprendi com os espanhóis, se querem ouvir calem-se, pois os espanhóis dizem que os portugueses nasceram do peido de um judeu, está tudo dito, não se pode confiar em quem nasce dum peido e dum judeu ainda por cima. Uns riam e apoiavam, outros estavam mais calados a beber, mas ninguém contestava. Muito menos o meu dono, protegido por trás das cartas, mais silencioso que nunca.

Quando mijavam contra as árvores, antes de se despedirem, como faziam todas as noites, o meu dono disse para o major se lhe podia dar uma palavrinha. Se afastaram dos outros uns passos e Baltazar contou o que ouvira do Brito. E acrescentou:

– Digo isto, pois sei que o major usará com a maior discrição. Não me parece invenção do Brito, deve ser mesmo verdade. Mas, por favor, não lhe façam nada, o major pode esquecer imediatamente o nome dele, senão os portugueses vão perceber que eu o denunciei. Além do mais, o Brito é meu amigo. E o meu objectivo não é fazer mal a alguém, é apenas alertar o major que talvez as intenções do governador não sejam as melhores.

– Isso apenas confirma o que a revolta de S. Tomé e a do Maranhão anunciam. Que os portugueses só querem tréguas para ganhar tempo e se reforçarem. O plano deles continua a ser recuperar o Brasil inteiro e recuperarem Angola. Meu caro Van Dum, lá se vai a política de boa vizinhança e até de colaboração que os dois preferíamos. Mais uma vez é ou nós ou eles. Pois seja!

O meu dono ficou a ver o major no seu passo pesado se afastar na escuridão. E voltámos preocupados para casa. O clima estava decididamente mau para os negócios. Ainda por cima, não andámos cem metros e caiu-nos em cima uma tremenda carga de água. Não

foi fácil chegarmos à sanzala, pois a chuva batia com tanta força que escorregávamos constantemente na lama que imediatamente se formou. Eu que sou magro ainda me equilibrava mais ou menos. Agora o meu dono, cada vez mais redondo, deve ter andado mais pelo chão que em pé. Nessa noite não tive medo de leões nem dos espíritos do Kinaxixi, queria era fugir da chuva. Chuva que em Maio era quase um prodígio, pois ia começar a estação do cacimbo. Talvez Matilde descubra no facto algum sinal do além, adivinhe o que vai vir, as forças da natureza estão sempre a falar para nós, pobres ignorantes que não as entendemos.

Quem não entendia mesmo nada do que passava era o licenciado Guerreiro que no dia seguinte apareceu na sanzala, com a sua comitiva de escravos, a caminho do arraial. Tinha chegado na véspera a Luanda para negociar alguns termos de um acordo de comércio e tentar algumas concessões suplementares, dada a aparente boa vontade das autoridades holandesas nos encontros anteriores, mas regressava imediatamente, com um rotundo fracasso, como explicou ao meu dono. Nem tinha comido nada, a tentar falar com um dos directores ou um funcionário superior, pois ninguém o quis receber, as caras estavam fechadas, os mafulos mostravam rancores injustificados. O licenciado, que também era padre, trajava neste dia à civil. Era muito nervoso e dava passinhos miúdos de um lado para o outro, dizendo, o meu amigo é que os conhece, são totalmente imprevisíveis, um dia estão bem no outro parecem fel.

– De facto o director Nieulant está com as febres – disse o meu dono. – Pode ser uma razão, mas o Hans Molt está de boa saúde e o Croesen também.

Baltazar mandou Catarina servir o resto do almoço que tinham acabado de comer, pois o meu dono já estava na rede da varanda quando o grupo chegou. Pediu muita desculpa por serem restos, mas a visita era de surpresa, o que recebeu muitos protestos de claro, meu amigo, claro, a culpa é minha que apareci a más horas. Foi para a mesa fazer companhia ao licenciado. E explicou:

– Certamente sabe das revoltas de S. Tomé e do Maranhão. Os holandeses estão furiosos e desconfiadíssimos, temem que vocês

façam o mesmo.

– Sim, soube hoje sobre a do Maranhão, a de S. Tomé já foi há tempos. Mas que temos nós a ver?

– Ora, é compreensível. Revoltam-se em todo o lado, por que não aqui? Ponha-se no lugar dos holandeses. Não desconfiaria do mesmo?

– Visto por esse ângulo...

Ambrósio estava com tanta curiosidade como eu. Tentou entrar na sala de jantar para ouvir a conversa. Mas o pai enxotou-o sem cerimónias, estamos numa conversa particular, e ele voltou para a varanda, olhando com inveja para mim. Lhe fiz sinal para se sentar ao meu lado, contra a parede, mesmo por baixo da janela. Ele sorriu com gratidão, sentou, escutou.

Gosto do Ambrósio, o mais inteligente dos Van Dum, sempre a ler os papéis a que tem acesso. Estudava no Colégio dos Jesuítas, antes de os mafulos invadirem a cidade e obrigarem os padres a fugirem connosco. Agora Ambrósio se aproveitava do que aprendera e estava sempre com livros na mão. E não eram só os livros da religião que ele queria servir. Mas não via o Ambrósio como padre. Baltazar não se importava, a mãe gostava. Mas não me parecia que ele estivesse realmente interessado, seria mais para permanecer em contacto com os livros, tão raros em Luanda. Na casa grande só havia dois, uma Bíblia e um livro em flamengo com muitas ilustrações e que Baltazar tinha trazido da casa dos pais, em Bruges. Todos os outros tinha sido Ambrósio que arranjava, mas não eram dele, eram emprestados ou recuperados. Ele chamava recuperados aos que conseguia retirar das casas abandonadas pelos portugueses, pois alguns livros foram deixados no chão depois do saque. Os donos não os levaram na fuga, eram peso inútil, e os flamengos também não os quiseram quando saquearam as casas, os livros podiam ser vendidos mas eram demasiado pesados para o pouco valor que tinham e ainda por cima eram em português ou castelhano. Muitos soldados utilizavam as folhas para acender o fogo, era a melhor utilidade que lhes encontravam. Eu achava simpático esse amor que Ambrósio tinha pelos livros, como se acha simpático um louco inofensivo. Mas mais complicada era a mania de ser padre, pois ele gostava demais de

tabernas e raparigas. Baltazar já tinha notado a queda do filho pelas tabernas, pois o apanhava de vez em quando numa ou na outra bodega. Já tinha vinte anos, mas o pai tentava controlar, convencido que o vinho não era muito apropriado aos estudos. Estudos que, no entanto, Baltazar considerava terminados de vez, a menos que Ambrósio fosse para a missão dos Jesuítas no Bengo. Hipótese que o filho recusou, de Luanda só sairia para ir para Lisboa ou Amesterdão. Como não havia dinheiro para isso, ia tentando esquecer a tristeza mergulhando nos livros e nas tabernas, por vezes no colo de alguma negra.

– Olhe, se quer que lhe diga, estou muito preocupado – disse Baltazar ao licenciado. – Os holandeses parecem arrependidos de terem autorizado a criação do arraial do Gango. Pelo menos o Hans Molt está a fazer campanha contra o facto de vocês estarem tão perto de Luanda e do mar. Diz que estão a preparar alguma... Era bom se prevenirem, serem muito prudentes. Estou a dizer isto pela muita amizade que vos tenho.

– Sei e todos sabemos que o senhor Van Dum é um amigo. Não foi por acaso que aqui passei para o cumprimentar antes de enfrentar essas horas de marcha pelo mato. Mas acha que eles podem voltar com a palavra atrás, mandar recuar o arraial de novo para Massangano?

– Ou pior, ou pior.

O licenciado não falou. Acabou de comer em silêncio. Saíram para a varanda e notei o ar preocupado do visitante. Se despediram e o meu dono disse, avise o governador deste meu conselho, o que não deixarei de fazer logo quando chegar, esteja descansado, amigo Van Dum. Os escravos tinham ficado à sombra de uma mangueira e ninguém notou que não comeram, só eu. E eles próprios, claro. O licenciado Guerreiro entrou na machila, como convém a um embaixador, pois os balanços dos passos dos carregadores ajudam a digestão. Mas certamente que desta vez o licenciado não adormeceu, mesmo embalado pelos suaves solavancos, ia demasiado preocupado, li na cara dele.

E tinha toda a razão de se preocupar, pois nesse preciso momento saía da cidade um destacamento militar chefiado pelo secretário

Croesen, todo orgulhoso no seu cavalo castanho e branco. Mas o destacamento partiu do Morro, passando pelo Convento dos Franciscanos, e a tipóia do licenciado ia à frente. Guerreiro nem se apercebeu da marcha mais lenta que o seguia. Nós também não nos apercebemos da saída do destacamento, pois este seguiu a direito e só mais tarde flectiu para norte, passando pois longe da sanzala. Mas não foi difícil reconstituir o que passou e que provavelmente estava anunciado na chuvada anormal de Maio, eu é que não sei ler os sinais dos espíritos, e Matilde estava demasiado entretida com o oficial francês para notar a anormalidade da chuva, não deu aquele grito de aviso, embora Baltazar, sem ser versado nas coisas espirituais, tenha muito oportunamente avisado o licenciado Guerreiro de que coisas terríveis se podiam passar, o governador que se pusesse a pau, só que este, do alto da sua arrogância ou da sua ignorância ou do seu idealismo, vá lá saber-se, as versões são tão contraditórias, logo despachou o licenciado para a cubata, vá dormir que o nosso amigo Van Dum está a exagerar, os flamengos querem que fiquemos aqui perto para ver se apanham os escravos que fomos buscar ao mato, não lhes interessa outra coisa, e não mando reforçar guarda nenhuma, duas sentinelas chegam para nos prevenir dos leões, os quais também não ousam experimentar o aço imbatível das armas portuguesas, todos sabem como elas mordem, mas o licenciado não pregou olho e a meio da noite foi acordar o sargento-mor António Bruto, lhe contou dos seus receios e pedindo que mandasse reforçar a guarda mesmo sem o governador saber, o que não seria grande indisciplina e perfeitamente compreensível por Deus, tendo conseguido convencer o sargento-mor, cheio de sono pois também caminhara muito na véspera, de modo que apesar de todos os avisos, os portugueses dormiam confiadamente, mesmo as sentinelas, quando os mafulos se aproximaram ainda noite cerrada e ao primeiro cantar do galo daquele dia de domingo, 17 de Maio, investiram pelo arraial, disparando para as cubatas, matando umas dezenas, entre os quais o incauto sargento-mor, e prendendo o governador, os padres, as mulheres e as crianças, correndo de um lado para o outro à procura dos tesouros, sem encontrarem tesouros propriamente ditos, pois se sabia que os

Jesuítas há muito tinham enterrado os seus, as pratas das igrejas também estavam camufladas e o governador tinha feito outro tanto às suas riquezas, provavelmente em Massangano, pois com ele só tinha duas caixas misteriosas e vinte e oito potes de moedas que o Croesen apanhou, por ter sido o primeiro a entrar na casa do Pedro César que para isso tinha vindo várias vezes negociar as tréguas com o governador, mas os soldados flamengos se encheram de jóias e ouros e pratas que os portugueses usavam sobre si, naquele hábito sujo de hereges amantes da luxúria, como diziam os *predikant*, e essas jóias muito satisfizeram os soldados mafulos, que não os responsáveis à cata de tesouros, segundo opinião do major Gerrit ao contar os acontecimentos ao meu dono, dois dias depois, quando a longa fila dos prisioneiros e dos soldados flamengos desfilou perto da bodega de Dona Maria, entrando para a cidade alta, onde iam ficar detidos, o governador com eles, até serem dez dias depois todos despachados num barco sem piloto para o Brasil, cerca de duzentas pessoas com pouca comida e água, uma desumanidade, diria na altura o meu dono, contristado por tanta gente amiga ser atirada assim contra a fúria das ondas, alguns chegando a morrer em combates por um punhado de farinha de mandioca, como se soube muito mais tarde, mas estou a antecipar acontecimentos pois na altura em que os prisioneiros passavam à nossa frente, arrastando os pés e as misérias, não sabíamos sequer que só o governador iria ficar em Luanda, prisioneiro na casa onde habitava o major Gerrit e que fora antes a sua, o mesmo major que segredava para o meu dono isto é uma infâmia, não se faz nem a inimigos, foi o Croesen que manipulou tudo, autorizado pelo fanático do Hans Molt e pela besta do major Andries, o nosso brilhante comandante que declarou ser necessária uma expedição punitiva contra um soba dos Dembos que tinha insultado o nosso aliado rei do Kongo e logo nomeou o Croesen para a comandar, sabendo perfeitamente que o destino era outro, a prata de Pedro César de Menezes e dos padres, confidência esta que podia ter feito Baltazar aproveitar o momento para saber algo que lhe roía a alma, se a sua informação ao major sobre a célebre carta do governador ao rei de Portugal tinha pesado na decisão do ataque, mas deixou passar a

oportunidade, ou por considerar uma falta de respeito pelo outro ou por ter medo de arcar com o remorso.

Senti a pena de Baltazar a ver muitos amigos se arrastando e amparando as famílias naquele penoso regresso à cidade de onde tinham fugido. O governador vinha cabisbaixo, talvez a se recriminar por não ter ouvido os conselhos do meu dono, os quais provavelmente já não teriam servido para nada, dada a rapidez e competência com que foi executada a operação de surpresa. Ao ouvir os vivas e as gargalhadas que os flamengos disparavam à frente da bodega, Pedro César de Menezes levantou a cabeça e olhou de frente para os inimigos. Notou o meu dono, que não batia palmas nem sorria e estava pesarosamente com o chapéu na mão e lhe fez discreto aceno de cabeça. O major Gerrit também não participava da barulheira animada dos seus compatriotas e até ajudou a se endireitar uma senhora que entretanto escorregara. Pedro César era de porte médio e muito direito, cheio de empáfia de fidalgo, mas as feições tinham envelhecido desde que o vira pela última vez e estava bastante mais magro. Os olhos brilhavam, não sei se de raiva se de loucura, mas pareciam os do *predikant* e de Hans Molt, todos brilhavam com o mesmo fulgor, como eu vira por vezes brilhar os de Jinga, meu rei e senhor. Manteve o porte altivo ao passar à nossa frente, depois não sei, pois me distraí a ver as filas de homens, mulheres e crianças que conhecia, todos desesperados sem saber o que lhes aconteceria naquela cidade que tinham abandonado para fugir aos hereges que agora eram os donos dos seus destinos. Um dos últimos a passar era o senhor João de Brito e recordei o encontro que tivemos uns dias antes. Nessa altura ele estava cheio de ardor, pronto a atirar os mafulos para a baía. Vinha agora a arrastar os pés.

Atrás dos portugueses passaram os escravos, carregando as mercadorias e bens espoliados. Os flamengos tinham apanhado poucos escravos, claro, não é difícil imaginar, os da minha condição escaparam para o mato aos primeiros tiros, a esta hora estão a chegar às terras de Jinga, onde encontrarão protecção. A Jinga poderá mais tarde vendê-los aos holandeses, ideia que pressenti no cenho cerrado do meu dono, como se um relâmpago atravessasse o

céu. Baltazar pensou, não tivesse eu já enganado a rainha, agora o Nicolau bem podia ir lá comprar os escravos ao preço da chuva, pois ela continua a querer agradar aos holandeses. E até talvez o Nicolau possa tentar, como vai ela saber que é meu filho? E será que ainda se lembra do sucedido ou terá isso tido alguma importância para ela? E saberá mesmo que daquela vez a enganei? O mais certo é nem saber. Vale a pena arriscar? E venderia ela escravos do seu próprio povo, ou apenas prisioneiros de guerra pertencentes a outros povos? Estes interesses novos distraíram o meu dono da tristeza que tinha sentido ao ver os amigos aprisionados. No fundo, estavam todos ali para o mesmo e por isso os escravos haveriam de ser sempre o centro de interesse principal, tivessem sido ou não pertença de amigos. Curiosamente eu não ficava nada envaidecido por esse interesse, dispensava-o até. Mas não se trata de mim aqui e sim do ataque flamengo ao Gango.

E mal se soube em Massangano do desastre do Gango, logo dois candidatos apareceram ao cargo de governador. Eu sei, estou a antecipar, mas fomos informados desta estória uns dias depois e não me parece grande mal passar já para este assunto. Mesmo depois do ataque dos mafulos ao arraial se mantiveram as ligações, ninguém as proibiu claramente, e em Massangano vivia um flamengo que até já usava nome português, Jacinto da Câmara, o qual tinha negócios com Baltazar. Com os negócios vinham as notícias e daí chegou também esta. O comandante do presídio de Massangano encheu o peito, mal soube da prisão do Pedro César. Quem tinha a força tinha o poder e ele comandava a partir de então a principal guarnição da colónia. Mas outro morador antigo e também capitão logo contestou a usurpação. Se o bispo fosse vivo, tudo seria fácil, o bispo era a segunda figura, asseguraria um governo de transição. Mas o santo bispo Francisco de Soveral tinha sido consumido pelas febres e pela tristeza de ver Angola em riscos de se tornar calvinista. Não havia bispo nem esperanças de aparecer um tão cedo. Assim, foram os principais moradores e a Câmara de Massangano que resolveram a questão com a eleição de um novo governador. E quem foi eleito? Nem um nem outro dos candidatos, mas sim António Abreu de Miranda, capitão das milícias e tendo

desempenhado os mais altos cargos militares, quando tinha idade para isso, o mesmo que tanto criticara o governador pela fuga precipitada de Luanda. Não sei, ninguém falou, mas suspeito que o jovem soldado e tomador de notas António de Oliveira Cadornega tenha ficado preocupado, pois chegara a quase desafiar o Miranda para um duelo. Mas nunca me constou que o novo governador tenha aproveitado o posto para se vingar. Provavelmente as pazes que fizeram no Bengo foram sinceras, pois também sei que por altura do ataque ao Gango, Cadornega participava numa expedição punitiva, comandada pelo próprio Miranda, contra um soba sublevado, expedição que abortou por terem sido chamados de urgência a Massangano, para o capitão tomar posse do cargo de governador interino, enquanto o rei não mandava outro ou o Pedro César não fosse libertado. As notícias no entanto diziam que esta hipótese aparecia muito remota em Massangano e que quase todos a rejeitavam, pois não queriam o antigo governador. Que os mafulos dele fizessem o que muito bem entendessem, logo que não o enviassem para Massangano. Particularmente hostis eram os soldados, pois a primeira medida tomada por António Abreu de Miranda foi pagar à tropa o soldo atrasado de três anos. Quando ele reuniu os militares e lhes disse que ia pagar todos os atrasados de uma vez, foi uma explosão de alegria, mas ao mesmo tempo uma violentíssima reacção de ofensa à memória do governador prisioneiro, pois se não tinham sido pagos esse tempo todo é porque ele não queria desembolsar o dinheiro, que até existia. Não sei como o Miranda fez, até pode ter pago do seu bolso só para ferir o bom nome de Pedro César. O certo é que pagou. Baltazar só comentou com os filhos, parece que de facto o governador Menezes não é muito bom de contas, embora seja uma excelente pessoa, ao que replicou o filósofo da família, o Ambrósio, ninguém é perfeito, pai, há quem tenha as unhas muito compridas.

O meu dono temia que o ataque ao Gango tivesse impedido todo o relacionamento entre as duas partes e complicasse ainda mais a ligação com o interior. Mas essa não era a intenção da Companhia, lhe disse o próprio Hans Molt, dias depois, numa reunião para que convocou os comerciantes flamengos. O director, na ausência do

Nieulant, atacado pelas sezões, insistiu que deviam lançar todas as pontes para comerciar com os portugueses e com os reinos do interior, que ele era novo ali, mas vinha cheio de vontade e queria conhecer todas as dificuldades para ajudar no que pudesse. O que ele foi dizer. Começou o choradinho das dificuldades, as críticas ao monopólio e à burocracia da Companhia, à falta de confiança na iniciativa privada, às barreiras alfandegárias, à confusão com os dinheiros, uma série de coisas que não percebo, e mais o meu dono a dizer que tinha uma caravana à espera de ir resgatar escravos, pois não chegava o barco com os tecidos, e no Recife eram sempre preteridos os interesses dos particulares a favor dos interesses menos importantes da Companhia, etc., etc. Alguém também expressou a opinião de que não era com acções como a do Gango que se ia implementar o comércio com os portugueses e o director explicou as razões do ataque, que, segundo ele, era por os portugueses estarem a tentar aliciar os soldados franceses, os quais eram numerosos no campo dos flamengos, a se passarem para o campo deles, com o evidente objectivo de nos fazerem depois a guerra. Era uma razão nova que muito espantou o meu dono, pois todos os dias se encontrava com o capitão Savigny e nunca esse assunto tinha sido referido, mas não se podia contestar de ânimo leve, há sempre manobras rasteiras e tinha regressado à cidade o senhor Domingos Fernandes de Pinda, que todos sabiam ser um agente do governador Pedro César, mesmo antes da conquista holandesa. O director falou também das revoltas no Maranhão e em S. Tomé e outros indícios que apontavam para uma conspiração em grande, como a chamada de soldados portugueses para o arraial do Bengo. Antes que eles atacassem, atacámos nós, a melhor defesa sempre foi o ataque de surpresa, mas agora queremos criar um bom relacionamento, na base da confiança, e o comércio vai conseguir isso que parece hoje tão difícil. E os senhores têm uma responsabilidade acrescida no trabalho pelo fortalecimento do comércio, para o que invoco o vosso patriotismo.

Baltazar saiu do antigo Colégio dos Jesuítas pouco convencido dos futuros resultados, mas certamente aliviado, ao menos despejara o saco, não foi para isso que o Hans Molt me convocou? O meu dono

comentou depois para as nuvens, íamos nós a caminho da bodega, só duas vezes entrei naquele Colégio. A primeira pensando que dali saía sem cabeça (e até me mijei, devia ter acrescentado, mas nem sempre o meu dono era sincero). Da segunda até me permiti atirar todas as verdades para o focinho daquele imundo rafeiro. Estamos a melhorar. Houve também uma frase que irritou Baltazar, pois disparou ainda para as nuvens, então o sacana apela ao meu patriotismo, mas patriotismo de que Pátria, a minha não é a mesma dele, eu sou flamengo do sul, e se está a pensar na língua, deixe de tretas, a língua não é tudo e sobretudo não faz negócios, se até irmãos se matam quando os negócios se metem pelo meio.

Os amigos estavam no sítio habitual e Baltazar teve de relatar a reunião com o director, o que interessou moderadamente o major mas pouco os outros, estavam mais preocupados em comentar o escândalo que corria nas fortalezas e nas casas senhoriais da cidade alta. Pois então não sabe o meu amigo que as duas caixas, ou melhor, as duas arcas que o Croesen apanhou na casa do governador, no arraial do Gango, desapareceram por artes mágicas?

– O quê? – se admirou o meu dono. – Mas como é possível, capitão Van Dort?

– Isso mesmo nos perguntamos – disse Van Dort. – Todos nós nos perguntamos. E sobretudo o Hans Molt se pergunta, cheio de raiva. Pois muitos viram as arcas serem arrastadas pelo Croesen para fora da casa, serem carregadas em dorsos de mulas e virem para Luanda, com o secretário dos directores sempre ao lado. Entraram na cidade, disso há certeza, mas depois as arcas sumiram, ninguém sabe delas e o Croesen não consegue explicar para onde foram. O curioso é que foram apanhados vinte e oito potes de moedas também, mas estes potes foram metidos numa chalupa e chegaram a Luanda. O próprio Croesen os distribuiu, uns tantos para os directores, uns tantos para ele e o resto a ser distribuído pelos oficiais que participaram na operação. Agora as arcas do governador não, essas vieram em mulas e sumiram aqui.

– E se fossem de outra pessoa talvez a coisa passasse – disse o major. – Mas eram do governador. E ele embora esteja prisioneiro, tem um estatuto especial. Não está de facto preso, lá em casa anda

de um lado para o outro, embora tenha aposentos próprios, que eram aliás os dele quando governava Luanda. Eu estou num quarto em baixo e o major Andries está noutra também em baixo. Toda a parte de cima da casa é para o governador. E come e bebe do melhor. E pode receber visitas. A propósito, ele pede que o amigo Van Dum o visite.

– Aparecerei um dia destes. Se não houver inconveniente.

– Nenhum inconveniente. Se preferir, o amigo vai visitar-me. E então conversa com ele. É um detido especial, apenas não pode sair de casa. Quer dizer, ele tem um estatuto em que pode reclamar a devolução das arcas. E foi o que primeiro fez. O Hans Molt foi visitá-lo e ele exigiu que lhe restituíssem as arcas, sem querer dizer o que continham, dando a entender que seriam roupas, mas todos sabemos e ele a mim mais tarde não negou. Prata e jóias.

– E o que disse o Hans Molt? – perguntou Baltazar.

– Ficou mesmo enfiado. Que ia ver o que se podia fazer, as arcas tinham sido confiscadas pela Companhia como espólio de guerra. Uma asneira dizer aquilo, pois o Menezes, que não é nada parvo, disse logo, mas nós estamos em guerra? E o fanático do Hans Molt gaguejou, não respondeu, voltou a dizer vou ver o que se pode fazer e foi então que se descobriu que ninguém sabia das arcas. Está a decorrer um inquérito. Entretanto o Menezes insiste, pois o Hans Molt disse que as arcas foram confiscadas pela Companhia. Como podem as coisas desaparecer do armazém da Companhia? Cheio de razão, o governador. E o director sem argumentos.

– O primeiro e único suspeito é o Croesen – disse Savigny. – Agora, se não quiserem ir a fundo na investigação...

– Esteja descansado que vamos – disse o major. – Prometi ao Menezes que íamos esclarecer o assunto. E encostei o Andries à parede, pois ele autorizou a operação e deu o destacamento ao Croesen, que não tem cargo militar oficial, pelo menos neste momento. Eu disse ao Andries que ele tinha todo o interesse em lavar o nome do nosso exército, pois é o seu comandante. E este caso pode chegar à Holanda, pois o governador pode informar o embaixador português em Haia. O príncipe de Orange não gosta de saber que as suas tropas se fazem passar por um bando de ladrões.

O Andries engoliu em seco, jurou que tínhamos de apanhar o culpado, de restituir as arcas. Prometeu isso ao Menezes na minha frente. E se começarem a esquecer o caso, eu recordarei a todo o momento, estejam descansados.

– Mas pode não ser o secretário Croesen – disse o meu dono.

– Foi de certeza – disse Van Dort. – Há dezenas de soldados que podem testemunhar que ele não largava as arcas, sempre à volta delas durante a viagem. Ia esquecê-las à chegada? Desviou-as para algum lado e com a cumplicidade de alguém. Todos sabemos que é muito amigo do capitão Gilbert, que ele impôs como oficial na expedição. Os dois sabem onde elas estão.

– Temos de reconhecer que foram hábeis – disse Savigny. – Devem ter aproveitado a total falta de iluminação da cidade para desviar as mulas, já na cidade alta. A tropa não foi logo para a fortaleza do Morro, não sei se vocês se lembram. Ficou tudo parado no largo à frente da casa dos directores, o Croesen foi fazer o relatório ao Hans Molt, um grupo foi levar os prisioneiros para as casas onde ficaram detidos, passou tempo, escureceu, só então debandaram. Entretanto, no escuro, o Croesen ou o meu compatriota Gilbert pegou nas rédeas das duas mulas e ala. Na paisagem! Até aposto que calcularam o ritmo da marcha de modo a chegarem a Luanda já perto do escurecer, para tudo ser mais fácil.

– Que vai acontecer ao Croesen? – perguntou Baltazar.

– Depende da vontade do Hans Molt, pois o Nieulant já não risca, está cada vez pior – disse o major. – E das pressões que se fizerem. Minhas, do Andries, de outros oficiais interessados em não ficarem de nome sujo por causa da sacanice de uns tantos. Basta que um tipo declare que viu o Croesen levar as mulas... ou o Gilbert. O resto depois é simples.

– O difícil é encontrar alguém que declare ter visto levarem as mulas – disse Savigny.

– Porque ter andado sempre ao lado delas no caminho não é crime, até pode ser considerado preocupação com os interesses da Companhia.

Nesses dias a seguir ao ataque ao arraial, havia uma agitação febril na cidade. Os soldados que tinham participado na operação, e

praticamente foram todos os que estavam de boa saúde, pois uma parte importante jazia, como o director Nieulant, prostrada pelas febres, alimentavam os negócios com as sobras do saque. O vinho chegava a ser pago nas bodegas com objectos capturados. Dona Maria confessou a Baltazar que lhe custava por vezes aceitar os termos da troca, pois reconhecia os objectos, conhecia os donos, mas tinha de concordar, que remédio, negócio era negócio. Baltazar sugeriu, acaba por fazer uma boa troca, Dona Maria, pois os objectos valem sempre mais que o vinho, não é verdade? Ela sorriu, baixando os olhos, que remédio tenho eu, então que não perca dinheiro, pelo menos. Pela cidade, nas esquinas das ruas, se viam estranhas transacções de tecidos, botas, pratos, armas, jóias, marfim, mel, panelas e as coisas mais incríveis.

Tinham também aumentado as rixas e os combates singulares, pois o afluxo de bens novos provocava sempre ambições e invejas. As ruas se tornavam ainda menos seguras, povoadas de soldados bêbados e sempre prontos a desembainhar uma espada. Até que o major Andries apareceu morto, apunhalado à noite num descampado perto da bodega do Pinheiro. Tinha saído de casa ao fim da tarde e ficara a beber e a conversar. Alguém se lembrava de o ter visto sair da taberna e ninguém sabia de mais nada. O major Gerrit substituiu-o provisoriamente como capitão-mor das tropas holandesas e procedeu às investigações. Ninguém tinha visto nada. Os golpes foram desferidos por mão treinada, pois bastaram dois. Talvez o finado tenha ido mijar, mas não o anunciou, que no momento estava sozinho na bodega, ele não era de muitas companhias. Talvez um dia se saiba qual foi o motivo, se o roubo, alguma vingança, ou qualquer outra causa. O mais provável é nunca se descobrir.

O certo é que o major Gerrit ascendeu ao posto que há muito ambicionava, o que o tornava um suspeito, se não estivesse naquela mesma hora ainda a jogar com os amigos na bodega de Dona Maria, muito distante dali. Alguém ainda segredou a hipótese de ter mandado matar. A alma humana é muito retorcida, tudo é possível. Mas custa a acreditar. Claro que também houve quem sugerisse andar por ali a mão de algum português, como vingança pela

derrota do Bengo. De qualquer modo, o major ficou sozinho naquela casa enorme, apenas acompanhado pelo seu prisioneiro, Pedro César de Menezes. E os escravos, claro, mas esses não contam, pois eram objectos da Companhia, nem sequer eram dele, que não os podia ter.

Eram esses os pontos mais animados de discussão nas bodegas, até que veio o dia de embarque dos prisioneiros para Pernambuco. Foi triste quadro e o meu dono não escondeu duas lágrimas. Aquela gente toda a embarcar sem nada num veleiro bastante pequeno, sem um piloto experiente e com pouca água e comida, era espectáculo de cortar o coração aos amigos. Havia alguns prisioneiros, hoje andrajosos, que tinham sido poderosos senhores e elegantes damas. Outros foram menos importantes, mas todos com posses, pois eram brancos e a cor sempre era uma garantia. Também embarcava o padre que lançara a profecia do anjo sobre a permanência de sete anos dos mafulos em Angola. Bem procurou com os olhos o lenitivo que seria a imagem de Matilde, a bela. Mas eu sabia ela não vinha, lá de casa só Baltazar e Ambrósio. Matilde tinha outros homens a quem consolar, neste momento era o oficial francês, belo como um querubim, segundo sua confissão a Catarina.

Todos os habitantes da cidade vieram ao porto observar a largada, espectáculo único naquela terra. Alguns soldados flamengos primeiro lançaram uns gritos e risos de desprezo, quando os prisioneiros foram embarcando nos escaleres. Mas depois mesmo esses se calaram. O espectáculo era deprimente, pois muitas mulheres choravam os maridos mortos ou perdidos pelo mato, os maridos choravam as mulheres que tinham tardado em Massangano ou Cambambe ou Muxima, as crianças choravam pelos pais, e todos choravam pelo que deixavam. Só os padres se mantinham calados, embora também tivessem perdido qualquer coisa.

Era, no entanto, bastante diferente de uma partida de escravos. Os escravos seriam muitos mais e todos acamados no mesmo compartimento, mas não me refiro ao número. Os escravos iam acorrentados e calados, numa passividade para lá do desespero. E uma partida de escravos não tinha público, só interessava ao comerciante que os despachava, ninguém pararia para ver uma

chalupa cheia de escravos a caminho de um barco negreiro. Estes prisioneiros brancos conseguiam despertar pena mesmo nos que se consideravam seus inimigos. Os prisioneiros negros nem isso, só a indiferença que as coisas alheias geram.

Soubemos muito mais tarde, o barco conseguiu chegar a Pernambuco e com poucos mortos. O conde Maurício de Nassau ficou furioso quando os ouviu contar o ataque que sofreram e a forma como foram expulsos. Gritou que era uma felonía e os tratou bem, até os fazer embarcar para Bahia, que era território português. Bem tentou fazer castigar os culpados, mas acabou por ficar tudo em águas de bacalhau. Alguns desses portugueses voltaram a Angola e um até confidenciou a Baltazar, anos depois, um conde como o Nassau é que precisávamos para governador, aquele era um homem. O meu amigo Gerrit Tack tinha razão, disse apenas o meu dono com saudade. Mas foi noutros tempos, já não no tempo dos flamengos.

# CAPÍTULO TERCEIRO

*(Setembro de 1643)*

«O comandante da Ilha de Luanda, chamado Dom Agostinho (Corte Real), testemunhou-nos imediatamente amizade e enviou ao seu rei (do Kongo) um homem da sua nação com cartas nossas e dele próprio. Elas expressam a amizade estabelecida entre nós e a fuga dos Portugueses.»

Relatório de Pieter Moortamer e Cornelis Nieulant, Luanda, II.Set.1641,  
in *L'Ancien Kongo et l'Angola 1639-1655*, Louis Jadin,  
Institut Historique Belge de Rome, 1975, p. 102

Rodrigo, o do olho verde, era muito calado. Mas muito teimoso, todos nós reconhecíamos. Um dia foi à Ilha, a mando do pai, comprar umas garoupas, pois Baltazar queria oferecer um lauto almoço aos seus amigos mafulos. Os axiluanda atravessavam de dongo o estreito canal que separava a ilha do continente e vinham vender peixe na cidade. Mas o meu dono queria ter a certeza de obter o mais fresco, acabado de sair do mar, e as maiores garoupas. Por isso convinha ir à própria Ilha e escolher na praia. Foi o que fez Rodrigo. E além de trazer o peixe necessário, acabou por pescar coisa muito mais preciosa, nem mais nem menos que Cristina Corte Real, filha do governador da Ilha de Luanda. Bem, estou a exagerar, não a pescou logo à primeira tentativa. E para ser rigoroso, devo confessar, ele é que foi fígado instantaneamente.

Havia muita gente na praia, os pescadores acabados de chegar do mar, as mulheres e filhos deles, alguns poucos compradores. O

principal era o Pinheiro da bodega, que tivera a ideia de não vender apenas vinho ou aguardente de cana vinda de Pernambuco, mas servir também alguma comida baseada em peixe e marisco. Por isso ia à Ilha todas as manhãs, ao raiar do sol, no seu próprio dongo, e comprava uma boa parte do pescado. Mas havia sobretudo na praia um sorriso malandro que atravessou Rodrigo, o despiu, o embrulhou nas ondas brincalhonas, lhe fez rebolar pela areia branca, o projectou para o alto dos coqueiros, segundo contou ao irmão Benvindo e eu ouvi. No dia seguinte voltou à Ilha de manhã muito cedo, a bem dizer ainda era noite, para estar na praia quando os pescadores chegassem da faina. O sorriso também lá estava e ele seguiu-o ao longe, quando a dona dele se afastou dos barcos. Com alguma apreensão percebeu que a rapariga entrava na sanzala do governador da Ilha.

Dom Agostinho Corte Real era o Mani-Luanda, representante do rei do Kongo na Ilha que deu o nome à cidade. Os axiluanda deviam apanhar o zimbo, conchas pequenas que eram a principal moeda do reino. O Mani-Luanda era o responsável pela apanha e envio para Mbanza-Kongo, a capital que depois se passou a chamar S. Salvador. Um homem muito poderoso, muito orgulhoso e violento. Corriam as estórias sobre ele, sobretudo as acontecidas no tempo dos portugueses, que sempre quiseram anexar a Ilha à sua recente colónia de Angola. Rodrigo estremeceu na sua perseguição. Mas, ao entrar na paliçada que rodeava a sanzala, a dona do sorriso se virou para trás e olhou de uma forma desafiadora. Rodrigo esqueceu os temores e lhe fez um gesto de despedida. Ela não correspondeu ao gesto. Entrou na sanzala, constituída por muitas e vastas casas de bordão e outras tantas cubatas, entre os coqueiros. Dos lados havia alguns guardas, armados de bacamartes. Um deles fez sinal a Rodrigo para se afastar. Este não tinha mesmo mais nada para fazer, obedeceu prontamente. Mas no dia seguinte voltaria. E voltou durante uma semana, todos os dias ao raiar do sol. Ficava a olhar para a dona do sorriso, até ela se afastar da zona dos barcos, depois acompanhava-a a alguma distância até à sanzala do governador. Era demasiado tímido para a abordar. Ela sorria para ele e cada vez caminhava mais devagar, à espera que vás falar com ela, seu burro,

Ihe dizia Benvindo, mas Rodrigo hesitava, nunca tinha estado em tais situações, até aí só tivera relações com escravas. Ela abrandava o passo e ele abrandava também.

O pai quis que ele fosse ao Bengo inspeccionar a quinta, que estava entregue a meia dúzia de escravos. Foi num dia, veio no outro. Trouxe produtos alimentares, mas Baltazar não ficou nada satisfeito, não viste nada, foste apenas passear, mandei ficares lá uns dias, até mesmo uma semana, para os escravos sentirem que estão a ser vigiados, para quê tenho filhos se devo fazer tudo? O meu dono estava a ser injusto, Rodrigo sempre cuidara muito bem do arimo, até gostava mais de lá viver do que em Luanda. Também é certo que Baltazar não podia adivinhar e o filho nunca diria qual o motivo da pressa no regresso. Até me espanta que tivesse contado ao irmão, calado como era. Quando estavam a sós, Benvindo xingou, vês como andas a perder tempo, fala logo com ela, e vou dizer o quê?, ora, o habitual, que está quase a acabar o cacimbo, que o mar está mais azul agora que a conheces, essas coisas, porra. Mas assim não dá. Tens medo de te afastar muito dela e não cuidas da quinta, o pai fica chateado e com razão, daqui a uns dias vai te mandar lá ficar mesmo uma semana, ou mais, e depois? Então é que a perdes de vez.

Rodrigo estava mesmo pressionado, encontrou no medo de voltar imediatamente ao Bengo a coragem para a abordar. E conversaram muito bem, como contou ao irmão logo a seguir, e eu estava próximo para ouvir, o que é cómodo pois me evita ter de imaginar muita coisa.

– Já vai acabar o cacimbo mas ainda faz fresco, não é?

Ela riu para ele. Os dentinhos muito brancos, de tanto serem esfregados com o pau amarelo, faziam malandrices com o sol. As trancinhas todas espetadas realçavam o rosto redondo, parece o de uma santa do altar, só que preto, um dia vais ver e me dar razão. Usava só um pano apertado na altura dos seios, que caía quase até ao chão. Provavelmente por baixo do pano teria uma tanga, o que Ihe permitia atirar o pano para a areia e mergulhar nas águas para nadar ou para apanhar zimbos. Mas só tinha um pano e não vários, como usam as senhoras de muito respeito da Ilha. Ao domingo, para

ir à missa, também ela, apesar de ser uma jovem, vestiria vários panos, os mais garridos possível, embora o padre Mateus aconselhasse panos brancos para a missa.

– Mais logo já fica bom para tomar banho – disse ela.

A sua voz era suave como a de uma virgem do altar principal da igreja de Nossa Senhora da Conceição. Apesar de Ambrósio querer estudar para padre, sempre achei que Rodrigo era o mais religioso de todos os filhos do meu dono, as palavras e imagens sagradas estavam sempre na sua rara conversa. Se entusiasmos porque ela respondera naturalmente, não muxoxara com os lábios, naquele desprezivo modo que têm as mulheres ao querer enxotar um homem.

– Não te importas se te acompanho até à sanzala?

– Ontem e antes não vieste.

Aleluia, tinha notado a ausência, afinal ela tinha reparado em mim, fiquei mais contente que o Menino Jesus quando a vaca assoprou para ele no presépio. O que faz o amor sempre me espantou muito, mas esta foi sem dúvida uma das ocasiões em que mais me comoveu. Basta pensar naquele Rodrigo, caladão, que todos tinham sempre de picar, mas tu não tens língua ou não tens ideias, nunca abres a boca para nada, conseguir descrever ao irmão, não só o diálogo, mas os seus sentimentos e as suas sensações com todos os pormenores, acho fantástico, quase tanto como a ressurreição de Lázaro, merda, o Rodrigo me armou uma ratoeira, caí na linguagem dele.

– Tive de ir ao Bengo, fazer um trabalho para o meu pai. Temos lá um arimo e sou eu que tomo conta dele.

– Quem é o teu pai?

– Baltazar Van Dum.

– Mafulo?

– Sim, por Deus. Mas vive cá já há muito tempo, desde o tempo dos portugueses. E o teu pai quem é?

– Mani-Luanda.

Senti um murro no peito, um atordoamento, durante muito tempo fiquei calado. Filha de Dom Agostinho Corte Real, uma estrela maior que a dos Reis Magos, inacessível, absolutamente inacessível. Ela

sentiu o meu desespero, é capaz de ter sentido pena, pois me disse, ficaste calado de repente, te deu medo? E eu tive de reconhecer que sim, e ela riu com aqueles dentinhos todos a brilhar, não é caso para isso. Essa é a tristeza que trago hoje, Benvindo, falar com ela pela primeira vez e logo saber que a perdi, como S. João Baptista perdeu a cabeça.

Estávamos a nos aproximar da sanzala e eu já via os guardas a apontar para nós. Os dedos, não os bacamartes.

– Os teus guardas vão me dar uma berrida...

– Não, pois estás comigo. Até podes entrar na sanzala.

– Nem pensar. Que diria o teu pai?

Ela riu mais uma vez. Antes de a ver, conheci o seu sorriso. E num só dia conheci maneiras várias de ela rir, sorrir e dar gargalhadas, é um anjinho alegre e inocente.

– O meu pai nem está cá. Foi ao Kongo acompanhar um embaixador dos mafulos para falar com o Ntotila, o nosso rei. E até sei o que foi dizer ao rei. Se quiseres saber conto-te.

– Quero antes saber o teu nome.

– Cristina. Esse foi o nome escolhido pelo meu pai, que queria um nome católico. Mas pela tradição sou Nzuzi, pois nasci gémea. O meu irmão gémeo é o Simba, como manda também a tradição. Mas o meu pai proíbe as pessoas de nos tratarem por Simba e Nzuzi, diz que são costumes pagãos. Ele acredita muito no que lhe dizem os padres, quer ter sempre um perto, até conseguiu fazer os mafulos autorizarem a vinda deste padre Mateus que ele trouxe do Kongo.

Tinha sido de facto um assunto muito comentado na cidade. Havia alguns Jesuítas na Ilha, os quais tinham uma quinta que se chamava Os Coqueiros. E outros padres portugueses. Todos fugiram quando os holandeses tomaram a cidade, com medo das perseguições dos hereges protestantes. Mais tarde, triste por ver as igrejas da ilha sem padre, Dom Agostinho Corte Real foi ao Kongo e de lá trouxe um Capuchinho italiano, Mateus. Os holandeses rosnaram, mas não ousaram impedir. A aliança com o Kongo era demasiado importante para a fazerem perigar só por questões religiosas. O *predikant* deve ter chorado baba e ranho a tentar convencer os directores da Companhia do perigo de permitir a existência de um papista tão

perto da cidade. Mas a Ilha era território do Kongo e este era um importantíssimo reino aliado. O *predikant* só podia gastar lenços a assoar-se e lançar indirectas viperinas nos sermões do culto calvinista. Sem resultado. O padre Mateus fazia repicar os sinos das três igrejas da ilha às mesmas horas. Se ouviam os sinos na cidade, para desespero do *predikant*, que tapava os ouvidos com bolas de cera. E aos domingos alguns membros da família Van Dum atravessavam o canal para assistir à missa na Ilha. Curiosamente, não foi numa dessas ocasiões que Rodrigo do olho verde reparou em Cristina Nzuzi. Teria de ser ao nascer do sol, na praia de areia branca, estava escrito. Quanto a mim, foi mais bonito assim, numa missa é demasiado vulgar, pois é mesmo para se olharem e sorrirem que os rapazes e as meninas vão às missas.

– Amanhã vens? – perguntou ela quando chegou à entrada da sanzala.

– Se puder e tu quiseres.

– Vem.

Ela queria que eu lá voltasse, ela quer eu volte, entendes? E vou, nem que o pai me mande para o Bengo, vou lá primeiro avisá-la e só depois parto. Só é pena ser filha de quem é, nunca poderei aspirar a ela, só por milagre de Nossa Senhora dos Desamparados. Benvindo era todo despachado, riu do irmão, não te achas suficientemente bom para a filha do governador da Ilha? O pai dela é que não achará, esse é o problema, retorquiu o desanimado Rodrigo.

Fui seguindo o romance pelas confidências feitas ao Benvindo. Quando o amoroso aparecia a meio da manhã, os olhos a brilhar, eu já sabia, colava-me nas suas costas até se encontrar com o irmão. Claro, também não podia ouvir tudo, por vezes o meu dono tinha outras urgências que não ficar pelo quintal a ver como cresciam as negrinhas ou as barrigas das mulheres, e eu devia acompanhá-lo. Tinham passado semanas, depois um mês, e ele decidiu, tenho de falar ao pai, quero casar com ela. Casar? Benvindo estava espantado, tem de ser casar? Ali tem de ser, não dá para brincadeiras. E eu quero-a para esposa, como manda a Santa Madre Igreja. Ela também quer, já traçámos planos.

Baltazar não foi tão pio, quando soube da pretensão do filho. Achava-o novo de mais, embora tivesse vinte e cinco anos, e se era para uma simples aventura, então a Ilha tinha bons refúgios, podes derrubá-la por trás de uns coqueiros, fazes o que queres e pronto, agora casar acho um disparate.

– Não a quero derrubar no mato, pai, quero casar com ela pela Igreja, viver com ela como um casal católico. E ainda por cima o pai, um cristão, está a dizer para eu abusar da filha do governador Agostinho Corte Real?

O meu dono ficou de boca aberta durante um bom pedaço de tempo, pois tinha pensado tratar-se de alguma rapariga que ele conhecera na Ilha, mas filha de um pescador qualquer. Depois explodiu:

– Estás maluco ou quê? Queres levar um tiro ou uma facada? Ou que ele se queixe aos holandeses e te metam numa enxovia até te passarem essas ideias loucas? Já és grande de mais, senão desfazia-te com porrada. Mas a solução é outra. Vais amanhã para o Bengo e só voltas quando eu te chamar. É por isso que a quinta está tão abandonada, o menino tem outras preocupações.

– É verdade, tenho ligado pouco ao arimo. Mas logo que este assunto esteja resolvido, dedico-me mais a ele. Até posso ir viver para lá com a minha esposa. Mas agora não parto para o Bengo. Só lhe peço que vá à Ilha pedir a mão de Cristina ao pai dela, depois juro por todos os santinhos que vou ao Bengo.

– Estou a mandar-te já e partes amanhã mesmo.

– Se o pai não quer ir pedir a mão dela, então não tenho outra solução. Rapto-a e fujo com ela para Benguela, com a ajuda de todos os arcanjos. É o único sítio onde o governador não nos pode apanhar. Nem nos poderemos casar pela Santa Madre Igreja, que é pecado que me aflige muito. Mas o pai é que está a destruir assim a nossa vida.

D. Inocência de um modo geral se metia muito pouco nas conversas do marido com os filhos. A sua influência se exercia indirectamente. Mas desta vez tinha mesmo de intervir e fê-lo a favor de Rodrigo.

– Também comigo não querias casar pela Igreja, só querias ir para o capim, eu é que não deixei, conheço como são os homens. E agora estás a obrigar o teu filho a fazer o mesmo. Também disseste ao teu genro para fazer assim com a tua filha Gertrudes, hein, ó Baltazar Van Dum? E dizes que és um bom católico? Deixa quando eu contar isso ao padre Mateus... Se eles se gostam e querem casar, eu fico muito contente e não me interessa quem é o pai da moça. Casam e pronto. Mas na igreja e tudo como deve ser. Ou não somos uma família decente e temente a Deus?

Baltazar Van Dum olhava, espantado, para D. Inocência. Nem sabia que ela estava a ouvir por trás da porta da cozinha, pois conversavam na sala. Mas ele gritara tanto que toda a casa ouvia, escusava de admirar. A mulher era muito calada, Rodrigo tinha a quem sair, e respeitava quase sempre a opinião do marido. Agora estava furiosa, parecia que tinha crescido uns palmos de repente. E exigia. Baltazar bateu em retirada, foi andar pelo quintal, eu atrás, a resmungar e a dar pontapés nas pedras. Um cão se aproximou mas fugiu logo, ganindo, mal sentiu o peso da bota.

No dia seguinte, à hora do almoço, Baltazar tinha pensado o suficiente. Não voltou a falar sobre o assunto com ninguém, posso garantir. A menos que à noite D. Inocência tenha tentado outra abordagem, quando estavam deitados. Realmente os meus dons de observação não chegavam até aí. O meu dono tossiu antes de falar, nisso imitando o filho Ambrósio. Como não abria a boca desde a véspera, todos esperaram nervosamente que ele aclarasse a voz.

– Resolvi autorizar o tal casamento, Rodrigo. Só não sei como fazer para convencer Dom Agostinho a aceitar.

Todos gritaram de entusiasmo, dando grandes palmadas nas costas do Rodrigo. A mãe veio da cozinha e apenas sorriu. Não devia manifestar ruidosamente os seus sentimentos, assim fora ensinada na Missão católica, mas ficara feliz, isso era evidente. Rodrigo se levantou e foi abraçá-la, talvez adivinhando que D. Inocência tivera parte fundamental na decisão. Eu não estava lá para ver e estes detalhes são forçosamente imaginados, como a forma recatada de a minha querida Catarina na cozinha aplaudir, os olhos e beijos em prece, uma furtiva lágrima aparecendo no canto.

– Não é caso para festejar por enquanto – disse Baltazar. – Se vos digo que não sei como convencer o Mani-Luanda...

Ouvi nesse momento a tossezinha de Ambrósio a chamar a atenção dos outros para o seu palpite. Que teria de ser inteligente, me convenci mesmo antes de o ouvir, ou não seria ele o intelectual da família.

– Penso que é fácil, pai. Basta ir falar com ele acompanhado pelo major Gerrit. O governador da Ilha não terá coragem de lhe recusar a mão da filha à frente do comandante militar dos mafulos. Até pensará que o casamento vai reforçar a aliança com os holandeses. Com a vantagem de ser entre católicos, e isto o pai terá de salientar, que somos uma família católica.

Um génio, tive vontade de gritar. O mesmo perceberam os que estavam à volta da mesa, pois os gritos foram lançados quase em unísono. E o próprio Baltazar, com um olhar cheio de admiração e respeito, só pôde dizer:

– Vou seguir o teu conselho. O major certamente não me negará isso, sobretudo se for convidado para ser teu padrinho, Rodrigo.

Num casamento católico, pai? – perguntou Ambrósio.

– Ah, merda, é verdade – disse Baltazar. – Pronto, não se convida para padrinho. Mas lhe digo que só o não faço por se tratar de cerimónia católica e não o quero incomodar. Sim, ele não me recusa a companhia no pedido.

De repente, o meu dono estava todo animado, como se tivesse apoiado a ideia desde o primeiro instante. Começou logo a fazer planos. Foi com Rodrigo escolher os mais belos panos que tinham chegado do Oriente, dias antes, num navio holandês bastante avariado por um temporal que tivera de lançar ferro em Luanda para reparações. O comandante foi forçado a vender parte da mercadoria, para enfrentar as despesas inesperadas. Baltazar aproveitou comprar o mais que pôde, os panos eram sempre necessários e estes eram particularmente bons. Escolheu uma meia dúzia para oferecer ao governador da Ilha. Não era o dote, pois o alembamento só seria combinado depois, se o pai da noiva aceitasse a ideia. Os tecidos eram apenas uma rica prenda de quem pede uma audiência. Consentiu também que Rodrigo escolhesse um lindo

tecido de fundo azul com pássaros de todas as cores para oferecer a Cristina, mal o pai consentisse no casamento. Ambrósio, que tinha mais lábia, levaria os panos e pediria uma audiência para o pai e o major. Antes o meu dono teria de falar com Gerrit Tack e combinar o dia ideal, pois o comandante das tropas tinha muitas ocupações. Baltazar tomava estas disposições cheio de entusiasmo, para felicidade de Rodrigo, que nunca esperava uma reviravolta tão grande de parte do pai.

– E quem sabe, talvez este casamento ajude os negócios – disse o meu dono, quando estavam a escolher os tecidos. – Temos resgatado peças sempre entre os que falam kimbundu, que são os melhores escravos, sem dúvida. Mas pode ser vantajoso estender o negócio ao Kongo. Ora, com o apoio do Mani-Luanda, que é um aristocrata do reino, pode ser fácil estabelecer essa ligação. E junto dos próprios holandeses passaremos a ter maior influência. Bolas, seremos parentes do governador da Ilha de Luanda. Meu filho, fizeste uma grande pescaria, tenho de reconhecer.

À tarde fomos ter com o major. Os encontros tinham deixado de ser feitos na bodega de Dona Maria, desde que Gerrit Tack tinha assumido o cargo de capitão-mor da conquista. Ele juntou os amigos em casa, a pretexto de comemorar a promoção a que aspirava há muito. E lhes comunicou que não poderia voltar a jogar cartas na bodega, o que muito o entristecia, mas a isso era obrigado pelo director Hans Molt, agora o único, pois Nieulant foi levado pelas febres no passado mês de Junho e ainda não chegara substituto. O director aconselhou-o e ele compreendia as razões, a não frequentar tabernas, pois já bem bastava o que tinha acontecido com o Philips Andries, apunhalado à saída da bodega do Pinheiro. Hans Molt não o referira, mas o major sabia e também todos os presentes, o director era um calvinista fanático, alinhado em tudo com o *predikant*, e lhe desagradava ver oficiais viciados pela bebida e pelo jogo de cartas. Não podia combater essas práticas do diabo, mas podia conter. E disse ao major para convidar os amigos a casa, passem a jogar no antigo palácio dos governadores portugueses. Quanto ao vinho não havia problemas, requisitasse o que quisesse, corria na conta da Companhia. O major tinha acedido e por isso pedia aos amigos para

passarem a jogar todas as tardes na sua casa. É claro que não tinha a animação da bodega, mas tinha as vantagens da comodidade recatada e, além do mais, o vinho passava a ser de borla.

Para mim foi mau. Na bodega, me encostava na parede mais próxima da mesa e ficava sentado no chão a ouvir e ver tudo. Na casa do major não podia entrar, um escravo não é convidado para a residência do comandante geral da tropa. Tinha de ficar sentado fora, encostado à parede, por baixo da janela da sala. Os guardas da porta de entrada por vezes falavam e riam entre si, o que me impedia de ouvir as conversas que aconteciam na sala. E bastava aliás falarem mais baixo para não se perceber, embora eu tivesse ouvido aguçado. Ao fim de alguns dias me apercebi que havia uma outra voz que por vezes falava em português. Não foi difícil concluir que o governador Pedro César de Menezes descia dos seus aposentos do primeiro andar para assistir ao jogo. E por vezes opinava, o que era traduzido pelo meu dono, o único que falava português e flamengo. Havia uma voz que tinha mudado, pois o capitão Van Dort tinha terminado a missão e partido para o Brasil, tendo sido substituído no grupo de jogo pelo capitão Simon Dots, um dos que tinha chegado no *De Grote Gerrit* com as notícias da revolta do Maranhão e já era um velho conhecido do major. Tinha saudades dos tempos da bodega de Dona Maria, pois então não só ouvia mais coisas. Os olhos também trabalhavam mais, olhando para as caras e as roupas dos militares e marinheiros que bebiam como esponjas. E sempre era divertido assistir a uma luta, sobretudo se alguém puxava de um sabre. Agora não havia nada para ver. Escurecia e na cidade alta não passava um gato. Só mais tarde começavam a regressar os militares das bodegas e cruzavam o largo para se dirigirem à fortaleza do Morro ou para as residências. Mas também era a altura em que terminava o jogo e regressávamos a casa. Assim, os olhos vagueavam adormecidos pelas sombras, só os ouvidos estavam atentos. E a imaginação, para preencher os vazios.

Desta vez, o meu dono pediu logo à chegada para conversar a sós com o major e se aproximaram da janela da sala. Antes, recordei com nostalgia, era quando mijavam na despedida que falavam de assuntos sérios e reservados. Baltazar explicou ao major o que

sucedida e logo recebeu o sim que esperava. Poderiam ir no dia seguinte no começo da tarde. Assim, voltariam directamente da Ilha para a cidade alta, com o fim de comemorarem com um jogo e uma bebedeira, se tudo terminasse bem. Depois de o meu dono agradecer a disponibilidade do amigo, o major disse:

– Sabe que fico admirado por uma coisa? Sempre supus que mandaria vir jovens flamengas para casarem com os seus filhos. Ou portuguesas, o que talvez fosse mais avisado.

– Os meus filhos são mulatos e duvido que houvesse flamenga que aceitasse. Mas de facto nem pensei nisso. Ele apaixonou-se e pronto, surgiu a situação. De facto tenho andado um bocado distraído, já têm idade para procurar mulher. Tenho-me preocupado mais com as raparigas, tenho esquecido os rapazes. Mas por acaso nunca pensei numa flamenga para nora, quem sabe, pode acontecer.

– Aqui e no Brasil há a opinião que as flamengas não são boas esposas, que as portuguesas são melhores. Desculpe, mas sobre mulheres negras não tenho opinião. E falo-lhe à vontade, como amigo, pois bem sei que é casado com uma. Não veja nisto qualquer ofensa.

– Não me ofende, major, esteja à vontade. De facto não tenho de que me queixar do meu casamento. E considero natural que os meus filhos escolham negras, mulatas, olhe, o que aparecer. Quanto às flamengas, sei que no Brasil se diz isso. Que só sabem beber e cornear os maridos. E por isso as portuguesas são preferidas. Haverá muito exagero, mas é certo que as flamengas são menos humildes, são mesmo capazes de discutir com os homens. As portuguesas, do que eu conheço, são incapazes de levantar a voz para o marido e não bebem mesmo nada, só água. Basta dizer que, mesmo quando recebem visitas, se sentam no chão, por cima de tapetes. Os homens sentam em cadeiras. Isto já mostra a diferença.

– Vi isso no Brasil. De onde virá esse hábito?

– Dos mouros. Havia muitos em Portugal. Sempre foram perseguidos, mas estão misturados no resto da população. E os costumes ficaram.

Foram se juntar aos outros e acabou esta interessante conversa. Aprendi coisas que desconhecia por completo. Mas o que mais me perturbou foi saber que havia outras mulheres que não sentavam sempre no chão. Era a posição natural das nossas, menos a rainha Jinga, que sentava em cadeirões ou nas costas de escravos, mas essa era rei. As mulheres na casa de Baltazar também sentavam na mesa da sala, se não havia estranhos, mas era uma teimosia do meu dono, que eu pensava ninguém mais fazer. A maneira de sentar das mulheres me admirou mais do que a ideia de Baltazar sobre a impossibilidade de arranjar noiva flamenga para os filhos. Eram mulatos mas eram filhos de dono, seriam donos também. Por isso eu pensava que podiam aspirar a qualquer noiva. Não eu, claro, que nem casar podia. E se o meu dono quisesse me arranjar mulher, teria de ser uma escrava. E apenas para fazer filhos que ele venderia. Como um galo que faz filhos para negócio do dono.

E por falar em negócios de filhos, o do dia seguinte na Ilha foi relativamente fácil, como Ambrósio previra. Este foi logo de manhã com os tecidos, para marcar a audiência. Rodrigo e Benvindo acompanharam-no e mais quatro escravos que carregavam com a prenda. Mas Rodrigo não se aproximou da paliçada, ficou pela praia a roer as unhas, uma terrível dor no peito. E preocupava-o o facto de não ter encontrado Cristina, para a avisar da entrevista que ia ter lugar. Tinham falado do casamento e ele prometeu expor a situação ao pai. No dia anterior Rodrigo estava bastante desanimado e disse a Nzuzi, afinal o meu pai não aceitou a ideia, vamos ter de pensar noutra solução. Ela quase chorou. E hoje conseguia de lhe dizer, afinal o meu pai mudou de ideias, vem pedir a tua mão. Como fazer para a avisar? Só se ela por acaso aparecesse na praia. O que não aconteceu, enquanto Ambrósio esteve dentro da paliçada. E este obteve rapidamente a audiência, o que era de prever, pois Dom Agostinho não poderia fazer o major Gerrit esperar muito tempo. Tinham pois de voltar a casa, a confirmar a deslocação da tarde. Rodrigo ainda tentou ganhar algum tempo, mandando o irmão à frente. Mas Ambrósio disse logo, tens de estar com o pai, pode querer saber algum detalhe, já o conheces, gosta de ter tudo bem

planeado. Adeus esperança de prevenir Cristina, seja o que Deus Pai quiser.

Logo a seguir ao almoço, fui com o meu dono buscar o major à cidade alta. Baltazar vestia as melhores roupas e levava um chapéu quase novo, com muitas plumas, que só usava em situações muito especiais. A saída da sanzala tinha sido um acontecimento, com toda a família a se despedir com nervosismo. Rodrigo, se já era calado, emudecera de vez, não se lhe arrancava nem um suspiro. O meu dono não podia ir a pé, para marcar posição. Mas também não podia ir de machila, porque ao major, como militar no activo, estava interdito gozar do conforto desse meio de transporte. E não ficava bem o meu dono ir carregado ao ombro de escravos e o major no seu próprio pé ou a cavalo. Decidira pois ir a cavalo. O que implicava ter um barco suficientemente grande para carregar os dois cavalos, o seu e o do major, na travessia do canal. Não podiam ser dongos, demasiado estreitos e com pouco equilíbrio. Por isso Benvindo tinha sido despachado desde manhã para contratar uma chalupa das que faziam o trabalho no porto. Tudo previsto. Até as botas de montar tinham sido limpas e polidas desde manhã muito cedo e o cavalo, um alazão espanhol que sobrara da união dos dois reinos ibéricos, escovado e penteado a preceito. Baltazar só esqueceu de me dar uma tanga nova. Mas o major estava pronto e à nossa espera. Assobiou para o meu dono, que elegância, amigo Van Dum, que elegância, a ocasião obriga, amigo major, a ocasião obriga.

Descemos a Calçada dos Enforcados, muito íngreme e com piso muito irregular, pois as pedras não eram todas lisas e havia grandes espaços entre elas, com falta da terra que era sempre levada pelas chuvas. Era muito perigosa para os cavalos, que metiam o casco entre as pedras e muitas vezes se desequilibravam. Mas os militares preferiam correr riscos e usá-la para descer para os Coqueiros, pois a calçada de Santo António, menos inclinada, era bem mais comprida e desembocava longe do Morro. Se chamava dos Enforcados, porque no tempo dos portugueses se executavam os condenados no alto dela, podendo os corpos ser vistos a baloiçar desde a Baixa. O tribunal funcionava no prédio onde a calçada começava e os condenados eram julgados num sítio e executados

logo ao lado, tudo muito expedito. Para outro tipo de castigos, sobretudo decapitação de sobas insubmissos ou chicoteamento de escravos relapsos, usavam os portugueses o pelourinho, situado numa praça onde desembocava a Calçada de Santo António. Por isso eu ligava sempre as calçadas a cenas de castigo. E era de facto um castigo para mim descer qualquer delas, sobretudo quando chovia e os pés escorregavam na lama.

Não era o caso agora, sendo Setembro um mês seco e de belíssimos firmamentos azuis. Lá descemos e ao lado do Forte de Nossa Senhora da Guia, na base do Morro, estava o Benvindo com a chalupa alugada. Embarcámos todos e atravessámos o canal de águas calmas, que não chegava a ter cem metros. Benvindo ficou junto da chalupa, ordem do meu dono, e nós os três fomos pela areia para a sanzala do governador, os dois cavalos lado a lado, eu atrás. Fiquei à porta da vedação, a segurar os dois animais. Bastante despeitado, é preciso dizer, pois queria ver o interior da sanzala e assistir à audiência, não era todos os dias que pedíamos a mão de uma moça. Fui esperando, olhando, até que vi sair uma rapariga que me mirou com curiosidade. Devia ser Nzuzi, a Cristina que povoava os sonhos de Rodrigo. Podia ser ela ou outra, pois as descrições do Rodrigo eram tão imprecisas que serviam para qualquer moça bonita. Só não tinha aspecto nenhum de santa, antes pelo contrário, os olhos muito brilhantes e malandros que estudavam os homens de alto a baixo não correspondiam a nada que ficasse bem num altar. A intuição me disse é esta e estava certo, como comprovei mais tarde. Pelo que se conclui, olhos enamorados vêem sempre o objecto do amor da forma considerada ideal. Numa coisa o meu dono teria razão, se Rodrigo fosse mais expedito, como o Ambrósio ou o Benvindo, por exemplo, teria conseguido deitar a moça na areia ou no capim sem precisar de casar. Mas o amor dele era puro e queria tudo segundo as regras, temos de respeitar e até de nos deixar comover pela inocência.

Passado algum tempo, saíram os dois flamengos, a sorrir. Montaram nos cavalos sem uma palavra e eu não precisava de mais para saber que tudo tinha corrido conforme os nossos desejos. Mas ao chegar à chalupa, o meu dono disse para o filho em português:

– O gajo carregou no dote. Nunca vi alembamento mais caro.

A ganância de Baltazar por vezes me desiludia um pouco. Que esperava ele? Conseguia casar o filho com uma aristocrata do Kongo e queria que fosse de borla? Um lote de panos, vinhos e cinco escravos não era assim tanto, logo que não fosse eu um dos cinco. Considerando que as despesas da boda corriam pelo pai da noiva, até fora um negócio bastante razoável, atendendo às perspectivas que abria. No entanto, eu não era bom de contas, podia estar redondamente enganado.

Atravessado o canal, voltámos para a cidade alta e Benvindo foi a correr dar a boa nova na sanzala. O meu dono aproveitou convidar os parceiros de cartas para a boda, que se seguiria à cerimónia religiosa. Os outros agradeciam muito o convite, mas iriam apenas à boda, como o senhor Van Dum certamente compreenderia, não devemos entrar em templos papistas, não é que nos importe pessoalmente muito, mas há uns fanáticos que explorariam isso de bom grado. Só François de Savigny declarou ir também ao ofício, há muitos anos não assisto a uma missa e já agora vou ter prazer em irritar algumas pessoas, e todos sabíamos que se referia ao Hans Molt, pois ao *predikant* de facto ninguém prestava muita atenção.

O governador Menezes não foi convidado, ainda não tinha descido quando Baltazar falou no assunto. Nem seria convidado. Em primeiro lugar, ele não podia sair da residência. E nunca aceitaria ir, sabendo que a festa era dada pelo Mani-Luanda, o qual, se antes não era amigo dos portugueses, agora era declaradamente inimigo, posição aliás condicente com a do seu rei. Neste momento havia novas tréguas entre mafulos e portugueses, assinadas no mês anterior e com condições mais duras para estes. Mas as tréguas não abrangiam os aliados dos holandeses, Jinga e Garcia II do Kongo. A propósito destas tréguas, o major comentou com os amigos a sua admiração e também do Hans Molt por o António Abreu de Miranda, governador em exercício em Massangano, não ter exigido para as tréguas a libertação de Pedro César de Menezes. Não o querem lá, é extraordinário, nem sequer os negociadores tocaram no nome dele. Culpam-no de algumas coisas, explicou o meu dono, mas não sabia que o ódio chegava a esse ponto. O poder é doce, disse o capitão

Simon Dots, há que chupar nele enquanto dura. Se este governador for para lá, o outro deixa de o ser.

Ouvi o meu dono pigarrear, nessa conversa do mês passado, e percebi que faria como o Ambrósio. Seria tão interessante a sua fala? Até foi, lembro bem.

– Se o Menezes for libertado, não sei se o Miranda abandona o cargo de bom ânimo. E terá provavelmente muitos apoios. Embora confirmado pelo novo rei de Portugal, o Menezes foi nomeado pelo Filipe de Espanha, é bom não esquecer. E aconteceu um incidente quando chegou a notícia da chamada Restauração em Portugal, isto é, a revolta contra Espanha que pôs no trono o rei D. João IV. O Menezes estava aqui há mais de um ano quando chegou um barco com a novidade da Restauração. Era preciso aclamar o novo rei, o que é feito com gritos e tiros para o ar, para mostrar a alegria do povo por ter finalmente um rei português. Só que no mesmo barco em que vinha essa notícia, veio também, e chegou primeiro a esta casa, a notícia do falecimento do pai do governador. A criadagem recebeu ordens de fechar a casa toda e pôr um pano preto numa janela, em sinal de luto. Entretanto vinha a população a correr desde a Baixa, a festejar a boa nova, viva El Rei D. João. O bispo que morava aqui ao lado também se aprestou a vir felicitar o governador e a participar na aclamação. Alguns espanhóis olhavam de lado, com medo do que pudesse se passar. E eis que o palácio estava de luto. Me contaram, não posso confirmar, que o bispo muito se admirou e disse em voz alta então o governador chora pela perda dos tiranos Filipes? Só então o governador se apercebeu do mal-entendido e mandou retirar o pano da janela, mandou abrir todas as portas e janelas de par em par e gritou de uma delas, temos de novo um rei português, real, real, por D. João IV, rei de Portugal. Uns compreenderam que tinha sido apenas um engano, outros nunca perdoaram ao governador esse gesto, considerado muito pouco patriota. Raiva que se acrescentou com a retirada de Luanda e com a acusação de ter uma fortuna amontoada algures e só pensar nela. Pessoalmente não acredito e já tive oportunidade de vos dizer. Mas as más palavras vão cumprindo o seu papel. Não me admiraria que

se o Miranda recusasse passar o poder, o rei de Portugal lhe desse razão.

No mês passado, quando o meu dono contou esta estória, falou mais ou menos livremente. Agora já não usaria o mesmo tom. Quando falavam do governador, mesmo se exprimindo em flamengo, baixavam a voz, podia ele aparecer nas escadas de repente. Pois ninguém estava seguro de que o Menezes não entendia flamengo. Combatera na Flandres debaixo da bandeira espanhola, podia nessa altura ter aprendido a língua. Muitas vezes acontece alguém ocultar o conhecimento de uma língua para poder surpreender conversas sigilosas, astúcia que vinha dos tempos longínquos do malandro Ulisses, o grego, segundo Baltazar Van Dum, muito versado em lendas e estórias de caserna.

Estória que ia decorrendo era a do casamento de Rodrigo, que provocou grande reboliço em casa, com todos a tratarem de arranjar roupas novas para a cerimónia. Com o alembamento e os vestidos novos se esgotaram os tecidos que Baltazar tinha comprado no barco vindo do Oriente. Se este não tivesse sofrido a tal tempestade ao dobrar o Cabo da Boa Esperança, o meu dono teria dificuldade em honrar os compromissos. Com efeito, os panos vindos do Brasil no *De Salamander* tinham ido todos para o mato com o Nicolau, o qual tardava a dar notícias por se ter embrenhado nas terras de Jinga, tentando resgatar os escravos que tinham fugido dos portugueses quando do ataque ao arraial do Gango, os quais seriam muito mais baratos, se Jinga aceitasse fazer negócio. Por isso Baltazar já tinha encomendado mais panos, mas com as burocracias impostas pela Companhia e as longas viagens a atravessar o oceano, não era de prever ter nova remessa antes de seis meses. O meu dono não tinha a nossa paciência ou a nossa arte de contar com o tempo, por isso a espera irritava-o e passava a vida a protestar contra os atrasos. Impaciência de branco.

Não sei se foi esta impaciência, se foi desejo de Dom Agostinho Corte Real, mas o certo é que a data do casamento foi marcada muito próxima, mal dava tempo para preparar todas as coisas, especialmente a roupa das damas. Dois dias depois da audiência, em que participou também o major, o meu dono levou o filho

Rodrigo para o apresentar ao futuro sogro. Nessa altura Rodrigo aproveitou deixar na sanzala do governador o belíssimo tecido que escolhera para Cristina. E Dom Agostinho não quis falar apenas dos preparativos do casamento, segundo relato feito por Baltazar à família, mas abordou outros assuntos.

Tendo sido referidas as tréguas aceites dois meses antes entre portugueses e holandeses, o Mani-Luanda se mostrou preocupado. Preferia que elas não existissem. E se dirigindo directamente a Rodrigo, o que era curioso pois este nem abria ainda a boca, explicou:

– Convém-nos que os europeus estejam desavindos entre eles. Se os dois se aliam, quem paga somos nós. Este é o pensamento de D. Garcia II e de todos os manis do reino. E também de Jinga Mbandi e dos sobas dembos. Nunca esqueças isto, meu futuro genro, o nosso bem está na luta entre os europeus.

O meu dono fez pouco caso de o governador se dirigir directamente a Rodrigo, como se o considerasse um estrangeiro. Tomou a palavra:

– Acha que este acordo de tréguas pode mudar a situação?

– Pode, sim, meu amigo. Festejei quando o arraial do Gango foi atacado, pois esse acampamento era uma barreira a impedir o contacto do Kongo com Luanda. Vários emissários do meu rei recuaram ao chegar ao Bengo, com medo de terem de atravessar território dominado pelos portugueses. Ninguém esquece o que eles fizeram, sempre a interferir na política do reino, a quererem escolher os soberanos e a fazerem intrigas, a provocarem mortes e mais mortes. Até apanhavam zimbos em Benguela para nos enfraquecer. Os portugueses apenas pretendem escravizar todo o povo do Kongo e do Ndongo e dos outros reinos. Os mafulos são diferentes, querem apenas fazer comércio, e por isso somos seus aliados naturais. Mas se fizeram as pazes com os portugueses, podem vir a ser influenciados por estes.

– Os portugueses ficam onde estão, os holandeses na costa. Neste momento os portugueses não podem constituir perigo para o Kongo.

– Neste momento talvez, pois estão muito enfraquecidos. Mas se vêm os reforços de que tantos falam? Com os holandeses como

inimigos, não se atreviam a avançar para o Kongo, mas com os holandeses como amigos avançam mesmo.

– Foram apenas umas tréguas, Mani-Luanda – disse o meu dono.  
– Não são amigos. As tréguas são necessárias para se poderem fazer negócios. A Companhia está a perder muito dinheiro com esta conquista de Luanda. Só pode recuperar o dinheiro que empatou se desenvolver o comércio. Ora, a instabilidade no interior impede o comércio.

– Sei disso. Mas enquanto os portugueses estiverem no interior, protegidos pelas suas fortalezas que ninguém consegue tomar, haverá instabilidade. É preciso correr com eles e não fazer tréguas. Se ficarem cá só os mafulos podemos entender-nos muito bem e fazermos muito negócio. Desde que não interfiram na nossa política e na nossa religião... O que me preocupa mais é mesmo a questão religiosa. Esse pregador que têm aí, agora acompanhado do outro que chegou e deve ser igual, tem feito coisas... Eu falei com o director Molt, protestei. Já viu como estão as igrejas em Luanda? Sem portas, cheias de lixo, os mafulos vão lá fazer as necessidades, a mando do pregador. Como é possível alguém que diz ser sacerdote cristão, mandar cagar, me desculpe a palavra mas tem de ser dita, num templo cristão, mesmo se de outra Igreja? Será sempre falta de respeito a Jesus Cristo.

Foi a única vez que Rodrigo manifestou uma opinião: sacudiu fortemente a cabeça para baixo e para cima, a apoiar as palavras do futuro sogro. Nesse ponto iam se entender muito bem.

– Os reis do Kongo abraçaram a fé católica, faz muito mais de cem anos – prosseguiu o Mani-Luanda. – E os mafulos têm de respeitar a nossa religião. Se não o fizerem, pode acabar o comércio. O meu amigo Cornelis Ouman, que tanto fez pela aproximação entre o Kongo e os mafulos, está bem consciente disso. Da última vez que passou aqui eu fui bem claro. Ele voltou à Holanda, a acompanhar os embaixadores do meu rei, e prometeu que ia transmitir a minha preocupação ao príncipe de Orange e aos Dezanove. Que aliás essa preocupação já tinha sido manifestada pelo meu rei quando ele esteve em Mbanza-Kongo. E me lembro, quando fui a Mbanza-Kongo com ele, logo a seguir à conquista holandesa, para estabelecer a

primeira aliança, o meu soberano insistiu nesse princípio, amigos, amigos, religiões à parte. Pois parece que os pregadores calvinistas não querem saber disso. E o director Hans Molt faz pouco caso. Me parece que o falecido Nieulant era diferente.

– No tempo dele as igrejas já estavam como estão.

– Porque quem mandava era o Moortamer. Mas quando o Nieulant ficou sozinho, as coisas melhoraram um pouco, até mandou limpar o lixo da Sé. Este agora é pior nesse aspecto, só ouve os pregadores. Olhe, quer saber uma coisa? Os Dezanove têm de se convencer que o director ideal para aqui era o meu amigo Cornelis Ouman. Esteve não sei quantos anos no Loango, depois fazia negócios com o Pinda, depois veio para aqui organizar o comércio. Quer no Loango, no Kongo ou em Luanda fez grandes amizades com todos os soberanos. Conhece a terra e tem amizades. Que melhor director poderiam ter os mafulos? Em vez de mandarem burocratas... O Ouman bem sugeriu o seu próprio nome, sei que escreveu ao Conde de Nassau, aos Dezanove, ao Príncipe de Orange, a mostrar a utilidade que podia ter aqui, mas com a autoridade máxima, pelo menos no comércio. E levou cartas dos chefes todos a recomendá-lo. Tenho esperança que apareça ainda aqui um dia como director. Então as coisas vão correr melhor. E os portugueses vão ter muito mais problemas.

– O Ouman tem alguma coisa de pessoal contra os portugueses?

– Hum. Aquilo já não é só raiva vinda da política ou da rivalidade comercial. Ele fazia comércio no porto do Pinda, quando os portugueses estavam aqui em Luanda. Acho que foi em 1639 que dois barcos de guerra saíram de Luanda com ordens de afundar todos os barcos holandeses que aparecessem na foz do rio Zaire. Os portugueses não tinham esse direito, o Kongo é um reino independente e faz comércio com quem quiser. Os barcos ficaram a vigiar a foz do rio. E veio um patacho do Ouman a tentar chegar ao Pinda. Foi afundado. Mas antes saqueado, claro. Não era um barco de guerra, era um simples patacho comercial. E a bordo ia a mulher de Ouman, uma congoleza que tinha estado uns tempos a viver na feitoria do Loango. Morreu afogada. O meu amigo Cornelis não lhes perdoa.

– Pensava que ele tinha mulher na Holanda – disse o meu dono.

– Parece que sim. Mas andava por estas terras tantos anos que arranjou uma daqui. Não sei porquê a admiração.

Se sentindo atingido, o meu dono corou. De facto, eu não conhecia outro mafulo que tivesse mulher africana. Com casamento religioso ou civil não haveria mais ninguém, só mesmo Baltazar. E a viverem maritalmente também não havia outros. As mulheres da terra serviam para uma hora no máximo, não foi para isso que serviu a minha própria mãe? Alguns portugueses faziam como Baltazar, casavam mesmo, mas geralmente só depois de terem feito uns tantos filhos a uma mulher da terra e porque os padres insistiam no baptismo das crianças.

Neste ponto da conversa, como tinha havido uma pausa incómoda que urgia preencher, Dom Agostinho Corte Real mandou chamar Cristina para a apresentar ao futuro sogro. Ela apareceu com o seu ar malandro embaçado pelos olhos baixos numa fingida timidez. Nem ousou olhar para Rodrigo, mesmo quando este lhe ofereceu o belo tecido azul. Agradeceu numa voz quase inaudível, sem levantar a vista. E Baltazar ficou encantado. Veio todo o caminho a gabar a graça e a modéstia da rapariga, nem parecia ser filha de um grande do Kongo.

O casamento ficou definitivamente marcado para a semana seguinte e se ia realizar na igreja da Ilha. A boda era dentro da sanzala do governador, num grande espaço aberto entre os coqueiros. O vinho corria por conta de Baltazar, mas não precisava de ser grande quantidade, praticamente seria apenas para os raros europeus. A comida e o maluvo eram da responsabilidade do Mani-Luanda. E no caso do maluvo, sim, teriam de ser quantidades grandes, pois os axiluanda preferiam essa bebida ao vinho dos europeus. E em festa dada pelo chefe todos têm de estar presentes, para isso ele é chefe. Muitos dongos teriam de ir buscar cabaças e mais cabaças ao Mussulo, onde havia as palmeiras de mateba que produziam o melhor maluvo. Uma longa distância, pois as palmeiras ficavam no princípio do Mussulo, no istmo que o ligava ao continente. É claro que os axiluanda não desdenhavam uma aguardente de cana, sobretudo nas manhãs frias de cacimbo. Mas o

vinho de palma é que tinha todas as preferências, Dom Agostinho tinha discorrido abundantemente sobre o assunto, ele próprio um grande apreciador, não fosse essa a bebida tradicional do Kongo. E não só, pois o meu rei Jinga se babava todo por uma cabacinha. E todos os seus súbditos, entre os quais eu não sou exceção.

Mas o assunto importante não eram os meus gostos alcoólicos e sim o casamento do Rodrigo, que mexia com muita coisa. E comigo também mexeu quando a Matilde lembrou aos pais, estamos todas a tratar dos nossos vestidos, mas ninguém se lembrou de arranjar um tecido para a Catarina. D. Inocência disparou logo:

– Ninguém lembrou porque não tinha nada que lembrar. A Catarina não vai, como é evidente.

– A Catarina não vai ao casamento do irmão? – insistiu Matilde. – Onde já se viu?

– Porque os criados não vão aos casamentos, ora essa. E ainda por cima em casa de quem é.

Matilde olhou para o pai a pedir apoio. Nada a fazer, Baltazar fingia estar a ouvir os passarinhos a chilrear. Hermenegildo era o único irmão que estava presente, mas ficou muito atento às suas unhas compridas, implantadas nos dedos finos, parecendo desinteressado da conversa. E a minha doce Catarina, que da cozinha ouvia a conversa, apenas limpou duas lágrimas. Agora com vinte e cinco anos, ia perdendo a esperança de aparecer o príncipe que a levaria no dorso de um cavalo, já se contentaria em assistir ao casamento do meio-irmão com a filha do Mani-Luanda.

– Nem mesmo à igreja? – insistiu Matilde, que era muito teimosa.

– A igreja não é do governador da Ilha, vai lá quem quer. E ela gostava mais de ir à igreja que à festa, Catarina não é muito de festas.

– Não e acabou. Alguém tem de ficar a tomar conta da casa.

– Quando fugimos para o Bengo, ninguém ficou a tomar conta da casa. Só o Dimuka. Também pode ficar o Dimuka no dia do casamento, esse é o seu serviço.

– Não vai e acabou a conversa. Nem voltes a tocar no assunto.

Mais tarde, a minha boa Catarina agradeceu à irmã a insistência, mas não faças mais nada, a tua mãe ainda vai ficar chateada

contigo. Eu gostava de ir para conhecer o teu tenente francês, mas depois vais arranjar uma maneira para eu o ver, não vais? Matilde prometeu com lágrimas nos olhos, um dia destes vou combinar um encontro aqui bem perto de casa e dás uma escapadela e eu apresento-te o meu oficial, verás como ele é lindo, uma elegância, uma finura.

Foi uma semana agitada, de muitos gritos e algumas lágrimas. Poucos risos, andavam todos nervosos. Só houve mesmo alegria, quando na véspera da cerimónia apareceu o Nicolau da sua longa expedição. Mas os proventos eram magros e Baltazar ficou com o semblante sombrio. O filho não trazia mais de vinte escravos, davam para pagar a despesa com os guias e a comida para os carregadores, além do alembamento de Cristina. Mais nada. Tinha levado panos para trazer pelo menos uma centena e se fossem a preços normais. Baltazar tinha expectativa de negociar uns duzentos, porque seriam muito mais baratos os que tinham fugido dos portugueses. Mas Jinga não tinha querido vender os escapados do arraial do Gango, pela fuga se tinham tornado livres e não era ela que os entregaria para as grilhetas. Um soba vassalo dela, depois de muito instado por Nicolau, acabou por apanhar esses vinte numa região mais distante, eram todos antigos escravos de António Bruto, o comandante morto no Gango. Mas o negócio foi feito às escondidas de Jinga e pelo preço normal de uma peça, sem nenhum abatimento. O sacana do soba ganhou uma fortuna sem quase ter estendido um dedo, raivou o meu dono. Os lucros de Baltazar não seriam portanto grandes. Nicolau ainda explicou, o sertão está todo em guerra, os portugueses andam por lá a castigar sobas que se rebelam cada vez mais por sentirem alguma fraqueza por parte dos adversários, e Jinga por vezes também ataca. De modo que é muito difícil fazer bons negócios. Baltazar teve de reconhecer, seria excelente a sua ideia de aproveitar os escravos dos portugueses, mas a rainha Jinga afinal mantinha a sua palavra, porra para a palavra dela, lixara tudo.

– Não te aproximaste de Massangano, pois não? – perguntou o meu dono.

– Não. Mas no regresso das terras de Jinga mandei lá o Kundi chamar o senhor Jacinto da Câmara. Nos encontrámos no mato e conversámos. Ele diz que está sempre pronto para fazer negócios com o pai, claro, só que agora está mais complicado. A minha ideia era comprar escravos a ele, como muitas vezes fazíamos. Os panos lhe davam muito jeito, eles não têm nada lá para vestir ou para negociar com os negros. Assim ao menos a viagem compunha-se. Só que, com as guerras que andam pelo mato, os escravos são raros, excepto os apanhados na guerra. E o António Abreu de Miranda, que agora é governador, não autoriza que se mande nenhum escravo para Luanda, porque isso só fortalece os holandeses e não a eles. Que está a juntar peças para os mandar ele próprio de barco para o Brasil, quando vier a expedição de socorro.

– Qual expedição de socorro?

– Estão convencidos de que vem uma, pois o governador Pedro César tinha escrito ao rei de Portugal com um plano de reconquista. Segundo o senhor Jacinto eles vivem dessa esperança em Massangano.

Nicolau também contou uma estória, cujos ecos tinham chegado há dias aos ouvidos do pai, mas sem os detalhes que ele trazia agora. Estória de lutas pelo poder entre religiosos, porque entre os brancos todos lutam pelo poder. E foi assim. Os padres andavam um pouco desorientados com a morte do bispo e sem esperança de novo bispo aparecer em breve, pois teria de ser nomeado pelo papa. Quem ficou a governar a diocese de Massangano desapareceu certa noite, sem nunca mais se saber do seu paradeiro. Claro que se falou de feitiço, porque este vigário tinha a mania de queimar todos os ídolos que encontrava, ídolos para ele eram estatuetas representando os antepassados, ou os chifres de mbambi com pós misteriosos dentro que dão força aos utentes, ou unhas de leão para adivinhar a sorte, ou tendões secos de animais que servem para pulseiras mágicas. Queimava tudo. Fazia verdadeiras incursões militares pelas fazendas ao longo do Kuanza, pelos kimbos da região ou mesmo pelas casas de Massangano, à procura dos objectos sacrílegos. Uma noite desapareceu para sempre, apenas ficando um ligeiro fumo e estranho cheiro de enxofre. Assumiu o cargo de

vigário geral um outro, mas se encontrava no arraial na altura do ataque e foi preso e expulso para o Brasil. Havia pois que arranjar substituto, mas dois candidatos se apresentaram com ganas de promoção. Ambos arranjaram partidários fanáticos. O padre João Cabeça tinha o apoio de quase todos os mulatos que o bispo Soveral tinha ordenado numa fúria africanizadora. Mas o padre Moniz Barreto tinha mais estratégia, ou não fora capitão de milícias, tendo participado em numerosos combates. Mandou amarrar o outro e trazê-lo para sua casa. Os partidários do Cabeça, de ânimos exaltados, cercaram a casa do Moniz Barreto, dando muitos tiros para o ar, e com archotes exigiam a libertação do seu campeão, senão deitavam fogo à casa. Um dos partidários do Barreto foi pedir socorro à milícia, como a Inquisição fazia pedindo auxílio do braço secular. Mas o chefe da milícia disse, os militares não se metem em makas de padres, resolvam o problema à porrada, mas entre vocês, que teremos todo o gosto em assistir. E foi dizer o mesmo aos partidários do Cabeça, os quais sentiram o ridículo da coisa e aceitaram não atacar a casa se o seu candidato fosse libertado. Assim aconteceu. Lá se sentaram todos no chão, no dia seguinte, e como os partidários do Moniz Barreto eram mais numerosos e mais aptos no uso das armas de fogo, este foi escolhido. Por uns poucos dias gozou as delícias do poder, pois logo veio uma ordem do cabido de Mbanza-Kongo, de quem dependia de facto a freguesia, na falta de bispo. O cabido nomeava o mestre-escola para vigário geral. O padre Moniz Barreto morreu dias depois. E os mujimbos estoiraram. Diziam uns que tinha morrido de dor, pois gastara tanto trabalho para ascender às glórias do poder e dele só gozara uns dias, uma injustiça divina. Diziam outros que tinha sido envenenado. E como o grupo adversário contava com muitos mulatos, houve quem alvitrasse que o Moniz morrera enfeitado. Claro, onde entra mulato entra feitiço, mesmo se o mulato é padre.

Nicolau ficou espantado com a novidade que encontrou e que pandemonizava a casa. Logo se afligiu com o que poderia vestir, pois não tinha nada preparado. Mas a irmã Catarina prometeu resolver. D. Inocência nunca ousaria impedir o filho bastardo do marido de ir ao casamento, quanto a esse já ela se conformara. O assunto nem

mereceu ser discutido, o primogénito dos Van Dum tinha adquirido o estatuto de filho por parte inteira graças à sua indispensabilidade e pronto. Tinha Nicolau catorze anos quando comeu pela primeira vez na mesa da sala, com toda a família. A senhora tentou refilar. Mas o marido foi cortante, se serve para me ajudar e é o único dos meus filhos que o faz, então também serve para comer à minha mesa. E nunca mais voltas a falar nisto. Assunto definitivamente encerrado. Era chocante a diferença que o meu dono punha no tratamento de Catarina, condenada a não passar da cozinha, mas as mulheres nunca podem aspirar ao mesmo que os homens, isso também é verdade.

Fomos ao princípio da tarde para a Ilha, numa chalupa alugada. Família completa e nos mais ricos trajés, embora preparados às pressas. Completa ou quase, pois faltava Gertrudes, desterrada numa fazenda perto de Massangano. Nicolau nem a viu, quando passou perto. Mas o senhor Jacinto da Câmara lhe tinha dado notícias dela, estava de boa saúde. Pena que não viesse, ela bem gostaria, mas não houve tempo sequer para a prevenir. Embora a travessia do canal fosse relativamente rápida, me deu tempo para observar demoradamente as mulheres do grupo. D. Inocência levava peruca loura, o que contrastava com a pele negra e enrugada. O vestido muito ajustado em cima e rodado em baixo por causa da armação e dos saíotes era também amarelo, o que não achei do melhor gosto, se é possível um escravo ter algum gosto. Deslumbrante estava Matilde, de vermelho vestida e com uma peruca negra. Também a Rosário, agora com dezassete anos e vestida de azul, estava pronta para atrair muito olhares ávidos. Discreta a Ana, de quinze anos e num vestido mais simples, mas já a espreitar para os homens, pois eu bem via os corpos crescerem e com eles os desejos. Os homens eram muito menos interessantes. Baltazar levava espadim dourado, e também o grosso cinturão que lhe atravessava o peito era debruado a ouro. Ouro nas fivelas das botas, ouro nos punhos, se poderia considerar um homem rico. Infelizmente ostentava mais do que era, mas a aparência era fundamental, não se cansava de ensinar aos filhos. No entanto, o Rodrigo, mais nervoso e calado que nunca, estava vestido

decentemente mas sem nenhuma ostentação, como se poderia permitir um noivo. Os outros iam apenas um pouco mais cuidados que habitualmente para a missa.

A igreja já estava cheia, quando lá chegámos. Os axilunda tinham ocupado todos os lugares menos as duas filas da frente, reservadas às famílias dos noivos e seus convidados. Tive de ficar atrás, encostado à parede, e perdi toda a cerimónia. Mas vi o capitão François de Savigny se inclinar em cumprimento quando as senhoras Van Dum entraram na igreja. Não vi outro mafulo, o que era normal, eles se reservavam para a boda, pois não entravam em templos papistas. Nem o apaixonado de Matilde? Mas descobri lá nas primeiras filas o senhor Domingos Fernandes de Pinda, certamente convidado por Baltazar, o que quase representava uma provocação aos mafulos, pois tinha vindo para Luanda ao abrigo das tréguas e era conhecido como agente do governador Pedro César de Menezes. Provocação maior seria talvez ao Mani-Luanda, inimigo dos portugueses. Eu duvidava que fosse autorizado a penetrar na sanzala para a boda, mas o meu dono por vezes gostava de mostrar independência. Já se tinha dado mal com tais atitudes, por isso não abusava delas.

Chegou então o governador da Ilha com a filha pelo braço e aí confirmei a suspeita da outra vez, era mesmo a rapariga com ar malandro que me olhara demoradamente quando fui com o meu dono e o major pedir a sua mão. Vinha deslumbrante, os olhos rasgados saltitando para todas as pessoas, nem sei como o coração de Rodrigo não parou definitivamente. Toda de branco, com rendas e tules, uma cauda levada por quatro meni nas também de branco vestidas, um espanto de sorriso. Dom Agostinho Corte Real caminhava mais direito do que nunca, com todos os galões da aristocracia e uma longa espada a roçar o chão, um senhor. Ao olhar para ele eu me espantava da audácia do Rodrigo, audácia só possível por um grande amor. O Mani-Luanda fitava as pessoas de frente e sobranceiramente, de quem conhece a força que tem. Àquele ninguém punha o pé em cima, que o digam os portugueses que tentaram dobrar a sua vontade e se deram sempre mal. Era de facto uma pessoa imponente, não admira que na Ilha tivesse direito

de vida e de morte sobre quem ali pusesse o pé. E o caladão do Rodrigo conseguira roubar-lhe a jóia mais preciosa da sanzala com a maior das facilidades, só visto. Baltazar era mesmo um avarento, refilara por o alembamento ser pesado, quando afinal era de borla, atendendo ao valor da mercadoria. Só era explicável preço tão baixo pelo enorme desejo que Dom Agostinho tinha de se ligar ainda mais aos mafulos, assustado com as tréguas assinadas com os portugueses.

O padre Mateus avançou com a cerimónia e eu me fui amodorrando, pois só via as costas dos axilunda que se esticavam todos para observar alguma coisa. Se estivesse sentado, bem que podia tirar uma sesta, pois uma missa prolongada é o melhor bálsamo para a doença das insónias. Mas de pé acaba por se tornar um tormento e por isso saí para contemplar o mar. Havia quatro naus na baía e alguns barcos menores. Do outro lado se via o vermelho da terra, pontuado pelo verde das árvores e o branco das casas, caiadas com a cal extraída das mabangas da Ilha. Perto do sítio onde os botes e chalupas desembarcavam na Ilha se via um pequeno morro formado com as conchas das mabangas. Apanhavam-nas na baía, comiam a carne dura e depois juntavam as conchas ali. Quando havia quantidade suficiente dispunham as mabangas numa pira, com camadas entremeadas de lenha, em morros que podiam ir aos cinco metros. E depois a pira ardia durante dias. O resultado era a cal que se usava em Luanda.

Cansado de olhar para o lado da baía e da cidade, percorri os cem metros que me separavam da contracosta. O verde dos coqueiros do Mussulo era azulado pela distância. Um dongo de vela quadrangular atravessava, provavelmente com o último maluvo para a boda, o largo canal que separava a Ilha da península do Mussulo. Fiquei a ver o dongo vencer a distância, mas antes disso terminou a cerimónia e os sinos começaram a repicar. Os noivos, famílias e convidados avançaram pela areia para a sanzala do Mani-Luanda e incorporei-me no cortejo, bem atrás do meu dono. Para minha surpresa, entrámos todos na sanzala, sem me terem impedido. Aleluia, como diria o Rodrigo, hoje é que me vou desferrar destes anos todos a ver o meu dono beber vinho. Hoje o maluvo de Dom

Agostinho Corte Real não me escapa e me levem de arrastão para casa, se quiserem, ou então fico a dormir na areia da Ilha, melhor cama não há para uma bebedeira.

Quando entrámos para o terreiro, onde estavam dispostas numerosas mesas feitas de paus espetados na areia, já lá estava o director Hans Molt e o major Gerrit Tack, assim como numerosos oficiais mafulos. Domingos Fernandes de Pinda, que também não foi travado na entrada, se pôs a conversar com o meu dono e o major, mas a boa distância de Hans Molt e do Mani-Luanda. Se olhavam como que a medir forças. Este Domingos Fernandes viu o seu nome acrescentado pelo facto de ter negociado muito tempo no porto do Pinda. Daí resultaria provavelmente um ódio maior por parte de Dom Agostinho Corte Real, pois os portugueses fixados no Pinda tinham ficado com péssima reputação no reino do Kongo. Mas se de facto tinha vontade de o expulsar ou de o destratar, o aristocrata não o fez, apenas o ignorou, no que mostrou ser um perfeito cavalheiro. Na boa educação do Mani-Luanda tinha apostado Baltazar, ao convidar o agente do governador português. Eu que temia um escândalo a ensombrar o casamento do Rodrigo, tive de reconhecer, antes de ser abatido pela bebedeira de maluvo, que o meu dono por vezes revelava grandes dotes diplomáticos. Quem sabe, noutra época, noutro contexto, teria podido frequentar cortes bem mais importantes que esta montada na areia da Ilha de Luanda.

No terreiro, havia ao fundo uma área onde se faziam os assados. Numa zona os peixes, desde as corvinas aos pargos e garoupas, pescados nessa noite especialmente para o casamento de Cristina, e na outra zona as carnes. Um boi tinha sido comprado no Bengo dias antes e agora estava em postas no espeto. Cabritos, antílopes e galinhas, emparceiravam num magnífico churrasco. Uma dezena de mulheres se atarefavam entre o fumo, para preparar os assados. Outras batiam o funji nas panelas, enquanto no fogo se preparava saka-saka. Algumas cabeças de peixe, das maiores, tinham ficado de reserva para o caldo final, quando as bebedeiras precisassem ser amaciadas, já muito no avançar da noite. Nas mesas havia frutas da terra, maboques, ananases, mangas do Mussulo, goiabas, e doces feitos de coco ou de jinguba. Além dos inevitáveis mariscos, desde

as ostras às santolas e lagostas. Se o meu dono podia ter frequentado cortes mais importantes, talvez não pudesse frequentar uma melhor guarnecida.

Quem não ficou para provar a comida foi o director Hans Molt, que logo se despediu do Mani-Luanda e fez um gesto largo para todos, sem apertar a mão a mais ninguém. Soube depois que ele pretextou muito trabalho, mas era uma desculpa mal aviada, pois o problema foi aquela pro miscuidade de brancos, negros e mulatos que lhe revoltou o estômago, mais a visão dos panelões no fogo. Com medo de ter de provar o que se cozinhava e de ter de dançar com alguma mulata, por definição filha do pecado da lubricidade, pois não considerava outra coisa a mistura de raças, o director se antecipou nas despedidas, o que realmente ninguém lamentou, pois a sombria figura arrefecia o ambiente. Logo as vozes se soltaram mais alto e foi surgindo o vinho, de uva ou de palma.

As mulheres se colocaram de um lado, sentadas sobre esteiras, e os homens conversavam em grupos, afastados delas. Mas Matilde estava no meio de uma roda de oficiais mafulos, treinando o flamengo que aprendera com o pai, como nós todos. Fui observando esse grupo e logo distingui o que devia ser o tenente Jean du Plessis. Se todos comiam Matilde com os olhos, esse oficial estava mais derretido que os outros e ela o mirava de vez em quando de maneira especial. Jean du Plessis, se as minhas deduções não estivessem erradas, o que dificilmente sucede, era o mais baixo do grupo. Moreno, mas mais branco que os portugueses. Tinha barba negra pontiaguda e bigode de pontas reviradas, o que o distinguia dos outros, que tinham barbas ruivas ou louras. Não sei porquê, essas coisas não se explicam, são só intuições, mas me pareceu alguém inofensivo, de fraco carácter, o que era estranho se tratando de um oficial, correndo atrás de aventura e de dinheiro nos mares dos trópicos.

– Já pedi três vezes e o director não me autorizou. Acho isso um escândalo.

O senhor Domingos Fernandes aproveitava a segunda rodada de vinho para se queixar ao major Tack. O major encolheu os ombros, olhou para o meu dono que cheirava o vinho, comentou:

– Nesse assunto não me posso meter. O governador Menezes é prisioneiro, ou convidado, da Companhia das Índias Ocidentais. Vive na casa onde estou porque se achou que seria mais cómodo para todos. Mas não sou eu o seu carcereiro. E por mim, se o quer visitar, nada me incomoda. Mas se o director Molt não autoriza...

– Como se constituísse algum perigo ou alguma violação do acordo de tréguas eu conversar com o meu governador...

– Realmente, acho uma teimosia muito própria do Hans Molt, esse fanático – disse o meu dono. – Não é por uma conversa que a Companhia perderá alguma coisa.

O major Tack não estava interessado em debater o assunto. Se dirigindo ao meu dono, apontou discretamente para o grupo onde Matilde era rainha.

– A sua encantadora filha tem muito sucesso junto dos meus oficiais, já reparou, amigo Van Dum?

Foi na melhor das intenções, por um lado para desviar o rumo da conversa, por outro para cumprimentar Baltazar. Forma também discreta de isolar o senhor de Pinda. Mas teve o pior efeito, porque fez o meu dono reparar no grupo e na forma desinibida como Matilde ria no meio dos homens. Mostrava familiaridade de que ele não suspeitaria. Que soubesse, nunca Matilde tinha falado com um mafulo, que não fosse o próprio major e o capitão Savigny, que duas ou três vezes tinham sido convidados a comer na sanzala ao sábado. E dessas vezes ela se tinha portado com o maior recato e muito provavelmente nem lhes tinha dirigido a palavra, pois o contrário teria sido notado. Como então ficava ela assim tão à vontade no meio de desconhecidos? Percebi todas estas interrogações no rosto do meu dono e fiquei intranquilo. Felizmente as cabaças de maluvo estavam estrategicamente dispostas pelo terreiro e fui me servir de mais um pouco para acalmar o coração. Mas de que assuntos tão divertidos se falava na roda da bela Matilde? Passei discretamente por ali, a captar algumas frases. E dizia um tenente:

– É verdade, não há nenhum sítio. Para os homens são as tabernas. Para as senhoras o interior das casas. Nem festas, nem jardins, nem parques, nem teatro... Luanda é mesmo uma cidade própria para a separação total e absoluta dos sexos.

– Não é assim em todo o lado? – perguntou Matilde.

– Claro que não – disse um capitão. – Em Amesterdão, por exemplo, há os canais ao longo dos quais se pode passear e encontrar pessoas. Praças com bancos cómodos e admiráveis monumentos onde as famílias vão e encontram amigos. Nas outras cidades que conheço é assim...

– O Recife, por exemplo – interrompeu Jean du Plessis. – O conde Maurício tem feito praças e recantos com muita verdura onde os casais se encontram, namoram... Ou simples pessoas vão passear e meter conversa com desconhecidos ou amigos. Aliás o conde de Nassau está a fazer de Recife uma cidade.

– Aqui em Luanda havia as igrejas – disse Matilde. – Mas agora estão nojentas. Eu venho aos domingos a esta igreja da Ilha para a missa. É onde encontramos pessoas. É um bom pretexto para passearmos.

– Mas nós não vamos a missas, como deve saber – disse o primeiro tenente que falara. – Claro que vou pensar seriamente no próximo domingo em atravessar o canal. A que horas é a missa?

Todos riram. Reparei que Du Plessis ficou sério e olhou intensamente para Matilde. Esta se fez desentendida e mirou longamente o tenente Joost Van Koin, cujo nome aprendi mais tarde, e que parecia o mais atiradiço. Matilde recusou o vinho que lhe queriam servir mas aceitou um segundo refresco de múcua. Já um outro oficial lhe oferecia quitaba, que vinha cortada aos pedacinhos em cima de folha de bananeira, e tinha feito grande sucesso junto dos oficiais mafulos, os quais provavam pela primeira vez a iguaria. E outro trouxe uma cadeira para ela sentar. O que se foi generalizando aos poucos pelo terreiro entre os convidados, pois os axiluanda há muito se tinham sentado no chão de terra batida, bem regada e varrida antes de começar a cerimónia religiosa. Em breve estavam os convidados instalados às mesas improvisadas e os peixes, a mandioca, a batata doce e os churrascos começaram a circular. E os vinhos a serem requisitados mais rapidamente. As vozes aumentaram de volume e algumas palmas ritimadas se começaram a ouvir, prenunciando danças em breve.

Os noivos estavam desde o princípio sentados à mesa principal, mais entretidos em observar o terreiro que a trocarem palavras. Receberam então a companhia do governador e de Baltazar, do major e dos convidados de maior importância, entre os quais se contava o soba do Mussulo e o Mani-Corimba, do sul de Luanda. Uma casa de pau a pique tinha sido construída rapidamente na sanzala da Ilha para os primeiros dias de núpcias. Mas nada tinha sido combinado antecipadamente e Baltazar estava convencido que o casal iria viver para a nossa sanzala, passada a lua de mel. Ficou pois espantado ao ouvir o Mani-Luanda dizer esta será vossa casa temporária, pois vou mandar construir uma de pedra e cal no fim dos coqueiros para criarem os filhos.

– Não sabia desses planos, Rodrigo, não me disseste nada de viverem na Ilha.

– A Cristina não quer viver fora, pai. Acho natural, nasceu aqui e é onde tem a família e os amigos. Também mais bonito sítio não há.

– Nem mais seguro – acrescentou Agostinho Corte Real. Baltazar Van Dum não apreciou a ideia, era evidente. Mas não podia discutir o assunto naquela mesa, com tantos estranhos e sobretudo na presença do Mani-Luanda. Já estava mesmo a ver que o governador da Ilha se tornaria mais no pai de Rodrigo que ele próprio. Sem contar com a perda que significava o filho deixar de se ocupar da quinta do Bengo, pois vivendo na Ilha, não faltariam os pretextos para ir espaçando as visitas. O sogro lhe pedia para tratar de um assunto e para resolver alguma maka, passaria a ser o homem de confiança. E o arimo esquecido para sempre.

Por causa do casamento tivera de mandar o Benvindo ao Bengo nessa semana, o que não era a mesma coisa. Benvindo tinha uma fala esganiça da, não a voz de comando de que necessitavam os escravos para se fazerem obedecer. Ainda por cima escravos que viviam e trabalhavam a horas de marcha dos donos. Tinham um capataz que os vigiava, mas era também um escravo, com pouca autoridade, portanto. Rodrigo era de poucas falas e por isso de falas rudes, o ideal para mandar em negros. Ambrósio vinha a seguir em idade, mas estava automaticamente posto de parte, pois apenas esperava a oportunidade para ir estudar para padre e entretanto ia

ganhando conhecimentos sobre a alma humana nas tabernas e no colo das negras. O que vinha a seguir, Hermenegildo, agora com vinte anos, não lhe dava nenhuma confiança. Era fraco de corpo e efeminado nos modos e nos gostos, tinha de reconhecer o meu dono, embora com muita relutância, preferindo pensar que a pouca idade ainda não tinha permitido revelar o homem que estava dentro dele. E terminavam aí os filhos legítimos. No quintal crescera entretanto o Diogo, agora com mais de vinte anos, não sabia bem se mais um ou dois anos, andava por aí, mas que nunca tinha sido reconhecido como filho e era apenas um escravo, parido por uma escrava há muito embarcada para o Brasil, ainda ele era de colo. Seria Diogo de confiança para substituir Rodrigo? Que razões tinha o filho bastardo para lhe ser fiel? Saberia ao menos que era seu filho? Certamente sim, eram informações que se transmitiam no quintal. Baltazar nunca reparara muito nele, mas tinha a impressão que havia algum ressentimento. Eu diria que havia muito mesmo, para não falar em ódio, mas eu era muito mais observador que o meu dono, não existia para fazer outra coisa. Na mesa do banquete, Baltazar pensava, tenho de olhar bem para o rapaz e tentar uma aproximação. Ou então deveria ir ele próprio todas as semanas ao Bengo, o que já lhe começava a pesar. Caragos, para quê tinha feito filhos então?

As palmas foram se amplificando no fundo do terreiro e algumas mulheres trautearam os primeiros cantos. Em breve se foram levantando os homens e as mulheres axiluada e montaram a roda da dança. O ritmo era apenas marcado pelas palmas e dois ngomas, a melodia feita pelas vozes. Os convidados continuaram sentados a comer e beber, enquanto os mafulos lançavam olhares curiosos para a dança, muitos deles pela primeira vez.

– Se a convidasse, dançava comigo? – perguntou Joost Van Koin a Matilde.

Ela deu uma gargalhada que se ouviu na mesa principal e fez fechar ainda mais o cenho do meu dono, que, apesar de todas as preocupações, não tirava os olhos do sítio onde imperava a filha.

– Essa dança de negros? – perguntou Matilde, ainda rindo. – Era capaz de dançar isso, tenente?

– Se for consigo, danço qualquer coisa e em qualquer lugar.

O tenente Du Plessis não estava a gostar nada da forma esfomeada como o Koin se atirava à Matilde, mas não podia fazer nada, que direitos tinha? Ela é que devia pôr o impertinente no lugar, mas isso nunca Matilde faria, conheço-a o suficiente para apostar sem perigo de perder. Ela se desculparia com a boa educação exigida a uma menina, a qual deve ser tão inocente que nunca repara na malícia dos homens. Eu preferia pensar que lhe agradava ser assim pretendida, teria muito que contar no dia seguinte à minha doce Catarina.

– Se reparar, Koin, esta dança não é de pares – disse Jean du Plessis. – Cada um dança por si. Portanto pode ir sozinho, para provar a sua coragem.

Matilde sentiu a tensão na voz do namorado. Adivinhou uma borrasca a se perfilar no horizonte, anunciada pelo muito vinho que os mafulos ingeriam. Lhe agradava que lutassem por ela? Não naquele sítio, não à frente do pai. Acabaria ela por ser prejudicada. Se antecipou a qualquer um:

– Ora, o tenente Koin estava a brincar. Nunca se rebaixaria a entrar na roda dos pescadores. Seria motivo de muita troça, um branco, ainda por cima oficial, se misturar com negros de panos.

– Por si arriscaria a troça.

Pelos vistos, a tentativa de Matilde tinha sido gorada, pela muita paixão que ela própria e o vinho punham no coração do tenente flamengo. Mas deu tempo para Jean du Plessis cair em si e atribuir à bebida o comportamento do companheiro de armas. E, sobretudo, tinha percebido na fala da namorada secreta um aviso, vê lá, não armes confusão ao pé do meu pai. O qual tinha para meu espanto percebido no ar qualquer anormalidade, pois continuava muito atento à mesa. Devia estar a pesar as coisas e a hesitar se devia mandar a filha ficar ao pé da mãe para o resto da festa. De facto ela não estava a dar escândalo nenhum, apenas sentada a uma mesa em que seis homens ficavam virados para ela e suspensos da sua respiração. É certo que mais nenhuma mulher estava em mesa de homens, mas que mulheres havia na boda, além das pertencentes à família Van Dum e à Corte Real? Senhoras junto de cavalheiros era

perfeitamente natural entre os flamengos, Baltazar tinha obrigação de conhecer os costumes da sua terra. Por isso hesitava. Seria considerado um provinciano se mandasse a filha sair dali. Ou pior, seria considerado um flamengo com costumes portugueses. Bem lhe bastava a religião católica para fazer todos os Hans Molt o olharem de lado. Não podia dar motivo para desconfiarem da lealdade dele. E da sua cultura. Em casa teria uma conversa com Matilde e sobretudo com a mãe dela. Seria preciso apertar as rédeas à menina, demasiado desembaraçada em meio masculino para o seu gosto, mas isso eram assuntos caseiros, que deviam ser resolvidos no recato da família, sem estranhos a observar e comentar.

Tomada a decisão, o meu dono relaxou, encheu mais vezes a taça com o vinho oferecido por ele, entrou na conversa do major com Dom Agostinho, que falavam sobre uma coisa de que ambos gostavam muito, guerra. O Mani-Luanda era reconhecido pelo seu valor militar, embora ultimamente não tivesse muita ocasião de exercitar os seus dotes. E o major tinha muita experiência dos seus tempos da Flandres e do Brasil. Discutiam exactamente sobre combates no país que lhes ficava mesmo à frente do nariz, do outro lado do mar. Corte Real ouvia com agrado o major falar do muito respeito que lhe merecia o inimigo Henrique Dias, filho de escravos que de Angola tinham ido para o Brasil e aí se revelara um valoroso comandante militar. Infelizmente do lado dos portugueses. Dizia o Mani-Luanda:

– Ovi dizer que o rei de Portugal prepara uma armada para atacar Luanda. E que um dos comandantes seria exactamente Henrique Dias.

– Uma coisa já eu aprendi, senhor governador – disse o major. – Quando se sabem muitos detalhes de uma operação planeada pelo adversário, é porque nada é verdade. Mas muito gostaria de enfrentar em combate o comandante Henrique Dias.

Daí o major saltou para a descrição de uma batalha contra os espanhóis coligados com mercenários franceses, na Flandres, e o meu dono e eu, que já ouvíramos várias vezes o relato, mudámos de ponto de interesse, observando o resto da família. A D. Inocência e as filhas mais novas faziam parte da roda da esposa principal do

Mani-Luanda, todas sentadas em cima de esteiras. As senhoras falavam e as meninas ouviam, para se educarem, mirando disfarçadamente os oficiais mafulos que por vezes lhes faziam discretas saúdes com as canecas de vinho. Nicolau, Benvindo, Ambrósio e Hermenegildo estavam sentados juntos, comendo e bebendo, por vezes rindo de alguma observação de Ambrósio. Quatro irmãos unidos, pensou com orgulho Baltazar, e também o Rodrigo faz parte do grupo, por vontade dele saía da mesa principal para sentar com os irmãos. Aliás, já estava na hora de os noivos irem embora consumir o matrimónio. Cristina, de vez em quando, fazia sinais à mãe, a perguntar mudamente, como é, podemos bazar? A mãe encolhia os ombros, nessas coisas de protocolo estavam dependentes da vontade do Mani-Luanda, ele é que tinha obrigação de comandar. Baltazar segredou para o filho:

– Não querem ir já embora?

– Acha que podemos, pai? Ou temos de pedir a Dom Agostinho?

– De facto, deve ser melhor pedir. Deixa acabar a conversa com o major.

O que nunca mais acontecia, pois o major falava, falava, sangue e canhões, canhões e sangue, e eu ia bebendo o maluvo, e depois vinha a cavalaria em cima dos alazões espanhóis e mais os cavalos da Camargue dos franceses, eu bebendo sem que ninguém reparasse ou dissesse trava aí, estás a exagerar, e tenho muita pena, gostaria de continuar o relato, não só das batalhas do major e de Dom Agostinho Corte Real, mas também o relato da forma como o meu dono reparou que há muito devia ter arranjado casamento para Matilde, ou o relato de como Rodrigo e Cristina, a Nzuzi, conseguiram dali fugir para irem descobrir o amor carnal, pois antes o noivo não tentara nada apesar das tentativas da noiva, por amor de Deus, seria um pecado enorme e um desrespeito pelas famílias que o pio Rodrigo nunca ousaria cometer, ou o relato de como ia acabando a boda com alguns mafulos mais atrevidos a tentarem levar as dançarinas para os escuros do areal, o que alguns devem ter conseguido, sempre há sortudos, mas não posso continuar a narrativa deste notável casamento, pois não me lembro de mais nada, devo ter caído de borco e só me recordo de acordar, no dongo

que nos levava para o outro lado do canal, com uma tremenda dor de cabeça, que a ressaca é o pior que o maluco tem. No dongo ia o meu dono, o Nicolau, o Benvindo e esta carcaça, pois os outros devem ter ido na chalupa. Porquê uns iam no dongo e outros na chalupa não sei, nem vou perguntar, basta de desvergonhas.

# CAPÍTULO QUARTO

(Janeiro de 1644)

«... tratou ele de planear a sua fuga, de acordo com o cap. Gaspar Gonçalves, "o Ensandeira", que possuía e cultivava a ilha do mesmo nome no rio Cuanza, distante apenas umas seis léguas da cidade. Após as tréguas, o "Ensandeira" descera a ocupar novamente os seus domínios. Foi ele quem facilitou a evasão de Pedro César. Deu-se ela de noite e após o governador ter embebedado os guardas.»

Silva Rego, *A Dupla Restauração de Angola*,  
Agência-Geral das Colónias, Lisboa, 1948, p. 80

Rodrigo, o do olho verde, não só se instalou na Ilha, contrariando o seu pai, como montou o seu próprio negócio. A ideia era simples, mas brilhante, digo eu que nada percebo de finanças e trapações, mas sei da vida. Se na Ilha havia tantos pescadores e com tanta arte, podia ser montada uma empresa que salgasse e secasse o peixe que sobrava. Esse peixe salgado ou seco, conforme o gosto, podia ser vendido aos barcos e para alimentação dos escravos da cidade. E o resto trocado no interior por escravos. Rodrigo tinha o apoio do sogro, que de facto foi quem facilitou tudo, pois mandou os pescadores trabalharem um pouco mais e organizou a vinda de sal, o principal impedimento. O sal tinha de vir da Kissama, das minas naturais, enquanto não chegasse o que era produzido nas salinas de Benguela, o melhor que se conhecia.

Fui no princípio do ano com o meu dono visitar o empreendimento e fiquei espantado. Em dois ou três meses, tinha sido construído um armazém de pau a pique e arranjado um terreiro onde o peixe era

escalado por uma dezena de homens, vestidos com um pano comprido apertado na cintura e um outro pano enrolado na cabeça. Cortavam as cabeças dos peixes, faziam um golpe ao longo do corpo, extraindo de uma facada as vísceras, davam um corte de cada lado a todo o comprimento da espinha e o peixe ficava espalmado, pronto para secar. A secagem se realizava numa espécie de bancas formadas por paus amarrados por matebas de folhas de palmeira e cravados na areia, parecendo pequenos telhados de duas águas, onde se punham os peixes virados para o sol. Numa semana ficavam prontos para resistir a um mês ou mais de viagem, quer em barcos quer nas caravanas para o interior. O que me desagradou foram as moscas, eram às centenas. Ainda bem que eu não morava ali perto. Nem Rodrigo, pois a sua casa ficava distante da empresa. Também salgavam o peixe escalado e metiam em barricas, para venda à tripulação dos veleiros. Um bom negócio, teve de reconhecer o meu dono, com alguma inveja.

– Mas és associado do Mani-Luanda?

– Não, o negócio é meu. Ele apoia. Mandou vir sal da Kissama, usando para isso a sua amizade com os jagas da zona. De outra forma seria impossível. E mandou construir o armazém. O resto é comigo.

– E os homens que trabalham aqui são teus escravos?

– Não. São emprestados pelo meu sogro. Depois terei de arranjar os meus escravos, com o peixe seco que for para o interior. Estes homens são pescadores, preferem ir à noite para o mar e por vezes nem aparecem aqui para trabalhar, porque passaram a noite a pescar. E refilam muito por terem de vir todos os dias. No princípio era novidade, acharam graça fazer uma coisa nova. Mas agora estão fartos. Já pediram ao Mani-Luanda para os dispensar, ele convenceu-os a aguentarem só mais um pouco. Viu o armazém, já tenho nele peixe seco suficiente para organizar uma caravana para o interior e resgatar os escravos que trabalharão aqui.

Baltazar percebeu que tinha definitivamente perdido o filho. Prevendo a possibilidade de Rodrigo se render à vontade do sogro, que o queria perto dele, foi ao Bengo dias depois do casamento e levou Diogo, o filho nascido no quintal e nunca reconhecido. Pediu a

Nicolau para nos acompanhar, embora a quinta do Bengo não fosse da sua responsabilidade. Foi um ótimo passeio para alguém nascido no mato e que estava farto de percorrer sempre os mesmos caminhos da cidade, como eu. Saímos da sanzala ao nascer do sol e chegámos à fazenda antes do meio-dia. Andámos a fiscalizar as hortas e as lavras, fazendo perguntas e dando ordens ao capataz. O meu dono chamava constantemente Diogo para perto dele, tentando disfarçadamente interessá-lo pelo arimo. Mas acho que Diogo ouvia muito mais Nicolau, que de vez em quando também lhe falava. Os olhos não enganavam e o rapaz não gostava de Baltazar, devia ser ressentimento de nunca ter sido reconhecido. Perceberia ele que esta inesperada viagem ao Bengo significava o princípio do processo de reconhecimento? Se percebia, então achava ser tarde de mais, os olhos não amoleciam.

Só comemos para o fim da tarde, pois foi preciso matar um cabrito e pillar a mandioca para fazer farinha para o funji, o que se faz depois dos trabalhos do campo. Por causa dessas demoras o meu dono levou um farnel que distribuiu pelos filhos, mal chegámos ao arimo. Fui esquecido nas partilhas, como sempre. Mas estava habituado a só comer à noite, quando trazia o meu dono dos jogos de cartas. A minha boa Catarina deixava umas sobras da cozinha na janela desta, do lado de fora. Todos sabiam na sanzala que era o meu jantar, ninguém mexia, até os cães respeitavam. Portanto não foi o esquecimento de Baltazar em me dar umas migalhas do seu farnel, um churrasco de galinha do mato com muito jindungo, que me perturbou o prazer de passear pela quinta e ouvir todas as instruções. Havia muita mandioca e milho, mas também bananas, goiabas, couves, tomate e cebola. A criação se resumia a algumas cabras, patos e galinhas, nada de importante. Por hábitos ancestrais, os escravos cultivavam um pouco de massango em zonas escondidas do patrão, para seu próprio sustento, pois Baltazar dizia que era perder tempo, a mandioca e o milho davam mais rendimento. É claro que o meu dono não sabia apreciar o sabor incomparável de um funji de massango. E ainda menos o do funji de véspera, que ficava duro como um bolo, levando uma camada de mel por cima. Prazer dos prazeres, saudades da minha meninice gentia.

À hora do jantar, o meu dono juntou os cinco escravos e distribuiu por eles alguns panos que levou. Não era grande coisa, eram restos dos negócios, mas ficaram contentes. Nicolau segredou para eles em kimbundu, agora já podem arranjar mulher. Eu pensei, o Nicolau está a ser um grande cínico, pois qual é a mulher livre que aceita casar com um escravo, sujeito a qualquer momento a ser vendido e embarcado para o outro lado do mar? E sujeitos os seus filhos a serem escravos também? Casar só poderiam com outras escravas. Mas como? Nenhum dono aceitaria, para fazer filhos nas escravas bastavam eles ou os seus próprios escravos, não aceitavam dividi-las com gente de fora da sanzala. E Baltazar nunca tinha querido deixar no Bengo mulheres escravas. Uma coisa sempre me espantou, foi aqueles escravos do Bengo não fugirem, a começar pelo capataz. Provavelmente preferiam estar ali, com garantia de não serem vendidos a outros, a voltar para as suas terras, onde imperava o despótico soba Cafuxi, conhecido pelos loucos rompantes de cólera em que podia arrasar uma aldeia pela razão mais fútil. Dele tinham fugido, para lá não voltariam. Apanhados fora da fazenda, podiam cair em outras mãos, particularmente dos gananciosos e cruéis portugueses, e não teriam a liberdade de que desfrutavam com o meu dono. E tentar a sorte em terras longínquas, na Kissama ou nos territórios para lá do Dande, em pleno reino do Kongo, era uma hipótese também de alto risco, pois sempre eram estrangeiros e qualquer soba ou mani podia oprimi-los ou vendê-los. Na quinta de Baltazar, se tivessem mulher, até esqueceriam a sua condição de escravos, ligados para sempre àquela terra fértil.

Depois do jantar ficámos muito tempo à roda da grande fogueira que foi preparada para receber o patrão. E conversaram todos, escravos e donos. Menos eu, claro, que estava ali para acompanhar Baltazar e ouvir tudo. O mais curioso nem era tanto o que se dizia, muitas até eram estórias que eu já conhecia, de Jinga, dos makotas e sobas da área, dos portugueses e mafulos, de como chovia e de como corria o rio Bengo, de como kiandas saíam das águas para ajudar ou prejudicar pessoas, de como os pássaros cantavam ou determinado kimbanda curava infertilidade. O engraçado eram as línguas da conversa. Se era para todos perceberem e participarem,

utilizavam o kimbundo. Se Baltazar queria dizer alguma coisa confidencial a Nicolau, usava o flamengo. E se Nicolau ou o meu dono se dirigiam a Diogo, para só os três se comunicarem, o português era escolhido. Complicado para quem não dominava os três idiomas. Eu estava perfeitamente à vontade. Até podiam falar castelhano ou mesmo francês, que o sentido não me escaparia. Nessa questão de línguas, eu apenas lamentava nunca ter tido oportunidade de ouvir mais do que algumas frases em italiano. Lamentava apenas por questão de orgulho, pois não fora meu pai um padre napolitano? Noite bem entrada, fomos dormir. Baltazar e filhos numa casa de pau a pique, a única existente na quinta. Os escravos foram para as suas cubatas. Eu preferi ficar ao lado da grande fogueira, cujas brasas afugentavam o frio durante toda a noite. E não havia mosquito que resistisse ao fumo, preferiam a escuridão das cubatas ou o capim junto do rio.

Na viagem de regresso, os três parentes conversaram bastante. Eu já tratava Diogo como um Van Dum, porque Baltazar às tantas lhe disse, na próxima semana voltamos cá. Esta viagem se passou logo após o casamento de Rodrigo, como disse. Desde então, Baltazar levou Diogo duas semanas seguidas, depois mandou-o ficar na quinta três dias, depois uma semana, e foi alternando os períodos no arimo e na sanzala. Até que lhe disse um dia, agora passas a usar o meu nome, porque és meu filho e ficas a tomar conta da quinta em meu nome. Para meu espanto, Diogo engoliu todos os ressentimentos, só disse está bem, pai. Se mudou para o Bengo, vem todas as semanas a Luanda trazer milho e mandioca, legumes e fruta. Traz três escravos e uma mula para carregar toda a comida em enormes cestos, dorme essa noite na sanzala, e volta no dia seguinte. Com uma espada e pistola à cinta, ofertas do pai, absolutamente necessárias para manter em respeito feras e escravos. Nunca comemos tão bem na nossa sanzala. E Baltazar fala sempre com muita satisfação no filho Diogo, uma inesperada revelação para agricultura, que come a partir de então na mesa da casa grande como o resto da família. Só D. Inocência olha de lado e não fala para ele.

No entanto, nem tudo foi perfeito na integração familiar de Diogo. Ninguém mais percebeu, só eu, mas ninguém tem o meu faro para detectar insignificâncias escondidas na cabeça das pessoas. Às vezes essas coisas escondidas não são tão insignificantes assim, acabam por explicar acontecimentos futuros. Muitas vezes tão no futuro que as ligações não se fazem, ficam escondidas em repouso, até que alguém cosa as pontas. Sucede provavelmente com certa frequência não surgir alguém com esse talento de coser pontas e o conhecimento se perde. Não sou muito versado na história dos homens, sei apenas o que o meu dono sabe e contou, ou o que outros lhe contaram e ouvi, coisa pouca. Mas o suficiente para entender que muito se perdeu, ao longo dos séculos, na ligação às verdadeiras causas de fenómenos aparentemente inexplicáveis. Com a integração de Diogo também poderá acontecer o mesmo, trazer consequências que nunca serão reconhecidas como tal, apenas porque ninguém sondou a cabeça de Benvindo, que gostava tanto da quinta e de mandar nos escravos, e foi preterido para o seu comando porque tem voz de falsete. Daí o olhar magoado que lança ao pai, quando Diogo está perto, e o olhar rancoroso para este. Talvez sem outras consequências. Mas quem, senão Matilde, pode adivinhar o futuro?

E Matilde tinha outras preocupações, toda ocupada em tentar esconder da família a barriga que teimava em crescer. Catarina, a única conhecedora do problema da irmã, andava numa grande aflição. Já falara com todas as escravas da sanzala, mas nenhuma conhecia aquela erva que provoca aborto quando tomada em chá. Existe e todas sabem que existe a erva providencial, mas ninguém a conhece nem sabe onde arranjar. Antes seria mais fácil, no tempo dos portugueses, porque a cidade estava cheia de gente, com caravanas a entrarem e saírem da cidade todas as semanas. Alguém conheceria. Mas as grandes famílias retiraram, os segredos também. E os mafulos confundiam tudo, não deixavam entrar nenhum kimbanda na cidade, porque os *predikant* falavam nos kimbandas como usuários de artes do demónio, afinal não muito diferente do que diziam os padres, só que os *predikant* eram mais militantes e tinham vozes mais esganiçadas, imperativas. Matilde se enervava,

apertava a barriga, a minha doce Catarina sofria. Pensava, pensava, mas não encontrava solução para a mana preferida. A única solução que imaginava estaria no Bengo, onde havia muitas famílias fugidas de Luanda e aí se espalhavam por quintas, ou em Massangano. Como lá chegar? Só o irmão Nicolau, ou o novo irmão Diogo. Mas era loucura meter os irmãos no assunto, os homens são sempre imprevisíveis. E de pouco adiantaria, mesmo se quisessem ajudar. São segredos que correm só entre mulheres, os irmãos nunca chegariam a eles.

– Só há uma solução, Matilde. O tenente francês tem de vir pedir a tua mão. Casam e pronto. Quando a barriga aparecer, já estão casados, o pai não poderá fazer nada contra ti.

– Não podemos casar. Ele é huguenote.

– Que é isso?

A pergunta de Catarina era a mesma que eu queria fazer. Reconheci imediatamente o quanto faltava para a minha instrução, pobre escravo ignorante do mundo. Me encostei mais à parede, por baixo da janela do quarto delas, na noite já escura, boa para confidências e suspiros de lamento. Abri os ouvidos como vira fazer o elefante, aprendi.

– É uma religião. Os pais dele fugiram de França e se instalaram na Holanda, porque foram perseguidos pelos católicos. Muitos foram mortos, os que não tiveram tempo de escapar. Os huguenotes são calvinistas como os flamengos, mas franceses. A maior parte dos franceses são católicos e perseguem os das outras religiões, como fazem os portugueses e espanhóis. O Jean não liga muito à religião dos pais, mas também não se pode converter à nossa, que diriam os holandeses? Por isso não podemos casar.

– Já lhe disseste que estás grávida?

– Já.

– E ele?

– Ia desmaiando. Depois perguntou se eu tinha a certeza que o filho era dele.

– E tu?

– Mandei-o à merda. Não era mesmo para lá que ele merecia ir?

Não me admirei. A Matilde é uma forte personalidade, toda a gente se apercebe imediatamente disso. E bem me pareceu logo à primeira que o tenente Jean du Plessis é um fraco de vontade. Outro qualquer teria desafiado o Joost Van Koin para um duelo, depois de saírem da Ilha, na noite do casamento. Sem escândalo, discretamente. Ou pelo menos ameaçado, mato-te se voltares a atirar-te à minha pequena. Nem deve ter tido coragem de dizer que amava Matilde. Como fará ele para comandar homens? Ou é daqueles oficiais que só exercem o cargo nas cortes e nas danças de salão, sem nunca pisarem o terreno ardente de uma batalha?

– Ele tem de casar contigo. Não foi isso que lhe disseste?

– Foi. Mas ficou tão assustado! Que os mafulos o põem fora do exército, porque vai trair a religião que levou os pais a escolher a Holanda. Que eu podia renegar o catolicismo e o *predikant* casava-nos rapidamente. Aí fui eu que apertei os cabrestos. Eu sou de família importante e católica, nunca vou renunciar à minha família, a dele é que fugiu da sua terra, a minha família nunca fugiu de nada, ele foi ficando mais pálido, mais pálido, mas não mudou de ideias.

– Tens de lhe dizer que não vais poder esconder mais tempo a barriga. São pelo menos quatro meses e o nené parece muito grande. E quando o teu pai lhe for pedir contas, será muito pior para ele. Então é que sai mesmo do exército, no mínimo. Fala-lhe da amizade do major Tack...

– Não é preciso, ele sabe.

Mas as insistências pelos vistos não faziam demover o tenente, que esperava certamente um milagre. Os dias passavam sobre esta conversa que surpreendi, e fui notando a barriga a crescer, apesar de todos os apertos e saíotes. Um bom observador repararia também nas mudanças fisionómicas de Matilde, os olhos mais lânguidos, a pele mais macia, a boca mais descaída e os longos períodos de alheamento. Nunca mais participara nas conversas dos homens à mesa da casa grande. E Baltazar andava de olho nela, desde o casamento de Rodrigo tinha a pulga atrás da orelha. Não era preciso ser o grande Kandala, reconhecido adivinho e kimbanda da mítica Lunda, de onde veio minha desconhecida mãe, para perceber a tempestade no horizonte.

Estava preocupado, sem poder deixar de pensar nesta situação tão delicada na família, temendo a tempestade, sentado em baixo da janela da sala do major Gerrit Tack, antes de começar o jogo de cartas, quando surpreendi uma conversa que muito me admirou e desnorteou. O que mostra não ser sempre agradável nem saudável o ofício de ouvir conversas alheias. Percebi que o meu dono falava em voz baixa e em português com alguém, facilmente adivinhei que só podia se tratar do governador Pedro César. Para meu grande espanto, dizia Baltazar:

– Falei com o Domingos Fernandes, como me pediu. E ele garantiu que em Massangano a maior parte dos moradores lamentam a sua ausência e não apoiam Abreu de Miranda. Aliás, estão revoltados porque o Miranda não exigiu a sua libertação, quando discutiu as condições de tréguas.

O que me espantava e me deixou furioso foi essa conversa com o Domingos Fernandes me ter escapado completamente. Quando e onde? Como era possível eu não ter assistido a ela? Afinal o meu dono fazia coisas nas minhas costas, escondia-me dados importantes? Senti o fel da traição. E quando poderia ter sido essa conversa? No casamento do Rodrigo, fiquei inconsciente pelo maluco, uma boa altura para conversarem sem eu me aperceber, mas já tinham passado três meses, o meu dono não podia estar a relatar só agora esse dado que parecia tão importante aos dois. Se tinha encontrado com o senhor de Pinda numa madrugada ou a altas horas da noite, quando eu dormia? Parecia inacreditável, mas só podia ser. O que significava grandes conspirações. Abri mais os ouvidos e a partir dessa noite dormi ainda menos. A imaginação trabalhava para me entreter nas horas de espera. Nunca consegui descobrir como ocorreu essa misteriosa conversa entre Baltazar e o senhor Domingos de Pinda, mas foi a única totalmente secreta, juro que foi.

– Portanto se eu chegar a Massangano, o senhor garante que não haverá resistência a que retome o poder?

– Eu não garanto, desculpe o senhor governador, quem garante é o Domingos Fernandes.

Ficaram em silêncio. O Menezes estava a pensar retomar o governo em Massangano? Não sabia que os holandeses se dispunham a deixá-lo partir em liberdade, todos os dados apontavam o contrário. Se nem autorizavam o seu agente reconhecido ir visitá-lo... De repente me apercebi que não sabia tudo. Naqueles jogos de cartas muitas conversas se passavam que eu não conseguia captar. Muitas análises foram feitas ao longo destes meses e eu fico amodorrado no calor do fim de tarde e na pasmaceira da cidade alta, não me dou conta delas. Só pode ser isso. E o meu dono não tem falado muito dessas políticas à mesa da casa grande, vá lá saber-se por que razão.

– Seria bom o senhor governador tomar as rédeas do governo – disse Baltazar. – O Abreu de Miranda só pensa em guerra contra todos, impede qualquer comércio, isto está uma desgraça.

– Já lhe prometi antes, meu amigo. Deixo comerciar livremente entre Luanda e o interior. Estou convencido que o melhor para todos é entendermo-nos aqui. Que as lutas se façam longe, na Europa e no Brasil.

Era uma grande mudança para quem escreveu ao rei a pedir reforços, prometendo que punha os mafulos a correr. Baltazar um dia comentara que o Pedro César se queixou de estar ali preso e sem saber como estava a sua riqueza, escondida algures. Os brancos são mesmo engraçados. Ele não parecia estar muito preocupado por se encontrar preso longe dos súbditos e não poder fazer algo por estes. O problema que lhe estragava as noites era não estar perto das suas pratas. Eu tenho saudade da Catarina, se passo um dia sem a ver. Ele tem saudade das pratas. De que terá saudade o major Tack? Não é da mulher, esquecida no Brasil, nunca fala dela, mesmo quando está bêbado. De batalhas, assunto privilegiado nas conversas bem avinhadas? Dos nevoeiros e cinzentos da Flandres já se queixou, também não lhe inspiram grande nostalgia. Um mistério, a saudade do major.

– Os holandeses não desejam outra coisa. Vieram para cá por causa do comércio, sobretudo das peças, e a tensão no interior impede o resgate de escravos.

– Que me libertem e faremos negócios. Nós fornecemos escravos, ou deixamos pessoas como o meu amigo fornecer-lhes. Eles fornecem as mercadorias de que necessitamos e pagam a diferença em moeda.

– Está a pensar em armas e pólvora? – perguntou Baltazar.

– Também. Os presídios do interior devem estar com muita falta delas para nos defendermos dos negros. O amigo Van Dum sabe que por vezes é preciso fazer uma guerra de kuata-kuata para apanhar escravos, nem todos vêm pela troca. As armas e a pólvora são necessárias. Mas precisamos certamente de tecidos, de vinho, de azeite, sei lá que mais. Desde que os hereges tomaram Luanda nunca mais recebemos nenhum suprimento, já lá vão dois anos e meio.

– Do que eu tenho ouvido, o director não está disposto a deixá-lo ir, senhor governador – disse o meu dono. – Pelo menos não o quer libertar directamente, tomando uma iniciativa dessa gravidade sem consultar os Dezanove. Mas as comunicações estão péssimas com Amesterdão, sempre através de Pernambuco, há meses que não recebem resposta às cartas. Pode no entanto estar certo de que o Hans Molt vê as vantagens vindas para o comércio, se por acaso o senhor governador aparecer em Massangano.

– Seja mais claro, amigo Van Dum.

– Ainda não posso ser. Mas tenho cá uma ideia. Falarei consigo em tempo oportuno. Diga-me uma coisa, o Ensandeira é pessoa da sua total confiança? O Domingos Fernandes garantiu que sim.

– Pode confiar. Tenho Gaspar Gonçalves na conta de uma pessoa de bem e fiel, um verdadeiro patriota.

E mais não disseram nessa noite, pois o meu dono foi chamado para a mesa de jogo. As conversas foram sem interesse e conseguia calar o meu espanto, para não falar já da minha revolta. Se passavam grandes coisas, pelo menos na cabeça de Baltazar, e eu completamente fora da jogada. Grande sono, o meu dono, não era mesmo feio trair o seu escravo de estimação? Nunca lhe pedi nada, nem mesmo a liberdade, não perco tempo nem saliva a pedir o impossível. Não merecia ao menos um pouco de transparência nos seus gestos, eu que me alimento praticamente do

que vejo e oiço? Não é só curiosidade vã, eu tenho sentido da História e da necessidade de a alimentar, embora os padres e outros europeus digam que não temos nem sabemos o que é História. Sou muito diferente do governador Pedro César de Menezes, que deixou se perderem todos os documentos de Luanda, até mesmo o foral assinado pelo rei a dar a esta sanzala grande galões de cidade.

Foi assim. Fugidos os portugueses de Luanda, e nós com eles, chegámos ao Bengo. Nos estabelecemos por uns tempos perto da quinta e capela dos Jesuítas, não muito longe do arimo do meu dono. Às tantas vinham alguns pelotões holandeses em perseguição, para nos afastar mais da cidade. O governador tomou então a decisão de recuar até Massangano, fortaleza segura. Mas havia as riquezas levadas de Luanda, muitas famílias, gente doente e ferida, poucos escravos, que quase todos tinham fugido. Como transportar feridos e os arquivos do governo para Massangano? O governador mandou os papéis e os feridos subirem o rio a bordo de umas chalupas. Um jesuíta protestou, mas os documentos, senhor? Pedro César não o quis ouvir. Subam o rio que assim ficamos mais leves para fugir rápido para Massangano, os papéis valem menos que as riquezas e os feridos menos que os sãos. Acontece que o rio levava pouca água, pois se estava na época do cacimbo, e as chalupas encalharam logo ali acima. Os holandeses vieram e pegaram fogo aos barcos. Morreram os feridos, se queimaram os papéis. Assim se perderam todos os documentos da conquista e fundação da cidade e todos os mambos e makas que aconteceram nesses anos todos até à chegada dos mafulos. Depois somos nós que não temos sentido da História, só porque não sabemos escrever. Eu, pelo menos, sinto grande responsabilidade em ver e ouvir tudo para um dia poder contar, correndo as gerações, da mesma maneira que aprendi com outros o que antes sucedeu. Por isso o meu dono não tinha o direito de tentar me esconder tão magnos acontecimentos que passam na sua cabeça, mesmo se um pouco loucos.

Mas louca mesmo estava agora Matilde, pois Jean du Plessis ameaçara fugir, se matar, tudo fazer, menos casar. Não gostava dela? Adorava-a, era evidente. Mas tinha medo de perder o emprego de mercenário, se traísse a palavra de Calvino. Só de pensar que teria

de entrar num templo papista, dos mesmos que mataram tantos dos companheiros dos seus pais, um nó se formava na barriga, não parava de vomitar. Havia algum exagero na repulsa e um bom abanão talvez resolvesse. O problema é que Matilde parecia fraca de mais para dar esse abanão. Ela tão forte de personalidade, neste caso não tinha peso suficiente. E a barriga crescia, crescia, gritava para dentro dos olhos das pessoas.

– Se ele não assume, não há outro remédio – disse a desesperada Catarina, numa outra noite. – Conta ao nosso pai.

– Tás louca?

– Estamos todos. É melhor ele saber por ti do que pelos gritos da tua barriga. Ou de outra forma qualquer. Vai berrar contigo, te castigar? Será por pouco tempo. Terá de resolver o problema de forma definitiva. E essa é casando-te. Vais ver que o teu namoradinho deixa logo de vomitar.

– Não tenho coragem – gemeu Matilde e o meu coração se partiu todo com a voz dela em pedaços.

– Outra não teria. Mas tu tens essa coragem, conheço-te. Conta antes que seja tarde de mais, antes que ele descubra. Tu bem sabes, ele pôs o Dimuka nos teus passos. Esse maldito pode descobrir alguma coisa.

Era verdade. Como tinha a boa Catarina descoberto essa malandrice do meu dono? De facto eu tinha visto, no dia seguinte ao casamento do Rodrigo, Baltazar falar com o Dimuka. Desconfiei de que boa coisa não seria, mas nunca tive oportunidade de desvendar o mistério. O capataz e chefe da segurança por vezes desaparecia da sanzala. Quando Matilde ia passear para a lagoa do Kinaxixi. Só agora eu ligava as duas coisas. Mas como era possível então não ter ainda contado nada ao patrão? Pois eu não precisava de sair do meu canto para saber que Matilde ia se encontrar com o tenente francês há meses e meses no Kinaxixi. Um tipo tão experimentado em seguir e perseguir escravos nunca podia deixar de verificar o encontro e tudo o que o casalinho fazia na sombra das mafumeiras e no remanso dos caniços de papiro. Porquê esse cão de guarda do Dimuka ainda não falara ao senhor Van Dum desse escândalo que ia

abalar a paz familiar? Afinal, a explicação era tão simples que até doía. E a explicação veio pela fala um pouco displicente de Matilde:

– Ora, esse não mete medo. Pois o maldito, como dizes, já descobriu há muito tempo. Mas não abrirá a boca. Percebi que ele vinha atrás de mim, logo da primeira vez. Uma intuição, sabes como é, das que eu tenho. E lhe avisei, se vires alguma coisa e se quiseres contar alguma coisa do que vires, eu faço de maneira que só cobras vão sair da tua boca, até morreres.

Catarina deu uma gargalhada, que interrompeu no meio, assustada. Pois ela, como eu, sabíamos, a ameaça de Matilde não era para brincar. Também Dimuka sabia dos poderes da menina, quem na sanzala não conhecia? E juro pelo sangue de Cristo, se Dimuka tentasse contar alguma coisa a Baltazar, só iam sair mesmo cobras da boca dele, até se engasgar e sufocar, estava escrito. Que os padres me perdoem, mas é verdade. Com essas coisas não se brinca e por isso ele saía sempre atrás de Matilde, para o meu dono ver que cumpria as ordens, só que depois ficava escondido na sombra de uma árvore até que ela voltasse do encontro. E entrava na sanzala a seguir, sem ter observado nada de mal. Dimuka era fiel a Baltazar, ninguém podia duvidar disso, mas o medo do feitiço era mais forte, então não tinha razão? Estava tudo explicado. Só era pena que os poderes de Matilde não pudessem fazer evaporar o filho que crescia na barriga dela, pois era desse mambo que se tratava agora.

– Conta ao pai, não tens outra solução. Se preferires conta à tua mãe. Embora eu ache que devias enfrentar directamente o pai.

Terei notado um muito escondido desprezo na voz da minha amada quando se referiu a D. Inocência? Se existia era muito subtil. De facto dizer que era melhor não usar a intermediação da mãe significava diminuir o seu papel. Não são as mães que servem sempre de almofada nos choques dos filhos com os pais? Pois pelos vistos neste caso não seria.

– Tens razão, é melhor defrontar directamente o leão. Mas ainda não estou preparada.

– Não há muito tempo.

– Eu sei.

Se calaram. Fiquei muito tempo naquela posição, não para ouvir mais alguma coisa, mas para reflectir no assunto e nas surpresas que se tem todos os dias. Matilde era capaz de, com um gesto ou uma simples palavra, dominar esse selvagem torturador do Dimuka, terror de todos nós. No entanto, era incapaz de contar a verdade ao pai e aproveitar a força dele para convencer o namorado a renunciar à crença dos antepassados. Arriscava uma fúria de Baltazar? Como dizia Catarina, ela passava pela própria necessidade de o problema ser resolvido com o menor escândalo. Assim arriscava mais. Sem esquecer que deixar o Dimuka sentir os seus dotes de feitiçaria poderia lhe provocar problemas no futuro.

Mas por enquanto o meu dono tinha outros problemas, esperando que a filha lhe pusesse no centro de mais um. O problema de Baltazar era facilitar o comércio entre Luanda e o interior, para que o tráfico de escravos se fizesse com lucro de todos e a solução parecia passar por Pedro César de Menezes. Na manhã do dia seguinte foi procurar o major Tack à Fortaleza do Morro, onde este tinha o seu gabinete. Baltazar usou o cavalo, o que dizia da sua determinação. Não me foi fácil acompanhar o trote. O militar ficou surpreso quando o viu entrar pelo gabinete, era a primeira vez.

– Venho procurá-lo para um assunto da máxima importância e sigilo. Preciso de conversar consigo e com o director Hans Molt em particular. Quer ir comigo pedir-lhe para nos receber?

Claro que o major não ia sair do seu gabinete e percorrer os quinhentos metros até ao antigo colégio, no meio do calor, mesmo que a cavalo, sem fazer perguntas antes. Facilmente imagino o ar um pouco contrariado do militar, abrindo um pouco o colarinho apertado, ao ver pela janela o sol a bater forte no chão do pátio. Imagino, pois não entrei no gabinete dele, fiquei a vaguear pelo corredor fresco, olhando os soldados a construir mais uma fortificação no interior da fortaleza. Estavam a reforçar constantemente o muro, ia ficando uma defesa de respeito. Nunca tinha entrado lá, estava espantado com o número dos canhões. Por isso era impossível um navio de guerra entrar pela barra da Corimba e passar por baixo da fortaleza até chegar à baía, os canhões nunca o deixariam se aproximar.

Como soube mais tarde pelo relato feito aos filhos por Baltazar, este teve de primeiro abrir o jogo com o major, para o convencer a enfrentar os quinhentos metros de calor até ao gabinete de Hans Molt.

– Quero discutir com o director Molt e consigo um plano que vai permitir abrir as linhas de comércio do interior. O governador Menezes prometeu que se voltar a governar em Massangano, e para isso precisa de lá chegar, vai permitir o comércio irrestrito com Luanda. O que significa que ficamos com acesso às peças. Foi isso que vocês vieram cá buscar, é com isso que faço negócios, é isso que os portugueses podem apanhar nos reinos e precisam de vender. Mas o actual governador, António Abreu de Miranda, consegue fazer sabotar os acordos e não autoriza o comércio. O plano é simples, põe-se o Pedro César lá, ele retoma o poder, começa o tráfico.

– E quem o põe em Massangano? O Hans Molt nunca vai aceitar. É uma grande responsabilidade, nem o Conde de Nassau tomaria tal iniciativa. Têm de ser os Dezanove a decidir. E para ter uma resposta passa um ano.

– Eu sei. Por isso entro eu. O director ou o major não fazem nada. Exactamente o que têm de fazer é isso. Não fazer nada, não saber de nada. Eu faço tudo.

– Põe o governador Menezes em Massangano?

– Isso. E sem que ele saiba que o director e o major estão ao corrente. Ele pensa que foge apoiado pelos portugueses e por mim. De modo que os Dezanove nunca saberão de nada, nem o rei de Portugal. Só nós os três. Porque se o rei de Portugal souber, muito mais gente ficará a par. E um embaixador qualquer numa negociação pode cometer um deslize e os Dezanove passarem a saber também, o que será prejudicial a si e ao Hans Molt. E provavelmente a mim. O interesse de todos é um pacto de silêncio.

– Duvido que mesmo assim o Hans Molt se arrisque. Ele é muito religioso, muito fanático, pode considerar uma impureza libertar um chefe católico. Mas é uma jogada de grande estratégia, digna do meu amigo. Já agora fico curioso em conhecer a reacção dele. Vamos lá.

O major e o meu dono saltaram para cima dos cavalos, tive de correr para acompanhar o passo. Chegaram ao colégio, desmontaram, entraram sem cumprimentar a sentinela, nem olharam para mim. Quer dizer, era escusado me ter cansado a correr para ficar ali à porta, sem ter merecido ao menos um olhar. Como se eu não existisse. Mas existiria mesmo? Só pelo orgulho do meu dono, que fazia questão em me apresentar a novos conhecimentos, um escravo que a Jinga me deu. Não era qualquer um que tinha um escravo como oferta da poderosa e lendária rainha Jinga Mbandi, talvez ele fosse o primeiro europeu a poder se gabar disso. Se não contarmos aquela escrava que ficou esquecida no salão nobre do governador, quando Jinga veio a Luanda, ainda não era rainha, negociar um acordo em nome do rei seu irmão, e o chefe português, confortavelmente sentado num cadeirão de veludo carmesim, segurando um bastão com punho de ouro, desprezivamente lhe deixou de pé. O meu rei fez um gesto para a comitiva e uma escrava aproximou e se pôs de quatro, para ela poder sentar nas costas. Terminada a audiência, Jinga ia se retirar, quando o governador disse e então essa mulher fica para aí? O meu rei fez um gesto de desdém e replicou, nunca levo as cadeiras em que me sento. O português só não sufocou de raiva porque levou certo tempo a entender. E depois fez contas para saber quantos cruzados poderia valer a escrava. Mentalmente agradeceu a generosidade do meu rei, que ele apostrofou no entanto de arrogante.

Pois Baltazar tinha o máximo orgulho em que eu andasse atrás dele por todo o lado, para que nunca esquecessem a oferta que recebera. Aos mais íntimos, contava como enganara Jinga. Contava porque era mais forte do que ele, tinha de se gabar de tanta feliz audácia. Mas tinha, ao mesmo tempo, perfeita noção de que o melhor seria deixar esquecer o assunto, nunca se sabia as voltas que o mundo dava e se não precisaria um dia de enfrentar de novo a soberana. Nessa altura não seria nada bom para a saúde dele, se Jinga lembrasse que ele havia afirmado vir do lado holandês quando afinal vivia na Luanda portuguesa que ela odiava. Só que era mais forte do que ele. Quando queria sobressair, tomava uma atitude

conspirativa, se chegava mais à pessoa e contava a estória do engano à Jinga.

Enganado é que não queria ser o director Hans Molt, suspeitando da proposta de Baltazar. Olhava de lado para o major, tentando adivinhar de que partido seria. Mas Gerrit Tack estava impassível, mirando as unhas compridas e demasiado bem tratadas para um militar de carreira. Tinham crescido em Luanda, onde não tinha trabalho de campo, só as delícias do comando.

– Deixamos escapar o Menezes? Já esqueceram o que esse papista se preparava para fazer? Traíçoeiramente conseguiu autorização do falecido Nieulant, que Deus tenha, para se aproximar de Luanda, montou o arraial no Bengo, convocou os militares de Massangano, escreveu ao rei a pedir reforços, preparado para nos cair em cima na primeira oportunidade. Felizmente cheguei a tempo... Baltazar reparou que Hans Molt considerava ter sido ele sozinho a salvar a Holanda da felonía do Menezes. E até acabava por ter *razão*, o Nieulant estava com um paludismo que o mataria mais tarde, Hans Molt foi rápido a dar ordem de ataque ao Croesen. O que admirava o meu dono era a pouca piedade em relação à memória de Nieulant, nem mesmo depois de morto os fanáticos deixavam de criticar a sua moleza. E também o surpreendia a vaidade declarada do director, pouco própria de um eleito de Calvino.

– Essas coisas nunca se podem garantir, é sempre um risco dar um palpite sobre a alma humana – disse o meu dono. – Mas me parece que ele está mudado, agora só quer paz. E nós queremos o comércio. Ou não?

Comércio era uma palavra mágica para os mafulos, isso já eu tinha notado com certa surpresa. Funcionava como um estranho deus pagão. A palavra varreu as suspeitas de Hans Molt, ou pelo menos fê-las ficarem apenas latentes. Se limitou a perguntar:

– Prometeu mesmo que promoveria o comércio? A Companhia não está a recuperar o dinheiro que investiu nesta conquista e tem muitos problemas no Brasil também. Até pode desaparecer de um momento para o outro, por vontade dos accionistas. O senhor Van Dum garante que não se saberá que estamos por trás da fuga?

– Tem a minha palavra.

O director fez um gesto de desalento, não sei se desesperado pelo estado financeiro da Companhia das Índias Ocidentais, se por ter de autorizar uma quase heresia ao facilitar a fuga do chefe dos católicos. Mas tinham de chegar ao tráfico de dez mil escravos por ano, número atingido antes regularmente pelos portugueses para o Brasil. Tinha prometido aos accionistas, depois de o Nassau ter ordenado a ocupação de Luanda, exportaremos tantos escravos quanto os portugueses faziam antes. Ou chegavam perto dos dez mil ou o seu emprego se esfumava. Ao dizer o sim, Hans Molt ousou erguer os olhos para Van Dum e este leu neles um brilho muito especial. Mas o meu dono, pouco observador como sabemos, não descobriu ser o brilho da cobiça, proibida pela ideologia de Calvino. Julgou ser o do fanatismo religioso, muito semelhante ao que ataca os olhos quando apanhamos paludismo.

Quando se encontravam já no largo, mesmo ao lado da Igreja de Jesus, única que estava limpa, pois os mafulos aproveitavam-na para as grandes reuniões, religiosas ou laicas, o major não escondeu a curiosidade e perguntou como vai fazer agora.

– Quanto menos souber, melhor, não é verdade, major? Diga-me uma coisa. Costuma haver guardas do lado de trás da sua casa à noite?

– Para quê? Há sempre dois ao pé da porta de entrada. Por vezes eles dão uma volta, é tudo. Não se justificam cuidados especiais, o inimigo é fraco e sem grandes audácias.

– Ótimo, ótimo.

– Não precisará mesmo de ajuda, amigo Van Dum? Veja lá, não me importo nada. Aqui há tão poucas aventuras, é tudo uma pasmaceira...

– Não preciso de nada. O mais difícil será mesmo que ele se convença de que fugiu sem a vossa ajuda.

Nessa noite, adivinhando as movimentações da manhã, denunciando a preparação de uma grande conspiração, estive bem atento às conversas que se passavam durante o jogo de cartas. A meio do jogo chegaram dois oficiais a cavalo e entraram. Era novidade, nunca tinha acontecido. Ouvi o major pedir que se fizesse

um intervalo, pois tinha de resolver um problema urgente. Saiu da sala e deve ter ficado a falar com os oficiais no corredor, ou em outro sítio, pois não ouvi as vozes. Ouvi, sim, o meu dono falar em português:

– Na sequência da nossa conversa... Se o senhor governador quiser fugir daqui, tenho meios de o ajudar a chegar a Massangano.

O silêncio do Menezes foi prolongado. Ouvi mesmo os restantes jogadores a conversarem, sentados à mesa. As minhas orelhas quase estoira vam de tão esticadas, mas o governador estava calado, pensativo. Baltazar também deve ter achado a hesitação grande de mais, pois acrescentou:

– Pensava que o senhor governador estava disposto a retomar o governo...

– E estou. Mas porquê fugir?

– Porque os holandeses não o libertam. Falei hoje com o director Hans Molt e com o major Tack. Este até nem se importaria, mas não é ele que tem de tomar a decisão. O director gostaria que o senhor governador segurasse as coisas em Massangano, está furioso com o Abreu de Miranda. E quer que se faça comércio a sério, a Companhia das Índias Ocidentais precisa dele para diminuir os prejuízos que tem com esta ocupação e com a situação do Brasil. Mas Hans Molt não pode tomar tal decisão. Diz que vai escrever para Amesterdão propondo a sua soltura. Mas é bom contar que a resposta não vem antes de um ano. Por isso acho que o senhor tem é de fugir. E eu trato de tudo, se me prometer segredo. Os holandeses penduram-me na calçada se descobrirem que tive algum papel. Mas ficarão contentes se o souberem a salvo em Massangano e não farão retaliações. Se de facto houver comércio de peças.

Novo silêncio. Hoje o governador não estava tão firme como ontem. É normal em certas pessoas, já tinha notado. É tudo farroncas e facilidades quando as ideias de acções são mais miríficas que reais. Quando começam a tomar corpo, deixam de ser meras hipóteses, aparecem as hesitações. Por fim, lá falou numa voz sumida:

– Gostaria de ter a certeza de ser bem recebido em Massangano e nas outras praças portuguesas.

– Essa certeza não lhe posso dar. Só a de Domingos Fernandes de Pinda. Se quiser, posso mandar a notícia à frente, para preparar o terreno. O próprio Domingos Fernandes pode se deslocar a Massangano. Não sei, aí já não é o meu terreno, é alta política, o senhor governador conhece muito melhor do que eu. Mas ajudá-lo a sair daqui com segurança, isso posso.

– Preciso de reflectir. Amanhã voltamos a falar.

– Não haverá ocasião. Compreende que não podemos conversar muitas vezes, senão vão desconfiar de mim. Foi ontem, é hoje. Amanhã será de mais, não arrisco três vezes seguidas.

– Precisa de quanto tempo para preparar as coisas?

– Uma semana, no mínimo. Falaremos então para eu lhe dizer o que fazer. Antes disso é muito perigoso. Tem de me dar a resposta já.

Os dois oficiais saíram da casa, montaram nos cavalos. Logo se ouviu a voz jovial do major, afinal não era caso para tanta urgência, as eternas disputas de bêbados, voltamos ao jogo, meus senhores?

– Dê-me a sua resposta agora, senhor governador.

– Pode preparar as coisas.

A voz era um fiozinho temeroso. De que tinha medo? Pelos vistos, o meu dono arriscava mais do que ele, pensei eu naquele momento, em que ainda não sabia da anuência do director Hans Molt ao plano. Era muito fácil sair da casa e da cidade, desde que tivesse um apoio. E Baltazar lhe dava o indispensável. De que tinha medo? Dos holandeses não podia ser, já estava nas mãos deles. E como uma flecha de luz atravessando o céu, a verdade bateu no meu cérebro, o governador tinha medo dos portugueses. Difícil foi conter uma gargalhada.

Não foi propriamente uma gargalhada que Baltazar deu, quando Matilde lhe contou o seu problema. Eu estava lá, ouvi tudo. Primeiro Matilde perguntar, posso falar consigo em particular, pai, e ele a dizer, se não demorar muito, pois estou ocupado. E já na sala, quando ela disparou com a determinação que nos admirava a todos, estou grávida e o homem que me fez isso não quer casar. Não sei se a fúria do meu dono foi primeiro para Matilde, se apenas para Jean du Plessis, pois deu dois peidos seguidos, hábito muito salutar que

tinha quando se enfurecia. Ainda não tinha tido oportunidade de o contar, mas os peidos nele são anúncios de raiva, quando ele solta os ares retidos na tripa eu me ponho logo a léguas.

– Quem é o miserável, desgraçada? Quem é o miserável que o esgano? Sua putéfia desavergonhada, bem que eu suspeitava... E a tua mãe a saber tudo e a esconder-me, aquela...

– A mãe não sabe de nada.

– Quem é o miserável? Responde.

– É o tenente Jean du Plessis. Mas não é nenhum miserável.

– Enche-te o bucho e não é um miserável? Disseste que ele não quer casar.

– Casa, se for pelo rito calvinista. Mas eu não quero.

– Mas casa ou não casa?

– Já disse, pai. Se for pela Igreja dele.

– Mas isso não é casamento!

– Foi o que lhe disse.

O meu dono gritou o nome da mulher. Mas nem era preciso gritar muito, D. Inocência já estava atrás da porta. Catarina, Rosário e Ana também. Todas tinham ouvido os peidos de Baltazar e correram para saber que coisa terrível os tinha causado. Só mesmo a minha doce Catarina tinha percebido imediatamente a razão, ao ouvir a voz de Matilde. D. Inocência neste caso coincidia com o nome, se benzeu antes de entrar na sala, que mal fiz eu, meu Deus?

– Sabias disto? A tua filha diz que não, mas desacredito. Sabias e não abriste a boca. Talvez até ajudasses a preparar os encontros desta putéfia com o maldito tenente.

– Mas estás a falar de quê, Baltazar?

– Estou grávida, mãe. De um mafulo.

D. Inocência deve ter levado a mão ao coração, gesto típico de mães aflitas, já muito glosado pelo mundo fora, nem preciso de ver para saber. E Rosário e Ana, como meninas ainda ingénuas, levaram as mãos à boca aberta, os olhos luzindo. Só Catarina manteve a postura preocupada e reservada.

– Pois ele vai casar e na nossa Fé. Ou eu não me chame Baltazar Van Dum.

– Que vais fazer ? – perguntou D. Inocência.

– O meu direito.

E saiu porta fora, certamente calçar as botas, pois ouvi-o peidar no quarto. Matilde fugiu logo das possíveis recriminações da mãe, se fechou no seu quarto com Catarina. Ainda consegui ouvir através da janela a minha doce Catarina.

– Vês que correu tudo bem?

– Me chamou de putéfia.

– Atendendo à gravidade da situação bem te podes felicitar. A fúria dele está toda concentrada no tenente francês.

– Coitado do Jean.

– Vai apanhar um bom susto, só isso. Será obrigado a casar, tudo se resolve a bem. O pai também não vai estragar muito o tenente, precisa dele para o altar.

O meu dono calçou as botas, saiu para o quintal, mandou preparar o cavalo. Fui reservando o fôlego, pois na raiva com que ele estava, desta vez ia a galope e ainda era uma larga distância para eu correr a toda a velocidade. Mas essa cena não a perderia nunca. Baltazar peidou de novo, quando viu a sinistra figura de Dimuka no fundo do quintal. Lhe mandou um berro e ele veio a correr.

– Não te mandei vigiar a menina Matilde? Fizeste tão bem o que te mandei que ela está prenha. E para o saber, foi ela que me contou, não foste tu.

Tive o prazer de ver o Dimuka de olhos baixos, procurando um buraco onde esgaravatar com o pé. Gostava de nos meter medo? Pois agora era ele que estava quase a tremer. Dividido entre dois medos. O do meu dono e o do feitiço. Quem triunfaria? Não tinha dúvidas, a fidelidade a Matilde tinha de ser mais forte. Entretanto rebolava a vista, mexia com o pé no chão, mudo como eu. Pela primeira vez o via nas suas reais dimensões. A nós, os escravos, parecia sempre um monstro enorme, um ser de horror. Afinal era um homem normal, até mais baixo que Baltazar, o qual era menor que um mafulo médio.

– Então, te fiz uma pergunta.

– Não vi nada, patrão. Juro mesmo, não vi nada.

Podia jurar sem receio, era verdade, ele não tinha visto nada, evitava mesmo olhar na direcção da lagoa, quando Matilde ia para

lá. Ai dele se visse alguma coisa, olha as cobras a saírem da boca, olha... Muito menos contar o que não vira. Trouxeram o cavalo, o meu dono se desinteressou de Dimuka, montou a cavalo. Nesse dia o capataz tinha perdido a confiança de Baltazar, já por isso Matilde merecia toda a felicidade, deste mundo e dos outros. E fomos a correr, o cavalo e eu, para a garantir.

Se o cavalo levava espuma na boca quando chegou à fortaleza do Morro, que dizer do meu pobre estado, apesar de treinado nas andanças? Vi ao longe Baltazar entrar para o gabinete do major Tack, o que era previsível. Até pude adivinhar a desculpa, amigo major, venho neste estado e peço desculpa, mas tenho um assunto muito grave a lhe comunicar, mas quero fazê-lo na presença do tenente Jean du Plessis, não se importa de o chamar aqui, vai já entender. Tive de adivinhar esta parte pois um guarda implicou com a minha presença, sem o Baltazar que servia de salvo conduto. Foi necessário dar uma curva por um corredor, sair no pátio onde continuavam a fazer obras e voltar a entrar para o corredor, me sentando ao lado da porta do gabinete. Nessa altura já ninguém estava lá para me incomodar e pude assistir à chegada do tenente francês, ainda sereno. Serenidade que perdeu mal empurrou a porta e deparou com o meu dono, o qual deu logo um peido de fúria. Nem pediu desculpa pela pouca educação da sua tripa, agarrou o francês pelo dólman e o sacudiu.

– Seu miserável, desonrou a minha família.

A porta ficou escancarada, eu podia ver e ouvir tudo. O pobre tenente nem se defendia, pálido como um mafulo morto. O major se tinha posto de pé e olhava para a fúria do meu dono, espantado pela força que demonstrava. Jean du Plessis parecia um espantalho, a ser sacudido por todos os lados, a cabeça sem norte, os ombros a tremer como gordura de porco. Eu tinha visto, muitos anos atrás, um leão matar um homem. Lhe mordeu no pescoço, sacudiu, sacudiu, até lhe arrancar a cabeça. O tenente estava a ser sacudido da mesma maneira, felizmente Baltazar não o tinha apanhado com a boca no pescoço. Deve ter achado que os abanços bastavam, o empurrou contra a parede, onde ele chocou e deslizou para o chão. Só então o major pôde perguntar:

– Mas que se passa, amigo Van Dum?

– Esse miserável desonrou a minha filha e não quer casar. Notei, ele não disse o nome da filha, como se só tivesse uma.

Curioso que o major não perguntou mas qual, você tem várias. Para o major, o caso era demasiado grave, pouco importava o nome da vítima. O criminoso estava ali e era um dos seus homens. Desonrado estava o exército das Províncias Unidas e desonrado estava o príncipe de Orange, chefe de Estado.

– Não quer casar? Vai já para as masmorras. E depois é desterrado, com ferros nas mãos e nos pés.

O tenente engoliu em seco, fez um esforço para procurar palavras, lá conseguiu dizer em voz apenas audível:

– Eu caso. Mas não na igreja dos papistas.

– É nessa ou em nenhuma – disse o meu dono.

Jean du Plessis parece que de repente encontrou uma alma nova. Tinha precisado daquela trégua, sentiu estar numa situação humilhante, meio deitado no chão de pedra. Se levantou e deu uns puxões na farda, para a endireitar. Não desembainhou a espada, nem desafiou Baltazar do alto do palmo a mais que tinha. A surpresa tinha passado. À medida que falava, a voz se ia tornando mais firme.

– Eu gosto da sua filha e quero casar com ela, sempre quis. Mas a minha família fugiu da França porque era perseguida pelos papistas. Somos huguenotes. Já ouviu falar da noite de S. Bartolomeu, em que milhares e milhares de pessoas foram assassinadas em França apenas porque eram calvinistas? A minha família perdeu muitos membros, mas os meus pais conseguiram escapar para a Flandres, onde eu nasci. Os meus avós, tios, primos, todos, todos, foram mortos traiçoeiramente pelos católicos. Como quer agora que case num templo católico? Só por isso não pedi a mão da sua filha, sabia que a religião nos separava. Quantas vezes lhe falei em sermos casados pelo *predikant*. Ela não quis, compreendo até.

– Se sabia que a religião os separava, por que se aproximou dela?

– perguntou Baltazar, um pouco mais calmo.

– O amor foi mais forte.

Fiquei comovido com a sinceridade da confissão. Tudo se resumia a essa frase. Quem me dera poder contá-la a Catarina, como ela se ia

emocionar, oh, quem me dera. O major Tack, que não tem a nossa sensibilidade, cortou:

– O certo é que a desonrou, o que é crime grave que tem de ser reparado. Ou pelo casamento, ou pela morte, no caso de o senhor Van Dum querer dessa forma lavar a honra. Ou pelo desterro com grilhetas, se optarmos por tal.

– Que o senhor Van Dum me deixe casar com ela segundo o rito calvinista e tudo se resolve.

– Nem sonhar. Isso para mim não é casamento, é amancebia. E o major não sabe, ela está grávida.

Ficaram os três a olhar uns para os outros. Me deu a impressão que nenhum sabia como prosseguir a difícil conversa. Longos momentos de reflexão. Por fim, o major tossiu como o Ambrósio fazia ao iniciar uma fala.

– O amigo Van Dum também exagera um pouco ao considerar o casamento calvinista como amancebia. Nesse caso eu sou um bastardo, pois os meus pais casaram segundo esse rito.

O tenente agradeceu mudamente ao seu superior a inesperada ajuda. O meu dono ficou um pouco atrapalhado, mas só durante instantes. Eu sempre admirara a grande capacidade que ele tinha de dar a volta nas conversas, o Ambrósio tinha a quem sair. Replicou:

– O major não é uma filha minha. Os meus filhos nasceram e foram educados numa família católica. Por isso será amancebia se não casarem segundo a religião da família. Foi só isso que quis dizer, não pretendi ofender ninguém. Bastarda será essa criança que foi gerada, se os pais não casarem segundo a religião da família.

Voltavam ao mesmo impasse, pois o major não respondeu, aceitando portanto as razões de Baltazar. O que remetia de novo a decisão ao tenente. Era este que tinha de ceder, mesmo renegando a fé dos seus antepassados. Rapidamente pensei, se o director Hans Molt souber do assunto não poderá interferir a favor do tenente? O major não era um fanático, para ele era igual que casassem num templo ou noutra, desde que a honra fosse reparada. Já Hans Molt não seria tão tolerante, suponho eu. Por isso o meu dono tinha todo o interesse em que o assunto se resolvesse ali na fortaleza, por vias militares. Ele percebia muito bem isso, porque insistiu.

– E então, senhor tenente, decide ou não casar com a minha filha? Estou velho para duelos, portanto, se não casarem, será deportado com grilhetas para onde o major quiser. Diz que gosta dela. Perde-a, ao filho, e ainda a liberdade.

– Mas é uma questão de consciência religiosa.

– Não acredito que seja assim tão amarrado à religião dos seus pais.

– Talvez não seja, mas jurei nunca pôr os pés numa igreja papista, são os culpados do massacre da minha família. De facto não sou muito dado a crenças religiosas, o fanatismo aborrece-me. Mas nesse ponto não posso ceder. Perderei tudo, e para mim significa perder a vida, sem Matilde não me interessa viver. Mas não entro numa igreja papista.

– E se o casamento for realizado por um padre católico mas não numa igreja? – perguntou o major. – No Brasil sei que se faz isso por vezes nas melhores famílias. Chega a ser uma marca de distinção.

– Sim, isso é possível – disse Baltazar. – O importante não é o sítio, o importante é o padre. Ele legitima o matrimónio.

– Nesse caso eu aceito sem problema nenhum – disse Jean du Plessis.

Ficaram a olhar os três uns para os outros, admirados por terem encontrado uma solução. Sempre há uma solução, se os homens não têm alternativa senão encontrá-la, diria o grande Kandala, sábio da Lunda, para além de adivinho e kimbanda de Lueji, a grande rainha saída de uma serpente que morde a própria cauda. Baltazar já não tinha vontade de peidar, embora não estivesse disposto a abraçar o futuro genro. Falou com secura, como a impedir qualquer palavra contrária:

– O matrimónio é para a semana na minha casa. A cerimónia será simples, mas o major está convidado. Vou ainda ter de convencer o padre Mateus a se deslocar da Ilha. O senhor tem alguma objecção?

O tenente não tinha. Pela primeira vez devia estar a imaginar que ia ter Matilde nos braços sempre que quisesse. Ele que minutos antes estava condenado às grilhetas. Não era uma estória com final feliz? O problema destas estórias é que o final nunca o é realmente, há sempre um depois. Jean du Plessis até sorriu na resposta.

– Não tenho nenhuma objecção, senhor Van Dum.

O meu dono fez uma vénia ao amigo, até logo e obrigado, major, e nem despediu do futuro genro. Saiu pela porta fora, tive de correr para o apanhar. Mas já ia mais calmo e levou o cavalo a passo até casa. Devia estar a aproveitar para pôr todas as ideias em dia. O sol de Janeiro batia com força, mas Baltazar nem notou, todo entregue aos numerosos planos. Percebi isso, pois chamou Ambrósio e Nicolau, mal chegámos à sanzala. As mulheres da casa grande acorreram à varanda para tentar saber novidades, excepto Matilde, talvez ainda refugiada no quarto para não ter de ouvir os xingamentos da mãe. Ia xingar? Claro, qual é a mãe que não aproveitaria uma ocasião dessas para tentar recuperar alguma proeminência, pelo menos se queixando do facto de a filha não a ter posto antecipadamente ao corrente? Ainda pior se D. Inocência percebesse que a Catarina sabia de tudo, aí o ciúme ia ser forte. Penso mesmo que ela estaria pronta a desculpar tudo, menos saber dos mambos depois de Catarina. Seria a pior ofensa, daquelas que separam definitivamente as pessoas.

Baltazar estava se lixando para as preocupações e ciúmes de D. Inocência, nem reparou nas mulheres que na varanda esperavam uma revelação, passou os braços por cima dos ombros dos dois filhos, o de casa e o do quintal, falou:

– Tenho uma missão da máxima importância para vocês. Mas não digam para ninguém, absolutamente para ninguém. Um dia contaremos aos outros.

Caminharam os três assim abraçados, comigo atrás. D. Inocência devia estar furiosa com aquela mostra de afectividade para com Nicolau. Além disso toda roída de ansiedade, afinal que resultados trouxera Baltazar da cidade? Mas este continuou:

– Vamos fazer fugir o governador Menezes de Luanda e pô-lo em Massangano. O director Hans Molt e o major Tack estão ao corrente, por esse lado não há problemas. Mas ninguém deve saber, prometi que mais ninguém saberia da combina. Mas a vocês, que são meus filhos, tenho de contar. Vocês vão falar com o Ensandeira, na ilha dele. Acho que será melhor o Ambrósio tomar papel principal nessa conversa, tem mais jeito.

Nicolau concordou logo, tinha grande admiração pela inteligência do irmão e nenhuma inveja. Já lhe bastava a prova de confiança do pai ao metê-lo no segredo, ficava muito grato.

– Ambrósio, dizes ao Ensadeira que o governador decidiu fugir, porque lhe constou que o Abreu de Miranda não está a governar bem os portugueses, há muito descontentamento e desânimo. Mas que tem medo da reacção dos militares e por isso o Ensadeira tem de preparar o terreno, arranjando um grupo forte que acompanhe o governador até Massangano. Se o impuser lá, os outros presídios vão aceitar o seu mando. Que o Ensadeira, por outro lado, deve mandar um escravo de confiança a Luanda, para guiar o governador até à ilha dele. Ele vai perguntar, mas porquê não o trazem vocês. E tu dizes que foi o governador que pediu, não sabes porquê. E dizes também que a nossa participação no caso não deve ser conhecida, que o Ensadeira não divulgue nomes a ninguém, senão os holandeses enforcam-nos. Eles não devem saber que os mafulos estão de acordo com a fuga.

– Mas posso fazer uma pergunta, pai? – disse Ambrósio, que continuou perante o assentimento de Baltazar. – Porquê o director Molt aceita a fuga?

– Porque acredita que o Menezes vai autorizar o comércio entre o interior e Luanda. Ora estamos todos aqui para negociar os escravos, ou não? E o governador de facto prometeu-me que facilitaria o tráfico. Ele tem de ir recuperar as pratas que tem escondidas algures no mato, arrisca ir para Massangano. E eu consegui convencer o director que a fuga era o melhor para todos. E é.

– Quando partimos? – perguntou Nicolau.

– Hoje, para estarem na ilha amanhã. Não levem escravos, vão só os dois. Para melhor se guardar o segredo.

– Temos de dizer qual o dia ou noite da fuga, para ele mandar o escravo.

– Na noite de sábado da próxima semana. Quando houver o casamento da vossa irmã Matilde. O major e os oficiais que costumam jogar no palácio estarão aqui, só haverá lá o governador e as sentinelas. Mais fácil para ele escapar.

Para os irmãos era novidade que Matilde ia casar, embora já estivessem informados do escândalo que correra de manhã pela casa grande. Mas nem pediram detalhes, o pai só falara no casamento porque entrava no plano da fuga, e era desta que tratavam agora.

– Digam ao Ensadeira para mandar o escravo directamente para a nossa sanzala, ou melhor, tragam-no já vocês. Guardamos o tipo aqui até sábado. Assim não vai haver fugas de informação.

– O pai desculpe, mas só não percebo por que se mete o escravo do Ensadeira nesta coisa – disse Ambrósio. – Nós podíamos levar o governador com maior segurança e sigilo até.

– E perdiam a festa do casamento da vossa irmã? Apesar de não haver grande festa, ela não merece. Vai ter a festa apenas suficiente para manter os oficiais mafulos aqui e ninguém suspeitar de nós. Portanto, temos de estar todos presentes. Imaginem que vocês iam com o governador, e se notava a ausência no casamento da vossa irmã. Não seria difícil ligar as coisas, as suspeitas correriam. Não nos ia suceder nada, mas o major e sobretudo o Hans Molt poderiam ter problemas com a Holanda.

Ambrósio percebeu, sorriu.

– O pai tem mesmo jeito para estas coisas. Do que eu percebo, ficamos com o negócio que queremos e os holandeses gratos porque ajudamos a aumentar o comércio. O governador grato também porque o ajudamos a fugir. E o Ensadeira aos poucos vai se encarregar de fazer os portugueses saber que fomos nós que ajudámos o Menezes. Lucro em todas as frentes.

– Os flamengos têm jeito para negócios, é só isso – disse, modesto, o meu dono.

Deixou os filhos irem se preparar para a viagem, avançou para a varanda. Tinha de dar a notícia e foi breve, o casamento é aqui em casa no sábado da próxima semana, se conseguir convencer o padre Mateus a celebrar a cerimónia. Os rostos se distenderam, Catarina foi a correr para dentro de casa. Adivinhei, foi avisar Matilde. Antes que as meninas mais novas comesçassem aos pulos de alegria, Baltazar foi logo avisando, não haverá festa nenhuma, a boda será

apenas um jantar para a família e alguns amigos mais próximos, escusam de se preocupar com novos vestidos e grandes comidas.

– Mas a Matilde precisa de um vestido de noiva – disse D. Inocência.

– Um vestido branco chega. Que esconda a barriga da vergonha. Só conheci a grande preocupação de Baltazar depois do almoço, quando ele disse para Ambrósio e Nicolau, não partam antes de eu chegar, pois tenho de resolver uma coisa, sem a qual o nosso plano não presta. Adivinhei quando tomámos o rumo da Ilha. Claro, o meu dono coincidia comigo na preocupação, e se o padre Mateus não aceitasse casar um calvinista? Do que eu sabia, e sabia pouco dessas coisas apesar de ser filho de padre, as pessoas deviam ser baptizadas para casar pela Igreja. O matrimónio não se realizava numa igreja, mas era a mesma coisa. É claro que Jean du Plessis aceitou ser casado por um padre, mas não aceitaria ser baptizado. Enfim, em caso de necessidade maior teria mesmo de aceitar, ele se comprometera a casar na sanzala com um padre. Ninguém falou de baptizado. Portanto, se o padre exigisse o baptismo, ele não poderia recusar. Mas Baltazar sabia, ia ser complicado convencer o futuro genro de renegar a religião dos pais. Por isso tentava primeiro o mais fácil, que era convencer o padre. Mas seria mesmo o mais fácil? Esses Capuchinhos italianos eram pouco menos fanáticos que os *predikant*, embora fossem mais permeáveis às pressões políticas. Depois de atravessarmos o canal num dongo, vi que íamos afinal em direcção da sanzala do Mani-Luanda e não na direcção da igreja. As pressões políticas! Não se é compadre do governador Dom Agostinho Corte Real em vão. Fomos recebidos muito bem e o Mani-Luanda conduziu o meu dono para o njango enorme onde gostava de comer e receber visitas, pois como era todo aberto dos lados, a brisa marítima atravessava-o, mantendo sempre um frescor agradável. Me sentei na areia bem varrida, ouvindo toda a conversa. Agora também eu era da família, ninguém me impediria a entrada em nenhum recanto da sanzala. Depois dos cumprimentos e das habituais perguntas sobre a saúde de todos, Baltazar foi direito ao assunto que o trazia.

– Venho pedir o seu apoio para um problema muito triste. Estou cheio de vergonha de lhe contar. A minha filha Matilde está grávida. Foi um tenente francês que a desonrou.

– Esta juventude de hoje... – comentou Dom Agostinho de uma forma que achei muito original.

– Ele aceita casar, mas não numa igreja católica, pois é calvinista. Ficámos de acordo que a cerimónia se faça na minha casa. Celebrada pelo padre Mateus. O problema é convencer o padre Mateus a aceitar ir lá a casa e fazer o matrimónio.

– Mas qual é a dificuldade? Antes ele estava confinado aqui à Ilha, que é território do Kongo. Mas agora os mafulos deixam que ele vá à cidade, logo que não celebre lá missa. E tem ido por vezes.

– O mambo é que o tenente não vai aceitar se baptizar. Eu precisava de convencer o padre Mateus que, atendendo à delicadeza das relações entre católicos e mafulos, era de todo conveniente que ele fechasse os olhos ao facto de o noivo não ser baptizado. Talvez mais tarde, entrando numa família católica, ele ganhe a verdadeira Fé.

– Compreendo. O compadre acha que posso convencer o padre Mateus?

– Se não for o senhor, só Deus poderá.

O Mani-Luanda bateu as palmas duas vezes e logo um jovem escravo se prosternou aos seus pés.

– Vai chamar o padre Mateus. Diz que tenho aqui um bom maluvo para ele. Já.

O escravo saiu a correr numa velocidade que nem eu atrás do cavalo hoje de manhã. A propósito, estava a ser um dia cheio de actividade física. E ainda tínhamos de voltar para casa para despachar os rapazes para a ilha do Ensandeira. E depois voltar à cidade alta para a jogatina. E o regresso final à sanzala. O meu dono repartia os esforços com o cavalo. Eu não. Devia ao menos ser bom para a saúde, mas dava cá uma sede. Mais ainda ao ver Baltazar e Dom Agostinho a serem servidos daquele maluvo do Mussulo que me tinha embebedado no casamento do Rodrigo. E por pensar nele, este apareceu para cumprimentar o pai. O meu dono ia lhe contar o escândalo da família, mas fui surpreendido mais uma vez pela

rapidez do mujimbo. Rodrigo já sabia. Como? Alguém tinha contado à Cristina que a cunhada Matilde também estava grávida, notícias ouvidas hoje cedo na sanzala Van Dum. Naquela família pelos vistos era tudo por rajadas, pois Rodrigo aproveitava comunicar ao pai a boa nova de Nzuzi estar prenha, provavelmente logo da noite nupcial, os sintomas não enganavam, eram enjoos, as regras que não vinham, a velha Nsingi que apalpara a barriga e confirmara. E o pai o que ia fazer com a Matilde a manchar o nome da gloriosa família, glória que ela própria profetizara? Para tratar desse assunto estava ali a falar com Mani-Luanda e esperavam o padre Mateus para o convencer a casar aquele miserável, calvinista ainda por cima, seguidor da falsa fé, embora não fanático.

Rápido a vir, ou por ter sido evocado por Baltazar, ou atraído pela promessa de maluvo, o padre Mateus entrou no njango e cumprimentou os três. Rodrigo fez um gesto interrogativo ao pai, a perguntar se podia ficar ou era melhor deixá-los a sós. Baltazar mandou-o ficar, afinal a presença do filho reforçava a ideia de se tratar de família séria e com ligações muito importantes, podia pesar no veredicto final. Depois de deixar o sacerdote beber a primeira cabacinha de maluvo, o governador Corte Real pôs o problema com toda a simplicidade. O padre abanou a cabeça.

– Impossível. O Mani-Luanda sabe que o matrimónio exige o baptismo anterior.

– Nem sempre – insistiu Dom Agostinho.

– Bem, há sempre excepções para tudo. Não é um dogma. Mas este caso não me parece que mereça ser uma excepção.

– Se não houver casamento, as relações da nossa família com os holandeses complicam-se. O padre sabe que as famílias Corte Real e Van Dum estão unidas pelos sagrados laços do matrimónio, foi aliás o padre que o celebrou. Que se dirá, se não conseguirmos reparar o erro dos jovens com um casamento? Um casamento que interessa também às autoridades holandesas, pois ficaram desonradas como nós todos, é bom não esquecer. Que eu protejo na Ilha um padre intransigente, que procura criar conflitos entre nós e os holandeses, talvez um agente dos portugueses. A minha posição ficará muito enfraquecida perante os calvinistas.

O padre queria ouvir tudo menos que Dom Agostinho perdia força política. Era o Mani-Luanda que o mantinha ali, conseguira impor a sua presença aos fanáticos hereges. Se o governador perdia força, ele também perdia e a Igreja então... E era perigosa a suspeita de ser agente português, ele que até tinha clara preferência pelo rei de Espanha, o senhor de Nápoles. Preferiu beber mais uma cabacinha inteira, antes de humildemente aceitar celebrar o casamento no sábado seguinte, se vergava às necessidades da política e às conveniências do Mani-Luanda. O padre Mateus me desiludiu, pensava que ele ia argumentar, negar com convicção. Eu desejava que ele aceitasse, queria o problema de Matilde resolvido da melhor maneira. Mas esperava presenciar uma luta mais forte. Afinal, Baltazar nem abriu a boca, tudo se passou entre o Mani-Luanda e o sacerdote. E com um argumento final tirado pelos cabelos, expressão que aprendera com François de Savigny, porque era demasiado evidente que se não houvesse casamento Dom Agostinho Corte Real não seria desprestigiado em nada. Obrigavam o tenente a se baptizar e pronto, não havia convicção religiosa que se sobrepusesse ao medo das grilhetas, o tempo dos cristãos a enfrentarem leões no circo romano terminara há muito. Dom Agostinho apenas impusera a sua vontade para agradar ao compadre Van Dum e o padre cedeu. Bateu em retirada a segurar a batina com as duas mãos, sem ao menos disfarçar que fugia vergonhosamente.

Baltazar não cometeu a indelicadeza que eu temia. No fim da conversa, convidou o Mani-Luanda a honrar com a sua presença a modesta cabana do alto das barrocas, embora fosse uma boda feita às pressas e propositadamente simples, apenas um encontro da família com alguns amigos mais chegados. E pediu que Rodrigo nos acompanhasse até ao dongo.

– No sábado da próxima semana mando um dos teus irmãos de manhã cedo aqui. Reserva uns bons peixes para ele levar. Estou a ver que haverá mais gente do que pensava e tem de se providenciar muita comida. O Mani-Luanda leva de certeza algumas pessoas de família com ele.

– O pai pode contar com umas trinta pessoas no mínimo. Não anda com menos aquele santo senhor.

– Merda que vai ficar um casamento caro. E a tua irmã não merece.

– Vou mandar vir uma boa quantidade de maluvo do Mussulo. Por esse lado não se preocupe, eu me encarrego das bebidas para o séquito do meu sogro, eles preferem o maluvo ao néctar do Paraíso. E alguma aguardente, se o pai puder arranjar.

Foi uma boa notícia, eu também preferia maluvo. E haveria de me misturar aos axiluanda, no quintal do meu dono, mesmo me arriscando a perder alguma parte saborosa da estória. Já estava habituado, voltava a apanhar a meada mais tarde. Mas maluvo não perdia, era tão raro ter oportunidade.

Baltazar despachou os dois filhos para a ilha do Ensandeira e foi jogar como habitualmente, aproveitando para convidar os parceiros das cartas para a boda. Não falou com o governador Menezes em reservado, nem nesse dia nem nos seguintes, posso garantir, pois as minhas orelhas bem esticavam para perceber uma confidência, mas nada. Nesses dias não se notava grande azáfama na casa grande, nada comparável com a confusão reinante antes do casamento de Rodrigo. As roupas seriam já usadas, não havia reboliço das meninas correndo de um lado para o outro com tecidos novos e a costurar vestidos e saiotes. No quintal se notou alguns arranjos, pois Dimuka andou a preparar o sítio para os grelhados e da fazenda chegava maior quantidade de comida, com idas e vindas de escravos. Só mesmo no sábado de manhã houve bastante azáfama, com a matança dos cabritos, dos patos e das galinhas, para ficarem a temperar algum tempo no vinagre com alho. Também nesses dias melhoraram as relações de Matilde com o pai. Eu esperava maior severidade de parte do meu dono, mas então se viu que Matilde era de facto a sua preferida, pois o surpreendi três dias depois do escândalo a dizer para Benvindo, a tua irmã ao menos enfrenta as coisas, quando viu que não conseguia convencer o tenente, veio ter comigo e abriu o jogo, eu não soube por terceiros, soube por ela, isso é muito importante, revela carácter, quem me dera que todos vocês o tivessem. Cinco dias depois, disse para a filha, mas então

não apresentas o teu noivo à família, tem de ser no dia do casamento? E o tenente veio à sanzala, foi bem recebido, até beberam conhaque francês. As pazes estavam feitas, mesmo antes de a honra da família estar lavada pelas apaziguadoras águas do matrimónio.

O major Gerrit também contribuiu para a futura felicidade dos noivos, mandando limpar uma casa da cidade alta que estava abandonada pelos seus donos portugueses e juntar nela alguma mobília recuperada pelos soldados. Dava para iniciarem uma vida de casados de forma independente. Tudo no horizonte anunciava o fim cor-de-rosa da estória de Matilde com o tenente francês. Não por magia dela, que não tinha poderes para melhorar a sua própria sina, nem para a adivinhar.

A fuga do governador também parecia bem encaminhada, porque os dois irmãos mandados à ilha do Ensandeira voltaram animados com a alegria e ansiedade que se apoderou de Gaspar Gonçalves. Tinha mandado aviso a Massangano e Cambambe para amigos seus, capitães e moradores antigos, prepararem tropas e milícias, de modo a apoiarem imediatamente Pedro César, mal ele se dirigisse para lá. Certamente neste momento o mujimbo já corre que ele vai chegar, disseram ao pai.

No sábado de manhã, o meu dono foi ao palácio, levando uma garrafa de aguardente escondida. O escravo do Ensandeira ia connosco. Primeiro ele foi colocado por trás do palácio, ficas aqui até à noite. Baltazar entrou na moradia do major Tack, que não estava em casa, e foi falar com o governador. Não me foi difícil adivinhar o teor da conversa, que se passou no primeiro andar, na sala privada de Pedro César de Menezes, longe pois dos meus ouvidos. O meu dono deu as instruções necessárias.

– Está tudo preparado para hoje à noite. Em casa só estará o senhor governador. E as sentinelas, à frente da casa. Chegue aqui à janela, vê aquele homem ali por baixo daquela árvore? Está escondido, mas daqui de cima se pode aperceber. Bem, é um escravo do senhor Gaspar Gonçalves, é ele que o vai guiar até à ilha. Vê esta garrafa de aguardente? Vou dá-la aos guardas, para beberem depois de almoço em honra da minha filha que casa a essa

hora. Quando escurecer, eles devem estar bêbados. Mas se não estiverem, não tem grande importância. Com esta corda, o senhor governador desce pela janela, é só um andar. Praticamente é impossível eles ouvirem qualquer coisa, mas se estiverem bêbados tanto melhor.

– Por que não me deixa a garrafa e eu dou-lhes? A pretexto de que estou sozinho em casa, peço-lhes companhia para um trago. E depois retiro-me e deixo-lhes a garrafa. Assim o amigo não se compromete. E não seria a primeira vez que lhes dou de beber, já somos conhecidos, se não amigos. Claro que das outras vezes foi só um copo. Hoje será uma garrafa, mas esses holandeses são tão adeptos de Baco que nem desconfiarão de tanta generosidade.

– O Ensandeira já avisou para Massangano e Cambambe o que se prepara. E está a reunir os seus homens fiéis. Senhor governador, não posso demorar. Desejo-lhe boa sorte e até à vista.

– Amigo Van Dum, a sua lealdade não tem preço. Mas espero um dia recompensá-lo pelo que faz pela Coroa de Portugal.

Se despediram e nós voltámos para a sanzala, sem despertar grandes suspeitas. Claro que esta visita do meu dono não era de todo prudente. Mas ele podia varrer as desconfianças se dissesse que foi procurar o major por causa de alguma coisa relacionada com o casamento e, não o encontrando, subiu ao primeiro andar para cumprimentar o governador. Afinal já se conheciam há muito tempo e não estava proibido de o fazer. Por coincidência o governador fugiu nessa noite, mas se tratava apenas de uma triste coincidência. E quem o acusava? As duas sentinelas, culpadas de se terem embebedado no serviço, cometendo crime de negligência. Seriam testemunhas credíveis? Os escravos que trabalhavam na casa não contavam, eram pouco mais que objectos animados. Era um risco calculado. A falar verdade, nem risco seria, pois o próprio major se encarregaria de apagar as pistas.

E tudo se passou dentro da normalidade. O casamento foi modesto, humilde festa de família, como dissera o meu dono. Nota de realce para Diogo, pela primeira vez admitido de pleno direito numa festa da família. Os únicos mafulos eram os parceiros de cartas, o noivo não teve direito de levar convidados. Dom Agostinho

Corte Real levou um séquito de quarenta pessoas, todos parentes, como convinha a um grande senhor. Ele, a mulher e as filhas transportados em redes, o resto do grupo a pé. Rodrigo tinha mandado para a sanzala do alto das barrocas uma quantidade enorme de peixe, de todas as qualidades e tamanhos. E muitas cabaças de maluvo. Por isso tenho de resumir os acontecimentos, porque comecei a festa antes dos outros, mal chegaram as bebidas. O Dimuka, querendo com o seu zelo canino recuperar as boas graças do meu dono e seu patrão, me afugentou da primeira vez, brandindo o chicote. Mas desconseguiu da segunda tentativa, porque foi chamado a outro sítio. E nem me lembro muito bem da cerimónia religiosa, só sei que foi a mais breve a que assisti, pois nem houve hóstias nem homília. Padre Mateus tinha cedido rapidamente à pressão do Mani-Luanda, mas não transigiu na pobreza da cerimónia. Também ninguém estava interessado em que fosse canonicamente perfeita, sobretudo os noivos. Em tudo foi mais pobre que o matrimónio de Cristina Nzuzi, o que agradou escondidamente ao governador da Ilha, mostrava as diferenças de posição social.

Presumo que a boda correu bem, nunca ouvi asserções em desfavor. Se houve alguns ensaios de aproximação entre sexos, pouco prováveis dado o pequeno número de pessoas presentes, nunca me chegaram aos ouvidos. Certamente o meu dono estava atento, sobretudo em relação a Rosário, já em idade núbil. Mas ele tinha confiança nos seus amigos, incapazes de fazerem batota nas cartas.

Segundo me informei depois, a segunda parte do dia correu à perfeição para o governador Menezes. Emborrachou mesmo os guardas, não deram por nada quando desceu pela corda e se juntou ao escravo. Nas trevas da noite, saíram da cidade alta pela barroca que ia dar à Praia do Bispo, se meteram pelo mato para sul. Caminharam uma boa parte da noite. Baltazar tinha entregado uma pistola ao escravo, que a passou para a cintura do governador, para o caso de alguma fera os molestar. Mas os leões e as onças andavam ocupados por outras paragens, não compareceram. Chegaram ao Cuanza na tarde do dia seguinte, a um tufo de rosas

de porcelana onde estava escondida uma canoa. O escravo remou e chegaram ao fim da tarde vitoriosamente à ilha da Ensandeira, nome que os portugueses aprenderam no Kongo e deturparam logo para designar a nossa mulemba. De facto, no meio da ilha havia uma mulemba imperial, das que podem dar sombra a mais de cem pessoas. O Gaspar Gonçalves recebeu o governador com um joelho em terra e os seus soldados dispararam uma salva para o ar.

Depois foi rápido. Avançaram no dia seguinte da ilha para Massangano, enviando correios antes. À medida que andavam, recebiam reforços de Massangano, da Muxima, de Cambambe. De modo que, quando chegaram ao presídio, o exército do governador, formado sobretudo por moradores antigos que mobilizaram as milícias e as guerras pretas, era dez vezes mais numeroso que o dos adeptos de António Abreu de Miranda, formado unicamente por militares portugueses. Este teve de reconhecer o governador Menezes como o verdadeiro chefe, de nomeação real, muito mais legítima que uma mera eleição. O primeiro acto de Pedro César, quando se apoderou do comando, foi mandar prender o Abreu de Miranda em sua própria casa. Este morreria pouco depois, dizem uns que de tristeza por ter perdido a doçura do poder, outros falaram de veneno. Curiosamente ninguém mencionou feitiço, talvez por não haver nenhum mulato implicado nessa luta, nem num lado nem no outro.

Em Luanda, só se deu conta da ausência do governador na segunda-feira. Domingo era dia de ressaca, ninguém saiu de casa. E o major jura e trejura que estava com tal dor de cabeça que nem se lembrou de perguntar por Pedro César de Menezes. Tudo culpa da feiticeira da Matilde, que levou o tenente francês a sujar a honra da gloriosa família, sendo portanto responsável pelas muitas bebedeiras e ressacas. Evidentemente que os escravos deram pela falta logo que foram arrumar o quarto. Mas como ninguém pergunta nada aos escravos, eles também não se sentiram na obrigação de avisar, o que me parece justo. Como disse o mais velho deles, mais tarde na cozinha, em maka de brancos só burro se mete.

# CAPÍTULO QUINTO

*(Julho de 1644)*

«Um nome notável entre os que rodeavam Maurício de Nassau é o do jovem cientista alemão Georg Marcgraf de Liebstadt (1610–1644), educado em Rostock e Leiden, e que morreu de febre em Angola na idade de trinta e quatro anos no esplendor das suas faculdades. Um moderno cientista americano (E. W. Gudger) notou que se tivesse vivido para publicar mais do seu trabalho poderia ter-se tornado no maior naturalista desde Aristóteles.»

C. R. Boxer, *The Dutch in Brazil*, Archon Books, 1973, p. 150

A casa da bela Matilde na cidade alta se tornou num lugar elegante para os mafulos. Os oficiais não tinham as mulheres com eles, preferiam deixá-las na Holanda ou no Brasil. Tinham apenas ligações passageiras com mulheres da terra, não montavam casa para elas, viviam em messes ou na fortaleza. Portanto, o surgimento de um casal no deserto familiar que era a cidade alta foi motivo de algum alvoroço, sobretudo entre os jovens oficiais. Quando queriam se embebedar e jogar às cartas, preferiam as bodegas. Mas não desdenhavam um chá de caxinde, à tarde, pretexto para esvoaçarem à volta de Matilde e discutirem livros, pintura, viagens, filosofia. Se enquanto ela estava grávida se formara um grupo fixo para o chá de caxinde, a animação aumentou depois do nascimento de Henri, mais tarde rebaptizado como Henrique. De facto havia razão para isso. Matilde saiu da terrível provação que é o primeiro parto mais bela ainda. Como se com o filho e as porcarias que eliminou se tivesse purificado. Os olhos brilhavam mais luminosos, a

pele ficou de uma suavidade nunca vista e até os lábios cheios pareciam mais vincados.

O tenente Joost Van Koin, durante a gravidez, tinha mantido uma atitude de reverência muito respeitosa, o que fez Jean du Plessis esquecer os seus avanços descarados no casamento de Rodrigo, admitindo-o de novo no seu círculo mais íntimo de amigos. Koin não perdia um chá. Participava das discussões, mas era cada vez mais insistente nos quentes olhares que atirava à dona da casa. Esta reparava e contava a Catarina. Eu ouvia as confidências e percebia o interesse dela pelo atrevido mafulo, tão diferente do pobre Jean, como ela tratava o marido, parado e sem piada. Koin era um maluco, dizia Matilde a rir, um aventureiro, numa batalha se tinha atirado para a frente sozinho, apostando com os outros que o inimigo ia ficar tão surpreendido com a ousadia que o deixava passar. Deixou até certo ponto, mas depois dez inimigos cercaram-no e ele teve de aguentar um combate à espada contra eles, enquanto os amigos não se aproximavam. Saiu da aventura com uma cicatriz no ombro e fama de corajoso. Esperava ansiosamente por uma batalha importante para chegar a capitão, dizia, não saio daqui sem ser capitão. Por contraste, o pobre Jean nem sabia muito bem como conseguira chegar a tenente, se nunca se tinha distinguido em nada. E se alistou no exército holandês para fugir à opressão paterna, que o castigava atrozmente para lhe meter na cabeça os santos princípios do calvinismo. Se alistou por fuga a um terror maior, não por uma procura de aventura, comentava amargamente Matilde.

– Não debes falar assim do teu marido – xingava a minha boa Catarina.

– Se é verdade... É uma ótima pessoa, me trata muito bem e gosta do filho, por esse lado não tenho razão de queixa. Mas não tem mesmo piada nenhuma, coitadinho, lhe falta o jindungo.

O que aconteceu neste fatídico mês de Julho era portanto previsível. Em muitas situações não estive presente, sempre obrigado a acompanhar Baltazar a outros sítios, o qual só foi uma ou duas vezes a casa da filha. Reconstituo portanto a partir das confidências da Matilde com Catarina, quando ela ia à casa grande e

depois quando voltou a morar lá. Porque Catarina só conseguiu ir uma vez à casa da cidade alta. Muito insistiu a irmã com ela, vem conhecer a minha cubata. Se desculpava sempre com o trabalho, não tinha tempo. As duas sabiam que o tempo se arranjará, o problema estava na D. Inocência que não autorizava nenhuma ausência, nem para ir ao Kinaxixi fazer uma oferenda a Kianda, ser mítico que devia ser reverenciado para não ter ciúmes dos humanos. Matilde acabou por convencer a mãe, a qual, com cara muito fechada, um dia disse a Catarina, vai lá mas não demores, há muito que fazer na cozinha. Catarina vestiu a sua melhor roupa, levou emprestada a sombrinha colorida de Rosário. Regressou contando maravilhas, sobretudo a Ana que, com dezasseis anos, a ouvia muito.

– Ainda te arranjo um oficial para noivo. Não o Joost, que é demasiado maluco para ti. Mas há outros muito interessantes.

Não gostei de saber ser esse o objectivo da visita, embora reconhecesse que a minha boa Catarina estava a ultrapassar a idade de encontrar marido. Se ficasse sempre ali na sanzala, não tinha hipótese, ainda acabava por fazer um filho com um escravo e estragava tudo, atrasando a raça, como falava a madrasta. Mas sempre dói ver o ser amado se vestir com o melhor que tem, para chamar a atenção de outros homens. De qualquer modo, os tempos mais próximos não sugerem ter conseguido alguma coisa nesse sentido. Talvez só para mim ela fosse bonita. Ou talvez demasiado tímida, sempre a falar com as panelas. Ouvei uma estória da terra dos brancos que falava exactamente de uma rapariga que vivia sempre com as panelas, por causa da madrasta má, e que acabou por casar com um príncipe que conheceu num baile, por acção de uma fada boa. Pobre Catarina, se esperasse imitar na sorte a heroína, estava mal, não havia bailes em Luanda, nem príncipes. Embora Matilde tivesse alguns atributos de fada.

Provavelmente a tentativa de Matilde não resultou. Também as coisas não dão certo logo à primeira e o difícil era obter o consentimento de D. Inocência para haver uma segunda vez. No entanto, Catarina trouxe da casa da irmã imagens inesquecíveis, sobretudo de dois homens ainda novos, bonitos, que não eram

militares, chegados do Brasil no mês anterior e que sabiam tudo. Tudo? À pergunta da Ana, ela disse, mas sabem mesmo tudo, falam das terras, das árvores, dos pássaros, dos animais, das línguas das pessoas, sabem mesmo tudo. Há um, um tal de Magraf, que todos ouviam com muito respeito. Esse Magraf usa um flamengo engraçado, porque não parece dar tiros com a boca como o pai e os outros, mas fala muito grrá, grrá. Percebi que Catarina se referia a Georg Marcgraf, o geógrafo alemão, cujo destino se selou também neste fatídico mês de Julho. Mas quem se maravilhava com as coisas que ele contava do muito que já tinha observado na natureza, que ouvia os seus planos de comparar a flora e a fauna do Brasil e de Angola, poderia imaginar que antes do fim do mês já a febre o levara? O outro civil de que falava Catarina só se podia tratar do pintor e estudioso Barlaeus. Tinham desembarcado nos princípios de Junho e eram uma nota diferente na Luanda dos mafulos, pois não eram militares nem funcionários da Companhia. Cientistas, do círculo de protegidos de Maurício de Nassau em Pernambuco, mandados a Angola para estudar as coisas da terra, bichos, plantas, clima, línguas e pessoas, coisas que eu não sabia que se estudavam, julgava que apenas as coisas da religião se estudavam, e os únicos estudantes eram só os destinados a padres. O que não aprende uma pessoa que tem umas orelhas grandes e dorme pouco!

Surpreendemos o pintor Barlaeus um dia a trabalhar. Fomos à Ilha tratar de um negócio com Rodrigo do olho verde, sempre agarrado à sua empresa de salga e seca. E todo feliz com a menina que tinha nascido de Nzuzi, na mesma altura que o pequeno Henri, depois Henrique. Notei o mafulo na praia, sentado num tronco, com um estranho cavalete à frente e mexendo com um pau que depois aprendi ser um pincel. O meu dono se aproximou e cumprimentou. O pintor nem pareceu reparar na nossa presença, todo entretido com o que fazia.

– Não incomodo? – perguntou Baltazar.

– Esteja à vontade – disse o pintor, olhando pela primeira vez para o meu dono. – Há quem não goste que vejam o trabalho antes de ficar pronto, mas eu não me importo. Talvez porque não seja um verdadeiro artista.

– Artista ou não, está muito parecido.

O meu dono tinha razão. A Luanda que aparecia na tela era igual à que estava do outro lado da baía. Ele tinha escolhido talvez uns tons um pouco mais suaves para representar as barrocas, não o quase vermelho da terra. Mas eram as mesmas encostas que constantemente subíamos, os mesmos edifícios por que todos os dias passávamos, a fortaleza amarela que nos dominava.

– Sim, está parecido – concordou o pintor. – A ideia é mesmo essa, ser o mais parecido possível com a realidade. Não transmitir uma ideia transcendental, apenas uma figuração o mais exacta possível da realidade. Porque o objectivo é dar a conhecer às pessoas a geografia da terra, não para discutirem muita filosofia à volta do quadro. Por isso não sei se faço de facto obra artística. Mas algo me inquieta neste quadro, o tom do céu ainda não está perfeito.

– Devia pintar em Maio ou em Setembro e então tinha um tom espantoso. O céu nesses meses é de um azul que dói. Agora está tudo muito embaciado, é o cacimbo.

– Claro que não é o nosso nevoeiro da Flandres, mesmo assim. Mas o cacimbo amortece as cores, não tenho dúvida. Quando cá cheguei, no princípio de Junho, o céu ainda tinha o tom de que fala. De repente acinzentou. Hoje até está mais aberto o tempo, há um tímido sol, ontem estava mais fechado. E é isso que me faz hesitar no tom do céu, qual escolher? O que apercebi quando cheguei ou o que existe no momento em que pinto? Não será enganar as pessoas se puser um sol de Maio num quadro de Julho? As mesmas dúvidas assaltam frequentemente o meu amigo Frans Post, o grande paisagista de que certamente já ouviu falar. Mas ele é um artista, tem de se preocupar com filosofia. Eu sou sobretudo um cartógrafo.

Percebi que o pintor era modesto. Ou então daquelas pessoas que estão a mostrar qualquer coisa que fizeram e estão sempre a dizer, veja isto que dizem ser uma obra-prima, eu acho que é uma grande porcaria, mas é o melhor que posso fazer, e as pessoas afirmam, mas que nada, é mesmo uma obra-prima. Como julgar a sinceridade de uma pessoa? Só o tempo diria se este homem de trinta e poucos anos, de uns perfurantes olhos verdes, era modesto e simples,

preocupado apenas com o seu trabalho, ou mais um pretensioso escondendo ganâncias por trás de humildes palavras. No entanto, sem tomar partido, simpatizei com o pintor. Tinha uns olhos de menino assustado com as maravilhas do mundo.

– À tarde o tempo fica mais aberto – disse o meu dono.

– Comecei o quadro de manhã, agora tenho de manter as horas, por causa das sombras. Mas talvez pinte outro à tarde. Porque o sol à tarde também fica numa posição mais favorável, quando aparece. A fortaleza fica muito favorecida, quando o sol lhe bate pelo lado do mar, isso já notei. E vou escolher outro ângulo, talvez um pouco mais para a ponta da Ilha.

Baltazar ficou ainda um tempo a ver Barlaeus pintar. A principal diferença que eu notava entre a tela e a realidade era no número de navios, pelo menos nesse dia havia menos do que os representados no quadro. E as posições tinham mudado. Ou ele não se importou em pintar exactamente os barcos, porque o que lhe interessava era a exactidão da terra, ou tinha-o feito noutro dia e uns já tinham ido embora e os restantes mudaram de sítio. Mas o meu dono não falou sobre isso, não lhe chamou a atenção ou sabia a resposta, e acabei por não saber qual a razão da diferença. Tive pena, pois era a primeira vez que via um pintor a trabalhar, embora já antes tivesse visto quadros. Depois Baltazar se despediu e tive de ir atrás dele para encontrar o Rodrigo. Mas ao caminhar na areia não via os meus pés nela poisar, apenas o quadro que se ia fazendo, o vermelho tijolo da terra, o branco e o amarelo das casas, os barcos a baloiçar. Sobretudo aquela barreira das barrocas, todos os anos esventradas pela água das chuvas, carregando lama para perto do mar. Bem interessantes deviam ser as conversas na casa de Matilde. Pena que o meu dono não a frequentasse, embora todos os dias chegássemos ali perto, mas para jogar cartas no antigo palácio dos governadores. Eu ficava limitado às confidências feitas pela dona da casa, quando ela ia à sanzala. Matilde se limitava a contar os seus problemas íntimos, não relatava as conversas e os jogos, mais preocupada nos olhares de Joost Van Koin e nas alusões que lhe fazia. Isso também me interessava, até porque adivinhava o perigo das paixões em gestação. Mas seria altamente instrutivo ouvir Marcgraf discutir com

Barlaeus e os militares, não importava qual o assunto. E aconteceu a ocasião esperada, embora noutra contexto. Um dia, os dois cientistas apareceram na casa do major à hora do jogo e pude ouvir parte da conversa. Mas para minha tristeza, não discutiram as coisas que eles sabiam, apenas a saída de Maurício de Nassau do Brasil. Reinava a consternação na casa do major.

– Já se sabia que ia acontecer – dizia Marcgraf, na sua fala de grrá, grrá. – Por isso nos mandou aqui, ele queria que se estudasse um pouco esta terra, como fizemos no Brasil. Embora Angola tenha sido retirada da sua administração há dois anos, ele sempre dizia que faria pessoalmente alguma coisa pelo conhecimento do país. Mesmo contra a opinião dos Dezanove. Se sentia um pouco responsável, talvez por ter tomado a iniciativa de conquistar Luanda.

– Foram os Dezanove que o tiraram do Brasil – disse o major.

– Claro – concordou Barlaeus. – O ano passado, os Dezanove pediram formalmente ao príncipe de Orange que retirasse Maurício de Pernambuco. O príncipe hesitou, percebia muito bem que eram ódios da Companhia e não dos Estados Gerais. Mas acabou por ceder. Escreveu ao conde de Nassau, pedindo que regressasse à Holanda. Maurício foi protelando, mas quando nos despachou disse que já não podia adiar mais tempo, a partida estava iminente. Pronto, foi agora.

A notícia tinha chegado com um barco acabado de ancorar. E logo a cidade se dividiu, uns tantos mafulos festejavam nas bodegas, outros lamentavam. Não me apercebi imediatamente das fronteiras dessas diferenças, foi preciso o meu dono explicar mais tarde aos filhos as minudências da política, afinal o conde Maurício era mais apoiado pela gente de Amesterdão e odiado pelos da Zelândia, mais duros no seu calvinismo e mais belicistas, porque parte importante da sua fortuna se fazia a pilhar barcos inimigos. Aos corsários convinha a guerra que justificava os saques.

– O Hans Molt, contra os seus costumes e discursos, hoje apanha uma bebedeira para festejar – disse François de Savigny. – Passava a vida a criticar o fausto da corte de Nassau, como ele diz. Que o conde Maurício dilapidava dinheiro com planos e obras faraónicas e a sustentar parasitas.

– Os parasitas somos certamente nós – disse Marcgraf. – Sim, a Companhia nunca viu com bons olhos o que se gastava com o estudo do país e com as obras feitas para melhorar o Recife. Era uma aldeia infecta no tempo dos portugueses, passou a ser uma cidade agradável de se viver. Os jardins, os largos, as estufas botânicas, as ruas novas... Para os Dezanove, melhorar o modo de vida dos habitantes é esbanjamento inútil.

– E ter um grupo de cientistas e de artistas para conhecerem e darem a conhecer as realidades do Brasil é luxúria – disse Barlaeus. – Porque para a Companhia das Índias Ocidentais, a ciência e a arte estão a mais e os cientistas e artistas são parasitas, ociosos vivendo das migalhas dos poderosos. Para os Dezanove, a única ciência válida é a mecânica, que ajuda a melhorar o rendimento do trabalho, o resto é especulação, arte do demónio.

– Vocês tocaram num ponto vital e que não tem sido suficientemente discutido – disse o capitão Simon Dots. – A falta de um pensamento sobre a colonização. Pode uma colonização ser exitosa se feita apenas em função do lucro dos accionistas? Pode uma companhia colonizar sozinha um território? Não terá de haver uma política de Estado, concebida por políticos e não por comerciantes? Porque esta é a questão essencial. Quem manda nos territórios é a Companhia. E esta só pensa nos benefícios dos accionistas, senão estes desistem, os capitais são aplicados noutra coisa. Aliás, nem se sabe neste momento se a Companhia vai continuar ou vai ser dissolvida, porque não está a dar os lucros que esperavam. Na minha opinião, tem de ser o Estado a suportar a colonização, providenciando portanto os recursos para a ciência, a arte, a melhoria da vida dos habitantes, a defesa, etc. Ou nos arriscamos a ser de repente expulsos dos territórios que conquistámos.

– O conde de Nassau tem essa ideia – disse Marcgraf. – Por falar em defesa... Os Dezanove continuam a cortar nas despesas militares. E o conde acha que se pode perder o Brasil. Aqui vocês se queixam também que não chegam os homens nem as armas. Maurício de Nassau acha que comerciantes devem saber fazer comércio, não são obrigados a saber governar. Ora, ele é um homem

de Estado. Tinha de chocar com os interesses e os métodos da Companhia, liderada só por comerciantes. Sem ofensa aqui para o nosso amigo Van Dum.

– Não ofende nada, também tenho essa ideia – disse o meu dono.

– Uma colonização dirigida por uma companhia comercial é algo que ainda não me convenceu. E não esqueçam que vivi aqui vinte e cinco anos num outro tipo de colonização.

– Por sinal, detestável – disse Barlaeus,

– Sim, mas por outras razões. Uma delas é comum, falta de investimento, mas no caso dos portugueses é por miséria pura e simples do país metropolitano, estive lá uns tempos, pude verificar. O que não é o caso das Províncias Unidas.

– Do que aprendi no Brasil, é chocante a maneira como os portugueses tratam os habitantes da terra, os negros – disse Marcgraf. – Pensam que não têm alma. É também a sua opinião que nós tratamos melhor os habitantes, senhor Van Dum?

– Sem dúvida, há outro respeito. Veja o meu compadre, Dom Agostinho Corte Real. É tratado com a deferência que um aristocrata merece. Os portugueses só não o venderam como escravo por que não puderam.

Admirei um pouco as afirmações do meu dono. Não por pensar que eram erradas. Mas junto da família nunca falava mal dos portugueses, se colocava sempre na posição de amigo deles. Estava agora a ser sincero ou era uma das suas habilidades diplomáticas, como diria o esperto Ambrósio?

– Voltando ao conde Maurício, uma coisa que irritou os intransigentes da Companhia foi ele tentar criar relações decentes com os católicos – disse o major. – E não perseguiu os moradores portugueses.

– Crime grave de negligência religiosa – disse Barlaeus e notei a ironia na voz dele. – Os *predikant* bem tentavam imitar os papistas, com quem no fundo aprenderam. Talvez não chegassem a mandar os católicos para a fogueira, se os deixassem. Mas lhes tiravam a língua. Ora, o conde Maurício pensa de maneira radicalmente diferente. E nunca deixou que as razões religiosas interferissem na política de Estado. Sempre tentou separar a religião da política, o

que é crime para um espírito estreito. Por vezes falhava, os *predikant* ganhavam uma batalha. Mas de um modo geral conseguiu manter a liberdade de crença para os católicos, o que foi importante para nos aproximar dos moradores. Como é que podíamos corrigir a política fanática e bárbara dos portugueses se agíssemos de forma fanática e bárbara contra eles?

Continuaram a destacar os méritos da política do senhor de Nassau, chorando saudades. Seria tão interessante se o director Hans Molt aparecesse de repente e entrasse na conversa! Porque então ia aquecer. Já antes o meu dono tinha contado à mesa da casa grande que numa ocasião, a propósito de uma queixa do Pinheiro da bodega, o director trovejou, aqui não há conde Nassau, aqui judeus ou católicos não piam. Faltava mesmo o Hans Molt ou um *predikant* para animar a discussão. Mas ninguém do outro campo apareceu e a conversa continuou como as dos nossos kombas, em que se fala cada vez melhor e com mais saudade do finado, à medida que o maluco vai soltando as línguas, mesmo se o falecido foi detestado durante a vida, com pecados capazes de o fazerem merecer todos os infernos e purgatórios das diferentes igrejas. Estava eu no frio da noite de cacimbo, com vontade de acender uma fogueira, a ouvir os mafulos se carpirem do fim da missão brasileira do conde Maurício, quando me lembrei, não sei se a propósito, da estória que o meu dono ouvira ali mesmo da boca do governador Pedro César de Menezes.

Na roda de jogadores, se gabara primeiro o Menezes de que estando em Massangano, tinha conseguido acabar com as danças dos negros, claramente inspiradas pelo diabo. Imaginem, dizia o governador, que homens e mulheres formam uma roda, quase nus, e então, ao rítimo de tambores, dançam se contorcendo em movimentos lascivos e chegam mesmo a juntar os umbigos dos homens com os das mulheres, numa alusão a actos que me envergonho de designar. Uma noite fizeram uma dessas festas satânicas no terreiro ao lado do forte de Massangano e mandei a tropa acabar com aquilo. Os soldados cercaram os dançarinos, cortaram as orelhas de alguns, foram chicoteando outros pelas ruas

da vila. Se gabava o Menezes, nunca mais esqueceriam a lição, fugiriam de bailes como o diabo da cruz.

E embalado nas suas recordações, deu uma gargalhada e contou como castigara um kimbanda, diabólica criatura nas suas palavras, de nome Sukeko, que conquistara grande fama entre a sua gente. O dito Sukeko vinha com um séquito de escravos oferecidos pelos sobas que já curara e entrou nas terras de Ngola Kiaito, grande aliado dos portugueses, cujo kimbo principal distava quatro léguas de Massangano. Os ecos da presença de tão grande kimbanda chegaram aos ouvidos do governador, que logo quis mostrar como era devoto de Nossa Senhora, sempre pronto a executar um acto de piedade cristã. Mandou recado a Ngola Kiaito, então estou doente e não me vens visitar, tu que és grande amigo nosso? O soba grande correu logo a Massangano. O Menezes encenou grande doença, recebendo-o na cama e falando com dificuldade. Disse para o macaco crédulo do diabo, e isto são palavras do governador, que estava desenganado, os médicos e barbeiros de Massangano não eram capazes de curá-lo, já tinham feito tudo o que conheciam. Mas ele sabia que nas terras de Ngola Kiaito estava naquele momento um grande kimbanda, famoso em toda a região, que curava as mais diferentes doenças com ervas e fumigações. Pedia ao seu bom amigo que o trouxesse para o curar. Ngola Kiaito saiu dali muito satisfeito, pois até o governador reconhecia o valor do sábio Sukeko, os filhos da terra começavam a ganhar notabilidade. E trouxe o kimbanda em grande estilo, com um séquito numeroso de dançarinos com ngomas, marimbas e pandeiros, enquanto o Sukeko vinha numa rede transportada entre dois cavalos, o mesmo sucedendo com o soba. Os bailarinos davam grandes saltos, brandindo azagaias, apontando escudos de pele de antílope, imitando gestos guerreiros, numa prova de grande alegria pela honra feita ao incomparável kimbanda. Só que, ao tentarem atravessar o rio Lucala para entrarem na vila, foram cercados pela infantaria portuguesa e com alguns tiros foi afastada a multidão que os acompanhava. O kimbanda e o soba foram presos. Ngola Kiaito ficou em minha casa, tratado como um amigo prisioneiro, disse o Menezes. Mas o Sukeko foi para as masmorras. Vários padres

falaram com ele, tentando doutriná-lo para renegar as suas práticas diabólicas. Mas Sukeko dizia com grande arrogância, não sei o que é isso de diabo, eu apenas curo as pessoas com os conhecimentos que tenho das ervas desta terra e ajudado pelos espíritos dos antepassados. Duas vezes Ihe disseram para renegar as suas práticas e duas vezes ele disse que essas práticas realmente curavam. Vendo que não podia convencer o feiticeiro a abraçar a religião cristã, mandou o governador erguer enorme pira de lenha num alto junto da igreja de São Benedito, para queimar o Sukeko na fogueira, como mandava a sagrada Inquisição. Não se sabe por que razão, o chefe dos carrascos resolveu garrotear o kimbanda antes de o lançar para a fogueira. Castiguei-o, foi despromovido e mandado para Cambambe, sítio mais difícil, pois eu tinha dado ordens para o feiticeiro diabólico ser lançado vivo dentro da fogueira, para sentir o fogo como uma antecâmara do inferno, e o chefe dos carrascos desobedeceu. O amigo Ngola Kiaito ainda tentou interceder, mas fui inflexível, nunca se pode contemporizar com adeptos de Satã. Depois de castigado o feiticeiro, soltei o macaco que regressou para as suas terras, certamente mais temente ao verdadeiro Deus do que nunca. Mas essa gente não aprende e vou lhes contar o resto. No rio Lucala tem uma horta um morador de Massangano, cujo responsável é um negro já velho, um mukulunto, como Ihe chamam. Chegou aos seus ouvidos que o Sukeko antes de morrer disse que os rios Kuanza e Lucala iam secar pelo castigo que ordenei. O mukulunto foi contar esta nojenta profecia ao seu patrão, o qual disse, mas tu que vives sempre com os brancos e vais à igreja ainda acreditas nessas coisas? Então vai com cabaças buscar água ao rio e enche este buraco. O velho passou o dia inteiro a despejar para um buraco grande a água que transportava nas cabaças. De vez em quando o patrão perguntava, ainda tem água no rio? E ele respondia, cada vez menos, está quase a secar. Ao fim da tarde, farto de tanta teimosia, num negro educado pelos portugueses, pegou num chicote e açoitou-o até Ihe fazer entrar a razão, porque esta gente só assim aprende. Quando mal podia se arrastar, com o sangue a jorrar por todos os golpes, é que concordou com o patrão, o rio de facto estava cheio como sempre, não havia perigo de secar. E o

governador Pedro César de Menezes deu mais uma gargalhada, satisfeito da forma piedosa como sempre defendeu e fez defender a doutrina de Cristo.

Quem pelos vistos se não preocupava muito com a doutrina de Cristo era Matilde, a qual aceitou um dia sair de casa de manhã, dispensando a companhia da escrava, oferta do pai no dia do casamento, que geralmente a seguia nos seus passeios. Foi andando, correspondendo aos cumprimentos das poucas pessoas com que cruzava, trilhando o caminho da fortaleza do Morro, onde devia estar o marido. Este caminho que ia a direito da fortaleza até ao antigo convento dos Franciscanos, seguindo sempre o esporão na crista das barrocas, atravessava toda a cidade alta. Entre os dois pontos extremos ficava a sé, Igreja de Nossa Senhora da Conceição, hoje abandonada e cheia de lixo. Matilde parou à frente, olhou para todos os lados, virou para a esquerda e acompanhou a parede lateral da sé. Atrás tinha uma porta encostada, que permitia a entrada na sacristia. A igreja ficava perto da barroca e por trás dela não havia construções. Se via a ponta sul da Ilha e a barra da Corimba. Ao fundo, o Mussulo. Mas Matilde não tinha cabeça para apreciar a beleza da paisagem. Olhou de novo para todos os lados e empurrou a porta. Dentro da sacristia mal iluminada estava o sorridente tenente Joost Van Koin.

Se trocaram beijos esfaimados e logo Matilde o afastou, num gesto de recato ou de temor, desconheço, também não posso imaginar todos os detalhes.

– Não devia ter vindo, é muito perigoso. E se aparece alguém?

– Ninguém vem aqui. Não vê a balbúrdia que por aqui vai? Quem teria interesse em bisbilhotar este lixo? Só se a seguissem.

– Não fui seguida, tenho certeza.

A sacristia estava suja, por não ser varrida durante três anos. E quase despida. Apenas uma velha estante, vazia, jazia no chão. Escapara miraculosamente aos que procuravam madeira para alimentar fogueiras. O tenente deitou no chão uma manta que trouxera num saco, convidou Matilde a sentar.

– Na sua casa não era possível estarmos à vontade, de dia os escravos estão atentos e de noite está o seu marido. Foi o único

local que encontrei nesta cidade maldita, onde nem existe uma estalagem. E se a houvesse, também seria impossível nos encontrarmos aí, alguém ia espalhar a notícia. Se tivermos cuidado a entrar e a sair, ninguém nos descobre aqui, pode estar tranquila.

Matilde não estava tranquila e o acto de amor se ressentiu da inquietação. Foi tudo muito rápido, a despachar para ir embora o mais cedo possível, os dois a ficarem desiludidos pelo sabor a pouco em face do muito desejo que nutriam. Se despediram com muitos pedidos de desculpa, da próxima vez será melhor. Matilde não estava certa de haver uma próxima vez, e nisso ia pensando a caminho de casa, sem vigiar as redondezas, esquecida das regras de segurança.

Pode ter sido atrás de uma figueira da Índia, pode ter sido no recanto formado pelas barbas de uma mulemba, de algum lado foi vista e reconhecida, pois, como soubemos mais tarde, mãe amiga escreveu um bilhete anónimo a Jean du Plessis, a sua mulher tem encontros amorosos com o tenente Van Koin na sacristia da Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Matilde dizia era o meu remorso que me fazia ver coisas, o Jean está diferente, sempre a me olhar de lado, mal fala, perdida de vez a boa disposição, sempre a perguntar se vou sair. Era o remorso que a fazia exagerar os indícios ou estava de facto ele desconfiado? Por isso recusou outros encontros, foi adiando, adiando, até que uma semana depois cedeu, o desejo era muito e Joost era tão querido, nas tardes de visita a fitava com olhos de cão injustamente castigado, suplicando mais um encontro, só mais um e depois a morte. Ela não podia resistir a tanta paixão. Uma manhã da semana seguinte, no fatídico mês de Julho, estava já Marcgraf acamado com as febres, ela foi sozinha passear para a rua entre a fortaleza e o antigo convento de São José dos Franciscanos, e a meio esquindivou para a esquerda, contornou as traseiras da Sé, entrou na sacristia. Estava enlaçada a Van Koin, por cima da manta que ele deixara embrulhada num canto da primeira vez, quando fez irrupção o enganado marido.

Nu e atordoado, o tenente Van Koin ainda esboçou um gesto para chegar à espada. Mas Jean du Plessis apenas olhou e deixou que fosse visto, depois saiu. Mais uma vez Matilde ficava a meio do

prazer, hoje anunciado mais promissora, mas terminado de forma dolorosamente abrupta.

– E agora? – perguntou ela.

– Vai me desafiar para um duelo e eu mato-o – disse o amante. – Deve ter ido procurar testemunhas para o desafio. Sou melhor espadachim do que ele. Não te preocupes, é da maneira que ficas livre.

Não era propriamente o que queria Matilde, Jean era um bom marido e pai, apenas um mau amante. Joost prometia ser melhor, mas o destino não o deixava provar tão viris faculdades.

– Que faço agora?

– Vais a casa, pegas nas tuas roupas e no teu filho, mudas para casa do teu pai. Eu resolvo o problema com o teu marido à minha maneira. Se tens medo de o enfrentar, acompanho-te. Fica tranquila, depois poderemos estar juntos o tempo que nos apetecer.

Matilde se vestiu como num sonho. Tinha sido tudo tão rápido, nem sequer previra as consequências e a sua atitude perante elas. É verdade que uma intuição qualquer lhe aconselhava prudência e ficara uma semana a hesitar. Mas não era uma visão, essas só aconteciam para outros assuntos, apenas uma impressão fugidia, uma ponta de angústia, algo de tão indefinido que nem podia passar por aviso de um deus ou espírito qualquer. Lhe parecia espantoso que tão rapidamente o marido fosse direitinho ao sítio onde eles estavam. Já andava desconfiado, fingiu ir para a fortaleza, deixou-a sair de casa enquanto ele se camuflava por trás de algum muro de quintal, seguiu-a. Só podia ser isso. E era então verdade que os olhares suspeitos desses últimos dias encobriam desconfiança. Mas porquê desconfiaria?

Só teve resposta quando chegou sozinha a casa, tendo recusado a companhia de Van Koin, e encontrou um Jean du Plessis destroçado, com o bilhete anónimo na mão, lê, era mesmo verdade o que alguém escreveu. Choraram os dois, ela de sincera pena por o ver sem vontade de viver, ele porque o seu sonho ruíra. Se pudesse voltar uma semana atrás, confessou à irmã Catarina, dava uns anos de vida para refazer aquelas duas manhãs, para poder ficar em casa a costurar as roupinhas do bebé enquanto Joost roía as unhas de

inútil impaciência na sacristia, para nada ter acontecido e Jean não ter sofrido de maneira tão total. Porque ele não gritou, não lhe bateu, não ameaçou matá-la ou se matar, não dançou de raiva ou pisou repetidamente o chão, como nós fazemos, só chorou baixinho, choro feito apenas de lágrimas abundantes e imperceptíveis convulsões dos ombros, a mais pungente maneira que têm os brancos de manifestar dor absoluta, a dor dos vencidos.

Mas o tempo não volta atrás, nem os melhores kimbandas o conseguem, as duas manhãs tinham acontecido irremediavelmente e a prova estava nas lágrimas do marido.

– Que vais fazer, desafiar o Joost para um duelo?

Não tinha curiosidade em saber. Era apenas um gesto desesperado para o distrair, mesmo que por um momento, procurar com o ódio o reacender da vida. Nesse momento só o remorso a consumia. Mas ele encolheu os ombros.

– Que adianta? Matá-lo? Resolve alguma coisa? Ele apenas foi a mão do destino. E nunca conseguiria feri-lo, é o melhor lutador da praça. Só se fosse para ele completar o que iniciou. Já estou meio morto, ao menos me daria o golpe de misericórdia. Sim, talvez para isso valesse a pena desafiá-lo.

Matilde queria lhe segurar a mão, pedir desculpa, rebolar pelo chão em gesto de arrependimento, arrancar cabelos, desfazer o penteado, sair para a rua de braços ao alto e a gritar seus pecados, não para que Jean lhe perdoasse, isso já não contava, ou ainda não contava, mas para que ele reganhasse gosto pela vida, se alguma vez o teve. No entanto ficava parada, em tudo contrária à sua maneira de ser, chorando à moda dele, deixando cair as lágrimas apenas.

– Vou para a sanzala e levo o Henri. Suponho que desejas isso. Ele não reagiu. Não disse sim, não disse não. Será que entendeu? Sequer ouviu? Como se tudo fosse indiferente. E era, para ele só a dor do absoluto contava. Como quando era criança, lhe deram o primeiro brinquedo, algum objecto que voava, ou estranhamente corria pela relva, ou uma figura que se mexia, ou uma estampa colorida, que sei eu de brinquedos de brancos, fosse o que fosse lhe deram e em seguida tiraram sem explicação. Matilde dera vida a

Jean du Plessis. Com a mesma facilidade a retirara. Não quero ser orgulhosa, Catarina, mas foi o que senti, uma bruxa capaz de dar e tirar a vida. Por que não morro eu? No entanto é ele que não resistirá à minha perda, sei, está tão claro como uma profecia qualquer.

– Gostaria de ficar contigo, mesmo que levasses anos a me perdoar. Mas agora vou para a sanzala. A menos que me peças para ficar.

Ele não pediu. Não disse mais nada. Matilde foi dando ordens aos escravos, metam esta roupa aqui, levem aquele baú, deixem ficar estes reposteiros, ordens dadas lentamente, ganhando tempo, esperando que ele falasse. Mas Jean du Plessis não abriu a boca. Continuava sentado na cama de casal, as lágrimas correndo, os ombros soluçando muito docemente, sem um som. Os escravos arrumaram as coisas dela e do filho, foram à frente transportando as imbambas, para espanto dos raros transeuntes, quem mudava de casa? Matilde ainda ficou com Henri e a escrava dada pelo pai no dia do matrimónio. Foi ao quarto e Jean estava na mesma posição.

– Deixo dois escravos para tratarem de ti. Devem chegar para os primeiros dias. Depois se vê.

Pegou na mão dele, gelada. A mão não segurou a dela, se manteve flácida, desinteressada.

– Se queres, eu fico. Jean, por favor, diz para eu ficar.

Ele não disse. Ela segurou o bebé de dois meses e saiu com um soluço reprimido. Matilde aprendeu nesse dia o que era a dor absoluta. A que ele sentia e a que ela sentia por ele. A dor vazia, a pior de todas as dores.

Outro tipo de dor, a do despeito, sentiu Joost Van Koin por Matilde recusar a sua protecção e preferir enfrentar o marido. O tenente esqueceu o trabalho na fortaleza e desceu a Calçada dos Enforcados para ir beber na bodega do Pinheiro. Aí não se conteve e contou a estória, com as cores que lhe convinham, a dois amigos. Foi certamente essa a mecha que fez correr o mujimbo. Em breve, toda a cidade sabia que Jean du Plessis tinha sido corneado e até agora nada fizera para lavar a honra. Um dos amigos que ouviu pela primeira vez a versão de Koin foi Croesen, o antigo secretário do

director, que acabou por ser suspenso das suas funções pelo desaparecimento das duas arcas do governador Pedro César de Menezes. Croesen afogava as mágoas no vinho, já há meses, pois nada tinha para fazer e não o deixavam embarcar para a Holanda, como insistentemente pedia, enquanto não esclarecesse o que passara com as arcas. Segundo o major contara, suspeitavam que ele se ia desfazendo aos poucos do conteúdo, mas ninguém sabia como. Não era difícil convencer soldados ou marinheiros que regressavam à Europa de levarem umas peças e entregarem a alguém de confiança, ficando com uma percentagem. As revistas não eram sistemáticas, apenas em caso de desconfiança. Quando lhe dessem autorização de embarcar, e agora a ordem tinha de vir de Amesterdão, onde o caso seria despachado, já teria negociado todo o tesouro. Mas como o major não se cansava de frisar isto apenas são especulações, Croesen manteve sempre a defesa da sua inocência e nunca se encontrou nada, embora tivessem cavado vários buracos onde se supunha ter ele enterrado as arcas. Esperando a ordem de embarque, passava os dias na bodega do Pinheiro, bebendo e jogando com os oficiais. Se ligara mais com Koin, um dos seus subordinados no ataque ao arraial do Gango, que lhe confienciava o que se passava nos serões na casa de Matilde. Croesen ainda tentara ser admitido, através do amigo, mas o tenente Jean du Plessis foi anormalmente rude, esse ladrão não entra na minha casa. Sou um pária, mas antes andavam todos atrás de mim, quando tinha o poder de arranjar ou não uma audiência com o director, ou de resolver algum assunto melindroso, se queixou na altura o antigo secretário. Agora saboreava a notícia com enorme prazer, como se a vingança lhe pertencesse. Aquele pretensioso francês, admitido na Flandres por pura piedade cristã e que esquecia rapidamente o quanto devia aos seus benfeitores, ostentava um monumental par de cornos e nem coragem tinha para defender a honra com armas. Aqui para nós, e baixava a voz, os franceses nunca me convenceram, são todos uns bois mansos e lambedores de conas. Falou baixo, porque havia vários franceses na bodega. Mas foi ouvido por alguém que contou a alguém que contou a um dos amigos do meu dono. Enfim, a frase se tornou célebre em Luanda,

deixou de ser um dito do Croesen para se tornar um insulto à honra francesa. Mas esses boatos, diminutivos do seu genro, chegaram aos ouvidos do meu dono depois de ele conhecer o escândalo, pois Matilde apareceu na sanzala com as imbambas e o filho e teve logo de declarar, me separei do meu marido.

Foram choros, foram gritos de raiva. As mulheres arrepanhavam os cabelos, D. Inocência chegou mesmo a sair da casa grande para xingular no quintal, ai a desgraça ué, ai a minha filha ué, ai esses homens malditos ué. A minha boa Catarina percebeu logo a razão que a irmã não contaria em público, ficou calada, com as lágrimas a correr. Baltazar Van Dum fez o ar de chefe e protector da família, perguntou:

– Que te fez o teu marido? Te bateu?

Matilde apenas abanou a cabeça, negando. Disse em voz sumida, não quero falar nisso agora e se enfiou no quarto que antes fora o seu e agora era apenas ocupado por Catarina, embora ainda tivesse as duas camas.

Como as coisas se devem esclarecer primeiro entre homens, o meu dono foi a casa mudar de roupa e mandou selar o cavalo. Imaginando onde ele ia, preparei antecipadamente o fôlego, pois acompanhar o galope de um cavalo até à cidade alta exige muito peito. Quando percebeu os preparativos do marido, D. Inocência parou de repente os choros e as lamentações, perguntou, por que não almoças primeiro? O meu dono nem respondeu, deu dois peidos, saltou para o cavalo, arrancou a galope. Lá fui atrás, mas ainda vi a mulher retomar o xinguilamento, ai a desgraça ué, ai a minha filha ué...

Ia a correr e a pensar, porque a cabeça nunca pára, mesmo se o corpo corre. Os brancos são mesmo engraçados, de tudo fazem um drama. Se um homem é apanhado em adultério, se desafiam para duelos, têm pelo menos de se ferir, senão o marido enganado deixa de ser considerado homem, é um miserável cão. Complicam enormemente as coisas, dá divórcio, depois é preciso saber com quem ficam os filhos e como vão dividir as propriedades e os bens, enfim, uma trabalhadeira. E conflitos seguintes entre a família de um e a do outro e por vezes com a do terceiro. Na terra da minha mãe é

tudo muito mais fácil, o enganador apanhado em flagrante tem de pagar uma multa, que alguns chamam macoji, e pronto, com a galinha ou o cabrito entregue fica reparado o dano provocado na família. Continuam todos amigos, a paz reina. Se do acto nascer um filho, é pertença da casa onde nasceu, e o pai é evidentemente o marido da mulher. Quem pode mesmo saber se o acto provocou a gravidez? E porquê haveria a criança de pagar pelo erro dos outros, ficando bastardo como entre os brancos? Depois, eles é que são os civilizados...

Quando cheguei a casa de Matilde, a deitar a alma pela boca, já Baltazar tinha entrado desabridamente pela casa dentro. Mas ainda tive tempo de ouvir a discussão, sem qualquer dificuldade pois as janelas estavam abertas e o meu dono gritava na sala como se viesse vingar uma filha destroçada.

– Que fez à Matilde? Que lhe fez, seu miserável?

Jean du Plessis deve ter lembrado a outra vez em que foi chamado de miserável, já devia se ir habituando aos insultos pouco imaginativos do sogro. Mas as situações eram diferentes. Da outra vez até percebia por que era insultado. Desta não entendia, pois ele não fizera nada.

– Não fiz nada.

– O quê? Não fez nada? E acha que vou acreditar? Não lhe fez nada e ela foi embora de casa, com o filho e tudo o resto? Só assim?

O genro deve ter feito um esforço enorme para sair do vazio. A voz era sumida, difícil de ouvir apesar de falar a dois metros da janela aberta.

– Ela não lhe disse?

– Você é que me vai dizer. Ela se meteu no quarto, disse que não queria falar. Por isso vim directamente tirar satisfações, pois é você que tem de mas dar.

Silêncio. Só se ouvia o resfolegar do meu dono, parecia que ele é que tinha corrido desde a sanzala, não o cavalo.

– E então? – insistiu Baltazar.

– Seja, vou dizer, embora seja contra o que aprendi da cortesia. Devia ser ela a contar, mas já que o senhor insiste... Apanhei a

Matilde na sacristia da Igreja da Conceição. Deitada no chão da sacristia, com um homem por cima.

O resfolegar do meu dono aumentou, o ar assobiava ao sair da boca dele. Ouvei uma rajada de peidos. Arrisquei olhar pela janela e vi-o, vermelho como um mafulo acabado de desembarcar em Luanda e depois de um pote de vinho. Se encostou a uma mesa, reagiu, olhou para mim, apanhado em flagrante delito de kuribotice, não pareceu me ver, tirou um lenço do bolso, se limpou a cara e os cabelos, falou numa voz vencida:

– A minha filha?

– A Matilde. Vim para casa, depois ela veio. Não lhe disse nada, não foi preciso. Ela deu as ordens à criadagem, se mandou. Não lhe bati, não a insultei, nada. Talvez devesse... Mas não tenho raiva dela.

– E ele? O miserável ainda está vivo?

Jean du Plessis apenas confirmou com a cabeça. Foi o último gesto que vi, pois baixei-me de novo, bastava escutar. Até preferia. Ficava mais bonito imaginar as expressões do que vê-las.

– Não o matou logo ali? Mas que espécie de homem é você? Tem sangue de lagarto? Quem é ele? Diga-me o nome.

O genro devia estar arrependido de ter regressado do vazio, devia estar mais confortável lá, onde quer que seja esse lugar. Pois agora estava a ser simplesmente bombardeado por uma salva de perguntas. Ignorou as perguntas, respondeu à ordem.

– O nome não interessa. Ele não interessa.

– E então o que interessa, se não é a honra?

– Ela, a Matilde, é que interessa. E porquê me fez isso. O resto não conta.

Sensível como sou, só lhe podia dar razão. Não era a primeira vez que ele me comovia, o que era raro se tratando de um branco. Isto era o mais importante, o nó da questão, e mais uma vez não poderia contá-lo à minha boa Catarina. Tudo o resto ela saberia, com mais detalhe ou menos detalhe, através das versões que lhe chegariam por outros. Mas esse sentimento adivinhado em Jean du Plessis, que a emocionaria até às lágrimas, só eu tinha sensibilidade para lho contar e me estava proibido. Não sei se lamentei mais a dor de Jean

du Plessis se o facto de não poder confiar a minha observação à doce Catarina.

– Alguém tem de vingar a honra da família. Se não é você, serei eu. Por isso exijo me diga o nome do bastardo.

– Não o ouvirá da minha boca. Desculpe, mas é uma questão de honra.

– Estranha honra a sua.

Baltazar deu meia volta e veio a bater com o chapéu em tudo o que era móvel e parede, até montar no cavalo. Resmungava frases incompreensíveis sobre a noção de honra dos franceses e dos calvinistas, foi a única coisa que pude perceber. Agora ia forçar Matilde a confessar o nome do amante. Se conseguisse forçá-la a alguma coisa. Eu tinha curiosidade em saber se a ela interessava dar o nome, se procuraria protegê-lo. Depois tive uma intuição. Claro, Matilde não ia dizer o nome, percebendo que o pai queria vingar a honra da família em duelo. Para proteger o pai, conhecida como era a arte de Joost Van Koin com a espada. E foi mesmo isso que aconteceu. Uma grande gritaria no quarto de Catarina, mas quem é ele, não lhe digo e acabou, isso é assunto meu, não é só teu, é também do teu marido, seja, também é do pobre Jean, mas ele não quis resolver dessa maneira e pronto, da minha boca é que não saberá. Baltazar estava furioso como eu nunca o tinha visto. Não só por causa da vergonha que a estória acarretava, mas sobretudo porque a filha o enfrentava, mesmo numa situação em que ela estava nitidamente em inferioridade. Os berros se chocavam no ar, não sei se também chocavam braços contra caras, era só mesmo o que faltava.

– Pois fica sabendo que isto nunca aconteceu na minha família e a honra tem de ser lavada com sangue – disse o meu dono, já em desespero de causa.

– O pai deve se ir habituando, pois casos como este serão muito frequentes na nossa família.

Talvez Baltazar se não tenha apercebido imediatamente, ou mesmo nunca. Mas captei logo a profecia. Os olhos de Matilde deviam brilhar como possuídos de ira divina, dos cantos dos lábios

devia sair uma lágrima de saliva, sinais reveladores de uma visão de futuro. Eu percebi e certamente Catarina.

Quem tinha visões, ao mesmo tempo que Matilde, mas de outra ordem, era o geógrafo Georg Marcgraf, prostrado no leito, quase sem sangue, pois o cirurgião holandês sangrou o máximo permitido por lei. Sem melhorias sensíveis, se deve dizer. O amigo Barlaeus acompanhava a agonia, estremeçada de convulsões, com poucas esperanças, pois já tinha aprendido que o paludismo africano não se comparava em virulência com o do Brasil. E ainda por cima não podiam se socorrer dos médicos portugueses, que tinham mais experiência que os mafulos, embora na maior parte dos casos fossem impotentes contra a doença. Sei que foi na mesma altura que Matilde voltou à casa paterna, por informações posteriores. Marcgraf começou a ter as visões, olha o eclipse, o Sol está a desaparecer, é a Lua, é a Lua a responsável, e só falava do eclipse, certamente uma alusão ao eclipse do Sol que observou no Brasil em 1640 e sobre o qual escreveu um estudo importante, como explicou Barlaeus na sala do major, dias mais tarde. Na agonia só falava do eclipse. Barlaeus, com o seu espírito científico, dizia ser alusão ao eclipse do Sol, mas não seria uma visão do seu próprio? Respostas que se levam para a morte, pois o infeliz geógrafo faleceu neste fatídico mês de Julho e foi enterrado logo a seguir, morte que decidiu o pintor flamengo a abandonar no primeiro barco esta terra desgraçada, onde até os fortes alemães morrem jovens.

Mas havia jovens fortes e que sentiam o apelo do sangue. Como Diogo, o último filho do meu dono a ser reconhecido, que vivia no arimo do Bengo, providenciando comida para o resto da família. Chegou na sanzala, fez o relatório ao pai do que se passava, apresentou os alimentos que trazia, ajudado por três escravos. Baltazar concordava em poucas palavras, mais preocupado em tentar adivinhar pelo voo das aves ou o suspiro do vento quem era o miserável desonrador da família, preocupação que nem o deixara dormir. Na véspera, durante a sessão de cartas, nenhum dos amigos fez qualquer alusão ao caso, prova de que o vergonhoso mujimbo ainda não tinha chegado ao topo da hierarquia militar. Mas corria rápido pela base do grupo de oficiais, como constatámos pouco

depois, por causa das gabarolices de Van Koin na bodega do Pinheiro. E era sobre como fazer Matilde delatar o nome do amante clandestino que se ocupava o espírito de Baltazar, bastante desatento às notícias vindas do Bengo. Só o despertou a parte final da fala difícil de Diogo, tropeçando constantemente na gramática portuguesa por ter sido criado até muito tarde no quintal.

– Por isso lhe agradecia me dares a Lemba, lá no Bengo não tem mulher, faz muita falta para fazer companhia e comida.

A Lemba era uma escrava ainda nova que Nicolau comprara uns anos atrás, para além do Golungo, e que Baltazar nunca vendeu, supondo ser a rapariga utilizada pelo filho mais velho. Agora vinha o mais novo pedir a cedência? Mais uma chatice. Escaldado com tudo o que passava na família, o meu dono cortou com mau humor.

– Sabes muito bem que a Lemba já está ocupada. Queres arranjar maka com o Nicolau?

– Não está. Quer dizer, está. Por mim. Faz tempo.

– O Nicolau sabe?

– Foi ele que me deu.

Baltazar ficou a olhar para o filho, atónito. Os irmãos se passavam mulheres e ele não sabia? Bom, de facto também não tinha nada com isso. Diogo já tinha pelo menos vinte e dois anos, era um homem, as escravas andavam ali pelo quintal mesmo para serem engravidadas e Lemba até mostrava alguma graça. Mas devia ser estéril, nunca emprenhou. Sempre foi mau negócio manter uma mulher que não produzia filhos, já a devia ter vendido. Provavelmente agora era tarde.

– Mas queres casar com ela?

– Então vou casar com uma escrava? Só amigar.

Diogo não conheceu a mãe, pois esta acabou de o parir e foi negociada para o Brasil, por imposição de D. Inocência. Mas tendo sido reconhecido pelo pai, deixou de ser filho de escrava para passar a ser filho de dono. Uma sorte que me não coube. Seria baixar de condição se casasse com uma escrava, claro. Começava a notar que os Van Dum eram muito cientes da sua posição, mesmo os que tinham nascido no quintal.

– Se bem compreendi, estás a pedir para te oferecer a Lemba. É isso?

– Estava pedir para me deixar levar ela no Bengo. Mas se me dá ainda é mais melhor.

– Antes tenho de perguntar ao Nicolau. Não quero mais confusões aqui em casa.

Nicolau estava mesmo ali perto, encostado a uma parede, observando os dois, um capim entre os dentes. Se aproximou logo ao gesto do pai, como se estivesse à espera.

– O Diogo quer levar a Lemba para o arimo. Diz que tu sabes.

– Eu lhe disse para pedir ao pai. Tem trabalhado bem, merece. Aquilo lá é muito isolado, precisa de divertimento.

– Se estás de acordo, então está bem – disse Baltazar. – Te ofereço, Diogo. Mas a rapariga não alcança ou quê?

– Não – disse Nicolau. – Não alcança. Quando era pequena uma cobra víbora lhe olhou mesmo nos olhos. Na terra dela isso dá azar, as mulheres ficam estéreis.

Percebi nos olhos de Baltazar, antes que ele falasse, uma curiosidade incontível. E conhecia perfeitamente a lubricidade daquele homem que era o meu dono. Por isso não me espantou que ele dissesse, olhando para o filho mais velho:

– E tu, Nicolau, com quem andas agora? Julgava que era a Lemba. Não vejo outra que te possa interessar aqui no quintal.

– E não há, pai. Não tenho ninguém fixo.

– Não estás a pensar em casar?

– Se encontrar uma Cristina Corte Real... Mas essa foi descoberta primeiro por aquele malandro do Rodrigo. As que me poderiam interessar estão em Massangano.

– Passas por lá tantas vezes...

– Costumo ficar só o tempo dos negócios, não dá para tratar de mais nada. Da próxima vou ficar mais uns dias. Talvez depois traga novidades.

– Trata disso, já tens idade de casar. Embora nem sempre as coisas corram com os casamentos como desejamos.

Nicolau viu a sombra passar nos olhos do pai. Diogo também já tinha ouvido qualquer coisa, embora acabasse de chegar, bastara o

pouco tempo em que esperou o pai para receber o mujimbo. Ficou de ouvido atento, agora tinha o direito de saber em primeira mão quais os mambos da família. O mais velho tomou a palavra:

– O pai ainda não sabe quem foi o sacana?

– Não. A Matilde não fala sobre isso.

– A Catarina tem de saber.

– A Catarina?

– Sim, pai. Então não são as grandes amigas? A Catarina está sempre informada de tudo o que passa com a Matilde. Quando ela vinha cá nos visitar, depois do casamento, as duas se fechavam sempre no quarto da Catarina. Desde miúdas que contam tudo uma à outra.

Afinal não era só eu que estava atento às conversas e aos segredos da família. Mas que o Nicolau revelasse tal conhecimento me surpreendia um pouco. Sempre o achei meio bronco e ainda por cima estava longas temporadas fora e não habitava a casa grande. Embora não fosse grande novidade saber que era a minha doce Catarina a irmã mais chegada de Matilde, todos podiam constatar o facto. Baltazar é que se distraía muito com as políticas e não olhava para o lado.

– Se o pai quiser, falo com ela – continuou Nicolau. – Às vezes a mim a Catarina conta. E se quiser que eu sangue o tipo, já sabe, pode contar comigo.

– Não, eu falo com ela.

E o meu dono deixou os dois irmãos e se dirigiu à cozinha. Chamou a Catarina de parte, lhe fez a pergunta. A minha boa amiga não mentiu de que não sei nada, nem adivinho, só disse não posso divulgar. Insistência e mais insistência, chegaram mesmo as ameaças, nada, ela nunca trairia o segredo da irmã. Baltazar teve o bom senso de perceber a honestidade total da doce Catarina, desistiu. Forçou a porta do quarto onde se refugiava Matilde, tens de me dar o nome, este caso tem de ser resolvido já. Inútil, Matilde não queria duelos nem outro tipo de violências. Berros e mais berros. O meu dono acabou por bater em retirada, sem ter o nome.

Mas ia conhecer o nome que desonrava os Van Dum, quando fosse nessa tarde jogar cartas. Logo à entrada, o major lhe segurou

num braço e o puxou para a janela da sala, de modo que ouvi toda a conversa.

– Meu amigo, tenho que lhe pedir desculpa. De qualquer modo é um mau comportamento de oficiais meus que afectam o bom nome da sua família.

– Mas como? Já sabe?

– Infelizmente sim. Sei o que se passou com o casal Du Plessis. Mas o culpado já está a ferros. E por amizade com o senhor, vamos ser impiedosos desta vez. Geralmente nem nos metemos, são questões particulares. Resolvem-se de outra maneira, a tiro ou ao sabre. Mas aqui eu fiz questão de ser intransigente. O culpado está preso e será deportado no *Leyden*, que parte amanhã para o Brasil.

– Mas afinal quem é ele? E como descobriu tudo tão cedo, major? Foi o meu genro que se foi queixar?

– Não, nada disso. O tenente Jean du Plessis não se apresentou ao serviço, nem ontem nem hoje, sei que está fechado em casa. Soubemos do sucedido porque o culpado se foi logo gabar para a taberna. Se trata do tenente Joost Van Koin, um bom militar e excelente espadachim. Mas lhe falta o mais importante, não é um cavalheiro. Estava quase a ser promovido a capitão, por mérito em batalha, mas agora nunca chegará a isso, vou despromovê-lo e fazer um relatório para que nunca saia da condição de soldado. Que arranje outro emprego. Ainda por cima é amigo daquele patife do Croesen. Estava aliás a gabar-se para ele e a dizer que esperava o ofendido para um duelo. Antes que o tenente Plessis o procurasse, mandei meter o Van Koin nas masmorras da fortaleza. Assim ninguém se amachuca mais do que já está.

– Mas eu tenho de lavar a honra da minha família, major.

– Quem teria de o fazer era o seu genro.

– Mas já que é um corno manso, que os apanhou em flagrante e se foi embora chorar... Só posso ser eu a defender a honra da família Van Dum.

– Só lhe fica bem essa atitude, como um homem de virtude. Mas não deixarei que se agrave a situação. O homem é meu e amanhã embarca nos ferros. O que mais me preocupa é o seu genro.

Desculpe o desabafo, mas se desonrou por não ter feito nada. Como vai ter autoridade sobre os seus soldados? Nunca mais.

– Vai destituí-lo, major?

Houve um silêncio. Pude imaginar que o major brincava distraidamente com um lenço rendado, medindo as palavras. Ou ainda hesitando sobre a bondade da sua ideia. Estes silêncios nunca enganam, são de quem sabe o que vai dizer, mas hesita no último instante, ou então provoca-os para aumentar a atenção de quem os ouve. O meu rei Jinga era espantosamente hábil a fazer e a quebrar os silêncios no momento de maior efeito. E um dia chegou a dizer que só os verdadeiros chefes sabem usar totalmente as hesitações simuladas da fala.

– Não quero fazê-lo, coitado. Mas se ele se tornar na risada do regimento, não terei alternativa. Por isso lhe digo, talvez fosse possível salvar a face. Dele e da família. Bastava que viesse pedir aqui, com testemunhas, que eu mandasse soltar o tenente Van Koin para se poder bater em duelo. Eu não autorizava, claro, mas o facto de ele pedir seria dado a conhecer a toda a guarnição e a honra estava salva. Bastava isso.

– Não sei se ele será capaz... Me pareceu muito desmoralizado.

– Se ele souber que bastava vir pedir, com os oficiais que aqui estão como testemunhas... Dou a minha palavra que não soltarei o outro, por tanto não haverá perigo. Era apenas para salvar a honra dele e a sua carreira militar.

– Quer que vá falar-lhe?

– Era o que estava a pensar. Ele mora aqui perto, num instante ficava tudo resolvido. Pelo menos por esse lado. E espero que o matrimónio ainda se salve, mas já não depende de mim. A carreira dele, sim, depende.

O meu dono nem agradeceu a amizade do major, pois no instante seguinte já estava na rua, a caminho da casa do genro. Ainda não era noite, mas havia uma luz acesa no quarto de dormir. Um criado abriu a porta e Baltazar entrou. Fui ladeando a parede, seguindo os passos dele. Foi direito até ao quarto, abriu a porta, depois lançou o impropério, maldição, em que estado se encontra. Gritou a chamar o criado, vem cá ajudar. Eu não conseguia perceber o que se passava.

Teria o tenente se suicidado? Podia ser, os brancos têm dessas coisas, se matar por amor. É bonito, mas pouco prático. E só dá trabalho aos outros. Mas o tenente não tinha se matado, ouvi o meu dono dizer, o sacana está bêbedo, e eu preciso dele lúcido. Ouvi depois o estalar de uma bofetada, e outro. Vamos lhe meter a cabeça na água, disse para o criado. Devem ter arrastado o corpo para fora da cama, ouvi água a cair no chão. Não adianta, é bebedeira de caixão à cova, se queixou Baltazar. E desistiu de acordar o genro.

Voltou a casa do major, em passo acelerado, e lhe explicou a situação. Afinal no quarto Baltazar viu quatro garrafas de aguardente vazias. Era muito para dois dias, não ia acordar tão cedo.

– Se ele for de manhã cedo falar comigo à fortaleza, levando uma testemunha, ainda vai a tempo – disse o major. – O barco deve sair lá para o meio dia. Se for preciso, atraso-o um pouco.

– Tentarei de novo amanhã cedo – prometeu Baltazar.

E foram para as cartas. Fiquei imaginando. Na manhã seguinte, depois de bem instruído pelo meu dono, o tenente Jean du Plessis chegava à fortaleza do Morro, fardado mas muito desganhado, gritando, onde está ele que o mato, onde está ele, entrando de rompante no gabinete do major e empurrando a ordenança a tentar lhe travar o passo, meu major, eu mato o bastardo, solte o homem um minuto que seja para lhe espetar o meu ferro naquela barriga de sacana, solte o gajo, meu major. E o major a dizer, arranje uma testemunha, seu parvo, é preciso que mais gente oiça, não lhe explicaram isso?, mas o tenente, de cabeça perdida, a raiva saindo aos borbotões com a saliva da boca, gritava para o corredor, venha cá alguém que oiça, e se juntou um grupo de oficiais e soldados, o major não me deixa, eu quero matar o sacana que desonrou a minha família, e o major a dizer, assim está bem, já temos público, pois fique sabendo que não o solto, não quero duelos na fortaleza, ele vai hoje mesmo para o Brasil e o senhor vá se vestir decentemente para ir comandar a tropa que o espera para os exercícios diários, é uma ordem e não admito mais reclamações. O tenente saía de cabeça levantada, o meu dono aplaudia, os oficiais aplaudiam, assim é que faz um verdadeiro homem, e até a Matilde

se rendia à audácia do tenente Jean du Plessis e lhe caía nos braços, de novo vigorosos e cheios de desejos.

O mal é que nem sempre a realidade segue a imaginação. Pude constatar na manhã seguinte, pois o tenente estava sóbrio, quando lá chegámos, bem cedo. Tonto e com uma tremenda ressaca, mas sóbrio. Logo recusou a combina.

– Por quem me toma, senhor Van Dum? Agora vou representar o papel do marido vingativo, só para salvar uma carreira militar que nem sequer me interessa por aí além? E sabendo que é tudo uma encenação? Agradeça muito ao major, mas não sou hipócrita. O Van Koin vai para o Brasil? Que vá. Não me interessa. Ainda não percebeu que o problema não é esse?

– Qual é então o problema? Não quer explicar-me de uma vez?

– O problema, senhor Van Dum, é que a sua filha me traiu. Esse é o problema. O resto não conta.

O meu dono ficou calado. Talvez não entendesse tudo, por se tratar de dor de corno, um sentimento que desconhecia. Ou a raiva por ver desaproveitada a amizade do major o fazia meio surdo. Ou tinha uma razão que eu, pobre pagão apenas nascido de um pénis de padre, não atingia imediatamente. Voltou a insistir.

– Se quer salvar o seu casamento, tem de salvar primeiro a sua carreira. E para a salvar tem de fingir que vai desafiar o bandido para um duelo. Salve o seu casamento, porra, seja homem.

– Já morreu, bolas. Esse casamento acabou, só falta enterrar.

Me parecia tão óbvio que até doía. Só mesmo o casmurro do meu dono podia tentar iludir a questão essencial, que Jean du Plessis lembrava muito a propósito. Foi quando Baltazar me surpreendeu com a réplica que abria novos horizontes e provavelmente apontava para novos dramas.

– Desculpe, mas não é assim. Casamento católico é para toda a vida. Esqueceu que se casou pelas regras da Igreja Católica?

Me arrependi imediatamente de ter traído a minha posição imparcial de apenas ouvir e não sentir. Por que raio, num assunto que me não dizia respeito, como aliás todos os outros a que venho assistindo, fui logo fazer julgamentos apressados e imaginar Baltazar como intolerante, pouco esperto ou até casmurro? Sou um ignorante

das coisas da Santa Religião, como diria o Rodrigo, para me meter em aprovar os sentimentos de um ou as raivas de outro. E agora levava uma chapada sem mão, que, felizmente, só eu podia perceber como tal. Já quanto ao Jean du Plessis era outra coisa, ele levou a bofetada e ficou ainda mais lívido, quase posso apostar, que é como ficam os brancos quando estão de ressaca. Balbuciou:

– Que quer dizer?

– Que está casado com a minha filha e continuará casado até que algum de vocês morra. E por isso tem responsabilidades. Uma delas é prover às necessidades dela e do vosso filho. Para o fazer, tem de ganhar dinheiro, mesmo que seja um mísero soldo de oficial. E eu não estou para o sustentar a si.

– Não sei como é com os católicos, nem me interessa. A cerimónia com o padre foi apenas um stratagem. O que importa é que a sua filha me traiu. Acha que tem sentido manter um casamento, depois disso, só porque ele foi celebrado por um padre? Tenho de ficar todos os dias a reabrir a ferida, sempre que olhar para ela, ou a ouvir? Para satisfazer a sua religião, ou uma religião qualquer? Não, senhor Van Dum, o senhor não tem o poder de me obrigar a manter este casamento que já morreu.

– Tenho, sim. Vou mandar a Matilde voltar para esta casa. O que você pense não me interessa. Nem o que vocês façam por trás das paredes, até se podem matar. Mas ficam aqui a viver juntos, como um casal. Por isso casaram. E você tem de trabalhar para a sustentar. Portanto, o mais fácil é mesmo fazer a farsa à frente do major, para não perder o emprego. Eu vou consigo e sirvo de testemunha. E se arranja na fortaleza um oficial para segunda testemunha.

– Não nos pode forçar a viver juntos, isto não é um Estado católico. Aqui as leis são as das Províncias Unidas da Holanda, não são as de Portugal. Não tem aqui a Inquisição para me obrigar. Esqueça, senhor Van Dum, esqueça.

– Isso é o que vamos ver. É a sua última palavra?

– Não pode haver outra, senhor Van Dum, compreenda.

O meu dono desarvorou, batendo com o chapéu em todo o lado, resmungando, é o que vamos ver, é o que vamos ver, atrevido, um

cornos mansos e ainda por cima atrevidos e teimosos como um burro. Partimos para casa do major, mas ele já tinha ido para a fortaleza. Seguimos atrás. Eu não fazia mais nada senão ver Baltazar abrir e fechar portas, entrar, falar com alguém, e sair. Para entrar em seguida noutra sítio. Foi o que aconteceu na fortaleza. O major estava no gabinete. Não precisei de lutar por um lugar na primeira fila, a porta ficou aberta. Me sentei nas lajes frias a descansar do muito que me faziam correr atrás do cavalo.

– Major, o tenente Jean du Plessis não aceitou vir fazer o combinado, diz que não é hipócrita para entrar num teatro. Enfim, estou furioso. Não o consegui convencer. E ele diz que o casamento acabou, o que ainda é mais grave.

– Se não aceitou, então terei de tomar medidas quanto a ele. Talvez mandá-lo para o forte do Kuanza. É uma pequena guarnição, pode ser que aceitem a autoridade dele. Mas duvido, duvido.

Os mafulos tinham construído uma fortificação na foz do Kuanza, para controlarem a entrada de navios no território controlado pelos portugueses. A guarnição devia ser mudada frequentemente, pois os soldados sofriam com o isolamento. Era um grande castigo sair de Luanda para ir comandar essa tropa, embora o major não estivesse a pensar na transferência do tenente como um castigo, antes como uma salvação. Mas não era isso que preocupava Baltazar, que repetiu:

– O tenente diz que o casamento terminou. Como se isso fosse possível. É um casamento pela Igreja Católica, perpétuo portanto. Peço ao amigo que obrigue o meu genro a respeitar as suas responsabilidades.

O major brincava com um punhal pequeno, que os brancos usavam para cortar papel e limpar as unhas. Vi, pois ousei arriscar um olho para lá da porta, embora o comprido e estreito corpo do major estivesse tapado por uma secretária. Via só a cara e as mãos dele. E a cara não gostou do que ouviu, pois se fechou. A voz também mostrava algum aborrecimento.

– Isso já é pedir de mais, amigo Van Dum. Repare, tenho tratado este caso de uma maneira diferente da habitual porque ele o toca de perto. E tinha meios de fazer o que propus. Posso também

despachar o Van Koin, como o farei. Poderia manter o tenente Du Plessis ou mandá-lo para o Kuanza. São assuntos militares, dependem de mim. Já o casamento é assunto de foro civil, é caso para o director Hans Molt.

– Pois se não pode fazer nada, vou falar com o director.

O major olhou para o meu dono, continuando a espetar em silêncio o punhal numa pilha de papéis. Baltazar deve ter percebido que o outro o estava a estudar, sustentou o olhar. Se ouvia apenas o som do punhal batendo na pilha de papel. O militar falou finalmente, procurando a voz mais suave:

– Aconselho-o a não o fazer. Como amigo. Vai perder o seu tempo e sair de lá enxovalhado. O Hans Molt simplesmente não os reconhece como casados. Deixou a coisa correr, porque sabia que eu me envolvi em boa medida no assunto. Mas disse-me, o que anda agora a fazer em casamentos falsos, metendo um huguenote e uma católica, com um padre que pertence a outra jurisdição? Sabe como ele é metucioso nas coisas burocráticas. O padre Mateus pode officiar em território congolês, como é a Ilha de Luanda. Mas não aqui, que é território holandês. Em termos legais, esse casamento nunca existiu. É isso que ele vai lhe dizer. E terá um especial prazer em lhe atirar à cara que o seu genro é livre de fazer o que quiser. Gostaria de lhe evitar essa humilhação inútil, mas, claro, o amigo é que sabe.

– Eles são casados perante Deus, só isso importa.

– Não perante o Deus de Hans Molt. Oficialmente, portanto, não são casados.

– Não são casados segundo a lei da Holanda ou segundo a lei da Companhia das Índias Ocidentais?

– Segundo a lei do Hans Molt. Vai dar tudo no mesmo, amigo Van Dum. É o eterno problema que Maurício de Nassau colocou, quem manda nas colónias, o Estado ou as Companhias? Aqui é a Companhia, pois Hans Molt é um funcionário fanático e rígido, que apenas se preocupa com o lucro dos seus patrões. Sem agir contra os princípios de Calvino, claro. Acredite, não houve casamento capaz de ser legal, esse é o pensamento do director, o qual nunca aceitaria que um calvinista participasse de um ritual católico. Fechou os olhos

na altura, porque para ele Jean du Plessis se prestou apenas a uma farsa, no seu próprio interesse e provavelmente no da Companhia, que não estava interessada em escândalos.

Baltazar não tinha mais nada a fazer na fortaleza. Saiu, batendo com o chapéu, o qual já tinha perdido umas plumas com as últimas arrelias. Se o caso não ficasse imediatamente resolvido, o meu dono tinha de mandar caçar uma capota, para substituir as plumas. Até que não ficava mal, um chapéu holandês com plumas de capota. Se Barlaeus fosse pintor de retratos não desprezaria fazer um quadro dos oficiais mafulos na bodega do Pinheiro, todos com plumas de capota nos chapéus, um ar muito bebido e verdes de paludismo. Eu ouvira dizer que certos pintores flamengos eram especialistas nesse tipo de arte, mas nunca vi nenhum quadro descrevendo cenas semelhantes. Não sei se me lembrei de Barlaeus por o termos visto na Ilha a pintar e agora o meu dono tomar esse caminho, descendo a passo de cavalo desequilibrado a Calçada dos Enforcados. Podia depois ir para o porto, ou à bodega, ou falar com o senhor Fernandes de Pinda, que morava nos Coqueiros. Mas percebi logo que se dirigia para a Ilha.

Deixou o cavalo amarrado à sombra de um tamarineiro, apanhámos um dongo, atravessámos o canal. Barlaeus não estava a pintar, pelo menos não o vi. Já devia ter feito vários quadros de Luanda vista a partir da Ilha, mudou de sítio. Ou estava ainda a lamentar a morte do companheiro Marcgraf, enterrado na véspera. Baltazar se dirigiu à salga de Rodrigo, mas este não se encontrava aí. Fomos então para a sanzala do Mani-Luanda, onde entrámos como fazendo parte da casa. Logo apareceu a bonita Nzuzi cumprimentar o sogro, e depois Rodrigo apertando ainda as calças. Uma ama trouxe o neto de Baltazar, o qual se animou finalmente a brincar com as bochechas do bebé, são bochechas de Van Dum, redondas como as minhas, disse a sorrir. O meu dono foi levado para o njango, eu fiquei sentado fora, tentando apanhar um inexistente sol. Estava frio na Ilha, pelo menos para a minha nudez. Baltazar não tinha frio, era evidente, esta era a única época do ano em que parava de suar. Recusou qualquer bebida, ainda era muito cedo,

esperou a chegada de Dom Agostinho, o qual bateu muitas palmas ao entrar no njango, em efusiva saudação.

Depois dos habituais cumprimentos e perguntas pela saúde de todos, a conversa tinha de cair na estória da Matilde, depois de Nzuzi e a ama se retirarem com o bebé. Na Ilha já se sabia dos vergonhosos acontecimentos e se esperava com ansiedade a notícia de alguma morte em duelo ou coisa semelhante. Mas o meu dono tirou todas as esperanças, ao contar que o genro não se bateria, era um frouxo, e o Van Koin devia embarcar em poucas horas para o Brasil. Baltazar relatou a conversa que tivera com Jean du Plessis e depois com o major. Rodrigo ficou tão indignado com o major Tack que até rompeu o seu proverbial mutismo.

– Então o major acha que um matrimónio celebrado por um santo padre da Santíssima Igreja não é válido? Que a herética Holanda não o aceita?

– Não é o que o major acha – corrigiu o pai. – É o Hans Molt.

– O major tem razão – disse o Mani-Luanda. – Começo a conhecer o director Molt e também acho que ele não pode considerar o casamento oficialmente válido. O compadre fez bem em não ir falar com ele. Não se lembram no casamento do Rodrigo? O Hans Molt veio porque seria um erro diplomático faltar. Mas ficou muito pouco tempo. Incomodado com as misturas. Ele não suporta casamentos de brancos com negros ou de protestantes com católicos. Para ele é a mesma coisa, misturas são contra a natureza. Não me admirava que procurasse argumentos na Bíblia contra as misturas. Sabe, na Bíblia há de tudo, depende da interpretação.

Pelo rumo da conversa percebi que o meu dono desta vez não veio pedir um favor qualquer. Necessidade de desabafar? Pedir conselhos a Dom Agostinho? Ou apenas ver o neto? Ou, como ele uma vez disse, mudar de país para espairecer? Não entendi à primeira, mas depois deduzi que de facto o canal era uma fronteira, primeiro entre portugueses e Kongo e agora entre holandeses e Kongo. Foi um choque saber que atravessava uma fronteira sempre que ia à Ilha, eu que estava convencido de nunca ter visto uma fronteira, nem tinha a noção exacta do que isso seria. Levando mais longe o raciocínio, o casamento de Rodrigo e Nzuzi não era

misturado só por ser entre um mestiço e uma negra, mas por ser entre cidadãos de países diferentes. Mas qual era o país de Rodrigo, Portugal ou Holanda? Antes foi mesmo Portugal e agora é mesmo Holanda? Fiquei na dúvida. Ou será outra coisa qualquer, muito difícil ainda de definir, como uma fronteira no mar, que eu chamo Angola como fazem os portugueses à terra da minha rainha, dona da minha mãe? Mas então o Rodrigo? Seria só de Luanda? Talvez. Desisti de levar mais longe o pensamento, felizmente sou escravo, não preciso de matar a cabeça a resolver problemas tão complicados, para isso existem os donos de escravos.

– Deixe passar o tempo, compadre. As coisas vão acalmando, as cabeças ficam mais frias, as soluções aparecem.

– Como disse ao meu genro, a minha vontade é logo à tarde levar a Matilde para casa dele, a bem ou a mal. São casados, para nós são casados, assim o diz a nossa religião. Por isso têm de viver juntos. Debaixo do mesmo tecto, acabam por se entender.

Dom Agostinho sorriu. Bateu as palmas, mandou vir maluvo. Perante a recusa de Baltazar, com a mão levantada, o Mani-Luanda insistiu, só um pouco, está fresquinho acabado de colher. Não devia ser mais velho que o meu dono, mas tinha a barba toda branca, o que lhe dava um ar ainda mais nobre e aumentava a autoridade.

– Os brancos têm sempre muita pressa em resolver os assuntos. Impacientes. Tem de ser hoje, já agora, senão é impossível dormir! Nós somos diferentes, damos tempo. Repare, aquele limoeiro. Acha que há ameaças ou rezas que o façam dar fruto antes do tempo dele? Não. Tudo tem o seu tempo. Com as pessoas é a mesma coisa. Tentar arrumar as coisas imediatamente muitas vezes só atrapalha. As pessoas precisam de tempo para se habituar umas às outras, ou a novas ideias. Penso que neste caso também é assim. Se me permite um conselho, deixe a sua filha ficar em sua casa, para isso serve a sanzala do pai. O marido vai talvez para o Kuanza, talvez fique em Luanda. E vai sentir falta dela. Um dia, como por acaso, ele vai buscar, ou manda recado.

– E se não acontecer?

– Nesse caso, para quê forçar? Temos de reconhecer, ele tem as suas razões...

– Matilde é uma devassa – disse Rodrigo, com violência. – Envergonha a nossa família, tão temente a Deus. Ela é pior que as hereges.

Ninguém contestou a fala indignada de Rodrigo, dita com a convicção dos eleitos de Deus. Realmente, se havia dois irmãos completamente diferentes eram esses dois. Matilde faladora e sempre a rir, amando a vida, inteligente nas conversas de homens, sem vergonhas. Rodrigo calado, casto e triste, tímido, lento no pensamento. Apenas uma característica comum, os dois eram teimosos, mas nisso seguiam a matriz Van Dum. Em seguida a conversa entrou por águas menos problemáticas e tirei uma ligeira sesta. Acordei com as despedidas, o meu dono recusando ficar para almoçar, tinha muitas coisas a fazer. Fui preparando as pernas para mais correrias. Que saudades tinha dos tempos em que o meu dono andava sobretudo a pé, agora ele teimava sempre no cavalo, talvez por estar a sentir a idade. E se eu também começasse a sentir a idade, embora fosse bem mais novo, e me recusasse a correr atrás do cavalo dele? Subvertia a ordem do mundo, punha o cágado de patas para o ar?

Como um cágado de patas para o ar ficou o meu dono, quando o major o chamou, uma semana depois, para lhe comunicar uma decisão que tinha tomado, com a anuência de Hans Molt. A pedido de Jean du Plessis e perante a ameaça de alguma sublevação se o tenente frouxo fosse comandar o forte do Kuanza, autorizou o embarque dele no *De Princesse*, que fazia aguada no porto em viagem para o sul. A missão do *De Princesse* era explorar o Cabo da Boa Esperança e as terras que lhe ficavam à volta, para aí estabelecerem uma feitoria para apoio à navegação do Oriente, se algum dia houvesse necessidade. Precisavam de um oficial a bordo, por morte súbita de um deles, e Du Plessis se oferecera. Resolvia todos os problemas do major, sem saber o que fazer com um tenente tão desmoralizado e desprestigiado. E o meu problema não se resolve, gritou Baltazar, que fico com uma filha casada mas sem marido, impossibilitada portanto de casar com outro. De pouco valeu desta vez a amizade do major Tack. Já estava o assunto decidido e

apenas chamara o meu dono para ser informado e levar o mujimbo para casa, lamentava muito o major mas não havia melhor solução.

Embarcou o tenente no *De Princesse*, um belo veleiro equipado com poucos canhões mas muita gente de ciência, que ia fazer levantamentos e estudos na terra mais a sul do continente. Barlaeus ainda hesitou, por momentos desejando ir pintar o temível mas majestoso cabo da Boa Esperança. Desiludido com África, acabou por preferir o *Mauritius*, que ia directo para a Holanda. Foi a sua sorte. Muitos meses depois, soubemos que o *De Princesse* naufragou contra as pontiagudas rochas do Cabo. Alguns passageiros e marinheiros escaparam de morrer afogados, chegaram a terra, mas se embrenharam pelos matos e ninguém mais soube deles. Especulações de marinheiros foram sempre recontando o fim misterioso do barco, bem como dos sobreviventes chegados a terra. Alguns desses relatos falavam de bandos de canibais que os devoraram ainda vivos. Mas sabemos muito bem que os europeus sempre vêem canibais entre nós, sendo bom desconfiar dos relatos. O importante é que Matilde ficou viúva, pelo menos ela logo se considerou, pois como poderia o pobre Jean, tão fraco e sem coragem de viver, ser capaz de vencer as coléricas ondas e os afiados rochedos do Cabo da Boa Esperança?

# CAPÍTULO SEXTO

*(Junho de 1645)*

«... a gente que vay a Angolla, ainda os eclesiásticos, vão a negocio, e podesse temer vendão aos negros o santo bautismo, e permita nosso Senhor se não faça nos demais sacramentos.»

Carta do Governador Fernão de Sousa ao Rei,  
Lisboa, 29.07.1632, Biblioteca de Ajuda,  
Códice 51-VIII -31, fls. 36-38

Domingos Fernandes de Pinda era convidado para o almoço de sábado. Pela primeira vez. O meu dono tinha-o encontrado na véspera na cidade baixa. E o homem de confiança do governador Pedro César de Menezes disse, temos de conversar, amigo Van Dum, temos de conversar, há novidades. E Baltazar sugeriu que fosse comer no dia seguinte na sanzala, assim teremos vagar e tranquilidade para pôr todas as conversas em dia. O que foi logo gostosamente aceite. De vez em quando iam alguns oficiais mafulos almoçar à casa grande, especialmente o major Tack. Sempre ao sábado. Uma vez também veio Dom Agostinho Corte Real e família restrita. Um dia, Ambrósio perguntou, mas por que convida sempre as pessoas para o sábado, pai? O meu dono ficou perturbado, porque de facto não tinha uma resposta. Acabou por inventar uma, domingo é dia do Senhor e de descanso, por isso a Catarina também não deve trabalhar muito na cozinha, como faria se tivéssemos visitas para o almoço. Sábado é dia de descanso dos judeus e como não somos judeus... Desculpa esfarrapada...

Se não tivesse sido o Ambrósio a chamar a atenção, eu não teria reparado no facto de todos os convites, bem antes dos mafulos tomarem Luanda, se fazerem na sanzala ao sábado. Que eu saiba, nenhuma outra família tem essa prática, os convites são quando calha e há quem os faça mesmo no domingo, é até muito conveniente pois ninguém trabalha. Ninguém? Maneira de dizer, pois os escravos e as mulheres livres trabalham todos os dias e nas bodegas se trabalha, mesmo os brancos, e nas guerras não há domingos para os militares. Mas Baltazar convidava sempre as pessoas ao sábado e outra vez foi Matilde repetir a pergunta e todos na altura se admiraram com a ausência de resposta racional. Benvindo até se esganiçou para dizer que não era bom hábito, pois se comia e bebia demais e já não dava vontade de trabalhar, ao que o meu dono atalhou rapidamente, até parece que tens muito para fazer, olha o desgraçado, o que ofendeu profundamente o filho, se não tenho é porque o pai não me deixa. A maior parte das vezes não havia convidados, mas ao almoço de sábado se comia melhor e vinham os elementos da família que moravam longe, por exemplo Rodrigo e Cristina, e o Diogo, sempre a habitar o arimo do Bengo. Ficavam mais tempo na mesa a beber e a conversar, tendo o meu dono que arrastar a sesta na rede até serem horas de irmos à cidade alta para o jogo de cartas. Depois já todos tinham o hábito e nunca mais reparámos nessa mania que um dia, muito mais tarde, se haveria de estender a outras famílias em Luanda, como profetizava Matilde, a bela bruxa.

Mas não estamos ainda nessas épocas em que seremos pó, e sim no tempo dos flamengos. E temos o senhor Fernandes de Pinda ao almoço para comer caldeirada de cabrito, bem temperada com jindungo e sal pelas mãos hábeis da minha boa Catarina. Acompanhada com funji de bombó, indispensável na nossa sanzala, apesar das batatas que a caldeirada já contém. Reparei que os mafulos fugiam do funji como o inominável da cruz. Mas Baltazar se tinha habituado aos gostos de D. Inocência e o senhor de Pinda passara muito tempo no Kongo. Por isso desprezavam as batatas do reino e se atascavam de funji encharcado no molho picante de Catarina. Divino, quase gritava o convidado, as mãos a passarem

afanosamente pelos bigodes compridos que chupavam parte do molho. Tantas vezes ouvi, mas repita mais um pouco, seguido dos sorvos famélicos do convidado, que tive de me levantar para observar. Já todos tinham parado de comer, Baltazar acariciava a barriga redonda com a mão e ainda o senhor Domingos Fernandes comia, apesar de ser muito mais magro que o Hermenegildo. A família inteira olhava para o convidado, fascinada por tamanho apetite. Catarina sorria, encostada à porta da cozinha, nunca lhe tinham feito maior elogio. E eu pensei como os brancos eram curiosos. Ouvi dizer que foram eles quem trouxe o cultivo da mandioca, a qual só existia no Brasil. Trouxeram porque era comida mais barata, boa para escravos e para exércitos em marcha. Por isso a farinha de bombó se chama farinha de guerra. Mas uns tantos se habituaram a essa comida de escravos e até chegavam a desprezar na caldeirada a batata importada, que é uma raridade caríssima.

Mas tudo chega ao seu limite, até mesmo o apetite do magro e longilíneo convidado. Ficaram a beber e a conversar. De banalidades. Às tantas o meu dono se impacientou, mas então as grandes novidades que tinha para me dar? O senhor Fernandes fez um gesto largo, indicando a mesa e todos os que nela estavam, é assunto reservado, amigo Van Dum, depois. Baltazar se levantou da mesa, dando por terminado o almoço, vamos então para a varanda beber uma cachaça de cana. Para mim era melhor, ouvia mais nitidamente o grande segredo. E era de peso, pois o convidado disse:

– Grandes novidades, grandes novidades. Está a chegar ou já chegou um reforço militar dos nossos.

– Ora, já se disse isso outras vezes.

– Não, o que se disse é que viria. Agora lhe digo, veio ou está a caminho. É bem diferente. Não me pergunte como sei, mas a notícia chegou a Massangano. Está ao corrente que os holandeses deixam que o correio se faça para Portugal, através de Amesterdão. Pois uma carta do rei terá chegado ao governador a avisar que o reforço estava a caminho.

– Sempre pensei que os holandeses controlavam todas as cartas que os barcos deles trazem – disse Baltazar, céptico. – Como conseguiu essa passar com dados tão confidenciais e importantes?

– Por isso lhe disse para não me perguntar como sei, ou como sabem em Massangano. Mas é novidade dada como seguríssima, por parte do governador.

O meu dono ficou calado, servindo a cachaça amarelada. Só o cheiro me punha zozzo, me provocava cá uma secura na garganta... Mas não estou aqui para sentir sede de bebidas alheias, apenas para ouvir.

– Ao fim de quatro anos de presença holandesa, é o primeiro reforço – disse, tapando a garrafa e levantando o copo. – À sua saúde, amigo Fernandes.

– A el-rei de Portugal que não esqueceu o nosso sofrimento – brindou o outro, de copo altivamente no ar.

Baltazar não correspondeu ao brinde, se fez de desentendido. Conheço o meu dono, não era medo de se comprometer, devia estar a fazer contas, qual a veracidade do mujimbo e em quê isto vai mudar a situação. E a calcular os ganhos e perdas. Mas ficou preocupado, perdido aquele ar de felicidade com que aflagava a barriga repleta de boa caldeirada. O instinto lhe dizia que era notícia prejudicial e não benfazeja. Percebi melhor os seus temores, quando perguntou:

– Mas são reforços para continuarem o plano do governador que foi interrompido pelo ataque do Gango, ou apenas para se defenderem de Jinga?

O senhor Fernandes de Pinda encolheu os ombros, revirou os olhos, mas não precisou de responder, estava tudo dito, ia certamente depender da quantidade de reforços, do ponto da situação, da disposição do governador e outros factores que não vinham ao caso. Numa palavra, sabia tanto como Baltazar sobre o objectivo do reforço. Mas desejava que fosse suficiente para atirar os mafulos ao mar.

– Não sei se o governador ainda pensa em atacar os holandeses – disse o meu dono. – O comércio começa a crescer entre Luanda e Massangano, ainda no outro dia veio um lote de escravos pertencentes ao nosso amigo Pedro César...

– Sei, eu próprio vendi o lote à Companhia – o senhor Fernandes não deixava por mãos alheias o crédito de ser o agente do

governador. – O comércio é necessário para que os nossos não morram de fome em Massangano. Mas depende do reforço. Se for grande e vierem ordens para atacar os hereges, claro que o governador cumprirá as ordens de el-rei. Não esquecemos que esta cidade foi fundada e toda construída por nós e tomada pela traição quando já havia um acordo de paz com os holandeses.

Havia acordo conversado, mas não ratificado, contrapunham os mafulos, quando se discutia essa questão. Os mafulos estavam na situação que lhes convinha, dominando as cidades da costa e com promessas de que escravos viriam do interior. Aos poucos começavam de facto a vir. Não lhes interessava nada atacar as posições portuguesas no interior, porque não possuíam forças suficientes para terem vitória total garantida. Os portugueses estavam confinados ao interior, sem portos, constantemente confrontados com rebeliões das populações subjugadas e com a hostilidade do rei do Kongo e da rainha Jinga. A situação era muito difícil, pelas notícias que chegavam. Embora tivesse havido uma ligeira melhoria, depois da fuga de Pedro César e o começo do comércio com Luanda. Se falava de novo que mesmo algumas munições o senhor Fernandes negociara com a Companhia, para enviar a Massangano. Esta nova situação, um pouco mais desafogada, seria prejudicada pela chegada dos reforços? Dependia.

– Se de facto chegar um reforço, temo que os holandeses não apreciem – disse o meu dono. – E que tudo volte para trás, como quando houve o ataque ao Gango.

– É possível. Mas então não temos o direito de receber apoios militares, se constantemente estamos a ser atacados por aquela canibal da Jinga? E o rei do Kongo incita os sobas dos Dembos a se revoltarem e não podemos receber reforços para defender o que é nosso por direito de conquista?

O senhor Domingos Fernandes estava a ficar exaltado e Baltazar lhe serviu mais cachaça. Os portugueses sempre se referiam ao meu rei como «aquela canibal» e ficavam logo de cabeça perdida. Queriam mesmo dizer que ela preferia carne humana, sem sabor e adocicada, como explicava quem já tinha provado, o chefe jaga Kabuko ka Ndonga por exemplo, a uma boa fatia de golungo ou a

uma magra coxa de mbambi? Só eles é que tinham bom gosto, nós não passávamos de uns selvagens que engolíamos cobras e lagartos sem opinião crítica? Claro que havia épocas de fome e nessas alturas tudo servia para alimento. Também na civilizada Europa, que eu saiba. O meu dono contou, era ele criança, houve um Inverno tão rigoroso que a comida acabou e na casa dele comeram ratos. Não os nossos gordos e asseados ratos do mato, mas os miseráveis ratinhos de casa, que só vivem no esterco, uma porcária. Mas já me estou a exaltar, abandonando a neutralidade tradicional e necessária. Deixemos as raivas ao agente do governador, o qual ouviu Baltazar aconselhar:

– De todas as formas, não me parece prudente falar muito nesta possibilidade de reforço. Se chega aos ouvidos dos holandeses...

– Claro, isto é secretíssimo. Por isso só o contei a si, que merece toda a minha confiança e a do governador Pedro César. Mais ninguém sabe aqui em Luanda. E mesmo em Massangano, a novidade não ultrapassou um círculo dos mais restritos. Aprendemos a prudência com o massacre do arraial do Gango.

O meu dono concordou com a cabeça, gravemente. De facto, tinham falado de mais, quando preparavam fazer do arraial a ponta de lança que iria acabar com o domínio holandês em Angola. Tinha falado tanto que até os holandeses acabaram por saber. Suspeitas muito reforçadas pelas revoltas de S. Tomé e Maranhão, é certo. Mas Baltazar também tinha dado o seu modesto contributo ao conhecimento dos mafulos. Desta vez repetiria o gesto? A conversa entretanto se desviou da política para os negócios, assunto predilecto do convidado, e eu fui me distraíndo, olhando o quintal, onde os filhos de Dimuka brincavam com um cabrito.

Quando o senhor Fernandes de Pinda foi embora, a meio da tarde e com a garrafa de cachaça no fim, a bela Matilde e a Rosário vieram logo comentar com o pai:

– Mas onde meteu ele aquela comida toda, se não tem barriga? Depois veio Ambrósio, tentando sacar o mujimbo. Tinha novidades reservadas, que só as contou a si. E já esqueci, respondeu o pai. Se queria esconder dos filhos, então não ia revelar a mais ninguém, pensei eu. Arriscava que o assunto fosse conhecido e o acusassem

de ter sonogado informações vitais aos interesses holandeses. Preferia o risco a prejudicar o comércio com um mujimbo infundado. Percebi, também ele tinha aprendido com o arraial do Gango. O que foi confirmado quando durante ou depois do jogo não puxou o major de lado para lhe confidenciar o que ouvira do senhor de Pinda. Em caso de ser descoberto, podia sempre dizer que ouvira a notícia mas não acreditara, lhe parecia absurdo que a informação chegasse a Luanda e por isso não quis envenenar o ambiente com uma revelação que era evidentemente falsa. Seria apenas um engano e não uma traição. E tinha amigos que o defenderiam, até mesmo o novo director.

Por esta altura já chegara a Luanda o segundo director da Companhia. Se tratava do senhor Hendrik Redinckove, alto e gordo como geralmente eram os mafulos, muito vermelho. Fisicamente os dois directores eram o oposto um do outro. E parece que também na maneira de ser, pois Redinckove era freguês habitual da bodega do Pinheiro e muitas vezes aparecia também na de Dona Maria. Chegado em Novembro do ano passado, depressa ficou conhecido como grande bebedor de cachaça, que ele preferia ao vinho. Dizia abertamente, se houve coisa que os portugueses fizeram de bom foi inventar essa cachaça do Brasil, bebida que prendeu definitivamente Maurício de Nassau a Pernambuco, dali não mais queria sair. O major, sempre tão diligente em defender a honra do seu ídolo, só ria, não se ofendia, porque tomava a frase de Redinckove apenas como uma piada. Os dois se tornaram muito próximos e frequentemente o director ia a casa do major, mas não para jogar, detestava cartas. Bebia e conversava, enquanto os outros jogavam. E num sábado foi comer à sanzala, acompanhado do major. Lhe tinham falado do funji, comida da terra, e quis experimentar. Mas não gostou, era evidente. Felizmente havia muitas outras coisas que apreciou. Portanto, o meu dono nunca estivera em tão boas graças durante o domínio dos mafulos, sobretudo depois da partida do fanático Hans Molt, há duas semanas.

Partida que encheu de alívio o católico Baltazar, mas também o major e os amigos. Ia embora o inimigo do conde de Nassau, o tal que dissera, aqui em Luanda temos pulso firme, não há nenhum

Nassau para proteger os preguiçosos, os fúteis e os fracos de religião. Muito contente com a partida ficou Redinckove, pois já as relações entre os dois directores ameaça vam se romper à vista de todos. Hans Molt tinha chamado a atenção do outro para as cenas de bebedeiras públicas, o que de facto não era verdade, nas bodegas Redinckove bebia mas sem exagerar, se embebedava em casa ou com os amigos. O grandalhão ficou furioso, apertou o pescoço do franzino, empurrou contra a parede. Da próxima vez que disser uma mentira dessas dou cabo de si, mesmo que seja à frente de toda a gente. A ameaça foi contada ao major mais tarde. Não sei se foi o próprio Redinckove que espalhou o mujimbo, se alguém ouviu, o certo é que toda a cidade soube da discussão e da forma como o fanático Molt se encolheu cheio de medo contra a parede. Por isso foi um desmoralizado director que embarcou de regresso, para desespero do *predikant*, deixado para trás no meio de bárbaros bebedores de vinho, sem a superior protecção de um director temente a Deus. Quem também não lamentou a partida foi Dom Agostinho, como confessou ao meu dono com canecas de maluvo nas mãos. Sobretudo por razões religiosas, mas também porque Hans Molt desconseguia disfarçar o incómodo, ao tratar com gente de pele mais escura. Talvez por isso demorasse tanto nas respostas às cartas e pedidos do rei do Kongo, um aliado de estratégica importância para os mafulos, que se queixava do desprezo do antigo director.

Hendrik Redinckove era de facto um bem disposto e nem o paludismo o derrubou. Esteve uma semana na cama, a tremer como os papiros à beira do Kinaxixi. Mas saiu da cama apenas um pouco mais magro e um pouco menos vermelho. O que foi rapidamente corrigido com a boa comida e cachaça que ingurgitava para recuperar. E ria do incidente, não é um qualquer paludismo que dá cabo de mim. Nem nenhum barbeiro, acrescentava, pois quando lá apareceu o sangrador levou um empurrão, a mim ninguém tira o sangue, é um sangue muito rico, cheio de boa cachaça, não o vou desperdiçar para nada. Quando ouvi a estória, e ouvi-a muitas vezes, sempre pensei para mim próprio, será que recuperou tão depressa e não ficou esquelético e pálido como os outros

exactamente por ter recusado a sangria? Nós apanhamos paludismo e não somos sangrados. Alguns até podem morrer, mas os que se safam, e são a grande maioria, não emagrecem como os brancos. Será a cura deles que ainda os mata mais? Dúvidas que nunca esclarecerei. Mas Redinckove não as tinha, pois recusou as artes do barbeiro. O certo é que suportou muito bem o paludismo. E uma semana depois, já bebia como uma esponja e enchia os sítios onde estava com sonoras gargalhadas.

Mas não era só no gosto pela bebida que se diferenciava do austero Hans Molt. Também nos apetites sexuais. Várias vezes chamava para o antigo colégio dos Jesuítas uma ou mais mulheres brancas que tinham vindo da Flandres e que frequentavam a bodega do Pinheiro, procurando companhia remunerada. Em especial a Madame Gigi, uma francesa que tinha sido expulsa de Pernambuco, acusada de extorquir muito dinheiro a um coronel mais ingénuo ou mais apaixonado. Madame Gigi morava numa casa da rua Direita dos Coqueiros que antes pertencera a um comerciante português e onde entrava também, em certas noites, um embuçado em longa capa, que se veio a descobrir ser o próprio major Gerrit Tack. Mujimbos que se cruzavam e chegavam aos meus ouvidos através de Baltazar, o qual temia que os seus dois amigos se incompatibilizassem por procurarem a mesma francesa. Mas foram receios breves, pois logo descobriu que, para as noites do colégio dos Jesuítas, muitas vezes o major era também convidado. O meu dono nunca quis perguntar para esclarecer detalhes e fiquei sem saber como dividiam os dois amigos as mulheres nessas farras com vinho e cantorias. Mas era uma divisão pacífica, se tratava apenas de prostitutas, não era caso para ciúmes. Foi coisa que só conheci quando vim viver na cidade dos brancos, na minha terra não existia essa profissão, pois os homens solteiros ou viúvos sempre encontravam uma rapariga ou mulher com quem ir para o capim, sem precisarem de pagar ou prometer qualquer coisa, a promessa de prazer bastava. Tenho portanto ainda hoje alguma dificuldade em compreender certos sentimentos e comportamentos ligados à prostituição e às relações que esta tece. Mas sei que o major e o

director se trocavam as mulheres com naturalidade, isso não afectava a sua amizade, o que tranquilizava o meu dono.

Daquela vez que o Redinckove foi almoçar à sanzala, não se cansou de elogiar a boa comida. E quis mesmo conhecer a cozinheira. A minha boa Catarina foi chamada à porta da sala de jantar para ser apresentada ao director, pois o major já a conhecia. E ficou toda tímida, os olhos baixos, as mãos a se esfregarem no avental. Quem não ficou nada tímido foi o Redinckove, que a comia com os olhos, eu bem notei, pois dei uma discreta espiada nesse momento. O meu dono também reparou na gula do director, pois despachou logo a Catarina para dentro da cozinha, enquanto o major deitava um aviso velado, também é uma filha do amigo Van Dum, alusão que deixou bastante incomodada D. Inocência. Não precisei de me preocupar muito, Baltazar tinha sido suficientemente observador desta vez e nunca mais convidou o director para comer na sanzala. Aposto que foi por causa de Catarina. As suas filhas tinham de ser defendidas daquele simpático predador, pois ele tinha esposa na Holanda e qualquer ligação seria apenas para se divertir, o que estava muito bem se tratando de prostitutas ou de filhas dos outros, não das suas. Curiosamente, o director nem reparou na bela Matilde, viúva livre e sem limites rígidos de moral, de que ele certamente conhecia a história. E ela conversou o suficiente à mesa para chamar a atenção de um rinoceronte distraído. Embora eu tenha ouvido Matilde dizer à noite para a irmã, o director gostou de ti, mas decididamente não é o meu género, prefiro os homens magros, como era o pobre Jean e o maluco do Joost.

Benvindo, esse, não era magro, apresentava os redondos próprios dos Van Dum. Mas tinha uma voz de falsete que ganhou aos treze anos, muito mais acentuada que nos outros rapazes, e que estranhamente nunca mais perdeu. Parecia estar sempre a cantar em tons muito altos, para os quais não tinha peito, por isso caía logo para os baixos e daí para estridentes altos que feriam os ouvidos. Quem o ouvia pela primeira vez não entendia nada, porque se distraía com as modulações absolutamente anormais e conseguia atinar com o sentido das palavras.

Desde o princípio do ano passado ele andava esquisito. Nunca perdoou ao pai ter sido afastado do arimo do Bengo, só por ter fala caprichosa. Como é que ele sabe que os escravos não me iam obedecer, queixou para Ambrósio. Como se os escravos só seguissem berros, gostassem do chicote sempre em cima do lombo e ordens atroadoras nos ouvidos. O que não é o meu caso, detesto gritos, basta um olhar para eu saber o que quer o meu dono. E ele foi muito claro no princípio da nossa relação, andas sempre atrás de mim, vais onde eu for, pronto, não foi preciso mais nada, nunca ouvi um berro. Tinha de dar razão ao Benvindo, a desagradável voz dele provavelmente não o impediria de tomar boa conta da quinta e ser respeitado. Ao menos Baltazar podia ter deixado o filho tentar, se não desse resultado então experimentava outro. Mas se fixou logo em Diogo, não quis saber de mais nada. E apostou no escuro, pois quem lhe podia garantir que o Diogo seria capaz de gerir o arimo ou mesmo se queria lhe ser fiel, com a raiva que tinha por um reconhecimento tão tardio? Parece que por esse lado acertou, o Diogo dá boa conta do recado e perdeu a raiva. Pelo menos aparentemente.

Na altura pensei, talvez sem grandes fundamentos, que o meu dono preferia pôr os filhos do quintal a tomar responsabilidades longe dele, como era o caso do Nicolau com as caravanas e o tráfico, e o Diogo com o arimo no Bengo. Os filhos de casa pareciam reservados a ficarem em baixo da sua bunda, como os pintainhos, mesmo sem fazerem nada. Rodrigo casou na Ilha e aí se instalou, ganhando a independência. Os outros talvez abafassem. Não o Ambrósio, que tinha a vida que lhe convinha, lendo o que apanhava à mão, o resto da sua instrução sendo adquirido nas bodegas e com as mulheres negras, porque as brancas da cidade não o queriam. Um dia o ouvi se queixar de uma prostituta flamenga que, na bodega do Pinheiro, o mandara passear, pois não se deitava com um mulato nem por todo o ouro do mundo. Me espantei tanto como o Ambrósio, então não era a profissão dela?

Mas o Benvindo se sentia injustiçado e discriminado por um atributo de que não tinha culpa. Por isso muitas vezes refilava com o pai em assuntos onde manifestamente não tinha razão, apenas para

mostrar uma opinião contrária. E dormia ocasionalmente sabe-se lá onde, só para chegar aos ouvidos do pai que passara a noite fora de casa. Propôs mesmo trabalhar na salga com Rodrigo, mas este lhe perguntou para fazer o quê, se quem bumbava eram os escravos e ele mesmo pouco tinha que mandar. Benvindo foi acumulando frustrações e rancores. Também com as raparigas as coisas não lhe corriam bem, porque as mulatas e portuguesas estavam em Massangano, as flamengas eram prostitutas e não o queriam, e negras não queria ele. Sem contar que uma ou outra mestiça que por acaso aparecesse na cidade se punha logo a rir, incrédula, quando ele lhe dirigia a palavra, mas estás a cantar ou quê, sempre a desafinar. Até que um dia tomou uma decisão que surpreendeu e consternou todos. Foi na mesa do almoço, com toda a família reunida, que ele escolheu lançar a confusão.

– Queria comunicar, pai, que tomei uma decisão. Dentro de dois dias vai um barco para Benguela e eu nele. Vou viver para lá.

– E fazer o quê? – perguntou Ambrósio, o irmão mais chegado, mas que mostrava total surpresa.

Este Benvindo é incrível, pensei eu, nem ao Ambrósio contou antes. Foi pensando, pensando, tomou a decisão sozinho, sem sequer a discutir com um irmão. E todos são muito ligados, se não contarmos com o ódio que o Benvindo tem ao Diogo. Nem mesmo no Ambrósio confiou para pesar os prós e os contras?

– Não sei, só lá posso saber. Mas quero fazer qualquer coisa eu próprio, não ficar aqui a olhar para ontem. Dizem que há terra muito boa no vale do Cavaco, deve dar para um bom arimo. Se o pai me oferecer um escravo para ir comigo... Como já tem oferecido a outros...

Era alusão venenosa à Lemba que Baltazar tinha dado a Diogo. O pai continuou calado, mas eu adivinhava uma fúria a nascer. Embora o meu dono tivesse de engolir a fúria, pois Benvindo tinha vinte e seis anos, idade suficiente para procurar o seu próprio caminho. E o papel do pai só podia ser o de apoiar o filho para este ganhar autonomia.

– Vais à aventura, sem ter lá ninguém que te ajude? – perguntou Matilde.

– Há pessoas conhecidas, alguns até são amigos do pai. Ouvi dizer que o senhor Antunes está ainda lá, o pai pode escrever para ele a recomendar-me. Se quiser. Porque vou mesmo à aventura, outros têm ido e até para sítios mais longe. O pai não andou por muito sítio, antes de chegar a Luanda?

– Mas tem muita confusão lá – disse a mãe.

– Já não. Os portugueses tinham fugido todos para Caconda, quando os mafulos tomaram a cidade. Mas depois voltaram. E fizeram um acordo que está a funcionar bem. Os portugueses vivem numa parte da cidade, os holandeses na outra. Deixou de haver makas. Ainda no outro dia falei com um soldado holandês que veio de lá e ele explicou como as coisas funcionam.

– E tu vais viver em que parte da cidade? – perguntou Baltazar. – Na dos holandeses ou na dos portugueses?

– Só lá é que poderei saber.

– O mais certo é não poderes viver nem numa nem na outra. Não vês que pertences a Luanda, que só aqui não és um estrangeiro?

Pelos vistos, Benvindo tinha muitas vezes discutido a questão consigo próprio, pois tinha resposta para todas as objecções. Replicou imediatamente:

– Serei aceite pelos portugueses, se o pai escrever a um ou dois dos seus amigos. E o major Gerrit também pode me recomendar ao chefe militar dos mafulos. Fico apresentado às duas partes, depois é comigo.

Então não era mesmo um rapaz despachado e a encostar o meu dono à parede? Este tinha pouca escolha. Dizer, não vais nada porque não quero, porque tomaste uma decisão sem me consultar e agora arrostas com as consequências? Seria uma vingança estúpida e imprópria de um pai. Ele sempre considerara a família como o bem mais precioso, sempre tentou mante-la unida. Todos aprenderam com ele e respeitavam esses valores. Que diriam os outros, se ele desapoiasse o Benvindo ou o destratasse? Parente é sempre parente, mesmo se tratando de inimigo, dissera Baltazar mil vezes. Agora se tratava do parente mais chegado que existia, um filho. Engoliu todas as raivas, ignorou a piada lançada à escrava oferecida ao Diogo.

– Se queres tentar a tua vida, não te posso impedir. Só rezar para que consigas sucesso. Vou escrever ao Antunes e ao João Almeida, que se encontram em Benguela. E peço ao major e ao director Redinckove um salvo-conduto especial. Já escolheste quem queres levar contigo?

– O Mufolo. Sempre nos entendemos bem.

Quase assobieei de espanto e provavelmente os outros irmãos também. Mufolo era o escravo favorito de Baltazar. Ainda era jovem, nasceu já na sanzala. Muito trabalhador e alegre, tinha um estatuto especial. Ajudava o Dimuka na lavra, apoiava em trabalhos pesados do quintal ou na casa grande, tratava do cavalo do meu dono e fazia o que fosse necessário. Mas tinha sempre autorização para ir passear na cidade, nunca conheceu o chicote nem as grilhetas, e estava destinado a ser aforrado e poder casar, era só questão de tempo. Já Diogo tinha tentado levá-lo para o arimo do Bengo, prometia aumentar muito as culturas e vender produtos na cidade, se tivesse o apoio do Mufolo. Mas Baltazar disse não, esse não sai daqui, escolhe outro, Diogo respondeu outro não me interessa. E Benvindo pedia o Mufolo ao pai, numa jogada muito superior à do Diogo, quando ganhou a Lemba. Todos na mesa retiveram a respiração, aguardando a resposta, a qual custava a sair, bem se notava. O chefe da família olhou para o Benvindo, eu levantei a cabeça com riscos de apanhar um torcicolo, e pela primeira vez vi um luar de admiração e respeito para com o filho menos querido.

– Sabes escolher. Mas o Mufolo faz falta aqui, é o melhor.

– Se não fosse o melhor não o queria. Vou à aventura, montar uma coisa nova, tenho de levar alguém em quem tenha confiança. Ou não? Outro qualquer pode aproveitar e escapar para o mato. O Mufolo tem mais medo do mato que eu, nasceu já aqui. Nunca me trairá.

Catarina estava na porta da cozinha e limpava as mãos no avental. Os olhos dela pediam ao meu dono para aceder ao pedido do filho. Também os de D. Inocência. Ambrósio foi mais ousado e tossicou a anunciar fala.

– Benvindo tem razão, pai. Tem de levar alguém de absoluta confiança. E o Mufolo sempre se deu bem com Benvindo. Não se

lembram quando recuámos para o Bengo? O Mufolo era miúdo, ficava sempre atrás do Benvindo, à procura de protecção. Nós até ríamos com ele, tinha arranjado um filho sem saber como. Eu fico muito mais descansado se o Benvindo for com ele para Benguela, ao menos terá um apoio.

Ambrósio era o conselheiro mais respeitado por Baltazar. Raras vezes tinha ouvido recusar uma sugestão desse filho que lia tanto e que, embora há muito tivesse deixado de falar nisso, em tempos acalentara o interesse em estudar para padre. Quando havia um problema ou uma discussão, Ambrósio se mantinha calado. A estudar o problema? A criar expectativa, pois todos esperavam a sua posição? Não sei. Mas depois tossia ligeiramente e o silêncio se estabelecia. Ele opinava e o pai aceitava. Já quando ele era muito novo. Hoje não foi diferente. Provavelmente o meu dono estava apenas à espera que Ambrósio se manifestasse para tomar uma decisão.

– Está bem, leva o Mufolo. Mas trata bem dele, para ele tratar bem de ti. E vais levar algum dinheiro para as primeiras necessidades.

Com absoluta harmonia, assim terminou aquela reunião de família que marcou a primeira grande separação. Primeira? Já esqueci a Gertrudes, essa é que foi a primeira grande separação, lá atirada para uma quinta do Kuanza, perto de Massangano. Em todo o caso, Massangano ficava a poucos dias de marcha, as notícias eram fáceis. Benguela era outro reino, só acessível de barco, pois os jagas que dominavam a Kissama e o resto do território vizinho impediam qualquer contacto terrestre. E a viagem de barco podia demorar uma semana, mas havia alturas que demorava três semanas. E como havia hoje uma população muito reduzida em Benguela, apenas portugueses e alguns soldados holandeses, e o tráfico de escravos se reduzira quase até ao zero, havia poucos barcos a fazer as ligações e portanto as notícias eram escassas. Por isso os Van Dum percebiam a partida de Benvindo como um corte muito profundo. E todos se sentiam algo incomodados porque ele se devia a uma injustiça cometida pelo pai. Este também acabava por sentir, pois um dia o ouvi confidenciar a Ambrósio, talvez não tenha

procedido bem com o teu irmão e devia tê-lo deixado dirigir o arimo do Bengo. Mas só muito depois compreendi que era o que ele mais desejava, já estava feito o erro, não dava para emendar. Espero que se dê bem em Benguela e tudo farei para o apoiar. Graças ao major Tack, não será difícil, sempre que um barco para ali partir poderemos mandar dinheiro e até comida, se necessário. E, quem sabe, um de vocês pode lá ir fazer um passeio e traz notícias. Passeio? Uma ou mais semanas para ir e outras tantas para voltar, a enjoar num barco, era um passeio? Eu é que não gostaria de ir nesse passeio. E Ambrósio também não pareceu muito encantado com a ideia. Hermenegildo, esse então, daria um gritinho, que horror, pai. Só restaria Nicolau capaz de o fazer, mas tinha muito trabalho, sempre a dirigir as caravanas para resgate de peças, significaria um grande prejuízo se fosse passear até Benguela só para verificar como vivia o irmão. Era apenas um rebate de consciência do meu dono, eu sabia como os outros que o corte se adivinhava definitivo.

O que ficou claro, bem mais tarde, quando soubemos do que neste mesmo momento se passava em Benguela e em toda a região entre esta cidade e o rio Kuanza. Pois de facto tinha chegado em Abril um reforço comandado por António Teixeira de Mendonça e Domingos Lopes de Sequeira, dois moradores antigos de Luanda que tinham partido para a Europa. Lopes de Sequeira fora enviado pelo governador eleito, António Abreu de Miranda, para informar sobre a nova situação criada com as tréguas e o outro fazia parte do grupo expulso pelos holandeses para o Brasil, quando tomaram o arraial do Gango. O socorro vinha da Bahia em três barcos e era constituído por duzentos e cinquenta soldados, quarenta dos quais negros do exército do comandante Henrique Dias que no Brasil combatia os holandeses e que o major Gerrit Tack tanto gostaria de enfrentar, segundo dissera a Dom Agostinho Corte Real no casamento de Nzuzi. Os barcos do socorro foram avistados em Benguela a subir a costa para norte. O capitão português, que vivia na cidade como civil, mas mantinha autoridade sobre os portugueses que se tinham rendido aos mafulos, enviou secretamente o soldado mulato António Manuel com a missão de acompanhar os barcos por terra, até

descobrir qual era a intenção e tentar chegar à fala, pois se percebia logo que eram caravelas portuguesas trazendo reforços.

O soldado andou dois dias até descobrir os barcos fundeados no Quicombo. Mas as tropas já tinham desembarcado e avançado para norte. Como os holandeses controlavam a barra do Kuanza, a única maneira de um exército chegar clandestinamente a Massangano era desembarcar entre Benguela e o Kuanza e atravessar a irreduzível Kissama. O soldado levava ordens de estabelecer contacto e ajudar no que pudesse. Assim, avançou atrás dos expedicionários, os quais alcançou antes do rio Cuvo, chamado Keve noutras regiões. António Manuel era filho de um desterrado português que tinha ido com Cerveira Pereira fundar o presídio de Benguela em 1617. O pai jurava que não era verdade, só tinha roubado um cavalo, mas foi desterrado com a acusação de ter matado à machadada o tio, dono do cavalo. Contava o pai ter sido vítima da inveja de um juiz com quem disputava e ganhava os favores de certa senhora. O juiz condenou-o ao desterro para ficar sozinho na liça com a senhora. O pai em Benguela arranjou uma mulher da terra, que gerou o António Manuel, e morreu de paludismo, dez anos depois de ter desembarcado, no que mostrou notável resistência, pois metade dos desterrados morria logo no primeiro ano. O rapaz se fez soldado aos quinze anos, pois não sabia fazer mais nada e devia tomar conta da mãe. Não contou estes detalhes quando se apresentou ao comandante português, apenas que fora enviado pelo capitão de Benguela. E foi integrado na expedição, pois a confiança não reinava e esta era a forma de o manterem sem contacto com os holandeses, permanecendo a expedição secreta.

Mas corria o mês de Abril de um ano particularmente chuvoso. Os matos estavam inundados, havia charcos por todo o lado. E febres. Os soldados iam sendo atacados e cada vez menos eram os sãos que podiam transportar os doentes. Felizmente para os portugueses tinham caído numa zona em que os sobas não eram hostis e os apoiaram, dando comida e mesmo juntando muitos homens ao exército. Mas quando chegaram ao Cuvo, só metade dos soldados se podia ainda manter de pé. Montaram acampamento para esperar que os doentes ou morressem ou se curassem. E cerca de cem

atravessaram o Cuvo, comandados pelo sargento-mor Domingos Lopes de Sequeira, entrando em território que tradicionalmente era hostil aos portugueses. Entre eles o soldado António Manuel que, como era da terra, devia saber línguas para servir de intérprete. Só que os jagas não queriam conversa em nenhuma língua e os atraíram para uma emboscada de onde só escaparam quatro, entre os quais o soldado António Manuel, perito na arte de se camuflar. Foram estes quatro que conseguiram atravessar o Cuvo para sul e contar a António Teixeira de Mendonça que metade do socorro para Massangano tinha desaparecido, no meio dele o sargento-mor Domingos Lopes de Sequeira. O Mendonça desistiu então de prosseguir caminho e voltou aos poucos para Quicombo, à medida que os homens iam morrendo ou melhorando. E acabou por ficar instalado perto do Quicombo, à espera de nova expedição que estava anunciada, mas que em Junho ainda não tinha aparecido no cacimbo que acinzentava a praia.

Benvindo terá chegado a Benguela no meio destas movimentações. E de facto viu do largo as caravelas fundeadas no Quicombo, notícia que os holandeses do barco levaram para a guarnição de Benguela e depois para Luanda, o que provocou agitação e temores entre os mafulos. Mas antes de todos saberem, já o senhor Fernandes de Pinda o sabia, como pude comprovar naquela caldeirada que ele comeu na casa grande. O mujimbo corre rápido e de forma misteriosa, isso é conhecido, mas dessa vez foi particularmente diligente. Benvindo chegou a Benguela, ficou alojado na casa do senhor Antunes, e aí ouviu falar da chegada da expedição. Dias depois apareceram todos os detalhes, pois o soldado António Manuel foi mandado pelo Mendonça regressar a Benguela, pedindo auxílio ao capitão para aquela tropa que estava destrozada pelo paludismo e pelos jagas. Benvindo soube assim da derrota e morte de Domingos Lopes de Sequeira. Se sentiu na obrigação de ir escondida mente contar o ocorrido ao capitão holandês que comandava a guarnição e a quem entregara as recomendações do major e do director Redinckove. O capitão holandês agradeceu as informações e achou muito bem que ele vivesse na parte portuguesa da cidade, assim fico a saber tudo o

que eles fazem e pensam. E se por acaso tiver dificuldades com eles, mude-se para a fortaleza, sempre se arranja lugar para mais um, o que Benvindo agradeceu mas esperava nunca precisar de recorrer à hospitalidade dos mafulos, pois no meio dos portugueses é que se poderiam fazer melhores negócios. Eu soube isto, bem depois da altura dos acontecimentos, através do capitão holandês que na época estava em Benguela e que passou por Luanda a caminho do Brasil, no termo da missão. Procurou o meu dono para lhe dar notícias do filho, a pedido deste, o qual, segundo o mafulo, se dava maravilhosamente no reino do sul, com negócios que prosperavam, tendo conseguido já exportar um bom lote de peças para Pernambuco e estando metido em várias actividades. E para tranquilizar Baltazar, contou das informações que Benvindo lhe passava sobre os acontecimentos no campo português. Isso provava que ele estava em boa situação, com óptima aceitação nos dois lados. Graças a Deus teve um bom professor, rezou o meu dono, mais tarde.

Haveria de rezar mais vezes e em voz alta, neste mês, pois se alojou na sanzala o padre Tavares, vindo de Massangano. Trazia uma carta do governador, pedindo apoio ao meu dono, evitando assim que tivesse de se instalar na cidade, onde podia ser hostilizado pelos mafulos, não por ser português, mas por ser padre. Ficou na casa do lado, onde vivia Nicolau e Ambrósio, antes Benvindo. Não percebi o que veio ele fazer a Luanda, apesar de muito ter especulado sobre o assunto, pois Baltazar não perguntou. Ficava sempre na sanzala, escondido. Um dia o senhor Fernandes de Pinda veio visitá-lo, mas o que falaram na sombra da mangueira é mistério, nem com a maior imaginação consigo descobrir. Me parecia não trazer nenhuma missão secreta, porque para isso não mandavam um padre. Devia vir mesmo em missão da Igreja, talvez ver o estado calamitoso dos templos católicos para fazer um relatório ao Papa. Embora para isso devesse andar pela cidade, a conferir as igrejas. Ou terá vindo em viagem pessoal. A única coisa que pude apurar é que de Luanda iria ao Bengo, visitar a missão dos Jesuítas, antes de voltar a Massangano.

Era o segundo padre que aparecia em Luanda depois da conquista pelos mafulos, se não contarmos o licenciado António Guerreiro que era padre, mas viera na qualidade de negociador. O primeiro tinha sido um que desembarcou numa caravela portuguesa vinda do Brasil, com uma centena de soldados a bordo. Os holandeses deixaram-no pisar terra e passear durante dois dias pela cidade. Mas não deixaram desembarcar os soldados, destinados a Massangano. O padre voltou a embarcar, a caravela regressou sem sucesso ao Brasil. Durante os dois dias de estadia, o padre foi vigiado atentamente pelo *predikant* e seu adjunto, mas nada lhe sucedeu. E era no tempo do Hans Molt, em que os fanáticos tinham mais apoio político. Agora quem mandava era Redinckove e o *predikant* estava na mó de baixo. Mas de facto Pedro César tinha razão, ninguém podia garantir que num local mais escuro, e assim eram quase todos os de Luanda, o padre Tavares estivesse livre de levar uma boa mocada.

Era este padre Tavares mais velho que o meu dono, seco de carnes e esverdeado, como os portugueses que tinham resistido a muitos paludismos. Comia com a família na casa grande e não tratava mal da barriga, embora contasse muitas estórias onde deixava passar a imagem de pessoa frugal, se contentando o dia inteiro com uma mãozinha cheia de farinha de guerra e água. Mas não era um comilão como o senhor Fernandes de Pinda, embora não recusasse se servir duas vezes e entornasse um bom vinho com prazer. Porém aí também não competia com o meu dono. Contra a opinião que temos sobre a gula dos padres, este até era discreto.

Baltazar recomendou a Ambrósio acompanhar o padre Tavares e estar sempre com atenção para que nada lhe faltasse. E vai conversando com ele, sempre aprendes alguma coisa que te será útil quando fores estudar no seminário. Notei que Ambrósio se não entusiasmou com a ideia de tomar conta do padre, lhe tinham definitivamente passado os fervores religiosos. Ainda mais aborrecido parecia quando, no dia seguinte ao da chegada, o padre o chamou de manhã para inspeccionarem todas as cubatas da sanzala, à procura de feitiços. Pelo que vim a saber mais tarde, este padre era um adepto da estratégia de converter as pessoas mesmo

à força. E tinha uma aversão profunda a todas as estatuetas de madeira ou aos chifres com pozinhos ou fios de tendões de animais, que usamos para não termos azares ou até apenas para nos enfeitarmos. Foi uma confusão na sanzala, com o padre a entrar nas cubatas e a atirar para o meio do terreiro todas as bugigangas que lhe pareciam suspeitas de terem trato com o demónio. As pessoas deixaram fazer, escravos não podem protestar se lhes roubam os deuses. Apareceram muitos objectos, mas não vi nada de grande importância. Por isso os habitantes da sanzala se mostravam mais surpreendidos que revoltados. Alguns até encolhiam os ombros se da sua cubata voava um amuleto, para se juntar aos que jaziam na areia vermelha. Chamado pela mulher, Baltazar ficou na varanda da casa grande a observar. Matilde ainda veio perguntar, mas o pai não faz nada? Fazer o quê, deixa lá, se isso lhe dá prazer.

Ambrósio estava de cara amarrada e pior ficou quando o padre pegou fogo ao montinho de coisas. Como eram sobretudo de madeira mole e peles ou cabelos, quase todos os objectos arderam facilmente. Mas havia o maior de todos, de pau-ferro, que teimava em enegrecer ainda mais mas não arder. Era uma estatueta que estava na casa de Dimuka. O padre gritou para trazerem gravetos e voltou a fazer uma pequena fogueira, inteiramente dedicada à estatueta de Dimuka. Inútil, pau-ferro não arde com facilidade. O sacerdote pegou então uma fúria sagrada, segurou a batina com as duas mãos e se pôs a saltar para cima da pequena estatueta, tentando parti-la. Ambrósio disse, com uma ironia que todos perceberam menos o padre:

– Tem aqui um simples machado. Esse satanás só vai com machado, é imune ao fogo de Deus.

E o padre Tavares lá foi aliviando a fúria com sucessivas machadadas no boneco, que o reduziram a achas finas. Contemplando a sua obra, o padre limpou as gotas de suor que apareciam na testa, orgulho no olhar. Dimuka se aproximou do meu dono e queixou, mas com um sorriso travesso:

– Era da minha mãe. Nem sei para que servia, estava só num canto a enfeitar a sala. Podia ter sido feito para as mulheres deixarem de ser estéreis, ou para chamar a chuva, ou para lembrar

um antepassado qualquer. Se foi algum dia, já nem era amuleto agora, porque esquecemos a sua serventia. Não sei para quê estragar... O meu está aqui bem escondido, no pescoço, este é que me protege.

E mostrou um chifre de mbambi que tinha preso a um fio de missangas. Baltazar concordou com a cabeça.

– Deixa lá, o padre precisa de trabalhar, fica de bem com a sua consciência. Mas esconde essa porcaria, senão ele ainda a arranca. E com ela vai o pescoço.

Matilde deu uma gargalhada por causa do instintivo gesto de defesa de Dimuka, mas notei preocupação na sua cara. Perguntou baixinho ao pai:

– Quando vai ele embora?

– Não sei, não me disse.

– Tomara que fosse já amanhã.

Matilde devia ter adivinhado que o padre Tavares ia ficar duas semanas na sanzala. E nele sentiu o inimigo, como a prevenira, anos antes, um jesuíta à beira do rio Bengo. Por isso nunca vi Matilde tão discreta e calada como durante a estadia do sacerdote entre nós. Na presença dele, ela não levantava a cabeça. Embora não pudesse evitar olhares de curiosidade do padre, que a estudava de caxexe. Aos seus ouvidos também tinham chegado os mujimbos da estória dela com o pobre Jean e o Joost Van Koin? Que ela tinha sido apanhada pelo marido num sítio sagrado como é uma sacristia? Seria profanação, blasfémia, apesar da sacristia estar sem uso, toda desarrumada e suja? Entrei na cabeça de Matilde e vi, como provavelmente ela via, os seus medos. Este padre foi mandado pela Inquisição de Massangano, para bisbilhotar no passado e presente de Matilde, suspeita de feitiçaria e adultério, ilegalmente casada com um herético? Um conjunto de pecados capazes de mandar uma pessoa para a fogueira. Isso temia ela, isso passei a temer eu.

Indiferente aos temores de Matilde, o padre Tavares passou a manhã a deitar água benta nas cubatas e nas casas da sanzala, pondo rezas no meio. Purificando tudo do mau hálito de satanáas. Sempre acompanhado de Ambrósio, que bufava de raiva por todos os lados, mas era obrigado a cumprir a ordem do pai e a ajudar o

sacerdote em tão cansativa tarefa matinal. No entanto, não se atreveu a vasculhar nas casas onde morava a família Van Dum e só deitou água benta nos corredores, sem entrar nos quartos à cata de feitiços. Foi por isso cuidado desnecessário o gesto de Matilde e Catarina, apressadas em esconder no meio das roupas alguns objectos que guardavam no quarto, mais por memória que por crença. Embora Catarina fosse muito afeiçoada a uma pele de mbambi com estranhas pinturas brancas e vermelhas que o irmão da mãe lhe mandou do Leste, para sua protecção contra os maus espíritos.

Na hora do almoço, a conversa tinha de se fixar em queimas de ídolos e feitiços, não podia deixar de ser. Baltazar puxou o tema, ao dizer que afinal havia muito poucos amuletos, ele estava convencido que todos os escravos tinham mais que um, se encontravam em todo o lado. Na realidade, a colheita dessa manhã não tinha sido muito proveitosa. Disse sem ironia, embora tivesse provocado vários sorrisos escondidos.

– Houvesse só um e já teria sido uma boa colheita. Não se pode deixar de pé um só dos filhos de Belzebu.

D. Inocência se benzeu, dizendo Virgem. Rosário e Ana olharam para Matilde, promessas de risos nos lábios, mas a irmã mais velha manteve os olhos na toalha da mesa. Ambrósio bocejou ostensivamente. Mas o padre Tavares não ouvia nem via nada, todo embrenhado na sua actividade preferida.

– Há muitos anos atrás, andava eu a catequizar a área da lagoa da Kilunda, quando cheguei com os meus dois línguas a um kimbo do soba Kitela. Este soba se dizia cristão, era mesmo baptizado. Quando cheguei, o povo estava todo reunido no terreiro principal, a adorar uma grande estátua de madeira, de pelo menos um metro de altura. Faziam aquelas macacadas que o gentio faz, quando nas suas cenas de feitiçaria abjecta. De repente se põem a dançar naquela desvergonha, quase nus, e depois umas mulheres se atiram para o chão e ficam a xinguilar, o que eles chamam a essas tremuras nos ombros e nos braços, como se possuídas pelo senhor das trevas. Me desculpem as senhoras, mas é uma indecência abominável, nem tenho palavras para descrever. Estavam eles nesta cerimónia

demoníaca, quando lhes caí em cima com a minha ira santa. Afastei uns tantos, me agarrei ao ídolo, tentei arrancá-lo do chão, onde estava bem enterrado. Os macacos começaram a gritar, com jeitos de grandes ameaças, não liguei. Com as mãos escavei a terra à volta do feitiço, lá o consegui fazer inclinar. Aumentou a fúria da população, apareceram as azagaias. O soba Kitela veio me pedir para não desenterrar o objecto, que ele podia perder o controlo sobre os seus súbditos. Disse-lhe, esse é problema seu, o meu é destruir esta obra do demónio. E lá consegui desenterrar o pesadíssimo feitiço, embrulhei-o numa esteira e amarrei-o ao dorso da minha mula. No meio das invectivas e ameaças dos gentios, que brandiam as azagaias e batiam, possessos, com os pés no chão. Os meus dois línguas tremiam como varas verdes, mas se mantiveram ao pé de mim. Gritei acima dos gritos da multidão e eles lá se foram calando. E lhes disse que estava a fazer trabalho de Deus e que aquele ídolo era obra do diabo. Os línguas traduziram, que para isso eram línguas. Mas durou muito breve tempo o silêncio do gentio. Logo voltaram a vociferar. O soba puxou-me por um braço e levou-me para a sua residência, que tinha uma paliçada à volta. Dentro do cercado, me indicou uma cubata onde podia descansar, eu e os meus línguas. Desamarrei o ídolo e meti-o dentro da cubata, sozinho, porque os meus línguas, por mais exortados que fossem, não tinham coragem de tocar no feitiço, por medo de morrerem. Bem eu podia gritar para eles, não é mais que um pedaço de madeira, eles nem se queriam aproximar. Para verem como é forte o medo que satanáis incutiu nesta gente, pois os meus línguas foram durante muitos anos educados no colégio dos Jesuítas aqui em Luanda. Nem assim perderam as antigas crenças idólatras, se vê nos momentos decisivos. Mas entretanto a população cercou a residência do soba, gritando e fazendo danças guerreiras. E iam chegando mais pessoas, das aldeias vizinhas. À noite veio o soba falar comigo, que ele era católico, mas que a população ainda não era, e acreditavam no poder daquele ídolo em fazer chover. Ora as chuvas estavam muito atrasadas e já no ano anterior tinha havido seca, os celeiros estavam vazios, podia haver mortes de fome. Por isso estavam a realizar aquela cerimónia macabra, para que os

antepassados se comovessem e fizessem chover. E me pedia o soba para devolver o feitiço, senão receava pela minha vida e pela dele, pois me tinha acolhido na sua residência, mas já havia milhares de guerreiros lá fora dispostos a tudo para reaverem o ídolo e provocarem a chuva que os salvaria da fome. Muito tempo perdi a lhe explicar que aquilo não trazia chuva nenhuma, era credice pagã de quem é ignorante da verdadeira Verdade, a chuva só vinha se o bom Deus quisesse e o que devíamos fazer era rezar com muita fé para que o verdadeiro Senhor soltasse a água das nuvens. Mas ele chorava e pedia, estava aterrorizado, não sei se por medo do povo, se por medo do feitiço. Me mantive firme como um guerreiro de Cristo, não podia deixar de ser. E os meus línguas se encolhiam a um canto, com medo de tudo. Da população que bramava lá fora, do feitiço que estava ali à frente deles com uma carantonha do inferno, talvez também da raiva com que eu estava, pois era difícil me conter ao ouvir aquele negro que se dizia cristão a tentar corromper a minha fé. Gritei para ele que dali ia a direito falar ao governador e que se nos sucedesse alguma coisa, podia o soba ter a certeza que os soldados portugueses viriam fazer-lhe guerra e arrasariam os kimbos. Desesperado, o soba lá foi embora, para dizer à multidão que eu estava irredutível e nunca receberiam o manipanso de volta. Continuou o barulho e o batuque demoníaco. Até que a meio da noite apareceu um branco para falar comigo. Era um português, nem vou dizer o nome, por razões óbvias, que vivia numa quinta muito perto dali e o soba mandou chamar para ver se me convencia a entregar o manipanso. Esse branco, que era visivelmente um cristão-novo, bem me veio com todo o arrazoado que a situação ia escapar ao controlo do soba, que eu devia ceder, pois se aquilo era apenas um bocado de madeira, ele não entendia porquê me abespinhava tanto, e que se os negros ainda eram pagãos ninguém tinha o direito de lhes impedir as idolatrias com que viveram sempre na sua terra e que me oferecia dez escravos para eu lhe restituir o feitiço. Tão furioso estava eu que lhe respondi não perceber em que lhe dizia respeito o tal boneco, a menos que ele, branco e rico, também fosse adorador de ídolos, o que eu ia dali a direito contar ao Santo Ofício em Luanda, pois era assunto de mais para mim e

adequado à Sagrada Inquisição. Santas palavras! Ao ouvir aquilo, o branco se despediu e desapareceu o mais rápido que podia, deixando-me tranquilo para resolver sozinho a difícil situação. Rezámos o resto da noite e recebi a confissão dos dois línguas, para o que desse e viesse. De madrugada voltei a embrulhar o pedaço de madeira na esteira, o amarrei na mula e saímos da sanzala sem nos despedirmos, acompanhados pelos milhares de guerreiros que nos ameaçavam por trás. Não agradei ao soba Kitela a hospitalidade, pois me ofendera com tantos choros e pedidos. E rezava baixo, me despedindo da vida e dos meus pecados, sentindo já nas costas o ferro de alguma *azagaia* ou flecha. Mas ao fim de uma milha desistiram da perseguição e pude tranquilamente fazer uma fogueira e queimar aquela obra do demónio. Dessa vez sim, era um único ídolo, mas foi uma grande colheita. Valeu por milhares de outros, como os que queimei aqui.

– E choveu nesse ano na Kilunda? – perguntou Ambrósio. O padre não respondeu logo, porque atacou uma perna de frango de churrasco. Mas respondeu, ainda com a carne na boca, sem cerimónias.

– Por acaso não. Houve uma grande fome, disseram que chegou a morrer gente. Excepto num kimbo, por causa de uma cruz que lá puseram. Fui chamado a esse kimbo, porque muita gente se queria baptizar. Lá fui com os meus línguas, indispensáveis para os gentios entenderem perfeitamente a palavra de Deus. E fiquei maravilhado com as hortas e as lavras todas verdes, parecia a Europa num deserto amarelo de fome. No terreiro tinham espetado uma cruz que trouxeram não sei de onde, mas era de sítio longe, feita por um branco qualquer. E todos juraram que naquele kimbo, que eu não visitava há três anos, nunca faltou chuva desde então. Tais palavras são um hino celestial para um homem temente a Deus... Tive vontade de chorar de felicidade. Baptizei logo de enfiada umas cem pessoas e lhes fiz uma pregação sobre a verdadeira Fé...

– Que não é uma cruz no terreiro que faz chover, como um manipanso qualquer – acrescentou Ambrósio, os olhos a luzir. – Foi isso que disse, padre?

– Claro que não.

O padre Tavares olhou estranhamente para o ajudante do seu trabalho matinal. Limpou os beijos com as costas da mão, ainda a medir o outro com olhos pequenos, escondidos atrás de pálpebras meio cerradas. Continuou:

– Os gentios só abraçam a nossa religião se ela lhes serve para alguma coisa. Por exemplo, fazer chover. Se eles rezavam à volta da cruz e de facto chovia, que direito tinha eu de dizer que não era verdade? Se essa era a vontade de Deus... Até reforcei a crença deles com a minha prédica, porque a cruz simboliza o amor de Deus pelos homens. Só um herético não acreditaria no prodígio que se realizava à frente dos meus olhos, de facto apenas naquele kimbo chovia, enquanto os outros definhavam pela fome. Só um herético não acreditaria...

Baltazar, sempre tão mau observador das pessoas, sentiu no ar algum sopro gelado que era preciso desviar ou anular imediatamente? Porque falou para o padre, enquanto lhe enchia pressurosamente a caneca com vinho tinto:

– Sirva-se de mais um pouco de galinha, está muito bem temperada. E diga-me, padre, essa actividade de andar pelos kimbos, a dormir muitas vezes ao relento, a comer o que aparece, sempre a caçar sacrilégios e idolatrias, com tantos perigos como já nos contou, isso não o assusta por vezes?

– Não. Por que haveria de assustar? É trabalho do Senhor. Não posso sentir medo se estou a cumprir a vontade de Deus.

– Um verdadeiro guerreiro de Cristo... – disse Ambrósio.

Não precisei de olhar pela janela para perceber que havia ironia na fala. Também não precisei ver o padre Tavares para saber que ele mirava de forma suspeitosa para Ambrósio, os olhos cada vez mais pequenos, adivinhando a ironia. A tensão criada pela frase do meu amigo era concreta, se abatia sobre todos os que sentavam na mesa. Não precisava ver para sentir a tensão passar da sala para a varanda, onde me encontrava. O sacerdote levantou a voz, sem poder esconder a irritação.

– De facto, é preciso ser um guerreiro de Cristo para suportar certas coisas. Porque é uma verdadeira guerra a luta contra Satã.

Guerra permanente contra os pecadores, contra os sacrílegos, os blasfemos e os incrédulos.

– O meu filho Ambrósio quer ser também um guerreiro de Cristo – aproveitou dizer Baltazar, com o bigode a tremelicar. – Se não tivesse havido a invasão holandesa, ele estaria há muito a estudar para sacerdote aqui em Luanda. Agora não sabemos como fazer, pois não tenho possibilidade de o enviar para a Europa.

O padre olhou de novo para Ambrósio, possivelmente admirado por aquele descrente ter manifestado alguma vez tão nobres desejos. Porque o rótulo de descrente já tinha sido aplicado a Ambrósio pela cabeça inquisitorial do padre Tavares, descrente, talvez herege. Eu imaginava, logo, tinha a certeza.

– É mesmo? E continua a querer estudar as santas matérias?

Baltazar sorriu, confirmando com a cabeça. Também D. Inocência fez que sim, embevecida. No entanto, se ouviu a voz descuidada de Ambrósio:

– Já não. Foi noutra época.

O meu dono transformou num repente o sorriso numa careta e a mãe revirou os olhos de pasmo. Matilde enfiou ainda mais a cara na toalha e Ana soltou uma gargalhada nervosa, gargalhadinha típica de quem tem dezassete anos. Rosário olhou Catarina, a qual, do outro lado da porta, torceu o avental com as duas mãos medrosas e se refugiou na sombra da cozinha. Nicolau e Diogo não estavam na sanzala, restava Hermenegildo, que suspirou apenas.

– Eu bem desconfiava – disse o padre. – O almoço estava excelente, que Deus vos guarde.

E se levantou da mesa, sem para isso ter sido convidado. Achei ser uma grande falta de respeito. Mesmo o director Redinckove, que de facto era poderoso, esperara para se levantar que D. Inocência e as meninas o fizessem antes. Até eu, que nunca me sentara a uma mesa em toda a minha vida, já aprendera o mínimo de etiqueta, por tantas vezes ouvir os filhos de Baltazar serem repreendidos quando pequenos. Padre Tavares era grosseiro por tantas guerras ter travado nos kimbos da Kilunda contra os feitiços, ou apenas por querer mostrar poder e autoridade? Ou apenas não estava habituado a comer na mesma mesa que senhoras? Logo me

arrependi, quem era eu, um simples pecador, para fazer um juízo sobre o comportamento de outra pessoa, ainda por cima um sacerdote? Vi as costas do padre Tavares se afastarem da varanda, entrando na casa ao lado. E senti o pesado silêncio abatido sobre a casa de jantar.

– Não devias ter gozado com ele – Matilde rompeu o silêncio. – Este homem é perigoso, Ambrósio. Sinto-o.

– Foi realmente uma grosseria de tua parte – disse Baltazar.

– Vais ter de lhe pedir desculpa.

– Que é que fiz? Dizer que já não quero ser padre? Há muito que tinha esquecido esse desejo de criança.

– Nós não esquecemos – disse a mãe.

– Há quantos anos não falo nisso? É porque mudei de ideias.

– Podias ter avisado – disse o pai.

– Nem me lembrei. Pensei que tivessem percebido.

– Mas não me estava a referir a essa mudança de ideias, quando disse que fizeste uma grosseria – voltou a falar Baltazar.

– Foi em lhe chamares um guerreiro de Cristo.

– Desculpe, pai, mas foi ele que falou primeiro. Disse que naquela noite em que estavam cercados por causa do ídolo, ele se portou como um guerreiro de Cristo, não recuou, não cedeu, um herói santo.

– Mas tu repetiste isso no gozo, não venhas agora com estórias.

Ambrósio sorriu. Nele era reconhecimento de um erro. O meu amigo tinha vários tiques. Um era tossir levemente antes de falar qualquer coisa que ele reputava importante. Outro era sorrir quando era apanhado em falta ou se queria penitenciar.

– Tem razão e a Matilde também. Não devia ter usado a ironia. Mas este padre é tão estúpido e tão fanático que não resisti. Dava tudo para assistir a uma luta entre ele e o *predikant*, são tão iguais...

– Cuidado, Ambrósio, ele não é estúpido – avisou Matilde. – Perigoso, perigoso... até me provoca um arrepião na espinha. O que veio ele cá fazer, pai?

– Não sei, não lhe perguntei. Não seria de boa educação perguntar, se vem recomendado pelo governador. Mas tens razão,

filha, todo o cuidado é pouco, ele de facto é muito rígido.

– Rígido só? – disse Hermenegildo. – Logo no primeiro dia fazer uma limpeza dos feitiços... Não sei como não nos espetou também com uma missa a meio da semana.

– Que é isso, menino? – repreendeu a mãe, em kimbundu. – Não tinha nada de mais. Missa nunca fez mal a ninguém.

Todos se calaram. D. Inocência se levantou, dizendo concença, das poucas palavras portuguesas que utilizava normalmente. As meninas aproveitaram logo para pedir autorização ao pai e se levantaram. Ficaram os homens. O meu dono acabou o vinho que ainda lhe restava na caneca. Ambrósio aproveitou encher mais uma caneca e despejou-o de um trago.

– Olha, Ambrósio, vamos esquecer o que te mandei fazer. Deixas de ser tu a apoiar o padre. Ele não ia apreciar a companhia. E acho bom nunca mais lhe fales. Até ele esquecer. Se esquecer...

– Duvido – disse Hermenegildo.

– Estamos a ter pouco contacto com católicos, excepto ao domingo, na missa da Ilha. Estamos sempre rodeados de protestantes. Vocês têm de fazer um esforço e não esquecerem que é a nossa religião e devemos respeitar os padres.

– Eu respeito, pai – disse Ambrósio. – E se já não quero ser padre, não quer dizer que abandonei a religião. Nunca me passaria pela cabeça gozar o padre Mateus, por exemplo. Mas este exagerou. Prometo que não volta a acontecer.

– Hermenegildo, tomas tu conta do padre? De ti certamente ele não ouvirá nenhuma coisa mais forte.

Fiquei admirado, pois era a primeira missão importante de que era encarregado Hermenegildo, embora fosse adulto já há tempos. De facto era natural ter ele recebido a ordem, não havia outro filho macho na sanzala que se pudesse encarregar disso e não ficaria bem ser uma menina a se ocupar constantemente do padre. Baltazar era prudente em relação às filhas. Embora com Matilde tivesse sido várias vezes desagradavelmente surpreendido. E nem sabia de tudo. No entanto, ao dar a ordem a Hermenegildo, notei alguma hesitação na voz de Baltazar. Como uma pergunta, será que estou a fazer bem? Eu conhecia o meu dono, sabia quando ele não

estava absolutamente seguro de alguma coisa que dizia. Por considerar Hermenegildo demasiado efeminado e o contacto com o padre poder aumentar o que ele considerava deficiência grave?

– Tomo conta dele, pai, se me pede. Mas o Ambrósio tem razão, o padre Tavares exagerou na dose.

Parece que o sacerdote gostou da substituição, pois via-o a conversar demoradamente com Hermenegildo e este ajudou-o também a celebrar a missa no domingo de manhã. Não me lembrava de ter assistido a uma missa na sanzala, desde que lá vivia. No tempo dos portugueses, íamos sempre assistir ao serviço religioso na cidade alta, na igreja de Nossa Senhora da Conceição. E no tempo dos holandeses, vamos à Ilha. Foi portanto uma novidade, recebida embora com diferentes reacções. Os habitantes do quintal consideravam o culto como uma festa, pena só não se dançar no fim. O altar foi improvisado em baixo da maior mangueira, o terreiro foi varrido e borrifado vezes sem conta. Os do quintal assistiam de pé, ao sol fraco de Junho, graças à névoa de cacimbo. Os das casas ficavam na sombra da segunda mangueira, sentados em bancos. Dimuka e a família também tinham direito à sombra, mas ele e os filhos permaneceram de pé, só a mulher trouxe um banquinho de casa. Se para os habitantes do quintal era uma festa, o mesmo não se passava com as meninas da casa. Estavam todas aborrecidas, pois a missa era o único pretexto para saírem da sanzala e passearem até à Ilha. Sobretudo Ana, a mais nova, não se consolava, queixava para a mãe, não gosto deste sacerdote, o padre Mateus é que sabe falar, com aquele bonito sotaque de italiano. Mas lá se fez a missa e no fim houve baptismo de todos os escravos que ainda não eram cristãos.

Na véspera o padre Tavares se dispôs a confessar quem o quisesse, mas só Hermenegildo, Catarina, Rosário e a mulher de Dimuka aceitaram. O sacerdote acabou por manifestar a sua desilusão a Hermenegildo, mas afinal só quatro pessoas quiseram ser absolvidas, magra colheita numa numerosa família católica. Hermenegildo, bem atrapalhado, procurou justificar os outros, é que estão habituados ao padre Mateus, se vão confessar à Ilha, o que não era totalmente verdade, Ambrósio e Baltazar nunca mais tinham

obedecido ao ritual, a mãe tinha logo dito, não me vou com fessar com tradutor, porque o padre não percebe kimbundu e eu não sei português, o que não era totalmente verdade, ela poderia falar português se o quisesse, fazia isso com o padre Mateus que falava kikongo e não kimbundo, e Matilde também deixara há muito de praticar essa obrigação, a última vez tinha sido para o casamento fracassado. Hermenegildo ficou na incómoda posição de mentir, já depois de ter sido perdoado de todos os pecados e comungou no dia seguinte em pecado, que se não era mortal por ter sido motivado pela piedade cristã de poupar o sacerdote a uma maior humilhação, era de todos os modos um pecado. Maldizia, não a sua fraqueza que o impedira de contar a dolorosa verdade, mas a presença do padre Tavares na sanzala.

Passou a maldizer ainda mais a incómoda presença, quando se apercebeu que afinal não era por acaso que o sacerdote lhe tocava distraidamente no corpo quando passeavam, ou segurava demoradamente a sua mão quando lhe falava dos desígnios de Deus. Pensava ser apenas amor paternal, normal num pastor perante uma sua ovelha dócil. Mas quando as carícias se tornaram insistentes e o padre lhe gabou a doçura dos olhos e o brilho da carapinha, e no hálito do homem sentiu um sopro quente de desejo, Hermenegildo fugiu e foi contar tudo a Ambrósio, a quem mais havia de ser? Eu estava por perto, vi o ar transtornado dele, adivinhei novidade, fiz crescer as orelhas até ao tamanho das de um elefante, captei a escandalosa estória.

Tinha sido perto da lagoa do Kinaxixi. O padre Tavares disse, vamos dar uma volta por ali, esticar as pernas, e ele aceitou. Sentaram numa sombra, ficaram a ver o panorama. As barrocas estavam a alguma distância para a direita e se via em frente o declive mais suave que ia dar até à cidade baixa. Contemplavam em silêncio uma parte da baía e a Ilha ao fundo, mergulhada em névoa pouco densa, que acinzentava o mar. Foi Hermenegildo que iniciou a conversa:

– Está há tantos anos aqui e ainda precisa de usar línguas para contactar com os negros? Nunca aprendeu a falar kimbundu?

– Aprendi latim, posso entender francês e italiano, idiomas civilizados. Não preciso de aprender línguas de bárbaros.

– Mas dão jeito para ensinar os mandamentos...

– Para isso servem os línguas, eles têm a indispensável formação religiosa. Alguns até chegam a professar.

Hermenegildo sabia de padres que tinham opinião contrária, falavam mesmo da utilidade de traduzir o catecismo e os evangelhos nos dialectos africanos. Uma inútil perda de tempo, consideraria o padre Tavares.

– Não tem medo de algum língua traduzir mal, de propósito ?

– Ora, não são tão espertos que consigam fazer traduções erradas sem que me aperceba. É uma questão de prática. Houve um que tentou, um rapazinho muito simpático, muito meigo. Mas pensou que podia se aproveitar da posição de intérprete para, em meu nome, pedir mais comida, quando ele sabia que eu nos kimbos só aceitava farinha de guerra e água. Apanhei-o na mentira provocada pela fome.

– Castigou-o?

– Claro. Chamei-o à parte, baixei-lhe as calças, obriguei-o a deitar sobre os meus joelhos e dei umas valentes palmadas no rabinho. Era um rabinho muito redondo, de pele delicada, foi um autêntico prazer bater até a minha mão arder. Ele chorava baixinho, muito dócil, muito meigo. Tive pena, até lhe fiz algumas festas no rabo inchado e dolorido. Remédio santo! Nunca mais me tentou enganar, sempre junto de mim, fazia tudo o que eu quisesse. Era filho de um soba importante da zona do Bengo e ajudou muito o trabalho de conversão nessa zona, que atacámos juntos com zelo cristão.

– E onde está hoje?

– Morreu pouco antes de receber as ordens. Teve um momento de loucura, só se pode explicar assim. Enforcou-se, dias antes de ser padre. Sofri bastante com a sua falta. Nunca mais tive um língua e sacristão tão bom como ele.

De facto, o padre Tavares mostrava uma profunda saudade na voz e no olhar. Não vi nem ouvi a fala dele, apenas a descrição de Hermenegildo. Mas dava para adivinhar que aquele moço marcou a vida do sacerdote. E talvez a sua morte o tenha marcado ainda

mais, acontece darmos valor a uma coisa apenas quando a perdemos.

– Mas não falemos de assuntos tristes. Estás aqui e és tão bonito como aquele meu língua e adivinho uma doçura ainda maior nos teus olhos.

O padre tinha a mão na coxa de Hermenegildo e começou a acariciá-la. O rapaz pensava no língua que morrera tão novo, antes de chegar a padre, coitado, e nem reparou na carícia. Mas o sacerdote passou o outro braço pelo ombro dele e sentiu no pescoço um sopro quente e desagradável. Sentiu então que a mão não parava de passar pela sua coxa, enquanto o homem dizia, tão bonito que tu és, tens um cabelo tão enroladinho e sedoso, aposto que tens um rabinho muito redondinho e quentinho...

O rapaz se apercebeu então das intenções do padre. Levantou num salto, dando um safanão que derrubou o outro na areia vermelha. Confuso e cheio de medo, se pôs a correr para a sanzala e só parou quando viu Ambrósio, a quem contou tudo, com soluços e exclamações à mistura.

O ar efeminado de Hermenegildo podia enganar todos, menos o irmão. Nem a mim, pois os dois sabíamos, Ambrósio e eu, que na barriga de Dolores crescia um filho dele. Dolores era uma escrava que coxeava, por ter uma perna dez centímetros mais curta que a outra, e ganhou esse nome porque, no tempo dos portugueses, habitava a cidade uma espanhola que caminhava da mesma maneira e se chamava Dolores. Dolores não tinha atributos físicos apreciáveis, além do andar extravagante, pois se mexia toda como uma cobra, num movimento ondulante desde os pés até à cabeça. Ajudava na limpeza da casa grande e numa necessidade premente Hermenegildo derrubou-a na esteira da cubata dela e engravidou-a. Jurava que o filho era dele, embora ela pudesse ter ido com outros homens, ninguém sabia. Já tinha discutido o assunto com o irmão e resolveram que não valia a pena avançar a notícia ao pai, era melhor deixar que a criança nascesse e depois se veria. Mal sabiam eles que a notícia daria a maior felicidade a Baltazar, que sempre se preocupava com os gestos aveludados do filho e o desprezava um pouco por pensar não ter interesse nas mulheres.

– O que me espanta é o padre Tavares ter pensado coisas sobre ti  
– disse depois Ambrósio. – Quando te confessaste, não lhe contaste da Dolores?

– Não, já me tinha confessado antes ao padre Mateus.

– Vês o que dá seres rato de sacristia? Confessar-se muitas vezes não é bom para a saúde... Repetir muito só é bom quando entornamos canecas e nos deitamos com mulheres, nunca confissões ou missas.

Ambrósio procurava brincar com o irmão, para este não se mortificar demasiado. Mas Hermenegildo nem reparava nas intenções do outro ou nem percebia a piada, todo concentrado na desgraça que lhe caíra em cima da cabeça.

– Sabia que havia homens que procuravam outros. Mas um padre...

– Ora, ora. Quantos padres há por aí com filhos? Até parece ser o mais usual. Era miúdo na altura, mais ainda me lembro de ter havido grandes escândalos e discussões em Luanda por os padres serem constantemente apanhados com mulheres. E houve mesmo um governador que escreveu um relatório violento ao rei, na altura era o tempo dos Filipes de Espanha. Acusava que a maior parte dos padres não tinham condição moral de exercer o sacerdócio e que muitos vinham de Portugal por terem sido condenados por crimes, não serviam para lá e eram desterrados, porque aqui era terra de fartar vilanagem. Este não é diferente dos outros. E como és muito bonito, não sou eu que digo, são as mulheres, parecido com Jesus Cristo, e és todo macio nos gestos, pronto, o tipo confundiu-te com uma escrava, subiu-lhe cá uma tesão...

– Merda, estás a gozar.

– Pois estou. É o que tu mereces, que te goze. Porque lhe devias ter dado logo uma patada bem forte, ele não ia queixar a ninguém, com medo que explicasses por que lhe tinhas dado a patada. O grande guerreiro de Cristo levava a bofetada e engolia em seco, não puxava pela espada. Pelos vistos ele só sabe puxar por uma espada...

Desta vez Hermenegildo não resistiu ao riso. E até eu queria deitar uma boa gargalhada. Se pudesse.

– Mas diz, Ambrósio. Devo contar ao pai? Por um lado ele precisava conhecer o traste que o governador lhe mandou. Mas por outro... tenho vergonha. E talvez ainda vá piorar mais a situação. Se é perigoso, como adivinha a Matilde...

Ambrósio ficou um bom tempo a reflectir. Os dois irmãos estavam sentados debaixo da mangueira pequena, suficientemente afastados para que ninguém os ouvisse da casa grande mas bastante perto para que eu os ouvisse da varanda. Viram entretanto o padre Tavares aparecer no portão da sanzala, vindo dos lados do Kinaxixi. Ele entrou, olhou fugazmente para os dois irmãos e virou para a direita, em direcção da casa de Nicolau e Ambrósio, onde estava hospedado. Foi então que o último falou.

– Não fazes nada, não dizes nada ao pai, deixa correr. Vais fazer o mesmo que sempre. O padre vai te chamar, explicar qualquer coisa, talvez pedir desculpa, que não era sua intenção, etc., etc. Tu aceitas tudo. Como se não tivesse sido importante. Pode ser que ele se decida a ir embora, com medo que abras a boca. Se não se decidir a partir, então vamos ajudá-lo. Ele vai tentar outra vez umas carícias e umas falas meigas. E tu deixas que ele faça os avanços. Depois dizes-lhe que ou ele desaparece imediatamente de Luanda, ou vais contar tudo ao pai e ao director holandês. Não há pior coisa para um padre que ser queixado ao director holandês, tenho a certeza. Aí nos vemos livres dele para sempre.

– Não se procurará vingar?

– Duvido. Por muito rancoroso que seja. Vai ter medo que reveles o sucedido.

– E vou ter ainda que o encarar? Até me dá um nó na barriga.

– Não tens outro remédio. Mas para ganhares coragem de o aturar, imagina que ele é a Dolores com aquele andar de cobra.

– Sacana! – e atirou areia vermelha para a cabeça de Ambrósio, o qual, apesar de se desviar, ainda ficou enfarinhado.

Fiquei a sonhar como era bom ter um irmão mais velho, inteligente e com muitos estudos, que nos possa aconselhar de forma sensata e substituir o pai. Herrnenegildo tinha mesmo sorte por encontrar sempre Ambrósio disponível. Pois não só evitava o constrangimento de ter de contar coisas desagradáveis para serem

ditas a um pai, como armara uma ratoeira capaz de acabar com o clima de desconfiança que agora reinava na sanzala. Até Dimuka, sempre tão servil, suspirava para ver o padre abandonar a sanzala. Porque, quando a mulher foi à confissão, ouviu tremendo sermão e ameaças por causa do ídolo que tinha sido encontrado em casa deles e não ardia. A resistência da madeira era devida, segundo o padre Tavares, a uma doença terrível de que Dimuka sofria sem saber, pois nada sentia, e era transmitida à mulher pelo acto sexual. Se ela apanhasse a doença, morreria com sofrimentos tão grandes como o fogo do inferno, portanto ela nunca mais devia aceitar o marido na cama. Tão aterrorizada ficou que desde domingo fugia do contacto com o corpo de Dimuka e lhe disse, depois de muita insistência, foi o padre que avisou, não devo mais te deixar brincar comigo, mas não entrou em mais detalhes. Isto contou Dimuka, furioso, a Ambrósio, a quem havia de ser?

No entanto, Ambrósio se enganou ao prever que o padre Tavares ia pedir desculpas ou dizer que tinha sido um mal-entendido. Ignorou Hermenegildo durante todo o dia. No seguinte, foi ter com ele e naturalmente pediu-lhe para o acompanhar à Ilha, pois queria falar com o padre Mateus. Foram. O que os dois sacerdotes conversaram é impossível saber, pois Hermenegildo deixou-os sozinhos para visitar Rodrigo e se inteirar do novo filho que vinha a caminho. Não contou a conversa eclesiástica a Ambrósio e não posso especular sobre ela, porque me faltam conhecimentos teológicos.

No regresso, pediu para entrarem na igreja do Corpo Santo, na cidade baixa, perto da bodega do Pinheiro, um antro de vício, aproveitou dizer o padre na passagem, nem olhes para lá, basta olhares para pecares. Hermenegildo admirou, como podia o outro saber que aquilo era uma bodega, se não existia antes dos flamengos e o padre ainda não tinha passado ali? Depois percebeu, era o único sítio onde havia aglomeração à porta, embora ainda fosse de manhã e se ouviam gritos e gargalhadas. O rapaz estava um pouco assustado com o que podia acontecer, pois muitos mafulos olhavam com estranheza para o vulto negro que caminhava a seu lado. Bem sugerira ir com roupa civil, mas o sacerdote era um

verdadeiro guer reiro de Cristo, não largava a coçada e sebenta batina por reles questões de segurança. Passaram pela bodega sem problemas e atravessaram o largo de terra batida para entrar na igreja.

– Sacrilégio, sacrilégio! – bramou o padre Tavares.

De facto a igreja estava num nojo. Todos os clientes da bodega iam lá fazer as suas necessidades maiores, pois mijavam o vinho mesmo ao lado da bodega. Durante uns tempos ainda teve restos de bancos e armários, mas agora já não tinha nada, porque a madeira fora aproveitada para as fogueiras. O padre Tavares subiu a escada que dava acesso ao púlpito lateral e ficou lá em cima largos instantes, olhando para baixo, talvez a recordar os tempos em que frequentara o templo. Raras vezes por certo, pois exercera sempre o sacerdócio no mato, entre o Bengo e a Kilunda, mais tarde em Massangano. Desceu, suspirando, está tudo um nojo, vamos subir ao campanário para ver se ainda existe sino. A escada era ao lado da sacristia. Subiram à torre e se espantaram com o estado dela. Parecia intacta, até mesmo as cordas de fazer repicar o sino, excepção feita do pó de muitos anos sem limpeza. Se houvesse crianças na cidade, a torre não estaria tão bem, pensou Hermenegildo. A população continuava a ser de adultos, pois os mafulos não traziam família e os escravos ficavam na cidade apenas o tempo de embarcarem. A Ilha, sim, estava cheia de crianças, que brincavam na praia e se viam do campanário.

– Agora nós, senhor Hermenegildo – disse de repente o padre Tavares.

Hermenegildo sentiu o coração parar, porque a voz continha ameaças. Estava encostado à parede, muito próximo do padre, dada a falta de espaço. Se virou para ele, tentando parecer calmo e pronto na defesa.

– Estamos na casa do Senhor, mesmo o campanário é terreno sagrado. Local muito apropriado para te dizer da minha mágoa por causa do teu comportamento ontem. Quase me agrediste e fugiste como um criminoso. Toda a noite não dormi a tentar perceber porquê.

O padre ficou em silêncio, à espera de uma justificação. Sou eu que tenho de falar, se perguntou o rapaz. Não estava a contar com aquilo, pensava que o outro se desculparia de uma maneira qualquer. Afinal ele é que tinha de se explicar? E não tinha mesmo nada para dizer. Resolveu ficar também em silêncio, à espera.

– Não respondes?

Hermenegildo estava mesmo contra a parede. Tentou pensar no que faria Ambrósio. Passaria ao ataque certamente, mas Hermenegildo não era agressivo, gostava de se dar bem com toda a gente.

– Não tenho nada para responder, padre.

– Empurraste-me sem motivo, deixaste-me ficar sozinho no Kinaxixi e não tens nada para responder? Estava pronto a perdoar-te, mas já vi que és um estouvado. Tens de ser castigado.

Hermenegildo olhava para todos os lados, procurando uma saída. Desta vez não podia empurrar o padre e alcançar a escada. Não podia fugir, não devia fugir. Tentava apenas recordar o que lhe dissera Ambrósio. Mas esta situação não tinha sido prevista, se encontrava sem defesas.

– Os jovens estouvados só aprendem de uma maneira. Baixa as calças que te vou dar uns açoites.

O padre afastou com os pés a corda, arranjando espaço para se sentar. Hermenegildo seria obrigado a se deitar por cima dos joelhos dele, para apanhar os açoites redentores? Só que finalmente o rapaz se decidiu a seguir o conselho do irmão. Encheu o peito de ar, olhou o sacerdote de frente e replicou, tentando controlar a voz, para não sair demasiado aflautada. Inútil, ela saiu suave, embora as palavras o não fossem.

– Não vai dar açoite nenhum. E aconselho-o a sair imediatamente da cidade. Já falei com o meu irmão Ambrósio. E amanhã de manhã falarei com o meu pai para ele me acompanhar ao gabinete do director Redinckove, onde vou apresentar queixa contra o senhor. E lhes vou contar tudo o que se passou ontem. Não sou eu que tenho de dar explicações nem ser castigado, é o senhor, padre. No entanto, se amanhã cedo partir de Luanda, isto fica só entre o

senhor, o meu irmão e eu. Prefiro evitar um escândalo, para defender a nossa religião. Agora escolha.

O padre, segundo contou depois Hermenegildo ao irmão, estava convencido de o ter na mão, incapaz de protestar ou se rebelar. Ficou lívido. Até perdeu a cor esverdeada da bílis, ficou mesmo branco como um cazumbi. Mas não perdeu a agressividade de guerreiro, pois perguntou:

– Também tu deixaste de ser um bom católico? Viraste herege como o teu irmão?

Hermenegildo tinha perdido o medo, apenas sentia fúria. Que se não manifestava na maneira de falar, sempre no mesmo tom cordato.

– O meu irmão não é herege. Nem nenhum membro da minha família. E aconselho-o a esquecer a minha família, que é católica praticante e muito mais temente a Deus que você. Se tentar fazer mal a um meu parente, pode ter a certeza que vou contar tudo. Mais. Vou falar do seu língua que se suicidou e porquê. Porque estava quase a ser padre e sentia que havia uma contradição entre os votos que ia receber e a prática a que o senhor o obrigava com os seus vícios depravados. As autoridades do Santo Ofício vão gostar de saber.

Deu dois passos a caminho da escada e o padre não procurou impedi-lo. Com um pé no primeiro degrau, Hermenegildo rematou a sua vitória.

– Amanhã tem de deixar a cidade. E esqueça que existe uma família Van Dum, para seu bem.

Desceu as escadas de peito livre e quase correu para a sanzala, a anunciar a Ambrósio que o padre Tavares abandonaria definitivamente Luanda amanhã.

# CAPÍTULO SÉTIMO

*(Novembro de 1645)*

«Haverá também necessidade dum pessoa competente para estabelecer o comércio. Essa pessoa deve ser investida dum autoridade não inferior à dos próprios directores (...) Recomendo pois a minha pessoa à benevolência de S. Exc. (Conde de Nassau) e do Conselho. Ouso estimar-me um dos mais experimentados nestas regiões, onde trabalho já há doze anos.»

Cornelis Ouman ao Conselho do Brasil,  
Luanda, 12/Janeiro/1642, Arquivos da Haia,  
O.W.I.C., fólho 57

Muito tinha pedido D. Agostinho Corte Real, governador da Ilha de Luanda. Muito tinha pedido D. Garcia II, rei do Kongo. Várias cartas e petições tinha escrito o principal interessado, quer para os Dezanove quer para Maurício de Nassau. Até Jinga tinha mandado dizer aos accionistas da Companhia das Índias Ocidentais que veria a decisão com agrado. E finalmente as rezas amigas do Mani-Luanda resultaram: o *Diemen* cortava as calmas águas da baía, trazendo o seu proprietário de novo para altas funções em Angola. Cornelis Hendricks Ouman vinha assumir o cargo de segundo director da quase falida Companhia. Os mafulos estavam todos junto do cais à espera dele, numa manhã luminosa de Novembro. Nós também.

O mujimbo tinha chegado antes, trazido por um barco proveniente do Brasil. Ouman vinha no seu próprio veleiro, também do Recife, para tomar posse em Luanda do lugar deixado vago por Hans Molt. Por isso, quando o *Diemen* foi avistado a entrar na baía, a notícia

correu pelas ruas da cidade e trouxe os flamengos para o cais, uns que já conheciam o novo director do tempo em que estivera como chefe do comércio em Luanda, os outros por curiosidade de ver se a cara correspondia ao cargo que ia desempenhar. Era o meu caso, pois certamente com ele cruzara várias vezes, mas nunca tinha ligado o nome à fisionomia. Ouman tinha chegado pela primeira vez a Luanda pouco depois da tomada pelos holandeses, pois teve a notícia da conquista no seu entreposto do Loango e desceu logo para sul, no seu segundo veleiro *Diemen*, pois o primeiro tinha sido afundado pelos portu gueses ao largo do Soyo. Nessa altura não estávamos na cidade. Foi de seguida com D. Agostinho Corte Real ao Kongo, para levar as melhores recomendações da Companhia das Índias Ocidentais ao rei e negociar um tratado de amizade. Daí voltou para o Loango e D. Agostinho para Luanda. Meses depois, já nós estávamos de novo na cidade, ele regressou para organizar o comércio, mas pouco fez nos meses que aqui passou, porque o tráfico estava todo nas mãos dos portugueses e estes se refugiavam em Massangano e Cambambe, ou dispersos pelos arimos do Bengo. Voltou ao Kongo, a chamado do rei, e de lá partiu para a Holanda, levando dois embaixadores, os quais fizeram sensação em Amesterdão e Haia durante os primeiros tempos. Só durante a fase inicial, graças à novidade, porque rapidamente os Dezanove se cansaram deles e deram ordens aos directores, embaixadores desses nunca mais, só trazem complicações a se queixarem constantemente do frio, a quererem mulheres que os não aceitam, a suspirarem de saudades do sol e da comida ajindungada da terra perdida, a manipularem as mercadorias expostas com aquelas mãos pretas, o que afasta a clientela e prejudica o comércio. São amigos que apreciamos, mas cada qual no seu sítio, nada de misturas a não ser as que surgem por nossa iniciativa e na terra deles, diziam os Dezanove nas suas instruções, enviadas no tempo de Hans Molt. Ouman vinha agora certamente confirmar as ordens e ia contar detalhes do comportamento dos embaixadores congolezes que tanto tinham molestado os flamengos. Talvez por o novo director ter estado pouco tempo em Luanda, não me lembrava dele e esperava com ansiedade o desembarque para conferir a cara. O que não

acontecendo evidentemente com D. Agostinho Corte Real, seu grande amigo, todo nervoso com a espera, quase incapaz de conversar com os outros.

Estavam numa roda de conhecidos, entre os quais o major Gerrit e o Mani-Luanda, mas também François de Savigny, o capitão Simon Dots e o meu dono, à porta da taberna do Pinheiro. Se anunciava a chegada do director Redinckove, mas só quando o barco parasse para lançar o primeiro escaler. Entretanto, Redinckove estava no seu gabinete na cidade alta aguardando o momento de montar a cavalo. Só tinha de descer a Calçada dos Enforcados, chegaria ao cais antes do escaler tocar a praia. Nesta se perfilava uma companhia de soldados, prontos para a guarda de honra. Soube mais tarde ser tudo o que puderam arranjar para receber o novo director com honras militares, pois o resto dos soldados estava doente com as febres, excepto uns poucos que ficavam de atalaia na guarnição da foz do Kuanza. Os mafulos estavam de facto com as forças reduzidas ao mínimo, o clima era o pior inimigo deles.

– Que trará o barco que acompanha o *Diemenl* – perguntou Simon Dots.

– Tem todo o aspecto de ser uma nau de guerra bem equipada – disse Savigny. – Deve vir com reforços.

– Bem precisamos – disse o major. – Estamos mesmo nas últimas e não é segredo para ninguém. Felizmente o reforço dos portugueses é menor do que eles nos fizeram crer no princípio. Se fossem os mil e duzentos homens que o novo governador fez constar, estávamos já no mar.

– Mas foi o Sottomayor que fez constar que eram mil e duzentos homens? – perguntou D. Agostinho.

– Temos hoje a certeza. Ele enviou uma carta para o senhor Fernandes de Pinda, através de um patacho holandês, sabendo perfeitamente que a íamos ler. E dizia que vinha à cabeça de grande força militar, etc., etc. Tudo para que a nossa pequena guarnição do Kuanza os deixasse passar sem procurar interferir. É esperto o novo governador. E muito senhor do seu nariz.

Falavam de Francisco de Sottomayor, o governador que substituíra Pedro César de Menezes, mandado regressar a Portugal pelo rei D.

João IV. Sottomayor chegou em fins de Junho com o seu reforço, depois da morte de Domingos Lopes de Sequeira na mão dos jagas da Kissama. O novo governador conseguiu encontrar os sobreviventes, comandados por António Teixeira de Mendonça, no porto do Quicombo. A estes juntou mais uns tantos moradores de Benguela que mandou abandonar a cidade, perfazendo assim um exército de cerca de quatrocentos homens. Por um escravo escreveu ao governador Pedro César, em Massangano, pedindo para organizar uma caravana que o ajudasse a transportar as armas e munições desde a costa até à fortaleza. O ainda governador Menezes enviou um padre num barco ligeiro, os únicos que faziam a rota do Kuanza. O sacerdote levava a Sottomayor os conselhos de quem conhecia a terra e a situação. O padre explicou, o melhor era a esquadra subir um pouco para norte e desembarcar no cabo Ledo, ou entre este e o Kuanza, sendo mais fácil embrenhar-se aí pelo mato até Massangano. No cabo Ledo estariam carregadores e pisteiros para ajudarem no transporte. Quando chegou a armada ao local indicado, não estava ninguém à sua espera. E cedo constatou o Sottomayor que não havia água na região nem segurança. Começou logo ali a desconfiar de tentativas de sabotagem da sua missão. A experiência de Domingos Lopes de Sequeira estava ainda muito fresca nas memórias e ninguém queria se aventurar a terra. Resolveu pois Sottomayor avançar ainda mais para norte, muito perto do rio Kuanza. Esta era a entrada natural para Massangano, mas na margem norte da foz existia a pequena fortaleza holandesa que poderia disparar contra os barcos. De qualquer modo seria necessário desembarcar todo o material e ou transbordá-lo para os pequenos veleiros ou levá-lo a pé, pois as caravelas e as naus não podiam subir o Kuanza. A armada ficou a pairar numa pequena baía a sul do Kuanza, chamada Suto, esperando o contacto com os de Massangano. Os portugueses acabaram por formar um arraial na praia, de onde iam recolher água doce perto do rio. Com estes reconhecimentos e hesitações, talvez sabotagens, já Outubro chegara.

Apareceu entretanto um patacho holandês que se dirigiu afoitamente para a armada, perguntando o que faziam ali tantos

barcos e tão grandes. Foi dada a explicação que eram reforços para Massangano. Sottomayor teve então a inspiração de pedir aos do patacho que levassem uma carta para Fernandes de Pinda, em Luanda. E os do patacho disseram que iam para Benguela e só depois voltariam a Luanda, ao que o novo governador disse não faz mal, não é urgente, e lhes entregou a carta onde dizia estar à cabeça de um exército de mil e duzentos homens que marcharia para Massangano. Os do patacho fingiram seguir para Benguela mas logo deram meia volta e entraram em Luanda a entregar a carta ao director Redinckove.

Foi o quase pânico. Os reforços portugueses eram uma força impressionante, em comparação com os menos de trezentos homens que nesse momento serviam sob a bandeira holandesa, muitos dos quais inutilizados pelo paludismo. Foi o major Gerrit que sugeriu a Redinckove, temos de protestar muito firmemente, mostrar que não nos atemorizamos. Assim, o patacho regressou ao ponto onde se encontrava a esquadra portuguesa, com um firme protesto de Redinckove por ter desembarcado clandestinamente em território que ficava entre possessões holandesas. Que os amigos, quando chegam a casa alheia, se apresentam ao dono, não agem como espias camuflados. Que os mafulos não queriam fazer a guerra, mas se os portugueses não abandonassem imediatamente a costa, não haveria outra solução, pois o desembarque era um rompimento do tratado de paz. Era Sottomayor muito belicoso, pelo que fui apurando. Inchou de raiva com o protesto flamengo e respondeu pela mesma medida. Que vinha substituir Pedro César como governador e trazia reforços para consolidar a potência portuguesa face aos canibais de Jinga e outros, o que era seu direito. Que desembarcara na região da fortaleza da Muxima, propriedade portuguesa na margem sul do Kuanza, e não entre possessões holandesas. Que não vinha atacar os holandeses, mas se estes insistissem nas suas birras, até que nem se importava nada de lhes dar uma valente surra, para vingar o traiçoeiro massacre do Gango. Fala que manteve a preocupação entre os mafulos de Luanda, os quais se sentiam pela primeira vez numa posição de nítida inferioridade.

O transporte começou então, pois já tinha voltado a aparecer o padre que servia de correio e com muitas desculpas pelo atraso e erradas informações sobre Cabo Ledo. Sottomayor primeiro lançou algumas invectivas pela falta de notícias e logros em que o fizeram cair, parecia mesmo que não queriam que ele chegasse a Massangano, talvez mais interessados em fazerem negócios com os flamengos do que defenderem as justas pretensões de el-rei de Portugal. O padre ouviu tudo de cabeça baixa, atitude muito própria de um humilde servo de Deus, que é castigado por falta não cometida e ainda agradece. Depois de afirmar a sua autoridade perante o representante do governo em despedida, Sottomayor avançou a pé, pela margem sul, com uma parte dos seus homens até em frente da ilha do Ensandeira, onde estava Pedro César. Nesse local Sottomayor tomou posse do cargo de governador. E logo fez um discurso a dizer que agora as coisas iam mudar, acabava a kazukuta de cada um pensar apenas nas suas negociatas e desrespeitar as ordens de sua majestade sereníssima D. João IV. Mandou os carregadores de Massangano até à costa, os quais, com patachos e outros barcos pequenos, levaram todo o material para a fortaleza, passando mesmo à frente do fortim holandês. Os soldados flamengos observaram aquele aparato todo, com canhões e bandeiras bem à vista, foram contando os soldados portugueses, confundiram soldados e carregadores, inflacionaram os números e só mandaram dizer para Luanda é muita gente e muita arma, estamos lixados. Com tambores a rufar e estandartes ao vento, Sottomayor indicava aos mafulos que não vinha para brincar, o seu brio e o nome ilustre da sua família não lho permitiam, mas para pelejar, como se devia a um verdadeiro fidalgo do rei de Portugal. Pelos vistos, os flamengos, tornados fracos e tímidos pelos males do paludismo, acreditaram mesmo nas farroncas.

O ânimo combativo do novo governador se revelou também numa estória que passou nessa altura, mas que só conhecemos depois. Pedro César tinha descido para a ilha do Ensandeira à espera do seu substituto, com todas as suas riquezas de que nunca mais se separou. No acto de posse, pediu ao novo governador que lhe reservasse lugar num dos navios para viajar até o Brasil. Sottomayor

Ihe disse, tem a nau capitânia inteiramente à sua disposição, são honras que lhe são devidas pelo alto cargo que ocupou. Pedro César rogou então que, na sua qualidade de novo governador, fizesse um ofício aos holandeses a pedir autorização para que ele, o Menezes, fizesse descer pelo Kuanza um patacho com os seus pertences. Logo Sottomayor ficou nervoso e contrariou, não peço absolutamente nada aos holandeses, não me rebaixo perante eles, se quiser peça o senhor. No entanto já lhe vou dizendo, se eu fosse um ex-governador de Angola, descia o Kuanza com tudo o que é meu, sem autorização nenhuma e nem sequer lhes fazia um aceno de adeus. Neste momento estão demasiado assustados para impedirem a navegação no rio, somos já os senhores do Kuanza. E isto é só o começo do meu governo neste reino de Angola. Dizem as más línguas que o humilhado Menezes lá desceu o rio sem autorização, a rezar devotamente, suplicando o milagre que permitisse passar incólumes todas as suas riquezas, que davam para encher um patacho de fazendas e prata. Mas todos sabemos, a língua desta gente faz crescer as riquezas dos outros, sobretudo dos que ocupam ou ocuparam cargos públicos, pois como já dizia a minha falecida mãe, a inveja é dos homens como Cristo é dos céus.

– Esse novo governador vai causar problemas então – disse D. Agostinho.

– É muito diferente do Menezes – concordou o major. – Este era cordato, queria a paz e o comércio, pelo menos nos últimos tempos. Acabámos por ficar amigos e ele não nos desiludiu. Quando retomou o governo em Massangano permitiu a troca de produtos entre a costa e o interior sem barreiras. Ficámos melhor nós e ficaram também melhor os portugueses. Este parece ser o contrário. Cheio de arrogância, pelo menos assim o disse quem contactou com ele, o tenente Diwitte, que foi no patacho apresentar os protestos do Redinckove. Ferve em pouca água, anda muito direito, de cara fechada e roupas totalmente negras, até parece um conquistador espanhol. E esses bem os conhecemos, que sempre os temos amargado na Flandres.

– Mas como se sabe que os reforços dos portugueses não são tão importantes como pensávamos? – perguntou Savigny.

O major sorriu. Fez um gesto vago, olhou o escaler que era nesse momento arriado para a água. Em breve atirariam a escada de corda e começariam a descer o director Ouman e os acompanhantes

– Permita-me que guarde as minhas fontes de informação, capitão. Os soldados do fortim do Kuanza estavam tão impressionados que até confundiram mulheres e crianças com soldados. É verdade. O Sottomayor deu ordens aos portugueses de Benguela para saírem da cidade e se juntarem às tropas que trouxe do Brasil. Algumas famílias abandonaram Benguela e depois passaram nas lanchas à frente dos nossos tropas que nem os souberam distinguir de verdadeiros soldados. As minhas informações indicam um reforço de quatrocentos homens válidos.

– O que não deixa de ser importante – disse Baltazar.

– Sim. Mas não são suficientes para tentarem atacar Luanda. Podem complicar muito a nossa vida, se resolverem cercar a cidade, isso é claro.

O meu dono estava estranhamente calmo. Ou não foi ele a fonte das informações ou tinha a certeza absoluta que o major nunca divulgaria a origem do mujimbo. Nem sei como poderia ser ele. Na última conversa com o senhor Fernandes de Pinda nunca o número de soldados veio à baila, tenho certeza. E ninguém tinha chegado ultimamente de Massangano, embora esperássemos a qualquer momento o Nicolau, já nessa região há muito tempo. Embora por vezes me tenha conseguido enganar e esconder factos, acho que desta feita o meu dono está completamente fora dos conhecimentos que chegaram aos ouvidos do major. O que deve frustrar um pouco Baltazar, se o conheço bem, ele adora espionar. O que é um vício tão inocente como outro qualquer, eu também não estou totalmente imune a essas tentações, embora nunca divulgue as descobertas que vou fazendo ao longo da vida.

Entretanto, um sussurro de expectativa percorreu as pessoas que aguardavam no cais, porque alguns dignitários desceram para o batel arreado ao lado do veleiro. O *Diemen* tinha o mesmo nome, mas era um barco diferente do que tinha trazido Ouman da primeira vez a Angola. Vim a saber mais tarde que já era o terceiro de mesmo nome, uma espécie de feitiço. Apesar de os dois primeiros

terem sido destruídos ou pelo mar ou pelos homens, Ouman achava dar sorte pôr sempre o nome *Diemen* aos seus barcos. Talvez também porque sabia que irritava os burocratas da Companhia das Índias Ocidentais um funcionário ser proprietário de um barco aparentemente eterno e se deslocar sempre nele, sem ter de esperar boleia.

– Aí vêm – disse Simon Dots. – E não tardará o director Redinckove.

– O Redinckove tem um vigia no alto da barroca, com uma luneta – confidenciou o major, com um sorriso condescendente. – Logo que vir as pessoas baixarem para o escaler, o vigia deve avisar o Redinckove. E este sobe para o cavalo. De forma que chega aqui um ou dois minutos antes de o Ouman pisar o cais. Tudo muito bem planeado para fazer o maior efeito. O nosso amigo gosta muito destas coisas. E o certo é que impressiona as pessoas, acham que tudo fica muito bem organizado, não há perdas de tempo, o director trabalha no gabinete até ao último minuto, é de uma eficácia impressionante, a Companhia poupa dinheiro.

– Isso é o mais importante, é realmente a única coisa que conta, para a Companhia poupar nas contas morremos nós – disse Savigny. – Mas o meu major também só deveria vir nesta altura, junto com o director. Melhorava o espectáculo.

– Devo confessar que sim – admitiu o major, sempre com o sorriso. – Mas nesse caso todos os oficiais superiores deviam vir comigo. Então é que era uma comitiva lustrosa. Mas o capitão sabe, prefiro vir antes e ficar a conversar com os amigos, observando as pessoas, a respirar o ar do mar. Não gosto de formalismos.

– Também o Redinckove não gosta – disse o meu dono.

– Mas ele acha que os deve observar em certos momentos, para glória da majestática Companhia das Índias Ocidentais – disse o major. – E deve ter razão, faz sempre um belo efeito.

De facto, no momento em que o escaler encostou no cais, disparou na praça o cavalo de Redinckove, acompanhado de dois soldados, provocando sensação nos espectadores. E quando o novo director Cornelis Ouman saltou para o molhe de madeira, à sua frente estava o sorridente Redinckove, ao lado do major e de todos

os oficiais importantes. Um pouco ao lado, mas em lugar de destaque, se encontrava o Mani-Luanda. O recém-chegado cumprimentou formalmente Redinckove e antes que fizesse qualquer gesto em relação a outra pessoa presente, deu três passos para o lado e saudou efusivamente D. Agostinho Corte Real, em kikongo impecável, que grande prazer em ver o meu amigo em perfeita saúde. Era uma deferência merecida, pois além de serem conhecidos de longa data, Ouman não ignorava que a persistência do Mani-Luanda e do seu rei tinham de facto convencido os Dezanove a promoverem-no ao tão ambicionado posto. Tinha dívida de gratidão, todos sabíamos. E se havia mafulo que tinha obrigação de conhecer os costumes da terra, esse alguém era Ouman. Devia mostrar publicamente o quanto estava reconhecido a D. Agostinho e quanto o apreciava, assim os negócios correriam ainda melhor. Os brancos, de que nação sejam, querem apenas ganhar dinheiro, enquanto nós não nos interessamos pelo dinheiro e queremos apenas ser reconhecidos, respeitados e ganhar presentes. Daí que seja muito fácil fazer negócios connosco, basta nos sorrir e dizer meu amigo, enquanto nos passam para as mãos um pano, um punhado de sal, ou um fio de missangas. Ouman era um óptimo negociante, já se estava a ver.

E acabei mesmo por lhe reconhecer a cara, claro que várias vezes o meu dono falara com ele, naquela altura em que um e outro tentavam refazer os negócios que existiam antes da ocupação da cidade. Na época eu tinha reparado, e isso era mais do que suficiente para nunca o esquecer, o mafulo falava português. Isto ficou evidente quando se cumprimentaram no cais, depois de terem desfilado os oficiais, os dois *predikant* e os altos funcionários da Companhia. O meu dono foi o primeiro comerciante na fila das saudações ao novo director, o que mostrava a sua importância na hierarquia da cidade. Só depois vieram outros flamengos e no fim da bicha o senhor Fernandes de Pinda, o qual agora era apenas negociante e já não agente do governador, como no tempo de Pedro César de Menezes.

Depois dos cumprimentos aos notáveis da terra, o director Redinckove conduziu o novo colega para a praça, onde o regimento

apresentou armas. Uma companhia de infantaria um pouco sonolenta, sonhando com uma boa sombra e água fresca, mas precisa nos movimentos. E depois os directores foram para junto da liteira, com carregadores luxuosamente vestidos de brocado azul. Estariam os escravos orgulhosos do seu traje de gala? Não me parecia, suavam horrivelmente, manchando o azul celeste dos tecidos. Mas Ouman recusou a liteira, pediu um cavalo. Um oficial lhe passou o seu. Os dois directores montaram e seguiram para a Calçada dos Enforcados, seguidos por muita gente a pé. Algumas pessoas ainda ficaram a ver o desembarque dos reforços militares. Decididamente, estava terminada a época em que os directores se faziam transportar nas tipóias e liteiras. Agora era o tempo dos directores a cavalo, como soldados. Profecia dos tempos a vir? Só talvez a bela Matilde o soubesse.

Mas ela nesse momento não estava para profecias, toda entretida em ouvir as notícias trazidas pelo Nicolau. Matilde, a mãe e os irmãos apreciavam da varanda a animação incomum que reinava no quintal, por causa da grande caravana de escravos chegada do interior. Primeiro foram os mujimbos sobre Gertrudes e família, depois sobre os perigos e cansaços da viagem, em seguida sobre as ocorrências de Massangano. Estava o filho mais velho dos Van Dum nesta parte da narrativa quando nós chegámos, vindos do porto. Baltazar trocou cumprimentos calorosos com Nicolau, o qual foi logo lhe mostrar as mercadorias que trazia do mato, interrompendo a crónica de Massangano. Que pena, agora que estava a contar como o governador Sottomayor entrou triunfalmente na fortaleza, queixou a bela Matilde. O meu dono ainda percebeu a queixa, fez um gesto com a mão, mais tarde, mais tarde, e foi observar os escravos, enquanto Nicolau lhe ia dando todas as explicações. Pela primeira vez era uma grande caravana e composta de peças de boa qualidade, gente da minha nação mbundo, da Matamba, de Ambaka e do sul do Kuanza, até das matas impenetráveis de Sautar. Nomes mágicos de territórios que me aqueciam a alma de desterrado.

– Amanhã vamos vendê-los à Companhia – disse Baltazar. – Não há espaço no quintal para mais ninguém. E os mbundo são os escravos mais procurados e valiosos, porque resistem melhor,

trabalham bem, aprendem depressa. Mas são também os mais revoltados. É de toda a conveniência desembaraçarmo-nos deles rapidamente. Não tiveste problemas no caminho?

– Como sempre. Tentaram uma fuga, apesar de virem sempre amarrados. Tive de mandar cortar a cabeça de um, o mais velho de todos, para exemplo. E chibatar uma boa dezena. Acalmaram então.

Os escravos estavam no centro do terreiro, sentados ao sol, rodeados pelos guardas armados de arcabuzes. A maior parte eram homens novos, mas havia também mulheres e algumas crianças. As distâncias percorridas não tinham sido demasiado grandes, ou então foram feitas por etapas espaçadas, por isso aparentavam bom aspecto físico, o que visivelmente agradou a Baltazar. Os homens estavam todos amarrados em grupos de cinco, o que impedia as fugas. Alguns tinham grilhetas nos pés. Foram, segundo explicação de Nicolau, os mais activos na tentativa de fuga. Um rapaz estava solto e ia de grupo em grupo com cabaças de água. Era um jovem mais alto e forte que o comum e sorria enquanto estendia a cabaça para os outros.

– Esse não está amarrado?

– Não, pai, não é preciso. Soltei-o logo no princípio da caminhada. É muito esperto e tranquilo, quase virou meu filho. Ajudou sempre bastante a tratar dos outros. Queria propor ao pai que não o vendesse, dá para ficar connosco aqui na sanzala, a substituir o Mufolo que foi com o Benvindo para Benguela. Numa próxima ida ao interior, pensava levá-lo comigo, pois fala muitas línguas para além do kimbundo e pode ajudar nos negócios. O nome dele é Thor.

– Thor? Raio de nome. Parece mais do norte da Europa. Até acho que há um deus ou herói que se chama assim na Escandinávia.

– O Thor é do sul. Foi apanhado pelos jagas da Kissama bem lá para baixo, numa terra que chamam Hako ou Wako. E foi vendido caro, pois diziam que é filho de rei. Logo vi que valia o preço, aceitei. Até agora não estou arrependido.

– Mas se é lá do sul, como fala kimbundo?

– Aprendeu com os jagas. A língua dele também não deve ser muito diferente. Contou que na terra dele há muita gente, muita, e que nunca tinha visto homens brancos. Se não fosse preciso

atravessar a Kissama com os seus terríveis jagas, era um território a explorar, as peças são certamente mais baratas e de boa qualidade, a julgar pelo exemplar que temos. Mas ainda vou falar bem com o Thor, deve haver um caminho por dentro, sem se passar pela Kissama.

– Os chefes da Kissama estão em bons termos com os holandeses, já é possível atravessá-la, pelo menos nós. Os portugueses é que não podem, são dizimados sempre que põem o pé fora de Muxima, ou se passam de Massangano para o outro lado do rio. Os Kissamas têm uma aliança com Jinga, como sabes. E houve contactos bem sucedidos com os holandeses. Vamos pensar nesse assunto, talvez valha a pena derivar mais para o sul. Porque a Jinga é sempre um problema, nunca se sabe como aprecia o tráfico. Ao passo que os jagas até vendem a mãe.

Nicolau assentiu com a cabeça. É claro que duvidei um pouco da afirmação sobre a falta de amor filial dos jagas, mas os brancos têm a mania de ver o diabo nesses guerreiros. No terreiro havia cerca de oitenta homens. As mulheres eram dezanove. No meio delas, uma rapariga muito bonita e de cara amuada chamou a atenção de Baltazar. Ele apontou com o cabo do chicote de montar que ainda tinha na mão.

– Separa aquela ali.

Nicolau sorriu. Os olhos luziam, quando disse:

– Sabia que o pai ia reparar nela. Bonita, mas muito complicada. Tem mau feitio, até pensei em a pôr nas cordas. Depois o Thor disse não é preciso, tomo conta dela, e de facto acalmou um pouco.

– Porquê a quiseste pôr nas cordas?

O filho olhou para o meu dono, deixou de sorrir. Pelos vistos, não pensara ter de contar as suas estórias íntimas. Era mal conhecer a curiosidade de Baltazar sobre tudo o que se referia a fêmeas. Suspirou, se resolveu a dizer a verdade.

– Era arredia... Lutava... está a entender?

– Te puseste em cima dela? E ela não queria?

– Acabou por aceitar. Mas das primeiras vezes foi difícil, tive de lhe dar umas boas chapadas. Mas o Thor depois convenceu-a a ser mais dócil.

O meu dono andou para diante, se aproximando do fim do grupo de escravos, fazendo sim sim com a cabeça. Adivinhei pela sua cara que perdera imediatamente o interesse na rapariga. Foi com o ar mais natural do mundo que perguntou:

– Queres ficar com ela?

– Só se o pai não quiser... Sabe, para isso ela serve. Mas é inútil ensinar-lhe a cozinhar. Não quer aprender mesmo, diz que não trabalha para homem nenhum. Não dá para tomar conta de uma casa, gentia como é. Mas por uns tempos serve para aquecer uma parte da noite...

– Fica com ela, então. Mas não a leves para tua casa, o Ambrósio ainda a apanha e não quero problemas entre irmãos. Sabes como o tipo é rápido. E tinha eu esperança que aquele diabo ia para padre... Arranja uma cubata onde ela fique, é melhor.

Nicolau assentiu, satisfeito com o conselho. Não seria a primeira vez que o pai ficava com mulher que ele tinha inaugurado ou o contrário. Também entre irmãos eram frequentes essas passagens de escravas. Mas o meu dono tinha sempre medo de surgirem makas entre os filhos por causa das raparigas, devia ser trauma trazido da sua juventude europeia, onde havia poucas mulheres disponíveis para os jogos de cama e os homens se matavam em duelos por causa delas. Eu nunca tinha sentido os filhos Van Dum disputarem as raparigas, pelo contrário, muitas vezes ofereciam uns aos outros os favores de alguma que se distinguisse. E tinham uma espécie de pacto de silêncio que protegia as suas ligações de curiosidades externas. Pelos vistos, tantos factos não chegavam para aquietar o meu dono.

Voltámos para a varanda, onde permanecia o resto da família. Baltazar estava muito agradado, era de facto o primeiro lote importante que negociava. No tempo dos portugueses, a concorrência era muito grande e havia tubarões poderosos que apanhavam a maior parte das peças. No tempo dos mafulos, este era o primeiro período prolongado com cooperação entre os europeus, a permitir negócios grandes. Várias expedições como esta e seria um homem rico. Para festejar, mandou servir vinho pelos homens da casa grande.

– Mas vamos almoçar daqui a pouco... – disse D. Inocência.

– O Nicolau fez um óptimo trabalho. Merece um copo.

– Graças a haver entendimento entre holandeses e portugueses – disse Nicolau.

– Isso é verdade – disse Ambrósio. – Desde que o governador Pedro César escapou de Luanda, as coisas melhoraram muito. Mas suspeito que não vão durar, pelo que começo a perceber aí entre os mafulos. Que notícias trazes, Nicolau?

– Pouca coisa. Estava a contar que o novo governador entrou em Massangano, uns dias antes de eu lá chegar, com todas as pompas. Me contaram que há muito não tinham visto tal espectáculo, mesmo nos tempos de Luanda. As colunas militares a marcharem com os tambores a rufar, tiros para o ar, bandeiras e estandartes a voar, os barcos enfeitados a subirem o Kuanza com canhões e munições, missa cantada na igreja, baile à noite para comemorar a chegada do governador Sottomayor e dos reforços, enfim, uma grande animação. Só faltou uma corrida de touros, como nos velhos tempos. Mas havia um ou outro que já começava a lamentar a troca, preferia o governador Menezes.

– Isso é normal – disse Matilde. – As pessoas nunca gostam de mudanças, se habituam a um e sempre acham que vão ficar pior com outro.

– Quem me mostrou mais receio foi o nosso cunhado Manuel Pereira. Contou que a primeira coisa dita pelo novo governador foi que os cristãos-novos tinham de se pôr a pau, pois estavam com demasiado poder e tudo fizeram para que ele não chegasse a Massangano. Que eram os cristãos-novos os principais conselheiros do antigo governador e só pensavam nos negócios, sobretudo com os holandeses. Por isso tentaram sabotar a missão dele, atrasando-a ao máximo e arrançando todas as dificuldades e ratoeiras. Mas que ele, Sottomayor, superou todas as traições por ser um fidalgo à antiga e ia continuar atento, sem se deixar enganar por artimanhas de judeus e de mouros, que eram quase todos os ricos desta terra.

– Disse mesmo isso? – perguntou o meu dono.

– O Manuel jura que sim. Que lhe contaram, porque o Manuel e a Gertrudes até foram a Massangano assistir à celebração da chegada,

mas voltaram logo para o arimo e não ouviram o novo governador. Mas lhes contaram dois dias depois. O Manuel diz que o Sottomayor até tinha destrutado o governador Menezes, quando se encontraram perto da ilha do Ensandeira para passarem os poderes. Se faz isso a um ex-governador, o que fará a um cristão-novo?

– O mais grave é ele acusar os cristãos-novos de só quererem fazer negócios com os holandeses – disse Baltazar. – Significa que ele não quer esse comércio?

– Foi exactamente isso que percebi. O Manuel foi claro, o governador acusa os conselheiros de Massangano de traírem os interesses do rei de Portugal por três patacas, apenas para poderem vender aos holandeses as peças que vão apanhando no interior. Não me admiraria que proibisse o tráfico com a costa.

– É louco! – explodiu Baltazar Van Dum.

– Louco pode não ser – disse Ambrósio, depois da tossezinha preliminar. – É uma política de quem acha ter muita força militar. Foi essa a primeira política de Pedro César. Isolar os mafulos em Luanda, cercá-los, impedir que tivessem contacto com o interior e que portanto negociassem sem escravos. Até se convencerem que só perdiam dinheiro em Angola e abandonassem Luanda. Não foi essa política que terminou com o ataque ao arraial do Gango? O governador Menezes voltou para Massangano e proporcionou o estabelecimento das trocas comerciais, o que permitiu o Nicolau ir buscar mais de cem escravos lá dentro. Este governador pode ter o plano de tomar Luanda ou pelo menos fazer que os holandeses a abandonem. Para isso tem de impedir o comércio entre o interior e a costa. Não é louco, é outra política.

Era evidente que as palavras de Ambrósio não agradavam ao pai. A política seguida pelo Menezes convinha-lhe às mil maravilhas e por isso estavam a festejar com vinho antes do almoço. Mas o raciocínio do filho tinha lógica, sobretudo se o rei de Portugal não renunciara de facto a recuperar Luanda. E por que haveria de renunciar? Notícias muito imprecisas indicavam que Bahia e Rio de Janeiro, possessões portuguesas, sofriam irremediavelmente com falta de escravos, pois da principal fonte anterior, Luanda, o tráfico fora desviado para Pernambuco e Antilhas holandesas. Por que não teria

vindo Sottomayor com instruções para infernizar a vida dos mafulos e os obrigar a fechar as malas? Os portugueses tinham de recuperar as fontes do tráfico, com risco de perderem o resto do Brasil. Os índios não se adaptavam ao trabalho das plantações e os colonos idos da Europa eram demasiado poucos, só os africanos podiam manter o Brasil a produzir açúcar e outras riquezas. As palavras de Ambrósio eram coerentes com o que ouvíramos do major sobre as farroncas do novo governador. O meu dono não gostou do que ouviu, mas teve de concordar.

– Espero que te enganes, Ambrósio.

– Também eu, pai, também eu. Mas faz sentido. Se o novo governador é um daqueles raivosos e fanáticos, vai desencadear uma tempestade. E com muita tropa...

– Parece que não é assim tanta – disse Baltazar. – O major contou que foi o próprio Sottomayor que fez constar um número muito superior de soldados, para que os holandeses não o impedissem de atravessar para Massangano. A tropa que trouxe dá para substituir os mortos e os aprisionados no Gango, nada mais. E hoje também chegaram soldados com o director Ouman. Deve se manter o equilíbrio de forças.

– A menos que o Sottomayor esteja a contar com novos reforços muito brevemente – disse Hermenegildo.

– Se não os recebe, então vai borrar tudo com o seu fanatismo e não resolve nada – disse Ambrósio.

As mulheres chamaram para a mesa e a conversa terminou. Fiquei a ver Dolores, já liberta da barriga, a atravessar o terreiro para ir ter com os escravos. Tinha parido um rapaz, mas era demasiado pequeno para chamar a atenção do meu dono. Se via que o pai tinha sangue branco, era um bebé mais vermelho que os outros. Portanto a conclusão seria tirada em breve, logo que Baltazar reparasse ou alguém lhe apontasse a criança: havia mais um Van Dum no quintal. Talvez Dimuka, o espia, se encarregasse de informar. Várias vezes Ambrósio tinha encorajado Hermenegildo, vai contar ao pai, ele até fica contente. Mas Hermenegildo recusava, não tem importância, deixa estar. E como podemos saber antes de nascer que é meu filho? Agora que Nicolau estava de novo na

sanzala ia certamente reparar na criança que a coxa amamentava, para ele seria novidade. E espetava com o mujimbo no pai. Por um ou outro caminho, Baltazar estava quase a saber que era mais uma vez avô. Eu tinha curiosidade de ver como reagia. Mas fiquei pacientemente a ver Dolores atravessar o terreiro, meter conversa com as escravas. Depois indicou o sítio do tanque onde se guardava a água que todos os dias era transportada da lagoa do Kinaxixi e servia para os usos domésticos e rega da horta. Os da casa grande não bebiam nem cozinhavam com essa água, diziam sabia mal. A água deles vinha do Bengo, comprada na Baixa e trazida todos os dias pelos escravos. A moça do Nicolau, que mais tarde soube ter o nome de Chicomba, se levantou, disse qualquer coisa a Thor que não ouvi, foi beber do tanque. Thor encolheu os ombros, mostrando a cabaça que tinha na mão. Pelos vistos ela preferiu ir directamente ao tanque a beber pela cabaça que ele estendia a todos. Teria algum significado? Fiquei a imaginar que relações secretas haveria entre os dois. Nicolau tinha dito que Thor conseguira convencê-la a ser mais dócil, o que mostrava algum ascendente do rapaz. Porquê? Ele era filho de chefe e ela reconhecia autoridade? Seriam do mesmo povo? Então porquê recusara a água que ele oferecia, o que indicava que estava zangada e se permitia demonstrá-lo? Perguntas que me ajudavam a passar o tempo, enquanto a conversa na mesa de almoço não tocava nenhum ponto interessante.

Mas tocou em breve. Fiquei de novo com as orelhas no ar. Nicolau se referiu ao ataque de um leão à caravana, de noite. Coisa espantosa, pois os leões tinham medo do fogo e a caravana certamente dormia com muitas fogueiras acesas. O ataque felizmente foi mal sucedido. O leão tentou puxar um escravo pelas pernas para fora da zona de luz, onde o mataria tranquilamente. O homem era o que estava mais afastado da fogueira. Acordou com a dor na canela, onde o bicho tinha fincado os dentes, e berrou. Thor dormia ali perto. Todos despertaram com os berros mas Thor foi mais rápido. Saltou e, como não estava amarrado, pôde correr para o arcabuz de um guarda. Avançou com o arcabuz para o leão, mas pegando nele pelo cano. O animal largou a perna do escravo, toda dilacerada, e fugiu para a escuridão.

– Esse Thor tem valor – disse Baltazar.

– Então eu não disse ao pai? – confirmou Nicolau, algo vaidoso. – Tem muitas qualidades.

– O estranho é o leão ter atacado, apesar das fogueiras e de haver tanta gente – Matilde tinha pensado o mesmo que eu.

– Nunca tinha ouvido falar de uma coisa assim – concordou Ambrósio. – Ataca grupos pequenos, embora raramente, e usando essa tática de puxar por uma perna. Mas atacar num conjunto de mais de cem pessoas para mim é novo. É um leão absolutamente louco de audácia!

– Deve ser um leão de cazumbi – disse Matilde.

– Achas? – perguntou Nicolau. Senti o frio do medo percorrer a espinha dele.

– Não há outra explicação – disse Matilde.

Leão de cazumbi é o pior que existe. Normalmente os leões nem atacam os homens, preferem carne de antílope, bem mais saborosa. E há tantos antílopes e tão poucos homens, nem sei se algum dia será o contrário! Mas o leão de cazumbi é aquele que matou um homem, geralmente porque se sentiu ameaçado. O falecido se torna um fantasma, um cazumbi, porque é vergonhoso ser morto por bicho, qualquer que seja. E ficar insepulto provoca a errância da alma, inconformada. O cazumbi se vinga, entrando no leão e pondo o animal louco, sem saber medir consequências. Chega a atacar as próprias leas. Mas passa a ter preferência pelos homens e em qualquer circunstância. Se fala de animais que perseguiram colunas de gente durante dias e dias, atacando todas as noites. Como se a banalização das mortes por leão tornasse menor a vergonha do primeiro falecido, do cazumbi. Se de facto era um leão de cazumbi, então muita sorte teve Nicolau por ele ter renunciado de vez à vingança sobre a caravana. No entanto, Matilde se antecipou a todas as especulações e até à minha, pois disse:

– Thor deve ter um poder especial que assustou o leão para sempre. Pois ele não voltou a atacar, não é mesmo? Ou um amuleto, ou foi tratado quando era bebé, ou então um dom. Qualquer coisa Thor deve ter. Não é normal um leão de cazumbi fugir à primeira tentativa e nunca mais voltar.

– Estou a ver que esse Thor é muito importante – disse Rosário. Notei ironia na sua fala. – Temos de conhecer de mais perto esse escravo assim tão especial.

– Ele não nasceu escravo, Rosário – disse Hermenegildo. – Até pode ser mesmo especial. Pelos vistos, o Nicolau acha.

A ironia de Rosário acabou depois de almoço, quando o irmão mais velho chamou Thor da varanda, para ser mostrado à família. O rapaz ficou muito direito ao sol de Novembro, olhando de frente para os Van Dum. Durante um longo minuto todos o contemplaram e ele os enfrentou. E por acaso olhei para Rosário, toda impertinente nos seus dezanove anos. A impertinência dela foi derretendo, derretendo, os olhos se adoçando, percorrendo a cara e o tronco nus de Thor, a tanga curta e os músculos das pernas, para voltar ao colar de unhas de leão que rodeava o pescoço forte do rapaz e chegar ao belo rosto. Thor estava na condição de escravo, mas era um homem livre. A liberdade dele estava na maneira como os enfrentava, na língua que humedecia os lábios em sorriso, no olhar insubmisso que mudamente desafiava. E Rosário rendida a tanta liberdade, eu vi, ninguém me contou. Na palidez que sucedeu ao rubor de Rosário, adivinhei drama futuro. Nicolau fez um gesto e Thor voltou para o grupo do terreiro.

– Vai vender, pai? – perguntou Hermenegildo.

– Não. O Nicolau acha que ele pode ficar no lugar do Mufolo.

Foi alívio o que li nos olhos de Rosário? Ou aquele brilho estranho que neles transpareceu mostrava outra coisa além de desejo? Rosário não era bonita, tinha os dentes encavalitados e uma verruga no nariz, perto da ponta, no lado direito. Mas também não era repelente e já chamara a atenção de alguns soldados flamengos, quando passava para a missa. Naquela cidade sem jovens casadoiras, podia aspirar a qualquer marido. No entanto, olhou Thor como se fosse a primeira vez que via um homem. O que me assustou.

Sentimentos à flor da pele afligem-me, aprendi com os brancos as vantagens da dissimulação e do recato.

No dia seguinte, Rosário mostrou que não queria recato nenhum. De manhã, enquanto se preparava a caravana para comboiar os

escravos até ao armazém da Companhia, ela se pavoneou no quintal, mirando e remirando Thor. Talvez mais ninguém notasse, pois era demasiado insólito para chamar a atenção. Mas já disse que sou muito observador, não tenho mais nada para fazer. E Thor também devia ser observador ou estava particularmente atento ao ambiente novo, porque olhou várias vezes para ela, estranhando aquele interesse. Decidi seguir com atenção o desenvolvimento do drama. Mas a caravana ficou pronta e tive de ir atrás do meu dono. Descemos a barroca, passámos atrás do forte do Penedo e chegámos à Praia Grande, onde se situava o armazém. Nicolau acompanhava Baltazar, mas também Ambrósio e Dimuka, o qual ia a comandar os guardas armados, dispostos ao longo da fila de escravos. Só as mulheres não iam amarradas umas às outras, algumas com filhos nas costas.

O armazém estava situado num recinto rodeado de altos muros e com acesso limitado a um grande portão de madeira. No terreiro havia árvores, à sombra das quais se sentavam alguns escravos, vigiados por guardas flamengos. Entrámos pelo portão e fomos ao escritório junto do armazém, onde estavam dois funcionários da Companhia. Os escravos ficaram fora do recinto, com Dimuka e os guardas. Depois de o meu dono explicar ao que vinha, saímos de novo, acompanhados pelos dois funcionários, para ver os escravos. O exame físico demorou uma eternidade. Finalmente foram empurrados para dentro do recinto. Estavam comprados. O meu dono se despediu, satisfeito com a soma que prometeram pagar nessa tarde. E fomos festejar para a bodega do Pinheiro, enquanto Dimuka e os guardas voltavam para a sanzala.

Quando voltámos a casa, encontrei Rosário e Thor a tratarem das plantas do jardim. Ela ria muito e explicava como ele devia fazer. Se via pela falta de jeito, era a primeira vez que o rapaz mexia em flores, mas também estava divertido. Por ser novidade ou por sentir perto a presença de mulher? Fiquei olhando pela varanda, ouvindo os risinhos nervosos de Rosário, vendo a cara ora séria ora sorridente de Thor, ao arrancarem os capins e trevos que cresciam entre as plantas, ao endireitarem um tronco mais inclinado, ao regarem finalmente o jardim. Ao meio dia, com um sol já forte de

Novembro! Sempre ouvi dizer que as plantas gostam de água de manhã cedo ou ao entardecer. Pelos vistos, Thor tinha arranjado uma grande professora de jardinagem. De facto lá em casa o único que tinha obrigação de saber alguma coisa de flores era o meu dono, na terra dele eram mestres, mas Baltazar nunca mostrou conhecimentos, ou por de facto não os ter ou por estar mais interessado noutras coisas. Só Matilde se ocupava do jardim, mas também sem lhe dar grande importância. A maior parte das vezes mandava um escravo regar as plantas, ou espetava uma estaca no chão, à espera que pegasse. Pelos vistos, tínhamos agora uma nova responsável pelas artes de jardinagem. Até quando?

Ao almoço Rosário disse, mandei o Thor tratar do jardim, vou ensiná-lo, mas ninguém lhe ligou, todos muito mais interessados em comenta rem como tinham levado os escravos até à cidade e os venderam, fazendo votos e bebendo para que houvesse muitos negócios como aquele. Ninguém se lembrou de perguntar a Baltazar qual a razão de Chicomba não ter sido vendida. Mas alguém da casa grande teria reparado na rapariga? Certamente não. Só quando apresentasse uma grande barriga chamaria a atenção de uma das mulheres Van Dum. E mesmo nessa altura podiam nem reparar, o que aconteceu com Dolores, que bamboleou a barriga durante meses pelo terreiro. Com Dolores então a falta de atenção era um escândalo, porque transportava uma enorme barriga que dançava em piruetas incríveis, pois quanto mais grávida mais ela coxeava, parecia uma jibóia ondulante que engolira um boi. Ou talvez tivessem visto que estava grávida mas nem se importaram em saber qual o pai. Afinal um escravo nunca tem uma estória interessante, é uma mercadoria que é vendida quando deixa de servir.

Depois do almoço, Rosário voltou a chamar Thor. Para que fossem apanhar mangas no fundo do quintal. Ela ficou em baixo da mangueira e ele trepou para os galhos. Ela indicava as mangas que tinham aspecto melhor e ele colhia. Encheram um balde, depois de percorrerem três mangueiras. A mãe ficou muito admirada, quando Rosário apareceu na cozinha com o balde, nunca a filha manifestara tanto entusiasmo pelas lides da casa. Tinha vontade de comer mangas e lembrei-me que podia mandar colher para todos,

justificou. Thor ficou de fora, do lado da cozinha, a olhar para a manga que tinha na mão e ela lhe dera do balde, antes de entrar. Vi na cara dele uma grande estupefacção. Em seguida, um sorriso divertido. Que estaria ele a pensar? A filha do dono é simpática, quer que eu aprenda depressa para me tornar indispensável? A filha do dono é uma parva que julga que manda em mim? A filha do dono tem uns bons peitos, pena que não os ponha para fora como as nossas mulheres? A filha do dono arranjou um novo brinquedo, mas não sabe que este brinquedo tem uma ponta que fere? Ou apenas, a filha do dono está interessada em mim? Tudo podia transparecer no sorriso que atravessou a cara dele, após a estupefacção inicial.

Houve dois ou três dias em que os vi juntos, a fazerem isto ou aquilo. A cara de Rosário estava mais quente e os olhos de Thor mais brilhantes, foi o que pude notar. Mas foram fugazes momentos, porque Baltazar estava sempre a andar de um lado para o outro, a falar com diferentes pessoas, e eu tinha de o acompanhar, deixando pois de vigiar os encontros dos dois jovens. Nada me indicou que alguém tivesse percebido a anormalidade das relações ou dos sentimentos. Era uma dona que resolvera pôr um escravo novo a trabalhar e pronto, tudo conforme as regras. Só eu via que um drama se desenhava? Matilde estava demasiado ocupada com o filho Henri e com as suas saídas clandestinas da sanzala para se encontrar com oficiais flamengos, não tinha cabeça para reparar nos suspiros solitários da irmã mais nova. Ana, apesar de partilhar o mesmo quarto, não tivera talvez o direito a uma confissão e era inexperiente para descobrir a razão das insónias que passaram a atacar a irmã mais velha. A minha doce Catarina estava demasiado tomada pela cozinha e a casa, o pouco tempo disponível era para ouvir a bela Matilde nos seus devaneios e para encobrir as suas fugas da sanzala. A mãe vivia noutra mundo, nunca conseguira ter grande intimidade com as filhas. Curiosamente, quem mais atenção lhe dava e com quem mais trocava opiniões e falas, era Catarina, a que não era sua filha e ela constantemente tentava oprimir e diminuir. Dos homens, o mais capaz de adivinhar essas subtilezas era Hermenegildo, com a sua alma um pouco feminina. Mas não o

suficiente para captar um fugidio fulgor no olhar ou um rápido engolir em seco.

Uma noite, estava eu preparado para adormecer na varanda, quando vi, no fundo do quintal, Chicomba se aproximar de uma figura que se sentava à frente da última fogueira ainda espevitada. A figura era a de Thor, que ficara depois de os outros escravos se terem ido deitar. Tive um palpite, poderia assistir a uma cena interessante. E por isso atirei para longe a preguiça, me aproximei na escuridão do quintal e sentei contra a parede de uma cubata, suficientemente perto para ouvir e distinguir os rostos à luz da fogueira. E então disse Chicomba:

– Agora já não me ligas mesmo, não é?

– Tu és do meu dono Nicolau.

– No caminho também era. E me visitavas à noite.

– No caminho ainda não eras. Ele te levava no capim, mas mais nada. Agora sim, ele até arranjou uma cubata só para ti, para ficar à vontade contigo quando lhe apetecer. És mesmo mulher dele. Se souberes manter o interesse, podes ganhar muito, pelo menos uma vida sossegada.

– Ele não me importa nada, tu sabes. Mas hoje não vem, já passou a hora. Por que não entras na minha cubata?

– Não. Não quero problemas. Sabes como são os brancos, armam sempre confusão por causa das mulheres. Eu nem os conhecia, mas todos me falam sempre no mesmo, já aprendi.

– Do que me disseram, ainda é mais complicado se te metes com uma filha de branco.

– Que queres dizer?

– Ouviste muito bem, Thor. Ou julgas que não percebi o que a filha do branco quer de ti? Sempre a te chamar, sempre a te mandar aqui e ali, agora apanha manga, agora tira a flor, agora cava ali.

Chicomba riu. E depois segredou maliciosa, apontando para o próprio sexo:

– Ainda não disse, agora mete aqui?

Thor também teve de rir. Lhe deu uma palmada cúmplice no ombro. Depois ficou de novo sério e a voz saiu grave.

– Você!... Nunca mais tem juízo. Até querias recusar o branco Nicolau, porque só comigo te querias deitar. Viste como eu tinha razão no caminho? Passaste a deitar com ele, não foste vendida. Aqui estás perto da tua terra, um dia podes te safar ou mesmo ser libertada. Não é melhor?

– É melhor, sim. Mas eu não queria mesmo, ele cheira mal.

– Todos os brancos cheiram. E os filhos deles também. Foi aqui na sanzala que aprendi também isso.

– Estás a aprender muitas coisas de brancos, qualquer dia viras um deles. Deixa! Disseste não fui vendida, mas agora não deito contigo, porque tens medo do branco.

– Também não quero ser vendido. Por isso sempre fiz tudo o que Nicolau queria, lhe ajudei. Aqui na sanzala se vive bem, o trabalho é leve, comida todos os dias. E um dia escapo. Mas só quando conhecer o caminho até à minha terra, sem passar pelo território dos jagas. Até lá, não quero arranjar confusão.

– Mas estás à procura de confusão. Por causa da branca.

– Não fiz nada. Ela me procura, me chama. Não vou obedecer? É filha do dono, é minha dona. Ninguém me pode acusar de nada.

– Eu vi. Andam a se agarrar, a se olhar. Ainda não deitaste com ela, talvez. Mas estás perto. E aí começam os problemas.

Julgava que só eu tinha reparado nas brincadeiras cada vez mais interditas de Rosário e Thor. Havia afinal outros interesses, que provocavam outros olhares perspicazes. Há sempre. Como Chicomba tinha reparado, porque seguia Thor com a vista para todo o lado, podia haver outro espia que levasse o mujimbo para os senhores. Era a borrasca que eu adivinhava, desde que vira a impertinência de Rosário derreter à frente de Thor. Também a rapariga adivinhava, pois insistiu:

– É muito perigoso. Se ela te manda fazer qualquer coisa, tens mesmo de fazer. Mas evita depois qualquer contacto. Se reparam... Não é ela a castigada, és tu, tu é que és o escravo. Quem paga é sempre o mais fraco, e és tu o mais fraco. Aqui não interessa se és filho de chefe, aqui és um escravo. E não interessa se tens colar de unhas de leão, que te defende das feras. Aqui são piores que feras, são brancos. E o problema é que te queres deitar com ela.

– Não quero.

– Queres, sim. Julgas eu não vejo como ficas, quando estás ao pé da branca? Com cara de parvo. Assim, como estás agora, cheio de tesão, só porque estou a falar nela. Nega, se podes.

Chicomba tocou no sexo de Thor e deixou a mão lá. Ele não afastou a mão dela e não negou. Ficaram uns momentos em silêncio, a rapariga sentindo a dureza e o calor do pénis. Depois ela falou:

– Embora sabendo que essa tesão não é por minha causa, quero aproveitar dela. Entra na cubata comigo, ao menos esta noite.

Thor devia querer apagar o fogo que alastrara com a mão dela no seu sexo. Se levantou, não apagou a fogueira. Entraram os dois na cubata e voltei para a varanda, cheio de tesão também eu, imaginando as cenas que se passariam no escuro. Chicomba era de facto uma moça apetecível. E não me pareceu nada ter mau feitio, como dissera Nicolau. Só se era quando estava com ele...

E aconteceu no dia seguinte o meu dono reparar no filho de Dolores. Estava na rede da varanda e ela passou com o filho na mama. Baltazar se admirou, ó Dolores então tiveste filho e não disseste nada? Fez um sinal e ela se aproximou, mostrando o menino. Já dava para perceber que não era negro retinto. Mas não foi o tom de pele que chamou a atenção do dono, mas sim os olhos azuis. Havia flamengo na costa. Baltazar não comentou nada com ela, despachou-a para os seus afazeres. Mas ficou pensativo. Quando Nicolau passou por perto, chamou-o.

– Já reparaste nos olhos do filho da Dolores?

– Por acaso soube no outro dia que ela tinha parido, mas não vi a cara da criança.

– Tem olhos azuis.

– E então, pai? – sempre me pareceu que Nicolau por vezes era um pouco lento de raciocínio.

– E então? De algum de nós ele é filho. Meu não é. E teu?

– Livra, pai, eu ia fazer um filho naquilo?

– Então é do maluco do Ambrósio. Chama o teu irmão. De que bom padre nos livrámos, caramba! Ainda chegava a bispo...

Ambrósio dormia a sesta na casa ao lado, onde vivia com Nicolau. Apareceu com a cara amachucada e de péssimo humor, até porque tinha descansado muito pouco. Regressara a casa de madrugada e a cambalear de bêbedo, certamente vindo da bodega de Dona Maria, nem sei como chegou à sanzala sozinho. Mal se aproximou da varanda, disse de maus modos:

– O Nicolau já me contou. Se quer fazer reunião dos machos da família, pai, está a faltar alguém. Sem contar com Benvindo e Diogo, que estão longe, mas até podem ter alguma coisa a revelar. Aqui à mão está o Hermenegildo...

– Ora, esse não interessa para este caso. Foste fazer um filho na Dolores. Já nem coxa te escapa?

– Pai, desculpe, mas volto a dizer. Só falo na presença do Hermenegildo.

E se sentou no degrau da varanda, a cabeça entre as mãos, à espera que Nicolau fosse buscar o outro irmão. Baltazar estava irritado, não pelo facto de Ambrósio ter engravidado Dolores, mas por não falar logo, que custava confessar coisas de homens entre homens? Interpretava a atitude do filho como falta de respeito, se ele perguntava, o filho devia responder imediatamente. Mas lá veio Hermenegildo, todo pálido, pois Nicolau já o tinha evidentemente posto ao corrente da situação.

– Pronto, Ambrósio, o Hermenegildo está aqui. Já podes falar.

– Não sou eu que tem de falar, é ele. Mas o pai ainda não lhe perguntou.

– Perguntar o quê? – disse Baltazar.

– O que perguntou a mim e ao Nicolau.

– Ora! Não percebo por que estás com tantos rodeios, Ambrósio. É só para me chatear?

Ambrósio levantou os braços para o céu. Olhou para Hermenegildo, fez uma careta cómica para o encorajar, mostrando que o caso não tinha gravidade, e disse:

– Fala lá tu, é melhor.

Pela primeira vez o meu dono deve ter adivinhado o que estava por trás da atitude de Ambrósio, incapaz de acusar o irmão. E a

boca de Baltazar começou a se abrir de espanto antes mesmo de Hermenegildo principiar a frase.

– Pai, fui eu que engravidei a Dolores.

O meu dono permaneceu de boca aberta, meio atordoado. Depois lançou uma gargalhada como eu não ouvia há muito tempo.

– Tu?

Hermenegildo recuperou as cores, quando ouviu o pai dar a gargalhada. Temia um acesso de fúria. Pelos vistos Ambrósio tinha razão quando lhe dizia que Baltazar até gostaria de saber a verdade.

– Fui eu, sim, pai. Desculpe.

O meu dono saltou da rede. Olhou de frente o filho, talvez pela primeira vez há muitos anos. E lhe deu um abraço apertado.

– Gosto muito de saber que me deste um neto. E esta, hein? Não contava mesmo nada. Catarina! Catarina! Traz a garrafa de cachaça, vamos comemorar.

Aos gritos dele veio a mulher e Matilde. Em seguida, Catarina com a garrafa e cálices. E Rosário e Ana. O feliz avô pediu a Nicolau, já agora diz à Dolores para trazer a criança, temos de combinar o baptizado. Hermenegildo estava encabulado por causa da algazarra alegre que o pai fazia. O meu dono ganhava não só um neto, mas um filho macho. E este se ofendia pelo preconceito que o afastara de Baltazar desde a puberdade. Enquanto serviam as bebidas aos homens, apareceu a coxa com o bebé, o qual passou logo para os braços do meu dono. Levantou-o no ar e disse para a família:

– Apresento-vos o meu neto mais novo. Tem de ser baptizado no domingo, quando formos à missa na Ilha.

A horrorizada D. Inocência ficou a saber naquele momento que o seu filho Hermenegildo, tão delicado de carnes e modos, já era pai. Só disse:

– Mais um a atrasar a raça.

De facto, no pensamento de D. Inocência, só Gertrudes e Matilde tinham avançado a raça, pois foram as únicas a ter filhos com brancos. Rodrigo e Hermenegildo tinham feito filhos em negras, o que significava regredir em relação a um ideal, o da alvura. Não contava com os filhos que Nicolau tinha já espalhado pelo quintal e Diogo estava para fazer em Lemba, esses eram bastardos de

bastardos, não interessavam. E se Ambrósio ou Benvindo tinham feito algum com escravas, passaram até agora despercebidos. Achei que D. Inocência exagerava, não me parecia atrasar a raça fazer um cafuzo de olho azul. Ou em relação ao de Rodrigo, que tinha olho verde como o pai e era lindo como a mãe, Nzuzi. Mas cada um tem a sua inteligência das coisas, não é mesmo?

Os homens viraram os cálices de cachaça, limpavam os lábios com a costa das mãos. De novo Baltazar mandou servir. Hermenegildo emborcou a bebida, mas não ousava fitar Dolores ou o filho. Não estava muito orgulhoso de ter apanhado a Dolores sozinha na sua cubata e ter entrado de rompante, sem dar tempo de ela lançar um ui, o que provavelmente também não faria, habituada a caprichos estranhos dos senhores. Se não era motivo de orgulho antes, menos agora, que até já tinha direito a cachaça, quando antes o pai sempre dizia desdenhosamente para esse não, que não aguenta. Dolores também se sentia perdida no meio dos senhores, afogada pela alegria do dono Baltazar, com o seu filho nos braços. Ia ficar com o filho dela e vendê-la para o Brasil? Estórias antigas eram contadas no quintal...

Rosário aproveitou ir contar a Thor o motivo de tanto reboiço. E ficaram a apanhar um ramo de margaridas e girassóis. As mãos se tocavam ao juntarem as flores, eu bem via as faíscas que saltavam da mão dela para a dele e vice-versa, como acontece com as nuvens carregadas de chuva, à noite. E só eu cheirava a tempestade no horizonte? Matilde, Matilde, pára de rir com a surpresa do teu pai, olha para o jardim, vê as faíscas a passar de um protagonista para o outro, ainda vais a tempo de intervir. Matilde não ouve a minha prece e em breve se escutará o fragor da trovoada. Então será tarde para remediar o inevitável.

Nunca um ramo demorou tanto tempo a ser colhido. Ainda mais a ser arranjado, porque as flores nunca ficavam na disposição desejada. Eles tiravam uma do ramo e voltavam a pôr, para em seguida pegarem noutra. E sempre os dois seguravam a mesma flor, cada vez mais demoradamente. E as mãos se tocavam, e os olhos se fixavam e tornavam fluídos e os corpos ardiavam, quase se tocando, a saia de roda de Rosário escondendo a intumescência que fazia

levantar a tanga de Thor. Imaginação minha, talvez o rapaz se controlasse o suficiente para não fazer subir o pedaço de pano. Mas eu só de os ver de pé, ligeiramente arquejantes, já ficava teso.

– Pronto, agora vou dormir a minha sesta – disse o meu dono.

Tanto bastou para que todos abandonassem a varanda, as senhoras para dentro de casa, os homens para os seus afazeres, Dolores para o quintal, levando o filho. Foi um momento de distração, mas perdi Rosário e o escravo de vista. Ela não entrou na casa grande, tenho a certeza, então onde está? Andei até o fim da varanda, olhei para a esquerda. Havia a arrecadação, que era um quarto separado da casa grande e a antiga capoeira, abandonada porque o mau cheiro entrava para a residência. Eles estavam por trás da capoeira, Thor a segurar numa enxada, Rosário a olhar. O ramo de flores estava na mão dela. Que ordem dera Rosário, para ele estar ali com uma enxada, tirada da arrecadação? Ele fez um gesto e ela riu. Depois o escravo foi guardar a enxada na arrecadação. Ela olhou para os dois lados, não me viu, entrou também na arrecadação. A porta foi encostada. Fiquei algum tempo a espiar, hesitando se devia sair da varanda e me aproximar. Rosário saiu antes que me decidisse, a ajeitar a saia larga. Não tinha o ramo de flores na mão. Me aproximei do meu dono, que já roncava na rede, não vi Thor a sair da arrecadação. Só podia imaginar o que teria passado lá dentro, embora o pouco tempo decorrido não permitisse suposições muito ousadas. Teriam chegado a se abraçar?

No dia seguinte Rosário escolheu de novo a hora depois de almoço para mandar Thor tratar do jardim. Todos estavam na sesta, as senhoras dentro de casa, Catarina a arrumar a cozinha, o meu dono deitado na rede, os rapazes nas suas camas. Fazia um sol forte que parava as nuvens no céu azul. Vi Rosário pegar na mão de Thor e levá-lo para trás de casa. Dei a volta e ainda vi a porta da arrecadação se fechar. Me aproximei, sentei à sombra atrás da parede de adobe, alonguei as orelhas. Só ao fim de certo tempo comecei a ouvir ruídos de tecidos e suspiros. Até que um grito abafado cortou os ares parados do princípio de tarde. Foi agora, pensei, menos um cabaço na família. Depois havia sons de respiração arquejante, gritinhos, suspiros, ai que morro, ai Virgem

Maria, que bom. Thor era mais silencioso, apenas produzia sons profundos de garganta. Terminei a masturbação e resolvi me afastar do sítio. Já sabia tudo, tinha mesmo gozado, e não queria ser descoberto a espiar. Voltei para a varanda, sentei perto do meu dono, meti a cabeça bem entre os ombros, ouvi a trovoada mais próxima.

E todos os dias à mesma hora iam os dois para a arrecadação. Eu também me encostava à parede de adobe, para me masturbar, ao som de gemidos e gritinhos. Passou uma semana e no meio o baptizado do filho de Dolores, mas que foi apenas uma cerimónia simples na igreja da Ilha, sem a presença da mãe, Baltazar achou inútil que a escrava coxeasse uma tão grande distância. Matilde ainda tentou argumentar, a Dolores tem o direito de assistir ao baptizado do filho. O meu dono levantou a voz, uma escrava não tem direitos, acabou.

Agora menos vezes Rosário chamava Thor para outras tarefas, nem para apanhar mangas. Só depois de almoço tratavam rapidamente do jardim e depois fugiam para o quartito, cada um por sua vez e por sítios diferentes. Não eram cautelas suficientes, eu sabia, pois naquele quintal muita gente passava de um lado para o outro e, embora a casa grande ficasse mais isolada, se podiam ver movimentações de muitos sítios do terreiro. E Dimuka tinha olhos coruscantes. E o seu adjunto, o capataz Kalumbo, acabado de ser alforriado pelo meu dono devido à idade avançada, tinha sido caçador na juventude e se apercebia de muita coisa. Jurara fidelidade absoluta a quem o libertara da escravidão, se visse alguma coisa de estranho não ia contar? O fim do mês de Novembro se aproximava e eles se encontravam à mesma hora, para meu gozo, mas também minha agonia, porque sabia que tudo tinha de terminar.

Pensei ser daquela vez em que Kalumbo se aproximou da arrecadação, estava eu sentado à sombra com as costas na parede de adobe, a escutar os sons angustiados do amor. O capataz parou perto, olhou o meu dono a dormir na rede, me viu sentado, entrou na capoeira vazia e já sem cheiros animais. Notara qualquer coisa de estranho, espiava para descobrir de que se tratava? Acabou por não

descobrir, porque por acaso Rosário nesse momento não gemeu alto nem Thor respirou fundo, faziam ruídos ligeiros que apenas as minhas orelhas anormalmente abertas podiam captar. Kalumbo abandonou a área, olhando de vez em quando para trás. Também não foi o momento escolhido para um dos amorosos sair da arrecadação. E quando Thor o fez, já o capataz tinha desaparecido no fundo do quintal. Por causa da expedição de Kalumbo, me demorei mais tempo que o normal. Por isso Thor me apanhou com a boca na botija, ou melhor, com as costas na parede. Franziu o cenho, ia fazer menção de perguntar qualquer coisa, mas deve ter pensado este é inofensivo, não percebe nada, partiu. Aproveitei o momento em que certamente Rosário se vestia e recompunha, para voltar à varanda. O meu coração ainda batia com força. Não por ter sido apanhado por Thor, mas por não terem sido apanhados por Kalumbo. Dessa vez fora por pouco.

Até que senti, uma tarde, um olhar raivoso de Nicolau. Não para mim, para o mundo. Dimuka tinha acabado de sair da casa dele, numa hora pouco habitual para visitas. Nicolau apareceu à porta e deu um berro a chamar Thor, o qual abandonara a arrecadação antes de Dimuka ter ido falar com o Van Dum mais velho. O meu coração apertou. Continuei sentado perto do meu dono, que ressonava na rede. Deixei de ouvir os pássaros a cantar ou os patos a grasnar no terreiro. Podia ainda não ser a tempestade que eu temia, mas os indícios eram fortes. E o coração dizia que sim. Thor entrou na casa ao lado e ouvi gritos e ruído de pancadas. Percebi também a voz de Ambrósio, aos berros. Que mais podia fazer os dois irmãos gritarem e baterem em Thor? O inevitável acontecera.

Ambrósio veio depois à varanda da casa grande, enquanto Nicolau ficou ainda a berrar com Thor. Tinham uma má notícia a dar ao pai, por isso vinha Ambrósio, o da fala mais macia. Só que desta vez Ambrósio vinha mesmo alterado, nem esteve com rodeios. Sacudiu Baltazar com alguma rudeza, acorde, pai. E perante o meu dono estremunhado, foi logo dizendo:

– Descobrimos agora uma coisa muito grave que aconteceu, pai. Tinha mesmo de o acordar.

Baltazar ainda refilou, não se pode descansar nesta casa, mas notou o ar grave do filho e se sentou na rede, totalmente desperto.

– Fala.

– O Thor costuma se encontrar com a Rosário na casa dos arrumos. Foi descoberto pelo Dimuka. O Nicolau e eu interrogámos e ele próprio confessou.

– Encontrar, mas encontrar como?

– Para foder. Ele fode-a, pai, já confessou. Se o pai quiser confirmar, ele está preso na nossa casa.

Ou Ambrósio falara muito alto, ou os berros e as pancadas tinham sido ouvidos também na casa grande. Ou era apenas a hora de despertar. Ou os peidos que o meu dono deu afastaram a modorra. O certo é que as senhoras mostraram as cabeças na porta que dá para a varanda e Hermenegildo saiu para junto do pai. Só Rosário ficou escondida no quarto. Adivinhando tudo?

– O que é que estás a dizer? Uma filha minha a fazer isso com um escravo? E na minha casa?

– Na casa dos arrumos, pai.

A diferença não era grande, pensei eu, mas pelos vistos Ambrósio queria frisar bem o sítio dos encontros ilícitos, para ele parecia importante. Talvez despropositadamente, mas naquele momento ninguém entendia os propósitos de nada, todos siderados com a novidade. Vi Matilde de súbito retirar, provavelmente para ir ter com a irmã. Para a confortar ou recriminar? Gostaria de saber, pois Matilde não tinha moral para recriminar, embora nunca tivesse encontros daqueles com um escravo nem com um forro, nem mesmo um mulato. Matilde caçava em territórios brancos, era sabido.

– Traz o gajo aqui – ordenou Baltazar.

– Aqui, à frente de toda a gente? Não é melhor ir lá a casa, pai? O meu dono se levantou, tens razão, Ambrósio. Caminharam para a casa ao lado, o meu dono deixando os gazes da barriga trombetarem os seus passos. Em breve ouvi gritos e a fala entrecortada de Thor, a explicar em kimbundo que gostara mesmo de Rosário, a culpa era do amor, discursos que conhecemos de outros personagens, embora em línguas diferentes, inútil repetições.

Se Thor queria fazer uma explicação corrida, ninguém o deixava, pois devia haver três pares diferentes de botas a bater no corpo dele. No entanto, no discurso ofegante do escravo notei que nunca ele disse, foi ela que me provocou, foi ela que me puxou, foi ela que me procurou, o que eu sabia ser verdade, única testemunha desde o início do drama. Depois o meu dono voltou à casa grande, a gritar onde está ela que a mato, onde está o chicote, e entrou pela porta à procura do símbolo do poder patriarcal, mas afinal Matilde já o tinha escondido, soube muito mais tarde. Quando ela voltou para dentro de casa, foi para esconder o látigo e dizer a Rosário, aguenta que isto vai passar, tudo passa na vida, irmãzita. O meu dono se fartou de vociferar à procura da chibata. Voltou à varanda, sem ter passado pelo quarto de Rosário, só queria lá entrar de chicote na mão.

– Que fazemos com o gajo, pai? – perguntou Ambrósio.

– Nenhum escravo toca em filha minha e fica vivo.

Era uma sentença de morte. Não me surpreendeu nem chocou, estava à espera, nos tinha comprado, tinha o direito de fazer de nós o que quisesse. O único prejuízo era perder o dinheiro gasto na compra, mas nos negócios também se perde ao fazer um mau investimento, não é? Ninguém na varanda contrariou. Ninguém mesmo? A voz gentil de Hermenegildo se fez ouvir, depois do pesado silêncio.

– Ele não nasceu escravo, pai. Até é de família importante na terra dele. Contou-me no outro dia como se desgraçou. Tinha dois caminhos à frente dele, uma vez em que andava à caça. O da direita levava ao Wako, ao seu kimbo. Pegou o trilho da esquerda, pela vontade de encontrar mais animais. Nele vinham os jagas à procura de peças. Foi um choque frontal numa curva do trilho, não teve tempo de fugir. Apanharam-no, levaram-no para as margens do Kuanza. E aí o venderam ao Nicolau.

O próprio Nicolau que vinha para a varanda, depois de ter amarrado Thor com todas as cordas existentes em casa dele. Ouviu o seu nome a ser referido e olhou tristemente para Hermenegildo. Trazia um verdadeiro ar de penitente.

– Sim, tens razão, a culpa foi minha. Se não tivesse dito ao pai que era bom negócio deixá-lo aqui, ele teria sido vendido e nada

disto tinha acontecido. Peço desculpa, pai, mas nunca podia imaginar...

– Eu não disse que és tu o culpado – falou Hermenegildo. – Apenas estava a dizer que o Thor é escravo por acidente. E todos reconheceram as suas qualidades, no pouco tempo que tem estado na sanzala. Por isso me parece que pode haver outra solução que não a morte.

– Que outra solução, não nos queres dizer? – perguntou Ambrósio, com um tom agressivo que não costumava usar para o irmão.

– A solução para estes casos. Se eles quiserem, claro. O casamento.

– O quê?

Não sei quem se antecipou a fazer a pergunta. Mas o espanto era geral no meio dos machos Van Dum. As fêmeas se calavam e ninguém esperava opinião delas. Mas o meu dono não quis discussão, já tinha decisão tomada.

– Aqui não há casamentos com escravos, por acidente ou não. E nem há mais conversa fiada. Nicolau, tu tens mais coragem para estas coisas. Executa o que tem de ser, da maneira que quiseres.

Um vulto voou lá de dentro, aterrou aos pés do meu dono. Era Rosário, em pranto. Estava afinal a ouvir a conversa e a esperar que passasse a onda má, como lhe aconselhara Matilde. Mas a decisão do pai a atirou cá para fora.

– Eu caso com ele, pai. É o que mais quero. Fui eu que o procurei, fui eu que insisti, ele não tem culpa.

Se abraçou às pernas do pai, que a repeliu com violência. D. Inocência fez um gesto para proteger a filha, mas travou a meio. Ficou com os braços esticados, enquanto Baltazar esbofeteava Rosário, sai daqui, depois trato de ti. Mas a rapariga não fugia às pancadas, antes tentava se abraçar de novo às pernas dele, perdoa, pai, perdoa. As lágrimas brotaram nos olhos de Hermenegildo, que segurou os braços de Baltazar, chega, pai, chega. Ana tinha fugido para dentro de casa, a própria Matilde se encolhia. Catarina não saíra da cozinha, ouvia chorando. A mãe permanecia estática, com os braços inutilmente para a frente. Nicolau olhava para o lado, enquanto Ambrósio seguia desinteressadamente a cena. Se as

reações das pessoas servissem sempre para definir a maneira de ser, eu diria que Ambrósio era o mais frio dos irmãos, o que não era sempre verdade. Neste caso estava com muito ódio dentro do coração, vá-se lá saber porquê. Baltazar empurrou Hermenegildo, libertando os braços. Com um pontapé afastou Rosário e ficou de novo senhor da situação.

– Vai, Nicolau – disse. – Leva o Dimuka.

Rosário uivou e se atirou de novo para as pernas do pai, perdoa, perdoa. E Hermenegildo tentou de novo:

– Para quê matar? Venda-o, pai, venda-o e pronto. Ficam irremediavelmente afastados, tudo será esquecido.

– Não – gritou Rosário. – Quero casar com ele. Quero casar com ele, mãe. Mãe, porquê não diz nada?

D. Inocência baixara os braços, mas as lágrimas corriam. Não falou e mais uma vez Baltazar atirou a filha para o pó do terreiro, onde ela ficou deitada a chorar, caso com ele, caso com ele.

Dimuka e Kalumbo estavam no quintal, a distância respeitosa, fingindo não ter ouvido nada, mas sem perderem um gesto ou palavra. Aliás, os outros habitantes da sanzala começavam a vencer o torpor do princípio de tarde e se concentravam no centro do terreiro, tentando perceber o que passava entre os senhores. O meu dono gritou para Dimuka, vem cá, vai ajudar o Nicolau a fazer um trabalho. Hermenegildo insistiu:

– Venda-o, pai, por que há-de perder dinheiro? Ele vai para o Brasil e pronto.

Finalmente, Baltazar se virou para o filho que há dias reconhecera como macho e como filho. Disse:

– Aqui não há casamentos, nem vendas, nem discussão. Um escravo manchou a honra da família, deve morrer. E acabou.

Nicolau tinha estado a hesitar? Ou desde o princípio queria cumprir a ordem do pai e estava apenas à espera que a conversa terminasse? Todos sabiam, ele se tinha afeiçoado a Thor. Lhe ia custar executar a sentença? Ou estava roído pela raiva de se sentir traído na confiança depositada? É sempre muito difícil adivinhar sentimentos através do semblante das pessoas, vemos geralmente num piscar de olhos ou numa careta apenas o que queremos. Mas

me parecia que Nicolau estava à espera que algum milagre mudasse o rumo da sentença. D. Inocência noutras ocasiões tinha imposto a sua vontade, defendendo os filhos. Nicolau esperava um gesto da parte dela? Se era isso, acabou por perceber que esperava em vão, ela nada faria para defender a vida do escravo. Eu não tinha esperado intervenção de parte dela, D. Inocência tinha horror a relações dos filhos com gente do quintal, eu sabia. E Nicolau, se de facto o esperou, passou a saber também que era tempo de se desiludir. Por isso não aguardou nova ordem. Fez sinal a Dimuka e foi para casa dele. Entraram os dois e trouxeram Thor, amarrado do pescoço aos pés, como um fardo. Nicolau trazia agora o facão à cinta. Dimuka também estava armado, nunca abandonava a afiada catana.

Rosário se levantou para correr e se abraçar ao amante. Mas Ambrósio se interpôs e com uma bofetada a atirou de novo para o chão.

– Chega de escândalo – berrou para a irmã.

D. Inocência segurou na filha e, ajudada por Matilde, tentou levá-la para dentro de casa. Hermenegildo chorava. Nicolau e Dimuka arrastaram Thor para fora da sanzala, seguidos a curta distância por Ambrósio e Kalumbo. Quando transpunham o portão, o escravo pôde ainda ouvir o grito da amada, eu quero casar com ele, pai, perdoa, pai, perdoa. Mas não percebeu certamente, pois ela gritou em português. E talvez nesses momentos antes da execução já não se ouça senão as vozes que gritam cá dentro.

Hesitei no caminho a seguir. Embora não goste de violência, sentia dever ir atrás deles, para testemunhar todo o drama até ao fim. Não era a missão que tinha nesta vida, a de servir de relator do que acontecia com o meu dono? Embora o dever me ordenasse também ficar com Baltazar em todas as circunstâncias. Hesitei um bom momento, enquanto se desfazia o grupo no meio do terreiro e na varanda só permaneciam o meu dono, sempre de pé, e Hermenegildo. Então me decidi e larguei em corrida para fora da sanzala. Também eu tinha dois caminhos, como Thor quando foi apanhado, e escolhi um. Pagaria por isso?

Caminharam até à lagoa do Kinaxixi. Decisão de Nicolau. Para quê tão longe? Estava a atrasar o momento da execução? Thor não oferecia resistência à marcha, também não podia fazer nada, tão amarrado estava. Ia aos saltinhos, amparado pelos dois. Ambrósio sempre atrás. Chegaram à beira da lagoa. Nicolau não puxou pelo facão. Fez um gesto com a cabeça para Dimuka e se virou para trás. O carrasco oficial da família Van Dum fez ajoelhar Thor junto à lagoa. Pegou na catana que levava à cinta e desferiu o primeiro golpe. O rapaz gritou e o sangue começou a brotar da ferida. O colar de unhas de leão se partiu e caiu no chão. Dimuka desferiu o segundo golpe, mas a catana parecia não estar bem afiada, pois a ferida alargou, mas não o suficiente para o matar. Thor gritou de novo e caiu com a cabeça dentro da água. O terceiro golpe, acertando de lado no pescoço, pareceu mortal. Embora as pernas do rapaz continuassem a mexer. Dimuka empurrou o corpo, que desapareceu na lagoa.

Os três regressaram imediatamente à sanzala, me dando espaço para aproximar da borda da lagoa. Apanhei o colar de unhas de leão, seria útil um dia por causa das feras que vinham beber à noite na lagoa. E então eu vi. O sangue de Thor, boiando à superfície, se transformava em folhas redondas de nenúfares e delas cresciam hastes com flores brancas. Flores brancas como as dos jarros e que exalavam um perfume muito forte. Com um pau consegui puxar uma folha de nenúfar e colhi uma flor. Para oferecer a Rosário. Flor que ela guardaria para sempre.

# CAPÍTULO OITAVO

*(Abril de 1646)*

«Para tomar inteligência e desenhos (de Angola), se me ofereceu muita dificuldade e confusão, por achar os mais dos moradores tão inclinados á comunicação da Loanda e intereções della, que lhes era muy duro de admittir a privação de devassidão deste trato, e como quem arreceava de mim, tratavão antes de me persuadir cõ dissimulações assaz cuidadosas e muy preiudiciaes ao serviço de V. Majestade, que o olandês não necessitava de nosso comercio, porque abundava de bastimentos do Bengo e Dande, e de pessos da Ginga e Congo, a menos valor do que pudera resgatar da nossa mão estes e outros géneros semelhantes.»

Carta de Francisco de Sottomayor ao Rei de Portugal,  
Massangano, 4/12/45, in «Arquivos de Angola»,  
Luanda, 1943-1944, n.º 3-6

Choveu durante a última parte da noite. Acordei com súbita trovoadas e Deus sabe como tenho medo dos relâmpagos. Uma faísca caiu bem perto, vi a luz entrar no ramo de uma árvore alta, que se partiu em estalos, ao mesmo tempo que o solo tremia. Na luz que embranqueceu a noite, vi o focinho aterrorizado da hiena se aproximando de nós a cheirar e que fugiu espavorida com a faísca a rugir contra a árvore. Os meus companheiros de viagem também acordaram com a trovoadas, resmungaram. Depois começou a chover. O meu dono, Nicolau e Ambrósio se encolheram debaixo das capas grossas, durante algum tempo ficavam protegidos da chuva. Eu e os três escravos que levavam as imbambas ficámos assim

mesmo, de costas nuas à chuva. Iam também Ngonga e Kundi, os dois pisteiros forros que acompanham sempre Nicolau nas suas andanças pelo mato. Mas estes tinham casacos, há muito deixaram de usar peito a descoberto.

As noites no interior já começavam a ser frescas, passado o calor de Março. E com chuva piorava. Por isso me encolhi o mais que pude e fiquei batendo os dentes à espera que nascesse o sol. Mas ainda faltava muito tempo, havia muita chuva e frio para apanhar. Vida desgraçada a do escravo, que nem um casaco tem para proteger as costas da chuva. Pelo que via dos dois forros, também não adiantava muito, pois eles se encolhiam tanto como eu e tiritavam. E em breve os capotes dos senhores também deixaram passar a água, e eles estremeciam como eu. É isso, a diferença entre o senhor e o escravo é que aquele consegue atrasar os males, por minutos que sejam. Oh, há outras diferenças, basta pensar no pobre Thor. Um senhor não teria aquele tratamento, o qual condenou Rosário à tristeza. Os dentes até parece que se encavalitaram mais, saem agora da boca despidamente. E pede a todo o momento para ir num convento. Nunca vi mulheres em conventos, só homens. Parece, na Europa as mulheres que desconseguem casar se abrigam nessas casas santas. Em Angola nunca houve, nem no tempo dos portugueses. E agora nem mesmo para homens existem. Em Massangano e no Bengo funcionam igrejas, como a da Ilha. Os conventos em Luanda acabaram, como acabou a escola onde Ambrósio teimava em ingressar. Afinal esqueceu depressa esse desejo e neste preciso momento lança palavrões indignos de um bispo por causa da água que o encharca. Amaldiçoa a ideia do director que o tirou da sanzala aconchegante, para enfrentar a chuva no mato. Indirectamente está a amaldiçoar o pai, pois foi este que se lembrou de o trazer a Massangano, mas no seu desatino nem repara estar a faltar ao respeito filial.

De facto, a ideia foi de Redinckove, como bem frisou o meu dono. Preocupado com a política do governador Sottomayor, que proibiu os portugueses de venderem escravos aos holandeses e montava barragens de controlo nos caminhos de acesso a Luanda, falou a Baltazar na necessidade de alguém convencer Sottomayor a mudar

de atitude. Perguntava o folgazão Redinckove, mas diga, caro amigo, acha o senhor Fernandes de Pinda com peso suficiente para persuadir o governador? O meu dono não achava, Domingos Fernandes perdera toda a influência desde a partida de Pedro César de Menezes, assim como perderam aqueles que o antigo chefe mais ouvia. O director mandou uma mensagem a Massangano, pedindo um encontro em qualquer sítio com Sottomayor, para resolverem possíveis pendências. A resposta veio seca, os portugueses ainda não tinham esquecido a felonía dos mafulos que atacaram à traição o arraial do Gango e nunca devolveram o produto do saque. Já que nessa altura os holandeses tinham quebrado as tréguas, ele, Sottomayor, não se sentia também muito preso a elas.

Redinckove lamentou, assim não chegamos a lado nenhum. Ouman achou que de facto não era esta a tática mais acertada e resolveu tomar a iniciativa. Sem consultar o outro director nem o comandante das tropas, avançou com um pequeno grupo de soldados que faziam parte da sua segurança pessoal e tomou a ilha do Ensandeira. No ataque morreu o seu guardião, Gaspar Gonçalves. Sem a ilha, os portugueses sofreram rude golpe, pois perdiam o controlo sobre a parte baixa do rio e ficavam impedidos de comunicar com o mar. Lhes restava a parte do Kuanza que subia da Muxima até Massangano e Cambambe, mas com menos préstimo agora.

Foi uma cena violenta, quando Ouman voltou a Luanda e contou o seu feito. Diz o major, que assistiu à discussão a três. Redinckove estava furioso, a sua política de diplomacia e comércio tinha sido posta em cheque pelo ataque do colega. E este dizia, é a única política que esse fanático do Sottomayor conhece, a da força. Agora já sabe que não estamos com medo dele e respondemos de forma enérgica às ameaças. Como contara D. Agostinho Corte Real um dia ao meu dono, Ouman não esquecerá a morte da sua mulher no *Diemen* afundado pelos portugueses ao largo do porto de Pinda, no Kongo. Tinha sempre prazer em se vingar. A discussão serviu apenas para que os directores promettessem que, a partir de então, nenhum tomaria medidas importantes sem concordância do outro, por isso eram dois.

– Também temos o nosso Sottomayor – disse Redinckove ao major Tack.

Estavam na casa de Hendrik Redinckove e comentavam a discussão havida horas antes. O meu dono se encontrava presente e o capitão Simon Dots. Mas as honras da casa eram feitas a Madame Gigi, a visita mais agradável que aparecera de surpresa. Mais tarde ela recusaria a companhia, quando o major e o meu dono se predispusessem para a levar a casa, nos Coqueiros, tinha um assunto a tratar com o director. Ninguém sorriu, mas todos sabiam qual era o assunto. Porém, não se estava ainda aí e o major falou:

– Felizmente há dois directores, um pode travar o outro. Senão aquele raivoso já nos tinha levado para a guerra.

– Será que não estamos em guerra? – perguntou Simon Dots. Madame Gigi bebeu o resto de licor que tinha no cálice. Abriu as saias e saiotas para cruzar as pernas e mostrar um bonito sapato carmesim. Falou em francês, com voz lânguida:

– Se estamos em guerra, não sei, mas este licor é delicioso. Todos sorriram, imagino eu, e se fez um silêncio constrangido, enquanto o director voltava a encher o cálice da prostituta, tornada amante de luxo em Luanda. Foi então que Redinckove falou, com voz séria, sem se preocupar com a presença feminina, como nas melhores cortes europeias, em que as mulheres podiam ouvir tudo pois não tinham outra inteligência nem importância senão a da cama:

– Amigo Van Dum, acho que tenho de lhe pedir um favor. Arranje um pretexto de negócios e vá a Massangano. Convença o Sottomayor de que os portugueses só perdem com a guerra, não podem lutar contra a Jinga, o Kongo e nós, todos coligados, que é o que vai acontecer. Que têm todo o interesse em manter o comércio aberto, como estávamos até há pouco tempo.

– Até posso ir, tenho lá a minha filha que não vejo há muito tempo. Só que me parece ser inútil. Por que haveria o governador de me ouvir?

– Só se saberá se tentar. Podemos falar amanhã no palácio com o Ouman? E gostaria que você também estivesse presente, major. Devemos experimentar todos os recursos.

Foi assim que surgiu a ideia que nos levou a deixar a sanzala, nos metermos ao caminho e no terceiro dia de marcha apanharmos esta chuvada que nos gela até à alma, se temos alguma. Mas não foi simples a discussão com o segundo director, que era intratável nas relações com os portugueses. Não assisti, no palácio é difícil ouvir conversas sigilosas, pois ao que os directores agora chamavam palácio era o antigo colégio dos Jesuítas e as pedras eram grossas de mais para deixar filtrar os sons, como convém aos sagrados locais de silêncio e conspiração. Mas Baltazar contou toda a conversa aos filhos, exactamente para que eles percebessem o que estava em jogo, quando o acompanhassem a Massangano.

– Perfeitamente inútil – disse Ouman, mal ouviu a proposta da boca do colega.

– Pode ser, mas não custa tentar – insistiu Redinckove. – É evidente que o amigo Van Dum falará a título pessoal. Que nem passe pela cabeça do governador que é sugestão nossa. Se o adivinhasse, pensaria que estamos fracos e com medo. Ainda mais se encarniçaria contra nós.

– A contrariar essa ideia de medo está o facto de lhe termos tomado a ilha do Ensandeira, felizmente – disse maliciosamente Ouman.

O outro não gostou do reparo, que podia fazer regredir a discussão para o tema da véspera. Preferiu não ripostar e antes insistir pela positiva.

– Nos tempos em que houve paz e relações de comércio, a Companhia teve alguns ganhos. Não chegavam de maneira nenhuma para compensar os gastos com esta conquista, mas era o começo. Conseguimos mandar no ano passado cerca de mil escravos para Pernambuco. É um décimo do que os portugueses exportavam por ano, mas o número devia crescer naturalmente. Nunca houve ano tão gordo em termos de exportação. O que prova que essa política é a única que defende os interesses da Companhia. Temos pois de convencer o governador a retomar o tráfico. Eles também ganham com isso. Aliás, de outra maneira vão ficar sufocados.

– É uma maneira de ver o problema – disse Cornelis Ouman. – Mas há outra. Houve mudança de governador e este é um fanático

que acha poder reconquistar Luanda com pouco esforço. Fechou os caminhos do mato, parou o tráfico. Então? A solução é só uma, derrotá-lo militarmente. E temos força para isso. Desde que cheguei o meu amigo Mani-Luanda vem reclamando que a política de boa vizinhança com os portugueses é uma traição aos interesses do Kongo. O rei do Kongo está disposto a despachar um exército numeroso para nos apoiar na guerra. Também recebemos indicações da rainha Jinga, furiosa perante a nossa passividade. Os portugueses estão a invadir o seu território e castigam os sobas que lhe são fiéis. Querem impor como rei do Ndongo o fantoche que eles criaram, o tal Filipe Ari. E voltam a fazer razias em territórios que dependem da rainha. Ela tem muita gente aguerrida, todos sabemos, mas precisa de artilharia.

– Não é assim tão fácil vencer os portugueses – disse o major. – Eles não têm ponto de recuo, vão lutar com desespero até ao fim. E as nossas informações apontam para uma guerra preta de vinte mil homens, que são os negros que eles enquadram.

– Se vamos para números, então que é isso comparado com os exércitos do Kongo e de Jinga? Podemos apoiá-los com artilharia, atiradores especiais e oficiais de enquadramento. Fazemos uma aliança invencível.

Eu ouvia os argumentos de Cornelis Ouman, via Baltazar, e estava a recordar os mesmos que D. Agostinho Corte Real desenvolvia, quando o meu dono falava das difíceis relações entre portugueses e mafulos. O Mani-Luanda tinha utilizado uma vez a mesma expressão, uma aliança invencível. E dizia que era um erro deixar a Jinga aguentar sozinha com a força e raiva dos portugueses, que aproveitavam o facto de terem canhões para dizimarem os guerreiros de plumas na cabeça. Os portugueses criavam intrigas entre os jagados, para depois atacarem um por um. E um dia atacariam o Kongo. O meu dono ouvia, não contestava, apenas dizia ser homem de paz e que esta alimentava melhor os negócios que a guerra, mas D. Agostinho sentia as reticências dele e acabava a conversa, lhe chamando amigo dos portugueses, que soava como insulto na sua boca. Não era por acaso que o Mani-Luanda e Ouman se visitavam reciprocamente uma vez por semana pelo menos. O

director ia de manhã para a Ilha e voltava ao cair da noite, pois era apreciador de maluco, desde os tempos do Kongo. Outras vezes o governador da Ilha subia à cidade alta para o almoço e ficava até ao jantar, voltando de tipóia a cantarolar.

– Podemos vencer os portugueses, não digo o contrário – disse o major. – O problema que ponho não é esse. Quanto tempo será preciso para os vencer, limpar os caminhos e refazer todo o processo de compra de peças? Levará muito tempo.

– E provavelmente a Companhia não resistirá financeiramente a tantas despesas, sem um só escravo ir para Pernambuco – acrescentou Redinckove. – Esse é o verdadeiro problema. Todos sabemos que a Companhia está quase falida. Se não entra dinheiro rápido, ela pode desistir desta conquista.

Ouman não estava convencido, era evidente. Tinha a certeza absoluta nas suas ideias. Mas resolveu ser condescendente, pois de facto não perdia nada com isso. Antes deixar experimentar e depois se associar ao improvável êxito, que teimar até ao fim.

– Que fique clara uma coisa. Acho que só pela via da guerra resolvemos este problema, tem de haver um vencedor, esta situação de nem carne nem peixe não pode durar. Mas não me oponho a que se tentem alternativas. Se o director Redinckove faz muita questão em que o senhor Van Dum vá falar com o governador... Logo que seja a título particular, não nos comprometa...

– Eu só iria se fosse a título particular – disse o meu dono. – Vou para tentar salvar o comércio, só isso.

– É exactamente o que queremos – apoiou Redinckove.

– Embora tenha dúvidas sobre os resultados – disse Baltazar. – Sottomayor parece intratável.

– Um papista fanático, um raivoso... – afirmou Ouman entre dentes.

Ninguém duvidou. Com alguma adaptação, os adjectivos se podiam aplicar também a quem falara. Talvez por isso aquele sorriso meio encoberto nos lábios do major.

E cá estamos nós a dois dias de marcha de Luanda, com o Lucala já muito próximo. Ao nascer do sol, percorremos a distância que nos separa do rio, procuramos um vau ou um barco e atravessamos o

Lucala. Muito antes do almoço estaremos em Massangano. Se a intenção do meu dono é ir directamente para a vila. Porque se preferir procurar a filha primeiro, então teremos de andar um pouco mais até à quinta, situada à beira do Kuanza e a duas horas de marcha de Nossa Senhora da Vitória de Massangano, nome oficial de uma terra que tem uma fortaleza e uma centena de casas, a maior parte das quais pardieiros e cubatas. Os portugueses gostam mesmo de nomes grandes. Para mascarar coisas pequenas?

Depois de horas de chuva e frio, o dia começou a clarear e todos nos levantámos com prazer, pois era melhor estar de pé e a mexer braços e pernas do que deitados em poças de água. Pegámos nas trouxas e imbambas, tudo molhado, e avançámos em direcção ao rio. Estávamos de facto muito perto, mas o percurso foi penoso. Não parava de chover, embora com pouca intensidade, e os caminhos estavam escorregadios de lama. Felizmente o terreno era relativamente liso, sem grandes outeiros. Demorámos duas horas até ao Lucala, muito perto do sítio onde este desagua no Kuanza. Massangano fica na confluência dos dois rios, que formam um ângulo agudo, com a fortaleza num cabeço. Fica assim protegida por três lados. Os meus temores se confirmaram logo, o Lucala levava tanta água que era impossível atravessar a vau. Passámos toda a manhã a percorrer a margem, esquadrihando por entre a chuva, à procura de uma canoa que nos pudesse fazer atravessar para o outro lado. De repente tive um susto, pois podia se dar o caso de estarmos mais para leste que o devido e portanto longe dos habituais sítios de passagem, o que significava ter de voltar para trás, à procura do local da confluência dos rios e daí gritar para a vila, até que alguém mandasse uma canoa. Podíamos ficar nisto todo o dia. Mas depois lembrei, Kundi e Ngonga eram da zona, deviam conhecer cada curva do rio, cada árvore, não podiam se ter enganado tanto.

De facto, acabaram por encontrar uma canoa presa no capim da margem, com um pau comprido dentro dela. O meu dono, os filhos e eu saltámos logo e Kundi pegou no pau, que era melhor que remo naquelas circunstâncias. Fincava o pau no leito do rio e empurrava com o corpo. A canoa avançava obliquamente, por força da corrente.

Eu rezava, pois o Lucala estava bravo e nunca fui muito entusiasta de águas. Chegámos felizmente ao outro lado, desembarcámos e Kundi voltou para transportar os outros. Esperámos por eles e depois marchámos para a vila, andando no sentido contrário, para ocidente. Durou mais de uma hora, sempre com chuva. Nicolau disse, enquanto esperávamos os outros na margem, que estávamos mais perto do arimo onde Manuel Pereira era feitor do que da vila. Mas Baltazar respondeu que era melhor ir directamente para Massangano e só se lá não houvesse lugar para ficar, que era o mais certo, nos hospedaríamos em casa da Gertrudes. Percebi logo a intenção dele, se ia para fazer política, tinha de dormir perto de palácios e tabernas, para aproveitar bem o tempo.

Tinha de se andar sobre uma zona de lajes para entrar na vila. Parou então de chover. E foi nessa zona que vimos os primeiros habitantes da terra, que até aí parecia vazia. Tínhamos passado por arimos e hortas sem ninguém a trabalhar neles, o que era estranho. Apesar da chuva, também era estranho que não tivéssemos encontrado gente ao longo do rio, a pescar ou a atravessar de um lado para o outro. Como se Massangano fosse uma povoação fantasma. Vimos os primeiros habitantes nas lajes e o vulto das casas a aparecer na cortina de chuva. As poucas pessoas que avistámos se dirigiam também para a vila. E então ouvimos os sinos. Se passava alguma coisa de anormal e acelerámos o passo. A entrada da vila era marcada por dois torreões, um de cada lado, com soldados em cima. Apanhámos a rua principal, ladeando casas pobres de pedra mal ajustada e sem reboco, cobertas de capim. Chegámos ao largo da Igreja matriz, rodeado de casas um pouco melhores, rebocadas e caiadas, mas nada comparáveis às da cidade alta de Luanda ou mesmo às dos Coqueiros. Havia muita gente no largo e do fundo desembocava uma procissão. Muitos padres rodeavam o andor, onde pontificava uma imagem de Nossa Senhora, chamada da Vitória. Os habitantes se concentravam no largo e os soldados faziam duas alas, por onde a procissão passava para entrar na igreja. Me espantou o número de padres, mais de duas dúzias, numa povoação que nesta altura e por razões excepcionais devia ter umas mil pessoas. Tal densidade de religiosos explicava que

passassem muito tempo em guerrilhas pelo poder, espiritual ou mesmo temporal, em virtude de o trabalho de assistência das almas não abundar para os ocupar plenamente. Se entretinham também como militares, muito deles sendo capitães, tenentes e sargentos, se destacando nos combates contra os pagãos.

– Porquê esta procissão? – perguntou Nicolau a um habitante que observava o espectáculo sem participar.

O homem olhou Nicolau com estranheza e depois viu o nosso grupo, que se distinguia do resto das pessoas por ter escravos de imbambas à cabeça. Sorriu, mostrando os dentes podres da frente da boca.

– Ah, acabam de chegar de viagem e não estão ao corrente. É feriado e há procissão de acção de graças porque faz um mês sobre a vitória no Dande.

– Que vitória no Dande? – perguntou Baltazar.

– De onde vêm que não sabem isso? – perguntou o homem, de novo desconfiado.

Estamos a chegar de Luanda. E não encontrámos ninguém pelo caminho que nos informasse sobre o interior.

– De Luanda? Ainda vem gente de lá?... Seja! Então lhe conto. Há um mês, Gaspar Borges Madureira derrotou a rainha Jinga no Dande. A própria estava na batalha, segundo diz quem combateu. A irmã dela, D. Bárbara, foi aprisionada e está ali ao fundo, a rezar. Vê aquela negra junto da parede da igreja com um pano azul por cima da cabeça? Pois é a célebre Mocambo.

Olhei e confirmei. O meu coração ficou pequenino de dor, a tão doce Mocambo prisioneira de novo? Tinha sido apanhada há mais de quinze anos atrás, com a outra irmã, D. Engrácia. Mas tanto a minha rainha Jinga exigiu, que os portugueses acabaram por soltar D. Bárbara, a Mocambo de seu verdadeiro nome. Estranhamente, o meu rei não pediu a libertação de Engrácia. Esta ficou sempre a viver em Massangano, numa casa, mas sem poder sair da vila. Até hoje. Agora de novo tem a companhia da irmã. Senti a saudade de me aproximar da Mocambo e inclinar a cabeça, como fazia quando era criança, para ela me acariciar. Mas estávamos do outro lado do largo. Além disso, não podia abandonar o meu actual dono para ir

ter com o anterior, esse já era passado. D. Bárbara esperou que a procissão entrasse toda na igreja e seguiu atrás, acompanhada de duas aias. Se alguma dúvida tivesse, perdi quando a vi caminhar, era inconfundível, parecia não tocar o chão e deslizar sobre ele. Mil vezes a vi andar no kilombo da rainha, mil vezes cheirei o perfume da pele dela, pois depois de afastarem a minha mãe de mim, foi ela que me criou. Até ser oferecido a Baltazar Van Dum, contra a vontade dela.

Este pareceu reparar em mim pela segunda vez na sua vida. A primeira fora quando o meu rei me apontou e disse, podes levá-lo, te ofereço este escravo. A segunda vez era agora. Porque percebeu a razão das lágrimas nos meus olhos? Talvez não tenha percebido a verdadeira razão, talvez pense apenas que D. Bárbara me fez recordar a infância na corte de Jinga. No entanto eu lacrimo porque a Mocambo é demasiado doce para estar presa, é como um pássaro. Felizmente não está enjaulada, até pode se movimentar na praça e ir à missa. Mesmo assim, a minha mãe de criação não devia ter nem um cabelo preso, não merece. Por isso choro sem vergonha.

– Vamos a casa do Jacinto da Câmara – disse o meu dono.

Toda a gente tinha entrado na igreja, menos os soldados que se ajoelharam fora, à entrada. No ar da praça tinha ficado o cheiro de velas. Soube mais tarde, as velas eram fabricadas em Massangano. Antes vinham do Brasil ou de Portugal. Os mafulos nunca se lembraram de as importar para o comércio. Talvez até não quisessem alimentar cultos de papistas. Por isso as igrejas de Massangano nem velas tinham para as preces e as promessas, era na realidade uma grande miséria. Até que um habitante, se lembrando de como o avô as fazia na distante aldeia de Portugal, resolveu experimentar com cera das abelhas, abundante em todo o território. Cheiravam muito mal e faziam muito fumo, pois eram velas amarelas e não brancas, sem refinamento. Mas assim as promessas já eram cumpridas e os altares dos santos estavam sempre iluminados. O feliz empresário abandonou o arimo onde estragava as mãos e se dedicou a tempo completo ao ofício que prometia futuro. Como os nichos dos santos apresentavam fuligem redobrada e a gente reclamava do cheiro acre que impregnava as

igrejas de Massangano, ele prometeu fazer experiências para refinar a cera e fabricar velas brancas. No entanto até agora tinha conseguido e todos eram obrigados a comprar as toscas velas amarelas.

Ao chegarmos a casa do senhor Jacinto da Câmara, logo percebemos que não estava ninguém nela. Nem um escravo. E a família era numerosa. Tinham entrado todos na igreja, antes mesmo de chegar a procissão? Porque não participaram nesta, teríamos reparado. Seria preciso esperar que acabasse a missa para voltarem a casa, por isso o meu dono disse a Ngonga e Kundi esperem aqui à porta com os escravos, e nós fomos dar uma volta pela vila, para passar tempo.

A vila estava quase deserta, com excepção de um ou outro grupo de soldados que passeavam pelas ruas vazias ou raros negros que deambulavam nas suas ocupações. A grande maioria da gente devia estar na igreja matriz. Passámos pela igreja de São Benedito, o santo da minha cor e onde, muito a propósito, oficiavam os padres mulatos e cuja assistência era sobretudo de negros e mulatos. Tinha sido esta igreja de São Benedito o feudo do padre João Cabeça, que disputara o poder religioso em Massangano e fora preso pelos adeptos do padre Moniz Barreto e derrotado, anos antes. Mais ou menos, foi uma luta pelo poder entre padres mulatos e padres brancos, tendo estes ganho, evidentemente. O bairro estava à entrada da vila, mais exposto aos ataques do exterior, por isso viviam ali poucos brancos. Nos aproximámos do rio Kuanza e da fortaleza. Ao subirmos um pouco o morro onde foi construída a fortificação, vimos então o Kuanza pela primeira vez. A tarde estava a ficar mais clara com o fim da chuva e já havia boa visibilidade. Os soldados não nos deixaram subir mais e dali olhámos o rio, a correr entre palmeiras e campos cultivados, mesmo à frente da ilha que o dividia em dois braços. À direita entravam nele as furiosas águas do Lucala. Posso dizer que sou um filho do Kuanza, pois nasci no meio dele, nas ilhas perto de Maopungo, onde foi a capital de Jinga em épocas de defesa, Pungo Andongo, a terra dos enormes pedregulhos negros que pareciam escalar até ao céu. Olhar o Kuanza sempre me deu um nó de saudade na garganta e o dia de hoje tem sido

particularmente sentido, com o regresso ao berço, o que embacia os olhos e endurece os ouvidos, por isso decidi ali, tenho de ser imparcial e objectivo, o meu passado não interessa, apenas tenho de relatar os factos tal como os viveu o meu dono e a sua gloriosa descendência, para isso fui criado.

Voltámos a casa de Jacinto da Câmara, o flamengo casado com uma portuguesa, D. Isabel, que fazia negócios com o meu dono e estava estabelecido há muitos anos em Massangano. Embora o pessoal vindo connosco de Luanda estivesse ainda fora, nos apercebemos logo que a casa já tinha gente, pois as janelas estavam abertas. Fomos logo entrando, os senhores para a sala e nós para o quintal. De fora não prometia nada, em virtude da modesta fachada, mas era uma casa espaçosa e com um pátio interior onde cabiam cem escravos. Me encostei a um pilar, o mais perto possível da janela que ligava a sala ao pátio.

– Logo nos apercebemos que o amigo tinha chegado, quando vimos o Ngonga e o Kundi aí fora com os escravos – avançou dizer o senhor Jacinto. – Mas primeiro quero apresentar-vos o alferes António de Oliveira Cadornega...

– Não é necessário, já nos encontrámos muitas vezes – ouvi a voz bem sonante do alferes, nosso conhecido desde os tempos do recuo de Luanda para o Bengo, pois tentara rondar a bela Matilde, quando esta apenas estava interessada no jesuíta que a absolveu no capim.

– Claro, claro, tontice a minha – disse Jacinto da Câmara. – Mas sentem-se, devem estar muito cansados... Diga uma coisa, amigo Baltazar, vão ficar alojados aqui em casa, temos muito prazer nisso. Há anos que não nos vemos, as conversas estão muito atrasadas. Ou prefere ir para casa da sua filha?

– Se não vos incomodar, de facto eu preferia ficar, pois o arimo é longe e os meus assuntos são mesmo aqui que tenho de tratar. Sobretudo consigo. Tinha pensado em despachar os negros para casa da Gertrudes.

– Pois fica aqui, está decidido. E os seus filhos também, evidentemente. Como sabe, a casa é grande e neste momento está bastante vazia. Se quiser, também há lugar para os negros, o quintal é vasto. Tenho um grupo de peças a chegar, mas estão ainda a

caminho. E já me arrependi de as ter encomendado, porque não sei o que fazer delas. O governador proibiu a venda para Luanda...

Talvez porque havia um estranho, o meu dono mudou o rumo da conversa com uma pergunta. Certamente dirigida a António de Oliveira Cadornega, se não directamente, pelo menos através do olhar que não presenciei.

– Mas então houve uma grande vitória sobre a Jinga? Para nós é novidade.

O alferes pegou logo na deixa. Tinha uma voz bem modulada, de homem forte e de fartos bigodes, próprios de quem aprecia um bom vinho tinto. Não sei explicar, mas associo sempre bigodes compridos e fartos com gosto pelo vinho. Nascido e criado em Vila Viçosa, importante praça do Alentejo, em Portugal, Cadornega viera com um irmão no mesmo barco do governador Pedro César de Menezes. Me recordava dele, nos tempos da fuga de Luanda, não só por fazer olhos sofredores quando divisava Matilde, mas por andar com papéis onde tomava notas constantemente.

– De facto, foi uma grande vitória. Tenho muita honra em ter participado, sobretudo porque vi e aprendi muita coisa que penso um dia registar por escrito.

– Sabemos que foi aprisionada a irmã de Jinga – disse Ambrósio.

– Sim, D. Bárbara. Mas o mais importante é sabermos agora porquê a Jinga nunca quis reaver a outra irmã, que vive aqui há tantos anos, a megera da Engrácia. Porque esta regularmente lhe escrevia em segredo, contando o que se passava no nosso campo, as forças militares de que dispúnhamos, as relações com os holandeses, tudo enfim que lhe pudesse interessar para nos fazer a guerra ou pedir a paz.

– A população está muito revoltada com a Engrácia – disse Jacinto. – Aliás, agora ela está mesmo presa na fortaleza. É muito diferente de D. Bárbara, devota de Nossa Senhora, e pessoa afável. Tive de conviver um pouco com a Engrácia e de facto é uma megera, é esse o termo.

Conheci também a prisioneira e dela não tenho pena. De D. Bárbara sim, minha mãe de criação. Mas Engrácia sempre que podia me dava beliscões, por pura maldade. E nunca reconhecia que os

outros podiam ter alguma razão num assunto, só ela conhecia tudo e teimosava constantemente. Se perdia argumentos ou autoridade, dizia sou a irmã preferida da rainha, alguém ainda quer falar? Deve ter sido um alívio para os homens da corte de Jinga que tenha ficado presa estes anos todos, pois perseguia quem ela desejava e a recusava. Homem escolhido por ela devia logo aceder, para evitar castigos e falsas acusações futuras. Uns tantos desapareceram ou ficaram muito diminuídos por não aceitarem satisfazer os apetites principescos.

– Mas como souberam que a Engrácia espionava? – perguntou Baltazar.

– Apanhámos as cartas – explicou Cadornega. – Algumas da Engrácia e também de outras fontes. A vitória foi importante, não só porque foram muitos os efectivos envolvidos, mas sobretudo porque conseguimos tomar o kilombo da rainha. Ela escapou, mas deixou connosco documentos, parte da corte e até parte do seu harém.

– Harém? – estranhou Ambrósio.

– Harém de homens, evidentemente. Os seus homens, mas que ela chama de mulheres, porque ela é rei e por isso tem concubinas.

– Já era conhecido que ela exigia ser tratada por rei e não rainha – disse Baltazar.

– Exacto – concordou Cadornega. – Mas também se sabia que tinha um harém de amantes machos? Também apanhámos uma holandesa grávida, que pariu no dia seguinte, tal o susto. O marido era conselheiro da rainha e vivia com a holandesa na corte. Chorou que se fartou, porque não pôde fugir, grávida como estava. Mas esqueceu rapidamente o calvinismo, se fez baptizar pela nossa Santa Igreja e ao filho. Agora está em Cambambe. Rapidamente arranja outro marido, foi uma que veio do Brasil para procurar homem em Luanda. Parece ter sido a própria Jinga quem pediu o envio do casal ao director de Luanda, porque queria ostentar um par de holandeses na corte. E agora prepare-se que vem o melhor...

A estória devia ser bastante divulgada em Massangano, pois ouvi o senhor Jacinto dizer, isso, conte essa, conte essa. Também o filho dele, Jaime da Câmara, ria por antecipação. Cadornega deixou se estabelecer o silêncio completo, interrompido de vez em quando

pelo ruído de pratos e copos por as mulheres estarem a arrumar a mesa. Falou como para uma plateia:

– Lembram-se certamente do Beiçorra, o nosso capitão que a Jinga derrotou e matou nos Empures, há uns tempos atrás. Dessa derrota houve vários soldados nossos que ficaram prisioneiros dela. Entre eles havia um rapaz que não tinha um só fio de barba. Pois a danada mandou esse rapaz se vestir de mulher, à nossa moda do Minho, e ficar na sua corte, fazendo passar-se pela viúva do Beiçorra. Jinga apresentava a toda a gente a inconsolável viúva, o qual era obrigado a chorar e lamentar, para dar mais realismo à representação. Os cortesãos riam de felicidade com a desfaçatez da rainha e os estrangeiros ficavam muito impressionados com o seu poder. Consegue sempre insinuar a ideia de que é a mais forte e tudo alcança. Temos de lhe render homenagem, é diabolicamente inteligente e hábil.

Gostei de ouvir o alferes Cadornega, homem de letras e de pensamento, reconhecer o mérito do meu rei, sendo o inimigo mais odiado. Odiados são os que têm algum valor, desprezados não. Mas não parou ali a demonstração de respeito de Cadornega em relação ao meu rei Jinga, pois continuou para meu secreto regalo:

– Em tudo ostenta uma pompa sumptuosa para impressionar quer os seus súbditos quer os embaixadores estrangeiros. Os nossos soldados que ela mantinha prisioneiros e que libertámos confirmaram o que encontrámos. A rainha se senta num cadeirão de veludo carmesim com talhes de ouro, sobre alcatifas de duas polegadas de espessura, onde se instalam os cortesãos e os embaixadores, tendo a praça coberta com pendões e estandartes dos panos mais finos, brocados e sedas, da Flandres e de Londres. E ela própria usa os mais ricos tecidos e muitas jóias e ouro, especialmente quando recebe alguma delegação do rei do Kongo. Sendo um reino ora amigo ora rival, tem de impressionar mais que qualquer outro.

– Apanharam o cadeirão? – perguntou Ambrósio.

– Infelizmente não. Eu vi a rainha num outeiro, sentada no cadeirão, debaixo de um enorme pára-sol, estudando a batalha. Mas quando nos aproximámos do morro, já ela não estava, nem o

cadeirão. E também não conseguimos apanhar o seu general, o terrível Jinga A Mona. Aliás, os principais chefes militares retiraram sem precipitações, antes de soltarmos os jagas nossos aliados atrás deles.

– E prisioneiros, fizeram muitos? – perguntou o meu dono, certamente a pensar numa colheita de escravos novos.

– Sim, claro. Só as acompanhantes de D. Bárbara eram quarenta. Estavam todas sentadas com ela, sem choros nem lamentações, à espera que as aprisionássemos, no kilombo que atacámos depois da batalha. Esperavam com muita dignidade, como deve ter gente fidalga. Foram muitos guerreiros apanhados, os que sobraram da degolação feita pelos nossos jagas, já sabe como é. Também alguns makotas e sobas importantes, mas esses foram decapitados para exemplo. E no kilombo apanhámos quase todo o guarda-roupa real, por isso conheço a qualidade dos tecidos com que se veste aquela danada.

– E onde estão os prisioneiros? – perguntou Baltazar.

– O governador não os quer em Massangano. Ficam em Cambambe até novas ordens.

– O mais longe do mar possível – acrescentou Jacinto. – Diminui as tentações de os vender aos holandeses.

– Mas vai ser um problema muito grande manter esses prisioneiros, se os não vendem – disse o meu dono. – Conseguem pô-los todos a produzir comida nos arimos? E até lá arranjam alimentação para eles?

– É um problema, é – concordou Jacinto. – Mas são ordens do governador.

– Pedro César de Menezes tinha outra política – disse Ambrósio.

Tinha lançado a discussão. Mas duvidei que Baltazar Van Dum avançasse muito nela, dada a presença de Cadornega. O meu dono era muito prudente e gostava mais de ouvir do que de exprimir opiniões, ainda por cima com um estranho ou um quase estranho. De Cadornega devia saber pouco mais que eu, fora um fiel servidor de Pedro César e até estivera disposto a lavar a honra do governador em duelo. Terá sido fiel até ao fim? E hoje? Mas Ambrósio era mais apaixonado pelos assuntos, talvez por causa da

idade. Imagino pois o olhar carregado de avisos que o pai lhe terá deitado.

– Mas diga-me uma coisa, senhor alferes – interrompeu Baltazar, muito a tempo. – No meio da tropa da Jinga detectaram a presença de soldados holandeses?

– Pouca coisa, alguns mosqueteiros. Mas que ficaram sempre à distância. Alguns dos nossos oficiais aliás acham que nem os mosquetes eram manejados pelos holandeses, que seriam antes mulatos. Nem tinham canhões, o que foi a nossa vantagem. Se a Jinga tivesse canhões... O Jinga A Mona é certamente um grande general e eles bateram-se muito bem, mas a nossa artilharia e a pouca cavalaria fizeram a diferença.

– Agora imagine uma coisa, senhor alferes. Imagine que a Jinga estava coligada com o exército do Kongo. E com canhões manejados por holandeses e alguma cavalaria holandesa. Como teria corrido a batalha?

– Nem me fale, senhor Van Dum, nem me fale. Por muito bravos que sejam os nossos soldados... E por muitos milhares de homens que tenha a nossa guerra preta...

– É o que eu temo – disse Baltazar.

Jaime da Câmara tinha estado até então calado. Apresentava pouco mais idade que Ambrósio, mas tinha dificuldade em se meter nas conversas de gente mais velha, exactamente como Nicolau. No entanto, o assunto devia preocupá-lo muito, pois ousou falar, de olhos postos no chão.

– Muitas pessoas têm dito o mesmo, que não resistimos a um ataque conjugado dos exércitos de Jinga e do Kongo, com o apoio dos holandeses. E parece que este governador faz tudo para provocar isso.

O silêncio que se seguiu deve ter metido medo ao tímido Jaime. Levantou assustado os olhos do chão, para estudar o rosto do pai e de Cadornega. Procurando apoio ou recriminação? Me lembro do Jaime, quando ele era mais novo, sempre assustado quando tinha de falar para mais de duas pessoas. E no entanto era muito bom nos negócios, como ajudante de Jacinto da Câmara. O meu dono até dizia que era mais difícil regatear com ele que com o pai, antes

mesmo de ser homem feito. De repente, encontrei semelhanças com Nicolau, também o braço direito de Baltazar e preguiçoso de língua. Com a diferença muito grande que Jaime não era filho do quintal, mas o primogénito de uma ninhada de que se desconheciam bastardos. Cadornega deve ter percebido o embaraço de Jaime, pois ergueu a sua bela voz.

– Tens razão, mas não repitas muitas vezes isso. Pode chegar aos ouvidos do nosso príncipe Sottomayor, o qual detesta quem diga que a paz com a Holanda é necessária neste momento.

– Mas ele é assim tão partidário da guerra? – perguntou Ambrósio.

– Se não é, parece. Provavelmente não quererá provocar a grande coligação adversária e apenas derrotar os inimigos um por um. Mas estou convencido que depois desta batalha do Dande, nunca mais vamos encontrar os inimigos um por um, eles vão mesmo ficar coligados permanentemente. A menos que o governador conversasse com os holandeses e abrisse de novo os caminhos ao comércio. Isso acalmava um pouco a situação, ficávamos apenas com Jinga como adversária, a qual vai precisar de algum tempo para refazer o exército. O Kongo fica longe e, se não for provocado, não ataca.

Cadornega fora suficientemente explícito para desanuviar o ambiente. Agora já se sabia de que lado ele estava, o que condizia com o facto de ser visita íntima do senhor Jacinto da Câmara. O meu dono arriscou uma pergunta que continha já uma opinião.

– Mas acha, alferes, que o governador quer mesmo recuperar Luanda? – perguntou o meu dono.

– Ele diz isso à boca cheia. O que não é verdade neste momento, não temos tropa para tanto. Mas ele também diz que estão a chegar grandes reforços e por isso não se devem encorajar os holandeses a permanecer. E encorajá-los é fazer negócios com eles. O meu medo é que os reforços cheguem tarde de mais. Sobretudo depois desta vitória. Foi uma grande vitória e todos nos esforçámos para a obter. Mas pode nos sair cara, senão veja. Jinga precisa de certo tempo para refazer o exército, mas homens é o que ela tem mais e vai querer desforra. O rei do Kongo compreendeu que não estamos a brincar e portanto vai mandar tropas para apoiar a Jinga mais

efectivamente. E os holandeses também não querem que aniquilemos a rainha, por isso vão mandar artilharia e tropa de enquadramento. A menos que os escravos comecem a chegar a Luanda...

– Essa também é a minha ideia – disse Baltazar. – Até gostaria de falar com o governador, para o convencer da conveniência política de abrir o comércio.

– A si não vai chamar judeu, como o faz a todos os portugueses que lhe sugerem isso. Mas vai dizer que é flamengo e portanto resulta no mesmo. Temo, senhor Van Dum, que seja tempo perdido.

– Então sempre é verdade que ele culpa os cristãos-novos da política do governador Menezes... – disse o meu dono.

– E não só – disse Jacinto da Câmara. – Constantemente fala da qualidade da gente que veio para Angola. Judeus, mouros, criminosos desterrados. O que é em grande parte verdade, são a maioria dos moradores. Curiosamente nós os três somos excepção. Até mesmo uma parte significativa dos sacerdotes veio desterrada por delitos ou é constituída por cristãos-novos. Mas não eram estes os conselheiros verdadeiros do governador Menezes. Os principais da colónia são oriundos de famílias importantes, da gema portuguesa, e distinguiram-se nas batalhas. Sempre que alguém refere a importância de se manterem relações comerciais com Luanda, ele responde com o mesmo estribilho, que isso é argumento dos judeus que só pensam nos negócios e não nos verdadeiros interesses do rei de Portugal. Como se só ele fosse um autêntico português. De maneira que se o amigo Baltazar lhe falar disso ele vai dizer que não admira que defenda tais ideias, pois é flamengo e tem todo o interesse em negociar com os outros flamengos. Penso que até é perigoso para si falar-lhe dessa maneira. Aqui estamos entre amigos, crentes da mesma religião, podemos conversar à vontade. Mas com este governador, não convém.

A comida estava pronta e D. Isabel convidou para a mesa. Responderam com rapidez, estávamos todos com fome, tinha sido um dia cansativo e sem comer nada, por causa da chuva da madrugada. Mas a comida ia demorar a chegar ao quintal e eu não percebia porquê o Ngonga ou o Kundi não tiravam os mantimentos

que trouxemos nas imbambas. Vinha peixe seco da salga do Rodrigo e farinha de guerra. Com uns goles de água estava feita a refeição. Mas eles esperavam certamente as delícias que sobrassem da mesa, lhes cheirava bem aquele odor que fugira da cozinha para o pátio. Baltazar, no entanto, não parecia muito preocupado com a comida, como se não estivesse todo o dia de barriga vazia. Só admira quem desconhece o fascínio dele pela política. Continuou com as perguntas.

– Acham que me castiga apenas por lhe dizer que o comércio pode evitar a realização da grande aliança dos inimigos?

– Pode, sim – disse Cadornega. – Ele é muito diferente do governador Pedro César, que também tinha as suas casmurrices, mas nunca levava a mal que lhe dissessem umas verdades. Ainda no outro dia o capitão-mor Gaspar Borges Madureira, nosso chefe de guerra e herói do Dande, lhe disse o seguinte. Agora que derrotámos Jinga e mostrámos a nossa potência, vamos ter uns meses de acalmia na parte oriental. É o momento de retomar o comércio com Luanda. Os holandeses não vão pensar que será por fraqueza, antes pelo contrário. Podemos até impor preços mais correctos, pois a Companhia nos tem comprado as peças a muito baixo valor.

– O que é verdade – disse Baltazar.

– Disse mais Borges Madureira. Que com as trocas podemos calmamente esperar o resto dos reforços e nos organizarmos para então darmos o golpe sobre Luanda. Sabe qual foi a resposta do governador?

Claro que ninguém sabia. Mas Cadornega ficou em silêncio, à espera que o meu dono dissesse não. O que todos fizeram em uníssonos, excepto Nicolau e Jaime. Também ficaram caladas as senhoras que comiam na cozinha e não entravam na conversa, pois embora Jacinto da Câmara fosse flamengo, a casa se regia segundo as leis de D. Isabel, portuguesa respeitadora das tradições de humildade.

– Que não precisava de relações comerciais com Luanda para esperar reforços e preparar o assalto a Luanda. Cortando as relações comerciais de Luanda com o interior, os holandeses embarcavam de

volta ao Brasil, pois estavam de rastos, com a Companhia falida. Que Borges Madureira não lhe falasse essas covardias, pois ele, Sottomayor, não tinha medo dos holandeses, vinha de uma família ilustre.

– Como se Borges Madureira não viesse... – disse Ambrósio. – E chamou covarde ao grande capitão?

– Praticamente – disse Cadornega. – Ouvi o capitão-mor contar numa pequena roda de oficiais. E também percebeu que foi chamado de covarde. Ficou furioso, porém teve de engolir em seco, o outro é o governador escolhido pelo rei. Mas, cuidado, a maka não acabou aqui. Madureira não é pessoa para esquecer uma ofensa dessas.

– Estou a ver que o governador Sottomayor não tem simpatias em Massangano – disse Baltazar.

– Nenhumas – concordou Jacinto. – É muito arrogante e, como eu já disse, considera os moradores antigos como potenciais traidores, desde judeus que só pensam em negócios a partidários do rei de Espanha. Praticamente só confia nos homens que vieram com ele e nos que saíram de Benguela. Mas mesmo entre estes está a haver desagrado.

Houve uma paragem na conversa. Eu ouvia apenas o barulho das bocas a trincharem galinha. Kundi também deve ter ficado incomodado com os barulhos que vinham da casa de jantar, embora suspeitasse que ele não tinha ouvidos tão bons como os meus. Em todo o caso, foi a um dos fardos, todo embrulhado em folha de bananeira para não deixar entrar chuva, e retirou farinha de guerra e encheu a boca, bebendo água em seguida. Foi o sinal para os outros atacarem a farinha e acalmarem um pouco as barrigas. Fiquei a vê-los comer, mas atento ao que se passava dentro de portas. E ouvi primeiro uma gargalhada abafada. Cadornega ria sozinho? Depois falou:

– Desculpem, mas me lembrei que o governador neste momento também não deve estar muito bem disposto.

– E então porquê? – perguntou Ambrósio.

– Primeiro foi o cavalo que lhe morreu. É sabido que só resistem bem os cavalos nascidos aqui. Parece que é como as pessoas, quem

vem de fora dificilmente ultrapassa os primeiros tempos. Mas o governador tomou a morte do cavalo como um mau presságio. Quem me contou foi o padre Esteves, que é um santo homem e tentou convencê-lo ser uma coisa natural. Mas não é que lhe morre em seguida o papagaio do Brasil com quem tinha longas conversas? Se dizia que o governador tinha com o papagaio as conversas que não queria ter connosco. Chamou de novo o padre Esteves e lhe disse, veja se não é um mau agouro. Primeiro o cavalo, agora o papagaio. Segundo o padre, tem andado muito macambúzio por causa da morte dos seus amigos. Certamente a pensar que vai atrás deles.

– Cruz, canhoto – disse Jacinto da Câmara, se benzendo.

– E hoje ainda deve ter ficado pior na igreja – continuou Cadornega. – Pois então não viu a cadeira de damasco carmesim em que estava sentado cair com uma perna partida? E o sacristão que se assustou e deixou derramar o azeite de palma da lamparina na cadeira, a qual ficou cheia de nódoas? Vai interpretar também isso como mau agouro, aposto com quem quiser. Amanhã tenho a confirmação pelo padre Esteves.

Todos acharam graça ao governador, tão arrogante e pronto a partir para mil batalhas com medo dos presságios anunciados pela morte de um papagaio ou o cair do óleo de uma lamparina. Faltava ali Matilde para logo declarar se eram anúncios infaustos ou profecias de felicidade. Porque nestas coisas de augúrios nem sempre o que se apresenta mau o é de facto. Logo aproveitou Ambrósio para perguntar a Cadornega:

– Diga-me, senhor alferes. Falou em registar por escrito o que vai observando. Está a escrever um livro sobre estes acontecimentos?

– Ainda não. Por enquanto, só tenho apontamentos dispersos. Penso contar a história heróica dos portugueses nesta terra, desde a fundação da cidade de Luanda. Por isso pergunto detalhes aos que viveram as coisas e registo o que me contam.

– E vai apresentar o governador Sottomayor da maneira como fala dele aqui entre amigos? Porque li algumas crónicas e até poemas sobre os reis e heróis de Portugal, que só cantam coisas sublimes e grandiosas, como se não existissem as menos gloriosas.

Houve uma pausa na conversa, porque Cadornega não respondeu logo. Mas à pausa na fala não se seguiu o barulho dos maxilares nas coxas de frango. Ficaram todos à espera da resposta do futuro cronista. E ele teve de limpar a boca com as costas da mão, ganhando tempo de reflexão.

– Chega a ser uma questão moral. Se escrevo sobre as grandezas de Portugal, como posso contar as coisas mesquinhas? Não, essas ficam no tinteiro, pois não interessam para a história. Será necessário saber interpretar a crónica. Personagem que não aparece revestida de grandes encómios é porque não prestava mesmo para nada e só o pudor do escritor salvaguarda a sua memória. Assim se tem feito, assim deve ser.

– E então Sottomayor como ficará? – insistiu Ambrósio.

– Depende do futuro. Como o homem que nos faz retomar Luanda e portanto um herói sem mácula. Ou o homem que nos empurrou para a perda total. Neste último caso, não haverá crónica.

Soube uns tempos depois, Cadornega falhou no dilema: nem Sottomayor recuperou Luanda nem conseguiu empurrar os portugueses para a perda total. Mas o cronista bem preveniu que não lia o futuro, isso era arte para a bela Matilde, a qual profetizara sete anos de ocupação holandesa sobre a costa de Angola. Cadornega até conhecia a profecia, aparecendo como da autoria de um jesuíta, afinal seu mais ditoso rival.

«Lembrava-lhe huma como Profecia predita por hum religioso da Companhia de Jesus, (...) o qual tinha prognosticado, fundado dizião em uma profecia de Esdras, em que sete annos havia de durar o castigo de Deos em os Reinos de Angola, e que nenhum Morador dos Antigos viria à terra restaurada nem tornarião à Cidade, seus filhos sim.»

António de Oliveira Cadornega, «HGGA», T. I, p. 314

Mas ainda estávamos longe, enfiados em Massangano na casa do senhor Jacinto da Câmara, lambendo farinha de guerra, nós os do quintal, enquanto os senhores se banquetevavam de frango e vinho

francês. Já era noite escura quando acabou a refeição e pouco depois Cadornega se despediu. Mas antes tinha apanhado uma aberta e trocado duas frases breves com uma filha de Jacinto, quando ela ajudava a levantar os pratos da mesa. Não consegui perceber o sentido, mas vi o brilho dos olhos no lusco-fusco. Logo me convenci, as visitas do cronista não eram apenas por amizade, traziam um objectivo escondido. Daqueles que terminam num altar de igreja. Uma conclusão podia tirar, Matilde parecia definitivamente esquecida.

No dia seguinte andámos por Massangano, onde o meu dono tinha muitos conhecidos. Com todos ele trocava uns dedos de conversa, pois fazia mais de quatro anos que não se encontravam, desde que voltámos para Luanda. Um ou outro dos conhecidos tinha aparecido depois disso na cidade, mas não eram muito numerosos. Apesar da brevidade dos encontros, havia oportunidade para ouvir as mesmas queixas, que os tempos seguintes iam ser muito duros, pois tinha terminado o comércio com os mafulos e em breve deixaria de haver farinha de trigo para o pão, e vinho, tecidos, até mesmo pólvora. Veladamente todos deixavam no ar a mesma suspeição, este governador há de nos perder. Nunca governante tinha sido mais odiado, ao fim de somente quatro meses de mando. E se as pessoas não eram absolutamente claras na denúncia, diziam as coisas de tal forma que só um pobre de espírito não entenderia logo.

Numa taberna, onde nos levaram os manos Costa, velhos amigos do meu dono, estava um flamengo vindo de Benguela, Cornelis Noels. Os dois manos torceram um pouco a cara, mas fizeram as apresentações. Noels era casado com uma portuguesa e vivia em Benguela, na altura da ocupação holandesa. Fugiu com os portugueses para o interior, para o presídio de Caconda. Ao fim de um ano, regressou com os outros a Benguela. E lá estavam, quando apareceu o reforço de Sottomayor. O novo governador mandou todos os portugueses abandonarem a cidade e se juntarem às suas forças para avançarem até Massangano. E Noels veio com a família.

– Eu sou de Gand – disse, mal foram apresentados. – Somos quase vizinhos.

– Lá todos são vizinhos, é tudo muito perto na Flandres do sul – disse Baltazar.

A taberna estava praticamente vazia, pois antes de lá entrarmos só havia o taberneiro e Cornelis Noels, o qual fazia questão de ser chamado Cornélio. Não era coisa nova. Também Jacinto da Câmara esquecera o seu nome original, usando a tradução portuguesa. Os senhores entornaram os copos mesmo de pé, ao balcão. Noels disse para se sentarem à sua mesa, mas os dois portugueses recusaram, que iam ficar pouco tempo, vinham apenas beber um copo com os amigos que não viam há muito, mas tinham outras coisas a fazer e partiriam em seguida. De facto logo se despediram, tentando arrastar Baltazar consigo. Mas Noels disse fique mais um instante, beba um que lhe ofereço, gostaria de trocar dois dedos de conversa. O meu dono não entendeu os avisos dos manos Costa e aceitou a oferta do flamengo, se despedindo dos amigos. Estes foram embora, olhando ainda para trás, tentando fazer um gesto significativo. Às vezes eu ficava escandalizado com a falta de percepção de Baltazar, passando ao lado das coisas como se não as visse. Ficámos todos na taberna e o meu dono e os filhos foram se sentar na mesa de Noels, que encomendou um jarro de vinho. Ainda era de manhã, mas pelos vistos ele mantinha as tradições flamengas.

– Pois então vem a negócios. Sei que o seu parceiro principal é o Jacinto da Câmara, nosso patrício.

– Exactamente. Nos conhecemos há muitos anos e temos negócios juntos.

Noels tinha falado em português e o meu dono respondeu em flamengo. Mas o outro voltou a falar em português e a partir de então Baltazar também usou esta língua, apesar de estranhar visivelmente o facto.

– Boa pessoa, boa pessoa. Mas temo que não esteja nas graças do governador. O nosso patrício esquece por vezes que não é português e intervém na política local.

– O Jacinto? Deve estar a falar de outra pessoa.

– Como podia confundir as pessoas? Somos os dois únicos flamengos que vivem em Massangano. É mesmo dele que falo.

– Desculpe, mas tem de haver um mal entendido. Não estou a ver o Jacinto se meter em política. Nunca o fez, não ia ser agora...

Noels abanou a cabeça, em jeito condescendente, como a dizer que ingénuo tenho eu à minha frente. Ingurgitou a bebida e voltou a encher o copo. Falou de forma suave, dando uma palmadinha na mão de Baltazar.

– Não é de uma maneira directa, claro. Mas tem movido uma campanha contra o governador, dizendo a quem o quer ouvir que devíamos fazer negócios com Luanda, vender aos heréticos holandeses os escravos que eles querem.

– Pretender vender escravos aos holandeses é comércio, não é política.

– Deixe-se disso, Van Dum. É política, claro. Se o governador se opõe ao tráfico, quem defende os negócios com Luanda está a fazer política. Pior ainda, está a fazer política contra o governador. O meu amigo tem as mesmas ideias do seu sócio?

– Pai, o melhor é irmos embora – disse Ambrósio, sem conseguir esconder o nervosismo. – Temos muitas voltas a dar e não podemos ficar toda a manhã na conversa.

Eu percebi a intenção de Ambrósio, mas parece que o meu dono não. Senão, porquê haveria de desdizer o filho da maneira como o fez?

– Não temos nada de urgente a fazer, Ambrósio. Acabámos de nos sentar. E deixa-me explicar aqui ao senhor Noels que o comércio é a melhor maneira de unir as pessoas e os interesses e de evitar guerras que só trazem desgraças.

– Isso é teoria política dos holandeses – disse o outro, sorrindo. – Teoria que serve perfeitamente os interesses da Companhia das Índias Ocidentais.

– Não é teoria nenhuma, é apenas bom senso. Veja. Nestes tempos de comércio entre Luanda e o interior, não houve combates nem incidentes sérios entre portugueses e holandeses. Cada um podia viver um pouco mais desafogadamente.

– Claro. Mas com os holandeses na cidade que roubaram aos portugueses e estes obrigados a permanecer no mato ou em

Masangano, proibidos de viver na Luanda que construíram e em que os filhos nasceram.

– Com o tempo isso pode ser resolvido e de forma pacífica.

– Acredita mesmo nisso, Van Dum? Acha que a Companhia vai abrir mão do que conquistou pela rapina? Está a esquecer quem são os piratas e corsários dos mares?

O meu dono não ouviu mais uma vez o aviso de Ambrósio, vamos embora pai. Tinha engatado na discussão, nada o faria parar. E não estava a respeitar as suas próprias regras de prudência, discutindo com quem não conhecia. Só porque lhe pagaram uns copos? Baltazar tinha certa dificuldade em recusar um convite, não pelo que ganharia com ele, mas por delicadeza. E muitas vezes se arrependia mais tarde de não ter declinado, dizia ser o castigo da boa educação.

– Quanto a isso, estamos de acordo, os holandeses são uns piratas. Mas acrescento que também os franceses e os ingleses o são. E de outra forma, os espanhóis e portugueses não lhes ficam atrás. Os alvos da pirataria é que são diferentes, o que também depende das épocas. Não é por aí que os apanha.

– Muito me espanta o senhor, um católico, estar a pôr a par os heréticos holandeses e os católicos portugueses...

– Ninguém chamou a religião para a conversa – disse o meu dono, cada vez mais agastado, esquecendo mesmo de entornar o copo cheio à sua frente.

– O mal desta terra é que as pessoas só pensam nos seus interesses particulares, esquecendo sempre coisas muito mais importantes como país, nação, rei, religião. O governador Sottomayor está cheio de razão, a gente que está aqui não presta, deviam ser todos excomungados por só pensarem em fazer negócios, traindo a pátria...

– De que pátria está a falar, Noels?

– Falo da pátria portuguesa, evidentemente. De que outra havia de falar?

– Julgava que era de Gand – disse Baltazar, pela primeira vez usando da ironia.

E desta vez voltando a falar em flamengo.

– Nasci lá, é tudo. Mas estou ligado aos portugueses, sinto como os portugueses e fico revoltado ao ver como pela traição eles são prejudicados. E apesar de ter nascido em Gand, nada me liga ao rei de Espanha, que continua a dominar a nossa terra de origem. Por isso combato, e com armas nas mãos, para defender os direitos do rei de Portugal.

– Como estrangeiro, não devia intervir na política local. Você mesmo o disse.

– Não está a perceber. Eu apoio o governador. Estou no meu direito, pois ele é a autoridade. Os outros é que não têm o direito de fazer política contra ele.

– Já percebi. Se é para defender o poder, é permitido ao estrangeiro fazer política. Mas se for contra o poder, então é proibido. Não é isso?

Cornelis Noels deu uma gargalhada divertida. Voltou a entornar um copo de vinho. Nicolau e Ambrósio nem tinham tocado nos seus copos. Era cedo de mais para o mais velho, mas Ambrósio não tinha horas escolhidas, se evitava o copo tinha outra razão. E o pai tinha bebido moderadamente. O outro acabara num instante com o jarro e já fazia sinal para o taberneiro trazer outro. A este ritmo, como ficaria ao anoitecer? Mas por enquanto estava lúcido, pois respondeu sem dificuldade, sempre em português:

– Já entendeu. O governador Sottomayor é um grande homem e não acredita minimamente no que os judeus lhe dizem.

– E que lhe dizem os que você chama judeus?

– Que os holandeses estão muito fortes e podem viver aqui perfeitamente sem os portugueses. Mandaram vir o Ouman, que foi o primeiro responsável pelo comércio, o qual é muito competente e vai montar uma rede eficaz de ligações com o interior. Dizem mais os judeus que a ideia de cortar os caminhos do sertão é um disparate, os holandeses têm ou vão criar os seus próprios. E portanto o melhor é manter os portugueses como intermediários desse tráfico com a costa, ao menos assim não perdem tudo. O governador acredita no contrário. Que sem os portugueses os holandeses não fazem nada, não exportam mais de dez escravos por ano. E ao fim de um tempo fazem as malas e vão embora, falidos.

Se chegar um reforço e atacarmos Luanda, então ainda vão mais depressa.

– Conheço essa teoria. Mas quem lhe garante que o governador confia nela?

– Garante ele próprio. Ainda ontem me disse. Você não sabe, mas sou um dos seus oficiais de confiança.

O meu dono bebeu vagarosamente o resto do copo. Nitidamente para reflectir. Noutra ocasião Ambrósio aproveitaria a deixa, limparia o pigarro com uma tossezinha e desviaria a conversa. Mas agora não abria a boca, não queria dar pretextos para se prolongar a conversa, interessado apenas em tirar o pai da taberna. E sem saber como adiantar esse momento. De repente me assaltou uma dúvida, ao ver os olhos de Baltazar. O meu dono estava a estudar a possibilidade de se servir de Noels como intermediário para obter uma audiência do governador? Para depois ir defender ideias contrárias do próprio Sottomayor e do Noels? Tinha vindo a Massangano para isso, afinal. E sabia aproveitar sempre as suas relações, permanentes ou circunstanciais, para chegar aos objectivos.

– Parece-me que o senhor é demasiado radical – disse finalmente Baltazar. – Se há pessoas que defendem o comércio não são fatalmente traidores. Nem estão a defender os interesses dos holandeses contra os portugueses. Nem sequer a fazer política.

– Refere-se a si?

– Entre outros. Parece-me legítimo que as pessoas trabalhem para viver melhor. Você mesmo, o que tem feito como profissão? Não foi sempre militar.

– Sou agricultor, tenho um arimo no rio Cavaco em Benguela. Me tornei militar agora, para seguir o governador Sottomayor. Mas quando libertarmos Benguela dos holandeses, voltarei para a minha quinta do Cavaco.

– Então compreende o que quero dizer.

– Desculpe, mas não compreendo.

O Noels estava a divertir-se à brava com o meu dono. Parecia um gato a brincar com o rato, antes de o comer. E Baltazar nem entendia isso, nem ligava aos discretos sinais que Ambrósio tentava lhe fazer. Nicolau parecia tenso, com o copo de vinho cheio e sem

desviar os olhos da cara vermelha do flamengo de Benguela. De facto, não só a cara era vermelha. Também o cabelo tinha a cor do fogo. Já vi muitos brancos mas nunca um tão vermelho e sardento assim. Por isso lhe chamavam o Ruço, vim a saber mais tarde.

– Quero dizer que temos o direito de defender os nossos negócios, logo que eles não sejam prejudiciais aos outros.

– Porra, mas eu digo que são. Desde o princípio lhe digo que essas negociatas com os holandeses só prejudicam os interesses do rei de Portugal. E os senhores continuam a fazê-las. E a conspirar para que sejam abertos os caminhos do mato. Por isso com toda a razão o governador acha, e eu também, que o estão a atraiçoar. Os únicos que o não fazem são os agricultores, que não se dedicam ao tráfico de escravos.

– Bem, ao menos o meu genro Manuel Pereira escapa da sua vindicta.

– Ninguém pode acusar o Manuel Pereira de ser traidor – condescendeu Noels. – Ainda por cima, é apenas feitor do arimo. Produz comida para a vila, o que é patriótico.

– Mas ele é o que você chamou um judeu. De família cristã nova.

– Como vê, não sou fanático. Nem o governador.

Ambrósio já estava farto de fazer sinais que o pai ignorava. Se levantou da mesa, pai, agora é mesmo tarde, por favor. Baltazar olhou para ele, fez com a mão um gesto para esperar um momento e se virou para Noels.

– Já que parece conhecer bem a minha família, pode dar-me notícias do meu filho Benvindo, que está em Benguela?

O flamengo riu descaradamente. Emborcou outro copo, limpou a boca com as costas da mão, bastante peluda para os da sua nação, mais parecia a mão de um português. Me fiz a pergunta, os pêlos cresceram tanto só pelo esforço de se integrar na comunidade dos portugueses? Já tinha visto casos mais estranhos ainda.

– Conheço o seu filho. Ficou por lá. Pelo menos não seguiu a ordem do governador de abandonar a cidade. Nem ele nem o seu amigo Antunes. Mas deve estar muito bem, por enquanto, pois é grande amigalhaço do capitão holandês. Por enquanto. Não poderei dizer o mesmo quando expulsarmos os heréticos.

Agora também tinha sido de mais, parecia uma ameaça velada. O meu dono levantou e enfrentou o outro, que sorria. Nicolau também se ergueu e pôs a mão no ombro do pai, vamos embora. Noels também se levantou, devia ser incómodo para ele continuar sentado com três pares de olhos furiosos que o contemplavam. Mas deixou a mão longe do punho da espada. Até abriu os braços, em gesto de paz.

– Não sei se os ofendi com algo que disse, mas foi sem querer. A sério.

O meu dono olhou para a espada do outro, parada à cinta e dentro da bainha, depois virou costas. Já a caminho da porta, respondeu:

– Não consegue ofender-me.

Sáímos os quatro, mas ainda ouvi o riso escarninho de Noels. E o seu grito para o taberneiro, venha conversar com o seu único freguês, senhor Matias. Andámos uns passos em silêncio, mas Ambrósio não aguentou muito mais e explodiu.

– Bolas, pai, eu a fazer sinal e o pai nada. Este homem é perigoso, nunca devia ter alinhado na conversa. Já os nossos amigos nos preveniram, nem nos queriam deixar com ele na taberna.

– Não reparei.

Claro, eu já sabia. Baltazar tinha dificuldade em reparar em certas coisas. Mas certamente notou o tom zangado de Ambrósio. Normalmente não suportaria que um filho lhe falasse nesse teor, mas Ambrósio não era um filho normal.

– Estás enganado em relação ao Noels. Não é perigoso. É apenas mais papista que o papa. De tanto querer fazer os portugueses esquecer que é estrangeiro, exagera na defesa deles. Há pessoas assim. Quando fazem parte de uma minoria, são os mais radicais na defesa da maioria.

– Este tipo é perigoso, pai – insistiu Ambrósio. – E estava a tentar tirar nabos da púcara. Talvez tenha exagerado nas intimidades com o governador, mas é pessoa para ir envenenar os ouvidos do Sottomayor contra o pai. Como talvez já o fez em relação ao senhor Jacinto. E o Benvindo que se cuide, se ele voltar vitorioso a Benguela.

– Sim, isso preocupou-me – reconheceu Baltazar. – Mas deve ter sido só uma boca de quem pretende passar por mais importante do que é realmente.

– O que mais me chateia é que nem provei do vinho, tão furioso estava – disse Ambrósio. – E o pai sabe como gosto do tinto.

– Vocês entenderam como uma ameaça o que o Noels falou – disse Nicolau. – Eu percebi que o Benvindo era amigalhaço do capitão holandês agora, mas deixaria de o ser quando os portugueses retomassem Benguela. É uma ofensa, por isso me zanguei, mas não é uma ameaça.

Baltazar parou, no meio da rua, segurando o ombro de Ambrósio. Olhou deslumbrado para Nicolau, o qual tinha por uma vez tomado o lugar do irmão. Também me espantei por Nicolau ir pela interpretação mais complexa, não era muito o seu estilo. Rememorei as palavras do flamengo e de facto podiam ser entendidas como uma ironia apenas e não uma ameaça. O que aliviou nitidamente os temores do meu dono.

– Tomara que seja só isso, Nicolau, tomara. O que é de qualquer modo uma ofensa injusta para o Benvindo.

O passeio estava no entanto estragado. Voltámos à praça principal, a da igreja, e encontrámos Jacinto da Câmara em conversa com o velho Reis, um antigo morador de Luanda. Este foi logo adiantando, mal cumprimentou Baltazar e os filhos:

– Estava mesmo a dizer ao nosso amigo Jacinto que você é homem de sorte, por ter voltado para a nossa cidade. Isto está uma desgraça, cada vez se vive pior. Eu então já comi o último dos meus bois, não tenho mais nada. Até sinto vergonha por não o poder convidar a minha casa. Será que aquela cubata em que vivo se pode chamar uma casa?

– Ora, senhor Reis, isto é provisório – disse o meu dono. – Qualquer dia voltam todos à cidade.

– O mais certo é os outros tomarem Massangano. Os hereges estão em Angola para ficar. E nós para morrer. Aquela profecia que o padre fez no Bengo, lembram-se dela? Na época até acreditei, iam ser sete anos duros, mas acabava a ocupação. Acho hoje que o padre falhou estrondosamente.

– Só daqui a dois anos e tal é que poderemos dizer se falhou – disse o meu dono, mal sabendo que a profecia era da autoria da sua filha Matilde. – Entretanto, há que ter fé. Mas deixe que lhe diga, amigo Reis, que as coisas também não são fáceis em Luanda. E se o tráfico ficar mesmo fechado, vamos amargar.

– Mas lá sempre se podem safar – insistiu o velho Reis. – Aqui é que estamos com uma espada de um lado e um bacamarte do outro. E com loucos no comando.

– Acabámos de conhecer o Cornélio Noels – disse Ambrósio. – Ele não é dessa opinião, mais velho Reis.

O colono apresentava cara amarela e chupada, de quem apanhou muitos paludismos na vida. A longa barba e o cabelo eram completamente brancos e o corpo já um pouco curvado para a frente. Devia ter mais de setenta anos, pelo menos aparentava. Não tinha nenhum dos dentes da frente e quando falava mostrava as gengivas castanhas. Por isso babava um pouco, se falava com irritação. Foi o que aconteceu, quando Ambrósio mencionou o flamengo de Benguela.

– Esse vosso patrício está todo do lado do governador. E suspeitamos que o anda a informar das nossas conversas e lamentações. Como oficial no activo, até parece ter um estatuto especial, pois não põe os pés na fortaleza, nem treina soldados, nem nada. Passa o dia a conversar na taberna. Porquê? Porque é o espia do governador.

– Bem, o amigo também está a avançar muito – interveio Jacinto da Câmara. – São apenas suposições.

– Nestas coisas é muito difícil ter certezas. Mas os indícios são fortes. Para ter a certeza era preciso que o gajo ficasse completamente bêbado e confessasse. Mas o diabo bebe que nem um danado e nunca perde a consciência.

– Mas que queria ele? – perguntou Jacinto.

– Não sei ao certo – disse Baltazar. – Mas mandou umas ameaças. Sobretudo em relação a quem quer restabelecer o comércio com os holandeses. E elogiou o governador, um grande patriota e homem de visão superior.

– A única coisa simpática é que o Ruço acaba por ser mais patriota que eu – disse o velho Reis, sorrindo. – Irritantemente simpática, se posso falar assim.

Os irmãos Costa se juntaram ao grupo, avisando atrasadamente sobre o Noels, bem vos fizemos sinal mas não reparei, justificou o meu dono. O mais velho Reis retomou a palavra para explicar como o flamengo de Benguela fora um dos principais agentes no afastamento do novo governador em relação aos antigos conselheiros do Menezes, porque ele, Noels, era mais português que eles todos juntos, no que Sottomayor parecia acreditar piamente. Por isso o nomeou capitão, deixando de lado muitos portugueses ilustres que não passavam de tenentes ou alferes, como o nosso conhecido Cadornega.

O próprio Cadornega que na véspera se tinha oferecido para introduzir mais facilmente o meu dono na fortaleza, de onde não saía o governador, salvo para ir à missa. E chegara a hora que na véspera tinham dito a Baltazar ser a melhor para pedir uma audiência. Apenas para cumprimentar Sottomayor, uma questão de simples cortesia, justificara o meu dono. Por isso os Van Dum se despediram dos amigos e caminharam para a fortaleza, que além de quartel era o gabinete e residência do governador.

– Se tiver a audiência, pai, acho melhor ser mesmo só para o cumprimentar – disse Ambrósio no caminho. – Pelos vistos ele já tem a sua opinião bem firmada, inútil tentar convencê-lo do contrário. E vamos ficar na lista negra.

– Mas vim para falar com ele, a pedido dos directores. Que lhes digo depois?

– Que tentou e não o convenceu. Que até foi ameaçado de ir para a cadeia como agente holandês. Que o homem é intratável e está convencido de receber mais reforços, ou que a Companhia já está falida. No fundo, o pai não estará a dizer nada de falso. Apenas evita chatices.

Baltazar não respondeu, mas ficou remoendo o conselho do filho. Cadornega estava à porta, em grande conversa com os guardas, e fez-nos entrar de imediato. E o meu dono a remoer o conselho. Ficou calado e em grandes pensamentos, enquanto esperava a

audiência que afinal o alferes já lhe tinha adiantado. Acabou por entrar no gabinete e nós ficámos à porta, uma maciça porta de madeira e ferro, que não deixava filtrar o mais pequeno som. Barulhos vinham do pátio, onde os soldados treinavam os negros a manejar as armas. O choque do aço das espadas e das botas a pisar o chão se misturavam aos gritos das ordens. Nem eu, com as minhas orelhas abertas como as de um elefante, podia captar a conversa que se processava no gabinete. A qual foi bem rápida, pois o meu dono pouco depois de ter entrado já estava de volta e com cara de alívio. Cadornega tinha ido aos seus afazeres e nem nos despedimos dele. Saímos da fortaleza e Baltazar se encostou ao muro de pedra que a continuava. Olhou o rio Kuanza, onde pirogas iam e vinham da ilha. Um ou outro pescador tentava a sua sorte, lançando tarrafas da margem.

– Apenas o cumprimentei. Alguém me disse que o Sottomayor parece um comandante espanhol. Nada mais exacto. Com este calor, está todo vestido de preto e a preceito. Tem bigodes de ponta retorcida para cima e uma pêra comprida e fica de pernas abertas e com a mão no punho da espada enquanto fala. Se tivesse o elmo de aço na cabeça, pensaria que estava a dar ordens num campo de batalha.

– E então? – perguntou Nicolau.

– Disse que pedi a audiência apenas para o cumprimentar, pois se tinha vindo de Luanda a Massangano, não me parecia correcto ir embora sem antes o saudar. Ele disse que sabia que eu era amigo dos portugueses, já o tinha provado. Por isso me recebeu de imediato. Mas que não estava muito contente com o facto de vendermos escravos aos holandeses, não era próprio de católicos, pois isso ia prolongar a estadia deles em Angola. Esperava que parasse imediatamente com essa prática.

– E o pai? – perguntou Ambrósio.

– Não disse nada. Ele perguntou se eu tinha vindo para comprar escravos e os levar para a costa. Estão mesmo a ver que eu ia confirmar!... Respondi que tinha uma filha num arimo perto e viera visitá-la, há quatro anos que não a via. Ele desejou boa estadia e

boa viagem. E eu desandei, com a alma mais leve. Possas, esse homem mete medo, os olhos dele brilham. Como os do *predikant*.

– O pai vai contar ao Redinckove o que sugeri, não é? – perguntou Ambrósio.

– Claro. Não vou ter coragem de lhe dizer a verdade. No fundo, só nós saberemos que será uma meia verdade.

Voltámos ao largo e ainda lá estavam os amigos. O meu dono lhes contou o teor da audiência como o fizera a nós, minutos antes. O velho Reis bateu com a mão no coçado gibão amarelo que usava, do qual saiu o pó da velhice, pois o gibão praticamente se desfazia. Disse em voz baixa e olhando para todos os lados:

– Pois é, este governador ainda nos vai matar a todos. Se não nos anteciparmos...

Jacinto da Câmara passou um braço pelos ombros do meu dono e convidou-nos a voltarmos a casa dele para almoçarmos. Pelo caminho ia murmurando para Baltazar, mas eu ouvia, apesar de ir uns passos atrás, os moradores estão pelas últimas, temo que façam um gesto de desespero contra o Sottomayor. Se correr mal, ainda vão ficar mais divididos e será o princípio do fim.

Mas foi de outros assuntos mais agradáveis que o meu dono lhe falou, mal acabaram de comer e se retiraram os dois para beber uma aguardente francesa que tínhamos trazido de presente. Se deitaram em redes no pátio, com uma escrava a servir a aguardente e outra a afastar o calor com um grande abano.

– Gostaria muito de ser seu compadre, há tantos anos que temos negócios em conjunto. O Jaime continua sem compromisso, não é?

– Continua. Qual é a filha que o amigo Van Dum tem para ele?

– Ana. Fez agora dezoito anos e está linda. Não é por ser minha filha que o digo. Em Luanda as meninas moças correm muitos riscos, pois os flamengos, como nós sabemos, ou são católicos ou de pouca moral. Por isso quero casar a Ana o mais depressa possível. E pensei no Jaime. Bom moço, sossegado, grande trabalhador.

– Fico encantado. Mas eles já nem se conhecem, a Ana era muito pequena. E não posso obrigar o Jaime a casar com quem ele não queira, não dá bom resultado.

– Por isso o Jaime vai passar uns tempos a minha casa. Têm assim oportunidade de se conhecer. Se eles se acertarem, fazemos a cerimónia rapidamente. No caso de o Jaime não se entusiasmar, paciência. Mande o rapaz em breve para Luanda.

– Acho óptimo e isso merece mais um cálice.

Sáímos no dia seguinte para as terras do Kuanza onde Manuel Pereira trabalhava o arimo de João Zuzarte de Andrade, juiz ouvidor em Massangano, que tinha muitas propriedades, não só ali, mas também no vale do Bengo. Kundi tinha partido na véspera, para avisar da nossa chegada. Ao fim de duas horas de marcha para oriente, estávamos na soberba quinta, enorme plantação de bananeiras, legumes variados, mandioca e todas as frutas. Ao longo do rio Kuanza havia uma estrada, com palmeiras dos dois lados. Além da agricultura, havia criação de porcos, cabras e alguns bois. Uma parte da produção se estraga, diria mais tarde Manuel Pereira, porque não se consegue vender tudo em Massangano. O produto com mais saída era sem dúvida a mandioca, porque a farinha de guerra nunca chegava para os exércitos e os escravos. Mas as bananas e os legumes sobravam, apesar de todos os dias ir um carro de bois vender à vila.

O casal já tinha cinco filhos, dois machos e três fêmeas. O mais velho, Jacinto Pereira Van Dum, afilhado de Jacinto da Câmara, agarrou na mão do avô e não lhe largava. Nunca vi o meu dono tão orgulhoso com um neto, também tinha sido o primeiro. Visitámos a plantação toda, onde se via a competência do feitor, vaidoso em mostrar o seu trabalho. Gertrudes preparou uma lauta refeição e dessa vez eu não esperei a noite para comer, como me tinham habituado. Não era possível recusar aqueles chouriços e morcelas que ela própria confeccionava e que eu nunca provara. Melhores que os da Beira, elogiava o discreto marido. Apesar do isolamento e do perigo constante, por estarem perto do território de Jinga, parecia um casal satisfeito da sua condição. E a julgar pelo que nos deram a comer, não viviam nada mal. Nem os escravos, que estavam mais gordos que normalmente. E até fugiam menos. Segundo se sabia e o Manuel confirmou, todos os colonos se queixavam das constantes fugas de escravos, pois o meu rei protegia os que pisassem o seu

território e nunca aceitava devolver os fugitivos. O juiz ouvidor achava exagerada a comida que Manuel dava aos escravos. E se zangava quando o feitor dizia então é melhor deitar fora, pois se estraga tanta? Assim eles comem mais e fogem menos. João Zuzarte de Andrade considerava um mau exemplo para os cativos das suas outras propriedades, onde os homens andavam magrinhos e apanhavam mais de chicote. Me agradou ver que Manuel tratava melhor os escravos, talvez por ter vindo para a terra pela miséria que a família camponesa passava em Portugal e não por ser criminoso. Tenho de arranjar a minha própria terra, concluiu Manuel Pereira as suas queixas.

Mais uns dias a subir o Kuanza e chegaríamos ao sítio onde nasci, as ilhas à frente de Pungo Andongo. Mas íamos no dia seguinte voltar para trás. Essa parte da minha vida ficaria para sempre na bruma que saía das águas do rio, nas madrugadas de cacimbo.

# CAPÍTULO NONO

(Dezembro de 1646)

«Todo o debate agora é sobre Angola, e é matéria em que não hão-de ceder (os Holandeses), porque sem negros não há Pernambuco e sem Angola não há negros.»

Padre António Vieira, Carta ao Marquês de Nisa, Haia, 12 de Agosto de 1648, in *Cartas do Padre António Vieira*, t. I, Coimbra, 1925, p. 243

Rodrigo entrou na sanzala a correr, se dirigiu para a varanda das traseiras. Parecia um rinoceronte a perturbar a paz modorrenta de depois de almoço. Tinha acabado de chover e o ar ainda estava fresco, convidando a uma sesta. Baltazar há um tempo roncava na rede e eu me preparava para dormir, sentado contra a parede, olhando os patos a chafurdarem nas poças de água do quintal. Mas Rodrigo trazia os olhos em brasa, algo de muito grave acontecia. Sem cerimónias, sacudiu o pai, acorde, acorde, é urgente. Deve ter vindo a correr desde a Ilha, pois estava bem molhado, com marcas de lama em toda a roupa, e ofegava como eu depois de subir a galope a Calçada dos Enforcados. Baltazar acordou resmungando, cheio de vontade de dizer meia dúzia de palavrões, mas não o fez, pois compreendeu imediatamente que Rodrigo não viria de tão longe só para lhe impedir a sesta. O pai sentou na rede. O filho tirou respeitosamente o chapéu, deitando-o para o chão da varanda.

– Fala, então, Rodrigo.

Mas este tinha feito um grande esforço e estava esgotado. Sentou no chão, encostado a um pilar, respirou fundo e disse, arquejando:

– Vim lhe pedir um conselho... uma ajuda... Que Cristo me ampare... O meu sogro recebeu ordem do rei do Kongo... Os holandeses atacaram Muxima e recuaram. E o Kongo manda um exército para os apoiar. O meu sogro vai comandar esse exército... E ele quer que eu e os meus cunhados, todos... vamos com ele...

– D. Agostinho quer que o acompanhes a atacar os portugueses?

– É isso, pai. Vamos avançar para Ilamba. Nossa Senhora das Dores me valha!

– Mas tu nunca fizeste guerra. Nem tens treino.

– Foi o que lhe disse... Pelo santo nome de Deus... Mas ele insistiu... Quer todos os machos da família com ele... Os meus cunhados também nunca fizeram guerra... O Mani-Luanda disse, há sempre uma vez que tem de ser a primeira.

O meu dono ficou calado. Procurava reflectir. Rodrigo aproveitou a pausa para respirar fundo umas vezes. A mãe ouviu algum barulho, ou foi o coração dela que adivinhou, nunca se sabe quando se trata de mães, apareceu na varanda. Baltazar aproveitou a presença, lhe mandou logo chamar o Ambrósio, preciso da cabeça dele aqui.

– Esqueceste? Ambrósio foi no Kuanza.

Era verdade, Ambrósio tinha ido com o engenheiro Daniel Boreel, seu chefe e professor, à margem do rio, onde se pensava cavar um canal para trazer água até à cidade. Obra grandiosa que só podia passar pela cabeça de holandeses, os reis dos diques e dos canais, ao que me dizem. Quando ouviu na taberna de Dona Maria que tinha chegado um tenente engenheiro especialmente para estudar e fazer o projecto dessa obra, Ambrósio se entusiasmou. Finalmente se resolveria o problema da água de Luanda, sempre dependente da pouca capacidade da maianga e dos barcos que a traziam do Bengo, caríssima por causa do transporte. Um canal vindo de um rio que tinha sempre imenso caudal parecia a solução definitiva. Mas era preciso cavar durante mais de sessenta quilómetros, o que implicava muitos escravos e muita comida para os escravos, e salário para os capatazes que iam chicotear os escravos e salários para os técnicos que deviam dirigir as obras. Dinheiro que a Companhia não queria despender, pois o próprio soldo dos militares estava dois anos atrasado.

Daniel Boreel estava desanimado quando conheceu Ambrósio. Graças a Matilde, que tinha o estranho condão de descobrir homens bonitos nas raras vezes que saía da sanzala. Pois ela o trouxe à casa grande, ainda acabado de chegar, o que provocou grande escândalo na família. Como Matilde, uma viúva respeitável, trazia um homem que mal conhecia, para ser apresentado à família? Não se fazia. Desta vez parecia que Matilde queria levar as coisas a sério e segundo os costumes do decoro, mas o pai ficou furioso, era licenciosidade de mais. E no entanto Matilde apenas o tinha trazido por ter achado ser homem interessante, com uma profissão que nenhum deles conhecia, engenheiro de águas, diques e canais, barragens e outras construções afins. Devia ter boa conversa, era tudo. O pai estava a julgá-la mal, pensando que ia fazer coisas indecentes que nem lhe tinham passado pela cabeça, agora era uma mulher madura e mãe, enfim, uma conversa que amoleceu Baltazar, já arrependido de lhe ter criticado sem uma razão forte. Mas Matilde tinha má fama, não podia fazer nada inocentemente sem receber reprovação.

Quem ficou encantado foi Ambrósio, o qual tinha oportunidade de discutir um projecto arrebatador, dos tais dignos de uma vida de dedicação. Tal foi o entusiasmo demonstrado que o tenente o convidou a trabalhar com ele no empreendimento. Tinham de fazer um levantamento do terreno, saber os sítios por onde deveria passar o canal, aproveitando a pequena diferença de cotas de altitude, para vencer a distância até Luanda. Muito teriam de andar, de medir e de desenhar, até conseguirem traçar o caminho certo. E Ambrósio não seria pago, a Companhia não queria gastar nada enquanto não lhe fosse apresentado um projecto com pés e cabeça. Ele, Boreel, já quase desanimara por notar a falta de interesse da Companhia, nem um escravo lhe queriam fornecer para o acompanhar nas idas e vindas constantes pelo sertão, sozinho não se podia aventurar pois nem sequer conhecia os matos, pela primeira vez pisando solo africano e se borrando com medo de onças, cobras e leões. O entusiasmo de Ambrósio começava a lhe fazer acreditar ser possível realizar esse trabalho ciclópico, a sua ajuda desinteressada seria decisiva para tocar para a frente a ideia e a única recompensa que

podia fornecer era ensinar todos os segredos da profissão. Não era problema, Ambrósio tinha todo o tempo livre, nos livros aprendera muito mas tinha de continuar aprendendo, agora no trabalho, mas não um trabalho qualquer, não a chatice de tomar conta de uma quinta ou as canseiras de dirigir uma caravana de resgate de peças. E conseguiu do pai dois escravos para transportarem os aparelhos e as imbambas necessárias para quem dormia no mato noites seguidas, por vezes semanas.

Apareciam de vez em quando em Luanda, para retemperar forças e arranjar material, mas a maior parte do tempo era passada no sertão. Se estavam na cidade, o engenheiro Boreel vinha à sanzala cumprimentar a família, ser namorado pela Matilde, e ainda apanhava a boleia num lauto almoço preparado pela minha doce Catarina. Como se vê, a maior parte do projecto acabava por ser financiado pela família Van Dum. O levantamento estava no fim, segundo informara Ambrósio da última vez que veio na sanzala, depois ficariam em Luanda para desenhar o mapa, implantando no papel o canal e as cotas todas, uma técnica revolucionária mesmo na Holanda. Talvez então a Companhia se convencesse e iniciasse as obras no terreno. Ou o próprio príncipe de Orange, chefe de Estado das Províncias Unidas, o qual já pagava o salário de Boreel, pudesse avançar algum dinheiro para o arranque das escavações. Mas o engenheiro tinha dúvidas, acrescentou Ambrósio, a Companhia não podia com um gato pelo rabo, quase falida. E a Holanda tinha outras urgências bem mais importantes que uma pequena cidade perdida nestes matos e morrendo de sede.

Ambrósio devia estar a chegar com o trabalho de campo terminado, mas neste momento não estava ainda e era agora que o meu dono dele precisava, pois todos sabíamos que ideias brilhantes saíam daquela cabeça privilegiada.

– Quando pensa o teu sogro partir? – perguntou Baltazar.

– Amanhã cedo. Pelo santíssimo sangue de Cristo! Por isso vim logo a correr, mal ele me falou... Saber o que o pai me diz.

– Mas afinal queres ir ou não? Ainda não me disseste. Percebi o truque de Baltazar, estava a tentar ganhar tempo, para ir reflectindo

entretanto. Havia muitas coisas a ponderar, era uma situação complicada.

– Pessoalmente não tenho interesse nenhum em entrar numa guerra, santo Deus. Se pudesse dizer que não, se arranjasse uma boa desculpa... Mas também não posso negar essa vontade do meu sogro, os grandes fidalgos vão para a guerra com toda a família, os parentes são os adjuntos de confiança dele, os que podem transmitir exactamente as suas ordens. E para ele é uma honra chefiar o exército do Kongo, quer partilhar connosco essa honra. Percebo isso tudo, Santa Maria. E ficará muito ofendido se eu disser não vou porque não quero fazer guerra. Bom Jesus, como ele ficaria furioso! Punha-me fora da Ilha, acabava o casamento.

– Nesse caso tens de arranjar uma boa desculpa.

Matilde apareceu na varanda com o pequeno Henri pela mão. E logo a seguir veio Hermenegildo. Aos poucos a família ia se reunindo para ouvir o drama de Rodrigo. De todos os irmãos era realmente aquele que me parecia menos capaz de participar numa batalha. Rodrigo era absolutamente pacífico, nasceu com ele, quando miúdo nunca tentou bater numa escrava, o que todos os irmãos fizeram uma vez ou outra. E mesmo nas discussões com as irmãs, nunca levantou a mão ou ameaçou bater. Os olhos verdes se contraíam de dor ao presenciar qualquer violência, desviavam para não contemplarem uma cara sofredora.

– É isso, pai. Mas que desculpa? Doente não estou, nem fico até amanhã, a menos que Nossa Senhora da Saúde se distraia e deixe de me proteger.

Todos olharam para Matilde, ela tinha conhecimentos sobrenaturais. Mas também sobrestimaram as suas capacidades. Matilde sabia, como nós sabíamos, que os kimbandas conhecem ervas que fazem simular doenças e ataques estranhos em que se espuma pela boca e tem convulsões. Mas ela não conhecia as ervas nem a quantidade que faz simular e não matar. Em tudo é bom evitar excessos. Me lembro de Ximbuto, que precisou escapar de um compromisso e contratou os serviços do kimbanda Kassule, o qual se enganou na dose ou foi o pobre do Ximbuto que estava desesperado e bebeu uma porção a mais, o certo é que em vez de parecer morto durante

umas horas, como era o objectivo, pareceu durante dois dias e só quando começou a cheirar mal é que a família descobriu que não parecia, coitado, estava mesmo.

– A única coisa que conheço é que se meteres dois grandes dentes de alho no rabo vais ter febre ao fim de pouco tempo.

D. Inocência se benzeu com a ideia da filha, Hermenegildo sorriu. Rodrigo abanou a cabeça, disse com amargura:

– Uma febrezita não chega. Santo nome de Deus! Quando é que uma febre impede alguém de ir para a guerra? Só se fosse uma grande sezão de paludismo.

– Para a família é muito mau que vás – disse Baltazar. – Os portugueses acabam por saber e eles são nossos amigos. Vão se sentir traídos. O bom nestas coisas é ficar sempre no meio.

– Não vejo como ficar no meio desta vez – disse Rodrigo. – O meu sogro acharia uma traição feita pessoalmente a ele. Nem quero pensar nisso, Sagrado Coração de Jesus.

– E se a Cristina fizesse uma cena grande de choros, que não quer que o marido a deixe, que tem medo, etc., etc.? – sugeriu Hermenegildo.

– Ela ficou toda orgulhosa por o pai ser o comandante do exército do Kongo e por eu ser convidado a acompanhá-lo.

– Chiça – disse Hermenegildo.

– Não vejo como escapares – disse Baltazar. – Não te metas a fundo nas coisas, fica como observador. Mais tarde, se for preciso, diremos que foste obrigado a acompanhar o teu sogro, mas que só ficaste a olhar, não tomaste parte nas operações. E tenta ficar escondido, pode ser que não reparem em ti.

– Vão reparar, pai – disse Rodrigo. – Mesmo que fique sempre parado no grupo que rodeia D. Agostinho, então não vão reparar num mulato montado num cavalo branco? Pela Santíssima Virgem, pai.

– Vais a cavalo? E branco ainda por cima?

– O meu sogro deu-me hoje para o levar para a batalha.

– Por uma vez vais mesmo ser notado – disse Matilde, sem poder esconder a ironia, pelo menos de mim. – Por Nossa Senhora da Purificação das Almas...

D. Inocência só se benzia. Mas calada até então. Quando percebeu que o filho ia inelutavelmente para a guerra, nada se podia fazer para o evitar, começou a bichanar orações. E quando o marido concluiu, tenta de todas as maneiras te esconder o máximo possível, começou ela a xinguilar e a gritar, aiuê o meu filho que vai prá guerra, ai o meu filho uê, no português mais puro, raríssimo nela, o que atraiu os forros e os escravos, para conhecerem o nome da desgraça que se abatera sobre a casa grande, e também Nicolau, acompanhado do hóspede Jaime da Câmara. De dentro de casa apareceram Catarina, Rosário e Ana. D. Inocência fazia já o komba antecipado do filho, ela o via estendido por cima da mesa da sala, os círios à volta e as pessoas passando silenciosas de negro dando os pêsames pela morte do herói. Tive um arrepió, nunca gostei dos gritos macabros das mulheres nos kombas, algumas até vêm todas contentes a rir e a dizer piadas, mas de repente se põem sérias à frente do falecido e arrancam os cabelos, dão de ancas e gritam ai que desgraça, tão bom que ele era, meu único amparo aiuê, e coisas mais comoventes ainda. Mas do que não gosto mesmo é dos gritos que me perfuram os ouvidos, tão sensíveis os tenho.

– Porra, ele ainda não morreu, mulher – gritou Baltazar.

E todos se benzeram e bateram em madeira, sobretudo Rodrigo que suspirou, pela Santíssima Virgem das Dores, mãe. Ana se aproximou de Jaime da Câmara, que olhava um pouco aparvalhado para aquela cena de uma mãe se arrancando os cabelos e lhe explicou, o meu irmão Rodrigo vai acompanhar o sogro, D. Agostinho Corte Real, na guerra que vão fazer aos portugueses, o que provocou no homem de Massangano um sinal da cruz feito rapidamente e uma exclamação a propósito, o Senhor dos Passos nos ajude. Não percebi quem devia ser ajudado pelo Senhor dos Passos.

Jaime da Câmara tinha chegado a Luanda em Junho, dois meses depois de termos deixado Massangano. Foi um acontecimento digno de figurar na história da família. Em primeiro lugar, porque sabia ao que vinha e todos na sanzala o sabiam. Ana é que tentava se esconder em qualquer canto, morrendo de vergonha. Não deve ser fácil para uma menina olhar o rapaz que veio de tão longe para a

apreciar e depois decidir, vale a pena casar com ela ou então é feia que nem um bode, desta me esquindivo. Logo da primeira vez que Jaime, todo tímido, conseguiu soletrar um esbatido bom dia ao encontrá-la na mesa do matabicho, ela ficou vermelha por cima do natural castanho do tom, tropeçou nas palavras e lhe saiu da garganta uma espécie de grunhido que o horrorizou. Felizmente chegou em seguida Ambrósio, que meteu conversa com Jaime, o que a bem dizer não era uma conversa pois quem falava era só Ambrósio. O homem de Massangano ouvia o que lhe dizia Ambrósio, mas não deixava de lançar confusos olhares à moça, a qual ainda mais atrapalhada ficava. Tudo o devia confundir, de facto. Nunca sentara à mesa com mulheres exteriores à família, pois na sua casa imperavam os costumes portugueses da mãe. E o pai o atirara para a pior aventura da sua vida, ter de enfrentar sozinho a provação de viver em residência estranha e rodeado de mulheres, que lhe tentavam fazer todos os agrados. Baltazar tinha explicado muito bem, ao chegarmos da viagem a Massangano, que o Jaime haveria de aparecer e todos deviam ser extremamente simpáticos, pois ele queria aquele casamento acima de tudo. Mas Jaime tinha demorado muito, por motivos independentes da vontade de Jacinto da Câmara ou qualquer dos intervenientes. Quando apareceu, era uma espécie de desejado de cuja vinda se começava a perder a esperança. Mais razão para o tratarem com efusiva hospitalidade. E as senhoras da casa miravam-no com insistência, tentando adivinhar o que lhe passava nos olhos ao fitar a filha mais nova de Baltazar, antecipando profecias sobre a sua decisão. Excepto Matilde que estranhamente se alheava do assunto, logo ela que poderia imediatamente traduzir em certeza uma chispa no olhar, um imperceptível gesto de sobrancelha ou a inimitável dança das mãos. Sofria Jaime, permanentemente incomodado pela vigilância das futuras cunhadas e sofria Ana, se sentindo alvo das rapidíssimas olhadelas avaliativas do homem vindo do sertão.

Havia uma segunda razão para a chegada ser um grande acontecimento. O lote de trinta escravos que trazia, comprados por Jacinto da Câmara aos vencedores do Dande. Este considerava ter feito péssimo negócio, porque ficaram retidos em Cambambe por

ordens do governador, que nunca autorizaria a sua vinda para Luanda. Jacinto não sabia o que fazer com eles, pois as quintas de Massangano estavam nesse momento a abarrotar de mão-de-obra. Mas a situação mudou de repente, notícia que Jaime trazia em primeira mão e que conseguiu contar, com algumas hesitações e enorme esforço no início, por causa da timidez.

Sottomayor morreu quase de repente. Correu primeiro o mujimbo, o governador apanhou as febres. Logo a seguir veio a notícia ele estava muito mal. E no dia seguinte tocaram os sinos e todos perceberam, Sotto mayor foi fazer companhia ao cavalo e ao papagaio. Morte súbita de mais para ser causada pelo paludismo, a suspeita de veneno ou feitiço ganhou corpo. Afinal os sinais precursores eram verdadeiros e eles foram lembrados à mesa da casa grande, opinando Matilde que o mais credível indício era a cadeira ter partido a perna e provocado a queda do governador em plena missa, ainda mais confirmado pelo derrame do óleo de palma sobre o cadeirão, sinais inequívocos que o poder dele se desvanecia e, num homem como Sottomayor, o poder só lhe escapava por entre os dedos com o avanço da morte. Já o desaparecimento do cavalo e do papagaio podiam significar até o contrário, embora fossem dolorosos acontecimentos para quem pouco gostava das pessoas. Industriados que foram todos pela ciência de Matilde, se voltaram para as especulações sobre a verdadeira causa da morte do governador. Na mesa da casa grande mas também em Massangano, que até hoje se procuram provas. Havia demasiada gente com vontade de o envenenar e, por mais cautelas que tivesse Sottomayor, os meios não faltavam a quem desejava o seu fim. Na fortaleza tinha muitos inimigos, não só por causa da arrogância de conquistador, mas também por dificultar os negócios em que quase toda a gente estava interessada. E não se podia excluir a hipótese de ter sido uma pemba que lhe mandaram, pois é sabido que grandes feiticeiros e feiticeiras viviam em Massangano e arredores. Massangano, como Benguela ou Luanda, era centro onde se juntavam as bruxarias da distante Lunda, do Planalto ou do Kongo, com as trazidas da Europa. Misturas por vezes explosivas que a Inquisição desconsegua desarmar. Para descobrir um feiticeiro era

preciso um adivinho, o qual interpretaria sabiamente as mensagens dos búzios ou dos intestinos de cabrito, como todos calculamos. Ora, a Inquisição sempre confundiu adivinho com feiticeiro, queimava ambos os suspeitos. Quer dizer, anulava-se a si própria e os feiticeiros riam aos peidos, forma por todos nós conhecida de um feiticeiro demonstrar o máximo júbilo, contrariamente ao meu dono que perde o controlo dos intestinos quando está furioso.

Mais contou Jaime da Câmara, atabalhado narrador de tão interessantes peripécias, que os moradores de Massangano logo viram João Zuzarte de Andrade, juiz ouvidor e patrão do cristão-novo Manuel Pereira, encher o peito e dar ordens a torto e a direito para apressar as exéquias fúnebres do finado. E em seguida Gaspar Borges Madureira, comandante-geral das tropas e herói do Dande, gritou para a praça mas que brincadeira é esta, já um juiz manda em enterros e se julga governador, quando eu tenho o poder militar na mão. E quando deviam enterrar o falecido, com a cova já aberta e os vinte padres a baterem no peito, o ouvidor disse podem enterrar e o capitão-mor disse esperem, a homilia ainda não está acabada, tendo o juiz gritado sou a mais alta autoridade civil de Massangano, na ausência de governador, o que talvez até nem fosse verdade mas ninguém sabia, pois nunca tinha sido legislado quem ordenava nesses casos, depois que o bispo morrera, porém Borges Madureira pouco caso fez da voz fraca do ouvidor e deu um berro próprio para quartel, porra, quem manda aqui sou eu, e puxou pela espada. Se ouviram muitas outras a saírem das bainhas, até que o vigário chefe da igreja subiu para a cruz de pedra de uma sepultura, amparado por dois padres, e de lá de cima gritou, isto é assunto para o Senado da Câmara decidir. Todos concordaram, porque nestes assuntos de maka entre poder civil e militar, quem ganha sempre é o religioso, ainda por cima se representado por um vigário de espada em punho no alto de uma cruz de pedra. O Senado da Câmara reuniu em seguida, presidido por quem o convocara, o vigário. Estavam nele os moradores antigos e principais cabos de guerra. O vigário pediu logo, esta assembleia só pode funcionar se o comandante-geral largar o bastão de comando, tendo Gaspar Borges Madureira acedido relutantemente em resignar ao seu cargo, para

não influenciar as decisões. Pelos vistos, o capitão-mor desistente não era tão popular como pensava, pois foram eleitos três nomes para governarem em triunvirato, entre os quais João Zuzarte de Andrade. Mas o herói do Dande, como se chamava a si próprio, não foi eleito. E já era tarde para retomar o comando militar, pois o triunvirato, por imediata proposta do juiz ouvidor, oportuníssimo jogador, nomeou para capitão-mor Manuel da Nóbrega, antes que a sopa arrefecesse. Madureira só tinha uma coisa a fazer, se retirar para a sua quinta no Lucala. O que fez, rezingando impossíveis vinganças.

Se estes acontecimentos atrasaram a vinda de Jaime da Câmara para Luanda, também podiam ajudar o negócio do pai e de Baltazar. Pois Jacinto logo pensou, já não está quem retém os escravos em Cambambe e antes que o triunvirato olhe para essas coisas mesquinhas vou masé retirar as peças de lá. E mandou o filho pegar na caravana e se apresentar com ela na casa de Baltazar Van Dum. Os perigos que Jaime enfrentou no caminho não foram portanto os causados pelos portugueses, todos entretidos em discutir uns com os outros enquanto o triunvirato não segurava nas rédeas da governação. Outros perigos espreitavam a caravana, os causados pelos sobas antes vassalos dos portugueses e que logo aproveitaram para se rebelar. De facto, de Massangano até Luanda Jaime só encontrou sobas que queriam a aliança com os mafulos, achando que a morte de Sottomayor era o momento para acabar de vez com o domínio português. Por isso ele dizia sempre que trazia os escravos para Luanda, a pedido dos directores holandeses. Até não era mentira de todo. E embora os cativos fossem súbditos de Jinga apanhados no combate do Dande, os sobas deixaram passar a caravana pelas suas terras, na esperança de agradarem aos mafulos. Um dia, se Jinga viesse a saber da caravana, teriam de arranjar uma boa desculpa para conservarem a cabeça em cima dos ombros, pois o meu rei ia certamente acusá-los de não terem libertado os seus súbditos, alguns dos quais até fidalgos da corte.

– Mas todos os sobas estão contra os portugueses? – perguntou Baltazar. – Até mesmo Ngola Kiaito?

– Esse sobretudo. Falei com ele, aliás recebeu-me muito bem. E começou por se queixar do meu pai, que estava com os portugueses, embora fosse boa pessoa. Lá lhe fui explicando que quem mora em Massangano deve respeitar a autoridade que lá manda e acho que acabou por aceitar. Virou então as queixas para o governador Pedro César de Menezes, que o humilhou como nunca se pode fazer a um homem maduro. E me contou uma estória conhecida. Que o governador Menezes mandou decapitar um grande kimbanda chamado Sukeko, depois de ter enganado o soba com uma falsa doença, atraindo o Sukeko a Massangano...

– Também conheço a estória. O próprio Menezes nos contou, a mini e ao major Gerrit Tack, como enganou o Ngola Kiaito, para atrair o Sukeko a Massangano e o matar como feiticeiro. De facto, o governador Menezes se gabava muito desse feito, tinha montado todo um teatro para iludir o soba, única maneira de apanhar o feiticeiro e o castigar de uma vez por todas.

– Pois o Ngola Kiaito diz que agora é que se vai vingar dessa humilhação. Porque o Sukeko era seu convidado e portanto a segurança do kimbanda era da sua responsabilidade. O governador traiu a sua confiança e a sua palavra ficou muito tremida perante o povo. E me pediu para transmitir aos directores que as terras dele estão à disposição dos militares holandeses, quando quiserem atacar Massangano. Mas claro que não vou dizer nada, não me meto em políticas.

– Claro, claro. A morte do Sottomayor pode modificar a situação. Os holandeses talvez parem os preparativos para a guerra, esperançados em que o tráfico retome.

Mas o meu dono estava enganado. Ouman disse logo, a morte do governador não muda nada, estamos comprometidos com Jinga, vamos até ao fim com essa aliança. Redinckove bem tentou argumentar com os benefícios da retoma do tráfico, mas foi pouco consistente, porque também ele sentia não poder trair a palavra dada e assinada com a grande rainha da Matamba. Os preparativos de guerra continuaram, portanto.

Baltazar escondeu a proveniência dos escravos que tentou vender à Companhia. Mas mesmo antes de os levar para o armazém foi

avisado por um estafeta de Ouman, devia entregá-los para serem recambiados para o seu verdadeiro dono, a rainha Jinga. Ela soube da esperteza de Jacinto da Câmara, mandou um embaixador a toda a velocidade exigir aos directores a libertação dos seus súbditos. O meu dono teve de o fazer com a dor na alma, se perdia um grande negócio. E Ouman passou a olhá-lo de lado, então queria arranjar-nos problemas com a nossa aliada? O director ficou sempre na dúvida se na base da tentativa estava apenas a cobiça ou uma manobra para dividir os aliados, o que poderia ser considerado traição. Mas em pior situação ainda ficou o amigo Jacinto e sua descendência. Por um recado enviado por Ngola Kiaito e que chegou a D. Agostinho Corte Real, se soube que Jaime não podia atravessar para Massangano. Jinga não castigou os sobas que deixaram passar a caravana mas lhes deu ordem de prenderem Jaime e o enviarem para o seu kilombo, que ela tinha um tratamento apropriado para ele. E que se ela tomasse Massangano haveria de tratar o pai da mesma maneira. Jaime ficou assim retido em Luanda, sem possibilidade de voltar ao sertão. E a estadia em Luanda, prevista para um mês no máximo, já ia em mais de seis. Kundi levou os capatazes da caravana de Jacinto para Massangano, evitando passar no mesmo trajecto. E informou o senhor Jacinto da situação, o qual muito puxou pelos cabelos, pois o filho era um ajudante imprescindível nos negócios e em Luanda não lhe servia para nada.

As senhoras acabaram por esquecer ao que tinha vindo Jaime e deixaram de o vigiar. Mas ele não tinha esquecido. Nem Ana. Foram vencendo a timidez mútua e por vezes os apanhei a conversarem na varanda. O rapaz morava na casa de Nicolau e Ambrósio, mas o seu confidente era Hermenegildo, o qual provocou os primeiros encontros do casal. No mês de Agosto, Hermenegildo falou para o pai, o Jaime não tem coragem de lhe dizer mas ele quer casar com a Ana, já me confessou. O melhor é o pai perguntar, pois ele nunca vai tomar a iniciativa de se declarar. O que foi feito. O meu dono convidou-o para o acompanhar à cidade, levou-o à bodega do Pinheiro, certamente para que o vinho lhe desse coragem e no caminho para casa perguntou, mas afinal o que vieste fazer a Luanda? Esqueceste? Jaime encheu o peito, disse que sabia muito

bem qual a sua missão e que queria casar com Ana. O meu dono lhe deu um apertado abraço. Anunciou em altos berros a notícia, mal chegámos à sanzala, para embaraço dos dois noivos. Claro que continuaram a festejar com vinho. Ninguém perguntou nada à noiva, mas estava toda contente, era evidente.

O problema era como combinar os detalhes da boda, pois nem Jaime podia ir a Massangano, nem Jacinto da Câmara podia sair de lá. Baltazar estava a ficar muito pesado com a idade e a viagem a Massangano tinha-o cansado bastante. Cada vez andava mais de rede e os escravos se queixavam, o peso era de mais. Evitava mesmo o cavalo. Estavam terminadas as marchas para ir jogar cartas a casa do major ou mesmo para a Baixa. Na maior parte dos casos ia de rede e os escravos ficavam à espera, no largo à frente da casa do major, que o jogo terminasse. Por isso afastou logo a possibilidade de voltar a Massangano para falar com o amigo. Se decidiu por mandar Ambrósio, era bem capaz de tratar na perfeição do assunto. Mas Ambrósio estava demasiado entusiasmado com o canal do Kuanza e não pareceu oportuno desviá-lo da aprendizagem de uma profissão de tanto futuro. Teve de ser por carta. Nicolau levou a primeira carta e trouxe a resposta, além de alguns mujimbos.

O senhor Jacinto da Câmara estava com os negócios empatados, porque os seus pumbeiros desconseguiam de arranjar uma só peça. Jinga tinha dado ordens estritas a todos os sobas e aos jagas seus aliados para não venderem escravos a ele ou aos seus pumbeiros. Que dali Baltazar escusava de contar com mais negócios, o senhor Jacinto ia mesmo começar a dar mais importância ao arimo que sempre teve no Lucala, mas que até então fora absolutamente secundário. E aconselhava Van Dum a se dedicar mais à quinta do Bengo, sem contar muito com o tráfico, condenado a curto prazo, pela total instabilidade da região. Contou mais Nicolau que os caminhos todos estavam em pé de guerra, com os sobas a prepararem exércitos e com os holandeses a andar de um lado para o outro, arregimentando gente e estudando o terreno. O casamento estava complicado, pois o senhor Jacinto queria que ele se realizasse

na sua presença e da família. Podia ser na Ilha, qualquer igreja lhe servia, logo que ele participasse.

Baltazar discutiu o assunto com Jaime e Ambrósio, chegou a pedir conselho ao major. Não era fácil. A ideia mais realista era virem num barco, descendo o Kuanza, até à ilha do Ensandeira, agora território holandês. A partir daí o major garantia uma escolta, a qual até nem seria necessária, a de Baltazar bastaria, pois era terreno seguro, fora do alcance do poder da Matamba. O problema era arranjar um veleiro português que aceitasse chegar até à ilha do Ensandeira. Todos teriam medo de ser aprisionados pelos heréticos holandeses, mesmo com garantia do major. Ngonga levou para Massangano a sugestão de descerem de barco. A resposta negativa chegou rápido, com o mesmo Ngonga. Nenhum proprietário de barco aceitava arriscar. Sem contar com o perigo que corriam no rio de serem atacados por algum soba, a mando da Jinga, só para ela castigar Jacinto da Câmara.

Ngonga trazia notícias bem mais precisas sobre a situação no interior. Todos os sobas, desde Luanda a Massangano, se tinham juntado perto das terras de Ngola Kiaito, com um exército holandês de trezentos homens, e ameaçavam avançar para Massangano se os portugueses não parassem com as suas razias de queimar colheitas e raptar pessoas nos territórios vizinhos, as acções de kuata kuata.

E pouco depois chegou o mujimbo, trazido pelos mafulos, de uma grande vitória militar. O triunvirato português tinha posto em prática uma ideia antiga que só a teimosia de Sottomayor impedira. A ideia era transferir a maior parte das tropas para fora de Massangano, no outro lado do Lucala, para um sítio chamado da Cavala. Sottomayor sempre disse, não devemos dividir forças, estes homens dentro das muralhas são praticamente imbatíveis. Mas apenas um regimento tinha ficado agora na vila. Vendo os portugueses que havia concentração de inimigos nas terras a ocidente de Ngola Kiaito, um soba que eles supunham aliado e que distava poucas horas de marcha da vila, mandaram o grupo principal picar o exército que se organizava. Os soldados deram uns tiros e recuaram, logo perseguidos pelos mafulos e seus aliados. Os portugueses se instalaram num cabeço e esperaram o ataque. Ficavam em

vantagem porque os outros tinham de subir o cabeço, sendo assim vulneráveis aos mosquetes. Dos dois lados ficou a guerra preta, pronta para apertar os mafulos, logo que os portugueses os travassem a meio do morro. Mas não se sabe que mosca passou entre as cabeças dos três triúnviros, que logo mandaram contra-ordens, a nova ideia era atacarem com toda a força o inimigo que estaria nesse momento em movimento e portanto com poucas defesas. Foi um estafeta, e vendo a situação favorável aos portugueses preferiu não comunicar a ordem absurda. Outro foi mandado e era o capitão de cavalaria Estácio de Sá de Miranda que gritou, mas então ainda não avançaram? O que eles tiveram de fazer, ouvindo nessa altura Cornélio Noels dizer, amigo, estamos perdidos. Avançaram os portugueses e agora a situação se invertera. Estavam os flamengos no alto dum cabeço, esperando tranquilamente que o inimigo subisse as vertentes, o que foi feito, ficando os portugueses à mercê das cravinas dos mafulos, que mataram quantidade de oficiais, entre os quais Cornélio Noels, e muitos soldados. Impossibilitados de subir o morro, os portugueses começaram a recuar em debandada e aí lhes caíram em cima os exércitos dos sobas. Sobas e flamengos perseguiram o exército em debandada até ao acampamento da Cavala, o qual já tinha sido abandonado pelo triunvirato que se entrincheirou entretanto em Massangano. Depois de feita a burrice, voltaram à ideia de Sottomayor, que podia ser um gajo horrível mas era um bom militar, com provas dadas na Flandres, no tempo dos espanhóis, disse Baltazar. Os mafulos destruíram o arraial mas não atravessaram o rio Lucala. Considerando que a lição era suficiente, regressaram a Luanda, onde entraram de estandartes ao vento e tambores a rufar, proclamando a grande vitória.

Mais tarde soubemos, os portugueses consideraram traição o facto de Ngola Kiaito ter deixado que um exército inimigo se tivesse instalado nas suas terras, lhes chegando a dar alimentos. Chamaram-no a Massangano para conversar. O triunvirato interrogou-o e condenou-o à morte. O soba só dizia, me chamaram para conversar, eu vim de boa fé, se me matam é uma traição. O triunvirato estava pouco preocupado com questões morais e a

cabeça do soba rolou. De alguma forma se tinha de pagar o susto que Massangano sofreu, com os inimigos tão perto, um exército enfraquecido e todos os mujimbos alarmistas de que os mafulos atravessaram o Lucala aqui, agora atravessaram ali, e a rainha Jinga vem atrás, desta vez é que ela vai se vingar de tanto que lhe temos feito, olha as nossas cabeças a irem já para o rio, rio este tornado mar vermelho de sangue, se tendo entretanto metido muitas famílias no pátio de Jacinto da Câmara, único sítio onde poderiam ficar a salvo da crueldade dos flamengos, pois estariam sob a protecção de um patrício deles. Massangano desta vez se safou, mas até quando?

Os mafulos ficaram entusiasmados com a vitória da Cavala. Ouman já se via com o nome gravado a fogo na história como um grande conquistador, qual Hernan Cortez das Áfricas. Conseguiu convencer Redinckove e o major que se deviam ir tomando as posições portuguesas uma a uma e optar definitivamente pela guerra. A fortaleza portuguesa mais perto e menos defendida era a da Muxima, do outro lado do rio Kuanza, em território da Kissama. Sem essa posição, os portugueses ficariam reduzidos a Massangano e Cambambe, cercados numa região que lhes era cada vez mais hostil. Os sobas da Kissama já tinham ido muitas vezes a Luanda pedir para os mafulos os ajudarem a arrancar aquele espinho cravado no seu território. O próprio Ouman foi comandar o ataque, com duzentos soldados holandeses e alguma guerra preta, arregimentada do lado de cá do rio e um exército bem aguerrido dos orgulhosos jagas da Kissama. Ouman instalou o cerco e foi bombardeando, aguardando melhor altura para assaltar o forte. Ou que caísse com as bombardas uma parte da muralha, buraco pelo qual entrariam os jagas. Mas as coisas correram mal ao director holandês. Os portugueses conseguiram enviar um socorro de Massangano, que desceu o Kuanza e atacou os mafulos pelas costas. Estes, apanhados entre dois fogos, tiveram que retirar com perdas, enquanto os portugueses festejavam um ânimo recuperado.

Ouman voltou a Luanda de cabeça baixa, defraudado. Redinckove foi generoso, não lhe dirigiu um sorriso superior, só disse grande desgraça. Mas com os amigos comentou, talvez agora ele deixe essa tarefa da guerra aos verdadeiros militares, faça como eu que

reconheço a minha incapacidade e confio no saber do nosso major. E que aprenda sobretudo a aproveitar a coligação imbatível que temos entre mãos. Se referia aos recados de Jinga, avisando que os portugueses, mais confortados pela vitória da Muxima, tinham saído com um grande exército de Massangano, comandado pelo capitão Borges Madureira, o mesmo que derrotara o meu rei no Dande, voltado às lides militares de novo com o grau de capitão-mor. Madureira se instalou em terras da Ilamba, entre Massangano e Luanda, para submeter os sobas amigos dos holandeses. E Jinga dizia ou nos juntamos e os vencemos agora, ou passo a suspeitar que os mafulos são exactamente iguais aos portugueses, que só seguem os seus próprios interesses. Por iniciativa de Jinga ainda, o rei do Kongo se comprometeu a enviar um poderoso exército para sul do Dande, que se juntaria às tropas da rainha e aos mafulos. O exército do Kongo seria comandado pelo Mani-Luanda e dele participaria Rodrigo Van Dum.

De manhã muito cedo fomos, os homens da família, nos postar na cidade alta, de onde saíam os soldados holandeses. E vimos D. Agostinho Corte Real chegar da Ilha com os filhos e genros, todos montados a cavalo. A comitiva tinha mais de vinte pessoas, pois cada membro da família Corte Real levava um escudeiro também a cavalo. Não conto os escravos, transportavam as imbambas às costas, gente sem importância que vinha muito atrás. Os soldados holandeses estavam todos perfilados, esperando os directores que deviam se despedir deles. Ouvi dizer, o major não vai comandar as tropas, está com problemas da barriga, o que significava uma tremenda diarreia que lhe tinha dado dois dias antes e ainda não parara. Se fosse eu, era por comer mangas verdes, mas não sei o que comera o major. Como Ouman ainda não tinha ultrapassado a vergonha de ter sido derrotado na Muxima, desta vez não se ofereceu para comandar as tropas e o major designou um adjunto.

Baltazar aproveitou a paragem, em que todos esperavam não se sabia bem o quê, para se aproximar de Rodrigo, irreconhecível com o elmo que lhe tapava a cabeça e descia para uma parte da cara. Por baixo do elmo tinha posto um pano branco, aparentemente por causa do calor, mas que tinha a vantagem de lhe tapar a cara

sempre que ele quisesse. Disfarce talvez suficiente para uma batalha, se não ficasse envolvido nela. Talvez disfarce inútil numa terra em que tudo se sabia, pois eram os mais próximos que lançavam sempre o mujimbo. Os portugueses iam mais tarde ou mais cedo saber que um filho dos Van Dum tinha participado, disso eu não tinha dúvidas. O ideal seria ter ficado em casa. Mas se nem a bela feiticeira Matilde encontrara um meio razoável de o reter na sanzala, como podia escapar ele ao desejo do sogro? Personagem que não cabia em si de orgulho, não só por levar seis filhos e cinco genros com ele, mas por comandar um poderoso exército que o esperava no Dande. O que significava, como descobri mais tarde por uma confidência feita ao meu dono, que o poderoso duque de Mbata, rival do Mani-Luanda na corte de Mbanza Kongo, estava a perder influência na política interna do reino. E eu a pensar que o governador da Ilha não tinha outros sonhos senão uma boa pescaria de zimbos e ir fazendo filhos nas suas várias mulheres, embora só apresentasse oficialmente uma, por imposição do padre Mateus...

– Se tiveres oportunidade, olha pelo teu irmão Diogo – disse o meu dono a Rodrigo. – E pela quinta do Bengo. Nestas coisas nunca se sabe, os exércitos quando passam perto de um sítio têm tendência a roubar e destruir tudo.

– Penso que vamos passar longe do Bengo, pai – disse Rodrigo. – Mas esteja tranquilo, se for necessário tomo conta do Diogo.

Lá apareceram os directores, tocaram cornetas, rufaram tambores e a infantaria começou a se mover. O comando holandês seguiu à frente. O grupo de D. Agostinho Corte Real vinha atrás, fechando a marcha. Pensei, o Mani-Luanda era mais velho que Baltazar mas estava rijo, todo direito no cavalo, suportando pesada armadura. Nem o calor o fazia fraquejar, caminhando para a glória.

E como estava anunciado, Ambrósio surgiu nesse mesmo dia na sanzala. Vinha muito mais escuro, pois apanhara sol os dias inteiros na cara. Não tomava banho há muito tempo, o meu nariz sensível assinalou logo esse facto. E as roupas estavam não só sujas como rasgadas, parecia ter lutado com um leão. De facto não tinha sido leão. Durante dois dias andaram numa zona de espinheiras tão cerradas, tão cerradas, que nem gente nem bicho vivia lá. O melhor

esconderijo do mundo, dizia Ambrósio, quando quisesse desaparecer já sei para onde vou, basta levar comida, ali nem cobra entra. Encontraram vestígios muito antigos de ocupação, provavelmente escravos fugidos que ali se refugiaram durante uns tempos. Ambrósio foi tomar banho, para o que mandou encher de água uma grande selha que ficava no quintal. Nicolau e Hermenegildo foram assistir ao banho, como faziam quando eram miúdos. Entretanto ouviam em primeira mão os mujimbozinhos saborosos que ele trazia. Mas desta vez tinham eles mais para contar, sobretudo com a guerra que se preparava na Ilamba, onde pela primeira vez participaria um Van Dum. Como Baltazar tinha desconseguído entrar numa batalha na Flandres, ao serviço do rei Filipe de Espanha, era provável que, depois de muitas gerações, Rodrigo fosse inaugurar a veia guerreira da gloriosa família. Em nome de Deus!

À tarde, o engenheiro Daniel Boreel fez a sua aparição na sanzala. A própria Matilde, ajudada por Catarina, trouxe uma mesinha para a varanda das traseiras, onde corria um fresquinho neste Dezembro que se anuncia particularmente quente. E Matilde ficou a servir as bebidas e os acompanhamentos, preparados especialmente para a visita, reconhecido guloso por doçarias de convento, que Catarina aprendera a fazer com os frades de S. José. Nisto o engenheiro não é calvinista, gozava Matilde, reconhece a qualidade das receitas dos conventos papistas. De facto, a minha boa Catarina já não seguia fielmente as receitas aprendidas, misturava um pouco de coco aqui, um toque de múkua ali, algum gengibre também. Ela por vezes me passava uns pedaços pela janela da cozinha, sei da iguaria celestial de que falo.

– Mas então o canal vai ser feito ou não? – perguntou o meu dono.

O tenente, que tinha ganho o cargo militar apenas para aproveitar o soldo, era um grande falador. De facto com ele Ambrósio aprendia muito, porque o engenheiro não se calava, gostava de explicar tudo, repetindo muitas vezes se fosse preciso. Como Ambrósio tinha o vício de aprender, faziam uma dupla perfeita. Boreel aproveitou a deixa imediatamente:

– Isso já não é comigo. E certamente vai demorar, porque o projecto terá de ser aprovado pelos Dezanove, eles é que decidem se abrem os cordões à bolsa ou não. E, claro, tudo depende do que esperam de Angola. Se quiserem criar aqui uma verdadeira colónia, como em Pernambuco, com famílias que se instalam definitivamente, decidem por realizar a obra. Se quiserem apenas apanhar escravos, se limitam a fazer disto um porto e não se justifica despenderem dinheiro numa obra deste volume. Prova velmente os Dezanove nem sabem o que decidir. O facto de eu ter sido mandado para cá vem, no fundo, da vontade do conde de Nassau, o qual, apesar de estar desligado da política das colónias, ainda é muito ouvido pelo príncipe de Orange. Através de alguém do seu grupo que esteve cá, o Barlaeus ou o Marcgraf ou outro qualquer, Maurício de Nassau ficou sensibilizado para o problema da falta de água em Luanda.

– Quem sabe se não foi o major Gerrit Tack, ele é muito ligado ao Conde de Nassau – disse Baltazar. – Ainda hei de lhe perguntar.

– Seja como for, o conde ficou interessado. E mexeu os cordelinhos. Os Estados Gerais e principalmente o príncipe de Orange resolveram apoiar a ideia. E me deram a patente de tenente e enviaram-me para cá. O meu soldo, como acho que já vos contei, é pago pelos Estados Gerais e não pela Companhia. Dá uma certa garantia de que sou pago com mais regularidade. Não é como estes soldados que arriscam a vida e têm os soldos sistematicamente atrasados...

– Mas é para não desertarem – interrompeu Ambrósio. – Quem tem dois anos de soldo para receber, fica o tempo que for necessário, não foge, à espera de ser pago. É uma boa maneira de se obter lealdade.

– Pode ser – concordou Boreel. – De maneira que, como dizia, tudo vai depender do que os Dezanove vão decidir sobre o destino de Angola. Uma colónia a sério ou um entreposto de escravos. De qualquer modo, nós fizemos o levantamento. Já sabemos onde deve começar o canal e por onde deve passar. Falta agora desenhar o mapa, o que vai levar o seu tempo. Depois já não é comigo. A menos que decidam muito depressa e me confiem a direcção da obra, do que duvido. Certamente regresso à Holanda depois de

terminar o mapa e o projecto. De qualquer modo, senhor Van Dum, se for preciso alguém para dirigir os trabalhos, o Ambrósio é bem capaz de o fazer, não necessitam de mandar ninguém de tão longe.

– Mesmo sem prática? – duvidou Baltazar.

– Já sabe tudo o que precisa. Tendo o mapa e as cotas todas, depois é só firmeza para com os homens e controlar os trabalhos. Isso ele já sabe. Talvez lhe falte alguma experiência de construções, mas vai ter oportunidade de aprender entretanto. Sabe já muito mais do que eu sabia quando me confiaram a primeira obra. Felizmente era só ajudante, o engenheiro era outro. Tínhamos de projectar e construir um pequeno canal de esgotos para um canal grande que passava em Amesterdão. O projecto foi bem feito. Mas na altura de se cavar o canal, o engenheiro confiou em mim e nunca punha os pés na obra, tinha outros trabalhos mais importantes. E me enganei nos cálculos, mandei cavar de mais. Quando chegámos perto do canal principal, os trabalhadores, que tinham da coisa mais experiência que eu, viram logo à vista desarmada, estamos muito fundos. Refiz as contas e percebi o meu erro. O engenheiro depois veio ajudar a resolver o assunto. Em vez de pôr o esgoto a correr para o canal, estava a pôr o canal a correr para o esgoto. Ia ser cá uma inundação! Tenho a certeza que com o Ambrósio não acontecerá. Como não penso que me mantenham muito tempo aqui depois de terminar o projecto, a minha ideia é mesmo preparar o Ambrósio e depois informar os Dezanove que têm aqui o homem certo para construir o canal. O que Ambrósio adoraria fazer, não é verdade?

– Quem não gostaria? – se entusiasmou Ambrósio. – Uma obra que fica para o futuro, que pode resolver o principal problema da minha cidade... Desde que Luanda nasceu, nunca se conseguiu abastecer convenientemente de água a cidade. Todos se queixaram desde o princípio, mas ninguém ousou meter mãos à obra. Já viu, pai? O nome Van Dum associado à solução desse problema?

Na família só mesmo Ambrósio e Matilde tinham algum interesse por essa questão da história. Os outros pouco se importavam com o que o futuro pensaria deles, muito mais preocupados em assegurar

a comida ou o pequeno prazer do dia seguinte. Por isso só mesmo Matilde respondeu:

– Uma família gloriosa é isso mesmo, resolve problemas de forma que nunca fica esquecida. Desconheço os motivos, mas a nossa família será famosa. Quem sabe se não começa a partir deste canal?

Boreel sorriu, enternecido. Também ele tinha a sensação de vir a ser recordado na sua terra por algum dique ou canal projectado. Já tinha trabalhos executados que mereceriam lhe dar essa honra, expressa por nome em praça ou rua, embora estivesse ainda nos quarenta anos de idade e pouco se usasse ainda no mundo essa forma de premiar as grandes acções. Mas seria no futuro uma maneira muito popular de preservar a memória, não era preciso ter a capacidade de Matilde para adivinhar. Entretanto Hermenegildo, que coçava a cabeça já há longos momentos, aproveitou o silêncio para perguntar ao engenheiro:

– Mas uma coisa não compreendo. Porquê essa decisão tem de pertencer aos Dezanove? O que é preciso para fazer o canal? Alguém que dirija. Pelos vistos já existe. E escravos para trabalharem. Tem alguma dificuldade arranjar uns escravos? Quantos são precisos, uns cem? Não percebo o problema.

– Não é assim tão fácil. Para começar, é preciso arranjar os escravos. E a Companhia prefere mandar as peças para o Brasil, foram as necessida des de mão-de-obra do Brasil que a trouxeram para Angola. Usar os escravos em trabalhos aqui é desviar o sentido desta conquista, feita só em função do Brasil. E também é preciso muito material, instrumentos de trabalho, comida para os escravos. É um preço que os Dezanove talvez não queiram pagar.

– Se vieram aqui só para sacar... – disse Hermenegildo. – Nesse caso, é evidente que não lhes interessa empatar dinheiro num canal.

– E vieram mesmo só para sacar – disse o meu dono. – Como os outros todos. Mas nós podemos ir influenciando a Companhia para investir aqui, os moradores podem fazer alguma pressão. No fundo, o facto de o Ambrósio ter ajudado o senhor Boreel e termos fornecido os escravos para vos acompanharem, embora seja modesta, é uma forma de pressão.

– Sem dúvida – disse o engenheiro. – E será conhecida, vou escrever no meu relatório que sem o vosso apoio o projecto não ia para a frente. O príncipe de Orange terá de saber. E depois, havendo o projecto, será mais fácil fazer pressão. Sem dúvida que foi isso que Maurício de Nassau previu.

– Grande homem – disse Baltazar.

– Sem dúvida – concordou Boreel. – Mas quanto ao canal, ainda existe um problema. Como devem ter sido informados, houve há uns anos atrás grande discussão no meu país sobre o trabalho escravo. O reverendo Godfried Udemans tomou uma posição que ficou muito conhecida.

Baltazar e Ambrósio acenaram com as cabeças, já tinham ouvido falar. Os outros mostraram total ignorância. Sobretudo Jaime da Câmara, mais interessado em comer Ana com os olhos, ainda por cima com algumas dificuldades em entender completamente o flamengo, pois o português tinha sido a língua que sempre falara desde o berço.

– A discussão era se um cristão podia dispor da vida de uma pessoa, ser proprietário dela e fazê-la trabalhar gratuitamente para seu proveito. Como interpretar o Evangelho? Havia quem defendia a ideia de a escravatura ser um sistema demoníaco, já condenado por Jesus Cristo. Outros diziam que Cristo foi omissivo, lavou as mãos como Pilatos, umas vezes deu a entender uma coisa, outras vezes o contrário. Até que o reverendo Udemans defendeu uma teoria que acabou por ser aceite pela maioria e de alguma forma se tornou lei não escrita. Ele dizia que a escravatura era legal, mas com algumas condições. Em primeiro lugar os escravos não podiam ser vendidos a espanhóis e a portugueses, porque assim ficavam expostos aos perigos da falsa religião do papado. Os escravos deviam ser educados nos princípios da verdadeira religião cristã, a nossa, para libertar as suas almas dos horrores do inferno. E aforrados depois de anos de serviço. Também defendeu que escravos mal tratados tinham o direito de fugir dos seus donos cruéis e não deviam ser entregues de volta.

– É apenas uma teoria – disse Ambrósio. – Nunca ninguém cumpriu isso, é bom acrescentar.

– As necessidades monetárias da Companhia das Índias Ocidentais, sempre tão prementes, fizeram esquecer um pouco estas instruções – disse o engenheiro. – Os escravos no Brasil são utilizados toda a vida, nunca são libertados. E se não os vendemos a portugueses e espanhóis, isso se deve apenas a que temos imensa falta de mão-de-obra para as plantações de açúcar. Tratamo-los melhor que os portugueses o fazem, todos estão de acordo nisso, mas mesmo assim...

Procurei-a com os olhos, embora tivesse a certeza de não encontrar Rosário entre as mulheres que na varanda ouviam a conversa. Rosário estaria como sempre no quarto, rezando ou olhando desinteressadamente pela janela. Ela tinha alguma coisa a dizer sobre a maneira como eram tratados os escravos. Tive pena de Rosário não se encontrar ali. Provavelmente também não adiantaria, pois ela nunca tinha sido capaz de discutir algum assunto com os homens da família, ainda menos sobre a aplicação da teoria do reverendo Udemans em Luanda.

– Não estou a entender – disse o meu dono. – O engenheiro tem dúvidas que se utilizem escravos para cavar o canal?

– Não tenho dúvidas que é a única hipótese para fazer o canal. Mas que o facto de os utilizar aqui num trabalho e não no Brasil vai talvez despertar na Holanda as dúvidas que se levantaram antes. Na minha opinião, e na do príncipe de Orange, Luanda é um porto impor tante para apoio aos nossos navios que vão para o oriente. A viagem é demasiado longa e uma escala num porto amigo é decisiva. Para além de ser o porto de envio de escravos para o Brasil. Por isso se justifica fazer o canal, para ajudar a fixação de população na cidade. E como não há outra solução, fica automaticamente justificada a utilização de mão-de-obra escrava. Mas certamente isso pode desencadear de novo a discussão sobre o assunto. Foi só o que quis dizer.

Só mesmo Matilde tinha coragem para entrar numa discussão de homens. Ou para a mudar de rumo, como fez, quando perguntou ao engenheiro, um leve sorriso nos lábios:

– Mas o tenente está aqui há tantos meses e ainda não nos disse o que pensa das mulheres de Luanda.

Baltazar, incomodado, se mexeu na cadeira, não era pergunta que uma mulher fizesse. Mas Matilde já o desesperara o suficiente, agora acabava por aceitar todas as suas originalidades como sendo um caso perdido. As senhoras baixaram pudicamente os olhos perante tão ousada pergunta, os corações batendo na expectativa da resposta. No entanto foi Ambrósio que respondeu pelo engenheiro.

– O que pode pensar? Absolutamente nada. Passa pouco tempo na cidade. E depois... O que é isso de mulheres de Luanda? Se queres saber, Matilde, nem percebo a quem te referes. Certamente não era a ti e às tuas irmãs. De resto, o que é que há? Um deserto, um vazio... Sabendo que regularmente Ambrósio era apanhado entre saias, excepto das flamengas não prostitutas, todos riram da frustração que ele manifestava. Sincera, como me apercebi, pois de facto a cidade não era um paraíso para os solteiros.

– O tenente devia conhecer as portuguesas – disse Baltazar. – O Jaime que conte, pois é filho de uma.

Jaime baixou a cabeça, dizendo que sim. Mas não explicou como era. Muito corado, de cabeça baixa, esperou que alguém pegasse na palavra. O meu dono voltou a falar.

– Num lar de portugueses, seria impossível o tenente estar a conversar assim como está aqui. As mulheres ficariam numa sala, talvez a ouvir escondidamente a conversa, mas sem participar. E nunca comem à mesa com visitas, mesmo visitas de amigos próximos. Não é verdade, Jaime?

Este assentiu de novo em silêncio. Rezando para que alguém desviasse de vez as atenções que Baltazar concentrava sobre ele. Mas o engenheiro estava há muito tempo sem falar e aproveitou o silêncio.

– Antes de vir para cá ouvi uma conversa na cidade. Uns soldados falavam do que se passou em Muxima. E estavam admirados porque viram mulheres portuguesas a abastecer de munições os defensores da fortaleza, no meio dos canhões. E viram uma gigante que lhes atirava para cima toda a espécie de coisas, gritando insultos. Diziam ser comum as portuguesas lutarem em defesa das cidades e fortes, o mesmo se passa no Brasil. Estou só a dizer o que ouvi.

– Sim, é verdade – concordou Baltazar. – E uma ideia que existe é que elas são mais fortes que os homens. Em todos os aspectos. Enduram mais tempo, talvez por apanharem menos sol ou andarem menos pelo mato, não sei. Até há um facto que me contaram há meses em Massangano, e o Ambrósio e o Nicolau ouviram. Aliás estávamos na casa do pai do Jaime... Se trata de uma senhora, chamada Isabel da Rocha, que viveu e morreu há pouco tempo na for taleza de Cambambe e se casou sete vezes. O que significa que enterrou seis maridos. Quando o sexto marido jazia em câmara ardente, foi abordada por um pretendente, mas ela teve de se desculpar, o pretendente vinha tarde, já ela se tinha comprometido com outro. Só o sétimo marido a enterrou. Não sei que encantos tinha, mas como vêm, era muito requisitada.

– E resistente – disse Matilde, sorrindo.

Nessa tarde o meu dono não foi como habitualmente à cidade alta, ficando a fazer companhia a Daniel Boreel. Também era muito provável não haver jogo de cartas, pois o major estava de diarreia e não é cómodo interromper o jogo todo o tempo para um parceiro se ir espremer na sentina. Já caía a noite quando o engenheiro se despediu e a família entrou para as casas, se refugiando dos mosquitos. Matilde foi acompanhar o tenente até ao portão e ali ficou bastante tempo na conversa. Talvez nessa altura tenha Boreel dito o que pensava das mulheres de Luanda ou de alguma em particular, mas confesso, desconsigui de ouvir.

Se perdi o sentido desta conversa de máximo sigilo, o mesmo não aconteceu com as primeiras notícias trazidas de Ilamba pelo correio que o major recebeu, já refeito das suas preocupações intestinais. Dizia o correio que se fizera a junção do exército do Kongo e de Jinga com os mafulos e já avançavam em direcção aos portugueses, os quais ajustavam contas antigas com sobas revoltados contra o seu domínio. Borges Madureira pensara que com a sua presença os sobas se submeteriam de novo, mas tal não tinha acontecido e ele ia fazendo razias, queimando aldeias e apanhando escravos. O capitão-mor estava muito activo, para recuperar do tempo em que perdera o bastão de comando, pousado por vontade própria na esperança de receber um maior, o de governador eleito. Tempos aziagos em que

se exilara na sua quinta, curando a humilhação de ver três seres inferiores serem eleitos no seu lugar. A derrota da Cavala mostrou que os triúnviros não percebiam nada de táticas militares e, apesar de as coisas terem corrido bem em Muxima, o moral dos portugueses estava ainda em baixo. Por isso os do triunvirato se lembraram de lhe confiar de novo o bastão, a ele, único capitão capaz de merecer a confiança total dos soldados e dos moradores. Por isso não se cansava de cortar cabeças e queimar aldeias, heroísmos que faziam melhorar o ânimo das tropas.

Chegou então a Luanda o senhor Lopo da Fonseca, o que foi realmente se não grande acontecimento, pelo menos insólito. Naquele ambiente de guerra declarada entre portugueses e holandeses era muito estranho que alguém conseguisse vir de Massangano, mesmo para fazer negócios. Mas o certo é que o senhor Lopo foi enviado pelos três governadores eleitos para comprar e transportar para Massangano farinha de trigo e outros bens imprescindíveis, pois a vila estava com enormes carências. Foi um risco calculado. Os mafulos nunca iam fazer mal a alguém que trazia prata para trocar com comida e outros bens, pois eram antes de tudo comerciantes. E era um gesto dos portugueses, a dizerem que tinha terminado a política de Sottomayor, queriam comerciar e criar relações de amizade. Ouman tomou as rédeas da situação antes que Redinckove fosse demasiado brando. O senhor Lopo podia fazer as trocas que quisesse e voltar com as mercadorias para Massangano. Mas nunca haveria relações de amizade, pois Sottomayor quebrara as tréguas e ainda agora havia notícias de que Borges Madureira atacava sobas amigos dos holandeses. Por isso negócios sim, quando calhassem, mas também guerra, disse claramente Ouman, ficando Redinckove calado, a pensar em coisas mais interessantes, como sejam as mamas de Madame Gigi.

O senhor Lopo da Fonseca trazia uma carta de Jacinto da Câmara para o filho e outra para Baltazar. Nesta dizia que não ousara vir a Luanda com o comerciante, pois Jinga enviara de novo avisos e ameaças, ainda havia de o apanhar, apesar de os seus fidalgos terem sido libertados pelos mafulos e já estarem na corte. Que compreendia a preocupação de Baltazar e que a situação não podia

se manter muito tempo assim, dois noivos vivendo quase debaixo do mesmo tecto, mais cedo ou mais tarde haveria um descuido e Baltazar tinha razão em não querer mais casamentos à pressa para remediar a barrigas crescendo cedo de mais. Por isso desistia de estar presente na boda e pedia para o compadre apressar o acto, que fariam contas mais tarde para dividir as despesas. E que o casal devia viver em Luanda até se esclarecer a situação militar, pois as esperanças de Jinga esquecer a ameaça em relação a Jaime eram demasiado ténues. Acrescentava ainda, o melhor era Baltazar dispor inteiramente do trabalho de Jaime, pois não queria habituá-lo à preguiça e boa vida que neste momento deveria estar a passar em Luanda, todo mimado com os bons tratos da família Van Dum, de hospitalidade reconhecida por todos. Devia ser do mesmo teor a carta para o filho. O que levou o meu dono a ir à Ilha para combinar a cerimónia com o padre Mateus. Ficou marcada para o primeiro sábado depois do Natal, na expectativa de na altura estar Rodrigo presente.

De facto, dois dias antes do Natal chegaram os primeiros mujimbos de uma grande vitória sobre os portugueses em liamba. Cristina Nzuzi até apareceu na sanzala, toda nervosa, a saber se tinham notícias de Rodrigo, pois à Ilha chegou o rumor do combate mas sem pormenores. Baltazar também não conhecia detalhes, pois o major não os tinha. Havia que esperar. A lindíssima Nzuzi verteu duas lágrimas de saudade e se atirou numa grande conversa com Matilde, sobre as malandrices dos respectivos filhos. Na véspera de Natal chegou um correio oficial e confirmava a notícia que já se conhecia. Como sempre, o mujimbo cavalgara no vento, chegara antes do correio. Só no próprio dia da festa, estava toda a família Van Dum na igreja da Ilha, ouviu Cristina a voz do marido, corno ouviu também não sei explicar pois ela estava dentro da igreja, como todos nós, com aquele barulho típico das missas, e Rodrigo vinha a conversar baixo com o sogro, se dirigindo directamente do dongo em que atravessaram o canal para a cerimónia religiosa. Mas ela ouviu mesmo, ou pelos ouvidos ou pelo peito, pois se levantou do banco onde estava ajoelhada, correu para a porta, tendo até o

padre Mateus interrompido o que fazia para a olhar, e caiu, lá fora, na areia, nos braços do marido.

A entrada do Mani-Luanda em plena missa provocou um barulho que se queria ciciado mas de facto foi um conjunto de exclamações e palmas pagãs dos seus súbditos, os quais esqueceram o respeito aos sacramentos e vieram lhe cumprimentar, se ouvindo mesmo bancos derrubados com a pressa de prestarem vassalagem. A aglomeração de pessoas, contentes e barulhentas, no corredor central da igreja, saudando o nobre congolês, punha em risco a seriedade do culto. Muito a custo, pois também estava emocionado, conseguiu o padre Mateus tentar reunir a atenção dos devotos, atropelando a liturgia e se pondo a cantar em momento errado, para obrigar o coro a segui-lo. Enquanto durou o canto, não se ouvia muito o barulho do reboliço e depois as pessoas se foram sentando, de modo que, no fim do canto, pôde prosseguir a missa com toda a devoção e recolhimento, mais alegres os corações dos presentes pois o seu senhor tinha vindo da guerra são e salvo. Muito hábil, o padre mostrou o reconhecimento pelas muitas benesses conferidas pelo governador da Ilha, incluindo na parte final da missa uma reza de acção de graças pelo regresso feliz do mais proeminente filho daquela terra, a qual terminou com um Amen quase gritado por toda a gente jubilosa.

Terminada a missa, os assistentes foram acompanhar o Mani-Luanda à sanzala. Nós também. Nos refrescámos com o divino maluvo do Mussulo, enquanto D. Agostinho e dois filhos contavam os detalhes da batalha que destroçou completamente o exército português, tendo poucos conseguido escapar para Massangano. Contaram também como morreram muitos capitães portugueses e como o terrível chefe jaga Funji a Musungo, aliado dos portugueses, se meteu desorientado por entre as tropas de Jinga e foi massacrado. Contaram ainda que os exércitos ficaram no terre no, sendo neste momento o do Kongo comandado pelo filho mais velho de D. Agostinho, ajudado pelos irmãos e cunhados, pois a Luanda só regressaram dois filhos e Rodrigo. D. Agostinho vinha discutir com Ouman e Redinckove a urgência de se continuar o ataque até Massangano, pois os portugueses estavam enfraquecidos e não iam

resistir. Mas como os mafulos só tinham ordens para destroçar aquele exército português que perseguia os sobas aliados, precisavam da autorização dos directores. Foi pena o meu amigo Ouman não ter ido connosco, assim teríamos decidido logo ali, no quente da acção e com o entusiasmo da recente vitória, aqui não sei, o mole do Redinckove é capaz de mandar os exércitos regressarem sem mais combates. E teremos de levar artilharia, o que é mais difícil e demorado de organizar, pois sem ela será muito difícil derrubar aquelas muralhas de Massangano, sempre muito bem defendidas e com muitos canhões. Reparei em Jaime da Câmara, mais calado do que nunca e sem beber. Estava incontestavelmente do lado dos portugueses, puxava ao sangue da mãe. Lhe doía ouvir aquilo tudo, estar no meio dos guerreiros que se gabavam de ter vencido os seus e ameaçando tomar a vila onde ele nascera e onde estava a família. Ana era a única pessoa que olhava para ele com compaixão, os outros ignoravam o seu silêncio. Mais contaram os dois filhos do Mani-Luanda, deviam ter morrido uns duzentos portugueses e então negros nem se conta, quando se deu a debandada da guerra preta, a tropa de Jinga foi atrás deles durante um dia inteiro, a correr e a cortar cabeças, voltaram todos felizes e cheios de sangue.

Aproveitando uma pausa, pois D. Agostinho foi entretanto tratar de um problema urgente da família, o meu dono puxou Rodrigo para o lado e perguntou em voz baixa, enquanto se servia de mais um copo de maluvo:

– Participaste mesmo na batalha?

– Teve de ser. E a partir de agora é inútil esconder-me ou negar, todos viram. Fizemos doze prisioneiros. E um deles é o Inácio da Rosa, filho do senhor Nunes das Bitacaias, lembra-se, pai? Brincámos muitas vezes juntos, embora ele seja um ou dois anos mais velho. Ainda me disse, quando já estava nas cordas, tu aqui e desse lado? Outros escaparam e devem terme reconhecido. Numa batalha, ou se segura o pano que nos tapa a cara, ou se empunha a espada, pois a outra mão tem de dirigir o cavalo. Pelo santo nome de Deus. O meu sogro fez de propósito, pois no fim da batalha, quando ela já estava ganha, mandou-me avançar. E o pior, pai, é

que ainda tive de acabar com um inimigo que me fez frente, o que vale era um negro, senão ficaria com muitos problemas morais por matar alguém da nossa sagrada religião. O negro até pode ser baptizado, mas nunca é a mesma coisa, pois não, pai? Pela Virgem Santíssima, o meu sogro fez de propósito para me comprometer. Agora, quer queira quer não, estou oficialmente do lado dos mafulos. O que sempre evitámos, não é, pai?

– D. Agostinho bem podia ter evitado isso.

– O meu sogro é aliado dos mafulos e acha que toda a família também tem de ser. Eu sou genro dele, pai, a isso não podemos escapar. Agora só espero que o Bom Deus faça os holandeses ganharem esta guerra, porque se vencessem os portugueses eu estava tramado.

– Quem sabe, talvez seja melhor assim. Pelo menos o Ouman pode começar a confiar um pouco mais em nós. Confesso que por vezes a desconfiança dele me assusta. Nunca aceitou muito bem a minha ida a Massangano. Quando voltei e lhes transmiti o meu fracasso em mudar a atitude do governador, sorriu com desprezo e disse, do que se estava à espera? Frase que pode significar tudo o que se queira. Mas eu interpretei como um aviso, bem sei que foste lá fazer outra coisa a pretexto de um trabalho nosso. Daí a pensar que traio os mafulos é só um passo. Pode ser que agora acalme.

O Mani-Luanda regressou ao grupo e convidou os Van Dum a comerem na sanzala o almoço de Natal. Embora ele estivesse ausente, as mulheres tinham preparado uma gorda refeição, respeitando a tradição de convidarem o padre Mateus nesse dia, e comida havia para todos. O meu dono ainda negou uma vez, tinham também o almoço lá em cima, hoje era o dia da família. Argumento logo destroçado pelo grande comandante, precisamente por ser o dia da família vos convidado, então não somos uma família? Tivemos mesmo de comer na Ilha. Eu não, de dia não tenho barriga para essas coisas, me proibiram o hábito. Mas ninguém controlava o maluvo, pude me abastecer regiamente, sei lá quando haverá outra ocasião. Os dois filhos do governador, acabados de sair da adolescência, sentiam ser hoje o seu dia. Sem pedirem autorização ao pai, pegavam na palavra vaga e contavam e recontavam como

tinha sido a batalha, exagerando certamente a sua participação nela, pois quem os ouvia ficaria com a ideia que pouca coisa tinham feito os mafulos com seus arcabuzes, cravinas e mosquetes, insignificante fora a acção do grande exército de Jinga, só o de D. Garcia do Kongo, comandado pelo grande Mani-Luanda, rompera o quadrado atabalhado dos portugueses, com os dois jovens à frente. Não o diziam assim descaradamente, mas dava para perceber. Fogosidades verbais de jovens! Nada parecia ser capaz de os calar, nem o cansaço destes dias todos de combate e de marcha para Luanda, sobretudo a noite inteira da véspera para chegarem à Ilha a tempo da missa. Rodrigo, pelo contrário, estava calado, nem parecia ter participado, revelando, ele sim, um grande cansaço.

Eu pensava que íamos ficar toda a tarde na sanzala do Mani-Luanda e só regressar à noite. Esperava o fim do dia para atacar uns restos de porco que vira assar no fundo do quintal e que deitavam um perfume perturbador. Mas me enganei, afinal. Pouco depois do termo do almoço, D. Agostinho se desculpou mas devia ir à cidade, pois precisava de discutir com os directores a continuação da operação militar. Tinha com ele vindo um capitão dos mafulos, representando o comandante da coluna holandesa, que devia estar já à sua espera para a reunião. O meu dono aproveitou embora, então vamos todos. E fomos também. Azar o meu, não tive tempo de me embebedar mais uma vez com aquele maluvo, seguramente a bebida dos deuses.

No caminho de regresso, Baltazar resolveu enviar o resto da família para casa e ele parar pela bodega do Pinheiro, até fazer horas de terminar a reunião. Depois haveria o infalível jogo de cartas com o grupo do major. Mas não se livrou da presença de Ambrósio, então o pai não me paga um copo? Ficaram os dois na taberna, fazendo tempo, até que o meu dono viu o Mani-Luanda regressar à Ilha, pronto, já acabou a reunião, e subimos a calçada para a cidade alta. Ambrósio disse, eu ainda fico um pouco, olhando guloso para uma flamenga que bebia numa mesa com vários homens.

A única diferença que notei na cidade alta era a maior quantidade de soldados bêbedos que nos dias normais. Apesar de haver muito menos soldados na cidade, por estar a maioria na campanha de

Ilamba. Raros mafulos tinham família em Angola, por isso a festa tinha de ser apenas um pretexto para bebedeiras. Eu não chegara ao mesmo ponto, tínhamos saído cedo demais. Mas me encostei na parede e dormitei, com pouco interesse nas conversas que passavam dentro da sala. Mas não pude evitar ouvir a pergunta do meu dono, quando o momento lhe pareceu oportuno.

– Estive com o meu compadre, o Mani-Luanda. E ele disse que iam decidir se atacavam Massangano ou não. Que decidiram, major?

– Não se ataca. A missão foi cumprida, evitar que os portugueses perseguissem os sobas que passaram para o nosso lado. Agora os papistas estão isolados em Massangano, sem território à volta. O resto seria muito arriscado. Ficámos com poucos homens de reserva em Luanda. Se nos corresse mal o ataque e morresse muita gente nossa? Ou se o cerco se eternizasse e entretanto chegasse um reforço, mesmo que pequeno, para os portugueses? Apanhavam a cidade quase sem esforço. Graças a Deus, desta vez o Ouman ouviu os argumentos razoáveis que eu e o Redinckove defendemos. Só mesmo D. Agostinho queria atacar a todo o custo.

– E como ficarão agora as relações com os portugueses? – aproveitou perguntar o capitão Savigny.

– Dependem deles. Vamos mandar uma mensagem para o triunvirato. Deixam de atacar os sobas nossos amigos, não se afastam das três fortalezas que ainda controlam, e não os atacamos. Poderemos até retomar o comércio normal. Pelo menos esta é a proposta que o Redinckove disse-me que ia fazer ao Ouman, para ser a posição da Companhia. Os portugueses estão muito enfraquecidos, não vão recusar este raminho de oliveira que lhes estendemos, penso eu.

– Quem vai recusar a proposta é o Ouman – disse o meu dono.

– É o mais certo – concordou o major. – Ele não quer os portugueses de joelhos, como nós. Ele quer os portugueses aniquilados e fora de Angola.

Depois voltaram as conversas mais usuais no jogo de cartas e fui esmorecendo. Pensando no estranho triângulo que o major e Redinckove tinham formado com Madame Gigi. O triângulo era muito comentado em Luanda e Gerrit Tack tinha tranquilamente

explicado aos amigos, sem nenhum pudor. Uma noite ela dormia com o director, na noite seguinte com o major. A francesa agora só frequentava a bodega do Pinheiro apenas pelo prazer, nunca em trabalho. E não podia aceitar clientes. Uma espécie de casamento com dois homens, como se fazia no oriente, conforme diziam alguns viajados. Nem era preciso ir tão longe, Jinga não tinha dois maridos, mas dezenas. Os dois holandeses estavam muito contentes com a situação e ficaram ainda mais amigos, pois se confidenciavam detalhes íntimos. Mas a uma pergunta mais malandra do capitão Simon Dots, afinal se deitam os três na mesma cama, o major ficou pálido de raiva e despejou, a sorte do capitão é ser meu amigo e eu saber que não disse por mal, porque essa pergunta merecia o desafio para um duelo. Resolvemos em boa amizade partilhar a mesma senhora, que respeitamos como se deve a uma senhora, é tudo, não há jogos perversos no nosso relacionamento. O capitão teve de gaguejar as desculpas habituais, não foi realmente minha intenção, e nunca mais se tocou no assunto, naquele grupo de jogadores. Madame Gigi estava definitivamente afastada do epíteto ultrajante de prostituta.

Menos estranho foi o casamento de Jaime da Câmara com Ana. A cerimónia se passou na igreja da Ilha e a boda na sanzala Van Dum. Não houve muitos convidados, pois as famílias amigas do noivo estavam confinadas a Massangano, Cambambe e Muxima. Foi a família Corte Real, o grupo das cartas, Redinckove, Domingos Fernandes de Pinda e pouco mais. Ouman foi convidado mas pretextou afazeres, a que certamente não era estranho o facto de Jaime ser português de coração. Figura importante foi o engenheiro Daniel Boreel, que entrou na igreja de braço dado com Matilde, apesar de ser protestante. Durante a boda se manteve sempre próximo da bela filha de Baltazar. Parecia oficial aquela ligação, que certamente o meu dono não aprovava inteiramente, mas que já não tinha forças de repudiar. De facto, Matilde não lhe dava razão para se indignar, porque os encontros eram tão discretos que ninguém sabia onde se processavam. Nem eu. Não era todos os dias que Boreel ia à sanzala. E só nas despedidas ficavam a sós, conversando no portão. Não havia notícia de Matilde sair sozinha, durante o dia

ou durante a noite. Talvez Dimuka, tão amedrontado pelos dotes de feiticeira, não quisesse deslindar o mistério, mas eu queria. E nada descobri. Se daria o caso de Matilde pretender demonstrar que se tornara numa viúva respeitável? Parecia. Por isso Baltazar só podia fechar os olhos ao discreto namoro, enquanto D. Inocência rezava ardentemente a pedir que as aparências se tornassem realidade.

Por Ambrósio soubemos todos que Boreel era viúvo, sem filhos, tendo sido mesmo a morte da esposa que o levou a aceitar a proposta de viajar para Luanda e se meter num projecto tão condenado à partida como o de fazer um canal entre o Kuanza e a cidade. Assim, só mesmo a religião parecia impedir um casamento entre os dois viúvos, necessitados de se consolarem um ao outro. O engenheiro parecia dar pouca importância às crenças, daí ter entrado sem problemas na igreja, só para usufruir da companhia de Matilde. Se a religião fosse o único factor impeditivo, talvez ele aceitasse a fé católica apenas para poder casar com ela. Matilde valia uma missa, como diria um personagem mais famoso que ela, nascida num canto perdido do mundo em que as maiores virtudes e talentos nunca merecem glória ou mesmo reconhecimento.

Uma ausência notada foi a de Rosário. Não foi à igreja para a cerimónia, nem estava na boda. Ana era a sua melhor amiga, irmã mais nova com quem dormira sempre e de quem tratara quando eram pequenas. Mas se recusava a ir a um casamento, já que tinham impedido o seu com Thor. Nem D. Inocência nem Matilde a demoveram. A mãe foi avisar Baltazar, pedindo que forçasse a filha, estava na hora de partirem para a Ilha e ela se recusava a mudar o vestido puído de sempre. O meu dono não tinha a consciência totalmente tranquila em relação a Rosário, me apercebi então. Pois encolheu os ombros, se não quer ir não vai, não sou eu que lhe vou pedir a graça da sua companhia. D. Inocência não queria que ele pedisse, queria que ordenasse. E lhe disse. Mas o meu dono se esquivou, vamos masé embora que estamos atrasados, deixa lá a miúda ficar a rezar, tem mais prazer nisso. Quando ia Baltazar admitir que um filho não assistisse ao casamento de um irmão? O chicote cantaria para a unidade da família. Não com Rosário. É, ele não tinha a consciência tranquila. Talvez chegasse a se culpar de ela

nunca mais ter falado e se ter enclausurado no quarto à espera de poder ir para um convento. E no entanto parecera tão firme ao condenar Thor, recusando os razoáveis argumentos de Hermenegildo! Os brancos são mesmo complicados...

Outra ausência notada foi a de Madame Gigi. Notada e fatídica para mim. A ausência era devida ao banal facto de não ter sido convidada. Baltazar, com efeito, ponderou a questão, tendo mesmo pedido o conselho de Ambrósio. A presença da francesa teria dado o maior prazer aos seus dois grandes amigos Redinckove e Tack. E estaria justificada pelo facto de muitas vezes ela ficar observando o jogo de cartas, emprestando a elegância da sua presença, na casa do major. Mas o meu dono não teve coragem de ultrapassar as convenções, sobretudo pensando que D. Agostinho Corte Real era um católico empedernido que não apreciaria a presença de alguém de hábitos considerados tão dissolutos. Baltazar temeu ultrapassar os preconceitos e se arrependeu. Odeio-o por ter cedido às convenções. Pois o seu amigo Redinckove, sem ninguém que com suavidade lhe pusesse o cabresto, se empinou todo ao ver a minha boa Catarina vestida a rigor para o casamento da irmã. Inútil tentar desviar a atenção do director para outros temas, ele só tinha olhos e palavras para a sublime cozinheira cujos dotes fazia questão de realçar publicamente. Exigiu que ela se sentasse ao seu lado na mesa de honra. Lhe beijava as mãos calejadas pelo pau de bater funji e suspirava com os odores de cebola que se evolavam dos dedos dela. Fazendo ciciadas juras de amor, cada vez mais quentes à medida que o vinho subia, prometendo futuros róseos e lealdades que nunca poderia cumprir. O pai, mesmo tapando os ouvidos e os olhos, acabava por adivinhar o que os debochados lábios carnudos de Redinckove sopravam ao ouvido ruborizado de Catarina. D. Inocência se benzia, não por medo do escândalo, mas pela humilhação de ver a sua enteada tão enaltecida pela primeira figura de Luanda, o que podia descobrir numa cozinheira mal amanhada uma pessoa tão importante e viajada? Bem a quisera atirar para a cozinha, mas as irmãs se tinham unido, hoje não, hoje Catarina fica connosco, e lá estava ela, enleada como nenhuma, sentada ao lado do exuberante Redinckove, bebendo o vinho que ele lhe servia,

esperando um milagre que a livrasse de situação tão delicada. Mas, só eu dolorosamente sabia, ela tinha os lábios da vagina húmidos de desejo por a sua perna direita estar encostada à esquerda do flamengo, o qual por vezes também esquecia a mão entre as coxas quentes dela, ao abrigo de olhares mal intencionados por causa da toalha que chegava ao chão. Apenas eu, sentado num canto sombrio do quintal, em plano inferior portanto, podia ver a mão dele fazer discretamente subir a toalha e depois ir separando as pétalas, uma a uma, que eram as saias e saiotas de Catarina. Só eu pude ver, com a morte no coração, mais tarde, quando a conversa se tinha tornado séria e todos dela estavam suspensos, as morenas coxas da minha boa Catarina se abrirem às muitas insistências daquela mão determinada que por elas avançou até tocar na fonte das angústias dela. Pressenti, ao notar a mudança dos cantos da boca dela e o vaguear perdido dos olhos pela folhagem da mangueira, o suspiro abafado, o espasmo evidente que lhe arrepanhou o ventre, pois Redinckove sorriu lhe segredando alguma coisa e enterrando a mão ainda mais fundo. Mais que o arrependido Baltazar, lamentei eu a ausência de Madame Gigi. Como a falta de uma personagem secundaríssima pode marcar o destino de alguém bem mais importante! Porque, muito mais tarde, quando as danças começaram no terreiro, animadas pelos escravos e forros a quem tinha sido distribuído maluvo, e as sombras já tinham tomado conta do quintal, a loucura do vinho se foi apoderando de todos os participantes da boda, facto aproveitado pelo flamengo para levar Catarina no escuro do tronco de uma mulemba, onde lhe sorveu um primeiro beijo. E um segundo. E regressaram para a mesa, tendo Redinckove, para disfarçar e adormecer mais os bêbados, perorado um pouco sobre a pintura flamenga, estupenda segundo todos diziam. Mais tarde voltou a fugir para as sombras da mulemba com uma Catarina calma, serenamente satisfeita, para meu doloroso ciúme. Ninguém reparava nas escapadelas, só mesmo Baltazar podia pôr na ordem o feroso garanhão? Mas quem era o meu dono para travar o ímpeto esfuziante do director da toda poderosa Companhia das Índias Ocidentais? E talvez eu exagerasse, o maluvo e a dor de cotovelo ajudando, no que me parecia um escândalo público, pois Ambrósio

roncava abraçado ao tronco de uma mangueira, Hermenegildo tinha desaparecido atrás de alguma escrava, Nicolau lutava para manter a cabeça direita com os olhos vazios, D. Agostinho e Rodrigo já deviam ter chegado à Ilha, o major à cidade alta, e o padre Mateus curtia a bebedeira num degrau da varanda, a batina aberta para respirar melhor o fresco da noite. De todos os convidados, só Redinckove ficara mais ou menos lúcido e eu sabia porquê. As senhoras da casa se tinham retirado para dentro, excepto Matilde que conversava ternamente com Boreel, de mãos dadas, à frente do pai que revirava os olhos, tão bêbado como o padre. Momento que Redinckove, experiente estrategista, aproveitou para levar mais uma vez Catarina para o escuro, mas desta vez ela desviou os passos do homem para o quarto dos arrumos onde Rosário conhecera Thor. Me encostei à parede, como antes, engolindo soluços e rancores, para ouvir os gemidos da minha amada conhecendo homem pela primeira vez. O meu orgasmo foi acompanhado de lágrimas e luto no coração. Podia ser de outra maneira?

Transtornado pelo romance da minha doce Catarina, não reparei no momento escolhido pelos noivos para fugirem. Foi muito antes, talvez quando apenas a mão de Redinckove explorava as suavidades de umas coxas morenas que pela primeira vez contemplei. Porque da outra vez que espiei Catarina a tomar banho na selha, só lhe vi a parte de cima, belas mamas espetadas reclamando mãos ávidas. Deve ter sido nessa altura que fiquei cego para o mundo, não podendo senão mirar as coxas da minha amada se abrindo para mão alheia, que Jaime pegou na sua noiva e lhe puxou para o aconchego da casa que lhes fora reservada, aquela onde até aí tinham vivido Nicolau e Ambrósio. Este voltou para o quarto que antes repartia com Hermenegildo. E Nicolau foi provisoriamente para a cubata de Chicomba, muito mais calada e menos rebelde desde a morte de Thor, mas acalentando sempre desejos de fuga, eu sabia porque por vezes surpreendia farrapos de conversas. Já durava muito tempo o interesse de Nicolau por Chicomba e a rapariga não engravidava. Era estéril ou tomava ervas para não apanhar barriga? Ela devia possuir milongos que serviam de evitantes, Matilde sabia que existiam embora não os conhecesse, me lembro das confissões dela a

Catarina nos tempos em que se encontrava a sós com Jean du Plessis, seu futuro marido. Uma barriga não devia convir aos planos de fuga de Chicomba. Me admirava com a ousadia da rapariga, pois se era arriscado um homem tentar voltar à sua região de origem, com caminhos infestados de jagas e de pumbeiros, para uma rapariga ainda era pior. Ou seriam apenas planos para encher os tempos vazios de esperança? O facto é que agora ia ter de dormir a noite inteira com Nicolau, enquanto não fosse construída uma casa para os rapazes da família.

Acordei antes do primeiro cantar de galo, com uma forte dor de cabeça. Claro, não se pode abusar do maluvo em vão. As fogueiras estavam extintas no quintal e os escravos e forros tinham se retirado para as cubatas. Só na área mais próxima da casa grande se viam corpos por cima de mesas ou de bancos. Fui identificando, antes mesmo que os primeiros alvares pintassem de laranja o céu, Ambrósio abraçado à sua mangueira, Baltazar derrubado sobre a mesa de honra, o padre Mateus de sotaina aberta no chão da varanda, Matilde e Boreel, dormindo sentados, de mãos enlaçadas. Nenhum parecia se incomodar com os mosquitos que, de barriga cheia, retiravam para os seus sombrios esconderijos antes que a luz do dia os ofuscasse. Voltei a me aproximar do quarto das arrumações, mas nem as minhas grandes orelhas conseguiam captar o respirar mais leve. Abri mesmo a porta e só o barulho de ratos respondeu à minha intrusão naquele santuário de amores clandestinos. Voltei ao quintal, percorri um pouco de espaço. O meu rival tinha-se eclipsado. Não, não estaria no quarto de Catarina, não teriam tal ousadia. Me coleei à parede da casa grande, abri os ouvidos até ao limite da dor, captei a saciada respiração da minha doce Catarina e a algo agitada de Henri. Mais ninguém estava no quarto, constatei com alívio. Redinckove partira a pé e sozinho, no meio da noite, para a cidade alta. Que um leão tragasse o seu descaramento.

Fiquei a imaginar cenários que me reconfortavam, sentado no meio dos corpos, esperando o alvorecer. Redinckove tinha de passar pela lagoa do Kinaxixi, onde não havia apenas leões e hienas, mas também as almas injustiçadas, os afogados que ficaram sem

sepultura, kiandas de humor imprevisível. Ele não estava bêbado, era homem de muita resistência e propositadamente se conteve, enquanto foi excitando Catarina com vinho, palavras e carícias. Apesar de lúcido, estava cansado e não conhecia os caminhos. Se embrenhou na escuridão e se aproximou demasiado da lagoa, sendo vítima de alguma das muitas armadilhas de bichos ou espíritos. Sim, neste momento, o meu rival estava estraçalhado pelas feras ou afogado na lagoa. Ou então escapou. Mas no palácio foi conhecido o grande feito guerreiro do heróico director, insigne descabaçador de mulatas. E Ouman se apresta a escrever um relatório, corroborado pelo *predikant*, ao conselho de ética da Companhia, o qual deve ser impiedoso a castigar acções indecorosas dos detentores de altos cargos públicos. Pois acho que quanto mais alto se chega mais recatado se deve ser. E o conselho de ética só pode pensar da mesma maneira. É só esperar o tempo de um barco ir e outro voltar, teremos a ordem de despejo de Redinckove. Devia ir a ferros, mas duvido que a Companhia chegue a tanto. Também podia ser eu o braço armado da justiça. Tivesse um cavalo com asas e não tivesse adormecido de sofrimento, apanhava o Redinckove perto da lagoa e baixando sobre ele, lhe dava uma espadeirada que lhe arrancava a cabeça. O sangue dele se ia misturar ao do Thor. Será que também nasceriam nenúfares com hastes de flores brancas? Certamente não, pois se tratava de uma morte justa. Me senti bem, no meio de todas as frustrações, apertando com força o mágico colar de unhas de leão recuperado de Thor, porque tinha o poder de julgar injusta a morte deste e justa a de Redinckove. Me senti bem também porque para o futuro atirara a ponta de um feitiço.

# CAPÍTULO DÉCIMO

(Março de 1647)

A ponta do meu feitiço resultou, poucos meses depois. Redinckove foi chamado para a Europa, também o major Gerrit Tack. Embarcavam os dois para o Brasil no *De Witte Hoop*, belo veleiro de três mastros, o mais belo veleiro do mundo para mim naquele momento abençoado, pois trouxera a ordem de despacho do desbragado director. Do barco também desceu Angélica Ricos Olhos, mas, embora se tornasse logo centro de interesse na cidade, não reparei nela por estar todo ocupado em saborear o mujimbo da próxima partida do meu rival.

O meu dono estava desconsolado. Ia embora o seu amigo major, mas também o capitão François de Savigny. Desfeito o grupo de cartas, Baltazar e Simon Dots voltariam a passar as tardes na bodega de Dona Maria, na esperança de arranjam novos parceiros? Até podia acontecer. Mas nada seria como antes. Perdíamos definitivamente o acesso às antecâmaras do poder, que o major sempre facultara. E as informações confidenciais em primeira mão que permitiam estudar as melhores tácticas a seguir pela família. O golpe fora rude e só aos poucos me fui apercebendo que uma boa coisa vem sempre acompanhada de outras más. O meu dono lançou a notícia ao almoço, na casa grande, e foi tudo um mar de tristezas. Uns porque se ia o major e a família perdia o seu maior apoio. E algumas senhoras porque a partida de Redinckove destruía o sonho de Catarina. Matilde e Ana eram as manas que estavam ao corrente do que passara na noite de casamento e Matilde conseguiu uma vez organizar um encontro clandestino numa casa que só ela conhecia na cidade alta, tendo levado Catarina, apesar dos protestos de D. Inocência, mas ela tem trabalho aqui, e eu a perceber o que a

malvada bruxa queria e sem poder falar, sem poder dizer é mentira que Matilde precise de Catarina para escolher uma farinha especial para o almoço de sábado em que ia Daniel Boreel comer na sanzala, bem sabia para que a levava, mas lá foram e voltaram muitas horas depois, Catarina feliz de olhos pisados e sem a farinha, que afinal era boato ter aparecido uma tão especial vinda do Brasil, já eu sabia antes de a procurarem, mas ninguém desconfiou da mentira, só eu lia a verdade nas manhosas palavras da bela feiticeira.

Catarina desconseguiu esconder as lágrimas nos olhos, quando o meu dono disse mas com o major também vai esse trapalhão simpático do Redinckove e o capitão Savigny. Fugiu para a cozinha, em breve se lhe juntou Matilde e Ana. Consolações para quê, existem? D. Inocência se apercebeu de alguma coisa anormal, perguntou mas que se passa? Ana desviou a atenção da mãe, simulando um desmaio. Muito convincente por se suspeitar estar no princípio da gravidez. D. Inocência amparou-a, o melhor é deitares no teu antigo quarto que isso já passa, tive muitas coisas dessas. Matilde ficou na cozinha com Catarina. Os da sala não repararam. Mas eu percebi tudo e o meu coração ferido amoleceu, coitada da Catarina, como sofre por causa daquele estupor. Sou assim, bom de natureza, não posso guardar muito tempo um rancor, sobretudo depois de uma vitória resultante da minha pomba.

Afinal não era só Matilde capaz de mexer com as forças que respeitamos e tememos. Naquela noite de sofrimento inolvidável, lancei uma maldição em sonhos acordados, sem ter bem a noção que estava a forçar os acontecimentos. Era apenas um desejo de ver ocorrer a partida do holandês libertino. De facto, ao invocar o futuro desejado, segurava distraidamente no colar de unhas de leão que fora a minha herança do pobre Thor, decapitado à borda da lagoa. Talvez fosse a proximidade do Kinaxixi, lugar de muitos mistérios, talvez fosse a conjugação de muitos sonhos cruzados dos bêbados que dormiam pelos cantos, o certo é que resultou plenamente. Deve ter sido nessa noite, ou no dia seguinte, que tomaram a decisão na Holanda de mandar chamar o director. E a ordem correu célere para o Brasil e dali para Luanda. Senão, como explicar que em menos de quatro meses aparecesse na baía o *De Witte Hoop*, aquela beleza de

veleiro, para levar a mal cheirosa encomenda? Gente haverá sempre que encontra as razões em inexplicáveis coincidências, irredutíveis descrentes. Mas os ímpios nunca me roubarão a tão apetecida vitória e o prazer de a ter construído sozinho, mesmo se por cima dos pedaços amachucados do meu coração.

O veleiro tinha antes de ser lavado e carregado com alguns escravos, além de abastecido de comida e água. O que levaria dois ou três dias. Os necessários para se fazerem todas as despedidas em boa forma. Baltazar cedo se apercebeu que a tristeza era só dos que ficavam. O major exultava, não aguentava mais o clima e os mosquitos de África, e Redinckove nunca ocultara que estava num posto que lhe desagradava enormemente, porque tinha de tomar difíceis decisões sobre a vida de pessoas. O director esperava ficar afecto a Pernambuco, onde nunca teria cargos tão elevados e a vida era muito mais agradável. Mas se o mandassem para a Holanda também não se importava, tinha saudades de um Inverno rigoroso onde só muito vinho e comida podiam aquecer um cristão. Pelo menos o dizia. O major, que sabia não ficar no Brasil, estava menos entusiasmado com o regresso à Europa. Apesar das lutas intensas que se travavam no sertão de Pernambuco, gostaria mais de viver na cidade que Maurício de Nassau embelezara. Mas não se pode ter tudo, confidenciava ao meu desconsolado dono.

Madame Gigi sofreu também forte abalo, pois os seus dois maridos iam embora de uma só vez. Ao menos que ficasse um para a consolar da saudade do outro, queixava num flamengo exageradamente felino. Mas Redinckove tinha solução para tudo, a senhora vem connosco. Que não podia, tinha sido desterrada do Brasil para Angola, como acontecera agora com Angélica Ricos Olhos, parecia os holandeses estavam a aprender tudo com os portugueses, Luanda se tornava a cloaca do império comercial. Redinckove insistiu, ele era poderoso e o major também tinha influências, podiam muito bem fazer revogar no Brasil a injusta ordem de desterro, e ela ficaria ou em Pernambuco se por acaso Redinckove lá permanecesse, ou iria para a Holanda com os dois ou com o major, se partisse só este e conseguisse manter lá duas mulheres, pois a esposa esperava-o há seis anos em Pernambuco.

Sei que é complicado, mas o cérebro do director era muito rápido e juntava muita informação numa mesma frase, quando lhe convinha, pois também sabia se fazer de sonso e lento, para armar as suas célebres ratoeiras. O grande cabrão convenceu mesmo Madame Gigi a manter o *couple de trois* no navio. O major estava tranquilo, pois podia em alto mar desfrutar dos prazeres da francesa e em Pernambuco ficava ilibado de suspeitas, apresentando Madame Gigi como amancebada de Redinckove, o que aliás este assumiria com muito gosto.

Segundo o estupor tinha contado muito antes ao meu dono, a esposa era mais velha do que ele e sempre doente, por isso ficara num kimbo da Holanda enquanto ele vivia as suas aventuras marítimas. A sua mãezinha, como ele dizia ao se referir à esposa, era posta ao corrente dos seus amores, não só pelos kuribotas que também entre os flamengos existem e adoram escrever cartas assinadas um amigo que lhe quer bem, mas por ele próprio, nunca a enganei, conto-lhe tudo, mas simplifico os detalhes por uma questão de decoro, não se deve descrever à mãe uma noite de amor com uma francesa ou uma oriental, com aquelas piruetas e manobras complicadas, fica mal. E ria, cheio de desvergonha, o grandessíssimo filho da puta. O meu dono, na época destas confidências, arregalava muito os olhos, certamente fazendo contas aos cadeados que tinha nos portões da sanzala. Lhe valeram de muito! O leão chegou ao rebanho com toda a facilidade, para tormento meu. E a convite dele, quando tinha jurado não o repetir. Odiarei sempre Baltazar por ter convidado o fauno ao casamento de Ana, apesar de ter logo da primeira vez reparado nos olhos peganhentos do desbragado colados às ancas da minha doce Catarina. Ao menos tivesse também convidado a Madame Gigi, que o controlaria. Inútil chorar agora, estava feito. E eu vingado.

Foi então que me apercebi, com forte aperto no coração, que a minha vingança se virara para a parte mais fraca e aquela que eu não queria ferir. Redinckove estava feliz da vida por ir embora, a minha pomba acabava por lhe ser benéfica. Quem sofria era a pobre Catarina, chorando já a perda do único homem que conhecera. E tão poucas vezes, diga-se de passagem. Mordi os punhos. Nunca culpei

Catarina de nada, nunca quis que ela sofresse. Apenas pretendi afastar o sacana para sempre das nossas vidas. Afinal, só ela sofria. O bandido que julguei derrotar saía vitorioso. E a mulher que sempre pensei proteger rastejava, esmagada pela dor. Baixei a cara de vergonha para que ninguém notasse o meu arrependimento. Felizmente também ninguém ia reparar, quem olhava mesmo para mim? Devia pedir penitência a Catarina, lhe explicar que só eu tivera culpa do seu sofrimento, por estúpido ciúme, por rasteiro despeito. Mas como poderia fazê-lo? Dúvidas e só dúvidas. Do que é feita a cabeça de um escravo...

Houve grandes libações para a despedida. Na casa do major, na casa dos directores, nas três tabernas, pois tinha entretanto surgido mais uma nos Coqueiros. O meu dono a todas compareceu, um pouco chocado com a alegria que os seus amigos demonstravam em nos deixar. Quem participou da bebedeira na casa do major e na sua própria foi o director Cornelis Ouman. E sorridente, bem disposto, apesar de ainda não ter acabado com a raça dos portugueses. Não podia esconder o quanto lhe agradava a partida dos dois. Ficava sozinho a mandar até que a Companhia resolvesse enviar um segundo director. Todos sabemos como essas coisas demoram. E o facto de o major partir fazia que ele, Ouman, assumisse também o comando militar da colónia. Nada estava escrito, a favor ou contra. Como na ordem de regresso do major não se falava em substituto, Ouman podia nomear um comandante interino. Quem lhe proibia de se nomear a si próprio? O major Valeth era o oficial com maior graduação que ficava. Tinha chegado há poucos meses com novos contingentes e estava sem forças, comido pelas febres. Também demonstrava fraco carácter, não parecia capaz de exteriorizar o despeito que a não promoção naturalmente provocaria.

Ficámos a conhecer estas ambições de Ouman durante a tal libação na sua casa, quando o major lhe disse, mas agora fica com trabalho dobrado, pois o Valeth está sempre doente e não vai poder assumir imediatamente o comando das tropas. O director, certamente com as defesas enfraquecidas pelo vinho, revelou os secretos planos de se nomear a si próprio comandante, fechando a confidência com uma frase que irritou o major, desta vez é que os

portugueses vão ver como elas mordem. Redinckove assobiou, admirativo, e gritou com toda a força:

– Viva o ditador de Luanda.

Ouman se virou para ele, deu uma gargalhada:

– Tem razão, um ditador é isso, a acumulação de todos os poderes, como Júlio César.

– Mas lhe falta um poder – respondeu Redinckove. – O religioso. Tem de despachar embora também o *predikant* para agarrar a autoridade do templo.

O major ficou a remoer uma resposta à crítica implícita que Ouman lhe fizera, aliás não era a primeira, mas a conversa tinha derivado mesmo e desconseguiu encaixar uma réplica forte. Cornelis Ouman, bem humorado com o poder acrescido que tinha tão rapidamente herdado, ergueu a cabeça e brindou:

– Ao primeiro ditador de Luanda.

– Houve outros antes dele – disse Baltazar em sussurro a Savigny.

– Uma série de governadores militares. Mas é melhor não o comparar aos governadores portugueses, senão fica ofendido.

Riram os dois e a conversa de ambições expressas ficou por aí. Foi a última festa a que assisti no palácio da Companhia, que antes era o Colégio dos Jesuítas. Com Ouman como único director, o meu dono nunca mais seria convidado, apesar de ser compadre de D. Agostinho Corte Real.

Talvez não fosse por causa das festas que viria a perder, embora o vinho de borla lhe agradasse muito, mas era evidente que Baltazar andava preocupado com a partida do major. Basta lembrar que nos começos da ocupação dos mafulos foi o major que lhe salvou a cabeça, quando os dois escravos trouxeram a carta de Massangano a pedir informações militares e o director Nieulant o mandou prender. Para além disso, tinham tecido uma grande rede de cumplicidades, de que o meu dono se aproveitara muito bem. Tinha de se habituar a uma vida longe do centro do poder. E sobretudo agora que não havia escravos, por causa do corte total de relações entre a cidade e o interior. Baltazar nesses dias pensou muito no conselho de Jacinto da Câmara. O compadre tinha razão, devia se ocupar mais de agricultura, pois o negócio das peças estava

momentaneamente condenado. A falta de água impedia o desenvolvimento da horta na sanzala. Mas o arimo do Bengo podia crescer, para vender legumes e frutos na cidade, sempre em falta, por os holandeses se dedicarem apenas ao comércio e à guerra. A solução era mandar Nicolau, agora sem trabalho pelos impedimentos ao tráfico de escravos, dirigir Diogo no Bengo. Nicolau não tinha prática nenhuma de agricultura, mas também Diogo não tinha antes, o importante era saber dar uns berros nos escravos a tempo certo.

E chegou o grande dia. Os soldados formaram em parada no cais, todos os notáveis da cidade se perfilaram para as despedidas. Os dois directores vieram a cavalo pela Calçada dos Enforcados e os mosqueteiros fizeram uma salva para o ar. D. Agostinho Corte Real trouxe filhos e genros, vestidos com todas as cores, numa comitiva muito lustrosa. Houve abraços e Madame Gigi chorou ao se despedir das amigas menos afortunadas. O major tinha estado na véspera na sanzala para agradecer todas as gentilezas de D. Inocência e meninas, por isso só os filhos de Baltazar compareceram no cais. Notei, Catarina não teve oportunidade de se despedir de Redinckove, nem este fez menção de nisso estar interessado, o estupor ingrato. Como podia o excelente major ser amigo e sócio íntimo de tão detestável personagem? Coisas de brancos.

Terminadas as despedidas, os dois importantes mafulos e a sua concubina embarcaram no escaler e em breve subiram a bordo. A pequena multidão se desfez no cais, indo o director Ouman e D. Agostinho a cavalo, lado a lado, para o gabinete do holandês na cidade alta. Provavelmente a prepararem outra guerra, pois agora tinham as mãos completamente livres para soltarem o ódio ao português. Ficámos no cais a ver os preparativos do *De Witte Hoop* para a partida e só quando o barco virou para a saída da baía, entrámos na bodega do Pinheiro. Foi aí que Ambrósio viu pela primeira vez Angélica Ricos Olhos. Notei a mulata de peruca loura que bebia numa mesa de homens barulhentos. E notei sobretudo o fascínio que exerceu instantaneamente em Ambrósio. Um conhecido dos Van Dum, ao lado deles, segredou o nome dela e que tinha vindo dias antes do Brasil, desterrada. Fiquei, tal como Ambrósio, com um ouvido na estória e os olhos nela. Porque a aparência era

realmente impressionante. Mulher alta, bem feita, e com um par de mamas a querer fugir do decote. Mas o mais notável eram os ricos olhos do nome. Nunca tinha visto uma pessoa tão estrábica. O olho esquerdo olhava totalmente para a esquerda e para baixo, enquanto o direito olhava totalmente para a direita e para cima.

Ficámos a saber que Ricos Olhos era nome de família, pois se tratava da filha de um português de Pernambuco que usava esse apelido. E a mãe era uma escrava. Angélica foi reconhecida pelo pai e sempre bem tratada na casa paterna. Mas o pai morreu na sua adolescência e ela foi expulsa de casa pela madrasta, que intimamente nunca aceitou os filhos que o defunto marido implantara em ventres escravos. Necessitada de ganhar a vida, Angélica se amancebou com um soldado holandês da guarnição do Recife. Mas este, nas suas bebedeiras, a tratava mal, sempre com ironias à sua vesguice. E arranjou outra concubina, uma holandesa muito mais velha do que ele. Quando conheceu o nome da rival, Angélica foi a casa dela e lhe bateu com um pau até tornar o rosto da outra numa coisa disforme. Aquela flamenga nunca mais haveria de chamar a atenção de nenhum homem, se gabou à vizinhança. O que provocou uma carga de pancada dada pelo amante. Mas o caso não teve repercussões legais, porque a agredida era de baixa condição social, e o par se harmonizou depois da surra dada pelo soldado. Mas este pelos vistos não tinha cura. Numa bebedeira ameaçou Angélica de a pôr na rua se não endireitasse os olhos. E que apanharia na rua a primeira mulher não vesga para a meter em casa. A rapariga já estava farta de humilhações e aproveitou o sono embrutecido dele para lhe espetar umas facadas na barriga para ele aprender o respeito devido a senhoras, conforme alegou no julgamento. O soldado já não acordou. Ela foi presa e condenada ao degredo para Angola, onde havia pungente falta de mulheres.

– De angélica não tem nada – disse Baltazar, ao ouvir a estória.

– É, o nome dela está errado de uma ponta à outra – concordou Hermenegildo.

Ambrósio não falava, todo atento à mínima mudança de direcção no olhar da rapariga. Será que ouviu a estória? Parecia mais preocupado em saber para onde olhava ela, se já tinha reparado

nele, se estava a fitar outra pessoa com insistência. Coisas que se descobrem com certa facilidade em outras mulheres, desde que não sejam muito dissimuladas. Angélica Ricos Olhos desafiava o mais atento investigador. Até eu estava baralhado, pois me parecia que ela só tinha olhos para mim, quando todos sabemos que nunca ninguém tinha reparado neste desgraçado escravo.

Ambrósio não resistiu mais tempo à tentação. Pediu desculpa ao pai, mas conheço ali um indivíduo e vou cumprimentá-lo. Se dirigi à mesa onde estava Angélica e falou com um homem. E se sentou entre ele e a rapariga, o que facilitava meter conversa. Percebi que falava para ela em português. Os homens sentados na mesa eram flamengos e ficaram logo postos de lado. Em breve gritavam uns com os outros, rindo e bebendo muito. O par ficou assim a conversar tranquilamente. Quem me dera poder me aproximar o suficiente da mesa para entender o sentido das palavras. Mas a minha obrigação era ficar quase colado às costas do meu dono e por isso perdia a compreensão daquela estranha conversa. E o curioso é que, embora a cara dela estivesse virada para o lado, na direcção de Ambrósio, os olhos continuavam a me fitar. Estranha bruxaria. Como não haveria o culto Ambrósio de ficar fascinado e se entusiasmar por um estudo mais próximo do fenómeno? Tão próximo queria ele o estudo que saiu com ela da taberna, sem ter sequer bebido um copo do vinho que lhe ofereciam.

– Aquele ainda se arrisca a ter uma faca na barriga – disse Baltazar. – Pensei que o engenheiro Boreel tivesse uma boa influência sobre ele também neste aspecto. Mas pelos vistos, não resiste à primeira tentação. E queria ir para padre!

– Tem tudo para ser um bom padre – disse Hermenegildo, que, como alguns sabemos, passou a nutrir uma secreta raiva contra os sacerdotes.

Sáímos da bodega e fomos para a sanzala, sem esperar pelo Ambrósio, o qual só apareceu no dia seguinte, todo satisfeito. Satisfeito era pouco. Estava nas nuvens, até parecia caminhar sem raspar o chão, como fazia D. Bárbara, a Mocambo da minha infância, agora aprisionada em Massangano. Sorria para tudo, o Ambrósio. Mesmo quando o pai o chamou para uma sombra de mangueira no

quintal e lhe disse, não tens mesmo juízo, foste te meter com essa desterrada, não vês logo que é perigosa?

– Cometeu um erro, já pagou por ele. Vamos ficar a castigá-la sempre? Aqui ela é uma cidadã como outra qualquer.

– Uma ova! Quem estripa um tipo, pode estripar outro. Não me venhas com essas conversas de perdão e dar oportunidade a todos, isso é conversa de padre e só no sermão. Quiseste foi comê-la.

– É uma grande mulher, pai. E muito terna. Coitada, a vida foi dura para ela. Está numa casita dos Coqueiros, tem de viver. Que pode uma mulher fazer aqui em Luanda, se for sozinha e não tiver terras nem escravos? Tem de receber o dinheiro dos homens, não há alternativa. Mas pensa em casar e mudar de vida.

– Espero que não seja contigo. Mas já consegues descobrir sempre para onde está ela a olhar?

– Não. Mas com o tempo hei de descobrir. Tem de haver constâncias que se deixem notar. Sabendo isso, se descobre tudo. Mas não se pode perguntar permanentemente, para que lado estás a olhar? Isso ofende e ela reage mal. Tem de haver muita paciência e atenção.

– Estou a ver que pretendes dedicar-lhe muito tempo e atenção. Até que acordes com uma faca espetada na barriga. Ou não acordes.

– Ora, o gajo era um tipo horrível, bem mereceu as facadas. A Angélica é meiga para quem a trata com respeito.

– Porque tu a trataste com todo o respeito devido a uma recomendável senhora, não é mesmo?

Ambrósio nem ligou para a ironia que a frase do meu dono encerrava. Estava mesmo nas nuvens. Nunca o tinha visto apanhado pelo amor. Andava sempre atrás de mulheres, mas era apenas para resolver as suas necessidades sexuais. Do seu passado religioso deve ter ficado algum cinismo na relação com elas. Primeiro via o outro sexo como uma fonte de pecado. Depois apenas como prazer. E acabou por se apaixonar por uma criminosa, parecendo encontrar nela o que nunca procurara nas outras, algo para além da aparência física e do prestígio social.

O mapa do canal estava pronto e entregue a Ouman. Redinckove levou uma cópia do projecto para enviar do Brasil para a Holanda e prometeu que defenderia sempre a necessidade urgente da obra. Por isso Boreel e Ambrósio estavam desocupados. O engenheiro esperava receber ordens para regressar a Amesterdão, enquanto namorava Matilde. Terminado o trabalho, Ambrósio tinha todo o tempo para se dedicar a Angélica Ricos Olhos, o que foi fazendo com devoção.

Surpreendi então uma conversa com Hermenegildo, preocupado com o que se falava na cidade. O irmão mais novo aconselhou cuidado, a desterrada era senhora de temperamento conflituoso, já se envolvera numa briga de mulheres na bodega do Pinheiro e continuava ali a arranjar clientes com quem se deitava na casita dos Coqueiros. Ambrósio disse o mesmo que a Baltazar, ela precisava de enganar a fome e portanto tinha de procurar quem lhe desse dinheiro, mas aspirava a uma mudança de vida. Infelizmente ele estava dependente do pai e não tinha meios de a manter, senão acabariam imediatamente as actividades de prostituição. Angélica aliás não queria outra coisa, estava farta de aturar aqueles mafulos a cheirarem a cebola. Isso ela lhe confessava nas noites de amor, para ele reservadas. Hermenegildo só dizia, tem cuidado, irmão, ainda te vais tramar com essa ligação levada demasiado a sério.

E uma consequência surgiu então. Ouman e Redinckove tinham decidido reformar a velha fortaleza do morro, acanhada e mal construída. Com a saída do director debochado, Ouman acelerou as obras. E convocou Daniel Boreel para lhe dizer que, embora fosse engenheiro de diques e canais, também podia ajudar na reforma da fortaleza, a cargo dos militares. No fundo, o tenente recebia um soldo e não tinha mais trabalho. Ouman estava sempre a fazer contas dos lucros e detestava a preguiça, para ele o dever de um cristão era construir na terra o reino de Deus e o ócio aparecia como o pior dos pecados, só igualável ao luxo e às heresias. O engenheiro aceitou trabalhar no desenho da fortaleza, tendo logo proposto uma forma de estrela de quatro pontas, mais adaptada às características do terreno e à forma da baía. Havia outro engenheiro, mas este militar, o qual era o responsável pela melhoria da fortaleza. Em

conversas anteriores, já Boreel tinha defendido esse novo formato e o outro concordara. Ouman também não pôs objecções, queria a fortaleza bem defendida e podendo controlar o canal que separava a Ilha do continente, bem como a cidade baixa e a alta. Cada uma das quatro pontas atingia esse objectivo. O pior foi quando Boreel propôs que Ambrósio fosse chamado para ajudar na obra. Ouman deu um berro, conforme o engenheiro contou na varanda da casa grande, em voz baixa para não ser ouvido pelas mulheres.

– Está a propor meter na fortaleza esse indivíduo? Não sabe que pertence a uma família de pouca confiança? Ainda por cima, anda agora metido com essa degredada filha de português que matou um soldado no Recife. O engenheiro sabe disso, ou não sabe? E ainda o quer meter ao corrente do que se passa na fortaleza? Os planos iam imediatamente para os nossos inimigos de Massangano. Já agora, devo dizer que não aprecio muito as amizades que tem com os Van Dum, seria conveniente deixar de frequentar essa casa de papistas.

Na varanda estava Baltazar, Ambrósio e Hermenegildo. Nicolau tinha partido para o Bengo em visita de inspecção. O meu dono ficou consternado. Maus tempos se adivinhavam com os plenos poderes de Ouman. Nem a ligação familiar com D. Agostinho Corte Real parecia servir para aplacar a raiva do flamengo. Se virou contra Ambrósio:

– Vês como essa mulher começa já a ser perigosa? Bem te avisei. É bem pior que uma faca na barriga.

Mas Ambrósio não era pessoa para se encolher, nem mesmo perante o pai. Levantou a voz para responder, sem se importar com a presença do engenheiro.

– Ela não tem culpa nenhuma. Pai, por favor não desvie as responsabilidades. Aqui o problema não é a Angélica. É esse cabrão do Ouman, o ditador de Luanda. Não sei de onde lhe vem o ódio, mas detesta a nossa família. Bem antes de Angélica chegar cá. Não o mostrava porque havia o Redinckove e o major Gerrit. Mas agora se sente com as mãos livres e quer perseguir-nos. Esta é que é a verdadeira questão, pai, não a minha ligação com a Angélica.

O meu dono ouviu em silêncio e assim ficou. Era forçado a dar razão ao filho. Se atirara a ele num gesto de fraqueza de que se

arrependera logo a seguir, tenho a certeza. E a argumentação de Ambrósio era irrefutável, eles há muito tinham detectado a má vontade de Ouman. Mas Boreel estava incomodado e falou:

– Peço desculpa por vos ter contado esta conversa com o director. Mas achei melhor avisar-vos, ao menos estão prevenidos.

– Fizeste muito bem e agradecemos – disse Ambrósio. O pai concordou com a cabeça, mas em silêncio.

– Por minha parte, claro que não vou seguir as ordens dele – acrescentou o engenheiro. – Enquanto for de vosso agrado, sempre frequentarei a sua casa, senhor Van Dum. Me sinto muito honrado por ser aqui recebido.

– E serás sempre bem recebido – disse Hermenegildo.

O meu dono voltou a concordar, sempre em silêncio. Entretanto apareceu Matilde e a conversa incómoda terminou. Ela tomou conta das operações, servindo uns bolinhos tão do agrado do engenheiro. Pelo meu lado, deixei vaguear os olhos e o pensamento pelo quintal, pois Matilde introduzia temas mais calmos e menos interessantes na conversa. Em breve se lhes juntou Ana e o Jaime da Câmara, vindos da casa ao lado. Jaime engordava, com a boa comida de Catarina e sem ter nada para fazer. Começava a ter uma das maiores barrigas da sanzala e todos sabemos que os Van Dum tendem para as redondezas de carnes.

No dia seguinte bem cedo o meu dono partiu para a Ilha, sem informar qual o destino. Foi à frente, na rede transportada por quatro escravos que suavam e sofriam com o peso, e eu atrás. Mas quando atravessámos o canal, logo percebi para onde nos dirigíamos. E não seria para falar com Rodrigo do olho verde, como logo confirmei a seguir. Para encontrar o filho, derivaríamos para a direita, onde ficava a salga. Mandou seguir para a esquerda. Em breve entrámos na sanzala do Mani-Luanda, com os transportadores resfolegando de alívio, por termos chegado. Era cedo de mais para meu gosto. Tão de manhã, não haveria maluvo. De qualquer modo, me consolei, pouco adiantaria se servissem a bebida dos deuses. Eu só tinha direito a ela nas festas, em que ninguém controlava ninguém. Por acaso, o governador estava disponível e recebeu imediatamente o compadre. O qual lhe contou a conversa da

véspera, omitindo o delicado detalhe de ter sido Boreel a relatá-la. Precaução inútil, pensei, não seria difícil Ouman chegar ao delator.

– Pois é – disse D. Agostinho. – O director Ouman várias vezes me manifestou reserva em relação ao compadre.

– Mas porquê, que lhe fiz eu?

– Nada. Mas é flamengo do sul. Ouman acha que todos os flamengos do sul merecem desconfiança, porque são súbditos do rei de Espanha. O problema não é serem católicos. Eu sou e ele é meu amigo. O meu rei é católico e Ouman quer as melhores relações com o Kongo.

– Mas eu deixei de ser súbdito do rei de Espanha.

– Para ele não deixou. Se vivesse na Flandres seria. E estive no exército espanhol. Isso basta para o Ouman. Detesta espanhóis e portugueses, diz que são farinha do mesmo saco. Nesse aspecto devo confessar que o meu amigo tem razão, não sei qual deles mais fede. Foi bom o Rodrigo ter ido combater ao meu lado, marcou uma posição. Mas o compadre sempre teve muito bom relacionamento com os portugueses, todos sabem. Eu bem tento pôr água na fervura, mas o director Ouman não esquece essas suas amizades.

– E agora o que devo fazer?

– Agora não pode fazer nada. Talvez mais tarde, quando surgir uma ocasião para mostrar de que lado realmente está. Mas fique descansado. Quando tiver oportunidade, vou puxar a conversa para esse assunto e tentar convencer o meu amigo Ouman de que o compadre não pretende fazer nada de mal, apenas ir vivendo a sua vida.

– E é isso mesmo.

– Eu sei.

– Não tenho culpa de ter nascido no sul da Flandres. E fui para o exército disponível, queria era correr aventuras e conhecer mundo, qualquer exército servia.

– Eu sei, até compreendo. Mas se fala muito na paixão que o seu filho Ambrósio tem por essa mulata degredada, que matou um holandês. Isso cai mal. Prostituta é para ir para a cama uma vez, duas, quando se precisa. E pára aí. Não é o caso com o Ambrósio,

segundo se comenta. Ele já andou à pancada com um mafulo que a insultou. Não se faz isso por causa de uma quilata.

– Não sabia que ele andou à pancada por causa dela.

Eu também não. Hermenegildo saberia? Realmente se referiu a uma briga em que entrara Angélica, talvez Ambrósio acabasse por ser arrastado para ela. Tenho realmente de prestar atenção ao Ambrósio, o caso se torna cada vez mais interessante. O meu dono estava admirado com a importância absurda que a paixão do filho parecia adquirir naquele meio de Luanda.

– Mas, como é possível, D. Agostinho, que se comente tanto este caso?

– Sai fora do comum e os mafulos têm poucos divertimentos. Então falam. Mas o último a saber aqui na sanzala foi o Rodrigo, posso garantir, não foi por ele que fui informado de toda esta estória.

O meu dono continuou a lastimar a má opinião que o director tinha da família. Ele apenas queria fazer bons negócios e para isso devia ter relações com toda a gente, sem discriminar nacionalidades. Fui ouvindo, meio distraído, as promessas do Mani-Luanda, vou falar com o meu amigo Ouman, até que a conversa derivou para a política portuguesa e a minha orelha voltou a crescer.

– Tenho informações seguras – dizia D. Agostinho. – Os três governadores não se entendem, passam a vida a dar ordens e contra-ordens. Os holandeses também têm tido problemas, quando há dois directores que não pensam da mesma maneira. Imagine a confusão com três.

– Com três é melhor, pois há sempre um que desempata. Agora com dois, cada um puxa para seu lado.

– Tenho pensado nisso. Acho que os mafulos têm razão. Se são dois a dirigir, têm de chegar a um acordo para fazer alguma coisa. Processo demorado mas seguro. Um controla o outro. Mas se são três, há sempre dois que se associam contra o terceiro. E este fica derrotado mas não convencido, por isso fará tudo por baixo da mesa para impedir a concretização da ideia dos dois vencedores. É o que se tem passado em Massangano. E a população e os soldados estão desesperados, se fala mesmo em sublevações. É o fim deles.

– De repente aparece aí um reforço com um novo governador nomeado pelo rei – disse Baltazar. – E entra tudo na ordem.

– Sim, há esse perigo. Temos de agir rapidamente. Os seus amigos Redinckove e Gerrit Tack bloquearam muito as coisas, perdemos imenso tempo. Mas acho que desta vez vai. Sobretudo por causa da pressão da Jinga, que exige vingança pela recente morte da irmã.

Tive um aperto no coração, o que aconteceu com a doce Mocambo? Alguém se atreveu em Massangano a levantar a mão contra a minha mãe de adopção? As palavras seguintes de D. Agostinho me sossegaram.

– Só soubemos há pouco tempo... afinal, quando nos aproximámos de Massangano, depois de derrotar os portugueses, estes afogaram a irmã de Jinga, D. Engrácia, num pego do rio Kuanza. Antes que morressem, se vingaram na mulher que sempre se comportou como inimiga deles, nunca se vergou, mesmo sendo prisioneira. Pouparam D. Bárbara, a Mocambo, que todos sabem ser uma católica mansa. A rainha acabou por saber e está a pressionar os holandeses para se atacar Massangano e acabar com a raça dos portugueses. Está para breve.

– Só guerra e mais guerra, D. Agostinho. Isso estraga os negócios. Nem se pode já andar no mato, há sempre o perigo de se ser atacado ora por um lado ora por outro. E como há tantos lados, sobas revoltados contra os portugueses, sobas aliados dos portugueses, jagas, tropas de Jinga, tropas do Kongo, holandeses, portugueses, não sobra nada para o comércio. Até já mandei o meu filho Nicolau para o Bengo, ao menos lá toma conta do arimo. Porque perdi a esperança de o mandar ao mato comerciar peças. Um prejuízo, uma tristeza.

– O compadre tem razão, é mau para o negócio. Por isso é preciso acabar depressa com a guerra. E só há uma maneira, é dar cabo dos portugueses muito rapidamente. Queremos nós, quer Jinga. E agora também os holandeses querem, porque o meu amigo Ouman pensa como nós. Em breve tomaremos Massangano, vai ver. O resto cai de podre.

O meu dono deve ter pensado na filha em perigo e nos amigos de Massangano, suspirou. Mas já tinha manifestado desacordo quanto à estratégia belicista o máximo que podia, sem irritar o Mani-Luanda. E cada vez precisava mais do apoio do soba da Ilha. Este continuou:

– Tem de ser rápido, porque há sempre o perigo de chegar um reforço português. O grande problema é que Massangano só poderá ser tomada com muita artilharia. E se vai para lá a artilharia, Luanda fica enfraquecida e pode ser conquistada sem grande esforço. Esse é o grande dilema de Ouman. Por outro lado, os Dezanove estão sempre a refilar porque se mandam poucos escravos para o Brasil. Mas com guerra não é possível mandar mais, já o compadre falou disso.

Afinal o Mani-Luanda não estava tão confiante numa vitória rápida. A fala anterior contradizia tudo o que tinha afirmado antes. Em breve estava a confundir que a Companhia vivia à beira da falência, o que não era novidade nenhuma. Que por isso não mandava mais canhões, esperando que os Estados Gerais o fizessem. Mas estes diziam que já tinham enterrado demasiado dinheiro e gente em Angola e no Brasil, o que não lhes competia, enquanto a Companhia queria ficar com todos os lucros e evitava o menor investimento. Discussão esta que durava desde o começo da ocupação de Luanda.

– Se eles lá não se entendem, aqui fica difícil resolver o problema – concluiu um desanimado D. Agostinho Corte Real. – Também o meu rei se queixa da falta de uma política clara por parte dos mafulos. Para já não falar de Jinga, essa não queixa, essa barafusta, exige. Também é verdade que ela é que tem enfrentado sempre os portugueses.

O próprio representante do rei do Kongo tinha de reconhecer a determinação de Jinga, o que muito me envaidecia. Foi esse sentimento de orgulho pelo meu rei que nos acompanhou no regresso à cidade. Ao mesmo tempo ia reflectindo sobre a violenta morte de D. Engrácia. Não arranjam outra maneira mais rápida de a assassinar? Não é difícil imaginar a cena. Primeiro arrastaram-na provavelmente pelos cabelos ao longo das ruas de Massangano, vamos afogar esta cabra, agora é que vai pagar por todos os seus

crimes e pelos da irmã revoltosa, depois a puxaram até ao rio, esfolando joelhos e pernas pelas lajes rugosas, cantaram ódio e vitória, corajosos no combate a uma mulher só, finalmente lhe meteram a cabeça no pego até sentirem nos braços insensíveis as últimas convulsões da morte. Nunca gostei de D. Engrácia, achava ela má como uma cobra mbuta, sempre pronta a me beliscar às escondidas, mas tenho de admitir, era melhor que os seus assassinos. Pelo menos nunca se revelara covarde, tendo corrido riscos para informar o meu rei de tudo que passava no campo inimigo.

Nos Coqueiros, o meu dono mandou os transportadores da rede apanharem a rua Direita, para evitar passar à frente do porto. Percebi muito bem a intenção desta volta desusada. Ele não queria transitar perto da bodega do Pinheiro, certamente não por medo de encontrar Ambrósio e Angélica em poses de ternura. Era cedo demais para Ambrósio se levantar, sabia eu e sabia ele, o rapaz agora adormecia já com os galos a cantarem. Portanto o medo era outro, de Angélica estar numa roda de homens, procurando abertamente cliente. Sim, isso era muito mais chocante. Baltazar nem imaginava que o filho se preparava para resolver a situação de qualquer maneira e que um dia podia forçá-lo a lhe chamar nora. O meu dono nunca aceitaria. Ou estarei enganado?

Na rua Direita ficava a casa do senhor Fernandes de Pinda. A parte de baixo era loja e armazém, em cima a residência. E o português estava na porta, contemplando tristemente a rua. O quintal das traseiras, escondido do caminho, devia estar sem escravos e a loja às moscas. Os negócios corriam mal para todos, com as guerras e revoltas do sertão. Passámos à frente dele, o meu dono apenas disse um bom dia e não mandou parar. Fiquei tão surpreso como o comerciante, pois naquela cidade tão vazia, duas pessoas conhecidas sempre tinham de conversar um pouco. Passada a surpresa, o senhor Fernandes ainda disse mas ó senhor Van Dum, ao que Baltazar respondeu desculpe, estou com muita pressa. Nunca tinha acontecido e compreendi logo que o incidente ia provocar grave resfriamento das relações entre os dois. O meu dono tinha escolhido o seu campo e esse era o da hostilidade aos portugueses?

Tudo parecia indicar. Como ouvi a conversa com o Mani-Luanda, percebi logo, Baltazar não queria ser acusado de manter amizades perigosas nestes tempos tão perturbados. Achei ser uma atitude inútil e até infantil. Mas quem sou eu para julgar as acções dos poderosos?

Chegámos ao largo da Kitanda, onde desembocava a rua Direita. Havia duas dezenas de vendedores, meia dúzia com hortaliças e fruta, mais umas tantas mulheres a venderem cola, outras carvão. A maior parte dos compradores eram também mulheres. Mas estavam dois soldados holandeses numa banca de cola, discutindo com a kitandeira sobre as maravilhas do fruto, para eles desconhecido. E mais à frente passámos por Angélica Ricos Olhos que comprava fubá de bombo. Ela virou a cara na direcção da rede do meu dono e baixou a cabeça em cumprimento, pelos vistos sabia quem ele era. Os olhos, virados para todos os lados, abarcavam no entanto o mundo. Baltazar não correspondeu à saudação, mandou os escravos andarem mais depressa. Depois pensei, talvez Angélica não soubesse de quem se tratava, apenas o tinha visto na taberna daquela vez que fulminou Ambrósio. Mas toda a gente bem educada cumprimentava por hábito o passante numa rede, pois quem assim se faz transportar é um senhor, merece deferência. Em Luanda, a importância de uma pessoa se media pelo número de escravos que apresentava. Neste caso Baltazar tinha quatro que bufavam para o transportar e, nota original, este pobre narrador a correr sempre atrás.

Corrida que não parou até chegarmos à sanzala. Onde se espreguiçava Ambrósio, saído da cama. Deve ter sido essa visão da felicidade indolente do filho que mais enfureceu o meu dono. Berrou logo para ele, vem aqui que quero falar contigo. Adivinhei borrasca, me refasteiei encostado à parede da varanda, para assistir da primeira fila. Ambrósio tinha na boca o pau de limpar os dentes. Cuspiu para o chão a saliva amarelada, sorriu inocentemente para o pai e aproximou.

– Já D. Agostinho Corte Real está informado da tua ligação com essa mulata degredada. E não me pareceu aprovar.

– E que tenho eu com isso, pai? Melhor, que tem D. Agostinho com a minha vida? Aprove ou não, que me interessa?

– O caso está a agravar as nossas relações com o Ouman e isso devia interessar-te, sim. Pelo menos a mim interessa muito. Por isso te peço, acaba já com esse escândalo que só nos vai prejudicar.

– Desde quando uma ligação entre dois mulatos é escândalo? Ninguém lhe dá importância nenhuma, não exagere. E depois, vai ver que dentro de uma semana já ninguém se lembra disso.

Matilde tinha vindo do interior da casa. Também a mãe. D. Inocência não parecia se admirar do que ouvia. Pelos vistos, já estava ao corrente dos indecorosos amores do filho. Foi o marido que lhe contou, com recriminações, entre os lençóis? Não me tinha apercebido de nada. O meu dono falou, aumentando o tom da voz:

– És um Van Dum e, por isso, o caso tem importância, seja mulato ou não.

Matilde sorriu. Sorriso indefinido. Queria ser zombeteiro, por causa da fala que revelava certa petulância? Ou aprovador? Não era ela que profetizava um futuro glorioso para a família dos Van Dum?

– Pai, quer resolver definitivamente este caso e fazer que as pessoas parem de falar? Tenho a solução. Deixe que a Angélica venha viver comigo para a sanzala. Uma cubata nos chega. E não é preciso casamento nem nada, pelo menos por enquanto. Tenho a certeza que ela aceitaria.

– Nem morto. Um concubinato na minha própria casa? Não tens respeito nem pela tua mãe?

– Ora, pai, não seria o primeiro. E mais tarde haveria casamento, se é isso que o preocupa.

– Essas indecências não podem ser feitas às vistas de todos, deve haver recato. Ainda por cima, a rapariga é uma degredada e tem hábitos que nenhum católico que se preze pode aceitar.

– Vê? O pai é que não quer resolver o problema. Estando aqui, ela não precisava de procurar homens e nunca mais voltaria à bodega. Deixava imediatamente de ser motivo de conversa.

Baltazar tinha se contido muito bem. Desde que chegámos, eu adivinhava a fúria nele. Talvez por se tratar de Ambrósio, cujo intelecto ele res peitava, tinha falado moderadamente, dadas as

circunstâncias. Mas o facto de o filho ostentar à frente da mãe a condição de prostituta da degredada, sem o mínimo pudor, fez rebentar os diques. Deu um peido de aviso, depois gritou:

– És um depravado, nem sei onde foi parar a educação que te dei. Queres trazer essa criminosa para a casa dos teus pais? Não respeitas nada, nem a tua mãe? Desgraçado, bêbado, depravado, sacrílego. Desaparece da minha frente. Desaparece!

Os berros atraíram os outros habitantes da sanzala. Jaime da Câmara tirava a cabeça pela janela da sua casa, sem coragem de se aproximar do resto da família. Catarina se encolhia na cozinha. Os escravos olhavam do fundo do quintal e a coxa Dolores apertava o filho de Hermenegildo nos braços. Até mesmo os patos tinham parado de se besuntar no charco de lama que se formava ao pé dos barris de água. Hermenegildo tinha ido à cidade e não podia servir de moderador. Nem Nicolau, que estava no Bengo. Rosário, certamente a olhar o vazio da sua janela, nunca interviria. Só havia mesmo Matilde, a qual se intrometeu.

– Talvez não seja a melhor solução trazê-la para a sanzala. Pelo menos no imediato. Mas o pai podia alugar uma casa para os dois na cidade e lhes dar o suficiente para viverem. Até porque o Ambrósio esteve a trabalhar no projecto do canal sem receber nada. Ficava tudo resolvido, pai.

– Olha quem fala – disse o meu dono. – Já me queres dar lições, Matilde? Não te metas neste assunto, para eu não me lembrar de outras coisas que te dizem respeito.

Era uma alusão aos amores mais ou menos ilícitos de Matilde e todos perceberam. D. Inocência se encolheu mais, ainda ia sobrar para ela. Quando Baltazar ficava furioso, se lembrava de todos os agravos, mesmo os passados há séculos. E acabava por a incriminar de não saber educar os filhos, a culpa era sempre dela. Talvez até se lembrasse que a mãe defendeu Rodrigo, quando este quis casar com Nzuzi, apesar de agora Baltazar ter muito orgulho nessa ligação e dela tirar considerável proveito.

– Estou só a tentar ajudar – disse Matilde, no tom mais doce que podia usar.

– Então fica calada, que ajudas mais. Esse menino tem de acabar com essa vergonha e é tudo. Ou então...

– Ou então, pai?

Ambrósio fez a pergunta com os olhos a brilharem, da mesma maneira que brilharam quando ajudou a condenar Thor. Era um olhar um pouco alucinado, me fazia medo porque revelava raivas escondidas sob muitas capas de civilidade. E Baltazar gaguejou na resposta, porque também ficava intimidado com aquele olhar.

– Ou então... vais para a rua.

A frase, quando saiu, já o meu dono estava arrependido de ter vencido o olhar do filho para a proferir. Ambrósio sorriu num esgar, contemplando toda a gente que estava na varanda. Abriu os braços em gesto de impotência e exclamou suficientemente alto para ser ouvido pelo último dos escravos no quintal:

– Vejam, o meu pai expulsou-me de casa. Porquê? Porque gosto de uma mulher que lhe não convém. Que se saiba, estou a ser expulso por amor de uma mulher puta e degredada.

Não esperou pela reacção, foi logo fazer uma trouxa com algumas roupas. Num ápice estava de novo na varanda, para se despedir da mãe e dos irmãos. Baltazar ficou de olhos baixos, certamente não previra este fim de estória, como se estória tivesse fim. A sua autoridade ficaria muito diminuída se recuasse naquele momento, mas certamente já tinha vontade de o fazer. Porém, nenhum dos outros o ajudava. Nem D. Inocência respeitou o papel tradicional de mãe, intercedendo pelo filho. Chegou mesmo a ocultar rapidamente uma lágrima que teimou em surgir. Matilde interviera em momento errado, no pensamento de Baltazar. Se fosse agora, ele até aceitaria o alvitre, só para não ter de chegar a esta solução, a pior de todas. A ligação espúria continuaria e cada vez mais escandalosa, enquanto perdia o amor do filho e a sua ajuda qualificada em certos momentos decisivos. Imagino serem estes os pensamentos que atravessavam a cabeça interesseira do meu dono, enquanto D. Inocência beijava Ambrósio, se precisares de alguma coisa vem falar comigo, ainda não te proibiram de o fazer, alusão maldosa que atingiu o pai em cheio, tratado como vulgar tirano de sanzala. O que me pareceu mais espantoso é que ninguém perguntou a Ambrósio

para onde ia morar. Como se todos tivessem a certeza que ele iria para a casita dos Coqueiros onde costumava passar a noite. Mas uma coisa era passar lá a noite, outra ficar a residir. Angélica Ricos Olhos ia aceitar? E como fariam quando ela tivesse de receber um cliente, ele ia dar uma volta? Perguntas que me fazia baixinho, na impossibilidade de as formular em voz alta.

As respostas vieram dois dias depois, quando Hermenegildo contou a Matilde uma conversa que tivera com o irmão, na cidade baixa. Ambrósio de facto se instalara na casa ocupada por Angélica Ricos Olhos, mas não foi fácil, pois a rapariga perguntava se, por causa da intransigência do pai, agora era ela que tinha de o sustentar, não só na cama, como já fazia antes, mas na mesa e na taberna. O amante tinha o poder de argumentação que já conhecemos e acabou por ficar, pelo menos provisoriamente, afinal por causa do amor dela fora expulso da casa paterna. Mas Angélica não aceitou a posição de Baltazar e prometeu que se vingaria, pois o meu dono a insultara da pior maneira possível. Mas que lhe contaste que se indispôs tanto com o nosso pai, perguntou Hermenegildo, ao que Ambrósio respondeu ter sido o mais comedido possível e filtrou todas as frases para apresentarem o mínimo sentido ofensivo, apenas porque não queria magoá-la, estou me borrando para o que pense do nosso pai, esse homem intolerante que bem merece as piores vinganças. No entanto, Angélica percebeu nos meios tons e nas frases com reticências a péssima opinião expressa por Baltazar e prometeu ir procurar a tia Anita, com quem já se relacionara no pouco tempo de permanência em Luanda.

Matilde estremeceu ao ouvir mencionada a temível feiticeira. Talvez pelo facto de ser muito velha e cega, toda mirrada de carnes, o que lhe conferia um ar inofensivo, a Santa Inquisição a poupou da fogueira, no tempo dos portugueses. Acusada de artes diabólicas, ela resistiu ao interrogatório e os inquisidores evitaram a tortura. Além da acusação anónima, como era hábito daquela instituição tão sagrada, não havia nenhuma testemunha que comprovasse práticas de feitiçaria. E muitos a defenderam, alegando que eram boatos infundados o que se dizia sobre os seus poderes, ela apenas vivia humildemente na cubata com uma sobrinha. Acabou por ser livre da

terrível acusação. Mas todos sabiam que a tia Anita era mesmo uma grande feiticeira, perita na arte de provocar mortes e desastres nos que de algum modo perturbavam os seus clientes. Não era uma kimbanda que cura as doenças e pode adivinhar o que vai acontecer, que os brancos descuidadamente chamam feiticeira. Ela era a própria, a que faz morrer ou adoecer para sempre. Muita gente foi defendê-la, porque temia que uma maldição sua atirada para a cidade atingisse muitos dos habitantes. E o chefe dos inquisidores, que na época era um espanhol de má catadura e humor, chamado Vogado, também recebeu uma ameaça de morte se a mandasse para a fogueira. Pelos vistos o padre Vogado acreditou na feiticeira e tia Anita saiu dos calabouços, indemne e ainda mais temida.

Durante o tempo dos flamengos, tia Anita perdeu muitos clientes e passou dificuldades materiais. A sobrinha teve de deixá-la sozinha em casa, para ir buscar legumes fora da cidade e os vender na kitanda. Mas, pouco a pouco, a sua fama de vingadora infalível recomeçou a ganhar corpo, os generosos clientes apareceram, e a sobrinha voltou a ajudá-la nas lides da casa e da bruxaria, abandonando o mercado. Segundo um mujimbo da época, esteve associada à morte do governador Sottomayor, que para encomendar o piedoso serviço viera um português secretamente de Massangano com fios de barba do irascível comandante, mas evidentemente ninguém se deu ao trabalho de esclarecer o mujimbo e além do mais seria cansaço inútil, essas coisas não são passíveis de prova, a menos que um competente adivinho aponte o dedo ao feiticeiro. Algumas mortes misteriosas de mafulos também foram atribuídas à tia Anita, mas o *predikant* acabou por ser o seu melhor advogado de defesa, pois aos acusadores o santo homem disse é uma heresia acreditar que alguém tenha essa capacidade, como podem atribuir a uma velha mulher, ainda por cima negra e cega, os poderes de Deus?

Se a ameaça de Angélica se concretizasse, teriam de sofrer os maiores horrores, reconheceu Matilde, de coração apertado. Disse logo a Hermenegildo, vai falar com Ambrósio, só ele pode demover a despeitada para não procurar a arte de tia Anita. Tarde de mais, como soubemos mais tarde. Angélica levou uma galinha e dinheiro,

encomendou o serviço. Mas, garantia Ambrósio, a amante fora condescendente, não pedira a morte nem doenças, apenas sinais de aviso. Apesar de ter provocado a viagem eterna do soldado flamengo em momento de desvario, não era cruel ao ponto de fazer mal a alguém que ambicionava como sogro. E convinha mesmo que Baltazar fosse posto ao corrente da ameaça, para acreditar que ofendera mortalmente Angélica Ricos Olhos, cuja raiva só passaria com um pedido formal de desculpas. O aviso foi levado por Hermenegildo e recebeu uma gargalhada escarninha do pai.

– Como se eu tivesse medo da tia Anita! Não sou um português atrasado que acredita em todas as superstições.

Matilde não gostou de tamanha arrogância e começou a cheirar o vento, porque ele ia trazer os avisos. Só espero que sejam apenas avisos, segredou para Hermenegildo. Até pode ser essa a intenção, mas por vezes há uma chuva ou o capricho de um espírito, qualquer coisa que aumenta a potência do feitiço, e ele se torna incontrolável, ganha energia própria e ultrapassa em muito a intenção inicial. Umas rezas a Nossa Senhora das Almas Injustiçadas pode ajudar, mas parece pouco, o melhor é defumar a casa, e ela, mais Catarina e D. Inocência andaram a queimar ervas poderosas por todos os cantos, bichanando orações de desagravo.

Um armário de madeira maciça da sala de jantar começou a tiritar de frio, fazendo tilintar os raros cristais que repousavam no seu interior. Baltazar olhou para o outro armário, mais pequeno, que ficava no corredor da sala. Tranquilo e mudo, como convinha a um armário. Se a terra tremesse, os dois móveis teriam o mesmo comportamento. Chamaram Matilde, que estava a tratar do pequeno Henri. Mas quando ela chegou já o armário da sala tinha parado o seu acesso de febre. Deve ter sido do caruncho, pensou em voz alta o meu dono, desvalorizando a situação.

No dia seguinte, o candeeiro da sala explodiu quando estavam a jantar, espalhando óleo inflamado por todos os lados. Enquanto os homens apagavam os pequenos fogos nos móveis, no soalho e nas toalhas, Matilde e as outras mulheres rezaram com devoção, tentando aplacar o que parecia ser a primeira das maldições. Ou teria sido a primeira que levou o armário a estremecer na véspera?

O meu dono, enquanto atirava o resto do vinho para a toalha que ardia, berrou, porem lá, mulheres, isto não é feitiço nenhum, o candeeiro estava velho e rebentou com o calor, nada de mais natural.

Mas não era uma coisa natural, só ele não queria ver, aqueles candeeiros são sólidos, feitos para durar séculos, a menos que houvesse pólvora misturada no óleo, o que era impensável. Quem, ali em casa, ia pôr pólvora no óleo? Quando as ameaças de incêndio foram dominadas, Baltazar, ele próprio, foi buscar outro candeeiro, ordenou que as mulheres se calassem com as suas disparatadas rezas, no dizer dele, e continuaram o jantar. Matilde estava muito pálida, quase em transe, olhando para o ar da sala, cheirando o vento que ali não podia entrar.

No dia seguinte, por Hermenegildo soubemos que Ambrósio deixara de frequentar a bodega do Pinheiro, agora ia à de Dona Maria e lá passava o dia, para evitar se cruzar com Angélica quando ela estava na faina de caçar clientes. Também porque os frequentadores da taberna já sabiam que ele morava na casinha dos Coqueiros, se alimentando com o dinheiro por eles pago a Angélica Ricos Olhos. E lhe lançavam piadas, contando interminavelmente uns aos outros estórias de chulos no porto de Roterdão. O único amigo que ainda lhe falava era o engenheiro Boreel, o qual, suspeitava Hermenegildo, lhe avançava parte do seu soldo para as bebidas. Soubemos ainda que Ambrósio percorria durante o dia a cidade à procura de um trabalho qualquer que permitisse tirar Angélica da profissão. O irmão Rodrigo recusara empregá-lo na salga, nem para mim tenho trabalho aqui, os escravos fazem tudo, se desculpou, mas Hermenegildo suspeitava que fora por medo de ofender o sogro, D. Agostinho, intransigente em questões de moral religiosa. Havia tão poucos negócios em Luanda que só por milagre Ambrósio encontraria qualquer coisa. Por isso continuava Angélica na vida e ele na sua nova profissão de chulo. O sofrimento levou-o a escrever um soneto, que declamou para o irmão, lamentoso soneto que terminava em vida filha da puta, para rimar com «à kitandeira do amor chamam prostituta».

Numa das vezes que Hermenegildo foi à casita dos Coqueiros, encontrou lá Angélica, apesar de ser manhã alta. A rapariga foi simpática para ele, apenas lamentou a intransigência de Baltazar. Encorajado pelo acolhimento, resolveu tocar o assunto da feitiçaria, apesar dos desesperados gestos de Ambrósio para não abordar assunto tão melindroso. Com surpresa de ambos, Angélica riu.

– Estão assustados? Souberam das minhas diligências por quem, pelo Ambrósio? Claro. Não sei como a tia Anita vai fazer, mas os avisos vão ser cada vez mais fortes até eu obter o que mereço.

– E o que é então que a cunhada merece?

Angélica gostou do tratamento. Decididamente, os gestos delicados de Hermenegildo e a sua fala cuidada mexiam com o coração das mulheres, como há muito Matilde previra. E havia alguns que consideravam gestos e falas efeminadas, os ignorantes. Nesta sua admoestação, Matilde nem lembrara que o primeiro a desconfiar da virilidade de Hermenegildo fora o próprio pai, ainda o filho não tinha saído da puberdade.

– Mereço ser tratada como uma pessoa normal. Arranjei a profissão que me obrigaram e obrigam a ter, não fui eu que a escolhi. E agora com mais razão, porque tenho de alimentar o seu irmão.

– A cunhada tem razão. Mas que é preciso na prática para que cessem os avisos?

– Que o seu pai venha me pedir para ir habitar na vossa casa.

– Isso é impossível, o meu pai nunca o fará. Mas poderia alugar uma casa melhor que esta e pagar a vossa alimentação. Até aí talvez ele chegasse.

– Pedindo desculpas por ter posto Ambrósio na rua e me ter insultado.

Hermenegildo coçou a cabeça, segundo contou a Matilde. Embora tivesse jeito, como se notava, para as artes da diplomacia, era a primeira vez que exercia a função de mediano numa guerra. E logo começava com a pior das guerras, a familiar.

– Talvez não possamos chegar a tanto. Mas vou tentar, é o que posso prometer.

Pelo menos consegui que ela aceitasse não exigir viver aqui, já foi uma cedência, disse Hermenegildo para a irmã. Agora tenho de obter uma cedência da outra parte, que me parece mais intolerante. No fundo, no fundo, Angélica aspira à paz. E devo dizer-te, Matilde, as aparências enganam, ela tem alguma beleza, logo que nos habituemos aos ricos olhos trocados. Vistos um a um até não são feios e mostram alguma meiguice. Começo a entender o Ambrósio.

Um Ambrósio que suportava dificilmente a situação, quase atingindo o estágio do desespero. Boreel contou a Matilde, que depois confidenciou a Hermenegildo, conversa esta que captei, pois as conversas do parzinho no portão não chegavam aos meus ouvidos. O desesperado acumulava sonetos num caderno, uns em português, outros em flamengo. E leu um em flamengo para o engenheiro. O qual conseguiu esconder a sua admiração pelo talento do amigo, seria notável se não tivesse tantos palavrões, prova do seu desalento para a vida. Nem a ternura de Angélica lhe adoça a marginalização imposta pela sociedade, comentário do engenheiro.

Eu nunca mais tinha visto Ambrósio. Claro, só o veria se ele se encontrasse com o meu dono, o que actualmente era impossível. Quando, mais tarde, o vislumbrei pela primeira vez, comprovei o que os meus informadores diziam, mas num grau muito mais inquietante. Ambrósio tinha perdido todas as gorduras que o faziam rechonchudo como um leitão de dois meses. Olheiras profundas, olhar desvairado, carapinha desgrenhada, sempre bêbado, um caco. O que apenas algumas semanas fizeram dele! Porque ainda estávamos em Março, mês em que partira o major e o mal cheiroso do Redinckove. Porque não dá para esticar o tempo muito mais sem mostrar incongruência, desta vez teremos de continuar por Abril para concluir o que nunca estará concluído, mas prometo não exceder o limite senão por alguns indispensáveis dias.

Hermenegildo esperou que Baltazar acordasse naturalmente da sesta na rede da varanda. Chamou então Matilde, que podia ajudar na sua nova arte de medianoiteiro. Usou uma voz neutra e baixa:

– Pai, estive com o Ambrósio e a Angélica. Tentando compreender qual é a posição deles para que se resolva esta triste situação... O

Ambrósio está desesperado, não encontra emprego em parte nenhuma. Boreel nem ousa pedir ao director, pois já se sabe qual é a posição dele. E há poucos negócios de particulares. O senhor Fernandes de Pinda quase tem a loja fechada, não precisa de ninguém que o ajude. Ele e os outros comerciantes. Enfim... uma tristeza. Ambrósio só pode comer do que a Angélica arranja.

– Que venha para cá, aqui tem comida. Mas que venha sozinho e abandone de vez essa mulher.

– Ora, pai, sabe que isso é impossível, eles gostam um do outro. A solução tem de ser outra. O pai é que tem de o sustentar, não lhe custa nada estabelecer uma pensão para que o seu filho tenha uma vida decente.

– E sustentava também a rameira.

– Claro. Se ela é a mulher do seu filho, na prática. Mais tarde até poderia acontecer um casamento, para ficar tudo de acordo com a lei de Deus. E, evidentemente, não haveria mais razão para falar de rameira, deixava de o ser.

O meu dono ficou calado uns instantes. Falava até aí com irritação contida, nem sequer elevava a voz.

– E se eu recusar pagar essa pensão?

– Já viu a vergonha, pai? Ela continua naquela vida e a sustentar o nosso irmão. A cidade não parará de falar e o Ouman não esquecerá o ódio que tem à nossa família, agora até culpada de alimentar um escândalo. Enquanto Angélica tiver de procurar clientes, o escândalo não pára. Ainda por cima nunca tinha acontecido uma rameira, como o pai chamou, sustentar abertamente um homem. Ouvi falar que na Europa há casos destes, mas aqui é inédito. O que faz falar ainda mais. Porventura terá já chegado a notícia a Massangano. Aí então é que será um escândalo de todo o tamanho.

O meu dono estremeceu? Tenho a certeza. Que pensaria Jacinto da Câmara, seu compadre? E os amigos? E a própria Gertrudes, isolada com Manuel Pereira no arimo de João Zuzarte de Andrade, o que acharia da família? Provavelmente só eu notei o estado de ânimo de Baltazar. Foi um ligeiro tremor nas mãos que agarraram mais fortemente a rede. Matilde permanecia calada, muito direita na

varanda, contemplando o pai. Este acabou por reagir e a voz saiu mais alterada.

– Não tenho nada com isso, o teu irmão escolheu o seu caminho. E foi avisado do mal que fazia à família.

– Mas o pai não lhe deu alternativa.

– Ele é que teimou nessa ligação. Agora está a aprender.

– Só está a aprender que um amor contrariado significa sofrimento. O que nunca lhe tinha sucedido. Mas também aprende que o pai, de quem ele sempre esperou tudo, agora o abandonou. Isso é que lhe dói.

Matilde cruzou a varanda, ficando de frente para Baltazar. Mas não falou. O meu dono reparou nela, tenho a certeza, sobretudo no seu silêncio. Olhou para a filha mas não respondeu a Hermenegildo. Este continuou:

– Temos de resolver o assunto. E a minha proposta é a melhor.

– Dou uma pensão a essa rameira que até foi capaz de procurar uma feiticeira para me pressionar? É essa a tua proposta?

– A Angélica ficou ofendida. Procurou uma vingança suave. São só avisos, o armário, o candeeiro... Só avisos. Mas que serão cada vez mais fortes.

– Tretas! Só vocês é que acreditam no poder dessas feitiçarias, ignorantes e supersticiosos... Mais uma razão para não querer nada com essa degredada.

Ouvi um barulho de algo a ser rasgado. Primeiro não percebi o que passava. Que coisa era essa que se rompia? Baltazar compreendeu depois de mim, quando bateu com a bunda no chão da varanda, tendo passado pelo buraco enorme que se abria na rede. Matilde deu um grito, quando viu o pai caído no chão. Hermenegildo se precipitou e foi segurar Baltazar, ajudando-o a levantar.

– O terceiro aviso – disse Matilde.

D. Inocência apareceu na varanda, certamente atraída pelo barulho feito pelo pesado marido a bater violentamente com a bunda na madeira do chão. Gritou, ai meu Deus, mas ficou parada, se benzendo. Começavam a ser coincidências a mais, mas o meu

dono era teimoso e não aceitou se tratar do dedo da tia Anita. Levantou do chão, esfregando a bunda dorida. Berrou:

– Porcaria de rede, não presta para nada.

Era nova, acabada de chegar do Brasil. As cordas apodrecem com a humidade e enfraquecem com o uso. Mas não podia ser efeito da humidade, se tratava de uma rede nova e de aspecto bem sólido. Acreditei no que Matilde acreditava e todos os outros, era feitiço. Benigno, por enquanto, mas feitiço. O meu dono brincava com o fogo, apenas por casmurrice, algo de mais grave tinha de suceder.

– Pai, ainda está a tempo de evitar males piores – disse Hermenegildo.

Mas Baltazar estava furioso, gritou um cala-te de uma vez, e entrou para casa. Ana também veio da cozinha, onde conversava com Catarina, e recebeu uma explicação sumária de Matilde. Também Ana se benzeu. Temos de voltar a fumigar a casa, disse Ana, embora me parecesse que era remédio inútil. Mas a própria Matilde se sentia impotente para tratar com casos tão complicados e forças tão poderosas, concordou com a irmã, embora sem grande convicção.

– Faz alguma coisa – disse D. Inocência para a filha profetisa.

– Não sei o que fazer, mãe. A única solução é convencer o pai a fazer as pazes com Angélica.

Para complicar ainda mais a situação, apareceu no portão da sanzala o senhor Fernandes de Pinda. Vinha falar com o meu dono, talvez procurar explicações para o facto de ele não ter parado no outro dia na sua loja para um dedo de conversa. O português entrou e Matilde lhe disse, não sei se o meu pai o pode receber, senhor Fernandes, ele teve um acidente e foi se deitar. O intruso viu a rede rasgada, percebeu que o amigo caíra dali, fez uma careta, mas esperou sem falar. Matilde foi lá dentro avisar o meu dono da visita incómoda. Eu imaginava a cena de Baltazar a dizer para a filha, esse chato que vem fazer a uma hora destas, esquecendo que era a hora mais própria para visitas. Tinha evitado falar com o comerciante na Baixa para não dar azo a mais desconfianças por parte de Ouman. Ia recebê-lo agora, ainda por cima num momento de grande agitação interior? Mas arranjar uma desculpa e não receber o amigo

era prática que cortaria definitivamente a relação. Se estivesse na cama, doente, mesmo assim autorizaria a visita, era da mais elementar boa educação. Congeminava eu sobre a decisão de Baltazar, quando ele apareceu, ainda esfregando a bunda, para cumprimentar o outro. A delicadeza prevalecera. Afinal as arrelias ainda não tinham destruído de vez os princípios que o meu dono sempre defendera. Devo dizer que fiquei algo desiludido. Esperava que no estado em que se encontrava, não tivesse a lucidez suficiente para ultrapassar a situação e mostrar hospitalidade. Tinha piada ver a cara do português a ser convidado a ir embora, depois da longa caminhada desde a Baixa, porque o outro andava em luta com um espírito maligno.

No entanto, Baltazar mandou vir cadeiras e geribita, uma aguardente do Brasil. Ficaram sentados na varanda, onde a tarde era mais fresca, conversando. Primeiro, o dono da casa teve de mostrar a rede e explicar que se rompera quando ele fazia a sesta, o que era uma pequena mentira pois já tinha terminado quando se deu o acidente, rematando com a inevitável resmunguice, já não se fazem redes como nos bons tempos, agora são todos uma cambada de aldrabões, o que levou o senhor Fernandes de Pinda a dizer, meio ofendido porque afinal fora ele que a vendera, eu tenho uma igual há muitos anos e nunca tal aconteceu, é um produto de boa qualidade. Mas como constatava que estava toda rasgada se ofereceu imediatamente a mandar uma igual, nova, que ainda não tinha vendido, o que o meu dono não aceitou, compro na mesma, ora essa, o senhor não tem culpa que os baianos já enganem nos produtos. Ficou combinado que o senhor Fernandes mandava a nova e mais tarde Baltazar pagaria, mas com um desconto importante, afinal o cliente também não podia ficar prejudicado se havia algum defeito de fabrico.

Eu esperava que o senhor Fernandes de Pinda pedisse explicações da pouca delicadeza de há dias, mas ele nem tocou no assunto, vinha apenas lamentar a triste situação dos portugueses de Massangano, cada vez mais isolados e com falta de bens essenciais. Jaime da Câmara pediu licença para se sentar e ficou a ouvir os mujimbos recentes que tinham chegado ao comerciante através de

um seu aviado que voltava do sertão. A conversa andou por esse assunto e mais a impossibilidade de se dedicarem ao tráfico de escravos, por causa da instabilidade militar do mato. Alguns cálices de geribita depois, e antes que começasse a escurecer, o senhor Fernandes se despediu. A amizade, pelos vistos, continuava. Mas Baltazar já não pôde ir à bodega de Dona Maria, como fazia cada vez mais raramente desde a partida do major.

A meio do jantar, quando Baltazar pegou pela segunda vez na jarra de vinho para se servir, ficou com a asa na mão. O vinho se espalhou pela mesa, provocando gritos e lamentos. Matilde ficou de novo muito pálida, levantou o nariz para o ar, cheirando. Enquanto D. Inocência e Catarina procuravam secar as poças de vinho espalhadas pela mesa e pelo chão, ela se levantou, sempre com o nariz no ar.

– Ainda está aqui – disse Matilde.

Se aproximou de uma janela e abriu-a. Hermenegildo gritou, olha os mosquitos que vão entrar. Mas a bela bruxa manteve a janela aberta, se afastou para o lado, ficando encostada à parede. Todos pararam o que estavam a fazer, uns a limpar a mesa, outros a afastar os pratos. Olharam para Matilde. Longo tempo. Até que ela moveu a cabeça para a janela, depois o corpo. Fechou e voltou para a mesa.

– Já foi embora.

– Mas era o quê? – perguntou Jaime da Câmara.

– A coisa que partiu a jarra – disse Matilde. – E rompeu a rede.

– E que rebentou com o candeeiro? – perguntou Ana.

– Sim, essa mesma – disse Matilde.

– Superstições – berrou Baltazar. – E dizem vocês que são bons católicos... Catarina, traz masé mais vinho.

– Até quando o pai vai continuar a teimar? – perguntou Hermenegildo. – Vai ser preciso acontecer um grande desastre?

O meu dono não respondeu. Catarina trouxe uma jarra de vinho, segurando por precaução com as duas mãos pela parte de baixo. Virou para o pai a pega da jarra, para que ele lhe segurasse. Baltazar avançou a mão, parou antes de segurar a asa, voltou a retirar a mão. Disfarçou a hesitação com um berro.

– Por que não me serves, rapariga? Desde quando me tenho de servir de vinho?

Muitas vezes ele se servia, até porque geralmente a jarra ficava à sua frente, pousada na mesa. Todos perceberam que tinha medo de a pega lhe ficar na mão e a jarra estilhaçada no chão.

– Pode segurar à vontade, pai – disse Matilde, com um sorriso irónico. – A coisa já foi embora e hoje não parte mais nenhum jarro de vinho.

– E eu quero lá saber da coisa... ou de lá do que é.

– É a vingança de Angélica Ricos Olhos – disse Hermenegildo. – Por enquanto é inofensiva. Qualquer dia os desastres são maiores.

– Angélica a puta que a pariu – disse Baltazar.

– O que for – voltou à carga Hermenegildo. – O certo é que a moça está ofendida e como não é próprio de um católico praticante ofender os outros, o pai devia lhe pedir desculpa, sobretudo pagando uma pensão para os dois viverem decentemente na cidade. Até Ambrósio conseguir arranjar um modo de vida.

Seria preciso mais que uns jarros a se partirem e candeeiros a explodirem para convencer o casmurro do meu dono. Mas estava perturbado, pois não berrou com Hermenegildo. Nem lhe respondeu, também é verdade. Fiquei espantado por D. Inocência não influenciar o marido neste caso. E continuava sem o fazer. Mas agora estava nitidamente aterrorizada, os avisos eram constantes, no seu entender algo de mau tinha de acontecer. Se lia o terror no branco dos olhos inquietos. Nessa noite fiquei perto da janela do casal, tentando surpreender alguma conversa reveladora. Mas se deitaram sem barulho e nem as preces que ela rezava antes de dormir se ouviram. Em oposição, no quarto de Matilde e Catarina a conversa nunca mais parava. Depois de me convencer que os donos dormiam, sem revelarem segredos, me mudei para mais perto da janela do quarto da minha amada. E ainda ouvi Matilde dizer para a irmã, amanhã vou falar com ela. Com Angélica Ricos Olhos? A minha dúvida foi satisfeita com o gritinho de Catarina, mas não é perigoso? Que era, claro, entrar no antro do lobo sempre é perigoso, mas não tinha outra solução. Talvez a convencesse de desistir da vingança, que se poderia tornar incontrollável e ferir inocentes. Se ela descobre

que temos medo, insistiu Catarina, aí é que não desiste, vai insistir até à vitória. Mas Matilde não via outro meio, chegadas as coisas ao ponto que estavam, ou vamos ficar paradas a ver a casa cair?

Foi com enorme ansiedade que vi, na manhã seguinte, Matilde se vestir como quem vai à cidade e depois pedir a Hermenegildo para a acompanhar. O pai também ouviu mas não perguntou nada. Estava macambúzio, certamente a ruminar dúvidas, olhando para o quintal, onde a vida prosseguia como habitualmente. Tive pena de não os poder acompanhar e fiquei a ver a barriga grande de Chicomba que guardava um filho de Nicolau. Durante muito tempo o ventre de Chicomba recusara engravi dar, talvez por saudade de Thor. Mas as insistências nocturnas de Nicolau tinham finalmente levado a melhor e os Van Dum se multiplicavam.

Mais tarde soube do que passou na casa de Angélica Ricos Olhos, quando Matilde contou toda a cena a Catarina. Na casa só estava Ambrósio, ainda a dormir. Hermenegildo teve de ir procurar a degredada. Ficou intimidada quando deu de caras com a elegante Matilde, o primeiro gesto foi compor as saias em desalinho. Mas Matilde pô-la à vontade, usando o estratagema aprendido com Hermenegildo, então como vai a saúde, cunhada? A degredada abriu logo a boca num sorriso, insistiu em oferecer bebidas, mas Matilde só bebia sumos e recusou gentilmente a cachaça. Ambrósio é que aproveitou para acalmar o bicho do estômago, está um verdadeiro farrapo, disse Matilde para a irmã.

– Vim falar consigo porque lá em casa todos estamos aterrorizados, menos o meu pai. A cada coisa que acontece, ele fica mais teimoso. Diz que nunca será forçado a fazer um acordo. Ontem ficou sem rede e com a asa de uma jarra na mão. Mas não cede. E não vai ceder, se não houver uma cedência do outro lado. Por isso lhe peço. Mande parar com os avisos. Isso será apresentado ao meu pai pelo Hermenegildo como uma cedência da sua parte. Já mostrou que tem força, que lhe poderia fazer mal, mas não vai fazer, nunca o faria ao pai do seu marido, pelo contrário oferece a paz. Ele terá de ceder, pelo seu turno. E podemos confiar no Hermenegildo, que se tem revelado um excelente diplomata, para fazer compreender isso ao casmurro.

Ambrósio rematou, com indolência:

– Desde o princípio que tenho dito à Angélica que o pai não vai ser convencido com feitiços. Ele é verdadeiramente católico, o único de nós todos na família, no fundo. Uma trégua era o melhor.

– Se ele não ceder desta vez, a cunhada sempre pode voltar a procurar a tia Anita – disse Matilde. – E nós todos estaremos consigo. E há outra coisa... Se ficar muito pressionado e se assustar, o meu pai pode denunciá-la ao director. Todas as autoridades sempre quiseram apanhar a tia Anita. O director Ouman não perderá esta oportunidade. E a cunhada acaba por pagar também por isso, não esqueça que é uma pessoa que veio com uma pena de degredo.

– Também já tinha avisado – disse Ambrósio.

Certamente a Angélica já tinha ouvido falar dos meus poderes, Ambrósio lhe contou, disse Matilde para Catarina. E Boreel tinha ido visitá-los duas vezes, por amizade. Deviam ser coisas que contavam para ela, rejeitada por todas as sociedades em que estivera. Por respeito por mim e pelo Boreel, ou porque é muito esperta, ou porque não é tão má como dizem, Angélica aceitou mandar parar os avisos. Que, segundo ela contou, iam passar em breve a uma nova fase, a dos ferimentos ligeiros, fase já muito perigosa porque pode a todo o momento derrapar. Quem tem a certeza que um ferimento ligeiro não mata o outro? Então foste mesmo a tempo, exclamou Catarina, extasiada perante a inteligência e a determinação da irmã.

Hermenegildo se encarregou de explicar ao pai que Angélica decidira desacomodar os preparos da tia Anita, para mostrar que não queria guerra, apenas ser tratada como uma pessoa normal. Já mostrara do que era capaz, agora estendia o ramo da paz antes que alguém se machucasse.

– E que tenho eu com isso?

– Tem, sim, pai. Ela não quer mais consigo. O pai deve aceitar de bom grado o que a sua futura nora lhe oferece. Seria de muito má educação rejeitar tal oferta.

– Futura nora uma merda.

– Futura nora, sim. Por vontade do Ambrósio.

– O padre Mateus nunca os casará, D. Agostinho não deixa.

– Se não for o padre Mateus, será o reverendo calvinista. Ou outro qualquer. Já vivem juntos, mais cedo ou mais tarde essa ligação será reconhecida. No fundo, ela já é sua nora. Repito, por vontade do seu filho. Agora o pai deve dar o passo que esvazia o escândalo. Uma pensão que lhes permita viver decentemente. Acaba imediatamente a vergonha que caiu sobre a nossa família. Depende do pai acabar o escândalo e a vergonha. Não depende de mais ninguém.

Matilde ouvia a conversa mas não intervinha. Talvez por ser assunto de homens, o que explicaria a passividade da mãe. Nunca percebi muito bem, decididamente há coisas dos brancos que não entendo, embora com eles conviva há muito tempo. E com esta família ainda era mais complicado, pois por vezes reagem como brancos e de outras vezes até pareciam a nossa gente dos kimbos. Bem, Matilde estava calada. E agora, também Baltazar, todo ensimesmado em pensamentos estratégicos. Foi o que depreendi, quando ele disse:

– Que pensará o Ouman? Ela matou um holandês no Brasil, é filha de português. Duas coisas que fazem o Ouman detestá-la.

– Ora, pai, ele também já nos detesta. Ao menos terá de reconhecer que o pai foi extremamente hábil, acabando com o escândalo. Dentro de pouco tempo, ninguém se lembrará. Sobretudo se eles legalizarem a união.

– Quero a opinião de toda a gente da família. Não vou decidir nada sozinho.

Hermenegildo e Matilde sorriram. Tinham ganho. O hipócrita do meu dono queria fingir que não recuava, que se conformava à opinião da família, a qual ele de antemão conhecia. Todos queriam a paz e o fim do escândalo, era por demais evidente. E todos tinham um terrível medo do feitiço. Também eu, pois às vezes sofre o desgraçado que não tem nada com a maka dos outros, acontece apenas estar no sítio errado ou no momento errado.

A família foi imediatamente reunida à mesa da sala de jantar. Era inédito e todos ficaram excitados com a novidade. O meu dono explicou o que passava em duas frases, pois eram inúteis os detalhes que todos conheciam.

– Pago a pensão para aqueles dois desgraçados ou não? Para não dizerem que sou um tirano, quero a vossa opinião, a qual eu seguirei.

Todos disseram que era bom pagar, a começar pela Matilde, se seguindo todos os outros, mesmo Jaime da Câmara. Rosário recusou comparecer, não sei nem me interessa, quero apenas rezar pelo bem de vocês todos. Catarina também deu a sua opinião, embora tivesse ficado de pé, por imposição de D. Inocência, criada não senta à mesa dos patrões, mesmo se é filha bastarda. Depois de todos acederem, Baltazar baixou a cabeça, compungido.

– Já que todos estão de acordo, tenho de aceitar. Mas essa menina nunca vai pôr os pés nesta casa, estamos entendidos?

Todos disseram ruidosamente que sim. O tempo ia passar, aparecer o primeiro filho, e Angélica Ricos Olhos faria parte da família Van Dum, com todos os direitos e deveres, estava escrito. Só depois de se levantarem da mesa, Matilde disse malandramente em voz baixa, isto não foi totalmente correcto, faltou nesta reunião o mano Rodrigo e a Cristina Nzuzi, mas ninguém se importa muito, não é mesmo?

# CAPÍTULO DÉCIMO PRIMEIRO

*(Outubro de 1647)*

«Os portugueses vão sair vitoriosos desta guerra porque não é possível a uma companhia comercial particular de alguns mercadores holandeses sustentar tanto tempo uma guerra que arruina os seus negócios.»

Padre Bonaventura da Taggia, carta a Monsenhor Ingoli, Amesterdão, 5 de Setembro de 1646, *in* Arquivos Prop., S.R.C.G., Lettere, t. 93, foi. 12

O mês começou com duas despedidas, como já vai sendo tradição. Primeiro foi a de Rodrigo, ido combater os portugueses de novo na Ilamba. Acompanhava o Mani-Luanda e o director Ouman, os dois mortinhos por se dedicarem ao seu desporto favorito. O meu dono fez as recomendações, não te exponhas, não tomes iniciativas, esconde-te o melhor possível, olha que a tua irmã Matilde, que tem artes de vidente, garante o domínio holandês estar no fim, lhes dá menos de um ano aqui, seria muito mau que os nossos amigos te vissem numa nova batalha contra eles. Rodrigo tinha ficado irritado, eles já me viram uma vez, agora tanto faz, e essa profecia da Matilde, que ouvimos antes pela boca de um jesuíta no Bengo, não é para acreditar, o próprio padre Mateus diz que o bom Deus nunca dá datas para as coisas acontecerem e no caso de Matilde será antes o demónio a falar, o que fez Baltazar se benzer e depois se benzer o

filho, que Nossa Senhora das Encruzilhadas nos valha das astúcias do Maligno.

Ouman sempre se convencera a deixar um mínimo de tropas em Luanda, mas ficando os canhões, e partir para a campanha. O comandante da guarnição da cidade, o apático major Vaeth, ficou a vigiar os canhões, enquanto o secretário do director atendia aos assuntos rotineiros da administração da Companhia. Nunca tinha acontecido ficar a cidade sem a presença de um director holandês, mas Ouman apostava na acção directa. E mandou convocar o capitão Gim, truculento comandante da praça de Benguela, quase desguarnecendo também aquela posição.

– Se arrisca a ser atacado pelas costas, pelo mar – disse Ambrósio.

– Sei o pensamento dele através do Mani-Luanda – confidenciou Baltazar. – O director acha que os portugueses estão muito mal no Brasil e na Europa. Na Europa até fazem negócios com os holandeses e por isso nem pensam em mandar qualquer reforço para Angola, deixam os de Massangano entregues à própria sorte.

Embora os mafulos não estivessem muito melhor, sempre se queixando que não tinham soldados nem víveres, que do Brasil nunca vinham em quantidade suficiente. E os homens pediam para serem substituídos, pois o tempo deles já tinha passado. Mas a fortaleza do Morro tinha sido reforçada, com novos bastiões e paredes mais espessas, o que dava a Ouman um sentimento de invulnerabilidade. Mais tinha dito D. Agostinho que notícias tinham chegado a Luanda da concentração de forte exército, comandado por Borges Madureira, o próprio capitão-mor dos portugueses, apoiado por milhares de jagas, para castigarem os sobas revoltados na região de Ilamba. Os mafulos iam em apoio dos sobas e se juntariam às forças de Jinga e do Kongo, como na operação anterior na Cavala. Ouman tinha desistido de um ataque directo a Massangano, sempre por causa da falta de canhões, preferia derrotar os inimigos em campo aberto e depois atacar Cambambe, presídio mal fortificado e principal centro de recrutamento de jagas para os portugueses. A destruição de Cambambe era também uma exigência de Jinga, pois essa fortaleza ficava no coração do seu

território e controlava todos os movimentos de tropas. Caindo Cambambe, Massangano ficava isolada, não podendo resistir muito à fome, se as fazendas e arimos à sua volta fossem destruídos.

– Espero que o Manuel Pereira tenha o bom senso de se refugiar logo em Massangano – disse Baltazar.

Neste momento da conversa, que se passava na véspera da partida dos militares, Ambrósio, de visita à sanzala, perguntou:

– Não seria melhor alguém avisar o Manuel e a Gertrudes? Ambrósio tinha olhado de relance para Nicolau. Tanto bastou para que o pai desse uma palmada no ombro forte de Nicolau.

– O Ambrósio tem razão. Nicolau, tu é que podias dar um salto a Massangano para os avisar.

Admirei a imagem. Dar um salto significava marchar durante três dias. Pouca coisa para Nicolau, no entender do meu dono, cada vez mais gordo e cansado, já sem coragem para ir de rede beber com os amigos na bodega de Dona Maria. O filho aquiesceu, embora algo contrariado, por ter de deixar Chicomba e o rebento que nascera em Junho. Bem lhe bastava ter de ir todas as semanas inspeccionar o trabalho de Diogo no arimo do Bengo, o qual progredia a olhos vistos.

– Tens de ser muito discreto – acrescentou Baltazar. – Evita Massangano. Falas com eles, explicas a situação e voltas logo. Que eles se recolham na fortaleza apenas com os filhos e que não abram o bico. Se os holandeses sabem que lá foste avisar, então é que temos definitivamente o Ouman à perna, só está à espera de um pretexto. E tu, Rodrigo, nem uma palavra sobre isto ao teu sogro, ele pode considerar uma traição, quando afinal apenas queremos proteger a família.

Ambrósio aprovou as medidas, silenciosamente. Na passagem pela Baixa, a caminho da sanzala, Rodrigo lhe disse que vinha se despedir e Ambrósio resolveu acompanhá-lo para ver os pais e lhes dizer que Angélica estava bem e esperando também um filho, notícia que ainda não tinha podido dar. O casal morava numa casa maior no bairro dos Coqueiros, vivendo da pensão que o meu dono estabelecera, depois de feitas as pazes. Mas nunca Angélica Ricos Olhos pusera os pés na sanzala e só Hermenegildo e Matilde os

visitavam. De qualquer modo, Ambrósio engordou e passou a beber menos, pois a mulher, agora sempre em casa, controlava as libações. O filho ia certamente selar definitivamente as boas relações entre o casal e o meu dono. À espera de se resolver o problema do casamento.

A outra partida era a do engenheiro Boreel. Tinha recebido ordens da Holanda para regressar, pois a construção do canal aguardaria melhores dias, de cofres mais cheios para a Companhia das Índias Ocidentais. Foi uma notícia triste, sobretudo para Matilde. Daniel Boreel comunicou o caso a Baltazar, lhe dizendo que queria casar com a filha e a levar com ele para o seu país. Seria de qualquer modo um regresso dos Van Dum ao ponto de partida. Mas Matilde não aceitou abandonar a cidade onde nascera, nem mesmo por causa de um grande amor. Sofria em silêncio, aguardando a partida do namorado, namoro que se traduzia apenas por conversas no portão. Não o posso garantir absolutamente, todos sabemos como Matilde tinha artes de dissimulação, mas nunca os surpreendi em outras atitudes senão uns apertos de mão e conversas ciciadas de ternura, o que era muito pouco para a reconhecida fogosidade dela. Neste caso tenho de confessar o meu total insucesso. Bolas, os dois eram novos e se desejavam, e pelo menos ela tinha antecedentes. Como não passavam de conversas de portão? A ligação já durava há um ano ou mais e não acontecia nada? Pois bem, quase posso jurar, não aconteceu até à hora da partida, só se foi em sonhos. Nunca Matilde o atraiu para o quarto dos arrumos, o tal que tinha albergado vários amores e que deles mantinha o cheiro, misturado ao de ratos. Estranho, muito estranho. Mas, por mais que me custe ver aqueles dois se separarem sem trocarem senão apertos de mão, não posso inventar beijos e saias a serem levantadas só para excitar algumas almas insatisfeitas. Vi o barco dele partir numa tarde ensolarada de Outubro, ela acenando do cais com um lenço, ao lado do pai e dos irmãos. Seco o lenço, seco o sexo. Podia? Mistério que Matilde levará para a tumba. O engenheiro era impotente? E ela nunca tentou curá-lo, mantendo a relação em puro platonismo? Já se viram casos assim, mas era de qualquer modo estranho acontecer logo com Matilde. Um dia também eu vou partir e levarei a terrível

dúvida comigo. No fundo, devo constatar, a única coisa que se acumula numa vida são as dúvidas.

Os guerreiros lá partiram para a batalha, Rodrigo dos olhos verdes montado no seu cavalo branco com Nossa Senhora na boca. Antes saiu Nicolau, acompanhado do fiel Kundi, sem passar pela cidade. Pouco tempo depois o senhor Fernandes de Pinda aparecia na sanzala para saber novidades. Foi então que o meu dono se apercebeu da inutilidade de procurar esconder a participação de Rodrigo nas hostilidades. Se o senhor de Pinda sabia, todos os portugueses ficariam ao corrente. E ele foi logo adiantando, passados os momentos das saudações:

– O seu filho não lhe disse para onde iam?

– Não. Mas certamente não foram à caça. Onde estiver o exército português a canzar, para aí eles se dirigirão.

Baltazar também não ia dar informações que pusessem em perigo a vida de Rodrigo. Um escravo do senhor Fernandes já devia estar preparado para avisar os portugueses de Massangano. Embora eu achasse que tanto fazia, se Borges Madureira estava em Ilamba, bastava a informação de que os mafulos saíram de Luanda em traje de guerra para se saber que iam para Ilamba, a pedido dos sobas dessa região. Não havia grandes segredos a resguardar. Aliás, outra era a preocupação do meu dono.

– O Rodrigo não pôde escapar. O sogro exige que filhos e genros o acompanhem, embora fiquem apenas a observar a batalha. Da outra vez pensámos em todos os pretextos possíveis para que ele não fosse, mas não encontrámos nenhum convincente.

– É uma situação delicada ter um sogro daqueles, de facto. Não temos pior inimigo. E o Jaime da Câmara como enfrenta a situação?

– Com dificuldade, como deve imaginar. A família toda lá, sem saber se vai ser atacada... De vez em quando diz que quer voltar para Massanga no, mas eu não deixo, por acordo com o pai dele. Já lá tenho uma filha, ia deixar seguir a outra?

– Eles não vão atacar Massangano.

O senhor Fernandes fez a confidência, baixando a voz e olhando para todos os lados, o que me pareceu sumamente ridículo, por não haver mais ninguém na varanda da casa grande. Mas era a força do

hábito, um espião fica sempre com estes tiques de falar baixo e de lado, quase sem mexer os lábios, com os olhos a correrem mais que o pescoço. Ouvi um dia o Ambrósio dizer que um povo da Europa, os romanos, tiveram um chefe chamado Júlio César que montou uma escola para espiões e recrutou jovens de boas famílias para serem formados e depois espalhados por todos os lados. Foi uma vez atacado pelas famílias dos alunos no átrio do senado porque os filhos em casa só falavam de lado, andavam sempre a destapar todas as panelas e ânforas para cheirarem o que continham e a espreitarem para dentro dos quartos, tendo provocado conflitos, com a descoberta de adultérios praticados nas próprias casas e outras lamentáveis revelações de segredos que deviam ter ficado confortavelmente escondidos. Não sei o que foi feito da escola, mas o certo é que Júlio César tinha o maior império da época, o que também não evitou ser apunhalado pelo filho adoptivo, sempre segundo Ambrósio, que andou a ler livros estranhos.

– Para atacar Massangano, teriam de levar canhões – acrescentou o senhor Fernandes. – Ora, eles não levaram.

– Como sabe?

O meu dono devia estar admirado e também agastado pelo facto de o outro saber tanto como ele, sem precisar das confidências de D. Agostinho Corte Real.

– Tenho gente a olhar por aí.

– Até podem ter enfiado os canhões num barco, subir o Kuanza e desembarcarem os canhões perto de Massangano. Eles controlam a foz do Kuanza e a ilha que foi do Ensandeira, paz à sua alma.

– Mas não meteram os canhões em nenhum barco. Sabe uma coisa? Eles têm medo de ser atacados do lado do mar. Devem ter recebido informações da armada que se prepara no Brasil.

– Que armada?

– Uma grande armada para vir expulsar os holandeses de Luanda. Os preparativos já estão muito avançados.

– Olhe que se for um reforço como o que veio com o Sottomayor... Pouco avançou!

O senhor Fernandes de Pinda não gostou da observação. Era uma pessoa de certezas e a sua maior certeza era que o rei de Portugal

nem dormia nem tocava na rainha, todo o tempo a queimar miolos para descobrir as vias de salvar os seus súbditos, metidos em tão grandes enrascadas. Mas não contrariou o cepticismo do meu dono, não estava ali para isso.

– O seu filho não lhe disse se iam atacar Massangano, pois não? – insistiu com um sorriso de desculpa.

– Não disse nada, ele não conhecia o objectivo da missão. Provavelmente o Mani-Luanda sabia, mas não deve revelar esses segredos nem à família. Ou então o Ouman nem ao D. Agostinho contou, até pode ser.

– Pouco credível! O principal aliado dos holandeses é o rei do Kongo, esse selvagem Garcia II, nem sei como mantém ainda um nome português, com o ódio que nos dedica, mas passemos... Ora o Mani-Luanda é o seu representante e, pelos vistos, virou capitão-mor dos seus exércitos. Além do mais, o Ouman conhece-o de há muito tempo. Claro que combinaram a operação em conjunto, não tenho dúvidas.

Eu também não, nem o meu dono. Mas Baltazar não podia se mostrar muito ao corrente dos pensamentos estratégicos dos mafulos, tinha de dar a ideia de estar longe deles, para compensar a comprometedor participação de Rodrigo. Ouman já não podia com ele e se pior não tinha acontecido era certamente pela ligação familiar a D. Agostinho Corte Real. Se o senhor Fernandes de Pinda ficasse desconfiado que ele sonegava informações vitais ao campo português, então não tinha mesmo para onde se virar no dia do ajuste de contas. Porque, curiosamente, Baltazar estava cada vez mais convencido da vitória portuguesa. Seria influência da profecia de Matilde? De Matilde ou do jesuíta, era imbróglio que eles nunca tinham conseguido desvendar, por não terem ouvido as confidências sobre os amores do jesuíta que Matilde tinha contado a Catarina e que surpreendi. Na família ficou a ideia que o jesuíta tinha roubado a profecia a Matilde, apresentando-a na missa como sua. Mas ninguém se queria perguntar como o tinha conseguido. Ou havia a suspeita de alguma conduta vergonhosa e preferiam não confirmar? O certo é que a crença se reforçava à medida que se aproximava a data limite, Agosto de 1648, pois então fazia sete anos o domínio

holandês. Ambrósio dizia não se basear na profecia, apenas na razão, para proclamar que uma companhia não podia vencer um Estado, lese que sem ele saber era advogada por uma parte de políticos, traficantes e espiões europeus. E que provocou algumas brechas mesmo entre os mafulos, como constatou na altura de despedida do amigo Boreel, céptico sobre a capacidade de o seu país se manter muito tempo no território. Basta um vento mais forte, dizia ele, melancólico.

Talvez fosse esse vento que se preparava no Brasil, segundo a convicção do senhor Fernandes de Pinda. Podia ele saber dos preparativos? Outro mistério. Sempre me admirou muito a forma como alguns mujimbos chegavam aos portugueses, isolados da Europa ou do Brasil. Como se pombos-correio atravessassem o Atlântico para lhes trazer informações e esperança. Seriam os padres em Massangano que lançavam profecias? Jaime da Câmara nunca referiu nada disso, sempre temeroso sobre o que pudesse acontecer à família que lá permanecia. Haveria barcos que acostavam no escuro das noites em praias desertas para deixar mensagens? Impossível. A única coisa certa era que a esperança no seu rei, capaz dos maiores milagres para os libertar, os fazia se manterem no mato, no meio de todos os perigos e privações, recusando vir para Luanda jurar fidelidade à Companhia e suas leis.

Porque leis eram coisas que todos deviam respeitar. Havia leis escritas, poucas, mas havia sobretudo as que passavam pela tradição, todas com igual força. Uma delas definia, filho de escravo pertence ao dono, que dele dispõe segundo o seu humor de momento. O que Dolores de andar serpenteante não queria compreender. Se achava com o direito de dispor à vontade de Gustavo, o filho que Hermenegildo fizera. A criança já tinha dois anos e foi ensinada a brincar com os outros miúdos do quintal e se afastar do primo Henri, um pouco mais velho. D. Inocência teimava em mandar Gustavo para o terreiro mais perto da casa grande, para ficar com Henri. O propósito era ir puxando o neto para si. Dolores resistia, e ao fim de muito pouco tempo pegava no filho e levava-o para as profundezas do quintal. Quando D. Inocência se apercebia

que Henri estava sozinho, mandava ameaças para Dolores com a ordem de trazer de novo a criança. Passavam nisto os dias.

Por várias vezes D. Inocência repreendeu Hermenegildo, o teu filho está a crescer como um selvagem, sempre no meio dos escravos. E tu não lhe ligas nenhuma, nem o obrigas a te cumprimentar. O facto é que Gustavo era pequeno demais para se preocupar em saber quem era o pai tão distante que nunca mais procurara a mãe e que para ele de facto olhara apenas quando Baltazar se entusiasmou com a criança. Hermenegildo tinha respondido a uma urgência, fazendo o filho em Dolores, mas depois esquecera. Até a mãe começar a pressioná-lo, tens de te preocupar mais com o Gustavo, está a receber uma péssima educação. Ele só respondia, mas que quer que eu faça, isso é assunto para mulheres. Baltazar acabava por vir em seu socorro, deixa lá o rapaz, nem casado é, como pode tomar conta da criança? Para o meu dono bastava Hermenegildo ter feito o filho, mostrando uma masculinidade de que ele duvidara.

D. Inocência já tinha uma estratégia planeada. Para mim foi claro desde que ela começou com essas conversas e a chamar a criança para o pé da casa grande. Não tinha a mesma preocupação com o filho de Nicolau. Também era verdade que ainda era um bebé e precisava muito mais da mãe. Mas, sobretudo, era filho de Nicolau, quer dizer, não era seu neto. Tivesse vinte filhos Nicolau que ela os ignoraria a todos. Como a criança que Diogo tivera de Lemba, no Bengo, a qual ainda nem sequer viera a Luanda para ser apresentada a Baltazar. Gustavo era diferente, era seu neto, como Henri. Por isso lhe arranjava roupas novas que o rapaz sujava logo no esterco do quintal e que Dolores de vez em quando lavava, refilando contra a teimosia de D. Inocência que insistia nas roupas quando o menino o que queria era andar nu como os outros filhos de escravos.

A raiva de D. Inocência aumentou quando achou que Gustavo já tinha idade de ser desmamado. Mandava vir o menino à cozinha e lhe dava papas de milho e sopa de legumes. Gustavo se contorcia todo, recusando. Era o que Henri comia, mas porque Matilde perdera o leite muito cedo. Dolores tinha leite forte e mantinha a tradição de

amamentar até aos três ou mesmo quatro anos. Com o leite forte da mãe, Gustavo não estava para as papas ou a sopa, ainda por cima quentes. E D. Inocência lutava com ele, de colher em riste, até reconhecer que desconseguia. A solução não estava em obrigar o neto mas sim em impedir a mãe de lhe dar mama. Mas como? Volta meia volta, chocava com Dolores a carregar lenha para a cozinha com Gustavo pendurado nos ombros dela a lhe chupar as mamas gordas. Disparatava, não deixes o teu filho mamar, ele tem de comer outras coisas. Dolores encolhia os ombros, fingia que não ouvia, bamboleava o seu passo de cobra pelo quintal, com o filho se deliciando no colo generoso. A coxa nunca refileava, parecia sempre aceitar tudo. Da mesma maneira tinha aceitado Hermenegildo, quando ele ultrapassou o umbral da cubata. Mas acabava por voltar a fazer o que lhe tinham proibido ou passar no caminho que antes tinha escolhido. Sem nada dizer, apenas encolhendo ligeiramente os ombros quando a contrariedade era maior. O que irritava enormemente D. Inocência, a sonsa faz apenas o que quer, fingindo que nos está a obedecer.

A crise surgiu mesmo por causa da sopa. Gustavo desviava a cara da colher empunhada por D. Inocência e chorava com todas as forças. A sopa se espalhava por todo o corpo dele e pelo chão da cozinha, que Catarina se apressava a limpar. O barulho era tal que até Baltazar perguntou, mas afinal quem está a ser esfolado aí dentro?

– Aquela cabra continua a dar de mamar ao miúdo e ele não tem fome – justificava aos berros a avó.

Até que a cabra achou que o tormento infligido ao filho também já era de mais. Entrou pela cozinha, raptou Gustavo às investidas furibundas da colher e levou-o para o quintal. Pronto, estavam abertas as hostilidades. D. Inocência apareceu na varanda, ainda com a colher na mão, ameaçando Dolores que se afastava, vais pagar a insubordinação, volta aqui. Baltazar teve de acalmar a histeria com um berro apropriado.

– Aquela mulher está a estragar o nosso neto. Ainda lhe dá mama, apesar de ele já andar. E não come mais nada.

– Enquanto ela tiver leite, deve dar de mamar – replicou o marido.  
– Sempre fizeste isso aos teus filhos, o problema é que ficavas logo grávida e tinhas de parar de dar leite a um para dar ao que acabava de nascer.

– O Gustavo passa o dia com os outros miúdos do quintal, todo nu e sujo. Vai ficar um selvagem.

– Como todas as crianças.

– Ele é meu neto e eu sei como o devo educar. Essa escrava tem de ser vendida.

Pela primeira vez Baltazar deu realmente atenção à mulher. Até aí respondia sem interesse, apenas para acalmar os ânimos. Mas agora ficou de ouvido aberto. Se virou mesmo para D. Inocência.

– Porque havia de ser vendida? Não estás boa da cabeça.

– Enquanto ela estiver aqui, o Gustavo vai ser um selvagem. E devia ser criado juntamente com o Henri, por mim e pela Matilde.

– A Dolores não fez nada que justifique ser vendida. E trabalha muito, todos reconhecem. Não é nenhuma mángonheira, sempre a vejo a ir e a vir, fazendo tudo. E te dou um conselho, deixa a criança ficar com a mãe, assim está muito bem. E que lhe dê mama até quando acabar o leite, ela é que sabe. Outra coisa. Não quero mais crianças pequenas aqui em casa, já não suporto choros e gritos. Bem basta o Henri para me desfazer a paciência.

D. Inocência voltou para a cozinha, resmungando. Eu sabia, se tinha calado, mas não aceitou. Voltaria à carga, mesmo contra a opinião de Baltazar, só que de uma forma mais subtil. Era mesmo o que eu tinha suspeitado, o plano estava amadurecido, para ter inteiramente o neto tinha de expulsar a mãe. Das outras vezes tinha sido para afastar as mulheres de Baltazar, ficando os filhos que serviam como mão-de-obra. Desta vez era para se apropriar do neto. E haveria de o conseguir. Ou eu não conhecia D. Inocência, ou o destino de Dolores estava selado, no outro lado do Atlântico. Embora a minha dona tivesse de enfrentar muitas opiniões contrárias, como por exemplo a de Matilde, que logo lhe foi dizendo:

– Ó mãe, deixe lá a Dolores. Então não vê que o miúdo está gordo? É porque o leite é bom.

– Não é só a comida. É tudo. Ela não o deixa se aproximar de nós, que somos a família dele. Tem outra família? Só essa escrava.

– Ele ainda é muito pequeno, mãe. Aos poucos se habitua a nós. Mas se o obrigar a comer coisas que ele não quer ainda, então é que vai procurar distância desta casa. E repare, mãe, o Henri tem um ano a mais que ele, por isso é normal que coma de tudo. Espere mais uns tempos que o Gustavo acaba por se habituar a nós, à nossa comida e aos nossos costumes.

– Não há tempo, não há tempo.

Matilde certamente não entendeu o que ela queria dizer com a frase. Nem eu. Porquê tanta urgência? A filha não insistiu, atraída por uns gritos de Henri. Mas a conversa não deve ter terminado na cabeça de D. Inocência, que resmungava na cozinha e arranjou o primeiro pretexto para disparatar a minha doce Catarina. Eu pressentia a desgraça, como em vezes anteriores. Por isso andava atento, a farejar o que estava para vir. E frequentava mais o quintal, pois ali se jogava a outra parte do drama. Foi assim que surpreendi os conselhos de Chicomba a Dolores, não sejas teimosa, deixa a criança ficar mais tempo na casa grande, diminui mesmo o leite para agradar à senhora.

– O meu leite é melhor que a porcaria de comida que ela lhe quer dar. O Gustavo está gordo, ou não está?

– De tanto enfrentares a senhora, ainda vais pagar. Antes ela fazia vender as escravas que tinham filhos do marido. Agora te vende a ti por causa do Gustavo. É o que se fala aqui no terreiro e já ouviste.

– O dono nunca vai me vender, ele sabe que trabalho bem e nunca refilo.

– És muito burra se confias nele. E és muito burra se não desconfias da mulher dele. Deixa lá a criança brincar na casa grande e comer as porcarias deles. Assim ficas ao pé do Gustavo.

– Tu vais deixar o teu filho ir para lá quando a dona quiser?

– Claro que sim. E até o esqueço, quando fugir daqui. Vou eu e ele fica. Assim o pai não vem atrás de mim para recuperar o filho. Não sou burra.

Afinal Chicomba ainda não tinha perdido a esperança de fugir. As conversas com o pobre Thor eram a sério e ela as guardava na

memória. Só esperava uma oportunidade. Nicolau muitas vezes ficava fora, como agora. Mas a ausência de Nicolau não era a oportunidade que esperava. Teria de atravessar territórios hostis e podia ser apanhada de novo. Não sei como conseguiria chegar ao seu país natal sem arriscar passar por sítios infestados de jagas, mas ela aguardava pacientemente a sua vez. Entretanto tinha parido um filho de Nicolau que estava disposta a deixar para trás. Chicomba sempre tinha tido um feitio rebelde e decidido, a mansidão actual era um estratagema para a deixarem tranquila a architectar os seus loucos planos de fuga. Mas seriam tão loucos assim? Estou aqui atento a ver.

Como estava atento à noite, e por isso vi Dimuka sair da casa grande com qualquer coisa embrulhada num pano. A figura de D. Inocência se esbateu na porta da cozinha e só eu mesmo pude me aperceber da estranha cena. Porque a dona eventualmente dava coisas a Ngonga ou Kundi. Mas de dia e à frente de todos. Desta vez foi mesmo muito sorrateiramente que Dimuka entrou pela porta da cozinha, já tarde na noite, e saiu logo a seguir com o embrulho. Não devia ser presente vulgar. Eu estava ali para isso, tinha de o seguir. Todos dormiam no quintal e caminhámos silenciosamente, ele por causa da missão desconhecida que levava, eu porque o seguia às escondidas. O capataz se dirigiu para o mais fundo do quintal e se aproximou da cubata de Dolores. Suspeitei logo que o assunto tinha a ver com a coxa, ou melhor, com Gustavo. Mas as fogueiras estavam só com brasas e desconsigui ver o que ele fez. O certo é que, depois de estar alguns momentos encostado à parede da cubata de Dolores, se afastou na direcção da sua, atirando negligentemente o pano sobre o ombro esquerdo. Quer dizer que a coisa, o que quer que fosse, já não estava com ele. Deixei-o entrar na sua casa e me aproximei da cubata de Dolores. Olhei, olhei, mas nada descobri. Me agachei mesmo por momentos e com as mãos explorei os paus que formavam a base da cubata. Ouvia a respiração da coxa e de Gustavo, sons de quem dormia placidamente. Procurei perto do chão, meti a mão lá dentro pelo espaço entre os paus, mas nada. Devia ser coisa pequena. Tive um arrepio porque de repente pensei numa cobra. Sim, havia muitas estórias dessas. Mas como

teriam uma cobra na casa grande? E que interesse tinha D. Inocência mandar pôr uma cobra na cubata, com riscos de matar o neto? Era outra coisa, mas não descobri e me afastei, enquanto toda a gente dormia.

Vim a saber do que se tratava no dia seguinte, logo de manhã. Dimuka se aproximou da cozinha, disse a Catarina para chamar o patrão e a senhora e lhes mostrou duas colheres de prata, peças muito valiosas e de estimação, como me pude aperceber, pois só serviam quando havia visitas muito importantes na casa grande.

– Encontrei na cubata da Dolores, patrão. Já andava desconfiado, tinha visto umas manobras suspeitas. Por isso hoje aproveitei passar uma revista à cubata, quando ela foi cartar água.

– As minhas colheres de prata – gritou D. Inocência.

– Tinhas notado a falta? – perguntou Baltazar.

– Eu não – disse a mulher. – E tu, Catarina?

Catarina respondeu de dentro da cozinha, certamente a limpar as mãos no avental, gesto que era característico das cozinheiras de brancos.

– Não notei. Mas há muito tempo que o faqueiro não é usado, está guardado aqui na gaveta do armário.

– Essa cabra já deve ter roubado há tempos – disse D. Inocência.

– Catarina, confere. Vê se faltam mais peças.

Faltava uma faca e outra colher.

– É preciso passar outra busca na cubata, Dimuka – ordenou D. Inocência. – Quero o meu faqueiro completo. O patrão comprou-o quando casámos, não foi, Baltazar?

O próprio Baltazar foi com Dimuka inspeccionar a cubata de Dolores, que nesse momento vinha com um balde de água equilibrado na cabeça e Gustavo a sugar a mama. Era um mistério como conseguia equilibrar o enorme balde sem deixar cair uma gota de água, apesar do andar ondulante. Os dois homens entraram na cubata, sem dar explicações à usuária, e eu fiquei com ela de fora, à espera. Em breve ouvimos uma exclamação abafada de Baltazar e saíram os dois da cubata. O meu dono trazia a colher e a faca na mão. Passou por Dolores, resmungou já vais ter que explicar isto, e avançou para a casa grande, comigo na esteira. Dimuka ficou atrás,

talvez formulando um acto de acusação, pois ela logo se pôs a gritar que era mentira, nunca tinha roubado nada, nem podia saber como os objectos tinham aparecido lá em casa.

Eu sabia como tinham aparecido, mas não podia dizer. Aliás, nunca ninguém se lembraria de me perguntar. D. Inocência já tinha resolvido o seu problema, só se eu fosse palerma não perceberia. E a única incógnita era saber qual o castigo a aplicar a Dolores, pelo crime de ser mãe de Gustavo. A qual não ficou pelo quintal à espera da sentença mas avançou decididamente para a casa grande com o filho ao colo.

Dolores bem tentou reclamar que nunca tinha visto aqueles objectos na vida. Talvez exagerasse para ser mais convincente, pois, quando se faziam os grandes banquetes com altas personalidades, ocasião única em que se usavam os talheres de prata, ela ajudava Catarina a lavar a loiça e arrumar a cozinha. Teria portanto visto uma ou outra vez os malfadados objectos. Mas vamos culpá-la pelo pequeno exagero, próprio de quem deve protestar inocência? Baltazar queria perceber porquê fizera ela o roubo. E insistia, mas porquê não roubou roupa ou comida ou outra coisa útil? Porquê uns talheres que nunca podia usar sem ser imediatamente descoberta? A resposta em kimbundu, língua em que só podia passar o interrogatório, era invariavelmente não conheço isso, patrão, me acredita, nunca roubei nada, nem comida e muitas vezes tive fome, nem roupa para me tapar as tristes noites de cacimbo sem uma manta e sem um homem, acredita, patrãozinho, para quê queria isso que não vale nada, se o funji eu prefiro comer com a mão, fazer uma bolinha nos dedos e engolir enrolando na língua como ensina a tradição? E chorava, Dolores, enquanto Dimuka inutilmente traduzia a queixa, pois Baltazar percebia, embora não soubesse falar kimbundo.

Chicomba se aproximou com o filho no colo, talvez com a intenção de mostrar bem a D. Inocência que também ela tinha um filho claro e pouco se importava que a avó o recebesse. Pois é, só que Chicomba desconhecia que na casa grande se respeitava a lei dos brancos pela qual o filho dela não era neto de D. Inocência, só de Baltazar. Razões que eu só muito a custo perceberia, e depois de

tantos anos, como podia Chicomba adivinhar? Ela também sabia que tinha sido tudo uma armadilha contra Dolores e qual o objectivo óbvio, mas não ousava revelar. Que provas tinha? Eu sim, eu tinha indícios muito fortes, mas não podia falar. Chicomba ficou pois ouvindo o interrogatório, pensando certamente foste muito burra, Dolores, bem te avisei, agitando o bebé nos braços para que todos reconhecessem o filho de Nicolau, gesto perfeitamente inútil pois ninguém o ignorava na casa grande, e hoje o interesse era outro, sobretudo o de Baltazar, que desconseguia mesmo perceber porquê uma escrava que desconhece o valor da prata rouba uns talheres que não pode usar.

E ficou mesmo sem perceber, porque Dolores não sabia explicar o que ele queria. E D. Inocência não ajudava, pois insistia, é só o vício de roubar, esses escravos todos têm essa mania, para mostrarem a si próprios que são muito espertos e nos enganam, é da raiva deles que arranjam forças para nos enfrentarem, o que levou o meu dono a lhe dar um berro, cala lá a boca, mulher, só estás a dizer disparates e a atrapalhar. Vi nos olhos de Catarina, a assistir à cena pela janela da cozinha, a desconfiança. Não podia saber qual fora a armadilha, mas também não acreditava na culpabilidade de Dolores. E, pelos vistos, apesar de todas as evidências, Baltazar tinha algumas dúvidas, as quais se expressavam na insistência da pergunta, mas porquê talheres de prata? Matilde e Ana acorreram e ouviam, incrédulas. Um luar de lucidez percorreu o olhar da bela Matilde, quando franziu a testa e se virou para a mãe? Parecia. Dúvidas, só dúvidas. E eu cada vez com mais certezas que Dolores ia ser amarrada ao tronco, na falta de pelourinho, para ser chicoteada. Se tratava do tronco de uma mangueira que foi cortado pela altura de um homem, no quintal, onde eram amarrados os escravos que tivessem cometido algum delito. O tronco acabou por secar, pois lhe retiravam logo os raminhos que durante muito tempo teimaram em nascer. As fortes raízes secas sustentavam-no direito e não havia escravo que dele pudesse escapar, desde que bem amarrado.

Afinal, Dolores escapou ao tronco. Evidentemente por causa de Gustavo. Baltazar pensou ser um espectáculo doloroso para a

criança ver a mãe a ser chicoteada ou mesmo, se evitasse o látigo, ficar amarrada ao tronco. Mandou-a ir para a cubata e não sair de lá enquanto ele pensava num castigo. Perguntou a Hermenegildo, o que achas disto? Ele encolheu os ombros, sei lá, pai. A única vez que Hermenegildo reparou em Dolores foi quando ela passou com seu andar de serpente e a visão da bunda a desenhar curvas estranhas no ar o excitou ao ponto de entrar atrás dela na cubata, em pleno dia, e a derrubar sobre a esteira. Não tinha pois opinião nenhuma sobre a possibilidade de ela ser gatuna nem sobre o castigo a aplicar. Fez um muxoxo com a boca, se afastou de um assunto que lhe não dizia respeito.

D. Inocência exigia o afastamento de Dolores, se roubou uma coisa pode roubar muito mais, na sanzala não fica. Baltazar fazia contas por uma escrava que quase nada lhe custara, por causa do defeito, e se revelara um trabalhador exemplar. Dolores ajudava a carregar tudo o que fosse necessário, para a cozinha e para a casa grande, a lavar tudo que lhe viesse à mão, desde roupa até ao soalho. E regava a horta quando calhava. Estava sempre disponível e com tanta energia como um homem vigoroso. Vender a escrava era um desperdício, pois ninguém pagaria pelo verdadeiro valor, diminuída que estava logo a mercadoria por aquele andar fenomenal. Mas havia alternativa? Ainda pensou emprestá-la a Ambrósio, resolveria todos os problemas da casa dele menos fazer compras e cozinhar, actividades exigindo outros dotes. Mas D. Inocência quase arrancou os cabelos, então o que não serve para mim vai servir para o meu filho? Dolores ficaria demasiado ligada à família, não convinha à minha dona. Escusas de arranjar desculpas, o Brasil é a solução, disse para o marido. Vai embora e deixa o filho comigo, o qual passará logo a comer papas de milho e a brincar com o Henri. E será proibido de pôr o pé no terreiro até ficar civilizado. O meu dono foi falar com o senhor Fernandes de Pinda, para desespero dos carregadores da tipóia, que tinham de aguentar com o peso. Lá descemos nós as barrocas, escorregando por vezes. Chegados à loja do comerciante, vazia de clientes como já era hábito, o meu dono explicou que tinha uma escrava coxa e não a

queria vender à Companhia, a qual lhe pagaria uma soma ridícula perante o valor da mulher, apenas por ter um defeito físico.

– Me lembrei do amigo, que sabe apreciar bem as peças logo ao primeiro golpe de vista, não é como esses burocratas da Companhia.

O senhor Fernandes assobiou com o preço que Baltazar pedia, lhe parecia demais para uma aleijada.

– É porque nunca a viu trabalhar. Vale até mais que isso. Mas por ser para o amigo...

– Se é assim tão boa, por que se desfaz dela?

– É uma longa estória. Desentendimentos com a minha mulher... Nada que tenha a ver com o serviço.

Espantei que o meu dono não referisse o roubo das pratas. Mas claro, burro estava a ser eu, como podia Baltazar revelar esse delito? Se o senhor Domingos Fernandes comprasse Dolores, certamente era para trabalhar em casa ou no armazém, e nunca ia querer alguém que fora vendida por ser ladra.

– Refila muito, é isso?

– Não, não. É muito calma. E trabalha todo o dia.

– Não consigo perceber por que a quer vender.

– Já lhe disse, a minha mulher tomou-a de ponta.

– Alguma coisa deve ter feito – insistiu o senhor Fernandes, agora nitidamente desconfiado.

O meu dono estava num dilema. Contar a verdade, dizendo no entanto que não acreditava na culpabilidade de Dolores? Me parecia, ele acreditava que ela tinha de facto apanhado os talheres, só não entendia com que finalidade. Portanto, não podia alegar a inocência da escrava. Mas conseguia de justificar o interesse premente na venda, se não abrisse de facto o jogo. Eu achava de qualquer modo arriscado querer vender Dolores sem dar a verdadeira razão, embora isso a desvalorizasse. Num meio pequeno, era muito provável que mais cedo ou mais tarde o senhor Fernandes viesse a conhecer a cena das pratas, mesmo até através da própria Dolores, interessada em explicar que estava a sofrer uma injustiça. Mas o meu dono era assim, nada lhe dava maior prazer que correr riscos para fazer um bom negócio.

– Sabe como são as coisas das mulheres – disse Baltazar. – Ainda por cima as mulheres daqui da terra. É melhor mesmo um homem não entrar nessas makas.

Era um argumento poderoso, deixava tudo no ar e apontava para mistérios insondáveis, possibilidades de feitiços, mas que não convenceu o senhor Fernandes. Ele já se tinha decidido na resposta a dar:

– O amigo sabe, os negócios estão muito mal. Os escravos que temos em casa já nos chegam. E nem a poderia revender à Companhia por um preço compensador, pois ela é coxa. Desculpe, mas desta vez não fazemos negócio.

Lá ficou Baltazar com Dolores nas mãos, se assim se pode dizer. Mandou os carregadores voltarem para a sanzala, mas evitando passar pela rua do Imbondeiro, onde morava Ambrósio e Angélica Ricos Olhos. Embora provavelmente quisesse receber naquele momento conselhos do filho, considerava perder a face aparecer já em casa deles, antes mesmo de nascer a criança que seria pretexto ideal para a reconciliação. Deve ter sido no caminho para a sanzala que sopesou a ideia, no embalo dos balanços da rede, porque logo anunciou ao chegar, a Dolores vai para o arimo do Bengo.

A ideia não agradou muito a D. Inocência, o Bengo não era suficientemente longe para o seu gosto. Mas teve de se conformar, Baltazar estava irredutível, nunca venderia a escrava para o Brasil. A senhora foi logo falar com Matilde, onde vamos pôr o Gustavo? O quarto de Matilde e Catarina, onde também dormia Henri, não tinha espaço para outra criança. Rosário estava sozinha no seu quarto, Gustavo podia lá ficar. Mas a candidata a freira se rebelou com alguma histeria, no meu quarto não fica mais ninguém, quero estar tranquila para poder rezar com sossego. Chamada à razão, que não era próprio de uma futura freira tanto egoísmo, despachou logo vocês é que arranjam os problemas e depois querem sacrificar os outros, então vou para uma cubata, o menino fica aqui com todo o espaço. Solução inaceitável por todos, como poderiam atirar uma filha para uma cubata no quintal, no meio dos escravos? O terceiro quarto era ocupado por Hermenegildo, mas a mãe nem teve coragem de propor que ele ficasse a dormir com o menino, isso era

trabalho de mulher. E o seu próprio estava condenado à partida, Baltazar já tinha dito que não queria mais crianças em casa, quanto mais no seu quarto. D. Inocência não sabia como resolver. Uma hipótese era Catarina trocar com Rosário e ficar a tomar conta de Gustavo. Mas Rosário queria ficar sozinha, disso não abria mão. E também Matilde rejeitou a ideia, gostava era de conversar à noite com Catarina e não ficar a ouvir as preces intermináveis da irmã mais nova, imprestável para qualquer vida social. Ficaram a tarde e a noite em conversas sem conclusão, perante a indiferença de Baltazar e Hermenegildo, a quem o caso não dizia respeito. Ana queria ajudar a mãe, mas também não via como.

Na manhã seguinte, Dimuka foi mandado levar Dolores para o Bengo, acompanhado por Ngonga e Kalumbo. A coxa berrou e chorou quando se apercebeu que Gustavo não ia. Foi uma cena que eu preferia não ter visto. O menino foi arrancado dos braços da mãe e levado para a casa grande, onde gritava com toda a força. E, no quintal, Dolores lutava, recusando partir. Dimuka lhe passou uma corda pelo pescoço, ele e Kalumbo puxavam, e ela se atirou para o chão, só ia arrastada.

– Se todo este berreiro é por causa da criança, então que a leve – disse Baltazar, já farto de tanto barulho.

– Isso nunca – gritou por sua vez D. Inocência. – O meu neto não vai para o Bengo, nem morto. Fica comigo, que é aqui que ele deve ficar.

Não era muito vulgar a mulher gritar com o meu dono. De facto, nunca tinha acontecido. Era mesmo muito raro ela refilar ou até levantar a voz. Onde estava a mulher submissa que todos conhecemos? D. Inocência tinha virado fera, a defender os seus direitos sobre o neto. Num relance deve ter percebido que toda a armadilha montada contra Dolores se podia virar contra ela, com a partida do neto. Segurava agora na criança, que gritava e esperneava, recusando o colo estranho e mirrado. Mas a avó tinha decuplicado de forças e os braços magros eram tenazes que mal o deixavam respirar.

– Amarrem-na – gritou ela para Dimuka. – Metam-na numa rede e levem-na assim para o Bengo.

Espantado com a ideia, o meu dono nem reagiu. Logo Dimuka chamou os quatro escravos que habitualmente serviam de carregadores de Baltazar. Amarraram as pernas de Dolores, enfiaram-na na rede do patrão e transportaram-na para fora da sanzala. Dimuka e Kalumbo iam ao lado, procurando acalmar a cativa, que não parava de gritar e lutar. Nunca tinha visto a rede do meu dono servir para carregar um escravo, devia ser caso único. Mas, subjogado pela fúria de D. Inocência, Baltazar não protestou. E a caravana se perdeu para norte. Também os gritos de Dolores.

Mas os gritos de Gustavo é que não paravam. Exigia a presença da mãe no seu kimbundu incipiente. E quando a avó o soltou, fugiu para o quintal. Ela gritou para a escravaria, não o deixem fugir, não o deixem fugir, mas ele de facto não podia ultrapassar o portão maciço do quintal. Foi apanhado e levado para a casa grande. Para fugir logo depois, tentando se aproximar da cubata onde nascera e vivera. D. Inocência estava vigilante e os passinhos hesitantes não chegavam sequer às primeiras árvores do terreiro. Gustavo se vingava, gritando até mais não poder. Ficou todo o dia sem comer, recusando a sopa e as papas de milho. E chegou a noite sem sítio onde dormir. Foi Ana que acabou por propor solução:

– Se a Catarina não se importasse de mudar lá para casa... Temos um quarto vago, que era o de Ambrósio, pois dormimos no que foi de Nicolau. O Gustavo pode dormir lá com ela. Até encontrarem alternativa aqui na casa grande.

Catarina teve pena de perder a companhia nocturna de Matilde, cujas conversas e confidências tanto a divertiam, mas aceitou sem dificuldade, sempre pronta a ajudar nos problemas. E Gustavo passou a viver na pequena casa ao lado. Muitas vezes o ouvi reclamar o colo de Catarina para adormecer. De facto, a minha amada era a única das tias que poderia lhe dar o carinho perdido com a partida da mãe. Mas o carinho não compensava a fome e ele nos primeiros dias se alimentou apenas de um pouco de leite de cabra. Até que foi vencido pela fome e pela teimosia da avó e se foi habituando às papas e ao resto da comida. Mas sempre fugiu para o quintal e sempre recusou responder às perguntas de D. Inocência.

Um dia, um mês mais tarde, se passou uma cena que conto já agora, pois seria difícil arranjar sítio melhor. Era o fim da tarde e me pareceu vislumbrar um vulto agachado para lá da cerca do quintal. Dei a volta à varanda da casa grande e confirmei, havia alguém espionando. Fiquei escondido, tentando adivinhar as intenções do espreitador. Finalmente, o vulto apareceu numa posição mais exposta aos últimos raios de sol e reconheci Dolores. Tinha fugido do arimo do Bengo? Certamente. E devia ter sido a meio do dia, porque ainda não tinha vindo ninguém avisar da fuga. Não seria eu que daria o alarme. Fiquei só vendo, à espera do que acontecesse. Ela vigiava o portão da sanzala e eu vigiava Dolores, até ao cair da noite. Ela só olhava para a casa grande, com grande ansiedade. Percebi, procurava o filho. O qual realmente estava nesse momento na cozinha, com Catarina. Uma ideia louca atravessou de repente a minha cabeça. Era loucura, eu sabia. Mas não pude evitar. Me aproximei da porta da cozinha, onde estava apenas tia e sobrinho. Quando Catarina foi dentro de casa fazer qualquer coisa, puxei Gustavo pela mão. Não ofereceu resistência, adivinhando que eu nunca quereria o mal dele. Com o coração a bater mais forte que quando corria atrás do meu dono até à Baixa, atravessei o pequeno espaço que nos separava da vedação. Chegados à entrada, levantei Gustavo e o sentei em cima do portão, para que ele e a mãe se vissem. Dolores se aproximou, com lágrimas nos olhos. A criança reconheceu-a e estendeu os bracitos, gritando. Que podia eu fazer? Não entreguei o Gustavo, juro que não, apenas não fiz muita força nas mãos que o seguravam. Dolores pegou nele e puxou. As minhas mãos cederam. De repente, sem ter sido minha vontade, o menino estava do outro lado da vedação, livre. A mãe o amarrou logo às costas com o pano e correu para o mato. Voltei para as sombras do quintal, o coração ainda galopando. Pouco depois Catarina chamava Gustavo, Gustavo, não houve resposta, e veio D. Inocência, mas onde está o meu neto? Catarina só dizia, ele estava comigo aqui, na cozinha, fui à sala e quando voltei ele tinha sumido, deve andar pelo quintal, menino vadio. Revistaram tudo, não escapou uma cubata. Depois andaram à volta da sanzala, talvez ele se tivesse enfiado por um buraco da cerca, mas para ir aonde se já era noite? Logo as

recriminações caíram sobre a pobre Catarina, imprestável, nem é capaz de tomar conta de uma criança, até o meu dono se apiedar da filha ilegítima, acaba com essa gritaria, Inocência, Catarina não tem culpa de nada. Esperaram pela manhã cedo para voltar a procurar, devia estar adormecido em algum canto, diziam os mais optimistas. De manhã cedo bateram o quintal e as redondezas, mas não havia rasto dele. E ao meio dia veio o mujimbo do arimo do Bengo, Dolores tinha fugido na véspera. D. Inocência ficou com cara de quem comeu muita múcua. Por iniciativa dela uma caçada foi organizada, sem resultado, embora os pisteiros tivessem descoberto na areia vermelha as marcas dos pés de Dolores, marcas fáceis de distinguir. Nunca mais ouvimos falar de Dolores ou de Gustavo. O meu dono só lamentava, acabei por perder uma boa escrava e um neto. Hermenegildo não lamentava nada, encolhia os ombros. E D. Inocência não falava, cheia de raiva, pensando certamente que o neto corria nu e descalço pelo mato, sugando leite daquelas tetas malditas, que um raio as seque. E ninguém soube do meu delicto. Rezo apenas para que mãe e filho tenham encontrado um bom refugio e que, apesar de passarem maus bocados como todos nós nesta vida, ao menos estejam juntos.

Mas juntos não vieram os primeiros mujimbos sobre a vitória dos mafulos contra Borges Madureira e a morte deste capitão-mor dos portugueses. Se aproximava o fim de Outubro e com ele as primeiras chuvas. O capim verde que tinha rebentado nas savanas causticadas pelas queimadas do cacimbo recebeu os pés de soldados de vários lados e os cascos dos cavalos. Esse mesmo capim foi palco da batalha, onde muitos capitães portugueses foram mortos, Borges Madureira entre eles. As notícias da grande vitória da coligação chegaram pouco antes de aparecer Rodrigo na Ilha, dispensado pelo sogro para ocorrer a casa, onde Cristina Nzuzi tinha dificuldade em parir. Da Ilha, Rodrigo mandou aviso para a nossa sanzala, não só sobre a sua chegada como sobre o problema da mulher. Fomos imediatamente para lá, excepto Rosário, sempre fechada em casa, Catarina que ficou na cozinha e a tomar conta de Gustavo, nessa altura ainda na sanzala, e Jaime da Câmara, pouco

íntimo dos Corte Real e talvez temeroso de ouvir más notícias sobre Massangano.

No caminho para a Ilha, Baltazar ia na rede, enquanto D. Inocência, Matilde e Ana iam a pé. E o meu dono resmungava, então se a Cristina passava mal preferem avisar o Rodrigo que está longe e no meio de uma batalha, e nem nos avisam que estamos ao lado? Haveria de dizer umas boas ao filho, para que este transmitisse aos da sanzala do Mani-Luanda.

– É para veres – respondeu a mulher. – Não nos consideram família, é isso.

Afinal se ficou a saber que não tinha havido intenção de ofender, foi a própria Cristina que achou melhor não os assustar com uma coisa que podia não significar nada. Estava no fim da gravidez e sangrou um pouco. Claro que mandou informar o marido, podia ser sinal aziago e ele tinha de saber antecipadamente. Rodrigo recebeu a notícia no dia seguinte ao da batalha e ficou muito ansioso. O sogro achou melhor dispensá-lo para vir saber do que passava exactamente e, se depois precisasse dele o mandaria chamar, mas em princípio era melhor Rodrigo ficar na Ilha a tomar conta da família, pois o essencial no mato já tinha sido feito. Cristina se encontrava bem mas as mais velhas não a deixavam levantar, devia ficar deitada até ao parto, o qual estava para breve.

– Por causa de um bocadinho de sangue... – queixava ela. Mas as mais velhas eram inflexíveis, não é bom precipitar os nascimentos, as crianças devem sair quando muito bem entendem e não quando os outros desejam. Por causa desses erros muito mal veio ao mundo. Dizem por exemplo de Mani Uxuala, puxado de dentro da mãe por ervas e muitas práticas secretas pelo facto de lá permanecer dez meses. Mani Uxuala nasceu com raiva das pessoas e promoveu massacres e mais massacres de inocentes, só porque eram normalmente paridos. Conclusão sábia, Cristina Nzuzi ficaria deitada para não precipitar os acontecimentos, a criança sairia no momento que escolhesse. Ela ou os espíritos, mas não os homens. Rodrigo, entretanto, estava eufórico com o que acontecera na liamba. O exército do Kongo e os trezentos soldados holandeses tinham feito junção com os homens de Jinga e os jagas inimigos dos

portugueses numa coligação impressionante. Apanharam Borges Madureira de surpresa, perto do rio Lucala, num local propício. Poucos portugueses puderam escapar para a segurança de Massangano. Rodrigo desta vez participou desde o início, contando muito orgulhoso os seus feitos.

– E agora? – perguntou o meu dono.

– Estamos a limpar o terreno. Pelo Santo Nome de Deus, todos os sobas se aliaram a nós, os portugueses estão completamente isolados. É questão de tempo. A ideia de Ouman e do meu sogro é fecharem o caminho deles, deixarem-nos apenas na estreita faixa entre o Lucala e o Kuanza, perto de Massangano. Assim não podem oprimir as populações de liamba, nem pensarem em operações mais no interior. Todo o território fica pacificado e aberto ao comércio.

– Não vão atacar Massangano?

– Faltam os canhões, pai. Ouman está farto de pedir ao Brasil e aos Estados Gerais, não lhe mandam. Mas vamos nos aproximar da fortaleza, passando o Lucala mais para oriente. Se o Bom Deus der oportunidade de entrar na vila, assim faremos. Mas para isso era preciso que eles saíssem para campo descoberto e sofressem uma outra derrota. Ficariam tão fracos que então era possível atacar Massangano, mesmo com os canhões deles a varrerem o terreno. Mas são demasiado espertos para tentarem combater em campo aberto, aí nem Nossa Senhora da Conceição os salva.

Nicolau tinha chegado dias antes e informara que Gertrudes e família se tinham refugiado na vila, o que sempre era uma garantia de sobrevivência. Se não houvesse ataque directo a Massangano. Hermenegildo falou:

– Os portugueses então estão mesmo reduzidos ao perímetro à volta dos fortes...

– Definitivamente – concordou Rodrigo. – Nunca mais conseguirão sair deles. Vamos armar cercos à distância. Embora o general da rainha Jinga despreze essa tática, disse várias vezes que não gostava de fazer guerras de cerco, isso era próprio de covardes e indecisos.

– Vão matá-los à fome – disse Baltazar.

– É essa a ideia, pai. Entre o Lucala e o Kuanza têm lavras e hortas, mas não chegam para alimentar aquela gente durante muito tempo. Só mulheres e crianças são mais de mil, ao que dizem. Terão de se render ou a fome leva-os para junto de Nossa Senhora da Boa Morte.

– A tua irmã está lá – disse Baltazar.

– Eu sei, pai. Tenho rezado muito por ela e pelas crianças. Mas que quer? É a guerra. Nós sempre a evitámos, mas os portugueses têm feito tudo para nos oprimir e nos obrigar a recorrer às armas. Toda a Sagrada Família sabe que não é nossa culpa.

– Nós quem? – perguntou Hermenegildo.

– Nós, os do Kongo – disse Rodrigo dos olhos verdes. Houve uma pausa na conversa. Eu ouvia fascinado. Rodrigo estava muito diferente. Na primeira batalha em que participara, até se queixou de ter sido forçado a participar e se mostrara apreensivo por ter matado um homem. Desta vez não denotava qualquer sinal de remorsos, até apresentava a vaidade e arrogância dos vencedores. Certamente não tinha usado um pano para se camuflar, como da primeira vez, nem se preocupava com as caras conhecidas que poderia ter encontrado no lado adversário. O meu dono também estava impressionado como ele defendia com toda a naturalidade os interesses do rei do Kongo, pois disse:

– Não há dúvida, escolheste o teu campo.

– O campo da minha família, pai. Se os portugueses vencessem, sabe o que me fariam e à Cristina e aos nossos filhos? Não tenho dúvidas.

– Matilde diz que os portugueses acabam por vencer, teve uma visão – disse Hermenegildo. – E Ambrósio diz o mesmo, embora por outras razões.

Rodrigo dos olhos verdes sorriu. Sorriso de desdém? Sim, haveria algum desdém naquele sorriso. Pelo menos, um certo ar de superioridade. Não se passa incólume por uma guerra. Os portugueses tinham uns padres guerreiros que eram os mais raivosos contra os inimigos, apodados sempre de hereges e sacrílegos, justificando assim o facto de pegarem em armas para defender a Fé. Rodrigo tinha o mesmo ar de defensor da verdadeira

Fé, embora estivesse do outro lado. Foi Hermenegildo que captou no ar a pergunta que não formulei e a traduziu em palavras:

– Na batalha mataste algum padre? Serias capaz de disparar ou enterrar o teu sabre numa barriga de padre?

– Como diz o meu sogro, os padres portugueses que estão nas batalhas não são padres, são inimigos. Confirmado aliás pelo padre Mateus, aqui um dia numa conversa depois da batalha da Cavala. Disse claramente, é um sacrilégio padres pegarem em armas. Mas o padre Mateus é napolitano!

Rodrigo parecia ter resposta para todas as perguntas, mesmo as mais venenosas. Sem dúvida que estava muito diferente, seguro de si e das suas razões. Embora estivesse a chocar um pouco o irmão e o pai, habituados a um parente tímido e apagado, a mim tal atitude não chocava. Não me desagradava ver um Rodrigo tão adulto, esquecido o rapaz medroso que um dia tinha abordado Nzuzi na Ilha. Se lhe não desse a nova firmeza para a exercer sobre escravos indefesos...

– Que vais fazer, quando Cristina tiver a criança? – perguntou Baltazar, talvez para mudar de conversa.

– Volto para lá, claro. Não posso deixar os meus combaterem e eu ficar aqui na Ilha, comendo e bebendo. Só espero que todos os santos ajudem Cristina a ter um bom parto. Logo em seguida vou participar do cerco.

– Não precisas de ir – falou o pai. – A menos que te chamem, o que duvido, pois D. Agostinho deve preferir que fiques aqui a tomar conta da sanzala. Os filhos grandes foram todos com ele, segundo percebi.

– Se me meti neste barco, agora tudo farei para que ele não meta água, pela Nossa Senhora da Purificação das Almas. Mesmo se não for chamado, vou lá ver como param as modas.

Novo silêncio. Era conversa que não agradava ao meu dono, mas também não sabia sair dela. As mulheres estavam em casa, à volta de Cristina Nzuzi. Nós estávamos no njango. Ou melhor, os donos estavam no njango, eu estava fora, encostado a uma árvore, mas era como se estivéssemos todos juntos, o njango não tem paredes que separem as pessoas, apenas uma cobertura redonda de capim e

umas cadeiras que aparentam ser extremamente confortáveis, pelo prazer que eles têm ao estar sentados nelas. Um dia haveria ainda de sentar numa daquelas cadeiras de D. Agostinho Corte Real, feitas com as melhores madeiras do Kongo, trabalhadas com figuras de elefantes e macacos, só para conhecer a sensação de ficar assim inclinado, quase deitado, com a mão a desfiar areia branca.

– Mas achas que depois de vencerem os portugueses, os holandeses não vão oprimir o Kongo?

– Não sei, pai. Mas isso é outra estória, como diz o meu sogro. Por enquanto ainda estamos nesta, para quê antecipar? Claro que tenho algumas apreensões. Agora são muito amigos, porque somos aliados contra os portugueses. Também a Jinga... Depois não sei, nem quero pensar.

– E o Ouman? – perguntou Hermenegildo. – Tratou-te bem?

– Ele ignora-me... A menos que estivesse a falar para mim quando teve uma conversa sobre mulatos com o Mani-Luanda...

– Que conversa foi essa? – perguntou Baltazar, sem poder esconder o interesse que lhe suscitava o novo tema.

– Foi numa pausa da caminhada. Ele às tantas começou a dizer que era contra o hábito que tinham os portugueses de fazerem mulatos. Que os negros e os brancos deviam se entender, mas não se misturarem. São espécies diferentes e na Natureza os macacos não se misturam com os veados, ou os coelhos com os bois. Que um mulato é um ser contra a Natureza, devia ser considerado fruto do pecado, uma aberração, um monstro.

– Ele disse isso? – gritou Hermenegildo.

– As palavras podem não ter sido rigorosamente assim, pelas santas chagas de Cristo, mas a ideia era essa. Que os portugueses estão a criar uma raça de monstros, contra os preceitos divinos.

– Até parece que só os portugueses fazem mulatos... – disse Baltazar. – Aqui em Luanda estão a nascer uns mulatitos e não há agora portugueses para tantos. Se há poucas mulheres brancas, só há homens, é evidente que têm de aparecer resultados das misturas.

– E não foi ele que teve uma mulher do Kongo? – disse Hermenegildo. – Ela morreu. Se tivesse vivido, não paria mulatos?

Rodrigo dos olhos verdes fez um gesto a varrer as palavras. Sorriu.

– No entanto, foi o que o director Ouman disse. Que os mulatos eram seres aberrantes, contra a Natureza. Falou ainda de uma discussão antiga que não terminou na Europa sobre os índios da América e os negros, uns dizem que não têm alma e portanto não podem ser considerados seres humanos. Mas cada vez a opinião se inclina para o contrário, índios e negros têm alma mesmo, o que ele, Ouman, aprova totalmente. Os negros e os brancos são gente, tudo bem, mas cada um no seu canto, nada de misturas. Os portugueses se misturam com as mulheres negras, mas continuam a considerar os negros seres inferiores.

– Isso é verdade – disse Baltazar. – Mas também os holandeses os consideram inferiores. E essa discussão sobre a alma já está resolvida há muito tempo, os Jesuítas deram um grande contributo para provar que os índios têm alma. Dos negros não se falou mais, mas supõe-se que não serão inferiores aos índios...

– Se mesmo os do Kongo consideram a gente da Jinga inferior... – disse Hermenegildo. – E talvez Jinga também despreze o senhor Garcia II do Kongo...

Aquela conversa estava a chegar ao ponto que só um pouco de maluco podia animar. E não foi mesmo o que aconteceu? Veio a cabaça, trazida por uma rapariga linda, talvez sobrinha do Mani-Luanda, e os senhores se serviram generosamente. Esqueceram de mim, mas de que estava eu à espera? Me restou adivinhar o sabor com que eles se deliciavam, os grandes egoístas.

– O Ouman talvez tenha falado para ti, para te insultar – disse o pai. – Porque, além de seres mulato, és um Van Dum, para ele uma raça pior que negros ou mulatos. E falou correndo todos os riscos de ofender o seu amigo D. Agostinho. O teu sogro não disse nada?

– Apenas que todas as criaturas são filhas de Deus, inclusive os mulatos. Mas o Ouman nem ouviu, ou fingiu não ouvir. E o Mani-Luanda não insistiu. Para quê arranjar maka por uma questão secundária? Estávamos na véspera de uma batalha, dependentes da vontade de Nossa Senhora dos Milagres.

Depois andaram por ali às voltas, sem avançarem com a conversa para pontos novos, levando o meu dono a se queixar da incompreensão do director holandês, de onde poderia ter tirado tanta raiva contra os Van Dum, seria do facto de ele ter criado tantos mulatos, sendo flamengo? Ou teria D. Agostinho razão ao lembrar a raiva de Ouman contra os flamengos do sul, súbditos passivos do rei de Espanha? Os filhos não faziam mais que dar achegas para tão impenetrável mistério, pretexto para irem varrendo o maluco que a bela rapariga regularmente trazia em cabaças, bem perto das minhas goelas sequiosas, da minha língua tumefacta, rígida de tanta secura e falta de piedade, um raio divino que os parta.

Voltámos muito tarde para casa. Embora as senhoras tivessem mandado numerosos mas discretos recados que já estava na hora de recolher, os senhores não queriam se despedir do inesgotável maluco. Eu bem os entendo. Quando conseguimos chegar à sanzala, cansados e a morrer de fome (nós os cinco, os escravos, evidentemente, pois os outros tiveram um lanche de peixe grelhado com molho de mufete, acompanhado com feijão cozido em óleo de palma), já Gustavo dormia no quarto de Catarina. Seria raptado quinze dias depois, para nunca mais o vermos, como já referi. Se me tivessem dado maluco na sanzala do Mani-Luanda, as coisas com Gustavo teriam sido diferentes? Como diria Matilde, nunca se deve especular muito sobre o futuro, quando se não é especialista. Mas acho honestamente que da mesma maneira as minhas mãos ficariam sem força quando Dolores puxasse o filho, quem tem força para resistir a mãos de mãe?

# CAPÍTULO DÉCIMO SEGUNDO

*(Agosto de 1648)*

«... depois de termos marchado pouco menos de meya légoa, por ser dia da glorioza Assumpção da Virgem Senhora com ordem do general se armou altar portátil a huma arvore a que chamão aliconde, e nelle disse missa o Padre Capelão mor assistindo todo o exército a ella como podia.»

Carta do Pe António do Couto, Luanda,  
5 de Setembro de 1648, Biblioteca da Ajuda, 51-VII-48

Foi no dia 12 de manhã que apareceram as velas brancas. Um escravo foi avisar Baltazar Van Dum, barcos, bué de barcos, patrão. Fomos para fora da sanzala, junto do alto da barrocas, o meu dono, Nicolau, Hermenegildo e Jaime da Câmara. Baltazar assestou a luneta, enquanto Jaime e Hermenegildo contavam os barcos, são oito, é mesmo uma armada, de quem serão? O meu dono reconheceu os estandartes, são naus portuguesas, por Deus.

A esquadra avançava lentamente para norte, quase colada à Ilha, do lado da contracosta. Era visível há pouco tempo, pois se levantara a névoa matinal do cacimbo. Como era habitual nesta estação, o dia estava cinzento. Mas do alto das barrocas podíamos avistar os axiluanda da Ilha se juntarem junto da praia, provavelmente comentando. E vimos dois veleiros saírem lestos do porto e se dirigirem para a entrada da baía, ao encontro dos outros. Os dois barcos iam combater os portugueses? Parecia loucura, pois eram os dois únicos que estavam fundeados e nem eram naus de guerra. Talvez fossem parlamentar com os recém-chegados, admitiu

Hermenegildo. Nessa altura divisámos mais uma embarcação a sair da névoa que ainda encobria o alto mar e se dirigindo para o norte.

– Afinal são nove barcos – disse Jaime da Câmara, excitado.

– Será o reforço que nos vem ajudar?

E da névoa saiu mais um, já eram dez. Os mafulos corriam na Praia Grande, dentro da baía, e pareciam se reunir na fortaleza do Morro. Era longe demais para se adivinhar o que faziam e que ordens eram gritadas, mas não havia dúvidas que a agitação era grande no Bairro dos Coqueiros e na cidade alta. Até que se divisou mais um barco e logo outro a seguir, vindos sempre do sul.

– Já são doze – disse Nicolau.

– E não consigo distinguir a nau almirante – disse Baltazar. – Portanto ainda deve haver mais navios.

– É uma armada que nunca mais acaba – se alegrou Jaime da Câmara. – Sempre quero ver se os dois barcos dos holandeses se atrevem a lutar.

De facto, os dois veleiros se dirigiam a toda a velocidade para a saída da barra, convergindo para os primeiros barcos portugueses que se aproximavam da ponta da Ilha. Antegozei o espectáculo inédito de um combate marítimo, embora o resultado fosse evidente. Mas em breve fiquei defraudado, pois os holandeses viraram para o norte, saindo da baía pelo lado do Morro das Lagostas, o mais longe possível das naus portuguesas que atingiam a entrada da baía pelo lado sul. Continuaram a fuga para norte, perseguidos por quatro embarcações portuguesas que nem se dignaram disparar os canhões, só lhes berridar. Os outros veleiros entraram para a baía, reforçados por mais dois que entretanto saíram do cacimbo. Ao todo, até então, eram catorze os barcos portugueses, mas só dez avançaram pela baía, pois os outros quatro continuavam a caça aos mafulos que corriam ao sabor dos ventos para norte.

Soubemos mais tarde que a esquadra portuguesa saíra do Rio de Janeiro forte de quinze barcos e mil e quatrocentos soldados e chegara à costa de Angola por alturas do Quicombo, onde fez aguada. Era comandada pelo general Salvador Correia de Sá e Benevides, de nobre família que dominava há décadas o Rio de Janeiro, e investira muito dinheiro na expedição. Seis barcos eram

pertença do Rei de Portugal, sendo o resto a contribuição dos colonos do Rio, desesperados por não terem acesso ao melhor porto de embarque de escravos de toda a África ocidental. No Quicombo a esquadra sofreu os rigores de uma tempestade e a nau almirante se partiu ao meio, tendo perecido com ela o almirante e cerca de duzentos homens. Mas isso só soubemos depois. Os portugueses tinham avançado para norte e perto da barra do Kuanza lançaram a terra alguns emissários para tentarem chegar a Massangano, avisando da chegada do reforço e pedindo que todos os homens válidos convergissem armados para Luanda. Só que os emissários foram aprisionados pelos holandeses do forte do Kuanza e mandados para Luanda a toda a velocidade, para contarem o que sabiam. Cederam à tortura no momento em que os barcos apareciam na névoa que encobria o mar de Luanda. Por isso os holandeses não tiveram tempo para aproveitar a informação, excepto enviar os dois veleiros para medir as forças inimigas. Os pilotos de facto mediram as forças e consideraram com razão que tinham terminado a sua missão em Angola, fugindo descaradamente para S. Tomé, para desespero dos que comandavam no Morro. E estes nem sabiam que a nau almirante dos portugueses se perdera. Por isso contavam os barcos, dizendo para si próprios que faltava essa nau e as outras que a acompanhavam, pois a nau almirante nunca anda sozinha, senão almirante não seria. O que significava uma força de fogo absolutamente irresistível.

Sem saber o que se discutia na fortaleza do Morro, o meu dono expressava as mesmas dúvidas, ao ver as armaduras brilhantes que já eram perceptíveis a bordo das naus e os canhões que apontavam para a cidade:

– Se quiserem atacar, não vão encontrar grande resistência. O Ouman levou a maior parte dos homens para flagelar Massangano. Aqui os mafulos não têm mais de duzentos soldados, uma grande parte deles com as febres.

– E vão atacar mesmo – disse Jaime da Câmara. – Para ajudar os nossos, que estão cercados em Massangano. Tem de ser.

Os barcos se espalharam pela baía, prontos para responderem aos canhões da fortaleza do Morro, se esta abrisse fogo. Mas alguns se

dirigiram para mais perto de nós, ficando fundeados entre a fortaleza do Penedo e a de Cassondama. Nem Cassondama nem o Penedo se manifestavam, ou por já serem fortes vazios de soldados ou por não quererem iniciar as hostilidades, antes de saberem as intenções do comandante português. E qualquer dos dois baluartes estava a distância adequada para bombardear a armada com algum êxito, embora depois tivessem de sofrer os efeitos do fogo de centenas de canhões. Tempo depois, os quatro barcos que perseguiram os mafulos entraram também na baía, desistindo da caça. Eram portanto catorze a coalharem as águas eternamente tranquilas.

– Ainda falta a almirante e o resto da armada – disse Baltazar. – Quantos serão afinal ao todo?

A mesma pergunta, como já vimos, torturava a cabeça dos mafulos, reunidos na fortaleza do Morro e na de Nossa Senhora da Guia, postada mesmo ao lado da primeira, mas na praia. Foi nesse momento que um bote se afastou de uma das naus, chamada pelo meu dono capitânia, certamente por causa de algum estandarte que ostentava. O bote tocou terra e dele saltaram três homens que avançaram pela Praia Grande a caminho da cidade.

– Foram parlamentar – disse Baltazar. – Então não vão atacar já, devem levar primeiro a ordem de rendição.

– Acha que os mafulos se rendem? – perguntou Hermenegildo.

– As forças são muito desproporcionadas, só se forem burros é que não se rendem. Ou então por medo das fúrias do Ouman, aquele raivoso... Mas temos de tomar decisões... Nicolau, vou te pedir um grande favor. Era preciso dizer ao Ambrósio para vir cá para a sanzala. A cidade pode ser bombardeada, ou aí se travarem combates, onde os civis podem sofrer. Isto aqui está muito isolado, não tem interesse militar, é pois um sítio sem perigo.

– Vem só ele, pai? – perguntou Nicolau.

– Claro que não. Que traga a família.

Quando nasceu o neto, Baltazar, respeitando todas as previsões, se reconciliou com Angélica Ricos Olhos. E mais de uma vez ela veio visitar a família. Mas continuava a querer viver na cidade, na sua casa, embora sustentada pelo sogro. Este ainda avançou a Ambrósio

uma ideia, podíamos construir mais uma residência na sanzala para vocês, espaço não falta. Primeiro seria modesta, não havia grandes negócios a justificarem despesas exageradas, mas pouco a pouco seria melhorada. Mas Ambrósio foi logo dizendo, é melhor não, pai, Angélica gosta de viver no meio da cidade, com muita gente, a sanzala fica muito isolada do movimento. O meu dono não apreciou as razões, faziam recordar outras vidas de Angélica Ricos Olhos com exagerado movimento, mas calou, o passado tinha sido enterrado e a paz ainda era precária.

– Vai lá avisar o Ambrósio. Enquanto estiverem a parlamentar, não haverá combates, podes atravessar a Baixa nas calmas... E outra coisa. Vai à Ilha falar com o teu irmão Rodrigo. Se os portugueses tomarem a cidade, ele fica com a situação difícil, andou em combates e todos sabem. Era melhor atravessar de bote para a Corimba e dali partir para o Bengo. Fica lá no arimo a salvo enquanto se não definem as coisas. Com a Cristina e as crianças, claro.

– Hum, ele não vai agora sair da Ilha – disse Hermenegildo. – O sogro está com o Ouman. O Rodrigo é responsável por toda a família do Mani-Luanda. De facto, neste momento ele é o governador interino da Ilha e parece que tem muito orgulho nisso. Talvez até tenha razão.

– Ele decidirá. Mas deve possuir todos os dados e nós devemos aconselhá-lo a ir para o Bengo. Mesmo que não vá agora, fica com a ideia. Ainda outra coisa, Nicolau. Passa pela casa do senhor Fernandes de Pinda. Diz que eu o convido a retirar cá para a sanzala. Ele é odiado pelos holandeses, que o tomam por um espião dos portugueses, ainda lhe fazem alguma quando estiverem desesperados.

Os outros não admiraram a lembrança, apenas devem ter achado que era pura generosidade de Baltazar. Mas eu conheço o meu dono, não dá ponto sem nó. Também estava convencido de que os portugueses iam ganhar e queria ficar com alguns trunfos para apresentar em caso de necessidade. Correr o risco de dar guarida ao senhor Fernandes de Pinda era um atestado de lealdade para jogar em momento de aperto. Ah, grande Van Dum, um vivaço!

– O Hermenegildo vem comigo, pai? Era bom para convencer o Rodrigo.

– Não, se houver dificuldade, tu safas-te melhor nos tiros que o Hermenegildo.

– Quem lhe disse, pai? – perguntou Hermenegildo, fazendo cara de ofendido. – Acho mesmo melhor eu ir também. O Rodrigo agora anda muito convencido da sua coragem nova, não vai aceitar facilmente argumentos sensatos. Dois a procurar convencê-lo não seremos de mais. E de onde tirou o pai a ideia de que o Nicolau se safa melhor do que eu se houver complicações? Não estamos no mato e a cidade é o meu meio natural.

E não esperou que o pai replicasse. Começou logo a descer a ladeira, em direcção ao forte do Penedo, aparentemente desocupado. Nicolau seguiu-o. Baltazar encolheu os ombros, depois gritou:

– Não percam tempo com muitas conversas. Logo que acabem as negociações pode começar o fogo.

Veio Ana perguntar se não iam almoçar e o meu dono disse, tragam comida para aqui, tenho de ficar de vigia. Mas o Jaime pode ir, ele prefere comer na mesa. No entanto, o genro também decidiu ficar a olhar os barcos salvadores, à espera que os três emissários regressassem a bordo. De todos, era sem dúvida Jaime o mais excitado. Pudera, os outros não tinham os pais e irmãos cercados em Massangano, a família completa, só tinham uma filha ou irmã. Ana voltou com comida e vinho para os dois. Sentados no chão, devoraram o guisado e beberam o vinho com sofreguidão. Me alimentei do cheiro do guisado e da cor do vinho.

Momentos depois, os três emissários apareceram na Praia Grande e rodearam parte da baía, se dirigindo ao bote encalhado à sua espera. Ainda tinham de percorrer uma grande distância.

– O Nicolau e o Hermenegildo não tiveram tempo de dar todas as voltas – disse o meu dono. – Espero que só comece o bombardeamento mais tarde. Se os mafulos não se renderam entretanto...

– Os portugueses estão a precisar de informações – disse Jaime da Câmara. – Temos de lhes falar das condições difíceis de

Massangano, da urgência do ataque...

– Não estás a pensar...

– Estou. Alguém tem de os informar da posição das defesas e sobre as forças dos mafulos. Eles não podem estar ao corrente de tudo. Sempre ouvi dizer que num combate é muito importante saber como está o inimigo, pois qualquer erro pode ser fatal. E é decisivo que este reforço tome a cidade, não acha?

Jaime fez menção de descer as barrocas, mas Baltazar segurou-o por um braço, espera. O genro obedeceu, mas olhava avidamente os três homens que se aproximavam do bote. Se descesse a correr as barrocas chegaria junto deles antes que embarcassem. Mas o meu dono segurava o braço dele, fazendo contas rápidas à vida, seria útil ou prejudicial que o Jaime iniciasse a corrida?

– Nada de precipitações. Os holandeses estão a espiar os emissários e o bote. Nunca passarias despercebido. E sabes o que aconteceria? Vinham logo aqui os soldados para nos castigar. Queres pôr em risco a vida da tua mulher e do teu filho?

– Mas nós podemos ser de muita utilidade. Devemos entrar em contacto.

– Não agora, não de dia. Deixa o senhor Domingos Fernandes chegar, ele é que sabe dessas coisas.

Argumento forte, notei na maneira como o braço de Jaime se distendeu. Sentou de novo na terra vermelha do alto das barrocas. Ficámos a ver os três emissários chegarem ao bote e este se afastar de terra a caminho da nau capitânia. Subiram a bordo, o bote foi recolhido e a nau capitânia se afastou para mais perto de Cassondama, distante pois dos canhões da fortaleza do Morro.

– Agora o comandante já sabe que os holandeses se não renderam – disse Baltazar. – E vai dar ordem de começar o fogo. Porque aposto que os holandeses não se renderam.

Abri bem os olhos. Não era todos os dias que se tinha o privilégio de assistir a um bombardeamento por tantos navios sobre uma cidade. E longe da linha de fogo, o que deixava apreciar melhor o espectáculo, sem o medo de alguma granada nos cair em cima da cabeça. Mas nada acontecia. Os barcos estavam estranhamente parados nas águas sempre calmas da baía. Raramente ia um bote de

um lado para outro, criando algum centro de interesse. As garças e os típicos corvos da Ilha deviam também andar freneticamente por ali, riscando de asas o céu, mas quem reparava neles em momentos de tanta expectativa?

– E não vem nenhum dos nossos – resmungou Baltazar. – Que estão eles a fazer lá na cidade para demorarem tanto tempo?

Só quando a tarde estava a declinar, vimos quatro vultos subirem pelo caminho que dava acesso à sanzala. Em breve os distinguimos, Nicolau, Hermenegildo, Ambrósio e Angélica Ricos Olhos. Ambrósio trazia o filho nos braços. Chegados ao portão da sanzala, os homens vieram ter connosco ao alto da falésia, enquanto Angélica levava o filho para dentro da casa grande.

– Afinal só vieram vocês? – perguntou o meu dono. – Demoraram tanto que pensávamos que nem vinham.

Nicolau sentou logo no chão e Hermenegildo imitou-o. Ambrósio parecia menos cansado. Ficou de pé, olhando com curiosidade a baía e os barcos ancorados. Foi ele também o primeiro a falar:

– Ficámos a ouvir as novidades. Não podíamos vir sem todas as notícias.

– E então? – perguntou Jaime da Câmara.

– Os holandeses pediram três dias de tréguas para chamarem o Director Ouman e os soldados que estão no mato. Os portugueses deram evidentemente ordem de rendição. Os mafulos queriam oito dias, mas os portugueses disseram três dias já são de mais. Se não se renderem dentro de três dias, os portugueses atacam. Tínhamos de saber isto antes de virmos, não acha, pai?

– Mas porquê pediram três dias? – perguntou Baltazar. – Para pensar?

– O Ouman não está em Luanda e o substituto não quer tomar a responsabilidade de uma decisão, e ainda menos o major Valeth que é um pau mandado como todos sabemos. Pediram pois o prazo para consultar o Director. E na esperança de recolherem todos os soldados que estão pelo sertão. Sempre se poderão defender melhor, no caso de não aceitarem se render.

– Era o que eu temia – disse Jaime da Câmara, se virando para Baltazar numa atitude quase acusadora. – Os portugueses não

sabem que deve haver menos de duzentos mafulos em Luanda e a maior parte doentes. E lhes dão tempo de receberem os reforços do interior.

– Preferem tomar a cidade sem combate, sem mortes nem destruições – disse Hermenegildo. – Me parece normal.

– E o Rodrigo? – perguntou Baltazar.

– Não quis vir – disse Ambrósio. – A pedido dos manos, eu também fui tentar convencê-lo. Agradeceu os cuidados, mas da Ilha só sai se for com armas para defender a fortaleza do Morro. Está a substituir o Mani-Luanda e nem quis muita conversa conosco, pois ia falar com os capitães dos mafulos para organizar a defesa de Luanda com os axiluanda que comanda.

– Virou mesmo guerreiro, quem diria! – exclamou o pai.

– Chefe da Ilha – disse Hermenegildo. – A única promessa que conseguimos foi que mandasse a Cristina e os filhos imediatamente para o Bengo, logo que as coisas corram mal. Mas insiste em dizer que a Ilha é território do Kongo e os portugueses não ousam pôr ali o pé.

– Que ideia! – disse Jaime. – Se o Kongo está em guerra com os portugueses... Então que anda a fazer o Mani-Luanda com os seus homens lá para os lados de Massangano? Se há guerra lá, então a Ilha pode muito bem ser conquistada. Acho aliás que é a melhor coisa, para acabar com a empáfia do Corte Real.

– Xê, não fala assim, é quase nosso parente – disse Ambrósio.

– Vosso, se quiserem. Meu é que não é.

– Já nem se pode brincar, ficas logo todo abespinhado – disse Ambrósio, lhe batendo no ombro.

Se Rodrigo estava combativo por causa das guerras em que provou o odor do sangue, Jaime da Câmara também ficou muito mais falador e decidido desde que viu as naus infestando a baía de Luanda. A tentativa de ir falar com os emissários era impensável na figura que nos acostumámos a conhecer, prudente e ponderada. A guerra faz os brancos ficarem diferentes do habitual, como faz uma valente bebedeira? Deve ter efeito em todos, brancos ou não, a guerra é um ser vivo complicado e com muitos frutos. A quem ouvi eu dizer isto? Foi há muito tempo, na corte de Jinga. Não foi da boca

desta certamente, o meu rei era incapaz de observações assim. Deve ter sido a doce D. Bárbara, a minha Mocambo, ainda e sempre prisioneira em Massangano. Essa sabia ver as modificações nas pessoas, olhava para elas com atenção e sentia o que passava no mais íntimo. A rainha não, se olhava para as pessoas apenas via interesses. Por isso me ofereceu. E foi enganada.

– E o senhor Fernandes, falaram com ele? – perguntou Baltazar.

– Sim – disse Hermenegildo. – Vem para cá quando estiver a expirar o prazo para a rendição. Antes disso prefere ficar na cidade, mesmo com risco de vinganças por parte dos mafulos. Ah, claro, agradeceu muito o convite, pai.

– Amanhã vou à cidade falar com ele – anunciou Jaime, enfrentando o sogro. Li um desafio nos olhos dele.

– Vou contigo – concordou Baltazar, placidamente.

O que fizeram logo nas primeiras horas da manhã. Também não iam ficar no alto das barrocas a olhar o mar e os imóveis barcos durante dois dias. Mas me espantei muito pela forma tão rápida como Baltazar quis acompanhar o genro, pois ele já se deslocava com alguma dificuldade, mesmo na rede, dado o peso e a idade. O trabalho ia ser dos desgraçados carregadores, deitando os bofes pela boca. Encontrámos a cidade com muito menos agitação, pois os moradores evitavam sair à rua, nunca se sabia se os portugueses de facto iam cumprir o prazo sem bombardear a aglomeração. Os soldados se tinham todos concentrado na fortaleza do Morro, onde reinava grande actividade, com os últimos preparativos de reforço das defesas. Para camuflar estes trabalhos dos vigias da armada, os holandeses tinham estendido varas de panos sobre a amurada de S. Paulo. O senhor Domingos Fernandes disse que também havia obras entre o convento de S. José dos Franciscanos, o qual era o ponto mais interior da cidade alta, e o colégio dos Jesuítas, provavelmente para cavarem trincheiras e montarem alguma artilharia. Esse ponto e o forte de Santo António seriam a barreira norte. A defesa a sul era a Fortaleza do Morro de S. Paulo e o forte de Nossa Senhora da Guia, montado na sua base. Pelos vistos, os mafulos apenas se queriam defender na cidade alta, conscientes da sua fraqueza numérica, que lhes impedia se espalharem de mais.

– Devemos dar essas informações ao comandante da expedição – disse Jaime da Câmara. – Eles devem desconhecer as posições das defesas. E que os holandeses esperam os reforços do interior.

– Só de barco se poderia chegar até ao comandante – disse o senhor Fernandes de Pinda. – Não é fácil. Mas estou de acordo que o deveríamos fazer. Afinal esperámos tantos anos por este momento e agora ficamos parados?

– Acho muito perigoso – disse Baltazar. —São ainda os mafulos que mandam na cidade e estão atentos a tudo.

– Um bote à noite podia sair da baía e chegar até aos barcos – disse Jaime. – Sou voluntário, se me arranjam um bote e alguém que reme.

– Seria muito fácil a partir da Ilha – disse o senhor Fernandes. – É onde há mais botes e o sítio mais próximo dos barcos da armada. Mas não se pode contar muito com os axiluanda, não é mesmo? A menos que o seu filho, amigo Van Dum, facilitasse as coisas...

O meu dono se sacudiu repentinamente, como se um bando de mosquitos o tivesse atacado. O outro tentava a ironia, afinal era o único a não saber de que lado estava Rodrigo dos olhos verdes? Mas Baltazar também não o queria confirmar, ia ser então o pai a enterrar ainda mais o filho, confessando ele anda em reuniões com os capitães mafulos para estudar a maneira de melhor defenderem a cidade? Mas, curiosamente, foi Jaime da Câmara que respondeu.

– O Rodrigo não o pode fazer, por lealdade ao sogro, o Mani-Luanda. Nem devemos colocá-lo numa situação tão difícil assim. Temos de resolver o problema a partir daqui e não da Ilha.

O meu dono olhou para o genro com reconhecimento. Era muito mais convincente ser Jaime a dizê-lo do que Baltazar, o senhor Fernandes sabia de que lado estavam os Câmaras, não havia dúvidas a esse respeito.

– Não sei como se pode fazer isso – disse o senhor Fernandes. – Não tenho barco nem posso alugar um à noite para ir ter com os veleiros. O dono do bote ia logo contar aos hereges. E não se esqueçam de uma coisa. A Praia Grande à noite está bem vigiada, deve haver um soldado todos os vinte metros. Os holandeses também devem temer desembarques escondidos e tomam

precauções. Partindo do vosso lado, sim, é possível. Cassondama foi abandonada ainda ontem. A norte da fortaleza do Penedo não há mafulos.

– Mas também não há botes – disse Jaime.

O senhor Fernandes de Pinda sentia que devia dar uma ideia, pois então não era ele o espião reconhecido? Mas por muito que piscasse o olho direito, enquanto mantinha o esquerdo bem aberto, não lhe ocorria nada. Houve uma altura em que podia fazer muito mais, tinha escravos à vontade e mesmo forros que lhe obedeciam. Mas os últimos tempos foram uma desgraça para o comércio e só possuía os escravos da casa, sem nenhum préstimo para operações arriscadas. E teve de vender os dongos e botes que chegara a possuir. Os outros dois estavam à espera de uma sugestão e o senhor Fernandes teve de dizer:

– Se fizerem sinais de terra, perto da fortaleza de Cassondama, só os dos barcos é que vos podem ver. Há naus perto de Cassondama, aliás. Eles acabam por mandar um batel para saber o que vocês querem.

– Ou uma bombardarda – disse Baltazar. – A única solução é esperar nas barrocas até que um bote deles venha a terra e então entrar em contacto.

– Como ontem eu devia ter feito – disse Jaime.

– Não, ontem eles desembarcaram na Praia Grande, à vista de todos os mafulos. Temos de esperar que desembarquem entre o Penedo e Cassondama, aí já não há grande perigo de algum vigia descobrir.

– Se isso não acontecer, vou mesmo fazer sinais para os navios e correr o risco de levar uma bombardarda – disse Jaime da Câmara.

O senhor Fernandes de Pinda não falou, mas baixou a cabeça duas vezes em assentimento e lançando um olhar líquido sobre Jaime.

Do que me pude aperceber, a iniciativa de falar com o espião não tinha dado grande resultado, senão para mostrar a determinação de Jaime em informar a esquadra atacante acerca da situação. Voltaram os dois como tinham ido, sem um plano. Mas Baltazar vinha contente, deitado na rede e com a mão a roçar no chão. Ainda

pensou em dar um pulo à Ilha falar com Rodrigo, mas depois recuou, não, é melhor deixá-lo com os seus preparativos de combate, não quero nem saber. Porquê o meu dono vinha contente se tinha sido aparentemente um passeio inútil? Talvez mesmo por isso, vá lá se entender tudo o que passa numa cabeça de branco. Indicou aos carregadores a bodega do Pinheiro e convidou o preocupado genro para ela, não podiam passar por ali sem beber um vinho a comemorar. Felizmente para Baltazar, havia sempre algo a celebrar, quando passava por uma bodega.

A taberna apresentava o mesmo aspecto da cidade, com um único cliente sentado numa mesa. E a servir as moscas estava o forro que ajudava normalmente o Pinheiro no atendimento. Baltazar se deixou cair numa cadeira de braços que rangeu perigosamente, e pediu uma jarra de vinho, das pequenas, pois ainda era manhã. Então perguntou pelo dono da bodega.

– Pinheiro foi buscar mulher.

Perante o espanto de Van Dum e do genro, tão mudos como eu pela surpresa, o forro explicou melhor:

– Foi à minha terra. Já lá tínhamos estado uma vez e ele viu a minha irmã. Gostou. Agora foi lá levar o alembamento para trazer a minha irmã como mulher. Já tinha idade de casar e ter filhos, foi o que Pinheiro disse.

– E tem razão, já não é nenhuma criança – disse Baltazar. – Quando foi? E quando volta?

– Foi na semana passada. É para lá do Dande, mas já tem tempo de voltar, se a festa não demorou muitos dias.

– Nunca se sabe quanto pode demorar uma festa, não é mesmo?

– Ele levou muito vinho – disse o forro.

– Então ainda demora a voltar – disse Baltazar.

Todos riam com a ideia de Pinheiro ter ido buscar mulher no mato. E logo irmã do ajudante. Quer dizer, o forro passava a cunhado, era quase sócio da bodega. O meu dono entretanto foi bebendo quase todo o vinho, pois Jaime se furtou a uma segunda caneca. Jaime não só era pouco apreciador, como estava com pressa de regressar à sanzala. O que lhe interessava agora era entrar em contacto com os das naus. No momento de pagar, Baltazar disse para o forro:

– Tens então de tomar bem conta disto, agora que és cunhado do dono. Mas hoje está muito vazio, não é normal.

– Não há navios a chegar, só esses portugueses que bloquearam a entrada da barra. E as pessoas da cidade estão com medo de sair à rua. Mas mais logo vão aparecer fregueses, não resistem, as gargantas ficam muito secas à tarde.

E o cunhado do Pinheiro riu, limpando o tampo da mesa de umas inexistentes gotas de vinho. Nós avançámos para a sanzala, sem mais nada para fazer na cidade esvaziada de pessoas. Um cão rafeiro nos acompanhou durante uns metros, também ele procurando companhia. Mas desistiu, quando se apercebeu que não íamos parar para o cumprimentar. A manhã estava fresca, eu diria mesmo fria, com o cacimbo a tapar a visibilidade na baía, por isso não custou subir o caminho que serpenteava nas barrocas. Não me custou a mim, pois os carregadores chiavam com o peso de Baltazar e os corpos nus se desfaziam em suor. Jaime da Câmara subiu lestantemente, nem esperou por nós, talvez ansioso por notícias.

Se estava à espera de grandes novidades, em breve se desiludiu pois a mulher disse, aqui não aconteceu nada. Matilde perguntou logo como estava a cidade, no que foi acompanhada por Angélica Ricos Olhos, saudosa já da sua casa nos Coqueiros. Só mesmo Hermenegildo contou ter visto um batel avançar da armada para os lados de Cassondama. Não sabia se tinham desembarcado, se já tinham voltado para os barcos, deixara de observar a baía e a armada. No fundo, era o que Jaime procurava. Se mandou logo para o norte, dizendo para a mulher não esperes por mim para comer, tenho um assunto muito urgente a tratar. Quando o meu dono chegou na sanzala, com os carregadores em quase estado de coma, lhe disseram que o Jaime já tinha avançado para Cassondama e ele logo percebeu o que fora fazer. Só disse, esperemos que seja prudente, era melhor ter ido acompanhado. O que fez Ana se agarrar à boca, em nítida crise nervosa, mas que loucura fora fazer o marido, no geral tão tímido e sossegado? Mas ninguém podia remediar e quando foi servido o almoço todos comeram com grande apetite, imagino eu, pelo intenso barulho que faziam tantas colheres a chocar contra os pratos de barro.

Depois do almoço, na varanda, Ana se encostou misteriosamente na rede onde o pai pouco antes deitara. E segredou a pergunta que só mesmo os meus ouvidos treinados captaram:

– Que coisa tão importante foi o Jaime fazer que nem esperou para comer?

– Não tão importante que mereça ser contado a uma mulher. Ele depois que te diga, se quiser. Eu não sei de nada.

E não cedeu aos rogos da filha inquieta, a qual teve de esperar em agonia até à noite para reencontrar um enfraquecido marido. Pois era um Jaime exausto e esfomeado que apareceu na sanzala, já a lua cheia subia no horizonte. Primeiro conferenciou com o sogro e os cunhados, só depois foi comer. E disse que tinha sido inútil a viagem e a espera, não encontrou marinheiros, nem dos barcos devem ter visto os sinais desesperados que fez de terra, pulando e gritando, agitando os braços de forma ridícula para chamar a atenção. A solução era amanhã lá voltar, mas preparado para fazer uma fogueira, pois só com fumo alto reparariam nele. Então não era mesmo incrível que tivesse informações para dar, talvez vitais, e da armada não se interessassem minimamente na colheita? As instruções certamente ensinavam que os guerreiros deviam andar sempre com homens em terra, a pesquisar todos os indícios.

– Têm medo de mandar pequenos grupos, não sabem onde podem estar os holandeses – disse Ambrósio. – Em princípio, toda a gente que aqui está é inimiga deles.

– O governador Pedro César de Menezes sabia que nem todos eram inimigos – disse Baltazar. – Certamente deu essas informações ao comandante da armada.

– E se não deu? – perguntou Ambrósio. – Nem sempre as coisas são organizadas como pensamos... E mesmo se deu, será que o comandante tem em boa conta o antigo governador?

Quando Jaime da Câmara entrou para comer, Ambrósio fez uma pergunta em voz baixa ao pai, tão baixa que nem penso que Hermenegildo, o outro ocupante da varanda, tenha conseguido ouvir:

– Então ficamos definitivamente do lado dos portugueses, não é?

– Eles vão ganhar esta guerra, está visto – disse Baltazar. – Não foste tu que uma vez disseste isso? Mas não devemos sobressair muito, pelo menos por enquanto. O teu cunhado Jaime está a exagerar na imprudência, cheio de frenesim, mas não posso travar o ímpeto dele, senão pensará que estamos do outro lado. Bem basta termos o Rodrigo naquela posição comprometedora...

– Que será do Rodrigo? Vai ficar numa situação muito complicada.

– Espero só que não a complique ainda mais – disse o meu dono.

Temores confirmados no dia seguinte, quando o senhor Fernandes de Pinda apareceu com a mulher e filhos na sanzala, fugindo das ameaças de um holandês bêbado que o acusava de estar a espiar os preparativos na fortaleza para depois passar as informações à armada que descansava na baía. Admirei a perspicácia do meu dono, não foi isso mesmo que ele tinha adivinhado? O senhor Domingos Fernandes acreditou nas ameaças de o pendurarem da fortaleza do Morro e aproveitou a oferta de Baltazar antes mesmo do que pensava, vindo se recolher na véspera do fim do prazo concedido aos mafulos para a rendição. Na viagem tinham cruzado com o Rodrigo, todo armado de guerra, em cima do seu cavalo branco, comandando uma tropa de axilunda que se postou nos altos do forte de Santo António. O senhor Fernandes ainda teve tempo de lhe dizer que recuava para a sanzala e o dos olhos verdes mandou os maiores respeitos para os pais, mas que agora estava muito ocupado na defesa de Luanda, pois era iminente um ataque dos facínoras portugueses, imagine, amigo Van Dum, utilizou a palavra facínora para designar os meus conterrâneos e à minha frente.

Nessa altura, há muito o obstinado Jaime da Câmara tinha partido para os lados de Cassondama, mas desta vez acompanhado de Nicolau por imposição de Baltazar, ele é muito mais experiente do que tu, tem obrigação também de ter mais juízo. Talvez por influência de Nicolau, levaram farnel e material para atear fogo, prontos para passarem o dia fora. O senhor Fernandes louvou o patriotismo de Jaime da Câmara, puxando o lado português da mãe, um rapaz cheio de futuro, o amigo Van Dum teve muita sorte neste genro. Teve a delicadeza de não o dizer, mas evidentemente pensou,

nem preciso de imaginar, o patriotismo de Jaime era uma espécie de compensação pela loucura bélica que tinha assaltado repentinamente Rodrigo dos olhos verdes. Estavam os dois sentados na sombra da primeira mangueira, onde havia uma mesa de madeira enterrada no chão e bancos corridos também enterrados no chão. Acompanhavam a conversa com uma jarra de vinho. Foi então que o senhor Domingos Fernandes baixou a voz e falou para o meu dono de forma a que eu não ouvisse, desejava ele.

– Desculpe, amigo Van Dum, mas tenho uma pergunta há anos para lhe fazer e depois sempre acontece qualquer coisa que me distrai e não a faço. Mas é a seguinte. Tem tanta confiança assim neste seu escravo mulato? Porque ele anda sempre consigo e ouve todas as conversas. Não tem medo que ele acabe por revelar algum segredo?

O meu dono deu uma gargalhada que acordou os espíritos em descanso no cimo da mangueira. Olhou para o meu lado mas nem chegou a com pletar o movimento de modo a me encarar de frente, seria a terceira vez na vida talvez. E respondeu com o maior à-vontade, em tom até um tudo nada acima do normal:

– Não tem perigo. É mudo de nascença. E analfabeto. Até duvido que perceba uma só palavra que não seja de kimbundu. Sei lá mesmo se percebe kimbundo... Umas frases se tanto! Como pode revelar segredos? Este é que é mesmo um túmulo, o mais fiel dos confidentes. Confesse-lhe todos os seus pecados, ninguém saberá, nem Deus.

Sempre achei que o meu dono subestimava as minhas capacidades. Bem gostaria nesse momento de poder falar para lhe dizer que até francês aprendi nos tempos dos jogos de cartas. E que bem podiam baixar a voz ao mínimo entendível que eu ouvia sem esforço, bastando ajustar o tamanho das orelhas. Mas se tão pouco valor me atribuía, então também não merecia o meu esforço de lhe fazer compreender o contrário, morresse com a sua ideia. Uma desforra para tanto desprezo seria contar toda a sua estória, um dia. Soube então que o faria, apesar de mudo e analfabeto. Usando poderes desconhecidos, dos que se ocultam no pó branco da pamba ou nos riscos traçados nos ares das encruzilhadas pelos espíritos

inquieta. Fosse de que maneira fosse, tive a certeza de o meu relato chegar a alguém, colocado em impreciso ponto do tempo e do espaço, o qual seria capaz de gravar tudo tal como testemunhei. Mas nesse momento eu tinha preocupações mais sérias e elas estavam ligadas às tentativas que faziam os mafulos para chamarem à cidade o Ouman e os soldados que andavam perto de Massangano, antes de terminar o prazo da rendição. Se eles fracassaram nisso, como se constatará a seguir, também fracassou Jaime na tentativa de chegar à fala com os portugueses. Ele e Nicolau fizeram a fogueira maior possível, dançaram durante horas à volta dela, gritando e acenando para os barcos. Nada. Impossível que não tivessem reparado neles, o fumo se via no mínimo até à Corimba. Os portugueses deviam achar que se tratava de uma cilada e não arriscaram mandar um bote ou uma chalupa para saber do que se tratava. O único ser vivo que se aproximou de Nicolau e Jaime, embora só até uma certa distância, foi um cão rafeiro carente de companhia, quem sabe se o mesmo que nos seguiu um pouco na última vez que fomos à cidade.

Foi assim que nasceu o dia 15, que era o da Nossa Senhora da Assunção, sem notícias de reforços holandeses nem de contactos com os portugueses. Logo que despontou a manhã, fomos todos os varões para a frente da sanzala observar os barcos. O cacimbo não deixava que os víssemos. Passou mais um tempo e divisámos um bote encostar na Praia Grande e dele saltarem os três emissários. Iam saber a resposta. Na mesma altura, surgiram chalupas carregadas de tropas, um pouco a norte da fortaleza do Penedo. Mais perto de nós que os emissários, víamos com facilidade as fardas e as armas nervosas.

– Está a começar o desembarque – gritou Jaime da Câmara. – E nem esperam pelos que foram conferenciar.

– Seria perder tempo – disse Ambrósio. – Ou se rendem e as tropas começam já a desembarcar para ocupar a cidade. Ou não se rendem e as tropas têm de desembarcar para atacar a cidade. O comandante está com pressa de resolver o problema, antes que venha o reforço do Ouman.

Talvez. Que sabíamos nós do que passa na cabeça de um comandante no momento da batalha? Sabíamos que eles tinham apanhado dois axilunda, antes mesmo de entrarem na baía, os quais contaram que Ouman e D. Agostinho Corte Real estavam em campanha com a maior parte dos homens? Nesse momento não sabíamos. Eram pois especulações e mais especulações a que os varões se entregavam, enquanto as senhoras, e sobretudo a minha doce Catarina, preparavam a comida para o dia. Foi durante as especulações, vendo as tropas desembarcar na base das barrocas, que Baltazar disse, este é que é o momento de entrar em contacto com eles, vai tu, Nicolau, oferecer a sombra das nossas árvores e a nossa água, se precisarem. E dar todas as informações militares.

Nicolau, normalmente tão obediente às ordens do pai, desta vez teve um gesto de surpresa e recuo. Falou muito baixo:

– Porquê eu? O Jaime é que devia ir, sempre quis.

O meu dono foi ríspido, a sua voz cresceu como uma estalada:

– Porque se as coisas correrem mal e os mafulos estiverem a ver, tu sempre tens mais possibilidades de te esconder no mato. Eu dei uma ordem, corre.

Só Hermenegildo, que estava mais perto, ouviu o pai falar daquela maneira para Nicolau. Este correu mesmo para a falésia e começou a descer rapidamente. E eu pensei, seria mesmo a razão verdadeira que foi dada por Baltazar para escolher aquele filho numa missão de risco? Curiosamente era o único ali presente que foi nascido no quintal. Jaime nem filho era, mas casado com filha de casa, tinha estatuto de primeira. Seria essa a verdadeira razão?

Entretanto, em baixo e um pouco para norte de nós, se reunia o exército português. Agora estavam a desembarcar canhões e um cavalo. A neblina tinha subido um pouco e já era possível avistar alguns barcos, os mais próximos do nosso lado. Mas da fortaleza de Santo António, que era o reduto holandês mais perto, não se podia ver o exército na praia ou a actividade nos barcos. Teria o comandante contado com a névoa protectora para desembarcar sem perigo? Na verdade. E devia ser o comandante aquele homem magro e todo de aço vestido que saiu de uma chalupa em braços e foi colocado de pé na areia, onde andou coxeando até se agarrar às

rédeas do cavalo. Um soldado o ajudou a subir para o cavalo. Se era o único que tinha direito a cavalo, então devia ser o comandante. Foi com ele mesmo que Nicolau falou. De cá de cima víamos o Nicolau a falar e apontar para nós e o homem do cavalo olhar por baixo do chapéu castanho de grandes abas. Parou de conversar e fez um gesto com o braço. O exército começou a formar em quatro filas.

Foi nessa altura que voltaram os emissários, fazendo gestos que indicavam ter de haver combate. O general fez outro gesto com a mão e mandou o exército subir as barrocas, fazendo levantar muita poeira. Senti um friozinho na barriga, contrariamente aos meus companheiros, quando reparei, o exército avança para nós. E digo contrariamente aos outros, pois eles tinham todos grandes sorrisos e apontavam animados para o milhar de homens que subiam dificilmente as ravinas escavadas. Os canhões, quatro, vinham atrás, puxados por longas cordas. Não ia ser fácil trazer os canhões até cá acima.

– Hermenegildo, ouve – disse Baltazar. – Vai lá a casa para prepararem a maior quantidade de água possível, esta gente não bebe água fresca há muito tempo. Mas que guardem uma barrica para nós. Durante uns tempos não chegará água do Bengo. E que as senhoras venham para cumprimentar os capitães fora da sanzala.

Quando os primeiros soldados chegaram acima das barrocas, um pouco a norte da nossa posição, vimos Nicolau entre eles, apontando. Devia estar a mostrar a sanzala e o sítio onde nos encontrávamos. O grupo avançou para nós, no momento em que as senhoras saíam da sanzala, esfregando as mãos às saias por causa da excitação. Um capitão se destacou do grupo, acompanhado por Nicolau.

– Aqui o senhor capitão procura um sítio bom para ser celebrada missa campal – disse Nicolau.

Pensei não ter ouvido bem. Que procurassem um sítio bom de onde pudessem bombardear a fortaleza do Morro, ou onde pudessem arranjar água, tudo bem, eram preocupações normais. Mas gente que há muito não tocava terra, vinda do outro lado do mar, a primeira coisa que queria logo que sentiu chão firme debaixo dos pés era mamar uma boa missa, sim senhor, isto é fé. Apesar de

filho de sacerdote, tive de reconhecer que ainda muito tinha para aprender.

– Se querem um descampado, aqui toda a área é boa – disse Baltazar, se antecipando. – Talvez ali, perto daquele imbondeiro.

– O capitão concordou, me parece um bom sítio, com amplo espaço, e recuou para ir falar ao comandante, cujo cavalo subia com dificuldade as barrocas. Mas não tanto como os homens que puxavam os canhões. Nicolau aproveitou a pausa para dizer ao pai:

– O general estava mais preocupado com a missa campal do que com as minhas informações. Parece que já sabe tudo. Diz que têm água, pois a apanharam no Quicombo, onde estiveram antes, mas que mais alguma sempre dá jeito. De resto, só queria um bom sítio para a missa.

– Como se chama o general? – perguntou Baltazar.

– Salvador Correia de Sá, foi o que me disse o capitão.

– Família muito importante do Rio de Janeiro, já ouvi falar – disse o senhor Fernandes. – Tem dado governadores e capitães-mores de muito valor ao Brasil.

Os primeiros soldados se tinham dirigido para perto do imbondo, como nós designamos estas árvores descomunais que no Kongo chamam aliconde. Aquela imperava no espaço vazio de vegetação que ficava ao lado da paliçada da sanzala, pois só oito homens de braços esticados a podiam abraçar completamente. Os soldados que chegavam ao alto das barrocas se dirigiam para perto dos primeiros e também três padres com suas vestes negras, trazendo sacos. Nós também nos aproximámos do imbondeiro, ficando na parte mais próxima da sanzala. Pudemos assim ver os padres abrirem os sacos e de lá tirarem um altar portátil, formado na base por ripas de madeira que se encaixavam. Os padres deviam ter alguma experiência, ou treinaram muito durante o tempo morto da travessia do Atlântico, pois tinham os gestos breves e precisos de quem sabe exactamente o que tem a fazer. Quando o general, que vinha com os últimos homens, apareceu no alto da barroca, já o altar estava montado e a maior parte dos soldados formava uma meia lua com muitas filas. Baltazar mandou chamar os escravos e os forros da sanzala, nunca tinham oportunidade de assistir à missa. As crianças

também vieram, Henri que nesse dia passou a ser chamado Henrique, Gustavo e os filhos de Ambrósio e Ana. Antecipo já dizer que foi uma trabalhadora segurar as crianças durante a missa, queriam era brincar e gritar, o que evidentemente atrapalhava o serviço.

Quando o cavalo do general chegou ao cimo, Baltazar Van Dum e o senhor Domingos Fernandes foram a correr de chapéus na mão lhe oferecer os seus préstimos. Salvador Correia olhou de relance para eles, não cumprimentou, só perguntou, está tudo pronto para a santa missa?

– Parece que sim – disse o senhor Fernandes.

O general era magro e estava forrado de aço. A barbicha pontiaguda ainda fazia realçar mais a magreza do rosto. Senti logo o terrível cheiro a suor de branco, de quem se não lava há meses. Os olhos brilhantes se dirigiram para a fortaleza do Morro, visível agora, pois a névoa do cacimbo se erguia gradualmente. Mas logo foram atraídos pelo altar montado contra o largo tronco do imbondeiro. O general dirigiu o cavalo para ele, se desinteressando do meu dono e do amigo. Desmontou com alguma dificuldade e ficou de pé à frente dos seus homens. Apesar de não haver sol e estar fresco, se via, o general suava abundantemente atrás daquela armadura de aço. Os capitães, ao lado dele, em breve também suavam. Nós ficámos do outro lado do imbondeiro e eu via de lado a cena, mas dava para reparar nos gestos de desconforto do general e dos capitães, se diluindo em suor enquanto o capelão dizia a missa, ajudado pelos dois outros padres.

– O general até é bonito, pena ser coxo – segredou Matilde para Catarina, mas todos ouviram.

– Não é coxo, tem masé uma perna estropiada – revelou Nicolau.

– Caiu no convés da nau, quando estavam a lavar o chão.

– Escorregou no sabão? – perguntou Matilde, os olhos a brilharem de malícia.

– Xe, pouco barulho – disse D. Inocência. – Já esqueceram como se devem portar numa missa?

Todos obedeceram. O senhor Fernandes de Pinda e Jaime da Câmara pareciam os mais compenetrados, com lágrimas

permanentes nos olhos. Baltazar também estava atento, mas os olhos espiavam mais o general que os gestos do capelão. Ambrósio parecia o mais distraído de todos, olhando com preocupação para os capitães e soldados portugueses, mas também se virando por vezes para a cidade, como se alguma ideia o atormentasse e que não tinha nada a ver com o sacrifício da missa. As senhoras, Matilde em particular, se divertiam discretamente. Mas tinham de se conter para segurarem as inquietas crianças. Os soldados é que estavam muito pouco atentos ao sacrifício. Sacrifício muito maior seria não olharem insistentemente para o grupo de mulheres, o primeiro que viam desde que tinham embarcado no Rio de Janeiro, três meses antes. Se o medo do combate lhes devia obrigar a seguir a missa com toda a devoção, a presença feminina era mais forte. E reparei que eu também estava totalmente desatento ao ofício, matutando em coisas como esta, a atracção do sexo é mais forte que o medo da morte, o que não deixava de ser muito optimista quanto ao futuro da raça humana. Assim fica explicado, se justificação não puder haver, que as senhoras estivessem tão divertidas na missa, pois não era comum tão poucas dividirem as atenções de mais de dois mil olhos.

Quando terminou a missa, o general mandou que todos almoçassem. Baltazar e o senhor Fernandes ainda discutiram se ficaria bem convidar Salvador Correia para comer na sanzala, mas logo D. Inocência cortou, a comida não está pronta. Acabámos por nos retirar, para deixar os soldados devorarem o que tinham trazido de bordo, provavelmente carne seca e farinha de guerra, é o que os soldados comem em campanha. Baltazar mandou Nicolau levar uns jarros de vinho para os oficiais, os quais o beberam já de pé, com ordem de partida, pois tinham uma guerra para fazer.

Entretanto, Rosário, a única que tinha seguido a missa com todo recolhimento, escapou a qualquer controlo e foi falar com o padre capelão, lhe explicando a sua necessidade íntima de entrar num convento, mas impossível de satisfazer, pois os conventos não funcionavam nem havia femininos. O padre capelão abençoou tanta fé, mas lhe disse para esperar com paciência, pois depois de tomada a cidade certamente novas ordens religiosas viriam e talvez nessa altura se formasse um convento para mulheres. Lhe deu um rosário

e disse para rezar muito, todo o tempo, o que apressaria certamente a chegada das ordens religiosas. Quando Baltazar foi buscar a filha, estava ela ajoelhada, em lágrimas de prazer, recebendo a bênção.

– Feliz pai que tem uma filha tão desprendida dos prazeres do Mundo – disse o capelão ao meu dono, o qual só franziu os lábios, talvez lembrado das cenas vergonhosas da jovem com Thor, vergonhosas para ele, entenda-se, pois eu até apreciei.

O meu dono levou Rosário para o recolhimento da casa grande e nós ficámos a ver o exército de mil e duzentos homens passar à frente da sanzala, se dirigindo pela crista das barrocas até ao convento de S. José dos Franciscanos.

Foi um pedaço depois que começámos a ouvir as bombardas. Como o céu tinha ficado limpo, se via o fumo sair da fortaleza do Morro, de onde atiravam sobre os assaltantes. E também se ouviam salvas de mosquetes. Baltazar mandou Nicolau organizar um serviço de informações com os forros do quintal, Kundi e Ngonga. Nicolau avançou com eles, se postou o mais perto possível da frente da batalha, e de vez em quando vinha um até à sanzala dar os mujimbos. Foi assim que soubemos do primeiro combate, entre o convento de S. José e o de Santo António, onde os mafulos tinham cavado trincheiras e ficou na defesa uma força de holandeses com guerreiros axilunda. Kundi diz que viu Rodrigo a cavalo, mas nada lhe aconteceu, recuou para a fortaleza do Morro com toda a segurança, assim como os seus homens. Depois veio a notícia de que os portugueses tinham tomado o forte de Santo António, foi Ngonga que soprou o mujimbo. Agora só restava a fortaleza do Morro e a da Nossa Senhora da Guia, mas esta contava pouco, disse o senhor Fernandes de Pinda, tomando o Morro tudo se acaba, a Guia vai a seguir. Mas antes de atacarem o Morro de S. Paulo, tinham de tomar o antigo Colégio dos Jesuítas, onde os Directores despachavam, tarefa no entanto fácil para tanta força.

Como se estivesse mentalmente a seguir o avanço dos portugueses e de repente dissesse é agora, Ambrósio saltou, tenho de ir fazer uma coisa muito importante, não se preocupem comigo, sei me cuidar, e saiu da sanzala a correr. Soubemos mais tarde e conto já aqui, o que Ambrósio foi fazer à cidade alta. Correu até ficar

sem fôlego e para lá do Convento encontrou Nicolau, já a tarde decaía. Tentou convencer o irmão a acompanhá-lo até ao antigo Colégio dos Jesuítas, ele era mais conhecido pelos oficiais portugueses pois estivera desde o princípio em contacto com eles. Mas Nicolau recusou, é uma loucura, te vais meter no meio da guerra. E com que objectivo, o que pode ser assim tão importante que justifique o risco de um tiro ou uma bombarda no peito? E Ambrósio contou ao que vinha, o que realmente era importante, já sabemos que Ambrósio lia muito, não podia ser uma ideia fútil a perpassar naquela mente em altura de combates cruéis. Se lembrara que o projecto e o mapa do canal que o engenheiro Daniel Boreel fizera devia estar no gabinete do Director da Companhia. Aquilo não pertencia aos holandeses, pertencia à cidade. Portanto, não podia ir embora com os mafulos ou ser queimado por qualquer oficial português levado por cego ódio purificador. Havia que recuperá-lo, para ser entregue ao Senado da Câmara, se os portugueses ganhassem a guerra, ou de novo aos holandeses se estes conseguissem resistir, o que parecia difícil. Entretanto, tinha de ficar guardado por alguém de confiança. E quem de maior confiança que ele, Ambrósio, que para esse projecto trabalhara durante meses de borla? Embora reconhecendo a importância da ideia, Nicolau se recusou a acompanhá-lo. E depois, quem dava as informações para Kundi ou Ngonga levarem ao pai? Além de que não tinha a certeza de o gesto de Ambrósio ser aprovado por Baltazar Van Dum, embora não duvidasse do apoio de Matilde, tentando preservar o que restava em Luanda como lembrança do seu amado engenheiro.

Partiu pois Ambrósio sozinho para o colégio, onde logo encontrou forte guarnição portuguesa, aonde pensa que vai? Pediu para falar com um oficial, é muito importante. Tinha parado o combate, pois os atacantes preparavam provavelmente o assalto final à fortaleza do Morro e os mafulos tinham interrompido o disparo dos canhões, à espera da iniciativa contrária. Veio um oficial e Ambrósio pediu permissão para entrar no colégio, usei da minha mais doce língua, meu pai, acredite, mas o oficial nem queria sequer saber o que ia eu lá fazer, as ordens eram claras, nenhum civil pode estar aqui, portanto desande. E vi naquele crepúsculo trágico que caía sobre a

cidade os soldados entrarem no colégio vazio, pilharem tudo o que puderam e depois trazerem papéis e mais papéis para o largo, onde os queimaram em verdadeiro auto da fé, pois eram escrituras dos demoníacos hereges calvinistas, os mais peçonhentos que há, adoradores do diabo, que conspurcam tudo o que tocam e por isso só o fogo pode purificar as coisas que as mãos deles seguraram, excepto as moedas, claro está, essas são bem-vindas porque imunes a todo o contágio, metais tão nobres como os corações da verdadeira fé. E vi o lençol de gravuras que era o mapa que desenhámos se contorcer em dores no meio do fogo criminoso, fogo que me queimava por dentro, labareda a labareda, mais destruidor que o do próprio inferno. Desconsegui de salvar o projecto e o mapa, meu pai, e a nossa cidade continuará a sofrer da sede, por mais quanto tempo? Séculos, respondeu Matilde, que estava com os homens seguindo as evoluções militares, na sala da casa grande. Foi tal a certeza na voz que ninguém duvidou. Passaram a língua pelas bocas, sentiram-nas secas e voltaram a entornar o vinho que a minha doce Catarina generosamente lhes servia. Matilde certamente pensou, nem isso Daniel Boreel conseguiu aqui criar, mais uma obra inacabada, que vazio! Estávamos à espera de notícias, sem vontade de deitar. As senhoras já se tinham recolhido, aproveitando o silêncio da noite sem tiros para dormirem. Só Matilde preferiu ficar na sala grande, como já sabemos, pelo que recebeu olhares reprovadores da esposa do senhor Fernandes, muito zelosa da mais fina moral. Catarina serviu na cozinha um prato com o jantar para Ambrósio, onde ele comeu, acompanhado por Angélica Ricos Olhos, que não ousara seguir o exemplo de Matilde e ir para a mesa da sala, mas também não ia dormir com o marido correndo perigo na cidade.

– Por que não bombardearam a fortaleza a partir das naus? – perguntou pela décima vez o senhor Fernandes de Pinda. – Era muito mais fácil.

– Não querem destruir a cidade – respondeu pela décima vez Baltazar. – Me parece ter sido uma boa tática. Assim atacam a fortaleza pelo lado do interior. Mesmo se não a tomarem, os mafulos estão cercados. Mais tarde ou mais cedo se rendem. E essa fortaleza deve resistir a muito bombardeamento.

– Desculpe, meu pai – gritou Ambrósio da cozinha. – Mas não foi para evitar destruir a cidade, eles estão nas tintas para a cidade e para nós. Para bombardear a fortaleza, os navios tinham de se aproximar, uns tantos ficavam encalhados nos baixios da baía e facilmente seriam afundados. Esta é que é a razão.

Ninguém rebateu os argumentos do despeitado Ambrósio. Mais tarde, ouvimos muito tiroteio, já ia avançada a noite. E logo chegou Kundi para contar que tinha começado o ataque português por várias frentes, pela Praia Grande, pela Praia do Bispo e pelo esporão central da cidade alta. Pedia também comida e vinho para eles continuarem a tudo observar e a enviar informações, do que Catarina foi logo tratar. Partiu Kundi com a comida e o vinho e mais tarde, muito mais tarde, já tinha parado o tiroteio e nós nas especulações se já tinha sido tomada a fortaleza ou ainda não, chegou Ngonga dizendo o assalto foi um fracasso, os portugueses não atacaram ao mesmo tempo, os do esporão central chegaram à edificação muito mais cedo do que as outras alas e receberam todo o fogo em cima, há muitos mortos e feridos, recuaram em desalinho e com a raiva visível nos corações. Fiquei sem saber se a imagem de a raiva ser visível nos corações era de Nicolau, que a mandou transmitir, ou de Ngonga, que a acrescentou. Detalhes importantes que as pessoas deixam escapar.

– Que será feito daquele maluco do Rodrigo, meu Deus? – perguntou Baltazar.

Ninguém respondeu. Partiu Ngonga com mais comida e vinho, os forros nunca tinham bebido tanto como nesta noite. Também me apetecia dar um gole, mas, apesar de a porta da cozinha estar aberta, eu não me atrevia a transpô-la para roubar uns tragos, pois a minha doce Catarina era rápida no manejo da vassoura e me afastaria violentamente, como das outras vezes que tentei. Tais são as injustiças deste mundo: numa noite de tantos sucessos que merecia uma vigília, um mudo não podia dessedentar a garganta. Quem sabe não começaria a falar e a cantar? Já vi prodígios maiores.

Verdadeiro prodígio foi, no entanto, o que aconteceu de madrugada. Estavam os portugueses a lamber as feridas e sem

saber o que fazer de seguida, quando viram se agitar um pano branco na fortaleza do Morro, e tão branco era o pano que os olhos pisados e distantes de Nicolau tam bém o viram, pois mandou logo Kundi com a notícia. E pouco depois veio Ngonga dizendo os mafulos se renderam, no Morro e na Guia, não foi preciso mais nenhum assalto, a guerra acabou, Deus seja louvado, se benzeu a esposa do senhor Fernandes e o mesmo gritou Jaime da Câmara, abraçando Ana e pulando com ela no quintal. Contou também Ngonga que o capitão que primeiro veio com Nicolau saber onde havia bom sítio para a missa tinha ficado ferido no assalto e foi o próprio filho de Baltazar que o tratou, tendo assim acesso a informações mais rápidas. Logo foi despachado Ngonga para saber do Rodrigo de olhos verdes, que agora era o centro das preocupações da família.

Muito tempo se ficou sem saber do Rodrigo, pois os holandeses continuavam fechados na fortaleza e era óbvio ser impossível Nicolau lá entrar. Mais tarde aprendemos que os mafulos aceitaram abandonar de vez Luanda, mas podendo levar todas as suas riquezas e escravos, sem limites, também indo com eles os filhos da terra que quisessem. Por outro lado, a maior parte dos franceses que exerciam a nobre profissão de mercenários da Companhia das Índias Ocidentais se ofereciam para passar para o lado português, permanecendo em Luanda, desde que o rei de Portugal lhes pagasse os soldos atrasados, dívida da Companhia, o que foi aceite com prazer, soldados faltavam sempre e ainda por cima honestos soldados católicos. Soubemos também que se esperava a chegada de Ouman e dos duzentos mafulos que estavam com ele, pois certamente as tropas de Jinga voltavam para o seu território e as do Kongo recuavam para o reino. Mas de Rodrigo não se sabia nada.

O senhor Domingos Fernandes queria voltar para a cidade, mas Baltazar convenceu-o, espere mais um dia, deixe chegar o Ouman e ver o que ele faz, pois a cidade ainda não está segura, devem andar soldados à solta, a festejar. Era isso mesmo que o senhor Fernandes temia, os soldados portugueses a festejar. Casa fechada era casa arrombada, para procurarem despojos. E a sua loja tinha muita mercadoria que não conseguia vender mas que valia muito. No

entanto mais um dia ainda aguentava as angústias, amanhã cedo regresso. A senhora não opinou, baixava os olhos e rezava.

Quem rezava muito era D. Inocência, agora pela salvação de Rodrigo. Já antes queixara, foi preciso Rodrigo ser homem maduro e ter filhos para perder o juízo, ele que tinha sido sempre tão prudente e sensato. Nem Cristina Nzuzi o segurou. Ou terá sido ela própria que o instigou a defender como seus os interesses do rei do Kongo? No fundo, as mulheres gostam que os maridos, nem que seja uma vez na vida, armem em heróis. Mas agora D. Inocência não queria queixar nem culpar ninguém, apenas rezar pela salvação da vida dele, mesmo se isso significava ter de ir para o Brasil holandês com a família. O dia passou com rezas e especulações, sem mais notícias, apesar de Nicolau e a sua equipa se manterem na cidade alta sem dormir. Vieram à noite e não acrescentaram mais detalhes, senão que o capitão português estava muito melhor, foi ferimento sem gravidade, o que se não podia dizer de muitos outros, mortos ou gravemente feridos na tentativa de assalto, mais de uma centena.

No dia seguinte chegou a tropa holandesa que andava no mato. Ouman aceitou os termos da rendição que o seu adjunto tinha negociado e imediatamente os mafulos receberam ordem de marchar a pé desde o Morro até Cassondama, onde se procederia ao embarque para o Brasil. Foi nessa altura que Nicolau descobriu, nem Rodrigo nem nenhum dos axiluanda estava na fortaleza. E enquanto os mafulos faziam a rota para o nosso lado, Nicolau arriscou ir até à Ilha para saber do irmão. Aí foi informado que de facto Rodrigo tinha aparecido na Ilha com os seus homens, naquela noite do assalto. Tendo os mafulos decidido que se renderiam logo ao alvorecer, ele disse, então não estou aqui a fazer nada e escalou as muralhas na noite para a Praia do Bispo e atravessou com os seus homens o canal, reuniu o povo e disse vou fugir, quem quiser ficar pode, nada acontecerá, mas eu certamente não serei poupado. Levou Nzuzi e os filhos, mais a família do Mani-Luanda que quis acompanhá-lo, encheu três dongos com as pessoas e provisões, atravessou o canal grande para a Corimba, onde desembarcou. Em vida e em liberdade portanto, provavelmente no caminho do Bengo, onde já estará, conforme disse Hermenegildo, aquele meu irmão é bué afinal! O

senhor Fernandes de Pinda escutava estas revelações e conversas com a máxima atenção e sem expressar a mínima opinião. Registrando tudo para depois contar nos portugueses? Os seus olhos pequeninos diziam isso, bastava saber ler neles. Baltazar bem o mirava, lamuriando, o que vai ser do meu filho? O senhor Fernandes se mantinha impassível, só os olhos pequenos saboreando o indecifrável futuro.

Os holandeses passaram à frente da sanzala, caminhando para Cassondama, onde duas naus portuguesas os recolheriam e transportariam para Pernambuco. Não se pode dizer que os soldados holandeses partissem tristes. Pelo menos vinham a conversar e a rir, carregados de imbambas que deviam ser preciosas pela maneira como as mãos se fincavam nelas. Ouman vinha a cavalo e, esse sim, trazia semblante carregado. Pudera, fora derrotado e ainda por cima não estivera presente na batalha, o que seria difícil de justificar. Não só desconseguira desalojar os famintos e mal municiados portugueses de Massangano, apesar de todos os apoios dos chefes locais, como perdera a principal cidade. A sua carreira militar estava acabada, quando a tinha afinal iniciado há tão pouco tempo. E a administrativa também estava periclitante. Nunca mais lhe dariam um posto com tanto poder e com tantas possibilidades para fazer fortuna, podia dizer adeus ao futuro de nababo com que sonhava. Quando passou mesmo à frente de nós, olhou para Baltazar com raiva. Este sorriu. Um sorriso velhaco como nunca lhe tinha visto.

O general vitorioso, que afinal já trazia o título de governador de Angola, escolheu Cassondama como local de embarque, pois fora ali que os mafulos pisaram terra pela primeira vez para tomar a cidade. Ficava pois fechado o círculo. Gostava muito de simbolismos este governador, como logo se viu, pois também tentou mudar o nome da cidade, a pretexto de Luanda se parecer com Holanda. Baptizou-a de cidade de S. Paulo da Assunção. Mas todos nós rimos para dentro, quem ia tirar Luanda da nossa cabeça e dos nossos lábios?

Foi também certamente por amor ao simbolismo que o governador declarou a Ilha de Luanda propriedade do rei de Portugal e condenou os axiluanda a trabalharem para os portugueses em trabalhos menores, tais como remar, carregar, sem receberem mais

do que o seu mínimo sustento. E nomeou logo um regedor para a Ilha, substituindo o Mani-Luanda, o qual, segundo soubemos mais tarde, foi para a corte de Mbanza-Kongo para onde levou Rodrigo em exílio dourado.

Foi também por amor ao simbolismo que o governador, no dia seguinte ao da partida dos holandeses, fez prender o Pinheiro da bodega, à entrada da cidade, quando ele regressava todo feliz com sua mulher, acabados de casar. Ele nem se apercebeu das modificações na terra até ouvir a ordem de parar em português. Pinheiro não chegou a ser julgado pelo crime de ter vindo para Angola durante a ocupação holandesa, o que implicava argumentações e procedimentos judiciais lentos e aborrecidos. Foi expeditamente queimado numa fogueira por ser judeu e ter fugido de Portugal para a Holanda, quando era criança. A viúva e o irmão forro fugiram logo para a terra paterna, antes que fossem apanhados e enviados como escravos para o Brasil.

Foi por essa altura de grandes festas pela libertação do jugo holandês que o mais velho Van Dum olhou para Matilde e disse sem poder esconder uma enorme admiração e certo temor:

– A tua profecia estava certa. Foram sete anos certos. Matilde baixou os olhos. Não retirava satisfação desses dons estranhos, também a ela faziam algum medo.

– Explica lá mesmo, mana – disse Ambrósio, esquecido de voltar para a casa na cidade, para desespero de Angélica Ricos Olhos. – Afinal essa profecia é tua ou daquele padre que a anunciou na missa?

– Que importância tem isso? – respondeu ela. – Não é coisa de que nos devamos gabar, não achas?

O senhor Jacinto da Câmara, vindo de Massangano logo que receberam a notícia da chegada de Salvador Correia, para saber do filho e para tratar de novos negócios, agora que as rotas da escravatura estavam de novo escancaradas, também tinha ouvido sobre os dotes de Matilde e algumas das suas profecias. Por isso perguntou:

– E é verdade o que diz a sua irmã Gertrudes muito em segredo lá em Massangano? Que a Matilde jura que os Van Dum serão uma

família gloriosa?

– Tem dúvidas, senhor Câmara?

E Matilde atirou ao velho flamengo o seu sorriso mais bonito e mais malandro. Se este não sentiu um fogo percorrer o baixo ventre é porque as velhas brasas estavam definitivamente extintas. Não as minhas.

Lisboa, Agosto de 1997

# GLOSSÁRIO

ALICONDE – Corruptela portuguesa de LIKONDO (kik.), árvore de grande porte e sagrada (o mesmo que MULEMBA).

ARIMO – Plantação, lavra (corruptela do kimbundu usada no séc. XVII, hoje em desuso).

BERRIDA – Dar corrida, enxotar.

BIKUATA (corruptela) – Haveres pessoais (o mesmo que IMBAMBA).

BOMBO – Mandioca.

CANZAR – Saquear (usado por A. O. Cadornega, a partir do kimbundu Ku-Kanza, saquear).

CAPOTA – Galinha do mato, às pintas pretas e brancas.

CAXEXE (DE) – Às escondidas, disfarçadamente.

CAZUMBI – Espírito, fantasma (em várias culturas).

DONGO – Canoa cavada num só tronco de árvore.

FORRO – Homem livre.

FUNJI – Massa de fubá de mandioca ou milho cozida (kimbundu).

IMBAMBA – O mesmo que BIKUATA (Haveres pessoais).

JINDUNGO – Picante.

JINGUBA – Amendoim.

KAZUKUTA – Uma dança, originalmente. Ganhou o sentido de confusão, bandalheira.

KIANDA – Ser mítico das águas

KILOMBO – Acampamento guerreiro (Umbundu, Kimbundu e outras). KIMBANDA – Curandeiro, adivinho (kimbundu e outras).

KIMBO – Aldeia (kimbundu e outras). KITANDA – Mercado (kimbundu).

KOMBA – Velório na casa do morto, em que se come, bebe e dança.

KOTA – Mais velho; conselheiro do chefe.

KUATA-KUATA – (Em várias línguas) Agarra-Agarra. Assim ficaram conhecidas as guerras para a captura de escravos.

KURIBOTICE – Mexericos (calão urbano).  
MAFUMEIRA – Árvore de grande porte.  
MAKA – Conflito, discussão (kimbundu).  
MALUVO ou MARUVO – Bebida fermentada extraída da palmeira (kimbundu).  
MAMBOS – Problemas, casos (calão de Luanda).  
MANI – Alto dignitário no reino do Kongo.  
MANIPANSO – Estatueta votiva.  
MARIMBA – Instrumento musical, espécie de xilofone.  
MASSANGO – Cereal, sorgo.  
MATEBA – Folhas de uma palmeira particular usadas na construção.  
MUJIMBO – Notícia (em Tchokue); ultimamente ganha a conotação de boato.  
MUKULUNTO – Velho.  
MULEMBA – Árvore de grande porte, sagrada em muitas culturas.  
MUSSEQUE (ou MUCEQUE) – Originalmente a areia vermelha; mais tarde, os bairros periféricos (e pobres) de Luanda.  
MUXIMA – Coração (kimbundu). Fazer boa muxima: lisonjear.  
MUXOXO – Ruído feito com a boca, em gesto de desdém. NGOMA – Tambor.  
NJANGO – Construção circular, aberta, onde se realizam reuniões (umbundu e outras).  
PEMBA – Caulino branco, usado em rituais. Acabou por designar o acto do feitiço.  
PUMBEIRO – Empregado de um comerciante que andava pelo mato comprando escravos.  
SAKA-SAKA – Esparregado de folhas de mandioca cozidas em óleo de palma (kikongo).  
SANZALA – Aldeia; conjunto de cubatas.  
XINGUILAMENTO. – Ritual em que o corpo treme, particularmente os ombros.